III CONGRESSO BRASILEIRO DE MASTOZOOLOGIA

Diversidade e Conservação de Mamíferos

Livro de Resumos

12 a 16 de outubro de 2005
SESC Praia Formosa - Aracruz - Espírito Santo

III Congresso Brasileiro de Mastozoologia

Diversidade e Conservação de Mamíferos

III CONGRESSO BRASILEIRO DE

MASTOZOOLOGIA

LIVRO DE RESUMOS

Organizadores

Valéria Fagundes
Leonora Pires Costa
Yuri Luiz Reis Leite
Sérgio Lucena Mendes

Centro de Convenções do SESC Praia Formosa
Aracruz, ES
12 a 16 de Outubro de 2005

Fagundes, Valéria; Costa, Leonora Pires; Leite, Yuri Luiz Reis; Mendes, Sérgio Lucena

Livro de Resumos do III Congresso Brasileiro de Mastozoologia / Fagundes, Valéria; Costa, Leonora Pires; Leite, Yuri Luiz Reis; Mendes, Sérgio Lucena (Orgs). – – Vitória: UFES/ Sociedade Brasileira de Mastozoologia, 2005

xix, 132 f. : il. ; 28 cm

Bibliografia

1. Mastozoologia. 2. Resumos. 3. III Congresso Brasileiro de Mastozoologia. I. Título. II. Vitória, 2005.

Realização

Sociedade Brasileira de Mastozoologia

Universidade Federal do Espírito Santo

Organização

MS Eventos

Colaboração

Instituto de Pesquisas da Mata Atlântica (IPEMA)

Fundação Biodiversitas

Conservação Internacional – Brasil

Center for Apllied Biodiversity Science – Conservation International

IUCN – The World Conservation Union

Patrocínio

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

Fundação de Apoio a Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (FAPES)

Companhia Vale do Rio Doce (CVRD)

Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (IEMA)

Secretaria Municipal de Meio Ambiente, Prefeitura de Vitória - ES

Companhia Siderúrgica Tubarão (CST)

Apoio

CEPEMAR

Companhia Espírito Santense de Saneamento (CESAN)

Universidade Federal do Espírito Santo

Reitor – Rubens Sérgio Rasseli
Vice-reitor – Reinaldo Centoducatte

Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação – Francisco Guilherme Emmerich
Pró-reitoria de Extensão – Teresinha Maria Mansur

Centro de Ciências Humanas e Naturais
Diretora – Lilian Yacovenko
Vice-diretora – Marta Zorzal

Departamento de Ciências Biológicas
Chefe – Iúri Drumond Louro
Vice-chefe – Luciana Dias Thomaz

Sociedade Brasileira de Mastozoologia

Presidente – Thales Renato Ochotorena de Freitas
Vice-presidente – Alexandre Uarth Christoff
1ª Secretária – Susi Missel Pacheco
2ª Seceretária – Helena de Godoy Bergallo
1º Tesoureiro – Emerson Monteiro Vieira
2º Tesoureiro – Ives José Sbalqueiro

Sociedade Brasileira
de Mastozoologia

Comissão Organizadora

Sérgio Lucena Mendes – Presidente
Yuri Luiz Reis Leite – Vice-presidente
Valéria Fagundes – Tesoureira
Leonora Pires Costa – Secretária

Apoio

Albert David Ditchfield - UFES
Marcelo Passamani - UFLA
Ricardo de Freitas Netto - FAESA
Rita de Cássia Bianchi - UFES

Monitores

Ana Carolina D'Oliveira Pavan
Ana Heloisa de Carvalho
Andressa Gatti
Arthur Setsuo Tahara
Bárbara Maria de Andrade Costa
Bertha Nicolaevsky
Bruno Rocha Coutinho
Cleber Vieira Rangel
Danielle O. Moreira
Geovanni Ribeiro Loiola
Jéssica de Almeida Roger
Juçara Albina da Silva Gomes
Leonardo Alves Baião
Leonardo Gomes Vieira
Luciano Petronetto
Marianna Xavier Machado
Marielle Portugal Lamberti Silva
Mirela Scabello Santos Bonilho
Monik Oprea
Núbia Badke Thomazini
Paulo Bomfim Chaves
Pedro Luiz Peloso
Rafael Zerbini Coutinho
Renan Pavão Rego
Rômulo A. Belei
Silvia Eliza D'Oliveira Pavan
Silvia Ramira Lopes Pinto
Simone Loss
Thiago Soares
Vilácio Caldara Jr.

APRESENTAÇÃO

A realização do III Congresso Brasileiro de Mastozoologia reflete a maturidade da nossa comunidade de mastozoólogos, hoje representada por profissionais de alta qualificação, que tratam dos mais diversos aspectos da mastofauna neotropical. Organizar uma programação com tal diversidade de talentos foi tarefa árdua, mas por procurarmos contemplar, de maneira equilibrada, diferentes temas científicos e regiões do Brasil, acreditamos que o Congresso é uma boa amostra do que tem sido produzido e discutido no âmbito da mastozoologia brasileira.

O Congresso conta com a participação de cerca de 700 profissionais e estudantes, dos quais 60 palestrantes e conferencistas e 30 monitores voluntários (estudantes da UFES). Estão sendo ofertados 9 mini-cursos e organizadas 10 mesas redondas e 9 palestras, além da programação cultural. O presente Livro de Resumos contempla 475 resumos, dos quais 414 serão apresentados na forma de painéis e 61 na forma de comunicações orais.

Apesar da demanda de trabalho, estamos certos de que nossos esforços serão compensados pela realização de um Congresso com ampla participação dos colegas mastozoólogos, o que certamente contribuirá para o fortalecimento da mastozoologia brasileira.

Gostaríamos, pois, de agradecer a oportunidade que nos foi dada pela Sociedade Brasileira de Mastozoologia, e a participação dos professores, conferencistas, palestrantes e monitores. Agradecemos também a dedicação das empresas que participaram da organização, das empresas e instituições que o apóiam como patrocinadores, assim como o Centro de Convenções que sedia o evento.

Sejam bem vindos e aproveitem o evento!

A Comissão Organizadora

Programação

Horário	12 de Outubro	13 de outubro	14 de outubro	15 de outubro	16 de outubro
8:00-10:00		Mini-cursos	Mini-cursos	Mini-cursos	Mini-cursos
10:00-10:30		Intervalo	Intervalo	Intervalo	Intervalo
10:30-12:30		Mesas-redondas	Mesas-redondas	Mesas-redondas	Conferência De Encerramento
12:30-14:00		Almoço	Almoço	Almoço	Almoço
14:00-16:00		Comunicações orais	Comunicações orais	Assembléia SBMZ	
16:00-16:30	Entrega material	Café	Café	Café	
16:30-17:30		Conferências	Conferências	Conferências	
17:30-19:30		Painéis	Painéis	Painéis	
19:00-22:00	Abertura				

12 de Outubro

14h-18h Recepção, entrega de material, inscrições e alojamento

19h-19h30 Abertura — **Auditório Espírito Santo**

Conferência de Abertura

19h30-20h30 **"Padrões e processos em ecologia e conservação: uma questão de escala"**

Thomas Lacher, Jr.

Center for Applied Biodiversity Science - CABS, Conservation International, Washington, DC, EUA

20h30-22h Coquetel de Abertura — **Praça**

13 de Outubro

8h-10h Mini-cursos

Mini-Curso 1 — **Salão Afonso Cláudio**

Biologia dos Morcegos Neotropicais

Dr. Marlon Zortéa – Universidade Federal de Goiás

Mini-Curso 2 — **Salão Castelo**

Realidades e Mitos sobre Morcegos Urbanos

Dra. Susi Missel Pacheco – Universidade de Santa Catarina

Mini-Curso 3 — **Salão Muqui**

Manejo e conservação de mamíferos em cativeiros

Dra. Adriana Bocchiglieri - Faculdades da Terra de Brasília e Dr. Marcelo Lima Reis - IBAMA-DF

Mini-Curso 4 — **Salão Bom Jesus do Norte**

Técnicas básicas para o estudo de mamíferos

Dr. Marcelo Oscar Bordignon – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Mini-Curso 5 — **Salão Colatina**

Ecologia Comportamental de Cetáceos

Dr. Oc. José Martins Silva Júnior – Centro Golfinho Rotador/PE

Mini-Curso 6 — **Salão Baixo Guandú**

Zoonoses, biossegurança e a mastozoologia

Dr. Paulo Sérgio D'Andrea – FIOCRUZ

Mini-Curso 7 — **Salão Nova Venécia**

Os mamíferos fósseis do Brasil: uma história de 220 milhões de anos

Msc. Leonardo dos Santos Avilla - UFRJ e Msc. Kleberson de Oliveira Porpino – UERN

Mini-Curso 8 — **Salão Conceição da Barra**

Mamíferos de Médio e Grande Porte: Como, e por que estudá-los?

MSc. André A. Cunha – UFRJ e Msc. Ana Carolina Srbek de Araújo – PUC-MG

Mini-curso 9 — **Salão Santa Teresa**

Construindo filogenias

Dr. Julio César Pieczarka – Universidade Federal do Pará

10h-10h30 Intervalo

10h30-12h30 Mesas Redondas

MR1 - Estratégias de Conservação para os Mamiferos Aquáticos do Brasil: divulgação do Plano de Ação da Toninha PROBIO/MMA & FNMA **Salão Guarapari**

Coordenador: Salvatore Siciliano

Salvatore Siciliano (FIOCRUZ) - *Patógenos e novos fatores de risco para a toninha*
Daniel Danilewicz (GEMARS) - *O plano de ação para a toninha: o esforço do FNMA e do PROBIO para salva uma espécie*
Paulo Henrique Ott (GEMARS/FEEVALE) – *Definindo unidades de manejo para a conservação da toninha*
Ignácio B. Moreno (GEMARS) - *Interações da toninha com a pesca artesanal na costa sul-sudeste do Brasil: pode haver futuro para a espécie?*

MR2 - Critérios para definição de extinção biológica **Salão Domingos Martins**

Coordenador: Carlos Eduardo de Viveiros Grelle

Carlos Eduardo de Viveiros Grelle (UFRJ) - *Quem são os mamíferos brasileiros ameaçados de extinção?*
Daniel Brito (UFMG) - *Análise de viabilidade de populações e extinção em mamíferos*
Rui Cerqueira (UFRJ) – *Quando ocorre extinção?*

MR3 - Morfometria, sistemática e evolução morfológica em mamiferos neotropicais **Salão Vila Velha**

Coordenador: Diego Astúa de Moraes

Diego Astúa de Moraes (UERJ) - *Avaliação da diversidade e diversificação morfológica nos marsupiais americanos através de técnicas de morfometria geométrica*
Gabriel Marroig (USP) - *Tamanho como uma linha de menor resistência evolutiva para a diversificação morfológica em primatas neotropicais*
Sérgio Furtado Reis (UNICAMP) - *Uma escala de variação morfológica concordante em topologia com a estrutura filogenética molecular*
Larissa Rosa de Oliveira (GEMARS/FURG) - *O uso de metodologias moleculares e morfológicas na determinação do status taxonômico do lobo-marinho sul-americano, Arctocephalus australis*

12h30-14h Almoço

14h-16h Comunicações Orais

Sala Genética **Salão Guarapari**

14:00-14:20
MICROSATELLITES MARKERS FOR MICOUREUS DEMERARAE POPULATION BIOLOGY IN RIO DOCE PARK, A FRAGMENT OF ATLANTIC FOREST IN BRAZIL
DIAS, I. M. G.; ASSIS, J. B.; PAIVA, A. L. B.; CUNHA, H.; PAGLIA, A.; CARVALHO, M. R. S.; FONSECA, C.

14:20-14:40
ALTO GRAU DE DIFERENCIAÇÃO GENÉTICA ENTRE AS POPULAÇÕES REMANESCENTES DE PREGUIÇA DE COLEIRA (BRADYPUS TORQUATUS)
LARA-RUIZ, P.; CHIARELLO, A.G.; SANTOS, F.R.

14:40-15:00
ESTRATÉGIAS PARA A AVALIAÇÃO DA DIVERSIDADE GENÉTICA EM BRADYPUS VARIEGATUS E A INVESTIGAÇÃO DO STATUS TAXONÔMICO EM COLEÇÕES MUSEOLÓGICAS
MORAES-BARROS, N.; MIYAKI, C.Y.; BOCCHIGLIERI, A.; REIS, M.L.; MORGANTE, J.S.

15:00-15:20
GENETIC STRUCTURE AND GENE DIVERSITY OF THE CRITICALLY ENDANGERED WOOLY SPIDER MONKEY.
CHAVES, P.B.; POSSAMAI, C.B.; BO UBLI, J.P.; STRIER, K.B.; MENDES, S.L.; FAGUNDES, V.

15:20-15:40
ANÁLISE DO CITOCROMO B MITOCONDRIAL NO GÊNERO OLIGORYZOMYS (SIGMODONTINAE): ESTRUTURA GENÉTICA DAS POPULAÇÕES E RELAÇÕES INTERESPECÍFICAS
MIRANDA, G.B.; ANDRADES-MIRANDA, J.; OLIVEIRA, L.F.B.; MATTEVI, M. S.

15:40-16:00
VARIAÇÃO GENÉTICA EM AKODON CURSOR (RODENTIA, SIGMODONTINAE) REVELA DOIS CLADOS DISTINTOS DO NORDESTE E DO SUL-SUDESTE COM 2N=14, 15 E 16
NOGUEIRA, C. D. A.; FAGUNDES, V.

Sala Morfologia **Salão Vitória**

14:00-14:20
EVOLUÇÃO MORFOLÓGICA NO CRÂNIO E ELEMENTOS PÓS-CRANIANOS DOS MARSUPIAIS AMERICANOS: INFLUÊNCIA DA FILOGENIA E ECOLOGIA
MORAES, D. A.

14:20-14:40
DEVELOPMENTAL AND GROWTH IN SKULL OF OTARIDS: A MORPHOMETRIC COMPARED STUDY
MOLINA-SCHILLER, D. M. M.; FREITAS, T. R. O.; SANFELICE, D.

14:40-15:00
ESTIMATIVA DE MASSA E PADRÕES LOCOMOTORES DO MAIS ANTIGO MAMÍFERO DE GRANDE PORTE DA AMÉRICA DO SUL
AVILLA, L.; BERGQVIST, L. P.

Sala Ecologia 1 **Salão Domingos Martins**

14:00-14:20
ESTUDO DA POPULAÇÃO DE TATU-BOLA (TOLYPEUTES TRICINCTUS) DA FAZENDA JATOBÁ/BA
REIS, M. L.; BOCCHIGLIERI, A.; DIAS, L. B.; LOBO, C. E. C.; CAMPOS, J. B.; HOLMES, R. M.; OLIVEIRA, V. C.; CÂNDIDO, C. E. R.; MARQUES, M. P.; MARTINZ, R. C.; PAULA, W. S.

14:20-14:40
PROGNÓSTICO DA DISTRIBUIÇÃO DE TATUS (XENARTHRA) BASEADO NA MODELAGEM ECOLOGICA DE NICHO
ANACLETO, T.; DINIZ-FILHO, J. A. F.; VITAL, M.

14:40-15:00
ANALISE DO ENTORNO DE TOCAS DE LONTRA NA LAGOA DO PERI, ILHA DE SANTA CATARINA, SC.
CARVALHO-JUNIOR, O.; SCMIDT,A.; TOSATTI, M.

15:00-15:20
CADEIA ALIMENTAR AQUÁTICA: LONTRA (LONTRA LONGICAUDIS), UM ESTUDO EXPLORATÓRIO COM METAIS (HG).
JOSEF, C.; ADRIANO, L. R.; CALIL-FILHO, N. A.; FERREIRA, J. R.

15:20-15:40
CARACTERIZAÇÃO DE REFÚGIOS, USO DE HÁBITAT E DIETA DE LONTRA LONGICAUDIS (OLFERS, 1818) (CARNÍVORA: MUSTELIDAE), NO LITORAL SUL DO ESTADO DE SÃO PAULO.
CORREA,C.I.C.; SANTOS, A.V. L.; MONTEIRO-FILHO, E.L.A.

15:40-16:00
USO DE ESPAÇO E DIETA DE LONTRA LONGICAUDIS ASSOCIADOS À INTRODUÇÃO DE PRESA EXÓTICA EM DOIS RIOS DO SUL DO BRASIL
VIEIRA, E. M. V.; FICK, I. A.

Sala Ecologia 2 **Salão Vila Velha**

14:00-14:20
ANALISE DA DIETA DOS GRAXAINS (CERDOCYON THOUS E PSEUDALOPEX GYMNOCERCUS) (CARNIVORA, CANIDAE) NO PARQUE NACIONAL DOS APARADOS DA SERRA – RS
ABREU, M.S.L.; CARDOSO, A.V.; MESQUITA, A.; VIEIRA, E.M.

14:20-14:40
DIETA DA JAGUATIRICA E DO JAGUARUNDI EM UMA UNIDADE DE CONSERVAÇÃO E SEU ENTORNO, NA REGIÃO NORDESTE DO ESTADO DE SÃO PAULO.
MANTOVANI, J.E.; CAMPAGNER, M.; PIRES, J.S.R.

14:40-15:00
DIETA DO LOBO-GUARÁ EM UMA UNIDADE DE CONSERVAÇÃO E NO ENTORNO OCUPADO POR CULTURAS AGRÍCOLAS, PASTAGENS E REFLORESTAMENTOS.
MANTOVANI, J.E.; SANTOS, J.E.D.; PIRES, J.S.R.; MATTOS, P.R.

15:00-15:20
ECOLOGIA ALIMENTAR DE CARNÍVOROS EM FRAGMENTOS DE FLORESTA ESTACIONAL SEMIDECIDUAL DO MUNICÍPIO DE FÊNIX, PARANÁ
ROCHA-MENDES, F.; MIKICH, S. B.; QUADROS, J.; PEDRO, W. A.

15:20-15:40
IMAGENS DE SATÉLITE E SISTEMAS DE INFORMAÇÃO GEOGRÁFICA NO ESTUDO DOS HÁBITATS E DA ÁREA DE VIDA DA JAGUATIRICA EM UMA UNIDADE DE CONSERVAÇÃO
LOPES, A.L.; MANTOVANI, J.E.

15:40-16:00
O LOBO-GUARÁ (CHRYSOCYON BRACHYURUS) COMO AGENTE DISPERSOR DE SEMENTES EM ÁREA COM CAMPO NATURAL, FLORESTA DE ARAUCÁRIA E SILVICULTURA, PARANÁ.
CHEIDA, C.; REIS, N.R.D.; ROCHA, V.J.; QUADROS, J.; FILIPAKI, S.A.; ALMEIDA, A.E.A.

16h-16h30 Café

16h30-17h30 Conferências

CF1 - Evolução e conservação de carnívoros neotropicais
Salão Guarapari

Eduardo Eizirik (PUC-RS)

CF2 - Pintura Cromossômica: nova abordagem para o estudo da filogenia de mamíferos brasileiros
Salão Domingos Martins

Cleusa Yoshiko Nagamachi (UFPA)

CF3 - Evolução e integração em estruturas morfológicas complexas: a mandíbula de roedores como um sistema modelo
Salão Vila Velha

Leandro R. Monteiro (UENF-RJ)

17h30-19h30 Sessão de painéis 1-149

14 de Outubro

8h-10h Mini-cursos

8h-10h Workshop

I Encontro dos Akodontólogos **Salão Fundão**

10h-10h30 Intervalo

10h30-12h30 Mesas Redondas

MR4 - Conservação ex-situ e mamíferos em cativeiro **Salão Guarapari**

Coordenador: Marcelo Lima Reis

1. Alcides Pissinatti (Centro Primatologia RJ) - *O CPRJ e a conservação dos primatas brasileiros*
2. Cleyde Chieregatto (Zoológico de São Bernado do Campo) - *Plano de manejo do Cachorro-vinagre: A construção de um programa de conservação ex situ*
3. José Mauricio Barbante Duarte (UNESP/Jaboticabal) - *Conservação ex situ dos cervídeos no Brasil*

Marcelo Lima Reis (IBAMA/COFAU) - *Conservação ex situ dentro dos Comitês oficiais do IBAMA*

MR5 - Filogeografia e o papel da genética na conservação biológica **Salão Domingos Martins**

Coordenador: Nadia de Moraes-Barros

1. Eduardo Eizirik (PUCRS) - *O papel da genética e das ferramentas da biologia molecular na conservação biológica*
2. Larissa Rosa de Oliveira (GEMARS/FURG) - *A importância dos dados genéticos na identificação de Unidades Evolutivamente Significativas e Unidades Manejo*
3. Nadia de Moraes-Barros (USP) - *Estudos filogeográficos em preguiças de três dedos*

MR6 - Interações ecológicas e evolutivas entre mamíferos e artrópodos ectoparasitas **Salão Vila Velha**

Coordenador: Gustavo Graciolli

1. Gustavo Graciolli (UFMS) - *Uma visão histórica do padrão de associação entre mamíferos e artrópodos ectoparasitos*
2. Fernanda Martins Hatano (FIOCRUZ) - *Ácaros Ielapíneos associados aos ninhos de pequenos mamíferos*
3. David Eduardo Paolinetti Bossi (IBAMA) - *Interações ecológicas e evolutivas entre coleópteros da tribo Amblyopinini (Staphylinidae) e pequenos mamíferos*
4. Pedro Marcos Linardi (UFMG) - *Padrões de associação entre pulgas e pequenos mamíferos silvestres em alguns países e biomas sul-americanos*

MR7 - Métodos e abordagens no estudo da locomoção em mamíferos **Salão Vitória**

Coordenador: Ricardo Tadeu Santori

1. Oscar Rocha Barbosa (UERJ) - *Histórico e métodos de estudo de locomoção de mamífero*
2. Marcus Vinícius Vieira (UFRJ) - *Abordagem ecomorfológica nos estudos de locomoção*
3. Ricardo Tadeu Santori (UERJ) - *Digitalização de imagens para análise do comportamento locomotor*

12h30-14h Almoço

14h-16h Comunicações Orais

Sala Sistemática **Salão Guarapari**

14:00-14:20
REVISÃO SISTEMÁTICA DOS DASYPODINI (MAMMALIA: CINGULATA: DASYPODIDAE)
ABRANTES, E. A.; PORPINO, K. O.; AVILLA, L. S.

14:20-14:40
COMBINING GEOMETRIC MORPHOMETRICS WITH PATTERN RECOGNITION TO COMPARE MORPHOLOGICAL AND PHYLOGENETIC TAXON BOUNDARIES. AN EXAMPLE IN THE GENUS CALOMYS
CORDEIRO-ESTRELA, P.; BAYLA C, M.; DENYS, C.

14:40-15:00
IDENTIDADE DE SETE ESPÉCIES DE OLIGORYZOMYS COM OCORRÊNCIA NO BRASIL
PARESQUE, R.; CARMIGNOTTO, A. P.; CHRISTOFF, A. U.; FAGUNDES, V.

15:00-15:20
LÍMITES DE ESPECIES Y RELACIONES FILOGENÉTICAS DENTRO DEL GÉNERO NECROMYS (CRICETIDAE, SIGMODONTINAE, AKODONTINI): EVIDENCIA MOLECULAR
D'ELIA, G. ; PARDIÑAS, U.; SALAZAR, J.; JAYAT, P.

15:20-15:40
REVISIÓN DE KUNSIA (RODENTIA, CRICETIDAE): LÍMITES GENÉRICOS Y ESPECÍFICOS
PARDIÑAS, U.; D'ELÍA, G.; TETA, P.

Sala Temas Diversos — Salão Vitória

14:00-14:20
NOVAS ÁREAS DE OCORRÊNCIA DO JUPARÁ, POTOS FLAVUS, SCHREBER 1774 (CARNIVORA: PROCYONIDAE) NO ESTADO DE MINAS GERAIS
MELO, F.; RODES, É. R.; SOUZA, S. L. F.; NERY, M. S.; FERRAZ, D. S.

14:20-14:40
HEMATOFAGIA: OS CUSTOS DE SER UM MORCEGO VAMPIRO
CAMARGO, G.; KUNZ, T.; MICHENER, R.; CRUZ-NETO, A.; CRUZ-NETO, A.

14:40-15:00
PHYSETER MACROCEPHALUS (LINNAEUS, 1758) (MAMMALIA-CETACEA): ESCAVAÇÃO, DECOMPOSIÇÃO, MONTAGEM, FRATURAS E RESTAURAÇÃO ESQUELETAL NO SUL DO BRASIL.
MENEZES, M.

15:00-15:20
UMA POPULAÇÃO ISOLADA NA COSTA BRASILEIRA DO GOLFINHO-PINTADO-DO-ATLÂNTICO, STENELLA FRONTALIS (CUVIER, 1829)
MALABARBA, L. R.[1]; MORENO, I. B. & MALABARBA, L. R.[2]

15:20-15:40
AVALIAÇÃO DA EFICIÊNCIA DE ARMADILHAS DE QUEDA E SHERMAN PARA AMOSTRAGEM DA COMUNIDADE DE PEQUENOS MAMÍFEROS EM FLORESTAS NEOTROPICAIS
UMETSU, F.; NAXARA, L.; SOUZA, S. M.; BRAGA-NETO, R.; PARDINI, R.

15:40-16:00
PEQUENOS MAMÍFEROS DO MÉDIO VALE DO JEQUITINHONHA
GEISE, L.; PEREIRA, L. G.; MORAES, D. A.; AIRES, C. C.

Sala Ecologia 3 — Salão Domingos Martins

14:00-14:20
INFLUÊNCIA DE RIOS COMO BARREIRA GEOGRÁFICA NA DISTRIBUIÇÃO DE MICOUREUS DEMERARAE (DIDELPHIMORPHIA: DIDELPHIDAE) NA BACIA AMAZÔNICA
BANTEL, C.; DASILVA, M. N. F.

14:20-14:40
DIVERSIDADE DE MORCEGOS EM REMANESCENTES DE FLORESTA ATLÂNTICA DO MUNICÍPIO DE RIBEIRÃO GRANDE, ESTADO DE SÃO PAULO
BIANCONI, G. V.; QUADROS, J.; ROCHA-MENDES, F.; GRACIOLLI, G.

14:40-15:00
HETEROGENEIDADE ESPACIAL, EFEITO LUNAR E ESTRUTURA DE COMUNIDADE DOS MORCEGOS DO PARQUE ESTADUAL DA FONTE GRANDE, VITÓRIA-ES.
ROVIDA, J. C.; CAMPELO, R. P. M.; TAHARA, A. S.; DITCHFIELD, A. D.; MARTINS, R. L.

15:00-15:20
POTENCIAL DO CAITITU (TAYASSU TAJACU) COMO DISPERSOR E PREDADOR DE SEMENTES DE FRUTOS TROPICAIS
MOTTA, T.; GINÉ, G.; NOGUEIRA FILHO, S.L.G.

15:20-15:40
INFORMAÇÕES BIOLÓGICAS SOBRE SPHIGGURUS VILLOSUS E CHAETOMYS SUBSPINOSUS (RODENTIA, ERETHIZONTIDAE) NO PARQUE ESTADUAL PAULO CÉSAR VINHA,ES.
GALVÃO, R.; MENDES, S. L.

15:40-16:00
ABRIGOS DIURNOS UTILIZADOS PELO OURIÇO-PRETO, CHAETOMYS SUBSPINOSUS (RODENTIA, ERETHIZONTIDAE), NO PARQUE ESTADUAL PAULO CÉSAR VINHA (PEPCV), GUARAPARI
BARATA, R.; OLIVEIRA, P.; ADRIANO, C.

Sala Ecologia 4 — Salão Vila Velha

14:00-14:20
ADAPTAÇÕES ECOMORFOLÓGICAS DE TUCO-TUCOS, CTENOMYS FLAMARIONI, C. LAMI, C. MINUTUS E C. TORQUATUS (RODENTIA: CTENOMYIDAE) EM DIFERENTES AMBIENTES.
REBELATO,G.S.; FREITAS, T. R. O.

14:20-14:40
BERGMANN'S RULE IN TWO SPECIES OF WATER RATS OF THE GENUS NECTOMYS (RODENTIA, MURIDAE, SIGMODONTINAE)
BIDAU, C.J.; BONVICINO, C..

14:40-15:00
OBSERVAÇÕES PRELIMINARES SOBRE OCORRÊNCIA, DISTRIBUIÇÃO, BIOLOGIA E ECOLOGIA DO RATO-DO-CACAU (CALLISTOMYS PICTUS), NA MATA ATLÂNTICA, SUL DA BAHIA
MOURA, R. T.; FONSECA, G. A. B.; MOURA, R. T.

15:00-15:20
UTILIZAÇÃO PREFERENCIAL DE MARGENS PLANAS E LEITO PROFUNDO EM AMBIENTES DE FLORESTA DE GALERIA PELA CAPIVARA HYDROCHAERIS HYDROCHAERIS
MAZZOLLI, M.; RIBEIRO, C. A.; VIECELLI, P. F.; AMENDOEIRA, C. R.; OLIVEIRA, C.; DUARTE, M. A.; PAULETE, M.; WOLFF, C. T.

15:20-15:40
TEMPO DE PASSAGEM, TESTES DE GERMINAÇÃO E DISPERSÃO DE SEMENTES DO TRATO DIGESTÓRIO DE ANIMAIS DO PARQUE ECOLÓGICO DA KLABIN, TELÊMACO BORBA, PR.
VEDUATTO, P. M. M.; ROCHA, V. J.

15:40-16:00
A THEORETICAL FRAMEWORK FOR DECIPHERING THE EFFECTS OF CLIMATE ON SOAY SHEEP DYNAMICS
LIMA, M.; BERRYMAN, A. A.; COULSON, T.

Sala Parasitologia e Comportamento — Salão Linhares

14:00-14:20
TAXAS DE PARASITISMO DE MOSCAS ECTOPARASITAS (DIPTERA: STREBLIDAE E NYCTERIBIIDAE) EM MORCEGOS (CHIROPTERA) EM ÁREA DE FLORESTA DE ARAUCÁRIA, PARANÁ.
GRACIOLLI, G.; BIANCONI, G. V.

14:20-14:40
SPONTANEOUS TOOL USE OF WILD CAPUCHIN MONKEYS (CEBUS LIBIDINOSUS) IN A CERRADO REGION OF CENTRAL BRAZIL
DACIER, A. K.; WAGA, I. C.; PINHA, P. S.; TAVARES, M. C. H.; DACIER, A.

14:40-15:00
CARACTERIZAÇÃO DO REPERTÓRIO SONORO PRODUZIDO PELO BOTO-CINZA, SOTALIA GUIANENSIS (CETACEA: DELPHINIDAE), NA BAÍA NORTE, SUL DO BRASIL
PARO, A.; MONTEIRO-FILHO, E. L. A.; WEDEKIN, L. L.; DAURA-JORGE, F. G.; SIMÕES-LOPES, P. C.

15:00-15:20
ESTUDO DAS RELAÇÕES DE DOMINÂNCIA E DO COMPORTAMENTO DE BRINCADEIRA EM QUEIXADAS, TAYASSU PECARI (MAMMALIA, TAYASSUIDAE)
SOLEDADE, J.; NOGUEIRA-FILHO, S. L.; NOGUEIRA, S.

15:20-15:40
PERÍODO DIÁRIO DE ATIVIDADE DE SEIS ESPÉCIES DE PEQUENOS MAMÍFEROS NO SUL DO BRASIL
SCHEIBLER, D. R.

16h-16h30 Café

16h30-17h30 Conferências

CF4 - Filogenia molecular de tamanduás e preguiças e o efeito da atração pelos ramos longos
Salão Guarapari

Horácio Schneider (UFPA)

CF5 - Geoprocessamento Aplicado a Estudos em Ecologia e Conservação de Mamíferos Marinhos
Salão Domingos Martins

Mario M. Rollo Jr. (Instituto de Ciências do Mar e Gestão Costeira - Universidade Estadual Paulista)

CF6 - Museum collections, and collections-based research, in 21st century biology
Salão Vila Velha

James L. Patton (Museum of Vertebrate Zoology, University of California, Berkeley, CA, EUA)

17h30-19h30 Sessão de painéis 150-312

15 de Outubro

8h-10h Mini-cursos

10h-10h30 Intervalo

10h30-12h30 Mesas Redondas

MR8 – Efeitos da fragmentação da Mata Atlântica sobre mamíferos **Salão Guarapari**

Coordenadora: Renata Pardini

1. Renata Pardini (USP) – *Diversidade e abundância de pequenos mamíferos em paisagens fragmentadas de Mata Atlântica – efeito do tamanho dos fragmentos, da presença de corredores e da proporção de mata na paisagem*
2. Fernando Fernandez (UFRJ) – *Dez anos nas Ilhas dos Barbados: um estudo populacional de pequenos mamíferos em uma paisagem fragmentada*
3. Adriano Garcia Chiarello (PUC-MG) – *Fragmentação e estrutura da comunidade de mamíferos: uma análise comparativa entre as Matas de Tabuleiro e a região serrana do ES*
4. Rossano Mendes Pontes (UFPE) – *A dimensão da extinção local e regional de mamíferos na floresta Atlântica Nordestina*

MR9 – Morcegos como indicadores ambientais **Salão Domingos Martins**

Coordenadora: Ludmilla Moura de Souza Aguiar

1. Enrico Bernard (CI Brasil) – *Espécies amazônicas com características bio-indicadoras*
2. Marlon Zortéa (UFGO) – *Morcegos como indicadores de qualidade de hábitat*
3. Deborah Faria (UESC/Ilhéus) – *O que de fato os morcegos estão indicando em termos de alteração de hábitat?*
4. Ludmilla Moura de Souza Aguiar (EMBRAPA – Cerrados) – *Morcegos como indicadores ambientais*

MR10 – Coleções Científicas de Mastozoologia **Salão Vila velha**

Coordenador: Alexandre Reis Percequillo

1. Alexandre Reis Percequillo (UFPB) – *Coleções brasileiras de mamíferos: um panorama atual*
2. João Alves de Oliveira (MNRJ) – *Coleções de mamíferos e projetos de controle de epizootias*
3. Mário de Vivo (MZUSP) – *Pesquisa nas coleções mastozoológicas*
4. Leandro Salles (MNRJ) – *Associação emória Naturalis (Rede Brasileira de Museus de História Natural & Instituições Afins): Desafios e Estratégias*

12h30-14h Almoço

14h-16h Assembléia da SBMz Salão Vitória

16h-16h30 Café

16h30-17h30 Conferências

CF7 - Você é aquilo que come? Inter-relação entre energética e dieta em mamíferos Salão Guarapari

Ariovaldo P. da Cruz Neto (UNESP - Rio Claro)

CF8 – Inventário Molecular da Biodiversidade: Desafios e Perspectivas para um país megadiverso Salão Domingos Martins

Sandro Luis Bonnato (PUC-RS)

17h30-19h30 Sessão de painéis 315-475

16 de outubro

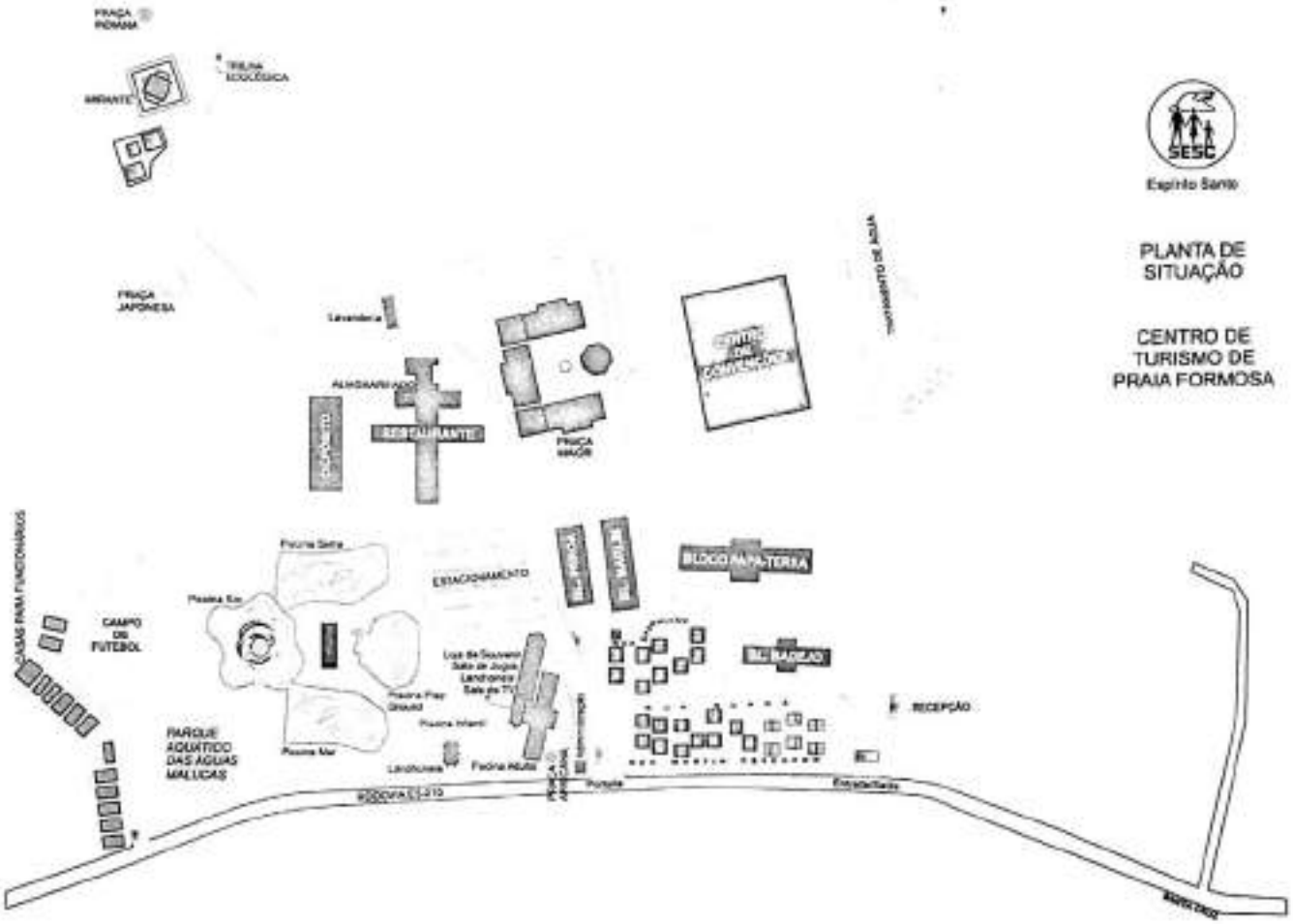
8h-10h Mini-cursos

10h-10h30 Intervalo

10h30 Conferência de Encerramento Auditório: Espírito Santo

CF9 – O estudo dos mamíferos brasileiros: ontem e amanhã

Rui Cerqueira (UFRJ)


PRAÇA ROMANA
TRILHA ECOLÓGICA
ARBANTE
PRAÇA JAPONESA
Lavanderia
ALMOXARIFADO
RESTAURANTE
ESTACIONAMENTO
BLOCO MASTERSA
RECEPÇÃO
CAMPO DE FUTEBOL
PISCINAS PARA FUNCIONÁRIOS
PARQUE AQUÁTICO DAS ÁGUAS MALICAS
RODOVIA ES-010
Piscina Serra
Piscina Mar
Piscina Infantil
Piscina Rasa
Piscina Play Ground
Piscina Adulto
Lanchonete
Loja de Souvenir
Sala de Jogos
Sala de TV
Portaria
Entrada/Saída
Rampa de Acesso
Rampa de Acesso
Rampa de Acesso

SUMÁRIO

Resumos

Didelphimorphia 21

Xenarthra 34

Carnivora 38

Chiroptera 54

Primates 71

Cetacea 82

Artiodactyla 89

Perissodactyla 91

Rodentia 93

Diversos 111

Índice de autores 144

Didelphimorphia

Conservação

[1] CONSEQÜÊNCIAS DEMOGRÁFICAS DO PROCESSO DE SUBDIVISÃO POPULACIONAL PARA O MARSUPIAL MICOUREUS PARAGUAYANUS NA MATA ATLÂNTICA

BRITO, D.[1]; FONSECA, G. A. B.[1]

[1] ECOLOGIA, CONSERVAÇÃO E MANEJO DE VIDA SILVESTRE, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG); [1] UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG)

A destruição e fragmentação de habitats contribuem significativamente para a atual crise de extinções. Como conseqüência desses processos, populações originalmente contínuas se tornaram subdivididas em um número maior de populações de menor tamanho, ameaçando a persistência de diversos taxa dependentes de florestas. O programa VORTEX foi usado para simular as conseqüências demográficas da fragmentação de habitats e subdivisão populacional no marsupial M. paraguayanus. Populações hipotéticas de 100 e 2000 indivíduos foram divididas em 1 a 10 populações, que por sua vez foram ligadas por diferentes taxas de migração e por diferenças na capacidade de migração entre sexos. Os resultados demonstram que para populações pequenas, em geral, uma população é mais estável que um conjunto de populações de tamanho total similar, independente da taxa de migração. Observaram-se diferenças no comportamento de populações inicialmente compostas por 10 e 20 M. paraguayarus daquelas compostas por 50 ou mais indivíduos. Pequenas populações exibiram altos níveis de instabilidade populacional, provavelmente como resultado de estocasticidade demográfica, e foram caracterizadas por altas taxas de extinção, menores taxas de crescimento e maiores flutuações em tamanho populacional e taxa de crescimento. Os efeitos da migração na persistência da metapopulação estiveram relacionados ao tamanho das populações resultantes do processo de subdivisão populacional e a diferencial capacidade de dispersão entre os sexos. Aumentar a taxa de dispersão de machos não produziu efeitos significativos na dinâmica de extinção. Entretanto, cenários avaliando aumento de dispersão de ambos os sexos tiveram uma gama de efeitos positivos na dinâmica da metapopulação, como maiores taxas de crescimento, menores flutuações na taxa de crescimento, maior número de indivíduos na metapopulação e menores chances de extinção. Os resultados indicam que a estocasticidade demográfica pode ser um fator importante em populações menores que 20 indivíduos. O presente estudo demonstra o valor da AVP como ferramenta de estudo em examinar o papel da dispersão na dinâmica da metapopulação e em estudar mudanças na demografia e persistência de populações associadas ao processo de subdivisão populacional, assim como as complexas relações entre tamanho de metapopulação, subdivisão populacional, fragmentação de habitats, taxa de dispersão e diferenças na capacidade de dispersão pelos sexos.

[2] CONSEQÜÊNCIAS GENÉTICAS DO PROCESSO DE SUBDIVISÃO POPULACIONAL PARA O MARSUPIAL MICOUREUS PARAGUAYANUS NA MATA ATLÂNTICA

BRITO, D.[1]; FONSECA, G. A. B.[1]

[1] ECOLOGIA, CONSERVAÇÃO E MANEJO DE VIDA SILVESTRE, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG); [1] UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG)

A subdivisão populacional resultante da fragmentação de habitats pode afetar a quantidade e o padrão de diversidade genética em metapopulações. Este processo pode levar à perda de heterozigosidade, e o aumento na endogamia nas populações pode levar populações à extinção. Entretanto, modelos genéticos demonstram que sob certas condições, a subdivisão de populações pode proteger a heterozigosidade e a diversidade alélica, e que populações pequenas podem se adaptar à endogamia. Neste trabalho, as relações entre fragmentação de habitats, subdivisão populacional, e diversas medidas de diversidade genética foram investigadas. O programa VORTEX foi usado para simular os impactos da subdivisão populacional na diversidade genética em populações do marsupial Micoureus paraguayanus. Populações hipotéticas de 100 e 2000 indivíduos foram divididas em 1 a 10 populações, ligadas por diferentes taxas de migração e por diferenças na capacidade de migração entre sexos. Esta metodologia permitiu um exame dos efeitos de flutuações demográficas, deriva gênica e interações entre processos demográficos e genéticos na dinâmica populacional. Os resultados mostram que heterozigosidade e diversidade alélica eram rapidamente perdidas quando uma pequena população era dividida. As maiores taxas de estocasticidade demográfica resultantes da subdivisão populacional causavam rápidas perdas na diversidade genética, e a extinção de algumas populações acelerava ainda mais este processo. A instabilidade de populações pequenas diminui a eficiência da seleção contra alelos recessivos letais. A migração entre populações parcialmente reverteu estes impactos. Entretanto, nem mesmo altas taxas de migração foram capazes de eliminar flutuações demográficas ou prevenir extinções em cenários com populações pequenas. Apesar do fluxo gênico prevenir divergência entre as populações, a migração não impediu populações subdivididas de perder variabilidade genética mais rapidamente que uma população única de tamanho equivalente. A dinâmica de populações pequenas e fragmentadas é dependente das interações entre processos demográficos e genéticos. Estes resultados não concordam com as previsões feitas por diversos modelos de mudanças genéticas em metapopulações que excluem a consideração de impactos de estocasticidade demográfica. Os resultados sugerem que populações de M. paraguayanus, dependentes de habitat florestal que esteja sob rápida mudança em decorrência de atividades humanas devem ser relativamente grandes e contínuas para evitar perdas significativas de diversidade genética.

Ecologia

[3] ANÁLISE DA DISTRIBUIÇÃO DE ESPÉCIES DO GÊNERO DIDELPHIS LINNAEUS, 1758 (DIDELPHIMORFIA, DIDELPHIDAE) NA REGIÃO NEOTROPICAL

LEITE, G. R.[1]; ALVES, A. C. A.[2]; COUTINHO, B. R.[3]; VAREJÃO, J. B. M.[4]

[1] ECOLOGIA, PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM BIOLOGIA ANIMAL - UFES; [2] PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS FISIOLÓGICAS - UFES; [3] PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM BIOLOGIA ANIMAL - UFES; [4] UNIDADE DE MEDICINA TROPICAL - UFES

Ocorrem quatro espécies do gênero Didelphis na região neotropical: Didelphis albiventris, Didelphis aurita, Didelphis marsupialis e Didelphis virginiana. Estas espécies apresentam distribuição complementar com áreas de simpatria, sendo de maneira geral adaptadas a condições ambientais diferentes. Por se tratar de um grupo generalista, espera-se que tal distribuição não ocorra devido a limitações ambientais. O objetivo do presente estudo foi o de caracterizar a distribuição e o nicho ecológico fundamental das três principais espécies do gênero Didelphis na região neotropical e verificar se os limites de suas distribuições são impostos pelas condições climáticas. Modelamos a distribuição de D. albiventris, D. aurita, e D. marsupialis na região neotropical a partir do programa GARP, que através de algoritmos genéticos obtêm o nicho ecológico fundamental e a distribuição potencial de espécies baseado em suas necessidades ambientais. Para a modelagem o GARP utiliza dados de ocorrência da espécie e dados ambientais de coberturas geográficas. Obtivemos 146 dados de ocorrência das espécies em museus e utilizamos 10 variáveis climáticas como cobertura ambiental, derivadas da temperatura, precipitação e altitude. D. albiventris apresentou distribuição potencial ampla, ocorrendo por toda extensão latitudinal da região neotropical em formações diversas como cadeias montanhosas, áreas abertas, florestas úmidas, deciduas e semi-deciduas. Sua distribuição foi simpátrica em 11,0% com a de D. aurita e 17,9% com a de D. marsupialis. D. aurita apresentou distribuição potencial restrita à floresta Atlântica, onde 85,5% e 11,9% desta foi simpátrica com a distribuição de D. albiventris e D. marsupialis, respectivamente. D. marsupialis apresentou distribuição na floresta Amazônica, Cerrado e Caatinga, sendo 23,9% desta simpátrica com D. albiventris e 1,2% com D. aurita. No geral a modelagem mostrou uma distribuição parapátrica com algumas áreas de simpatria entre as espécies. D. marsupialis apresentou distribuição ampla, mas restrita à região tropical, sendo D. aurita a espécie mais especialista e D. albiventris mais generalista quanto ao habitat. A distribuição de D. aurita e D. marsupialis parece ser limitada pelas condições climáticas. D. albiventris pode estar sofrendo exclusão competitiva em algumas áreas, principalmente na região de ocorrência de D. aurita, que parece possuir vantagem competitiva sobre esta em sua área de ocorrência.

[4] ANÁLISE POPULACIONAL DE DIDELPHIS AURITA E D. ALBIVENTRIS NO ESTADO DE SÃO PAULO

HORTA, M. C.[1]; BERTOLA, P. B.[2]; FERREIRA, P. M.[3]; BATAGIOLI, M. C.[3]; SCHUMAKER, T. T. S.[4]

[1] VPS, FMVZ - USP; [2] FACULDADE DE MEDICINA VETERINARIA E ZOOTECNIA -USP; [3] DEPARTAMENTO DO MEIO AMBIENTE – PEDREIRA/SP; [4] INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOMÉDICAS - USP

Os gambás Didelphis aurita e D. albiventris são animais com grande capacidade de adaptação à diferentes habitas, sendo considerados as espécies de marsupiais mais comuns na região leste neotropical, ocorrendo do nordeste do Brasil ao nordeste da Argentina e sudeste do Paraguai. Este trabalho tem como objetivo analisar as populações em diferentes localidades no Estado de São Paulo (Mogi das Cruzes, Pedreira, Piracicaba, Pirassununga e São Paulo). Foram utilizadas em cada localidade 30 armadilhas do tipo "live trap" Tomahosk durante 25 dias em Piracicaba, 20 dias em Pirassununga, 15 dias em Mogi das Cruzes e Pedreira, e 16 dias na cidade de São Paulo (SESC-Interlagos e Universidade de São Paulo), no período compreendido entre maio de 2003 a janeiro de 2005. Foram analisadas variáveis como espécie, faixa etária, sexo, peso, estágio reprodutivo, presença de filhotes e sazonalidade. Foram registrados no total 75 gambás, sendo 46 D. aurita (61,3%) e 29 D. albiventris (38,7%), estes últimos capturados apenas em Piracicaba e Pirassununga, regiões mais ao norte da capital. Dos animais capturados, observamos 47 adultos [32 D. aurita (25,0% machos e 75,0% fêmeas) e 15 D. albiventris (46,7% machos e 53,3% fêmeas)]; 22 jovens [14 D. aurita (42,9% machos e 57,1% fêmeas) e 8 D. albiventris (37,5% machos e 62,5% fêmeas)]; e 6 filhotes [D. albiventris (66,7% machos 33,3% fêmeas) em fase de amamentação]. Entre as fêmeas adultas 23 carregavam filhotes no marsúpio, o número de filhotes variou de 3 a 13, sendo o valor modal igual a 7. Os períodos de maior incidência de fêmeas capturadas com filhotes foram nos meses de julho e dezembro. Os indivíduos adultos da espécie D. aurita apresentaram uma variação de peso de 950g a 2.200g entre os machos e, 800g a 2.400g entre as fêmeas. Em relação aos espécimes adultos de D. albiventris a variação foi de 1.000g a 1.900g entre os machos e 850g a 1.450g entre as fêmeas. Apesar do peso encontrado neste trabalho ser maior para fêmeas, deve-se considerar que estas foram pesadas juntas aos filhotes no marsúpio. Deste modo, os dados apresentados neste trabalho corroboram com trabalhos similares.

[5] ANÁLISE PRELIMINAR DO CONTEÚDO ESTOMACAL DE DIDELPHIS AURITA ATROPELADOS NO INTERIOR DO PARQUE NACIONAL DO IGUAÇU.

OLIVEIRA, P.C. P.[1]; D'AMICO, A. R.[2]; XAVIER, M.[2]; RINALDI, A.[2]

[1] ZOOLOGIA, UNIOESTE; [2] PARQUE NACIONAL DO IGUAÇU

Rodovias pavimentadas em Unidades de Conservação podem gerar atropelamentos de animais silvestres, a exemplo do que ocorre na BR 469 que corta o Parque Nacional do Iguaçu (ParNa Iguaçu). Essa rodovia possui uma extensão de aproximadamente 12 km, e é monitorada em dias alternados, coletando-se todos os animais mortos encontrados. Os animais coletados são levados ao laboratório do ParNa Iguaçu onde são tomados dados biométricos e coletado material biológico, como pêlos, tecidos e conteúdo estomacal, sendo conservados para posterior análise. Em seguida os animais são armazenados em freezer, sendo posteriormente utilizados para montagem de esqueleto ou taxidermia, podendo então ser usado para educação ambiental. Nos primeiros meses de 2005 foram encontrados 60 animais mortos, sendo 17 exemplares de Didelphis aurita, destes foi possível a coleta do conteúdo estomacal de nove indivíduos. A partir da análise desses conteúdos, verificou-se que 22% dos animais ingeriram mamíferos, 100% artrópodes, 100% frutos e 22% répteis. Dentre os frutos consumidos destaca-se a ingestão de Ficus sp (22%), "fibra de coquinho" (55%), uma espécie da família Compositae (22%) e três espécies de sementes não puderam ser identificadas, totalizando 55%. Confirmando assim a dieta onívora desses animais e a predominância da ingestão de insetos e artrópodes, como relatam outros autores que trabalham com a espécie. Constatou-se também o consumo acidental de pedras, larvas de insetos, casca de ovo e a presença de endoparasitas, fato que chama a atenção pois 86% dos animais estavam parasitados. Será dada continuidade a esse estudo dessa espécie e dos demais carnívoros atropelados, devido à importância da análise da dieta dessas espécies, principalmente no interior de uma área protegida, por fornecerem dados que dão suporte ao manejo de problemas como os atropelamentos. Além da utilização destes animais como importante índice sobre a amplitude de características do ambiente que ocupam.

[6] ASPECTOS DA BIOLOGIA DE LUTREOLINA CRASSICAUDATA NUMA ÁREA DE FLORESTA OMBRÓFILA MISTA NO SUL DO ESTADO DO PARANÁ

RODRIGUES, R. G.[1]; MARTINS, F.[2]; MIRANDA, D. B.[2]; MONTEIRO-FILHO, E. L.[3]; LIMA, A. M. X.[3]; SILVA, D. D.[3]; BITTENCOURT, S.[3]; CONDRATI, L. H.[3]; SANQUETA, C. R.[4]

[1] ZOOLOGIA, UFPR/IPEC; [2] UFPR; [3] LAB. DE BIOLOGIA E ECOLOGIA DE VERTEBRADOS/UFPR; [4] LAB. DE INVENTÁRIO FLORESTAL

Entre os meses de agosto/2004 e janeiro/2005 foram realizados esforços de captura de Lutreolina crassicaudata (Desmarest,1804), uma espécie de marsupial que habita áreas perialagadas. O estudo foi realizado na área de inundação do Rio Iguaçu no segundo planalto paranaense. As armadilhas foram iscadas com banana, peixe e caldo de peixe e galinha, totalizando 312 armadilhas/noite. Quando capturados os indivíduos foram mensurados, sexados e marcados com perfurações na orelha. As fezes foram triadas e seus itens identificados. Nos dois primeiros meses foram capturados 3 indivíduos, sendo: 2 machos (500g e 380g) 1 fêmea jovem (160g). Nos demais meses não houve capturas, não ocorreram recapturas entre os meses amostrados. Foram analisadas duas amostras fecais, os itens encontrados foram: artrópodes (Coleóptera e Himenoptera) e Holochilus brasiliensis (Rodentia; Muridae). Através da análise dos ossos encontrados nesta amostra verificou-se que o roedor ingerido era jovem com as síntises do crânio ainda não fusionadas. Deste modo pode-se sugerir a possibilidade de que L. crassicaudata possa estar predando locais com ninhadas deste roedor de hábito aquático. No momento da soltura observou-se que os animais se deslocavam para uma área mais elevada e florestada. Neste local os indivíduos se abrigavam em agrupamentos de herbáceas rasteiras, deslocando-se entre os ramos até alcançar a região junto ao solo, permanecendo imóveis. Neste momento tornam-se completamente inconspícuos. Este fato diverge do encontrado em literatura onde menciona a espécie como boa trepadora. É reportado para esta espécie um baixo índice de captura e a pouca permanência em uma área. Porém a ausência de captura dos últimos 4 meses, pode ter sido causado por um incêndio que afetou pontualmente a área no mês de outubro. A partir deste mês o número de armadilhas instaladas aumentou em 60%, porém não houve mais capturas mesmo com a rápida recuperação vegetal. A captura nesta época era esperada pois coincide com a estação reprodutiva, onde as fêmeas aumentam sua área de atividade para suprir a demanda energética. Este fato pode sugerir uma baixa taxa de recolonização que, aliada a característica de pouca permanência pode fazer com que esta espécie abandone uma área após um evento mesmo que pontual.

[7] CAPACIDADE PERCEPTUAL DE PEQUENOS MAMÍFEROS EM UMA PAISAGEM FRAGMENTADA DA MATA ATLÂNTICA – RESULTADOS PRELIMINARES

FORERO-MEDINA, G. A.[1]; ALMEIDA, P. J.[2]; VIEIRA, M. V.[2]

[1] ECOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO; [2] UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

A fragmentação de habitats é uma das mais citadas ameaças à extinção das espécies e causa de perda da diversidade biológica. O inverso da fragmentação, a conectividade, pode ser definida como o grau no qual uma paisagem facilita ou impede o movimento entre fragmentos. A capacidade de um organismo de se mover entre fragmentos tem relação direta com a sua escala perceptual (perceptual range), definida como a distância máxima na que um animal pode perceber os elementos da paisagem. Portanto, a escala perceptual é um determinante importante da conectividade da paisagem e da dinâmica da população em ambientes fragmentados. Os objetivos deste trabalho foram padronizar uma metodologia, e estimar preliminarmente a escala perceptual de duas espécies de pequenos mamíferos em uma paisagem fragmentada do sudeste brasileiro, Philander frenatus e Didelphis aurita. Para determinar as escalas perceptuais, indivíduos de cada espécie foram capturados em remanescentes florestais, e levados a áreas da matriz no entorno de fragmentos distantes dos originais. Nestas pastagens os indivíduos foram liberados com um carretel de rastreamento a uma distancia determinada da borda da floresta, seguidos, e a orientação de seus movimentos testada usando estatística circular e o teste V. Indivíduos de P. frenatus e D. aurita foram liberados a 50 e 60 metros respectivamente do fragmento: P. frenatus se orientou significativamente para o fragmento ($u = 1,97$; $P < 0,05$), tendo 100% dos indivíduos alcançado a borda, enquanto D. aurita não apresentou nenhuma orientação ($u = 0,38$, $P > 0,05$), tendo 66% alcançado a borda. Os resultados para P. frenatus sugerem que sua capacidade perceptual seria superior a 50m, enquanto para D. aurita, ainda que alguns indivíduos conseguiram chegar ao fragmento, sua orientação inicial não indica direcionamento para a borda. Esse falta de direcionamento de D. aurita pode refletir não uma ausência de perceção do fragmento, mas hábitos mais generalistas da espécie, e uma maior familiaridade com a matriz.

[8] COMPARAÇÃO DE HÁBITOS ALIMENTARES ENTRE TRÊS ESPÉCIES DE MARSUPIAIS EM ÁREAS DE MATA CILIAR NO PARQUE ESTADUAL DO RIO PRETO, MG

LESSA, L.G.1 ; COSTA, F. N.2 ; VELOSO, C.3.

[1] CIÊNCIAS BÁSICAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI - UFVJM; [2] FACULDADES FEDERAIS INTEGRADAS DE DIAMANTINA; [3] ACADÊMICA DAS FACULDADES FEDERAIS INTEGRADAS DE DIAMANTINA

A dieta natural dos marsupiais didelfídeos é geralmente composta por invertebrados, frutos e eventualmente pequenos vertebrados, entretanto fatores individuais (peso, idade, sexo) ou ambientais (disponibilidade de recursos, estações do ano) podem influenciar as estratégias de forrageamento e a partição de recursos. O presente estudo está sendo realizado em duas áreas de mata ciliar no Parque Estadual do Rio Preto (18O 09' S, 43O 23' W), MG, com o objetivo de analisar as diferenças sazonais e interespecíficas nos padrões alimentares e o potencial como dispersores de sementes para três espécies de didelfídeos – Marmosops incanus, Micoureus paraguayensis e Metachirus nudicaudatus. A coleta de dados iniciou-se em fevereiro de 2005, os animais estão sendo capturados em armadilhas de arame dispostas em dois transectos com 25 estações de captura cada. Os indivíduos capturados são marcados com brincos numerados e sollos após a coleta de dados biométricos e de amostras fecais para a avaliação da dieta. As amostras coligidas são acondicionadas em tubos devidamente etiquetados e levadas para o laboratório onde são lavadas em água destilada, com o auxílio de uma peneira com malha de 0,1mm. Os itens alimentares são separados e identificados com o auxílio de um microscópio estereoscópico. As sementes encontradas são contadas, identificadas e sua viabilidade testada através de testes de germinação em placas de Petri. Testes de germinação têm sido efetuados com sementes retiradas diretamente dos frutos e utilizadas como grupo controle. Foram analisadas até o momento 21 amostras de M. incanus, 06 de M. paraguayensis e 05 de M. nudicaudatus. Sementes de Rubiaceae e Melastomataceae foram encontradas nas amostras analisadas, sendo predominantes nas amostras de M. incanus (presentes em 33,3% das amostras) e M. paraguayensis (16,6%), o maior número de sementes foi obtido em uma amostra de M. incanus (824 sementes de Melastomataceae). Os grupos de artrópodes mais freqüentes, para as três espécies, foram Hymenoptera, Hemiptera e Coleoptera. Fragmentos de pena foram obtidos em uma amostra de M. nudicaudatus. Os resultados obtidos corroboraram a princípio o padrão de dieta esperado para as espécies estudadas, indicando uma dieta oportunista para M. incanus, hábito insetívoro-onívoro para M. paraguayensis e uma predominância de artrópodes na dieta de M. nudicaudatus. Apoio: FAPEMIG (Processo CRA 133/03).

[9] DADOS ECOLÓGICOS DE THYLAMYS MACRURUS (DIDELPHIDAE) EM FRAGMENTOS DE CERRADO DE MATO GROSSO DO SUL, SUDOESTE DO BRASIL

CÁCERES, N. C.[1]; NAPOLI, R. P. D.[1]; CASELLA, J.[2]; LOPES, W. H.[3]

[1] UNIVERSIDADE DE SANTA MARIA; [2] UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL; [3] BIOCIÊNCIAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL

Entre os marsupiais sul-americanos, destaca-se o gênero Thylamys, que ocorre em regiões de vegetação aberta e arbustiva na região central do continente e nos Andes. Thylamys macrurus é um pequeno marsupial (50 g) que ocorre do Paraguai até o Cerrado do sudoeste do Brasil. Com o intuito de fornecer dados inéditos sobre a espécie em fragmentos de Cerradão dessa região no Brasil, os objetivos deste estudo foram de comparar suas abundâncias em diferentes fragmentos florestais e fornecer dados da sazonalidade e uso do estrato arbóreo. Foram amostrados cinco fragmentos com os seguintes tamanhos: 40, 80, 200, 400 e 600 ha. A estrutura da vegetação e grau de conservação dos fragmentos foram avaliados. As coletas foram realizadas durante as estações secas e úmidas de 2003 e 2004, utilizando-se de grades de 49 armadilhas de arame e 20 armadilhas de queda (de 108 litros) por fragmento. A abundância relativa foi obtida pela divisão do número de indivíduos pelo esforço de captura em cada fragmento. O uso do estrato arbóreo foi observado por capturas a 1,80 m de altura e pelo comportamento de fuga do animal quando solto. Os fragmentos de 80 e 200 tinham mais bambus e arbustos, sendo mais similares e menos conservados. O fragmento de 80 ha é de origem bem recente (2 anos) quando comparado aos outros (20 anos). Foram amostrados 57 machos e 40 fêmeas de T. macrurus no total, sendo 31% jovens. Jovens apareceram na população entre novembro e fevereiro, durante a estação úmida, em um padrão comum para marsupiais. A abundância de T. macrurus foi maior nos fragmentos de 40 (0,011), 200 (0,012) e 400 ha (0,010) e menor nos de 600 (0,002) e de 80 ha (0,003), mostrando que fragmentos menores ou menos conservados podem comportar maiores abundâncias da espécie. Também utilizou mais o nível do solo (92% das capturas) do que o arbóreo (8%), padrão que foi observado também para as fugas (17% contra 83% pelo solo), colocando a espécie como escansorial. Este padrão é diferente do esperado para as espécies congenéricas do centro e nordeste do Brasil, que aparentam ser mais terrestres.

[10] DESEMPENHO ARBORÍCOLA NA ESCALADA DE SUPORTES VERTICAIS POR SETE ESPÉCIES DE MARSUPIAIS (DIDELPHIMORPHIA) DA MATA ATLÂNTICA

DELCIELLOS, A. C.[1]; VIEIRA, M. V.[2]

[1] ECOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO; [2] UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Os padrões comportamentais e morfológicos dos animais arborícolas refletem especializações locomotoras às várias pressões seletivas que a estrutura do habitat apresenta à sua locomoção. Na Mata Atlântica, os didelfídeos diferem no uso dos estratos verticais e apresentam diferentes estratégias de locomoção associadas às diferenças no desempenho. O objetivo deste estudo foi comparar o desempenho locomotor de sete didelfídeos (Caluromys philander, Didelphis aurita, Gracilinanus microtarsus, Marmosops incanus, Metachirus nudicaudatus, Micoureus demerarae e Philander frenatus) na escalada de suportes verticais, considerando efeitos alométricos e filogenéticos. Os indivíduos foram capturados em áreas de Mata Atlântica no Estado do Rio de Janeiro, Brasil, removidos para laboratório e submetidos aos testes. Os testes consistiam em fazer o animal escalar na sua velocidade máxima suportes verticais de 0,6, 0,9 e 1,25 cm de diâmetro, e foram gravados para medição do comprimento relativo (CPR) e freqüência (FP) das passadas, e da velocidade relativa (VR). As espécies arborícolas foram mais rápidas, pois os testes simulavam características estruturais dos estratos arbóreos da mata. Outra explicação é que as espécies mais arborícolas têm garras mais desenvolvidas, e membros e cauda com maior preensibilidade, permitindo o agarramento dos suportes com maior firmeza. G. microtarsus e M. incanus foram as mais rápidas entre as arborícolas, devido às altas FP e longos CPR, relacionados aos seus pequenos tamanhos corporais e uso de suportes finos na mata. As espécies mais lentas foram D. aurita, de grande tamanho corporal, e M. nudicaudatus, de hábito especializado terrestre e preensibilidade reduzida nos membros e cauda. A espécie mais restrita ao dossel, C. philander, teve o pior desempenho entre as arborícolas, relacionado ao seu tamanho corporal, e locomoção lenta e cuidadosa no dossel. A maioria das espécies aumentou o seu desempenho com o aumento do diâmetro dos suportes, e tiveram a VR determinada tanto pelo CPR como pela FP. As espécies C. philander e M. demerarae não seguiram essa tendência, tendo as suas VRs determinadas principalmente pelo CPR. A maior parte da variação na FP foi correlacionada com o tamanho corporal e com a história filogenética do grupo, o que não foi observado para o CP.

[11] DESVIO NA RAZÃO SEXUAL DO MARSUPIAL PHILANDER FRENATUS: PROBABILIDADE DE CAPTURA É DIFERENTE ENTRE OS SEXOS?

KAJIN, M.[1]; MACEDO, J.[2]; COSTA, G.[2]; VIEIRA, M. V.[2]; CERQUEIRA, R.[2]

[1] GENETICA- DEPTO GENÉTICA - INSTITUTO DE BIOLOGIA, UFRJ; [2] UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - LABORATORIO DE VERTEBRADOS

A razão sexual de populações naturais tende a estar sempre próxima de 1:1. Entretanto, durante um trabalho de captura-marcação-e-recaptura com oito anos de duração (40.425 armadilhas-noite), foram capturados 93 indivíduos de Philander frenatus, dos quais apenas 21 eram fêmeas, uma razão sexual de 1:2,95. O objetivo desse trabalho foi investigar possíveis causas deste desvio na razão sexual de P. frenatus. Os filhotes observados no marsúpio das fêmeas tiveram a razão sexual de 1:1,16, um desvio não significativo para fêmeas. Isto descarta a possibilidade de nascerem mais machos do que fêmeas. Se o desvio fosse causado pela baixa taxa de sobrevivência das fêmeas, numa população com número médio de 2,7 e máximo de 6 indivíduos por amostragem, era de se esperar que efeitos estocásticos causassem extinções locais. Porém, em 49 ocasiões de amostragem, a espécie esteve ausente em apenas duas. A explicação mais provável seria a diferença na probabilidade de captura entre os sexos. Foram analisados seis modelos diferentes usando o programa MARK, que compara os modelos baseado no Critério de Informação Akaike (AIC). Os modelos testados foram: phi(t)p(s*t), phi(.) p(s*t), phi(t)p(t), phi(t)p(s), phi(.)p(t) e phi(.)p(s), sendo p probabilidade de captura, s diferença entre os sexos, phi sobrevivência, t o tempo e (.) ausência de variação. O teste de ajuste do modelo foi feito com 100 simulações partindo do modelo mais geral (phi(t)p(s*t)), com base no qual foi reajustado o valor de ^C ("c-hat"), que indica falta de ajuste. Com ^C reajustado, foram rodados os outros cinco modelos. O modelo que mais se ajustou aos dados foi phi(.)p(s), o que comprova a hipótese de que a diferença na razão sexual é devida à capturabilidade diferenciada entre os sexos.

[12] DIETA ALIMENTAR DE MONODELPHIS DOMESTICA (DIDELPHIMORPHIA) EM ÁREA ADJACENTE AO MÉDIO ITAPECURU, MARANHÃO, BRASIL.

SANTOS, G. S.[1]; ARAGÃO, D. G.[2]; SILVA, L. M. M.[2]; BARROS, M. C.[2]; AZEVÊDO, C. A. S.[2]

[1] DEPARTAMENTO DE QUIMICA E BIOLOGIA, UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO; [2] CESC/UEMA

O estudo biológico da dieta de mamíferos é de grande importância para a avaliação de suas taxas energéticas, compreensão de seus aspectos demográficos e estabelecimento das relações entre as comunidades e sua estrutura. Sendo assim, o presente trabalho objetiva determinar a dieta alimentar da espécie Monodelphis domestica em uma área de transição do Meio-Norte visando contribuir para o conhecimento dos hábitos ou preferência alimentares desta espécie associada a áreas adjacente ao médio Itapecuru. Amostras fecais, previamente armazenadas em álcool e glicerina a 5%, foram triadas e analisadas através de microscópio estereoscópio. Os resultados preliminares mostraram uma grande freqüência de artrópodes: Coleoptera, Orthroptera e Blattodea, uma grande quantidade de pelos e uma variedade de espécies vegetais pertencentes às famílias Palmae, Mimosaceae e Myrtaceae. É válido ressaltar que a área de coleta está situada à margem esquerda do Rio Itapecuru sendo composta por palmeiras e mata secundária caracterizando uma mata de transição (cerradão).

[13] DIETA DE DIDELPHIS AURITA NA FLORESTA NACIONAL DE GOYTACAZES – LINHARES, ESPÍRITO SANTO

RICARDO, L.; JOSÉ, H.

BIOLOGIA, UNILINHARES

O presente estudo, sobre a dieta da espécie Didelphis aurita, ocorreu na Floresta Nacional de Goytacazes, situada no município de Linhares, norte do Estado do Espírito Santo. Esta floresta apresenta a porção norte próxima ao Rio Doce; ao sul e a leste limita-se com pastagens e a oeste com a rodovia BR 101 norte. O estudo estendeu-se durante os meses de março, abril, maio e setembro de 2004, sendo utilizadas duas trilhas já existentes na floresta. Foram utilizadas 32 armadilhas de arame galvanizado com iscas suspensas de banana, abacaxi, maçã e pasta de amendoim, sendo que apenas um desses tipos de iscas era colocado em cada armadilhamento. Foram coletadas e analisadas 65 amostras fecais e os itens encontrados foram os invertebrados, como: aracnídeos e insetos da ordem Coleoptera, Hemiptera, Hymenoptera e outros artrópodes não identificados. A ordem Coleoptera foi encontrada com maior freqüência, perfazendo 75,4% do total de amostras, seguida da ordem Hymenoptera (13,8%), Hemiptera (7,7%) e outros itens não identificados (3,1%). Materiais vegetais também fizeram parte da dieta, pois foram encontradas folhas e sementes de diversos tipos e tamanhos, todas bem trituradas. Estas sementes provavelmente foram ingeridas juntas com as porções comestíveis, refletindo o consumo de frutos. Observa-se, assim, que esta espécie presente na Floresta Nacional de Goytacazes, apresentou uma dieta eurifágica, de hábitos onívoros, destacando uma acentuada predominância de artrópodes e frutos. A prevalência desses itens alimentares na dieta de D. aurita corrobora com a literatura. Palavras-chave: Didelphis aurita; Dieta; Mamíferos

[14] DIMENSÕES FRACTAIS NOS MOVIMENTOS DO GAMBÁ DE ORELHA PRETA, DIDELPHIS AURITA (DIDELPHIMORPHIA: DIDELPHIDAE).

ALMEIDA, P. J.[1]; VIEIRA, M. V.[2]

[1] ECOLOGIA, UFRJ; [2] UFRJ

O estudo dos movimentos dos indivíduos é importante para o entendimento da dinâmica populacional, principalmente para perceber e compreender padrões espaciais e temporais de seleção de habitats e comportamento de forrageamento. Os movimentos são influenciados por fatores intrínsecos ao indivíduo, como fisiológicos (ex. fome e reprodução), habilidades sensoriais (ex. capacidade de visão), e externos, como a estrutura espacial da paisagem.A teoria dos Fractais, por sua versatilidade na análise de fenômenos complexos, vem ganhando espaço nos últimos anos na aplicação ao estudo de movimentos, permitindo não só a mensuração de sua tortuosidade, mas também perceber mudanças sutis no padrão de movimentos com a mudança da escala especial. Nosso objetivo é determinar, a partir da aplicação da Teoria dos Fractais, se existem mudanças no padrão movimentos de Didelphis aurita com a mudança da escala espacial, e se estas mudanças variam entre as estações reprodutivas e não reprodutivas. A área de estudo está localizada no Rio de Janeiro, dentro do Município de Guapimirim, no Parque Nacional da Serra dos Órgãos (PARNA/SO), no Condomínio Garrafão, no km94 da BR 116 (22o28'28"S, 42o 59'86"W). Os animais vêm sendo capturados desde 1997, como parte do estudo de captura-marcação-recaptura do Laboratório de Vertebrados, Universidade Federal do Rio de Janeiro, e sendo rastreados com o método do carretel de rastreamento. Apresentamos aqui uma análise preliminar, baseada em 12 indivíduos machos de diferentes estações reprodutivas com no mínimo 200m de linha seguidas. A mudança da dimensão fractal com a escala, e a correlação entre co-senos de ângulos sucessivos foram calculados com o programa Fractal V4.08. As análises são ainda preliminares, mas os animais parecer ter um uso predominante de manchas ou de caminhos direcionados. Houve uma utilização mais intensiva da área durante a estação não reprodutiva, quando os indivíduos estão predominantemente forrageando, do que a estação reprodutiva, quando os indivíduos devem cobrir áreas maiores ao buscar fêmeas.

[15] INFLUÊNCIA DA DISPONIBILIDADE DE ALIMENTOS SOBRE A DIETA DE MARMOSOPS PAULENSIS (DIDELPHIMORPHIA: DIDELPHIDAE) EM FLORESTA ATLÂNTICA SUB-MONTANA, SP

LEINER, N. O.; SILVA, W. R.

ECOLOGIA, UNICAMP

Marsupiais são considerados animais onívoros, consumindo principalmente invertebrados, frutos e pequenos vertebrados. Variações na disponibilidade de alimentos podem promover alterações na freqüência dos itens consumidos por esses animais, gerando variações sazonais em sua dieta. O objetivo desse estudo foi descrever a composição da dieta de Marmosops paulensis, avaliando a seletividade entre os itens e a variação sazonal da dieta em função da disponibilidade de recursos. Os animais foram capturados mensalmente usando armadilhas Sherman dispostas em uma grade de 1,6 ha, montada na região da Sede administrativa do Parque Estadual Intervales. Os indivíduos capturados entre março de 2003 e julho de 2004 foram marcados com brincos numerados de latão, registrando-se para cada um sexo, peso, idade e condição reprodutiva. Para o mesmo período foi estimada disponibilidade de frutos e artrópodes através de fenologia e armadilhas de queda, respectivamente. Frutos, flores, aracnídeos, insetos, gastrópodes e pequenos vertebrados foram consumidos por M. paulensis. Houve seletividade tanto entre artrópodes (qui-quadrado=18,36; df=5; p=0,003) quanto entre frutos na estação seca (qui-quadrado=32,00; df=2; p<0,00001) e úmida (qui-quadrado=31,42; df=2; p<0,00001). Piperáceas, Blattodea, Coleoptera e Opiliones foram consumidos em maior freqüência do que esperado, de acordo com a disponibilidade dos mesmos. A preferência por piperáceas pode ser devida à previsibilidade espacial e temporal desses frutos. Entre artrópodes, a preferência pelas ordens mencionadas acima parece ser um artefato da maior facilidade em encontrar itens de corpo duro nas amostras fecais. Com relação à variação sazonal, flores e artrópodes foram mais freqüentes na dieta durante a estação seca, provavelmente por causa da maior abundância relativa desses itens nessa época. A diversidade da dieta de M. paulensis também foi maior (t= -7,39; p<0,001) na estação seca (H'=3,498) do que na úmida (H'= 3,121) devido à inclusão de novas espécies de frutos e à menor proporção de Piper na dieta nesse período. É possível que M. paulensis seja mais frugívoro do que sugerem estudos anteriores, e que piperáceas possam funcionar como item ótimo na dieta dessa espécie. Além disso, M. paulensis pode agir como um dispersor eficiente de espécies pioneiras, principalmente de piperáceas. Apoio: CAPES, FMB e Programa BIOTA/FAPESP (99/05090-6 e 03/03595-3).

[16] INFLUÊNCIA DE RIOS COMO BARREIRA GEOGRÁFICA NA DISTRIBUIÇÃO DE NICOUREUS DEMERARAE (DIDELPHIMORPHIA: DIDELPHIDAE) NA BACIA AMAZÔNICA

BANTEL, C.[1]; DASILVA, M. N. F.[2]

[1] ECOLOGIA,INPA; [2] INSTITUTONACIONALDEPESQUISASDAAMAZÔNIA - INPA

O gênero Micoureus reúne atualmente seis espécies: M.alstoni, M.constantiae, M.demerarae, M.paraguayanus, M.phaeus e M.regina. Autores propõem arranjos taxonômicos diferentes e concordam que provavelmente existam mais espécies dentro do grupo do que a taxonomia reconhece, sendo necessárias revisões das distribuições geográficas. A distribuição de M.demerarae é ampla, e alguns a reconhecem na região Amazônica e ao leste do país, enquanto outros a citam também na região central do território brasileiro. Existem diferenças marcantes entre populações, tanto nos padrões de tamanho e forma das estruturas morfológicas, como na grande variação de coloração e características da pelagem, que podem ser resultantes da distribuição em uma extensa área geográfica e diversos fatores ecológicos, ou reflexo da existência de mais de um táxon dentro do grupo. Da Coleção de Mamíferos do INPA, separamos uma amostra de 220 espécimes de M.demerarae, com 85 indivíduos molecularmente analisados, 15 M.regina e quatro Micoureus sp., também seqüenciados. Essa amostra provém de 46 localidades abrangendo todos estados amazônicos, Mato Grosso e Pernambuco, e está sendo biométrica e morfologicamente estudada no intuito de distinguir diferenças existentes dentre os grupos. Pretendemos verificar a variação no grupo M.demerarae, a fim de considera-lo uma espécie única ou sugerir a existência de um complexo de espécies, e se as diferenças estão relacionadas aos Centros de Endemismo e/ou sofrem influência dos grandes rios amazônicos. Análises estatísticas evidenciaram dimorfismo sexual em 18 medidas em M.demerarae, para uma única medida em M.regina das 21 medidas submetidas. Análises discriminantes agruparam distintamente M.regina de um grande grupo parcialmente dividido, separando os M.demerarae amazônicos dos exemplares do Cerrado e dos Micoureus sp.. A aplicação de Nested ANOVA isolou a variação sexual dentro de cada população e distinguiu variação morfométrica entre localidades, observada em todas as medidas externas e em cinco das 15 medidas cranianas. Análises de componentes principais elucidarão, em breve, como as variações crânio e morfometrica se agrupam e se sofrem influência de barreiras e/ou distância geográfica, corroborada pelo teste de Mantel. Finalmente serão realizadas análises filogenéticas, completando a contribuição desse trabalho na revisão da distribuição de M.demerarae na Bacia Amazônica.

[17] INFLUÊNCIA DO CLIMA E DA DISPONIBILIDADE DE RECURSOS NA ABUNDÂNCIA DE TRÊS ESPÉCIES DE MARSUPIAIS NA MATA ATLÂNTICA.

MACEDO, J.[1]; FINOTTI, R.[2]; COSTA, G.[2]; KAJIN, M.[2]; VIEIRA, M. V.[2]; CERQUEIRA, R.[2]

[1] DEPARTAMENTO DE ECOLOGIA - LABORATÓRIO DE VERTEBRADOS, UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO; [2] UFRJ, DEPARTAMENTO DE ECOLOGIA, LABORATÓRIO DE VERTEBRADOS

Foram monitoradas três espécies de marsupiais, Didelphis aurita, Marmosops incanus e Metachirus nudicaudatus, por captura-marcação-recaptura, durante oito anos, em três grades fixas em uma área de Mata Atlântica na Serra dos Órgãos, RJ. Esses animais tiveram estações reprodutivas bem definidas, com dois picos de nascimentos por estação nas espécies D. aurita e M. nudicaudatus e um pico de nascimentos em M. incanus. O objetivo do trabalho foi testar a hipótese de que os recursos alimentares e o clima podem influenciar direta e indiretamente a abundância das espécies. Para isso foram considerados os atrasos na resposta das populações com relação ao número de filhotes desmamados e ao número de filhotes que atingem a maturidade sexual, baseando-se em dados do próprio estudo. Foram estabelecidos para M. incanus atrasos de 6 e 12 meses, para D. aurita 3, 8 e 12 meses e para M. nudicaudatus 4, 6 e 8 meses. Os fatores climáticos utilizados foram a precipitação e a temperatura média. A biomassa de artrópodes do solo, e do aporte de frutos e folhiço, foram usadas como medida de recursos. Para testar as hipóteses foram feitas regressões múltiplas entre o índice de abundância MNKA de cada espécie (com e sem defasagens no tempo) e os fatores climáticos e recursos. Com uma exceção em M. incanus, em todos os testes os coeficientes de determinação foram baixos. Nenhum dos fatores analisados explicou a variação na abundância de M. nudicaudatus. Para D. aurita a pluviosidade explica uma parte da variação na abundância ($r2$=0,27, t=2,32, p=0,028). O aporte de frutos e a temperatura média com seis meses de defasagem explicam uma boa parte da variação na abundância de M. incanus ($r2$=0,53, t=3,11, p=0,005 e $r2$=0,39, t=2,47, p=0,02; respectivamente), o que pode estar indicando que esses fatores têm influência positiva no número de filhotes que se tornam independentes. Em florestas tropicais com alta diversidade, vários fatores podem estar afetando a dinâmica das populações, cada uma delas exercendo efeitos pequenos. Outros fatores dependentes de densidade, interações interespecíficas e microhabitat são necessários para tentar criar modelos que possam explicar melhor as flutuações nas abundâncias populacionais.

[19] LOCOMOÇÃO CURSORIAL E AOS SALTOS DO MARSUPIAL METACHIRUS NUDICAUDATUS (DIDELPHIMORPHIA) NA MATA ATLÂNTICA

DELCIELLOS, A. C.[1]; ANTUNES, V. Z.[2]; VIEIRA, M. V.[2]

[1] ECOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO; [2] UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

O marsupial Metachirus nudicaudatus (DERMAREST, 1817) é o único didelfídeo de hábito locomotor terrestre especializado. Estudos anteriores citam que sua locomoção é realizada aos saltos, embora sua postura neste movimento e ao andar nunca tenham sido descritas. Possui especializações morfológicas ao hábito cursorial, embora alguns autores considerem mamíferos com menos de 5kg e com clavícula como não-cursoriais. Objetivo deste estudo é descrever o comportamento postural de M. nudicaudatus durante sua locomoção no solo da mata e em testes de desempenho em laboratório. Na mata foi construído um experimento que consistia em dois cercados conectados por um corredor estreito onde a locomoção do indivíduo era gravada. No laboratório, os indivíduos tinham que cruzar um suporte plano e quatro cilindros horizontais de diferentes diâmetros, e saltar descontinuidades. O ciclo de passada de maior velocidade foi escolhido para descrição da postura locomotora, do comprimento e freqüência de passada. No cercado, a locomoção foi descrita como um tipo de ricochete no qual, em posição bipedal, o animal utiliza em unissono os dois membros traseiros em uma sucessão de saltos. Nos testes horizontais, os indivíduos não conseguiram desenvolver grandes velocidades e não realizaram saltos, possivelmente devido à altura na qual os suportes estavam fixados, utilizando um andar arborícola no qual cada membro permanece mais de 50% do ciclo da passada em contato com o substrato. Apesar de membros posteriores alongados proporcionarem passadas com maiores comprimentos e velocidades, também movem o centro de gravidade para cima, aumentando a oscilação e reduzindo a estabilidade da locomoção. Apesar disso, aumentaram a velocidade aumentando tanto a freqüência quanto o comprimento de passada como os animais cursoriais, e isto está de acordo com as altas velocidades que desenvolveram no cercado. Apesar do seu hábito locomotor aos saltos, nos testes de transposição de descontinuidades não realizaram saltos. Isso mostra que suas especializações morfológicas para o salto não estão relacionadas à utilização de um ambiente arborícola, mas à habilidade de transpor obstáculos no solo da mata com agilidade. Apesar da sua pequena massa corporal (332,8±129,8g), M. nudicaudatus também pode ser considerado um animal cursorial, e o conceito de cursorialidade deve ser revisto.

[18] ITENS ALIMENTARES DE GAMBÁ-DE-ORELHA-BRANCA (DIDELPHIS ALBIVENTRIS) ATROPELADOS NA BR-277 ENTRE CASCAVEL E FOZ DO IGUAÇU, PARANÁ

MARTINS, G.[1]; GURSKI, F. A.[2]; CÂNDIDO-JÚNIOR, J. F.[2]

[1] LAB. ZOOLOGIA DE VERTEBRADOS, UNIOESTE; [2] UNIOESTE

O estudo da dieta de animais silvestres é importante para o conhecimento sobre a Biologia das espécies estudadas. O projeto "Animais mortos por atropelamento na BR-277, no trecho entre Cascavel e Foz do Iguaçu, e sua utilização para estudos de Biologia da Conservação" fornece muitos materiais biológicos para estudo e destes materiais, o conteúdo estomacal é um dos mais estudados no momento. Os conteúdos estomacais são coletados e conservados em álcool 70% para posterior análise. Essa análise é realizada a olho nu e com o auxílio de microscópio estereoscópio (lupa). Os itens são separados e levados à estufa para secagem à temperatura de 60 °C. Depois de secos, os itens são pesados. Os pesos de cada item são anotados e calcula-se a porcentagem do peso total de cada item. São realizados cálculos de qui-quadrado para análise qualitativa e quantitativa das dietas. O estudo da dieta do gambá-de-orelha-branca (Didelphis albiventris) se mostra importante para a compreensão da ecologia dessa espécie. Os resultados da análise dos 31 conteúdos estomacais coletados demonstraram que o gambá-de-orelha-branca ingeriu 31,18% de vegetais, 2,05% de moluscos, 0,27% de anelídeos, 3,32% de insetos, 0,57% de diplópodos, 4,43% de répteis, 13,7% de aves e 38,37% de mamíferos. Ainda foram encontrados 0,55% de endoparasitos e 5,56% de itens não identificados ou de origem antrópica. Cálculos estatísticos demonstraram uma dieta não significativamente diferente entre vegetais e animais ingeridos. Mas somente entre os répteis, aves e mamíferos, o teste demonstrou que há uma significância e o gambá-de-orelha-branca ingeriu mais mamíferos. Portanto, a dieta do gambá-de-orelha-branca é onívora, mas baseada em animais vertebrados como pequenos mamíferos, filhotes de aves, répteis e pequenos frutos e sementes, demonstrando ser um animal oportunista pois, quando há falta de algum item da sua dieta básica, ele a complementa com invertebrados como moluscos, anelídeos, diplópodos e insetos. Ainda foram encontrados resíduos plásticos em quatro amostras indicando que estes animais obtiveram contato com ambientes antropizados pelo seu hábito nômade.

[20] NINHOS ARTIFICIAIS COMO NOVA PERSPECTIVA NO ESTUDO DEMOGRÁFICO E COMPORTAMENTAL DE MARSUPIAIS NEOTROPICAIS

LORETTO, D.[1]; VIEIRA, M. V.[2]

[1] DEPARTAMENTO DE ECOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO; [2] UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Mesmo representando a maioria dos marsupiais neotropicais, conhece-se pouco sobre a história natural das cuícas e catitas, pois possuem hábitos noturnos e arborícolas, e estudá-los requer o uso de técnicas específicas. Nosso objetivo foi estudar a reprodução das cuícas e catitas encontradas no PARNA Serra dos Órgãos, RJ, através da técnica de ninhos artificiais. Os ninhos foram feitos com colmos de bambus gigantes (ca 40 cm de altura e 12 cm de diâmetro) e colocados a 0, 2,5 e 5 m de altura, em 63 árvores distribuídas em 3 grades de formato 7 x 7 (1,44 ha cada). Escadas de madeira fixadas às árvores permitiam o acesso aos ninhos, todos colocados na posição vertical, em locais com sub-bosque fechado e presença marcante de lianas e cipós. O monitoramento vem sendo feito mensalmente, desde julho de 2003. Os animais encontrados recebem brincos numerados e são registrados a grade e ninho (altura), dentição, peso, tamanho do corpo e da cauda, sexo, condição reprodutiva, descrição geral da arquitetura do ninho e observações individuais. Obtivemos 100 registros, sendo 48 ninhos desocupados e 52 ocupados. As espécies registradas foram Caluromys philander (9 indivíduos, 25 registros), Gracilinanus microtarsus (3 indivíduos, 4 registros), Marmosops incanus (12 indivíduos, 16 registros), Micoureus travassosi (5 indivíduos, 6 registros). A identificação dos ninhos, mesmo os desocupados, pode ser feita pois a arquitetura e o tamanho das folhas usadas diferiu entre as espécies. Apenas 30 % dos registros (12 ninhos ocupados e 18 desocupados) ocorreram nos primeiros 18 meses de estudo, sugerindo um grande período de habituação dos animais com os ninhos. Além disso, apenas 17 % dos indivíduos registrados nos ninhos foram também capturados pelas armadilhas (1 M. travassosi e 4 M. incanus) do estudo de marcação e recaptura desenvolvido na mesma área. No caso de C. philander, sete indivíduos foram marcados nos ninhos de uma grade, onde apenas um indivíduo havia sido capturado nas armadilhas. Apesar de nenhuma fêmea adulta com sinais de atividade reprodutiva ter sido registrada, os ninhos artificiais permitiram amostrar indivíduos que não são capturados nas armadilhas, inclusive podendo detectar a presença de espécies que passariam despercebidas.

[21] PADRÃO DE ATIVIDADE DE GRACILINANUS MICROTARSUS (DIDELPHIMORPHIA:DIDELPHIDAE) EM UM FRAGMENTO DE CERRADÃO.

COLAS-ROSAS, P. F.[1]; BRIANI, D.[2]; CRUZ-NETO, A. P.[3]; VIEIRA, E. M.[3]

[1] ZOOLOGIA, DEPTO. DE ZOOLOGIA – UNESP, CAMPUS DE RIO CLARO; [2] DEPTO. DE ZOOLOGIA – UNESP, CAMPUS DE RIO CLARO; [3] UNISINOS, SÃO LEOPOLDO, RS

Os Padrões de atividade de pequenos mamíferos podem ser considerados como um balanço entre as necessidades de obter energia e os riscos de predação associados com a atividade de forrageio. Como este balanço varia sazonalmente, em função de fatores abióticos e bióticos, espera-se que pequenos mamíferos ajustem seus padrões de atividade em bases sazonais como forma de alcançar o equilíbrio mais vantajoso. Neste estudo analisamos o padrão de atividade de Gracilinanus microtarsus em duas estações do ano, uma úmida-quente (out-mar) e outra seca-fria (abr-set) em um fragmento de cerradão no sudeste de São Paulo. Utilizamos 63 armadilhas "sherman" equipadas com um dispositivo de relógio binário que se ativa quando a armadilha se fecha, possibilitando obter o horário preciso de captura (esforço total de 3780 armadilhas-noite). Um modelo exponencial negativo foi utilizado para corrigir o número de capturas por faixa de horário. As faixas horárias foram estabelecidas a cada 2 horas a partir do anoitecer, totalizando 6 classes horárias. O padrão de atividade de G. microtarsus nas duas estações apresentou-se unimodal noturna, com diferenças em relação às faixas horárias de maior pico. A espécie evitou os horários crepusculares em ambas as estações, sendo que, a primeira (18hs-20hs) e a última (4hs-6hs) classes horárias apresentaram os menores percentuais de atividade. A estação úmida-quente (n=81) apresentou pico de atividade na 4ª classe, enquanto a estação seca-fria apresentou atividade relativamente mais concentrada nas primeiras horas da noite, com pico de atividade na 2ª classe. Na estação seca-fria (n=72), as baixas temperaturas que se acentuam no decorrer da noite podem ter exercido maior influencia no padrão de atividade de G. microtarsus de forma direta (efeito fisiológico) e/ou de forma indireta (via efeito na disponibilidade de alimento), fazendo com que as atividades fossem concentradas nas primeiras horas da noite (2ª Classe). Na estação úmida-quente, com maior disponibilidade alimentar e temperaturas amenas, fatores como competição com outras espécies e/ou comportamentos reprodutivos podem ter exercido influência maior que os fatores ambientais no pico de atividade, deslocando-o para a segunda metade da noite (4ª Classe).

[22] PADRÕES REPRODUTIVOS DE MARMOSOPS PAULENSIS (DIDELPHIMORPHIA: DIDELPHIDAE) EM UMA ÁREA DE FLORESTA ATLÂNTICA SUB-MONTANA, SUDESTE DE SÃO PAULO

LEINER, N. O.[1]; SETZ, E. Z. F.[1]; SILVA, W. R.[2]

[1] ECOLOGIA, UNICAMP; [2] UNICAMP

Marsupiais se reproduzem sazonalmente, em períodos que se repetem anualmente. O início e a duração do período reprodutivo parecem determinados por fatores climáticos, alimentares e sociais. Marmosops paulensis é uma espécie endêmica da Mata Atlântica, que só ocorre em altitudes acima de 800 metros, desde o Rio de Janeiro até o Paraná. O objetivo desse estudo foi descrever os padrões reprodutivos de M. paulensis e o efeito de fatores climáticos e da disponibilidade de recursos alimentares sobre seus padrões reprodutivos. De agosto de 2002 até julho de 2004 foi realizado um estudo de captura-marcação-recaptura no Parque Estadual Intervales, na região da Sede administrativa. Os animais foram capturados mensalmente usando armadilhas Sherman dispostas em uma grade de 1,6 ha e marcados com brincos numerados de latão. Sexo, peso, idade e condição reprodutiva foram anotados para cada indivíduo capturado (N= 42 indivíduos e 175 capturas, n= 10000 armadilhas-noite). Para o mesmo período foram registrados a precipitação e o fotoperíodo e estimada a disponibilidade de frutos e artrópodes através de fenologia e armadilhas de queda, respectivamente. A atividade reprodutiva das fêmeas de M. paulensis (22) se concentrou entre setembro e março. Uma combinação de aumento na precipitação, na duração do dia e na disponibilidade de frutos foi responsável pelo início da reprodução (regressão logística precipitação – qui-quadrado =10.68; p=0.01; fotoperíodo – qui-quadrado =29.54; p=0.0000001; disponibilidade de frutos – qui-quadrado =19.71; p=0.000009) na população estudada. Após o período reprodutivo, os indivíduos adultos desapareceram da população, indicando uma alta mortalidade pós-reprodutiva, como já foi observado em outros didelfídeos e dasyurídeos. Cada indivíduo participou de apenas um evento reprodutivo, caracterizando uma história de vida semélpara. Com base na literatura, duas hipóteses para esta semelparidade se destacam: a variação sazonal na disponibilidade de frutos e a inércia filogenética. A existência dessa estratégia somada à alta sincronia reprodutiva dos indivíduos de M. paulensis sugere a atuação do fotoperíodo como peça-chave regulando a atividade reprodutiva dessa espécie. Apoio: CAPES, FMB, Fapesp (03/03595-3) e BIOTA/FAPESP

[23] PREFERÊNCIA DE MICROHABITAT POR MARSUPIAIS EM UMA ÁREA DE MATA ATLÂNTICA (RJ).

NEVES, C. L.[1]; FREITAS, S. R.[2]; CERQUEIRA, R.[2]; GRELLE, C. E. V.[2]; CHERNICHARO, P. S. L.[2]; MANSUR, S. T.[2]

[1] ECOLOGIA, UFRJ; [2] UFRJ

O processo pelo qual indivíduos de uma espécie usam de forma não ocasional determinadas áreas é chamado de seleção de habitat. Tal afirmação baseia-se no fato de que as espécies se distribuem de forma diferenciada no ambiente devido à heterogeneidade ambiental. O objetivo deste trabalho foi associar quatro espécies de marsupiais à estrutura do microhabitat em uma área de Mata Atlântica, obtendo assim, seus respectivos modelos de preferência de microhabitat. A área de estudo (Garrafão, Guapimirim-RJ), localizada dentro dos limites do Parque Nacional da Serra dos Órgãos, é uma região característica de Mata Atlântica na qual foram montadas três grades de 0,64ha em diferentes altitudes (A=748m, B=652m e C=522m), com 25 estações de captura cada. As variáveis de microhabitat foram tomadas sobre cinco estacas (quatro laterais distanciadas 3m de uma central) em cada uma das estações de captura, bimestralmente, concomitantemente à excursões de captura, marcação e recaptura de pequenos mamíferos. As variáveis medidas foram: cobertura de caules herbáceos e lenhosos, de folhiço, de pedras e de dossel; obstruções foliares em três alturas (0,0-0,5m; 0,5-1,0m; 1,0-1,5m) e número de troncos caídos. Todas as variáveis, exceto troncos caídos, foram medidas através de uma tela com moldura de madeira de 0,25m2 contendo 100 quadrados vazados. Os modelos de preferência de microhabitat foram obtidos através da análise de Regressão Logística, onde a variável dependente (y) é categórica (presença ou ausência das espécies nas estações de captura), e as variáveis independentes (x) podem ser contínuas ou categóricas, correspondendo às variáveis de microhabitat. As espécies de marsupiais analisadas foram Didelphis aurita, Marmosops incanus, Metachirus nudicaudatus e Philander frenatus. Através dos modelos de Regressão Logística obtidos para cada espécie, constatou-se que a presença de M. incanus esteve positivamente associada à cobertura de caules herbáceos e lenhosos, enquanto P. frenatus esteve positivamente associado à cobertura de pedras e obstrução foliar vertical próxima ao chão (0,0-0,5m). Nenhuma das características estruturais de microhabitat foi relevante para a ocorrência de D. aurita e M. nudicaudatus. As espécies que apresentaram preferência de microhabitat dependem de uma vegetação herbácea e de sub-bosque mais fechada que favorece proteção contra possíveis predadores e/ou a locomoção.

[24] REGISTRO DE PREDAÇÃO DE CUÍCA-D'ÁGUA (CHIRONECTES MINIMUS: DIDELPHIDAE) POR GAVIÃO-CARIJÓ (BUTEO MAGNIROSTRIS: ACCIPITRIDAE)

TORTATO, M.

FAUNA, CAIPORA

A cuíca-d'água é um marsupial encontrado em áreas florestadas e abertas, em regiões com a presença de rios, riachos e lagoas. Tem hábitos noturnos e não anda em grupos. É um excelente nadador e raramente sobe em árvore. Alimenta-se de animais aquáticos, como peixes, camarões e outros invertebrados que consegue capturar na água. Informações precisas sobre esta espécie são raras e pouco se sabe sobre seus predadores. Eventos pontuais acerca dos aspectos ecológicos desta espécie podem contribuir para futuros estudos. Neste sentido, relata-se um registro da predação de uma cuíca-d'água por gavião-carijó, ocorrido à margem de um dos inúmeros córregos do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro (PEST), SC, mais precisamente em uma área de Floresta Ombrófila Mista. Esta área caracteriza-se como um núcleo relito desta formação e compreende aproximadamente cinco mil hectares, ladeado por Floresta Ombrófila Densa. No interior deste núcleo existem algumas estradas em meio à vegetação, muitas das quais acompanham ou cruzam os cursos d'água e foi em uma destas vias que verificou-se a predação. Tratava-se de uma cuíca jovem que provavelmente saiu do riacho em busca de alimento numa poça na estrada (rastros do Chironectes foram observados em volta da poça) e ficou vulnerável ao ataque do rapineiro. Foi encontrada a parte posterior do corpo da cuíca, momentos após o evento da predação, com o gavião sobre a carcaça. O registro foi feito no mês de março de 2004, às 15 horas de um dia nublado. A altitude do local está em torno de 900 metros. O Chironectes minimus até então não tinha sido registrado para o PEST e sua distribuição no Estado de Santa Catarina ainda é pouco conhecida. O predador ainda tinha plumagem de jovem. Esta espécie de gavião é relativamente comum nas matas do PEST e já se sabe que tem uma dieta bastante diversificada.

[25] RELAÇAO ENTRE USO DO ESTRATO, SAZONALIDADE E RAZÃO SEXUAL DO MARSUPIAL MICOUREUS PARAGUAYANUS NO PARQUE ESTADUAL DO RIO DOCE, EM MINAS GERAIS

CUNHA, H.[1]; PAGLIA, A. P.[2]; MOURA-JÚNIOR, A. J.[3]

[1] ZOOLOGIA, UFMG; [2] CONSERVAÇÃO INTERNACIONAL, UFMG; [3] UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Os marsupiais didelfideos representam grande importância na composição da fauna de pequenos mamíferos de toda a Mata Atlântica. O Parque Estadual do Rio Doce (PERD) possui uma área de 35.976 ha. Sua vegetação em sua grande maioria está representada pela floresta estacional semidecidual em vários estágios de sucessão. O objetivo desse estudo foi avaliar as relações entre o uso do estrato da mata, as estações do ano e o sexo dos indivíduos da espécie Micoureus paraguayanus, testando as seguintes hipóteses: 1) A razão sexual total difere de 1:1? 2) A razão sexual difere entre estações do ano? 3) Existe diferença na utilização do estrato da mata entre os sexos 4) A estação do ano interfere na utilização do estrato? e 5) O sexo do animal e a estação do ano interagem para influenciar a utilização do estrato da mata? Foram realizadas 25 campanhas bimestrais entre novembro/2000 a abril/2005. Foram escolhidas duas áreas: Vinhático e Campolina, cada uma com três transectos paralelos com 15 estações distanciadas em 20 metros, com duas armadilhas dispostas alternadamente no solo e à média altura. Foram capturados no total 523 indivíduos, sendo 274 machos e 249 fêmeas. 80% das capturas foram no alto e 63% na estação seca. Não encontramos desvio na razão sexual para todos os indivíduos capturados ($c2 = 1,2$; $gl = 1$; $p = 0,27$), porém, machos são capturados mais freqüentemente na estação seca e fêmeas na estação chuvosa ($c2 = 9,1$; $gl = 1$; $p = 0,002$). Existe uma tendência de machos serem mais capturados no chão e fêmeas no alto ($c2 = 2,8$; $gl = 1$; $p = 0,09$) e, independente do sexo, uma tendência de aumento das capturas no chão na época seca ($c2 = 2,8$; $gl = 1$; valor-$p = 0,08$). O padrão detectado sugere que durante a estação seca os machos se movimentam mais e os animais descem ao solo com mais freqüência, possivelmente em busca de alternativas alimentares. Uma hipótese explicativa seria a diminuição da abundância de insetos no dossel na estação seca. Os resultados indicam que Micoureus paraguayanus deve ser considerado um marsupial escansorial.

[26] REPRODUCCIÓN DE DIDELPHIS ALBIVENTRIS EN UNA ZONA RURAL DE LA PROVINCIA DE BUENOS AIRES, ARGENTINA

PEREZ-CARUSI, L.[1]; GÓMEZ-VILLAFAÑE, I.[2]

[1] ECOLOGÍA, GENÉTICA Y EVOLUCIÓN, FACULTAD DE CIENCIAS EXACTAS; [2] UNIVERSIDAD DE BUENOS AIRES

Didelphis albiventris se distribuye ampliamente en América del Sur, revistiendo importancia sanitaria y económica ya que actúa como nexo entre ambientes domésticos y silvestres pudiendo dispersar enfermedades durante sus movimientos y producir daños a huertos y gallineros. El objetivo del trabajo es estudiar las características reproductivas de zarigüeyas que habitan un área rural (Partido de Exaltación de la Cruz) de la Provincia de Buenos Aires, Argentina, a fin de aportar conocimientos sobre la ecología de la especie en un área de su distribución donde prácticamente no hay estudios previos. Se capturaron mensualmente zarigüeyas desde febrero de 2004 hasta enero de 2005 mediante búsqueda manual. Se determinó el sexo, la edad (en base a la erupción y desgaste molar), el estado reproductivo y las medidas morfométricas de los individuos capturados. Se capturaron 109 individuos. Se detectaron hembras de clases de edad 4 y 5 con crías en el marsupio desde fines del invierno hasta fines de primavera. La época reproductiva se extendió desde mediados de agosto hasta mediados de marzo, constando de dos eventos reproductivos: el primero desde agosto hasta septiembre y el segundo en noviembre. El tamaño de camada promedio fue de 8,75±2,31 fetos/hembra (N=8 hembras), no difiriendo los valores al comparar los dos eventos reproductivos (1ª pico: 8,83±2,56; n= 6 y 2ª pico: 8,5±2,12; n=2). Sin embargo, se observó una asociación directa entre el tamaño de camada y el peso de las hembras ($rs=0,62$; $p=0,09$). No se observó una mortalidad en los fetos desde el pseudoparto hasta el momento del destete ($rs=-0,22$; $p=0,59$). Sobre la base de estos resultados, podemos concluir que Didelphis albiventris en esta zona austral de la distribución poseen una productividad anual de 18 crías por hembras; dependiendo el tamaño de camada de las características propias de las hembras mas que de las condiciones ambientales que varían a lo largo de la época reproductiva.

[27] USO DA ESTRATIFICAÇÃO VERTICAL PELO MARSUPIAL MICOUREUS TRAVASSOSI EM ÁREAS DE MATA NO PARQUE NACIONAL DA RESTINGA DE JURUBATIBA, RJ.

MARTINS-HATANO, F.[1]; LUZ, J. L.[1]; ALVES, A. G.[1]; RIBEIRO, T. T. L.[2]; MELO, M. A. R.[3]; ALVEREZ, C.[3]; JORDÃO-NOGUEIRA, T.[1]; MANGOLIN, R.[1]; BERGALLO, H. G.[1]; RAÍCES, D.[4]

[1] UERJ; [2] IBAMA; [3] UFRJ; [4] ECOLOGIA, UERJ

O marsupial Micoureus travassosi é um dos maiores membros da família Marmosidae, com cerca de 105 gramas de peso. É encontrado na Mata Atlântica, tem hábitos arborícolas, é noturno e sua dieta consiste basicamente de insetos e frutos. O gênero tem ampla distribuição na América do Sul. No Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba, foram abertos transectos em seis matas periodicamente inundadas, nestas foram colocadas armadilhas no chão de 20 em 20 metros e nas árvores de 40 em 40 metros. Em todas as matas foram respeitadas uma relação de quatro armadilhas no chão para uma no sub bosque e uma no dossel, resultando assim em um total de 4050 armadilhas noites, sendo 2700 no solo, 675 no sub-bosque, a uma altura de aproximadamente dois metros do chão, e 675 no dossel. Nas 55 noites de armadilhamento, foram capturados 114 indivíduos de Micoureus travassosi. Com apenas a primeira captura de cada animal sendo contabilizada nas análises, foram amostrados 42 machos adultos, 10 machos jovens, 47 fêmeas adultas e 15 fêmeas jovens. Com exceção dos machos jovens que tiveram apenas uma captura no chão, 3 no sub bosque e 6 no dossel, todos os adultos e as fêmeas jovens apresentaram o maior número de capturas no sub bosque. Os machos adultos foram capturados 9 vezes no chão, 22 no sub bosque e 11 no dossel. As fêmeas adultas tiveram 14 capturas no chão, 25 no sub bosque e 8 no dossel. As fêmeas jovens foram capturadas 2 vezes no chão, 9 no sub bosque e 4 no dossel. Com este resultado, foi verificado que na matas do PNRJ, o marsupial M.travassosi tem hábitos escansoriais, sendo frequentemente capturado em estratos intermediários da mata.

[28] VARIAÇÃO NATURAL DOS ISÓTOPOS ESTÁVEIS DE CARBONO (δ‰13C) NA AVALIAÇÃO DO CONSUMO ALIMENTAR DE GRACILINANUS MICROTARSUS EM CONDIÇÕES DE LABORATÓRIO

BRIANI, D. C.[1]; CRUZ-NETO, A. P.[2]; DUCATTI, C.[3]

[1] ZOOLOGIA, UNESP; [2] DEPTO. DE ZOOLOGIA, I.B. UNESP - RIO CLARO, SP, BRASIL; [3] CENTRO DE ISÓTOPOS ESTÁVEIS AMBIENTAIS, UNESP - BOTUCATU

O estudo teve o objetivo de calibrar a composição isotópica de (δ‰13C) na dieta de Gracilinanus microtarsus em condições controladas de laboratório. A utilização da composição isotópica das fezes de mamíferos tem se mostrado uma forte ferramenta para trabalhos sobre dieta de diferentes espécies. Valores de δ 13C refletem o consumido de alimentos a curto prazo de tempo. Em nosso estudo as fezes dos animais apresentaram um rápido equilíbrio isotópico de δ 13C com a dieta a que foram submetidos, embora tenham apresentado um valor baixo fracionamento isotópico (-0,16‰). A utilização do carboro-13 como único traçador isotópico nesse experimento de consumo alimentar foi suficiente para diferenciar itens alimentares de diferentes composições isotópicas. O modelo isotópico aplicado nesse estudo é baseado na equação do balanço de massa e valor isotópico entre duas fontes participativas do produto. O modelo apresentou resultados satisfatórios e condizentes com os valores isotópicos encontrados nas fezes dos animais, dando assim, subsídios para estudos de dieta da espécie em vida livre utilizando-se a técnica de isótopos estáveis. No entanto, é recomendável a utilização de mais de um marcador para estudo de dieta alimentar, caso se pretenda aumentar o número de itens alimentares a serem testados Nesta situação, é interessante utilizar dois isótopos como por exemplo, 15N versus 13C. Este duplo eixo isotópico permite usar várias fontes primárias de alimentação na obtenção de um único produto.

Fisiologia

[29] AVALIAÇÃO DO MÉTODO DA CONDUTIVIDADE ELÉTRICA CORPÓREA (TOBEC) PARA ESTIMAR A CONDIÇÃO CORPÓREA: ESTUDO DE CASO COM A CUÍCA GRACILINANUS MICROTARSUS

BRIANI, D.C.[1]; DUARTE, L. C.[2]; CRUZ-NETO, A. P.[3]

[1] ZOOLOGIA, UNESP; [2] DEPT. OF ZOOLOGY, UNIVERSITY OF ABERDEEN, SCOTLAND - UK; [3] DEPTO. DE ZOOLOGIA, I.B. UNESP - RIO CLARO, SP, BRASIL

A condição corpórea de um animal esta associada ao seu estado energético e, portanto, fornecem uma medida indireta da aptidão. Métodos químicos para quantificar a composição corpórea são mais precisos, mas tem o inconveniente de serem destrutivos. Como forma de contornar estes problemas diversas metodologias indiretas foram desenvolvidas, sendo o uso da condutividade elétrica corpórea total (TOBEC) uma das mais utilizadas. Apesar de ser considerado um método não-invasivo, TOBEC requer validação contra dados químicos, e esta validação é espécie-específica. No presente trabalho, procuramos validar o método TOBEC para estimar dois compartimentos da condição corpórea, massa magra e lipídeos, para o marsupial Gracilinaus microtarsus. Procuramos também testar a precisão e acuracidade dos diversos modelos de regressão propostos para a validação do método. Apesar do método TOBEC ter sido adequado para estimar a massa magra de G. microtarsus, sua eficiência é maior quando utilizado em conjunto com outras medidas biométricas para corrigir eventuais diferenças interindividuais na massa corpórea ou na massa magra. Portanto, não encontramos justificativa para o uso do chamado modelo clássico para estimar a massa magra com o método TOBEC. Não encontramos diferença entre os chamados modelos de dois-estágios ou modelos diretos e inversos para estimar a massa de lipídeos. Todavia, a capacidade do método, independentemente do modelo utilizado, mostrou-se aquém da desejada para estimar a quantidade de lipídeos. Portanto, a baixa capacidade do método não reflete qual o tipo de modelo utilizado, mas sim as condições intrínsecas de reserva de gordura do que ao método propriamente dito.

Genética

[30] CARACTERIZAÇÃO CITOGENÉTICA DE GLIRONIA VENUSTA (MARSUPIALIA: DIDELPHIDAE) PROVENIENTE DO RIO MADEIRA, RONDÔNIA, BRAZIL.

FANTIN, C.[1]; SILVA, M. N. F.[2]

[1] BIOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS; [2] INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA

Glironia venusta (Marsupialia: Didelphidae) é considerada uma das espécies mais raras dentre os marsupiais sul-americanos, tendo sido incluída na Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas (IUCN 2002) como espécie vulnerável. *G. venusta* tem hábitos arborícolas, e acredita-se que raramente baixe ao solo, embora exista na literatura registro para um indivíduo capturado no estado de Rondônia em armadilha de queda ("pitfall trap"). A fêmea aqui estudada também é de Rondônia, e foi capturada em armadilha do tipo Tomahawk em Floresta Ombrófila aberta próxima a Porto Velho. Análises citogenéticas foram realizadas pela primeira vez em *Glironia venusta*. Para a obtenção de cromossomos mitóticos foi utilizada a técnica de obtenção de cromossomos metafásicos a partir de medula óssea. Os resultados mostraram que o número cariotípico é 2N=18 cromossomos, sendo 4 metacêntricos, 2 sub-metacêntricos e 12 acrocêntricos. O estudo da região organizadora de nucléolo se deu por meio da impregnação pelo nitrato de prata e evidenciou uma NOR simples localizada na região telomérica do par cromossômico número 6. Apenas um indivíduo foi analisado, uma vez que tanto as localidades quanto o número de exemplares conhecidos são escassos, com registros de praticamente um exemplar por localidade. Outros estudos utilizando-se novas técnicas são necessários, para uma melhor caracterização citogenética dessa rara espécie.

Levantamento

[31] MICROSATELLITES MARKERS FOR MICOUREUS DEMERARAE POPULATION BIOLOGY IN RIO DOCE PARK, A FRAGMENT OF ATLANTIC FOREST IN BRAZIL

DIAS, I. M. G.[1] ; ASSIS, J. B.[1] ; PAIVA, A. L. B.[1] ; CUNHA, H.[1] ; PAGLIA, A.[2] ; CARVALHO, M. R. S.[1] ; FONSECA, C.[3]

1 ICB - UFMG; 2 CI BRASIL; 3 BIOLOGIA GERAL - GENÉTICA, ICB – UFMG

As one of the richest and most endangered ecosystems of the world, the Atlantic Forest deserves research and effective action for biodiversity conservation. The "Rio Doce" Park is the larger remnant fragment (35,974 ha) on Minas Gerais (Brazil). The most frequent marsupial species in the park are Micoureus demerarae (or M. paraguayanus) and Didelphis aurita. Because of its abundance M. demerarae is a good species model for studying habitat fragmentation. Due to their high number o alleles and heterozygosity level, microsatelite markers are important tools to wild animal identification and to estimation of population size and amount/ distribution of genetic diversity. Only four microsatellite loci have been described for Micoureus. This number is insufficient for genetic population approaches, which requires a larger number of markers. The main purpose of this work is to establish an heterologous microsatellitas panel in order to add new markers to the small number of primers described for the species. Animals are captured in livetraps (Sherman and Tomahawk) put alternately on floor and tree branches. DNA was extracted from mouth cells (swab) and/or blood cells from eight among 54 individuals sampled with proteinase K/ NaCL precipitation protocol. Thirty microsatellites from Mus musculus and six from D. marsupialis, all these available on the web, were tested until this moment. PCR amplification of the 36 microsatellite loci were performed using the primers mentioned before. PCR products were loaded into 8% electrophoresis polyacrilamide gel stained with silver nitrate. The amplified fragments were analyzed through electrophoresis using a 12% polyacrilamide gel in order to achieve a high level of allele separation. Only two markers of mouse (D7Mit189 e D15Mit156) and one of opossum (Dm1) showed results. Dm1 marker is polymorphic when tested in eight individuals: six of them were heterozygotes and two homozygotes. Four alleles were detected. This research demonstrated, despite the difficulty associated with usage of heterologous microsatellites, they can provide an informative molecular marker panel. The mouth cells swab, a nondestructive sampling technique to obtain DNA, is important because it is rapidly provides large amounts of high quality DNA and animal stress is reduced due to faster handling.

[32] AS ESPÉCIES DE MARSUPIAIS (DIDELPHIDAE) NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

SEGATTO, E. B.[1]; PASSAMANI, M.[2]

[1] TÉCNICA, IDERMA - INSTITUTO DE DEFESA E ESTUDOS DOS REMANESCENTES DA MATA ATLÂN; [2] UVV - CENTRO UNIVERSITÁRIO VILA VELHA, ES

Este trabalho teve como objetivo avaliar a ocorrência de espécies de marsupiais no Estado do Espírito Santo, a partir da revisão bibliográfica dos trabalhos que envolveram capturas. A análise mostrou 12 trabalhos para o Estado, sendo 10 para a região a sul do rio Doce e 2 ao norte. Para análise, foi considerado por espécie um registro de ocorrência a área estudada, sendo considerado apenas o primeiro registro de cada espécies/área. Os resultados demonstraram a ocorrência de 10 gêneros em 12 espécies de marsupiais da família Didelphidae, o que representa cerca de 52% dos marsupiais que ocorrem na Mata atlântica. Destas, sete são endêmicas deste Bioma (Didelphis aurita, Marmosops incanus, Gracilinanus microtarsus, Monodelphis americana, M. scalops, Philander frenatus, Micoureus travassosi) e duas (Chironectes minimus, Monodelphis scalops) estão na Lista de Espécies da Fauna Ameaçadas de Extinção no Espírito Santo. A espécie mais comum foi o gambá (D. aurita) que foi reportado em 11 estudos (17,5%), seguindo de Marmosa murina, M. incanus e G. microtarsus em 7 estudos (11,1%), Metachirus nudicaudatus, M. americana e P. frenatus em 6 (9,5%), Caluromys philander e M. travassosi em 4 (6,4%) e C. minimus, Monodelphis domestica e M. scalops em 2, 2 (3,2%) e 1 (1,6%) respectivamente. Nas 12 áreas estudadas, o município de Santa Teresa foi que apresentou a maior riqueza de espécies com todas as espécies citadas. As áreas de menores riquezas foram no município de Marechal Floriano e Castelo (no Parque Estadual da Cachoeira da Fumaça) com 2 espécies e Vila Velha (Parque Estadual de Jacarenema) com uma espécie. Foi verificada uma associação positiva em relação ao número de espécies e esforço de captura / área (r= 0,768), o que não foi encontrado para riqueza e sucesso de captura (r= -0,064). Algumas espécies podem não ter sido registradas em decorrência da metodologia utilizada (não amostragem no estrato superior e com armadilhas de queda - pitfall),o que pode dificultar a captura de espécies arborícolas e terrestres respectivamente. De modo geral, há uma deficiência de informação sobre os marsupiais no Espírito Santo, e algumas áreas importantes, como o noroeste do Estado, necessitam ser inventariados.

[33] FAUNA DE PEQUENOS MAMÍFEROS DA FLORESTA NACIONAL DE GOYTACAZES – LINHARES, ESPÍRITO SANTO

FALCHETO, J. N.; JOSÉ, H.

BIOLOGIA, UNILINHARES

O presente estudo, sobre levantamento de pequenos mamíferos terrestres, ocorreu na Floresta Nacional de Goytacazes, com uma área de 1350 hectares. O estudo ocorreu nos meses de março, abril, maio e setembro de 2004, sendo utilizadas duas trilhas já existentes na floresta, onde foram dispostas 32 armadilhas de arame galvanizado com isca suspensa especializada para captura de animais vivos. O esforço de captura total foi de 796 armadilhas/noite, resultando na captura de 123 animais, apresentando um índice total de animais capturados de 15,5%. As espécies capturadas foram Didelphis aurita e Metachirus nudicaudatus, sendo a primeira a mais abundante com 98,4% do total de indivíduos capturados e M. nudicaudatus com 1,6%. O elevado índice de captura da espécie D. aurita deve-se a grande flexibilidade adaptativa desta espécie em ambientes alterados e em matas nativas. Pode-se observar que o comportamento pós-soltura diferiu entre os animais. Cerca dos 64% dos animais capturados utilizaram o solo como rota de fuga, enquanto que 36% do restante optaram pela via arbórea. Isso confirma que a espécie D. aurita de fato é escansória, ou seja, utiliza tanto o estrato terrestre quanto os verticais. Utilizando a análise de variância, foi constatado que o peso, o comprimento corpo-cabeça e a cauda dos machos adultos de D. aurita foram significativamente maiores que os das fêmeas adultas desta espécie. Portanto, a espécie D. aurita apresenta dimorfismo sexual para essas características. Palavras-chave: Didelphis aurita; Metachirus nudicaudatus; Mata Atlântica; pequenos mamíferos; Mata de Aluvião.

[34] LEVANTAMENTO DE PEQUENOS MAMÍFEROS (RODENTIA E MARSUPIALIA) DE UM REMANESCENTE DE MATA ATLANTICA DO VALE DO MÉDIO RIO DOCE, MG

COELHO, D.[1]; SCOSS, L.[2]; NUNES, A.[3]; ZAPPES, C.[4]

[1] LABORATÓRIO DE ECOLOGIA, UNIVERSIDADE VALE DO RIO DOCE - UNIVALE; [2] UNIVERSIDADE VALE DO RIO DOCE - UNIVALE; [3] UNIVERSIDADE VALE DO RIO DOCE; [4] UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA - UFJF

Os pequenos mamíferos desempenham importantes funções na dinâmica das florestas tropicais como polinização, predação e dispersão de sementes, regulando o crescimento de populações de plantas e de outros animais, além de serem espécies-chave em fragmentos florestais. O principal objetivo deste estudo foi iniciar o inventário das espécies de roedores e marsupiais do Vale do Médio Rio Doce, Leste de Minas Gerais. Este estudo foi realizado entre os meses de Junho de 2004 a Maio de 2005 na Usina de Tronqueiras/CEMIG (60ha), representando a heterogeneidade da área do local (vegetação ciliar, campo aberto, bambuzal, mata secundária). Foram realizadas 11 campanhas de campo de três noites consecutivas de coleta, totalizando um esforço amostral de 1.131 armadilhas/noite. As armadilhas foram dispostas em linhas de amostragem com 30 a 40 armadilhas tipo gancho (31,5x14,0x14,0cm), com isca composta de banana, sardinha, fubá e canjiquinha. Foram registradas 8 espécies de pequenos mamíferos (n=18) sendo 4 espécies de roedores (Trinomys sp., Akodon sp., Nectomys squamipes, Oecomys bicolor) e 4 de marsupiais (Didelphis marsupialis, Marmosops incanus, Philander frenata, e Monodelphis americana). As espécies mais abundantes foram Didelphis marsupialis (n=5) e Akodon sp. (n=4). Estes resultados representam 27% do número total de espécies de pequenos mamíferos já registradas para o Médio Rio Doce (n=30), sendo que três espécies capturadas neste estudo (Philander frenata, Oecomys bicolor e Trinomys sp) ainda não haviam sido registradas para a região, mesmo que a distribuição geográfica destas espécies seja previsível para o Leste de Minas Gerais. Os resultados indicam que a área de estudo apesar de todo o histórico de perturbação mantém uma diversidade de pequenos mamíferos representativa do bioma Floresta Atlântica e que o registro de três espécies ainda não identificadas na região indica o elevado grau de desconhecimento da biodiversdiade local. A comunidade de pequenos mamíferos neste estudo foi subestimada, já que representamos apenas o extrato herbáceo do ambiente. Um aumento no esforço amostral e a utilização de outros tipos de armadilhas de captura dispostas no gradiente vertical, pode resultar no aumento do sucesso de captura e da riqueza de espécies do inventário iniciado na região.

[35] MARSUPIAIS DO FRAGMENTO DE FLORESTA DO CAMPUS MARCO ZERO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ, MACAPÁ, BRASIL.

CARDOSO, E.; CASTRO, I.J.; SOUZA, C.G.; SILVA, S.R.; CAMPOS, C.E.C.; ARAÚJO, A.S.; SÁ-OLIVEIRA,

ZOOLOGIA, UNIFAP - UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ

A ação antrópica contribui para a diminuição e fragmentação das áreas naturais obrigando a fauna silvestre a viver em áreas cada vez menores. A fragmentação dos ambientes naturais é, na atualidade, uma das maiores ameaças a biodiversidade biológica. Nas comunidades de pequenos mamíferos, pode-se notar que algumas espécies são abundantes em determinados habitats e ausentes em outros, fato que possivelmente está relacionado com as características estruturais do ambiente. Estas características podem influenciar na distribuição e abundância das espécies. O objetivo deste trabalho foi realizar um levantamento de marsupiais do fragmento de floresta localizado na área do Campus Marco Zero da Universidade Federal do Amapá, contribuindo desta forma para elaboração de estratégias para conservação e manutenção da fauna residente em questão. O levantamento foi iniciado no período de junho de 2003 em uma área de floresta constituída de mata de transição (capoeira e cerrado) com 90.672.245 m2, e inserida no perímetro urbano da cidade de Macapá. O levantamento das espécies foi realizado através de captura, utilizando-se armadilhas de interceptação e queda "pitfall traps" e de arame galvanizado de tamanho pequeno (15cm x 15cm x 30cm). Métodos diretos (registro visual e fotográfico, observação diurna, crepuscular e noturna ao longo das trilhas do Campus) e indiretos (caracterização de fezes, pegadas e rastros) também foram utilizados. Registrou-se três espécies da Ordem Marsupialia: Didelphis marsupialis, Caluromys philander e Marmosa murina. Através dessas dados sugere-se monitoramento populacional destas espécies em longo prazo visando avaliar sistematicamente os eventuais efeitos da ação antrópica subsidiando, assim, uma base de dados para o manejo e conservação destas populações.

[36] OCORRÊNCIA DE PEQUENOS MAMÍFEROS EM FRAGMENTO DE FLOTRESTA ATLÂNTICA – SÍTIO PARAÍSO, LINHARES, ESPÍRITO SANTO

FERREIRA, E. T. B.[1]; JOSÉ, H.[2]

[1] UNILINHARES; [2] DEPTO. DE BIOLOGIA, UNILINHARES

O presente estudo, de comunidades de pequenos mamíferos, ocorreu em um fragmento de floresta Atlântica, Sítio Paraíso, no município de Linhares-ES, com área de 50 ha, confrontando-se ao norte com o Lagoa Juparanã; sul, com área de pastagem; leste, Lagoa Juparanã e a oeste, com plantação de café. Foram feitas três trilhas, onde colocou-se um total de 42 armadilhas de arame galvanizado, apropriadas para a captura de animais vivos. Os meses de estudo foram de maio a setembro de 2003. Um esforço de captura de 350 armadilhas/noite resultou em 74 capturas de 55 indivíduos. As espécies capturadas foram Didelphis aurita e Marmosa murina, sendo a primeira a espécie mais abundante com 96,4% do total de indivíduos capturados, seguida de M. murina com 3,6%. A baixa riqueza de espécies pode estar vinculada com o isolamento e o pequeno tamanho do fragmento em estudo. Palavras-chave: Didelphis aurita; Marmosa mirina; Mata Atlântica; pequenos mamíferos.

Morfologia

[37] DIFERENCIAÇÃO MORFOLÓGICA CRANIANA E PÓS-CRANIANA DOS GÊNEROS DIDELPHIS, PHILANDER, LUTREOLINA, CHIRONECTES E METACHIRUS (DIDELPHIMORPHIA, DIDELPHIDAE

MORAES, D. A.

DEPT. DE ZOOLOGIA, UERJ

O grupo formado pelos gêneros de Didelphidae de maior tamanho corporal (Didelphis, Philander, Lutreolina, Chironectes e Metachirus) é considerado monofilético na maioria das hipóteses filogenéticas propostas para a família. Este grupo inclui atualmente 13 espécies distribuídas por todo o continente americano, com hábitos alimentares diversos, variando de generalistas a extremamente carnívoras, e hábitos locomotores igualmente variados: exclusivamente terrestres, semi-aquáticos e generalistas. O objetivo deste estudo foi quantificar e descrever a diferenciação morfológica intergenérica no crânio e elementos pós-cranianos, assim como a diferenciação interespecífica nos dois gêneros politípicos (Didelphis e Philander). Foram analisados 816 exemplares de todas as 13 espécies atualmente reconhecidas, incluindo duas subespécies de Philander opossum. Para todas elas foram tomadas imagens do crânio em vista dorsal, ventral e lateral, assim como da mandíbula, escapula e pélvis, nas quais foram determinados de 10 a 19 marcos homólogos. A diferenciação foi avaliada através de Análises Discriminantes realizadas sobre as Deformações Parciais obtidas após uma sobreposição de Procrustes dos conjuntos de marcos, e estas foram regredidas sobre os escores obtidos para a visualização das variações de forma associadas aos eixos canônicos. As variáveis canônicas obtidas separam claramente os cinco gêneros, sobretudo nas vistas dorsal e lateral do crânio, enquanto que na mandíbula a maior diferença está entre Metachirus e os Didelphini. Em Didelphis, D. virginiana mostrou-se a espécie mais diferenciada, sendo possível também diferenciar D. aurita de D. marsupialis, e D. albiventris, D. pernigra e D. imperfecta entre si. Em Philander, P. frenatus distingui-se claramente das demais espécies, sendo observada também uma diferenciação entre as subespécies de P. opossum. Nas análises de pós-crânio, a escápula de Chironectes e, em menor escala, de Didelphis, mostraram as maiores modificações, associadas ao hábito semi-aquático e maior tamanho corporal das espécies, respectivamente. Por sua vez, a forma da pélvis está também associada aos hábitos locomotores terrestres, já que além de Chironectes, os gêneros Metachirus e Lutreolina também apresentam diferenciação marcada em regiões associadas à musculatura extensora dos membros posteriores. Estes resultados mostraram que é possível distinguir morfometricamente a maioria das espécies estudadas, assim como relacionar diversas diferenças observadas à sua história evolutiva e ecologia.

[38] EVOLUÇÃO MORFOLÓGICA NO CRÂNIO E ELEMENTOS PÓS-CRANIANOS DOS MARSUPIAIS AMERICANOS: INFLUÊNCIA DA FILOGENIA E ECOLOGIA

MORAES, D. A.

DEPT. DE ZOOLOGIA, UERJ

Os marsupiais americanos totalizam mais de 90 espécies, com uma vasta variação de tamanhos corporais, uso do substrato e composição relativa da dieta. Tradicionalmente vistos como morfologicamente conservadores, apresentam, no entanto diversas modificações de forma relacionadas à sua ecologia. A variação morfológica craniana e pós-craniana nos marsupiais americanos das ordens Didelphimorphia, Paucituberculata e Microbiotheria foi estudada através de técnicas de morfometria geométrica, no intuito de relacioná-la aos seus hábitos alimentares e locomotores, assim como à sua estrutura filogenética. Foram obtidas imagens do crânio, mandíbula, escápula e pélvis de um total de 3586 exemplares de 73 espécies, nas quais foram determinados entre 10 e 19 marcos homólogos. A variação na forma das estruturas estudadas foi avaliada através de Análises de Deformações Relativas e Análises Discriminantes sobre as Deformações Parciais, obtidas após uma sobreposição de Procrustes das configurações de marcos. Por fim, a matriz de distâncias de Procrustes entre as espécies estudadas (diferenças na forma) foi comparada com matrizes de distâncias ecológicas (hábitos alimentares e uso do substrato) e genéticas (estimativa da filogenia). A análise do crânio e mandíbula indicou uma grande variação morfológica, com uma diferenciação bem marcada entre os principais clados, e modificações morfológicas relacionadas a especializações alimentares em algumas espécies. Diversos gêneros monotípicos e raros (e.g. Glironia, Caluromysiops, Hyladelphys, Lestodelphys, Lutreolina, Rhyncholestes, Dromiciops) mostraram uma marcada diferenciação morfológica, indicando a sua importância para o entendimento da história evolutiva do grupo. Os elementos pós-cranianos mostraram uma diferenciação menos marcada, apesar da existência de padrões morfológicos gerais. As análises de correlação entre forma, filogenia e ecologia sugerem que a filogenia seja o principal fator determinante da forma do crânio e dos elementos pós-cranianos nestas espécies. A forma do crânio, e, sobretudo da mandíbula, também apresenta uma correlação, ainda que menor, com os seus hábitos alimentares, indicando que a diferenciação sutil na especialização alimentar entre estas espécies se reflete em modificações também sutis de um plano morfológico básico, mantidas ao longo da filogenia. A forma dos elementos pós-cranianos não apresentou correlação com a preferência do uso do substrato, sendo provavelmente influenciada pelo tamanho corporal.

[39] GLÂNDULAS ABDOMINAIS DE CHEIRO (SCENT GLANDS), SEXUALMENTE DIMÓRFICAS EM METACHIRUS NUDICAUDATUS, NO PELD DO PARQUE ESTADUAL DO RIO DOCE, MG.

CUNHA, H.[1]; PAGLIA, A. P.[2]; NOGUEIRA, J. C. N.[3]

[1] ZOOLOGIA, UFMG; [2] CONSERVAÇÃO INTERNACIONAL, UFMG; [3] UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Glândulas sebáceas da pele que produzem secreção odorífera são descritas em mamíferos eutérios. A secreção quando lançadas no meio ambiente provavelmente desempenham função na comunicação social. Glândulas de cheiro denominadas supra-esternais, cervicais, inguino-crurais têm sido estudadas, sob diferentes aspectos morfofuncionais, em marsupiais didelphideos. O objetivo do presente trabalho é descrever as observações sobre o exame físico de jupatis (Metachirus nudicaudatus) capturados durante o período de abril/2002 a junho/2005, no Parque Estadual do Rio Doce, em Minas Gerais. As coletas vêm sendo realizadas em duas áreas distintas no PERD: Vinhático e Campolina. Foram estabelecidos três transectos paralelos em cada área. Em cada transecto montou-se 15 pontos de coleta equidistantes em 20 metros onde foram colocadas duas armadilhas de captura viva, dispostas alternadamente no solo e à média altura totalizando 180 armadilhas. As armadilhas foram iscadas (banana caturra com canjiquinha e Emulsão Scott), mantidas abertas por 5 noites e vistoriadas pela manhã, bimestralmente, no período de abril de 2002 a junho de 2005. Em fêmeas (tanto jovens quanto adultas) e em machos jovens, glândulas abdominais em atividade não foram observadas, no entanto, estas glândulas em diferentes estágios de atividade foram observados em machos púberes e adultos. Fragmentos de pele da área glandular em atividade, de dois machos adultos (peso médio 500gs) foram coletados e fixados em formol neutro tamponado 10%, incluídos em parafina e corados em H.E. e T. Gomori para estudo histológico. A área glandular, situada na parte média ventral do abdome, é elíptica, inicialmente observada em machos pré-púberes como uma área cujos pêlos apresentam cor avermelhada, tonalidade que aumenta em intensidade para castanho-escuro na área central e amarelada na periferia da área glandular, nos machos adultos. A secreção glandular possui cheiro ácido característico. As secções da área glandular evidenciam pele de epiderme fina, pilosa, com elevações epidérmicas com material extra-celular amorfo acumulado. O aparelho glandular é constituído por desenvolvidas glândulas sebáceas acinosas situadas na parte superior da derme e glândulas sudoríparas apócrinas na parte inferior. O início da atividade secretora das glândulas abdominais em M. nudicaudatus à época da puberdade sugere dependência de andrógeno testicular.

[40] MORFOMETRIA E REPRODUÇÃO DE THYLAMYS MACRURUS (OLFERS, 1818) NO MATO GROSSO DO SUL, OESTE DO BRASIL

NAPOLI, R. P. D.[1]; CÁCERES, N. C.[2]; CASELLA, J.[3]

[1] UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL - UFMS; [2] UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA - UFSM; [3] DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL

Pouco se sabe sobre a biologia e ecologia de muitos marsupiais neotropicais. Com isso, estudos de base sobre sistemática e ecologia geral dessas espécies são extremamente importantes. Thylamys é um gênero de marsupial pouco conhecido, principalmente para espécies do Chaco, Cerrado e Caatinga. Com o objetivo de fornecer informações sobre Thylamys macrurus, quatro fragmentos de Cerradão da região centro-oeste do Brasil foram amostrados de agosto de 2003 a julho de 2004. Para tanto, foram utilizadas em cada fragmento 90 armadilhas do tipo live trap dispostas, no solo, em duas grades de 1,3 ha, mais 4 a 5 no sub-bosque e 20 armadilhas de queda (pit-falls) em cada uma das 2 fases de captura (10 dias cada) por fragmento, sendo uma na estação seca (setembro/03 ou julho/04) e outra na chuvosa (dezembro/03 ou fevereiro/04). Após capturados, os indivíduos foram medidos (M = massa; CT = comprimento da cabeça e corpo; C = cauda; O = comprimento da orelha; PP = pata posterior; CE = comprimento do escroto), averiguados quanto à reprodução, marcados e soltos. Machos e fêmeas adultos tiveram suas medidas comparadas entre si através do teste t. Foram capturados 70 indivíduos, destes 47 eram machos e 23 fêmeas, os adultos perfizeram 40 indivíduos (28 machos e 12 fêmeas). Durante as capturas não foram encontrados filhotes em lactação, mas jovens independentes apareceram somente em dezembro e fevereiro. Fêmeas apresentaram em média 12 mamas (mínimo de 9 e máximo de 16). As medidas revelaram um dimorfismo sexual significativo ($P<0,05$) para todas as medidas, com exceção do comprimento da cauda, sendo machos (M = 49,05 ± 11,35 g; CT = 121,2 ± 10,9 mm; C = 137,51 ± 7,44 mm; O = 21,31 ± 2,81 mm; PP = 18,66 ± 1,19 mm; CE = 9,92 ± 2,59 mm) maiores que fêmeas (M = 39,63 ± 8,13 g; CT = 111,26 ± 5,30 mm; C = 133,90 ± 5,26 mm; O = 19,32 ± 2,37 mm; PP = 15,83 ± 1,00 mm). A presença de dimorfismo em tamanho nesta espécie aponta para um sistema social baseado em confrontos entre machos para obtenção de acasalamentos.

[41] VARIAÇÃO MORFOLÓGICA EM METACHIRUS NUDICAUDATUS (DESMAREST 1817) (DIDELPHIMORPHIA, DIDELPHIDAE) NA MATA ATLÂNTICA

SILVA, H. S.[1]; CERQUEIRA, R.[2]

[1] ECOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO; [2] UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Metachirus nudicaudatus distribui-se amplamente desde a América central até o sul da América do Sul, ocorrendo em ambientes florestados. Além de 11 subespécies já terem sido descritas para este gênero na primeira metade do século passado, mais recentemente filogenias moleculares mostraram a formação de clados distintos com elevados graus de divergência molecular. Tais resultados sugerem a possibilidade de haver outras espécies neste gênero. Este trabalho analisa a variação geográfica de M. nudicaudatus na Mata Atlântica, com base em caracteres morfológicos, além de analisar a diferenciação entre as populações do norte da Mata Atlântica e as do leste da Amazônia. Para tanto foi utilizado o método dos transectos, ligando as localidades amostradas. A pelagem foi analisada com relação à disposição das cores tegumentárias nas diferentes partes do corpo. Foram determinados 22 campos cromogenéticos distintos na pelagem e para cada um destes campos foram determinados três atributos (matiz, intensidade e tonalidade) através de um guia de cores. Estes atributos foram analisados através de uma Análise de Agrupamento que, no entanto, não foi capaz de indicar qualquer estruturação entre as localidades (indivíduos da mesma localidade foram separados, enquanto que indivíduos de localidades distantes foram agrupados). Foram analisados ainda sete caracteres morfológicos de pelagem (266 exemplares) e oito cranianos (343 exemplares). Os resultados foram analisados em um sentido latitudinal, de norte para sul, através de gráficos com as freqüências dos caracteres analisados por localidade. Três caracteres cranianos e quatro de pelagem mostraram estruturação geográfica, com diferentes caracteres alternando-se como mais freqüentes ao longo das localidades. Foi encontrada uma diferenciação em até quatro grupos distintos, dependendo do caráter analisado, com três áreas de variação de freqüências: as localidades amazônicas, uma mudança na freqüência dos estados ao longo das localidades da região nordeste ou sudeste e uma outra mudança na região sul. Desta forma, a análise dos caracteres ao longo dos transectos mostrou um padrão de mosaico, com diferentes caracteres variando entre diferentes regiões. Sendo assim, os resultados morfológicos obtidos sustentam que as populações do Domínio Atlântico formam uma unidade taxonômica única. Entretanto, foram encontradas diferenças destas com relação às populações amazônicas, indicando possivelmente, espécies distintas.

[42] VARIAÇÃO MORFOMÉTRICA EM METACHIRUS NUDICAUDATUS (DESMAREST 1817) (DIDELPHIMORPHIA, DIDELPHIDAE) NA MATA ATLÂNTICA

SILVA, H. S. [1]; CERQUEIRA, R.[2]

[1] ECOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO; [2] UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

O gênero Metachirus distribui-se amplamente desde a Nicarágua até o Paraguai e nordeste da Argentina, sempre em habitats florestados. Apesar de uma única espécie, M. nudicaudatus, ser reconhecida, 11 subespécies já foram descritas para este gênero e estudos baseados em filogenias moleculares mostraram a formação de clados distintos, com elevados graus de divergências moleculares. Tais resultados sugerem a possibilidade de haver mais de uma espécie sob o nome nudicaudatus. Neste trabalho foi analisada a sua variação geográfica na Mata Atlântica, bem como a diferenciação entre as populações do norte deste bioma e nordeste da Amazônia. Para tanto, foram tomadas 18 medidas cranianas em 156 espécimes adultos (73 fêmeas e 83 machos), distribuídos em 26 localidades (divididas em principais e secundárias de acordo com a amostra disponível) ligadas por um transecto. O dimorfismo sexual foi analisado através de um teste-t com correção de Bonferroni, onde detectou-se que machos são maiores que fêmeas e portanto, foram analisados separadamente. Foi utilizada uma MANOVA entre as localidades principais e um teste-t para as secundárias ao longo do transecto, que mostraram diferenças entre localidades distintas para ambos os sexos. A maior variação para fêmeas foi encontrada no Rio de Janeiro enquanto que para os machos foi na Bahia. Em seguida foram realizadas duas Análises Discriminantes. A primeira, entre as localidades principais, mostrou para as fêmeas que a amostra amazônica foi considerada diferente das outras, além de uma separação entre a amostra do Rio de Janeiro e de Ilhéus. No caso dos machos, não havia amostra disponível para a Amazônia, mas dentro da Mata Atlântica, Rio de Janeiro mostrou-se diferente das demais localidades. A segunda Análise Discriminante, entre agrupamentos das localidades do norte e sul atlântico e do nordeste amazônico, separou, através do gráfico das Funções Discriminantes, as amostras da Amazônia e da Mata Atlântica, apesar de tal separação não ter sido considerada significativa. Os resultados encontrados mostraram uma variação geográfica sem padrão definido, com machos e fêmeas apresentando maior variação nos caracteres analisados em regiões diferentes, corroborando a hipótese de que constituem uma única espécie.

Parasitologia

[43] DIDELPHIS ALBIVENTRIS (GAMBÁ) PARASITADO POR HELMINTOS DA FAMÍLIA DIPHYLLOBOTRIIDAE NO BRASIL

LANGONE, P. Q.[1]; MICHELS, G. H.[2]; PESENTI, T. C.[2]; MÜLLER, G.[2]; BRUM, J. G. W.[2]

[1] DEPARTAMENTO DE ECOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL; [2] UFPEL

Didelphis albiventris, gambá-de-orelha-branca, é um marsupial de hábitos crepusculares e noturnos que se alimenta de frutos, insetos, pequenos répteis e anfíbios, filhotes de aves e pequenos mamíferos. Com a destruição de seu "habitat" natural devido às queimadas e desmatamentos, esses animais têm-se aproximado, cada vez mais, das regiões peridomiciliar e domiciliar, onde procuram abrigo e alimentos. Com o objetivo de conhecer a diversidade de helmintos parasitos de D. albiventris foram examinados 30 exemplares desta espécie, através de necropsia. Os animais tiveram seus órgãos e conteúdos estomacal e intestinal inspecionados para a coleta de endoparasitos da Família Diphyllobotriidae. Dos trinta espécimes de D. albiventris analisados, quatro (13,33%) estavam parasitados por helmintos difilobotrideos, com intensidades de parasitismo variando entre 2 e 15 parasitos. Em dois casos foi observada a presença de larvas plerocercóides localizadas na serosa esofagiana, sendo estes os primeiros casos de esparganose relatados em gambás da espécie D. albiventris no Brasil. Formas adultas desta Família foram encontradas no intestino delgado em várias espécies de animais domésticos e silvestres no Brasil. Dois gêneros da Família Diphyllobotriidae, Spirometra sp. e Diphyllobotrium sp. já foram relatados como causadores de zoonoses na América do Sul. Este fato, somado ao comportamento sinantrópico dos gambás, os quais estão cada vez mais próximos das áreas periurbanas e urbanas, reforça um alerta para a importância destes animais como disseminadores de helmintos que podem potencialmente atingir o homem.

[44] MAPEAMENTO DA DISTRIBUIÇÃO DE GAMBÁS (DIDELPHIS SP) CAPTURADOS NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO E AVALIAÇÃO DO PARASITISMO POR PULGAS

HORTA, M. C.[1]; FERREIRA, P. M.[2]; GERALDI, V. C.[3]; SUMMA, M. E. L.[3]; ROSSI, F. W.[3]; JOPPERT, A. M.[3]; BERTOLA, P. B.[1]; FERREIRA, F.[1]; SCHUMAKER, T. T. S.[4]

[1] VPS, FMVZ - USP; [2] FACULDADE DE MEDICINA VETERINARIA E ZOOTECNIA -USP; [3] DEPARTAMENTO DE PARQUES E ÁREAS VERDES (DEPAVE), SVMA/PMSP; [4] INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOMÉDICAS - USP

Os gambás (Didelphis spp) são animais adaptáveis aos diferentes habitats, o que propicia estreito convívio com humanos e outros animais domésticos nas grandes metrópoles, devido à disponibilidade de alimentos e falta de predadores naturais. São hospedeiros silvestres de pulgas, que podem atuar como vetores de doenças humanas, tais como peste bubônica, tifo murino, "riquetsiose felis" e doença da arranhadura do gato. O conhecimento dos fatores de risco para o desenvolvimento dessas doenças permite delinear intervenções com o objetivo de reduzir as populações vetoras, controlar as populações de reservatório. O trabalho objetivou o mapeamento da distribuição de gambás e seus ectoparasitas através do banco de dados de gambás recebidos ou capturados pelo DEPAVE IV (Departamento de Parques e Áreas Verdes) no período de junho de 2003 a maio de 2004. Foram analisadas variáveis como espécie, faixa etária, sexo, presença de ectoparasitas (pulgas e carrapatos), distribuição geográfica e proximidade de parques ou áreas verdes. No referido período foram registrados 273 gambás. No município de São Paulo foram capturados 190 D. aurita, sendo 49 animais adultos (61,7% machos e 38,3% fêmeas) e 141 filhotes (55 em fase de amamentação e 86 órfãos encontrados individualmente ou em grupos). Dez das fêmeas adultas carregavam filhotes no marsúpio apresentando uma média de 5,5 filhotes/fêmea. Dos animais adultos capturados, 22 (44,9%) foram avaliados quanto à presença de ectoparasitas, sendo constatada somente a presença de pulgas (Ctenocephalides felis) em 54,5% dos gambás. Neste mesmo período, 81 indivíduos D. aurita e 2 D. albiventris foram capturados em 14 municípios adjacentes (Osasco, Santos, Embu das Artes, Itapevi, São Bernardo do Campo, Taboão da Serra, Araçariguama, Bragança Paulista, Suzano, Barueri, Valinhos, Cotia, Ibiúna e Santana do Parnaíba). No entanto os dados referentes a esses animais não foram analisados por representarem um número reduzido por município. A distribuição geográfica dos animais no município foi mapeada utilizando-se do software ArcGis 8.00, através do endereço fornecido ou coordenadas referente aos parques onde alguns animais foram encontrados. Ao visualizar os mapas gerados foi possível constatar que a maioria dos animais foram provenientes de parques ou locais próximos a outras áreas verdes como praças e cemitérios.

Sistemática

[45] ESTUDOS SISTEMÁTICOS DO GÊNERO METACHIRUS (DIDELPHIMORPHIA: DIDELPHIDAE)

VIEIRA, L. G.[1]; LEITE, Y. L. R.[1]

[1] CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

A lacuna no conhecimento sobre sistemática e taxonomia dos mamíferos neotropicais está longe de ser resolvida. Este cenário é ainda mais preocupante para os organismos de pequeno tamanho corporal, como em certos táxons da família Didelphidae, um grupo bastante diverso e com pelo menos 44 espécies no Brasil. Provavelmente este número é ainda subestimado pois, invariavelmente, revisões sistemáticas vêm demonstrando que a diversidade de espécies é maior do que a reconhecida pela taxonomia. Um provável exemplo é o jupati, ou Metachirus nudicaudatus (Desmarest, 1817), única espécie reconhecida atualmente no gênero, com ampla distribuição geográfica e que possui 11 nomes associados (sinonímias). Estudos filogeográficos deste táxon apresentaram níveis de divergência genética (citocromo b) significativa entre as populações ao longo de sua área de distribuição, principalmente aquelas distribuídas no oeste da Amazônia. No presente trabalho, são apresentados resultados preliminares de um estudo que busca confirmar a hipótese da condição politípica do gênero, testada a partir da análise morfológica de amostras depositadas em coleções científicas. Até o momento foram analisados 94 espécimes, distribuídos entre dez estados brasileiros, seis pertencentes ao domínio da Mata Atlântica (n=66) e quatro ao domínio amazônico (n=26). As análises destes dados não revelaram diferenças estatisticamente significativas, mostrando não haver variações morfológicas consistentes entre estas populações para os caracteres estudados. O próximo passo do projeto é visitar as coleções amazônicas, a fim de incorporar maior volume de dados das formas da Região Norte, uma vez que a maior divergência genética foi encontrada entre populações dessa região. Pretende-se assim verificar o grau de variação morfológica na região amazônica e compará-lo aos padrões genéticos já documentados para, desta forma, estabelecer o status taxonômico de Metachirus nudicaudatus.

[46] FILOGENIA DE GRACILINANUS (DIDELPHIMORPHIA: DIDELPHIDAE) INFERIDA A PARTIR DE DADOS MORFOLÓGICOS

LÖSS, S.[1]; COSTA, L. P.[1]; LEITE, Y. L. R.[1]

[1] DEPTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO;

O gênero Gracilinanus é composto por seis espécies distribuídas na América do Sul, sendo que as mais comuns no Brasil são Gracilinanus agilis, que ocupa o Cerrado, e G. microtarsus, típica da Mata Atlântica. Um estudo anterior de filogeografia molecular resultou em um cladograma no qual o táxon G. microtarsus estava dividido em dois clados: um ao norte e outro ao sul da Serra da Mantiqueira, com uma grande divergência genética entre eles, sugerindo que eles possam representar duas espécies distintas. O presente trabalho teve como objetivo testar essa hipótese, inferindo as relações filogenéticas e definindo o grau de divergência morfológica entre espécies de Gracilinanus. Como unidades taxonômicas operacionais foram incluídos representantes dos dois clados de G. microtarsus, G. agilis e Cryptonanus sp., além de Marmosa murina, Micoureus demerarae e Marmosops incanus como grupos externos. Foram obtidos caracteres morfológicos discretos que compuseram a matriz de dados. O método de análise utilizado foi máxima parcimônia e o suporte para os clados foi obtido através de análise de bootstrap e do índice de Bremer. Como resultado, foi obtida uma única árvore mais parcimoniosa com 35 passos (índice de consistência = 0,69 e índice de retenção = 0,61). A filogenia obtida para o grupo interno foi: (Cryptonanus (G. agilis (G. microtarsus clado norte, G. microtarsus clado sul))). Tanto G. microtarsus quanto o gênero Gracilinanus mostraram-se, portanto, monofiléticos. Os resultados encontrados nesse trabalho estão de acordo com os obtidos a partir de dados moleculares, confirmando a hipótese que os espécimes atualmente identificados como Gracilinanus microtarsus representam duas espécies. Os resultados evidenciam a importância da realização de estudos sistemáticos com essa e outras espécies de marsupiais neotropicais de modo a elucidar a real diversidade desse grupo.

Outros

[47] IDENTIFICAÇÃO DE SEIS ESPÉCIES DE MARSUPIAIS DO MUNICÍPIO DE PILAR DO SUL-SP ATRAVÉS DE CARACTERÍSTICAS MORFOLÓGICAS DE SEUS PÊLOS.

DI DARIO, B.P.S.; PENNA, M.A.H.; GOBBI, N.

INSTITUTO DE BIOCIÊNCIAS, UNESP-RIO CLARO

Pêlos podem ser classificados em pêlos-guarda (geralmente com região distal ampla e comprimida, denominada região "shield", e com uma constrição em sua base) e subpêlos (curtos, finos e sem região "shield"). Pêlos-guarda possuem regiões que facilitam a comparação entre espécimes. A maioria dos caracteres diagnósticos observados provém destes pêlos. Análises microscópicas dos pêlos consideram o tamanho, formato e disposição de escamas ao redor do pêlo, e o tipo de medula, que varia dependendo do tipo de pêlo, do ponto observado neste ou da espécie em questão, e é determinada pelas distribuições das células e dos espaços de ar. O objetivo deste estudo foi definir características morfológicas dos pêlos de seis espécies de marsupiais de Pilar do Sul-SP, contribuindo para a elaboração de um sistema de identificação de mamíferos da região. Os pêlos foram extraídos de exemplares da Coleção de Mamíferos do Museu de Zoologia da USP e de animais coletados na fazenda João XXIII, Pilar do Sul. Os pêlos foram retirados da região cervical dos animais e colocados em envelopes de papel. Nomes científico e popular do animal, data e local de coleta e um código de referência, foram anotados. Para preparação das lâminas, foram imersos quatro pêlos em solução de álcool 70%. Após três minutos, os pêlos foram colocados sobre uma lâmina de vidro, adicionando-se três gotas de glicerina e recobertos por lamínula. As lâminas foram fotografadas ao microscópio óptico evidenciando-se as regiões base, meio, "shield" e ponta. As medulas foram observadas após três horas de secagem à temperatura ambiente. Para a observação do padrão de escamas, foram colocados seis pêlos alternadamente sobre esfregaço de Entellan em uma lâmina limpa e seca, sendo removidos, após a secagem. Foram analisadas 43 lâminas de escamas e 24 de medulas de seis espécies de marsupiais da família Didelphidae: Gracilinanus microtarsus, Marmosops incanus, Metachiurus nudicaudatus, Monodelphis americana, Monodelphis brevicaudata, Monodelphis scalops. A identificação dos padrões foi feita através da comparação com pranchas estabelecidas por autores idôneos. Os resultados apresentados permitem a identificação destas seis espécies a partir da combinação dos tipos de escamas e de medulas de diferentes regiões dos pêlos.

[48] NOVA OCORRÊNCIA DE MARMOSOPS INCANUS (DIDELPHIMORPHIA, DIDELPHIDAE) EM UMA REGIÃO DE CERRADO SENSU STRICTO NO VALE DO JEQUITINHONHA, MINAS GERAIS.

SANTIAGO, F.L.[1]; SANTIAGO, F.[2]; DUARTE, A. P.[2]

[1] MUSEU DE CIÊNCIAS NATURAIS, PUC MINAS; [2] MUSEU DE CIÊNCIAS NATURAIS PUC MINAS

Marmosops incanus é um pequeno marsupial neotropical que pesa, em média, 64 gramas quando adulto. Possui hábito locomotor escansorial e dieta onívora. Ocorre em diversos estados brasileiros, incluindo Minas Gerais. A maioria dos trabalhos com a espécie enfocam os aspectos ecológicos e alguns poucos estudos morfológicos e de história natural. É uma espécie comum no Estado de Minas Gerais, ocorrendo em diversas regiões. M. incanus era considerada uma espécie endêmica de Mata Atlântica, sem registro para outros biomas. Entretanto, a partir de 2003 foi relatada a ocorrência dessa espécie em locais de Cerrado sensu stricto. Este trabalho visa ampliar a ocorrência de M. incanus em áreas de Cerrado sensu stricto, através dos registros dessa espécie em regiões desta tipologia do bioma, no Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais. A área de estudo pertence à área de influência da Usina Hidrelétrica de Irapé. O empreendimento está localizado na bacia do rio Jequitinhonha, no domínio Cerrado, apresentando manchas de Caatinga e Floresta Estacional Semidecidual em sua composição. Foram amostradas 26 áreas através do método de captura-marcação-recaptura. Para cada área foram dispostas 20 armadilhas, ao longo de um transecto, com dez pontos de captura. As coletas ocorreram entre outubro de 2003 a julho de 2005, durante cinco noites consecutivas em cada campanha. Foram coletados, ao todo 18 indivíduos de M. incanus em seis áreas diferentes, sendo três dessas pertecentes a fisionomia de Cerrado sensu stricto, duas de Mata Ciliar e uma a Floresta Estacional Semidecidual. Nas áreas de Cerrado sensu stricto foram coletados, ao todo, nove indivíduos, sendo quatro fêmeas e cinco machos. Dentre essas, a área com maior abundância de M. incanus, localizada no município de Cristália, é a única que apresenta razão sexual 1/1, enquanto nas outras cinco áreas ocorreu a predominância de machos. A ampliação da distribuição de M. incanus nas áreas de Cerrado é de extrema importância, pois propicia dados para melhor compreensão da história natural, distribuição e biologia da espécie.

[49] NOVA OCORRÊNCIA DE METACHIRUS NUDICAUDATUS (DIDELPHIMORPHIA, DIDELPHIDAE)

MIRANDA, C. L.[1]; SILVA-JÚNIOR, J. S.[2]; LIMA, M. G. M.[3]; SANTOS, M. P. D.[3]

[1] BIOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ; [2] MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI; [3] UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ

O gênero Metachirus é representado por uma única espécie, M. nudicaudatus, conhecida como cuica-de-quatro-olhos-marrom ou jupati. Esta espécie possui ampla distribuição geográfica nas Américas Central e do Sul, ocorrendo, no Brasil, ao longo da Amazônia, Mata Atlântica, Cerrado e Pantanal. Entretanto, existe uma carência de registros na parte oriental do domínio dos Cerrados, e a espécie parece estar ausente de todo o domínio das Caatingas. No presente estudo, um novo registro foi estabelecido no centro-norte do Estado do Piauí. A região investigada foi a Fazenda Nazareth, com uma área de 1200 ha, localizada no município de José de Freitas. Em 2003 iniciaram-se estudos faunísticos nesta área, no âmbito do projeto intitulado "Biodiversidade e fragmentação de ecossistemas nos cerrados marginais do Nordeste". No período de março a maio de 2004 foram coletados quatro espécimes de M. nudicaudatus, em uma área de mata estacional semidecídua, uma das fisionomias presentes na área de estudo. As capturas foram realizadas através de armadilhas de interceptação e queda "pitfall-traps", dispostas em quatro linhas de 100 metros, compostas por dez baldes cada. Os exemplares foram depositados nas coleções do Museu Paraense Emílio Goeldi e da Universidade Federal do Piauí. A identificação foi feita com base nos caracteres cranianos, auxiliada por observações do comportamento dos animais. Esta nova ocorrência representa uma grande ampliação da distribuição geográfica do táxon. No Nordeste, a distribuição até então conhecida restringia-se às áreas de Mata Atlântica, a leste, e à Amazônia Maranhense, a oeste, não havendo registros para áreas com vegetação de cerrado ou caatinga. Este foi o primeiro registro para uma área de transição entre os biomas Cerrado e Caatinga. Em estudos realizados nos cerrados do Brasil central, esta espécie mostrou-se extremamente associada às matas de galeria. As matas semidecíduas da região norte do Piauí representam hábitats mais úmidos, desempenhando um papel importante para a manutenção de espécies típicas de florestas úmidas. Este registro reforça a idéia da importância das áreas de transição para a diversidade de mamíferos da região norte do Estado do Piauí.

[50] PRIMEIRO REGISTRO DE DIDELPHIS IMPERFECTA, NA REGIÃO DO MÉDIO RIO MADEIRA, AMAZÔNIA CENTRAL

ROSSONI, D. M.[1]; BANTEL, C.[1]; DASILVA, M. N. F.[1]

[1] INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA - INPA; [2] ECOLOGIA, INPA

Em 1984, os gambás de orelhas brancas da Guiana Venezuelana foram classificados como D. albiventris imperfectus, e recentemente, em 2002, elevados ao nível taxonômico específico D. imperfecta. É o menor Didelphis vivente nas florestas tropicais, subtropicais e níveis temperados, entre altitudes de 100 a 2200 metros. Acredita-se ser uma espécie geograficamente separada de D. albiventris e sua distribuição ocorre ao sul da Venezuela, sudoeste do Suriname e partes adjacentes do norte do Brasil, em simpatria com D. marsupialis. Durante a estação seca, em setembro de 2004, realizamos o primeiro inventário da fauna de pequenos mamíferos no contexto da expedição Probio - Madeira. Coletamos um exemplar de Didelphis imperfecta nas imediações da comunidade de Itaperima, localizada na margem direita do Rio Madeira. A captura, de uma fêmea adulta lactante, ocorreu em área de floresta de terra firme, em uma armadilha Tomahawk, disposta em um tronco de árvore vertical, a aproximadamente 1,5 m do chão. Essa floresta, na época da expedição, estava no entorno de uma área de retirada de madeira, perturbada por máquinas e tratores, e foi derrubada poucos dias depois do término das nossas coletas. O registro desse indivíduo no interflúvio Madeira-Tapajós amplia enormemente a distribuição conhecida de D. imperfecta, indicando uma grande proximidade da área de ocorrência de D. albiventris.

Xenarthra

Comportamento

[51] ANÁLISE DO COMPORTAMENTO LOCOMOTOR DO TAMANDUÁ BANDEIRA, MYRMECOPHAGA TRIDACTYLA, LINNAEUS, 1758 (MYRMECOPHAGIDAE: VERMILINGUA): EM BAIXAS VELOCIDADES

MENDES, A. A.[1]; ROCHA-BARBOSA, O.[2]

[1] DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA, UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO; [2] UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Existem poucos trabalhos encontrados na literatura que retratam a locomoção, no plano da ecomorfologia, enfocando o comportamento e desempenho locomotor da Ordem Xenarthra. Myrmecophaga tridactyla (Linnaeus, 1758), o maior dos tamanduás, é encontrada numa grande variedade de habitats, desde florestas tropicais até o chaco paraguaio. Essa espécie é encontrada mais freqüentemente em formações vegetais abertas em locais com abundância de formigas e cupins, dos quais se alimentam, podendo ser vistas ao longo do dia e da noite. O tamanduá bandeira pode ser facilmente reconhecido por possuir garras bem desenvolvidas nos membros anteriores, e um rostrum alongado, características que o habilita no seu tipo de forrageamento. Nosso objetivo foi classificar a espécie segundo as categorias propostas por Hildebrand (1966 & 1977) e construir, assim, um diagrama de tipo de movimento. Para tal, foram analisados vídeos de M. tridactyla, em formato mpeg, se locomovendo a baixas velocidades. Os vídeos foram analisados por dois softweres: Isl. Video Converter 5.8.2 (1998-2003) e Animated Gif Banner Maker 1.40 (2002-2003). Após ser construído um diagrama de tipo de movimento para ilustrar graficamente o deslocamento do animal, classificamos o tipo de locomoção do tamanduá como sendo uma marcha lateral. Nesse padrão locomotor, o membro anterior alcança o substrato logo após a pata posterior do mesmo lado do corpo, como ocorre na maioria dos mamíferos para pequenas velocidades. Esse padrão locomotor sugere que o tamanduá bandeira segue o mesmo padrão de deslocamento da maioria dos mamíferos, quando em baixas velocidades, e parece ter importância na estabilidade estática durante o deslocamento, sempre obedecendo a uma seqüência padrão PE-AE-PD-AD. Auxílio: FAPERJ, PROGRAMA PROCIÊNCIA, PPGB/UERJ

[52] COMPORTAMENTO DE INGESTÃO DE ÁGUA EM PREGUIÇA-DE-COLEIRA (BRADYPUS TORQUATUS, NAMMALIA) NO CENTRO DE REABILITAÇÃO DA MATINHA, ILHÉUS, BAHIA.

CARDOSO, J.S.[1]; OLIVEIRA, V. L.[2]; NOGUEIRA, S. S. C.[3]

[1] DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS AMBIENTAIS E AGRARIAS, UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ; [2] COMISSÃO EXECUTIVA DA LAVOURA CACAUEIRA; [3] UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

Preguiça de coleira, espécie endêmica da Mata Atlântica, está incluída na Lista oficial da fauna Brasileira ameaçada de extinção. A principal ameaça para esta espécie é a perda de habitat, devido à degradação deste Bioma, e a pressão da caça. O Centro de reabilitação da Matinha- CEPLAC- Ilhéus,BA, tem conseguindo manter a espécie em semi-cativeiro com sucesso. Contudo, ainda há carência de informações biológicas que subsidiem a manutenção desta espécie em cativeiro, como o consumo de água. A literatura relata que este animal não consome água diretamente de fontes, mas sim através do processo de digestão do alimento. Neste contexto, este estudo teve como objetivo observar o consumo de água através das folhas ofertadas de dezenove animais, jovens e adultos mantidos no Centro de reabilitação da Matinha-CEPLAC. Esses animais foram observados através do método objeto focal (folhas), durante sete dias em sessões diárias de quatro horas, 31 focais foram realizadas. Foram oferecidas folhas molhadas e não molhadas e descrito o comportamento de consumo de água. Os resultados revelaram que 52% dos indivíduos aceitaram as folhas com água borrifada e 48% não aceitaram a folha com água borrifada. Dos animais que escolheram as folhas com água, 94 % apresentaram o comportamento de passar a parte superior da língua no local da superfície da folha que estava molhada. Foi possível observar que este comportamento foi realizado mais por animais jovens (89%) do que adultos (11%). Os resultados revelaram que as preguiças de coleira também absorvem água proveniente das gotas de orvalho e chuva. Esta informação permite a compreensão do sucesso que o Centro de reabilitação da Matinha vem obtendo para a conservação da espécie em cativeiro, pois os mesmos têm o hábito de oferecer folhas molhadas para os animais. Este estudo poderá subsidiar o manejo alimentar da espécie de outros centros de reabilitação e pesquisa que não tem tido sucesso na manutenção desses animais.

Coservação

[53] REGISTRO DE TATU-CANASTRA (XENARTHRA: DASYPODIDAE) POR MEIO DE ARMADILHAS FOTOGRÁFICAS, NA REGIÃO NOROESTE DO CERRADO DE MINAS GERAIS

PAGLIA, A. P.[1]; VIEIRA, L. G.[2]; DINIZ, R.[3]; MOURA, A.[1]

[1] LAB. DE MASTOZOOLOGIA UFMG E CONSERVAÇÃO INTERNACIONAL DO BRASIL; [2] CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO; [3] LAB. DE MASTOZOOLOGIA UFMG

Priodontes maximus (Kerr, 1792), popularmente conhecido como tatu-canastra, é a maior espécie de tatu existente, podendo alcançar até 30 quilos de peso corporal, característica que permite distingui-lo facilmente de outros tatus morfologicamente semelhantes. Possui ampla distribuição geográfica e, embora seja um animal de grande porte, poucos são os registros sobre a ocorrência da espécie. Em Minas Gerais está presente no Parque Nacional da Serra da Canastra e, apesar de não confirmado, pode ocorrer em outras Unidades de Conservação. Acredita-se possuir densidade populacional naturalmente baixa, no entanto, a espécie vem se tornando progressivamente mais rara devido, principalmente, a alterações no hábitat onde ocorre naturalmente. Por esta razão, o tatu-canastra está presente nas listas oficiais das espécies ameaçadas de extinção do IBAMA e de Minas Gerais. No presente trabalho relatamos o registro de P. maximus pelo método de armadilhas fotográficas, a partir de um projeto que busca inventariar e monitorar mamíferos de médio e grande porte no Cerrado, iniciado em 2003. Este estudo vem sendo desenvolvido na fazenda Brejão (17°02'S e 45°50'W), localizada no noroeste de Minas Gerais e propriedade da Vallourec & Mannesmann Florestal. A fazenda possui 36 mil hectares, onde apenas 30% destes são destinados a sua principal atividade econômica, reflorestamento (Eucalyptus sp.) para produção de carvão vegetal. A ocorrência do tatu-canastra foi registrada por uma única fotografia após 17 meses de esforço amostral e a confirmação local da espécie é o primeiro passo para o estabelecimento de programas e estratégias de conservação. Outro ponto importante diz respeito à própria área de estudo. Findados 24 meses, 17 espécies de mamíferos de médio e grande porte foram registradas, das quais 10 estão listadas como ameaçadas de extinção. São resultados que expressam uma urgente necessidade de criação de áreas legalmente protegidas na região, recomendações inerentes não só para a conservação do tatu-canastra, mas também dessa notável riqueza e diversidade biológica do hotspot Cerrado.

Ecologia

[54] ANÁLISE PRELIMINAR DA ESTRUTURA DO HÁBITAT UTILIZADO PELA PREGUIÇA-DE-COLEIRA (BRADYPUS TORQUATUS), NO ECOPARQUE DE UNA, SUL DA BAHIA, BRASIL.

BARRETO, R. M. F.[1]; CASSANO, C. R.[2]; FONTOURA, T.[3]; ALVAREZ, M.[3]

[1] PPG ZOOLOGIA-DCB/NÚCLEO DE BIODIVERSIDADE, UNIVERSIDADE EST DE STA CRUZ/INST DE ESTUDOS SÓCIOAMB DO SUL DA BAHIA; [2] UNIVERS EST DE STA CRUZ/ INST DE ESTUDOS SÓCIOAMB DO SUL DA BAHIA; [3] UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

A preguiça-de-coleira (Bradypus torquatus), endêmica da Mata Atlântica, está enquadrada como "vulnerável" nas listas oficiais de animais ameaçados de extinção. Por ser um mamífero folívoro arborícola, depende do estrato superior da floresta para alimentação e locomoção, sofrendo assim influências diretas da estrutura das espécies vegetais. A depender do local da copa ocupado, estes animais estão sujeitos a modificações, em escala de microhabitat, de diversas variáveis ambientais e ecológicas. Assim, o presente estudo visa avaliar a estrutura do hábitat da preguiça-de-coleira, determinando as possíveis interações entre essa espécie e o meio. Três indivíduos foram monitorados através da localização com o auxílio de radiotelemetria. Para cada animal localizado foi observada sua posição seguindo caracterização de copa em três zonas: interna, mediana e externa. As árvores onde foi possível avistar os animais, foram marcadas e para cada uma delas foram registrados os seguintes parâmetros estruturais: PAP (Perímetro a Altura do Peito), altura estimada da árvore e do tamanho da copa, presença ou ausência de látex e um índice representando o número de lianas presentes. Do total de 60 localizações, em cerca de 90% os animais estavam na porção externa da copa. As 105 árvores analisadas apresentaram altura média de 26,16 m, tamanho médio de copa de 13,5 m e perímetro médio de 102 cm. Aproximadamente 73,3% delas não apresentaram látex, 32% não possuíam cipó e 18% apresentaram menos de 10 cipós. Contudo, cerca de 50% tiveram um número de cipós 10. As preguiças são conhecidas por consumir folhas jovens e brotos, os quais estão presentes nas regiões terminais dos ramos, isso pode explicar a preferência dos animais pela copa externa. Sabe-se que essa espécie consome folhas de algumas árvores que apresentam látex, porém, até o momento não podemos inferir a causa da preferência dos indivíduos deste estudo por árvores sem látex, pois este apresenta-se em fase de coletas de dados. Aparentemente os animais estariam utilizando árvores grandes, de copa densa e com um número representativo de lianas. Árvores com estas características estruturais são típicas de matas primárias ou secundárias. Isso demonstra a necessidade de ambientes pouco perturbados para a conservação da espécie.

[55] ATIVIDADES DIURNAS E DESLOCAMENTOS DA PREGUIÇA-DE-COLEIRA (BRADYPUS TORQUATUS) EM UM FRAGMENTO DE MATA ATLÂNTICA NO SUL DA BAHIA

CASSANO, C.[1]; KIERULFF, M. C.[2]

[1] DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA, UESC E IESB; [2] UESC E CI-BRASIL

A preguiça-de-coleira (Bradypus torquatus) é uma espécie endêmica da Mata Atlântica e a única espécie de preguiça ameaçada de extinção, enquadrada na categoria "vulnerável" na lista do IBAMA. Estudos sobre a ecologia da espécie nunca foram realizados na porção norte de sua área de ocorrência, onde existem remanescentes florestais importantes para sua conservação. O presente trabalho trás resultados preliminares sobre o orçamento temporal das atividades diurnas e deslocamentos realizados por duas preguiças-de-coleira (BT033 e BT142) monitoradas com uso de sistema de radiotelemetria na RPPN Ecoparque de Una, Una, BA. O padrão de atividades foi determinado através de sessões mensais de observação do tipo animal focal, com anotação contínua de comportamentos pré-estabelecidos: REpouso, Movimentação, Alimentação, e auto-CAtação. BT033 foi monitorada entre junho de 2003 e novembro de 2004 e BT142 foi monitorada entre julho de 2003 e junho de 2004 resultando em 106 e 176 horas de observação respectivamente. Foram medidos os deslocamentos entre árvores realizados pelos animais durante os períodos de observação focal (diurno) e entre dias consecutivos de observação (crepuscular/noturno). BT033 foi menos ativa (RE=96%; CA=0,2%; AL=2%; MO=2%) quando comparada a BT142 (RE=79%; CA=6%; AL=11%; MO=4%). Os deslocamentos diurnos variaram entre 0 e 28m e os crepusculares/ noturnos entre 0 e 48m, com predominância de deslocamentos iguais a zero (ausência de deslocamento entre árvores) nos dois intervalos. BT142 realizou deslocamentos diurnos e crepusculares/noturnos na mesma proporção, e deslocou-se proporcionalmente mais vezes do que BT033. Esta última realizou mais deslocamentos noturnos do que diurnos. Embora as preguiças-de-coleira possam realizar atividades sem se deslocar entre árvores, estudos têm demonstrado a relação positiva entre tempo em atividade e deslocamento. Os deslocamentos crepusculares/noturnos indicam que os indivíduos desenvolvem atividades nesse período, e que as atividades de BT033 são predominantemente crepusculares/noturnas, o que explicaria também sua pouca atividade diurna durante as sessões de observação focal. A comparação dos deslocamentos indica ainda que BT142 é mais ativo do que BT033. Atividades noturnas entre as preguiças aparentemente estão relacionadas a climas mais quentes. A comparação dos resultados desse estudo com outros realizados anteriormente com a preguiça-de-coleira corroboram esta hipótese.

[57] PROGNÓSTICO DA DISTRIBUIÇÃO DE TATUS (XENARTHRA) BASEADO NA MODELAGEM ECOLOGICA DE NICHO

ANACLETO, T.[1]; DINIZ-FILHO, J. A. F.[2]; VITAL, M.[3]

[1] CIENCIAS BIOLOGICAS, UNEMAT; [2] UFG; [3] UFBH

A ordem Xenarthra é exclusiva do Novo Mundo e reúne tatus, preguiças e tamanduás. Os tatus apresentam a maior distribuição geográfica dos Xenarthra, com ocorrência desde os Estados Unidos até a Argentina, e constituem a maior família da ordem, a Dasypodidae, com oito gêneros e 21 espécies. No Brasil é grande a representatividade dos tatus, com cinco gêneros e 10 espécies, incluindo uma espécie endêmica, o Tolypeutes tricinctus. A distribuição geográfica dos tatus tem sido projetada nos mapas com base apenas nos locais de registro das espécies. Não há um trabalho recente que agregue em um único conjunto de dados, a distribuição dos tatus combinada com fatores bióticos e abióticos, possibilitando uma previsão mais acurada das áreas potenciais de ocorrência das espécies. O propósito desse trabalho foi estimar a distribuição geográfica potencial das dez espécies de tatus que ocorrem no Brasil, através do GARP. Esse algoritmo genético combina dados de ocorrência da espécie com as características ambientais do local do registro e produz um modelo da distribuição potencial do organismo. Foram utilizados 929 pontos de ocorrência, compilados da literatura primária e secundária, e variáveis ambientais de topografia e clima. Os 20 melhores modelos gerados para cada espécie foram projetados em um mapa digital. Dasypus novemcinctus e Euphractus sexcinctus constituíram 59% do total de registros utilizados na modelagem de nicho, enquanto Tolypeutes matacus representou 1.7% dos registros. Os mapas gerados prognosticaram a ocorrência de oito das dez espécies analisadas para o bioma Cerrado. A Amazônia apareceu na modelagem como uma área cujas condições climáticas estão menos propícias à ocorrência de tatus. A modelagem de distribuição dos tatus poderá ficar mais acurada com o aumento do número de registros de ocorrência, com dados taxonômicos mais detalhados e com mapas ambientais gerados a partir de informações recentes e específicas dos biomas. Esta análise mostra como a modelagem de nicho ecológico é uma ferramenta computacional que pode auxiliar, por exemplo, na formulação de políticas públicas específicas para os diferentes biomas brasileiros, definindo áreas a se proteger e a recuperar no sentido de preservar o maior número de espécies.

[58] ESTUDO DA POPULAÇÃO DE TATU-BOLA (TOLYPEUTES TRICINCTUS) DA FAZENDA JATOBÁ/BA

REIS, M. L.[1]; BOCCHIGLIERI, A.[2]; DIAS, L. B.[3]; LOBO, C. E. C.[4]; CAMPOS, J. B.[5]; HOLMES, R. M.[4]; OLIVEIRA, V. C.[4]; CÂNDIDO, C. E. R.[6]; MARQUES, M. P.[7]; MARTINZ, R. C.[8]; PAULA, W. S.[8]

[1] DIFAP/CGFAU/COFAU, IBAMA; [2] DEA/MMA; [3] FUNATURA; [4] FUNDAÇÃO PÓLO ECOLÓGICO DE BRASÍLIA; [5] MRS CONSULTORIAS AMBIENTAIS; [6] FACULDADE DA TERRA DE BRASILIA; [7] UNICEUB; [8] NEX

Uma das maiores populações remanescentes de tatu-bola, Tolypeutes tricinctus, está presente no oeste do estado da Bahia, numa região de transição entre Cerrado e Caatinga, na Fazenda Jatobá/Floryl, no município de Correntina –BA. A Fazenda atualmente apresenta grande parte (60%) dos seus 90.000 ha coberto por uma floresta plantada de Pinus e eucalipto que, devido ao tipo de manejo efetuado neste processo, com a presença de corredores de vegetação nativa entre os plantios, manteve ao longo dos últimos 20 anos sua biodiversidade original; inclusive com a manutenção de populações de espécies ameaçadas da extinção. Dentre estas, destaca-se a população de T. tricinctus, podendo ser considerada como a maior existente, registrada até o momento, no bioma Cerrado. À aproximadamente um ano e meio estamos estudando esta população através da metodologia de captura, marcação e recaptura, onde os animais são capturados manualmente durante os censos, marcados com tatuagem na cinta central (com o animal sedado) e soltos no local de captura. Além de todos os dados morfológicos, biológicos e ecológicos, também está sendo verificada a condição sanitária da população através de coletas de ectoparasitas, amostras de fezes e sangue. Até agora já foram capturados, avaliados e marcados 40 animais com quatro recapturas. No aspecto ecológico, os animais ocorrem em todos os ambientes existentes na área, desde campos (limpo e úmido) até o carrasco alto e as florestas plantadas, tanto no período diurno como noturno. As recapturas estão corroborando a tese de uma alta territorialidade desta espécie e a razão sexual da população esta em 1:1. Em relação aos aspectos morfológicos, observou-se uma variação no sentido de fechamento da carapaça, sendo majoritariamente no sentido destro em relação à cabeça e uma pequena variação em relação ao número das placas laterais das cintas; entretanto o padrão das placas da cabeça é sempre diferente, podendo funcionar como uma marcação individual ("digital"). As análises sanitárias, de dieta e demais observações biológicas e ecológicas estão em andamento e com a continuidade do estudo, importantes informações serão registradas sobre esta ameaçada e pouco conhecida espécie brasileira.

Genética

[58] ALTO GRAU DE DIFERENCIAÇÃO GENÉTICA ENTRE AS POPULAÇÕES REMANESCENTES DE PREGUIÇA DE COLEIRA (BRADYPUS TORQUATUS)

LARA-RUIZ, P.[1]; CHIARELLO, A. G.[2]; SANTOS, F. R.[3]

[1] BIOLOGIA GERAL, UFMG; [2] PUC MINAS; [3] UFMG

A Preguiça-de-coleira, B.torquatus, é uma espécie ameaçada de extinção, endêmica da Floresta Atlântica Brasileira nos estados de Sergipe, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro e extremo nordeste de Minas Gerais. Neste trabalho foram analisadas seqüências do DNA mitocondrial (D-loop, Cytb e COXI) de animais selvagens das três maiores populações remanescentes visando identificar padrões genéticos que indicassem estruturação das populações e produzir estimativas de diversidade genética. A analise indicou que as populações amostradas em cada estado (Bahia, Espírito Santo e Rio de Janeiro) se encontram isoladas historicamente. Não foram encontrados haplótipos compartilhados entre as distintas populações e a analise de variância molecular (AMOVA) indicou um alto grau de diferenciação, evidenciado pelo valor extremamente alto do índice ΦST > 0.90, análogo do FST de Wright. As analises das redes de haplótipos indicaram uma distribuição descontínua, evidenciando um forte padrão filogeográfico caracterizado por uma grande diferenciação genética entre os grupos de haplótipos encontrados nas populações de cada estado. O índice de diversidade haplotípica (h) indicou valores baixos para a espécie toda, variando entre 0 e 0.6+/-0.3 quando calculado para cada população separadamente. Estes resultados indicam que as populações estudadas devem ser consideradas como unidades evolutivas independentes (Evolutionary Significant Units, ESUs) e manejadas de acordo, frisando a necessidade de estabelecer estratégias de manejo diferenciadas e de evitar a mistura de animais dos distintos estados. Desde que grande parte da diversidade genética remanescente na espécie é devida às diferencias entre as populações e não dentro destas, estas diferenças devem ser mantidas. O alto índice de fixação encontrado sugere que a mistura de animais de populações de diferentes estados como estratégia para aumentar a diversidade genética remanescente nas populações, utilizada como estratégia de manejo genético em outras espécies de mamíferos ameaçados, pode não ser adequada desde que existe o risco de desencadear processos de depressão exogâmica. Os resultados aqui apresentados evidenciam a necessidade de estabelecer novos centros capacitados para receber e recuperar animais apreendidos nos estados de ES e RJ, que atualmente são encaminhados para o único centro de triagem de preguiças existente na região de ocorrência da espécie localizado na Bahia.

[59] ESTRATÉGIAS PARA A AVALIAÇÃO DA DIVERSIDADE GENÉTICA EM BRADYPUS VARIEGATUS E A INVESTIGAÇÃO DO STATUS TAXONÔMICO EM COLEÇÕES MUSEOLÓGICAS

MORAES-BARROS, N.[1]; MIYAKI, C. Y.[2]; BOCCHIGLIERI, A.[3]; REIS, M. L.[4]; MORGANTE, J. S.[5]

[1] GENÉTICA, BIOLOGIA EVOLUTIVA E CONSERVAÇÃO BIOLÓGICA, LABEC - INSTITUTO DE BIOCIÊNCIAS - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO; [2] LGEMA, INSTITUTO DE BIOCIÊNCIAS, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO; [3] DEA/MMA; [4] IBAMA-CGFAU/COFAU; [5] LABEC, INSTITUTO DE BIOCIÊNCIAS, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Devido à vasta distribuição geográfica de Bradypus variegatus (preguiça-comum) e a dificuldade em amostrá-la na natureza, o uso de exemplares depositados em coleções museológicas tem se mostrado uma fonte importante de material em estudos genéticos. Todavia, classificações conflitantes para preguiças de três dedos capturadas na região amazônica como sendo B. variegatus ou B. tridactylus são um problema reconhecido pelos museus. Por isso, em nossos estudos prévios limitamos o uso de exemplares da preguiça comum a somente algumas localidades de sua distribuição geográfica. No presente trabalho, investigamos de forma mais clara o quanto esta limitação de amostragem comprometeu as estimativas de diversidade genética da preguiça-comum. Ademais, testamos a hipótese da análise filogenética baseada em dados moleculares ser eficaz em revelar incongruências na classificação taxonômica de exemplares de preguiças depositados em coleções museológicas. Para tanto, realizamos análises comparativas utilizando seqüências de genes mitocondriais, correspondentes a exemplares de coleções museológicas, preguiças para as quais se desconhecia sua procedência e seqüências do DNA do nosso banco de dados. Os resultados indicaram que as seqüências de DNA de preguiças B. variegatus, para as quais era desconhecida a região de origem, não puderam ser atribuídas a nenhum grupo haplotípico do nosso banco de dados, indicando que a gama de polimorfismos no DNA mitocondrial desta espécie deve ser maior que a estimada até o momento. Nas análises filogenéticas de exemplares de museus, verificamos que, diferentemente das outras espécies analisadas, B. tridactylus não compõe um clado monofilético. A grande maioria dos espécimes B. tridactylus agrupou-se no mesmo clado que todas as amostras, provenientes de museu e de animais capturados na natureza, atribuídas a espécie B. variegatus. Tais resultados corroboram a preocupação inicial referente à distinção correta entre as espécies B. tridactylus e B. variegatus pois revelam a existência de incongruências filogenéticas. Além disso, este estudo sugere que tais incongruências devem ser investigadas: a árvore de genes não corresponde à árvore de espécies devido às características inerentes aos marcadores genéticos utilizados? Os clados evidenciados pela filogenia molecular são consistentes com as espécies e portanto é necessário descrever caracteres, morfológicos e genéticos, que auxiliem a identificação de preguiças amazônicas?

[61] ANÁLISE ECOMORFOLÓGICA DE SEIS ESPECIES DE DASYPODIDAE BRASILEIRAS E COM SIMILARIDADE ECOLÓGICA (MAMMALIA, XENARTHRA, CINGULATA)

BANDEIRA-SILVA, R. A.[1]; ROCHA-BARBOSA, O.[2]; MENDES, A. A.[2]; ABRANTES, E. A. L.[3]; GRELLE, C. E. V.[3]; AVILLA, L. D. S.[3]

[1] DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA, UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO; [2] UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO; [3] UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Os Dasypodidae são endêmicos da fauna das Américas. Sua distribuição geográfica vai desde o sul da América do Norte até o Chile, sul da América do Sul. Apresentam uma morfologia conservativa entre os táxons que a compõem: carapaça dorsal composta de osteodermos e garras bem desenvolvidas que os habilitam ao hábito fossorial. Este trabalho analisa os aspectos ecomorfológicos de seis espécies de tatus brasileiros, Tolypeutes tricinctus(n=4), Dasypus novemcinctus(n=23), Dasypus hybridus(n=2), Dasypus septemcinctus(n=4), Euphractus sexcinctus (n=24) e Cabassous tatouay(n=2), com ampla distribuição geográfica e similaridade ecológica. O material analisado consistiu do úmero, ulna, fêmur e tíbia-fíbula de 59 espécimes adultos. As medições foram feitas com paquímetro digital de precisão (0.05 mm). Foram utilizados índices que retratam aspectos ecomorfológicos – Índice de Habilidade Fossorial(IFA), representa a capacidade fossorial do táxon; Índice Braquial(IB), representa a adaptação do membro anterior a movimentos rápidos, e Índice Crural(IC), sugere a capacidade de cursorialidade do animal, no membro posterior.O IFA, IB e IC em T. tricinctus apresentaram valores indicando ser ele o tatu mais cursorial, fato corroborado pela literatura, que relata seu comportamento pouco fossorial. As espécies dos gêneros Dasypus e Euphractus assumem posição intermediária com valores parecidos para o IFA, exceto em D. septemcinctus que possui ligeiro aumento em relação às demais. Com relação ao IB e IC, somente E. sexcinctus apresentou valores que destoam das demais numa posição intermediária, evidenciando menor investimento em velocidade, no membro anterior, porém maior, no membro posterior. Esse fato poderia ocasionar uma competição interespecífica por recursos, a despeito do comportamento. Entretanto, a ocupação de diferentes áreas e algumas variações morfológicas, para essas espécies, impede competição. O IFA de C. tatouay é o maior dentre as espécies denotando seu hábito fossorial. Já o IB e IC para essa espécie, não diferem das espécies ditas intermediárias. Concluímos que é possível identificar 3 grupos distintos entre as espécies estudadas, com T. tricinctus sendo a mais cursorial, os gêneros Dasypus e Euphractus numa posição intermediária e C. tatouay como o táxon mais fossorial. Órgãos Financiadores: FAPERJ, CNPq, PIBIC/UERJ, CAPES

Morfologia

[60] ANÁLISE CRANIOMÉTRICA DE BRADYPUS VARIEGATUS DA MATA ATLÂNTICA E DA AMAZÔNIA (MAMMALIA, XENARTHRA, BRADYPODIDAE)

LOGUERCIO, M. F. C.[1]; AVEIRO-LINS, G.[1]; MENDES, A. A.[1]; ROCHA-BARBOSA, O.[1]; BANDEIRA-SILVA, R. A.[2]

[1] UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO; [2] DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA, UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

A craniometria em mamíferos analisa grande variedade de aspectos morfológicos e fisiológicos, tais como os desempenhados pela mandíbula e pela função mastigatória. Além disso, o crânio também abriga os órgãos dos sentidos e tem a função de proteger o cérebro. Portanto, as análises craniométricas são consideradas ferramentas poderosas no estudo da zoologia, tanto na descrição de formas novas, como na detecção e interpretação de fenômenos biológicos ligados a estas formas. Para o presente trabalho, estudamos a espécie Bradypus variegatus Schinz, 1825, de ampla distribuição na América do Sul, desde o sul de Honduras até a porção norte da Argentina. As preguiças-de-três-dedos são arborícolas e estritamente folívoras, sendo encontradas em áreas de floresta perene. A fim de verificar a existência de diferenças craniométricas entre dois biomas brasileiros distintos, utilizamos espécimes oriundos da Mata Atlântica (n=11) e da Floresta Amazônica (n=20), do acervo do MNRJ/UFRJ. Realizamos 10 medidas craniométricas com o auxílio de um paquímetro digital de precisão 0,05mm: comprimento máximo do crânio (CMC), largura máxima do crânio (LMC), comprimento da face (CF), largura facial máxima (LFM), largura interorbitária (LI), comprimento maxilo-alveolar (CMA), largura maxilo-alveolar (LMA), largura bi condiliana da mandíbula (LM), altura do ramo da mandíbula (AM) e comprimento da mandíbula (CM). As análises dos dados foram feitas através do pacote estatístico SYSTAT 8.0, utilizando uma análise multivariada de variância (MANOVA) para comparação entre os grupos. Machos e fêmeas foram analisados juntos, devido à ausência de dimorfismo sexual, comprovada também pelo MANOVA. Obtivemos significância na discriminação dos dois grupos (Lambda de Wilks =0.274; F=7.058; p<0.001), sendo as medidas LMC, LFM, LI, LMA, LM e AM as que melhor contribuíram para esta discriminação (p<0.05). Concluímos, portanto, que as preguiças das duas áreas podem ser diferenciadas pelas medidas craniométricas acima, sugerindo um crânio relativamente mais robusto para aquelas da Mata Atlântica. Entretanto, serão necessários estudos comparativos mais detalhados, envolvendo hábitos alimentares, ocupação de habitats e aspectos comportamentais, para melhor explicar estas diferenças encontradas. Órgãos Financiadores: FAPERJ, CNPq, PIBIC/UERJ, CAPES, Programa Prociência/UERJ.

[62] ASPECTOS ECOMORFOLÓGICOS INDICADORES DE MODALIDADES LOCOMOTORAS EM XENARTROS PILOSOS ATUAIS E FÓSSEIS (MAMMALIA: XENARTHRA).

KRAEMER, B.[1]; YOUNG, R.[2]; CARTELLE, C.[3]

[1] MUSEU DE CIÊNCIAS NATURAIS PUC MINAS, PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS; [2] CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ZOOLOGIA DE VERTEBRADOS PUC MINAS; [3] MUSEU DE CIÊNCIAS NATURAIS PUC MINAS

As várias modalidades de locomoção de grupos mamalianos não voadores são o resultado de sua capacidade em adaptar-se face às forças seletivas. Uma análise mais profunda da variação anatômica dos membros locomotores de mamíferos xenartros recentes e fósseis permite que se faça uma distinção mais acurada destas classes locomotoras principais. Comparando-se as preguiças terrícolas (extintas) com as arborícolas (viventes) e tamanduás (viventes), veremos que as primeiras apresentam morfologia esquelética, em sua estrutura geral, com claras afinidades com as preguiças e tamanduás, assemelhando-se crânio, mandíbula e dentes, assim como escápula, aos das preguiças viventes e a coluna vertebral e membros locomotores aos dos tamanduás. O objetivo principal desse estudo é analisar os aspectos ecomorfológicos de 12 espécies de xenartros, 5 extintas e 7 viventes, pertencentes ao grupo dos Pilosa (preguiças e tamanduás), tentando identificar modalidades locomotoras preponderantes em cada espécie, assim como estratégias de forrageamento correlacionadas às adaptações locomotoras desenvolvidas pelas mesmas. Os índices morfométricos aqui usados foram sete, a saber: Índice de flexibilidade do cotovelo (SMI), Índice de braquialidade (BI), Índice de capacidade semifossorial (IFA), Índice de robusticidade do fêmur (FRI) e da perna (LRI), Índice de cruralidade (CI) e Índice de proporção intermembral (IMI). As análises discriminantes resultantes mostraram que os índices SMI, LRI e IFA, perfazem 96,6% da significância amostral, apresentando SMI como o índice de maior expressividade, com 65,6%. Foram identificados 03 agrupamentos de adaptações locomotoras, apresentando maiores valores em investimento de força nos membros torácicos as preguiças terrícolas, seguidas por tamanduás e preguiças arborícolas. Os maiores valores de robustez nos membros pélvicos concentraram-se nos tamanduás, seguidos por preguiças terrícolas de médio e grande porte, e preguiças arborícolas. O que se pôde concluir dos resultados é que no período Pleistoceno final, a diversidade de xenartros de grande e médio porte viveu em simpatria no bioma de cerrado só foi possível em decorrência da estratificação de nichos ecológicos, como ocorre hoje com os mirmecofagídeos (tamanduás) e dasipodídeos (tatus), havendo a ocorrência de espécies generalistas e especialistas quanto aos aspectos alimentares.

[63] HISTÓRIA NATURAL E DIMORFISMO SEXUAL NA PREGUIÇA-DE-COLEIRA, BRADYPUS TORQUATUS (XENARTHRA: BRADYPODIDAE).

LARA-RUIZ, P.[1]; CHIARELLO, A. G.[2]

[1] BIOLOGIA GERAL, UFMG; [2] PUC MINAS

As preguiças são folívoros arborícolas neotropicais de hábitos solitários e altamente crípticos. Existe informação abundante sobre a fisiologia e anatomia destes animais, porém dados sobre parâmetros reprodutivos e história natural são escassos. O objetivo deste trabalho é apresentar informações novas relativas à morfologia e reprodução da Preguiça-de-coleira, Bradypus torquatus, espécie ameaçada endêmica da Floresta Atlântica. Os dados foram obtidos de 48 animais capturados nos estados de RJ, BA e ES em regiões onde se encontram as maiores populações remanescentes da espécie. Dados de 14 animais monitorados no ES durante um estudo de longo prazo também foram utilizados. O peso médio dos adultos foi de 6594±236 g e o comprimento total médio 66.5±0.8 cm (n=35), indicando que B.torquatus é a maior das quatro espécies do gênero. Diferenças significativas no comprimento do corpo de indivíduos capturados em regiões serranas (600-1000 m) e de baixada (<350 m) indicam diferenciação altitudinal das populações. O dimorfismo sexual, aqui registrado pela primeira vez, só é evidente em animais reprodutivamente ativos e se caracteriza por diferenças no tamanho (fêmeas são significativamente mais pesadas), na estrutura da genitália externa, e no padrão da coleira preta característica da espécie (maior e mais escura nos machos). Existe sazonalidade na reprodução, o menor intervalo entre nascimentos observado foi um ano e o tamanho da ninhada foi sempre um. A ingestão de alimento sólido foi observada a partir de duas semanas de idade. O tempo de lactação é de aproximadamente quatro meses e os filhotes permanecem associados à mãe entre oito e 11 meses, período ao término do qual se tornam independentes e se estabelecem em sua própria área. A maturidade sexual foi estimada entre os dois e três anos e o indivíduo mais velho capturado foi um macho saudável e reprodutivamente ativo com pelo menos 12 anos de idade. Em geral, os resultados indicam que a reprodução de B.torquatus é semelhante à das outras espécies do gênero. Esta informação aumenta significativamente o conhecimento existente sobre a biologia desta espécie ameaçada e pode ser utilizada para um adequado planejamento e implementação de estratégias de conservação in situ.

Sistemática

[64] REVISÃO SISTEMÁTICA DOS DASYPODINI (MAMMALIA: CINGULATA: DASYPODIDAE)

ABRANTES, E. A. L.[1]; PORPINO, K. O.[2]; AVILLA, L. S.[3]

[1] GEOLOGIA, UFRJ; [2] 2.DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, UERN; [3] DEPARTAMENTO DE VERTEBRADOS, MUSEU NACIONAL, UFRJ

A tribo Dasypodini abriga a maior diversidade dos Dasypodidae (tatus) viventes. Apresenta um amplo registro geológico (Mioceno Médio [±14 milhões de anos] até o recente) e geográfico (América do Sul austral até o sul dos E.E.U.U). O critério tradicionalmente utilizado na sistemática dos Dasypodidae fundamenta-se na morfologia dos osteodermes de carapaça - o principal elemento preservado no registro fóssil do grupo. Existem diversas filogenias intuitivas que propõem intra-relações para a tribo em questão. Dessa forma, nesse estudo objetiva-se uma análise filogenética utilizando a metodologia cladística, para melhor entendimento das intra-relações dos Dasypodini. O grupo-interno é composto pelos táxons consensualmente considerados Dasypodini - Dasypus (o único representante vivente); Propraopus grandis e Propraopus punctatus, ambos do Pleistoceno e Anadasypus hondanus, do Mioceno Médio. Testaremos, também, o posicionamento de Eocoleophorus glyptodontoides (Oligoceno Superior [±25 milhões de anos], Brasil), originalmente um Cingulata insertae sedis, porém, atribuído a Dasypodini em um estudo taxonômico anterior. Dasypus bellus (endêmico da América do Norte, Pleistoceno) será igualmente avaliado, devido a dúvidas sobre sua associação ao gênero Dasypus. Para testar o monofiletismo dos Dasypodini adicionamos, também, o seu grupo-irmão Stegotherini (Nanostegotherium prostatum, Pseudostegotherium glangeaudi, Astegotherium dicholomus e Stegosimpsonia chubutana). O enraizamento foi estabelecido a partir dos Dasypodinae mais antigos, Riostegotherium yanei (Paleoceno Superior [±55 milhões de anos], Brasil), Prostegotherium astriler e Prostegotherium notostylopianum (ambos do Paleoceno Superior-Eoceno Inferior, Argentina). A análise de parcimônia foi conduzida a partir de 13 homologias primárias do exoesqueleto utilizando-se o algoritmo branch and bound do software PAUP 4.0b10. No teste de suporte dos clados resultantes realizou-se a análise de bootstrap (700 repetidores) efetuado com o algoritmo heurístico (opção branch swapping). A única árvore resultante (18 passos; CI = 72; RI = 85) apresenta a seguinte topologia: (Riostegotherium yanei (Stegosimpsonia chubutana (Astegotherium dichotomus, Prostegotherium astriler, Prostegotherium notostylopianum))) (Nanostegotherium prostatum, Pseudostegotherium glangeaudi) (Anadasypus hondanus (Eocoleophorus glyptodontoides (Propraopus punctatus, Dasypus) (Propraopus grandis, Dasypus bellus))). Os resultados sugerem: (1) Dasypodini é monofilético, fundamentado em 3 sinapomorfias não-ambíguas e bootstrap de 89%; (2) Eocoleophorus é um Dasypodini; (3) o gênero Propraopus não seria monofilético na concepção tradicional; (4) D. bellus não pertenceria ao gênero Dasypus.

Carnivora

Comportamento

[65] ATAQUES DE QUATIS (NASUA NASUA – MAMMALIA: PROCYONIDAE) A VISITANTES NO PARQUE NACIONAL DO IGUAÇU - PARANÁ

OLIVEIRA, P. C. P.[1]; D'AMICO, A. R.[2]; CÂNDIDO-JÚNIOR, J. F.[3]

[1] ZOOLOGIA, UNIOESTE; [2] PARQUE NACIONAL DO IGUAÇU; [3] UNIOESTE

Os quatis (Nasua nasua) são facilmente visualizados na área de uso público do Parque Nacional do Iguaçu, sendo considerados uma atração extra. Por serem animais com alta plasticidade comportamental, adaptam-se bem à presença humana, fato que pode gerar grandes problemas, como o ataque de quatis a turistas em busca de alimento. Esse contato leva muitos turistas a acariciar seus filhotes, sendo então atacados pelas fêmeas. O objetivo deste trabalho foi quantificar e avaliar os ataques de quatis a visitantes, buscando melhores formas de manejar o problema. Desde maio de 2001 realiza-se o registro dos ataques, entretanto dados mais detalhados só passaram a ser coletados a partir de outubro de 2002. Para o registro são utilizadas fichas preenchidas quando os turistas são encaminhados à enfermaria para receberem os primeiros atendimentos. Nessas fichas é registrado o motivo do ataque, a descrição do ferimento, data, e outras informações relevantes. O número total de registros no período avaliado foi de 621 ataques. De outubro de 2002 até abril de 2005, 23% do total de acidentes foram ferimentos profundos, atingindo além da pele, tecidos mais profundos. Os meses com maior incidência de ataques foram os meses de maior visitação no parque, como feriado de páscoa e o período de férias, que coincide com a época em que os filhotes estão deixando os ninhos e seguindo o bando, o que acaba gerando um contato físico maior com o visitante e ataques mais agressivos. Dentre os motivos dos ataques, 84% ocorreram devido aos turistas estarem portando comida e 11% devido ao contato físico com os animais, como acariciá-los ou pisá-los, e 5% dos turistas não souberam dizer porque foram atacados. Essa situação tem levado à elaboração de propostas de manejo, que evitem os acidentes, porque estes animais podem causar ferimentos e serem vetores de doenças como a raiva. Além disso, a proximidade pode causar problemas à população de quatis devido a sua semi-domesticação.

[66] ENRIQUECIMENTO AMBIENTAL PARA IRARAS (EIRA BARBARA) NO JARDIM ZOOLÓGICO DE BRASÍLIA

FERNANDES, H.[1]; BOCCHIGLIERI, A.[2]

[1] FACULDADES DA TERRA DE BRASÍLIA; [2] CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, CONSULTOR DEA/MMA

O ambiente cativo envolve fatores que influenciam na mudança de comportamento das espécies que passam a apresentar comportamentos anormais e não observados na natureza. Para evitar tais comportamentos, os zoológicos procuram criar um ambiente interativo e complexo que permite ao animal apresentar comportamentos mais naturais através de procedimentos denominados enriquecimento ambiental. Um casal de iraras (Eira barbara) do Jardim Zoológico de Brasília apresentava comportamentos estereotipados e hábito de coprofagia em observações prévias. Para tais animais, foi desenvolvido um programa de enriquecimento ambiental na tentativa de reduzir esses comportamentos e melhorar a qualidade de vida dos mesmos. Através de observações realizadas em dois períodos pela manhã e um pela tarde, utilizando amostragem scan e registro instantâneo, com um etograma para a espécie, detectou-se que os animais apresentavam um repertório restrito à alguns comportamentos, como locomoção e previsibilidade entre as 8:00-10:30hs, manipulação de alimento entre 10:30-12:00, com agressão da fêmea, e inatividade e coprofagia entre 14:00-17:00; não ficando visíveis aos visitantes na maioria do tempo. Propôs-se dois tratamentos: mudança na apresentação do alimento através de recipientes em locais elevados do recinto e não mais no cambeamento e a introdução de um espaço de exploração, preenchido com folhiço e itens que estimulem o olfato e/ou visão. Após a introdução do enriquecimento, os animais foram observados nos mesmos horários e apresentaram um repertório comportamental mais variado, aumentando também o tempo de visibilidade ao público. Houve uma elevação do tempo de manipulação do alimento por ambos os animais, que passaram a se alimentar ao mesmo tempo, visto que a agressão à fêmea deixou de ocorrer. Conseqüentemente, ambos passaram a ter acesso a mesma quantidade e qualidade do alimento, refletindo em diminuição do comportamento de coprofagia a tarde. Ambos demonstraram interesse pela área de exploração, apresentando interação com os itens dispostos, reduzindo o comportamento de inatividade e tornando-se mais visíveis ao público. As iraras do Zoológico de Brasília apresentavam problemas referentes ao cativeiro e o enriquecimento proposto produziu resultados positivos, visto que aumentou a freqüência e a diversidade do repertório comportamental bem como a utilização de pontos visíveis ao público, suprimindo comportamentos estereotipados e agonísticos.

[67] REGISTROS PARCIAIS DOS COMPORTAMENTOS DE MANUTENÇÃO COM UM CASAL DE ARIRANHAS PTERONURA BRASILIENSIS (ZIMMERMANN, 1780) EM CATIVEIRO – CURITIBA, PR.

WINTER, A. P.[1]; COSTA, L. C. M.[2]

[1] NEC-NÚCLEO DE ESTUDOS DO COMPORTAMENTO ANIMAL, PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ; [2] PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ

Pteronura brasiliensis é o maior membro da família Mustelidae e facilmente distinta de outras lontras sul-americanas por sua morfologia e comportamentos. Distribui-se amplamente no território brasileiro exceto na caatinga e florestas de baixada. Atualmente conta com populações significativas apenas no Pantanal e Amazonas. O presente estudo justifica-se por esta espécie ser considerada "em perigo" pela The World Conservation Union – IUCN e vulnerável de extinção pela última classificação do IBAMA. A destruição do seu hábitat, concomitantemente com a prática da caça, representam as maiores ameaças para a espécie tornando necessário técnicas apropriadas de manejo para sua conservação. A premissa deste trabalho consiste em estabelecer que os atos comportamentais, ao sofrerem pequenas modificações quando desencadeados em cativeiro, possibilitarão a formulação do etograma do casal cativo com aplicabilidade em ambiente natural. Os objetivos deste trabalho são: descrever os comportamentos de manutenção em cativeiro. Este estudo está sendo desenvolvido no Zoológico do Parque Iguaçu em Curitiba com um casal de ariranhas que são distintas através de uma mancha bem delimitada que pode estender-se do queixo ao tórax, única para cada indivíduo. Até o momento foram realizadas aproximadamente 80 horas de observações utilizando-se do método ad libitum. Durante o comportamento de manutenção foram observadas as seguintes posturas: chacoalhar a cabeça; coçar o corpo (grooming); forrageamento; alimentação no solo e na água; ingestão de líquido; defecação/micção; "patinação"; descanso e repouso (dormir). O ato de coçar o corpo envolve: mordiscar/lamber; coçar com as unhas, passar pata anterior no focinho, esfregar parte do corpo no substrato; limpeza do baculum e allogrooming. Para postura de descanso foram considerados os atos de bocejar, espreguiçar e permanecer imóvel (ou executando movimentos leves). Este também foi considerado como repouso, porém quando deitado com os olhos fechados. É comum macho e fêmea permanecerem lado a lado quando dormem nas seguintes posturas: deitados "enrolados", "abraçados", "dorso com dorso" e "apoiando a cabeça sobre o co-específico". O contato ou a proximidade durante o descanso e repouso entre macho e fêmea no Zôo de Curitiba infere a formação de casal, contudo, não há registros de reprodução dos mesmos.

Conservação

[68] A PRESENÇA DE GATOS E CACHORROS NO PARQUE ESTADUAL DE ITAPEVA(TORRES-RS) E POSSÍVEIS IMPACTOS SOBRE A FAUNA SILVESTRE

ZANK, S.[1]; GONÇALVES, C. S.[2]; KINDEL, A.[3]

[1] ECOLOGIA, UFRGS; [2] UFRGS

Os gatos e cachorros historicamente vem acompanhando o crescimento e expansão da população humana e, atualmente, a ocupação dos últimos remanescentes de áreas naturais. A presença de gatos e cachorros em áreas naturais está sendo considerada como um dos fatores de ameaça para a conservação destas áreas. Esta ameaça está relacionada ao grande potencial predador destas espécies, além dos riscos de competição e transmissão de doenças às espécies silvestres da carnívoros. O Parque Estadual de Itapeva, unidade de conservação localizada no litoral norte do Rio Grande do Sul, não possui sua questão fundiária resolvida, possuindo grande número de moradias no seu interior e entorno. Este trabalho teve como objetivo realizar um levantamento dos carnívoros domésticos que habitam o interior e entorno do Parque, e avaliar os possíveis impactos que estas populações possam estar causando na área. Para isto, durante os meses de junho a dezembro de 2004 foram realizadas entrevistas, baseadas em questionários semi-estruturados, com moradores do entorno e interior do Parque. Neste período foram entrevistadas 37 moradias. Através das entrevistas obtivemos uma média de 1,8 cachorros e de 1,2 gatos por casa; 42,1% dos donos já viram seus gatos caçarem e/ou sua presa, sendo que este valor é inferior no caso dos cachorros (21,4%), porém o hábito de instigar seus cachorros ao ataque a animais silvestres, como gambás e tucos-tucos, é comum entre os moradores. Entretanto, estes dados são uma sub-estimativa, pois os donos admitiram que 68% dos gatos e 33% dos cachorros circulam pelas áreas naturais, o que pode resultar na caça nestas áreas, além do contato com as espécies silvestres. Além disto, segundo relatos, também existe a possibilidade de existência de gatos e cachorros assalvajados na área do Parque. Estes dados demonstram a necessidade de estudos mais específicos para avaliar os danos que podem estar sendo causados na área e assim propor alguma alternativa de manejo para estas espécies.

[69] ABSENCE OF GENETIC BOTTLENECK IN HUNTED AND EL NIÑO AFFECTED POPULATIONS OF SOUTH AMERICAN FUR SEAL, ARCTOCEPHALUS AUSTRALIS

OLIVEIRA, L.[1]; MEYER, D.[2]; HOFFMAN, J.[3]; MAJLUF, P.[4]; AMOS, W.[3]; MORGANTE, J. S.[2]

[1] GRUPO DE ESTUDOS DE MAMÍFEROS AQUÁTICOS DO RIO GRANDE SUL , GRUPO DE ESTUDOS DE MAMÍFEROS AQUÁTICOS DO RIO GRANDE SUL ; [2] LABORATÓRIO DE BIOLOGIA EVOLUTIVA E CONSERVAÇÃO DE VERTEBRADOS, IB-USP; [3] MOLECULAR ECOLOGY LABORATORY, UNIVERSITY OF CAMBRIDGE; [4] SPONDYLUS, PERU

The South American fur seal, Arctocephalus australis, was one of the earliest exploited otariid seals. In the Atlantic coast it has been exploited by humans since at least 6000 years ago and more than 750,000 fur seals were killed until 1991 in Uruguayan coast, when commercial hunting was forbidden in this country in South America. In the Pacific coast, especially in Peru, it has been exploited by humans since c. 2000 BC and now the original population declined 72%, as a result of low food availability during the severe El Niño in 1997-1998. In this sense A. australis is now classified as in danger of extinction in Peru and listed in the Appendix II under CITES. At present there is no information about the precise global population size, the consequences of the period of commercial hunting, or of the El Niño events to the species conservation. In this sense we present the first study on genetic diversity of the Pacific and Atlantic populations of A. australis through the analysis of seven microsatellite loci, which we use to test the hypothesis that the populatoins experienced a bottleneck. The total number of alleles (n = 61) were the same in both populations. Both populations present similar and high levels of expected heterozygosity (Pacific = 0.779 and Atlantic = 0.791), but the Atlantic population presented greater average allelic richness (8.086) than the Pacific population (6.956). When sample heterozygosity was compared to equilibrium expectations, a sign test did not indicate a recent genetic bottleneck in the samples collected from both Pacific and Atlantic populations. The high levels of genetic diversity within both populations and the absence of statistical support for a genetic bottleneck in both Pacific and Atlantic populations (using both the IAM and SMM mutations models) indicates that the historical reductions in population size caused by El Niño events, mainly in the Peruvian coast in 1982-1983, and commercial hunting in the Uruguayan coast, respectively, were not sufficient to leave a genetic signature of a bottleneck, detectable by using microsatellite loci.

[70] DISTRIBUIÇÃO E USO DO HABITAT DA LONTRA NEOTROPICAL, LONTRA LONGICAUDIS, NA RESERVA NATURAL DO CACHOEIRA, ANTONINA, PARANÁ

POVH, L.[1]; QUADROS, J. Q.[2]

[1] ZOO, UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ; [2] UNIVERSIDADE TUITI DO PARANÁ

DISTRIBUIÇÃO E USO DO HABITAT DA LONTRA NEOTROPICAL, LONTRA LONGICAUDIS, NA RESERVA NATURAL DO CACHOEIRA, ANTONINA, PARANÁ O presente estudo tem como objetivo determinar a distribuição e uso de habitat da Lontra longicaudis. O rio Cachoeira e seus formadores, a montante e a jusante da Reserva Natural do Cachoeira, estão sujeitos a atividades antrópicas que causam mudanças de ordem físico-química na água (poluição, desflorestamento das margens e assoreamento do leito) de múltiplas formas, tem caminhado no sentido de reduzir o estoque de potenciais presas desses predadores semi-aquáticos e alterar seu ambiente.Todo o rio Cachoeira e alguns de seus afluentes são visitados mensalmente. Locais com evidências indiretas de Lontra longicaudis nas margens do rio, como: fezes, tocas, rastros e arranhados; foram marcados com auxílio do aparelho de GPS e estes plotados em mapa georreferenciado, no Laboratório de Sistemas de Informações Geográficas (LabSIG) da SPVS. O Plano de Manejo da Reserva disponibiliza mapas de vegetação e solos da área que fazem parte do acervo do Laboratório de Sistemas de Informações Geográficas (LabSIG) da SPVS. A determinação da preferência ambiental das lontras será feita através da sobreposição das cartas temáticas de vegetação e solos (já disponíveis para a área). Há ocorrência de Lontra longicaudis por todo o rio Cachoeira. O habitat deste animal que compreende as margens do rio, principalmente os barrancos que são muito utilizados como dormitório, sítio de defecação, demarcação de território.... Em alguns locais sofrem deslizamentos constantes, isto foi observado à montante do rio Cachoeira. Não sabemos se estes deslizamentos podem estar sendo ocasionado pela grande vazão de água da represa do Capivari quando suas comportas são abertas, ou pela grande quantidade de braquiárias que modificam a paisagem principalmente da mata ciliar. Outro questionamento, é se de alguma maneira esta modificação na paisagem das margens do rio Cachoeira influenciam a Lontra longicaudis. O resultado preliminar indica presença de Lontra longicaudis por toda extensão do rio Cachoeira. A vegetação presente nos pontos de registro de ocorrência ainda não foi analisada de acordo com a preferência de habitat.

Ecologia

[71] ACOMPANHAMENTO DE GRUPOS REMANESCENTES DE ARIRANHA (PTERONURA BRASILIENSIS) NA RESERVA DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL AMANÃ, AMAZONAS

LIMA, D. S.[1]; MARMONTEL, M.[1]; CALVIMONTES, J.[1]; MATTOS, G. E.[2]; ROSAS, F. C. W.[2]; LIMA, D. S.[3]

[1] INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL MAMIRAUÁ (IDSM); [2] INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA (INPA); [3] PROGRAMA MAMÍFEROS AQUÁTICOS - PROJETO ONÇAS D'ÁGUA DO AMANÃ, INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL MAMIRAUÁ

Endêmica de florestas tropicais e planícies alagáveis da América do Sul, a ariranha (Pteronura brasiliensis) (Zimmermann, 1780) é a lontra mais ameaçada de extinção. A intensa caça para obtenção de pele e o tráfico de filhotes ocasionou uma drástica redução populacional e fragmentação de sua distribuição original. Populações remanescentes continuam ameaçadas por fatores antrópicos como poluição, alteração e destruição do habitat. No Brasil, populações aparentemente isoladas permanecem restritas à região do Pantanal e Bacia Amazônica, tendo sido praticamente extintas nas demais áreas de ocorrência original. Na RDS Amanã, a presença de ariranhas tem sido observada na cabeceira do Lago Amanã. Uma pesquisa a respeito dos aspectos biológicos, distibucionais e a interação das ariranhas com moradores locais vêm sendo realizado nesta área desde setembro de 2004. Mensalmente, foram efetuadas saídas de campo nos dois igarapés previamente identificados como locais de presença da espécie a fim de localizar e quantificar indícios diretos e indiretos. Grupos de ariranhas foram observados em alguns trechos da área de estudo. Já foram registrados 170 indícios indiretos: acampamentos (n = 8), latrinas (n = 43), locas (n = 41), local de descanso (n = 23), pegadas (n = 40), marcação de unhas (n = 10) e vocalização (n = 5). Amostras de fezes foram coletadas para posterior análise de hábito alimentar, tendo sido encontradas fezes secas (n = 34), fezes frescas (n = 3) e muco (n = 1). O contato com moradores próximos aos igarapés Baré e Urumutum tem sido constante, e segundo suas informações, a presença de ariranhas na cabeceira do Lago só vem sendo registrada nos últimos cinco anos. Observa-se que a espécie ainda é desconhecida por grande parte dos moradores locais, exceto por pescadores tradicionais que realizam suas atividades no interior dos igarapés e por pessoas que, no passado, foram caçadores da espécie. Até o final da pesquisa, espera-se obter dados mais abrangentes a respeito da biologia das ariranhas e a percepção dos moradores em relação às mesmas, fornecendo subsídios ao Plano de Manejo da RDS Amanã e a conservação da espécie.
APOIO FINANCEIRO: FEPIM 2004 e PETROBRAS

[72] ANÁLISE DA DIETA DE UMA POPULAÇÃO REMANESCENTE DE LOBOS-GUARÁ NOS CAMPOS GERAIS, NO MUNICÍPIO DE TIBAGI-PARANÁ

ROSA, E.[1]; LANGE, R.[2]

[1] POS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA, UFPR; [2] UFPR

O lobo-guará (Chrysocyon brachyurus Illiger, 1815) é considerado o maior canídeo sul-americano, distinguindo-se dos demais devido suas longas pernas, orelhas grandes e pêlos negros na região lombar, pesando de 20 à 25 kg, com altura de 90 cm e comprimento total do corpo entre 145 à 190 cm, sendo mais 45 cm de cauda. É um animal solitário e de hábito territorialista, costumam a se comunicar com certa periodicidade entre a própria espécie através de contatos corporais, odores e sons que atingem a maior freqüência nos meses de junho a agosto. É um caçador oportunista e por isso a sua dieta é bastante variada. Com a fragmentação do seu habitat, o lobo-guará vem se aproximando cada vez mais das populações humanas, em busca de recursos para a sua manutenção. Este trabalho foi realizado na Fazenda Invernada da Barra, no município de Tibagi- PR, e fica próxima ao Parque Estadual do Guartelá, sendo que as fases de campo foram realizadas no período de 24 de maio de 2003 à 06 de janeiro de 2004, num total de 960 horas. Durante as fases de campo foram realizados avistamentos diretos, gravações de vocalizações e encontro de vestígios indiretos como pegadas, presença de pêlos e coleta de fezes para análise da dieta da população de lobos daquela área, entrevista com moradores e trabalhadores da região sobre os lobos.Neste estudo o lobo-guará foi classificado como onívoro generalista, após a análise das fezes coletadas. Os itens encontrados com maiores freqüências foram: sementes (59,52%), roedores (47,61%) e insetos (40,47%). A família das Rosáceas foi o item vegetal mais encontrado, sendo que na porção animal houve destaque para os Cricetídeos e Escarabeídeos. As diferenças quando comparadas com os resultados obtidos com os demais trabalhos realizados com a espécie se deve a localização geográfica e a área de estudo em questão ser altamente antropizada devido as atividades agrícolas.

[73] ANÁLISE DA DIETA DO LOBO-GUARÁ (CHRYSOCYON BRACHYURUS) EM UM FRAGMENTO DA MATA ATLÂNTICA EM VIÇOSA, MINAS GERAIS

TAKEICHI, C. L. E.[1]; PRADO, M. R.[1]; LESSA,G.[2]

[1] UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA; [2] DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA ANIMAL, UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA

O lobo guará (Chrysocyon brachyurus) é um canideo brasileiro típico de áreas abertas, estando seu processo atual de colonização influenciado pela expansão das fronteiras agrícolas e o desmatamento das florestas. Áreas abertas por pastagens e lavouras têm ampliado a sua área de distribuição para fragmentos de Mata Atlântica. Os estudos sobre o hábito alimentar destes mamíferos registram uma dieta onívora constituída basicamente por pequenos vertebrados e frutos, facilitando a plasticidade da espécie ao estabelecimento em diversos habitats. Os relatos em áreas de Cerrado apontam Solanum lycocarpum, a lobeira, como o item alimentar mais freqüente em sua dieta. Durante um levantamento de mamíferos de médio e grande porte numa Unidade de Conservação conhecida como Mata do Paraíso, com 194 ha de floresta estacional semidecidual e localizada no município de Viçosa (MG) (20°48'65''S, 42°51'23''W), foram obtidos novos registros de fezes de C. brachyurus. As análises das amostras neste estudo revelaram a presença de artrópodes (coleopteros e formigas), restos de pequenos mamíferos (ossos, pêlos e dentes), penas de aves e restos vegetais (cascas de frutos e sementes) totalizando 75,1g. Sementes de lobeira foram identificadas como sendo o item de maior freqüência (230 sementes pesando 6,7g, equivalentes a 9% das amostras) indicando a espécie vegetal como um importante item alimentar para o lobo-guará na Zona da Mata de Minas Gerais. Estudos anteriores nesta mesma área indicaram uma alta incidência de Attales dubia (Palmae) em fezes da espécie, fato que não se repetiu neste estudo. O resultado aqui encontrado pode estar relacionado ao aumento da freqüência de S. lycocarpum na região.

[74] ANALISE DA DIETA DOS GRAXAINS (CERDOCYON THOUS E PSEUDALOPEX GYMNOCERCUS) (CARNIVORA, CANIDAE) NO PARQUE NACIONAL DOS APARADOS DA SERRA – RS

ABREU, M. S. L.[1]; CARDOSO, A. V.[2]; MESQUITA, A.[2]; VIEIRA, E. M.[2]

[1] ZOOLOGIA, UNISINOS; [2] UNISINOS

O graxaim-do-mato (Cerdocyon thous) e o graxaim-do-campo (Pseudalopex gymnocercus) são canideos endêmicos da região Neotropical. O Rio Grande do Sul é um dos únicos lugares onde estes canideos existem em simpatria. O presente estudo consistiu na análise qualitativa dos itens alimentares presentes nas fezes destas duas espécies no Parque Nacional dos Aparados da Serra, Estado do Rio Grande do Sul. De 2000 a 2004 coletamos fezes em estradas, trilhas, matas e campos. Este material foi triado para identificar os itens alimentares, registrando apenas presença ou ausência. Realizamos um teste de Qui-Quadrado para verificar variação sazonal na utilização dos itens. Também coletamos pêlos aristiformes presentes nas fezes para identificar a espécie de canideo. Um total de 69 amostras foi coletado e analisado. Os itens foram divididos em mamífero, ave, inseto, fruto e réptil. Insetos estiveram presentes ao longo de todo o ano. Mamíferos, também presentes ao longo de todo o ano, foram mais freqüentes durante o inverno (39% sobre o total de itens da estação). Os frutos estiveram presentes apenas durante o inverno e outono. Répteis e aves permanecem relativamente estáveis ao longo de todo o ano. Foi detectada diferença significativa entre as estações em relação aos itens consumidos ($P < 0.005$). A identificação da espécie de canideo foi possível em apenas 31 amostras. No verão C. thous alimentou-se mais de insetos (50%) e P. gymnocerus alimentou-se principalmente de mamíferos e insetos (38% cada). Durante o outono C. thous consumiu principalmente frutos (43%) e insetos (36%), enquanto para P. gymnocercus foi registrado principalmente frutos, mamíferos e insetos (com 33% dos registros cada item). Os frutos não demonstraram ter muita importância, estando presentes apenas durante o inverno e outono, contrastando com resultados de outros autores em pesquisas realizadas no sudeste e centro-oeste do país. A identificação do padrão de pêlos deve ocorrer em pêlos-guarda, mas estes não foram encontrados em todas as amostras (impedindo a identificação da espécie de canídeo). Os resultados obtidos neste trabalho sugerem que a divisão espacial destas duas espécies deva ocorrer por outros fatores, diferentes da dieta, como uso de habitat e período de atividade.

[76] ANALISE DO ENTORNO DE TOCAS DE LONTRA NA LAGOA DO PERI, ILHA DE SANTA CATARINA, SC.

CARVALHO-JUNIOR, O.[1]; SCMIDT,A.[2]; TOSATTI, M.[3]

[1] CTTMAR/UNIVALI E EKKO BRASIL/PROJETO LONTRA; [2] OCEANOGRAFIA, EKKO BRASIL / PROJETO LONTRA; [3] EKKO BRASIL/PROJETO LONTRA

O entorno do corpo da'água do sistema da Lagoa do Peri é caracterizada por um ambiente em estágio de sucessão adiantada de Floresta Atlântica e possui uma topografia acidentada na sua porção norte, oeste e sudoeste, onde são encontradas as tocas de lontras. O presente trabalho representa a análise de dados coletados durante janeiro a dezembro de 2004, no entorno das tocas. Esses dados são confrontados com resultados obtidos da freqüência de uso de tocas por lontras na área de estudo. Sete tocas de lontras situadas nas margens da Lagoa do Peri foram analisadas e as variáveis correlacionadas para determinar a preferência da espécie por um ambiente determinado. A forma como as tocas são utilizadas pelas lontras é pouco conhecida. Os fatores ambientais que podem influenciar na escolha de uma toca podem estar relacionados com temperatura, umidade, grau de isolamento e espaço interno. Na Lagoa do Peri a lontra não constrói suas próprias tocas, utilizando espaços naturalmente formados em áreas rochosas. No presente estudo, para a descrição do entorno de tocas de lontras, três variáveis foram consideradas: densidade da cobertura foliar, diâmetro dos troncos das árvores e profundidade do húmus. Para estimar densidade foliar foi utilizado um tubo de PVC de 25 mm. O diâmetro das árvores é medido com uma trena flexível, na altura do peito. A profundidade do húmus é realizada através de uma régua introduzida no solo. A amostragem é feita determinando um ponto, localizado na área superior da toca, e um raio de 20 metros é definido a partir deste. A partir do ponto central 4 perfis são definidos ao longo dos quais as três variáveis são amostradas. O teste do Qui-quadrado foi aplicado para analisar a correlação e a existência de diferenças entre o conjunto de dados registrados. Os resultados de correlação entre variáveis selecionadas demonstram a importância da presença da floresta atlântica como uma estratégia de proteção às lontras em seu ambiente natural. Considerando as variáveis selecionadas o presente estudo indica que as tocas apresentam um padrão similar de utilização.

[77] ANÁLISE PRELIMINAR DA DIETA DA LONTRA (LONTRA LONGICAUDIS, OLFERS1818) NO VALE CARANGOLA, MINAS GERAIS

FERRAZ, D.[1]; MELO, F. R.[2]

[1] CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS/ FAFILE; [2] FAFILE/UEMG CARANGOLA

A lontra (Lontra longicaudis Olfers, 1818) é um mustelídeo com medidas corporais entre 89 a 130 cm de comprimento total e com peso entre 5 a 15 kg, sendo o macho maior que a fêmea. Ocorre em toda a América Central e Sul, incluindo o Brasil, desde o México ao norte da Argentina e sul do Uruguai, com exceção do Chile. O estudo foi realizado em duas áreas do Vale do Carangola, respectivamente, rio Carangola (área A, numa extensão de 8,2 km), no município de Carangola e no ribeirão Batatal (área B, numa extensão de 3,2 km), no município de Tombos. A metodologia utilizada baseou-se na identificação de marcas odoríferas e coleta de fezes de lontra para análise posterior do conteúdo residual, onde foram percorridas ambas as margens dos cursos d'água, com a utilização de barco a remo ou até mesmo a pé. As fezes coletadas foram lavadas com auxílio de uma peneira malha fina (1mm) sob água corrente e secas em estufas para triagem posterior e identificação dos principais itens constituintes da sua dieta. As marcas odoríferas foram encontradas em dois tipos de locais, no interior de abrigos e em latrinas. No total obtivemos 74 registros da presença da espécie, entretanto, apenas 31 amostras foram coletadas. Na área A, foram encontradas 27 fezes e 02 muco-anais. Deste total, 22 amostras foram encontradas em latrinas e apenas 05 em algum tipo de abrigo. Enquanto na área B, foram encontradas 04 fezes e dois muco-anais, todos coletados. Apenas 04 registros foram encontrados em latrinas e os outros 02 em abrigos. A partir da análise das fezes identificamos apenas três grandes grupos de presas: peixes, pequenos vertebrados e invertebrados. Na área A, 77,7% das amostras continham peixes, 62,9% pequenos vertebrados e 55,5% invertebrados. Na área B, os peixes estavam presentes em 100% das amostras, 20% continham pequenos vertebrados e os invertebrados estavam presentes também em 20% das amostras coletadas. Esse padrão confirma o perfil dietético observado para a espécie, inclusive as taxas de vertebrados e invertebrados estão relacionadas à sua alta taxa de capturabilidade pela lontra.

[78] ÁNALISE PRÉVIA DO HÁBITO ALIMENTAR DE LONTRA LONGICAUDIS (OLFERS,1818) (CARNIVORA:MUSTELIDAE) EM ÁREA DE BANHADO, RIO GRANDE DO SUL, BRASIL.

BASTAZINI, V. A. G.[1]; SOUSA, K. S.[2]

[1] ESCOLA DE CIÊNCIAS AMBIENTAIS, UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS; [2] ECÓLOGO

Lontra longicaudis é um mustelídeo aquático de ampla distribuição, ocorrendo desde o México até o Uruguai. No Rio Grande do Sul, suas populações sofreram declínio considerável e atualmente a espécie encontra-se ameaçada de extinção sob a categoria vulnerável. Há uma carência de informações sobre diversos aspectos de sua ecologia, comportamento e status de conservação. O conhecimento do hábito alimentar de uma espécie é uma ferramenta importante para elucidar aspectos de sua ecologia, relevantes para a elaboração de programas de conservação. Este é um estudo preliminar da dieta de Lontra longicaudis através da análise das fezes em área de banhado fragmentado. Durante o outono e o inverno de 2005, foram realizadas saídas de campo semanais (n=8), onde foram coletadas e triadas 94 fezes depositadas em latrinas sob cinco pontes de ferrovia e rodovias que fragmentam o banhado do Capão Seco, uma área de terras alagáveis permanentemente e sazonalmente que sofrem forte ação antrópica, situado no município de Rio Grande, na várzea do Canal São Gonçalo (RS). Para determinar a importância de cada presa, calculou-se a freqüência de ocorrência (FO%) e a porcentagem de ocorrência (PO%). O material vegetal foi desconsiderado por ser uma ocorrência ocasional. O índice de amplitude de nicho alimentar padronizado (Levins) foi aplicado, ao nível de classe, para averiguar o grau de especialização do hábito alimentar. Conforme a FO% e a PO%, respectivamente, peixes foram as principais presas consumidas: 79,8% e 53,6%; seguido de mamíferos: 44,7% e 30,0%; aves e olídios ocorreram na mesma proporção: 9,6% e 6,4%; invertebrados (gastropoda e insecta): 4,3% e 2,9%; anfíbios: 1,1% e 0,7%. Diferentemente de outros estudos, observou-se a ausência de crustáceos e a freqüência representativa de mamíferos, principalmente Myocastor coypus, roedor de médio porte (4-9kg), que ocorreu em 27,7% das fezes e representou 16,6% do total dos grupos de presas considerados. Carcaças de Myocastor coypus (n=4) encontradas junto às latrinas indicam a predação de indivíduos adultos. O resultado da amplitude de nicho (BÂ=0,27), indica que a lontra possui um hábito alimentar especialista, onde poucas presas são consumidas em altas porcentagens, enquanto o restante das presas são ocorrências ocasionais na dieta.

[79] ASPECTOS POPULACIONAIS DE LEOPARDUS GEOFFROYI E LEOPARDUS WIEDII NA PLANÍCIE COSTEIRA INTERIOR DO RIO GRANDE DO SUL

MAZIM, F. D.[1]; SOARES, J. B. G.[1]; KASPER, C. B.[2]; FELDENS, M. J.[3]; OLIVEIRA, T. G.[4]

[1] SACCA - GATOS DO MATO BRASIL; [2] PPG BIOLOGIA ANIMAL - UFRGS; [3] DEPARTAMENTO DE FAUNA, TECNICYAMBIENTAL; [4] DEPT. BIOLOGIA-UEMA/PRÓ-CARNÍVOROS/SACCA/PROJETO GATOS DO MATO - BRASI

Apesar da maioria dos felinos neotropicais possuírem ampla distribuição geográfica, os mesmos estão entre os menos conhecidos. No Brasil, em especial, informações acerca da ecologia do gato-do-mato-grande (Leopardus geoffroyi) e do gato-maracajá (Leopardus wiedii), são praticamente inexistentes. O Estado do Rio Grande do Sul está entre aqueles mais intensamente cultivados, com poucas áreas naturais remanescentes. No presente trabalho, apresentamos os resultados preliminares sobre as estimativas populacionais destas duas espécies numa área agrícola da planície costeira interior, próximo da fronteira uruguaia. A área consiste em campos abertos periodicamente inundáveis e estreitas matas de galeria e de restinga paludosas. A maior parte da área foi alterada para práticas agrícolas. A Estância Santa Helena, onde o estudo está sendo conduzido, está entre as mais preservadas da região. Os dados estão sendo obtidos através de armadilhamento fotográfico e as estimativas populacionais realizadas através da técnica de captura-recaptura pelo programa CAPTURE. Até o momento, foram identificados nove indivíduos, dois L. wiedii e sete L. geoffroyi, alguns dos quais abatidos por predarem em criações domésticas. Estimativas populacionais preliminares, baseadas em 68 fotografias resultaram em estimativas de 3.74 (± SE 2.07) L. wiedii e 3 (± SE 0.00) L. geoffroyi. A probabilidade de captura foi de 27% para a primeira e 56% para a última. As duas espécies aparentam usar a área diferentemente, com L. wiedii aparentemente restrita às áreas de matas, enquanto L. geoffroyi estaria usando todas as fisionomias, especialmente os fragmentos de mata adjacentes aos campos de arroz. A incidência de melanismo nesta última espécie é consideravelmente elevada. O abate por seres humanos aparenta ser a maior ameaça, pois pelo menos nove indivíduos de L. geoffroyi foram abatidos desde 2002.

[80] CADEIA ALIMENTAR AQUÁTICA: LONTRA (LONTRA LONGICAUDIS), UM ESTUDO EXPLORATÓRIO COM METAIS (HG).

JOSEF, C.[1]; ADRIANO, L. R.[2]; CAUL-FILHO, N. A.[3]; FERREIRA, J. R.[2]

[1] ECOTOXICOLOGIA, CENA/USP; [2] CENA/USP; [3] PROCAM

A lontra (Lontra longicaudis) é considerada como um animal predador do topo da cadeia trófica, alimentando-se principalmente de peixes. Metais pesados são acumulados via cadeia alimentar, de tal forma que os peixes podem apresentar concentrações dessas substâncias de tal ordem, que se tornam prejudiciais e tóxicas para si próprios e para organismos que deles se alimentam. Para avaliar o impacto causado pelo mercúrio (Hg) em populações de lontras, alguns trabalhos utilizam animais mortos, analisando diversos órgãos e tecidos do animal. Devido à dificuldade de encontrar lontras mortas no Brasil, uma alternativa de se estudar o impacto de metais pesados, levando também em consideração a dificuldade de capturar o animal para obtenção de pêlo ou sangue, é através das fezes. A análise das fezes verifica a quantidade de mercúrio que foi excretado, sendo este resultado do metal que foi ingerido na alimentação e não foi absorvido. O principal objetivo deste trabalho é o de estudar a possível ocorrência de metais pesados em lontras presentes nas Represas de Bariri e Barra Bonita, médio Tietê (SP), comparando os valores encontrados com a dieta analisada a partir das fezes do animal. Entre julho de 2004 e maio de 2005, foram coletadas amostras de fezes nas represas de Barra Bonita e Bariri. Em laboratório, as amostras foram processadas, eliminando-se as escamas (o Hg contido nas escamas não está biodisponível para o animal, pois as escamas não sofrem ataque digestivo aparente), as quais são utilizadas para a identificação da dieta da lontra, através de comparação com escamas retiradas de peixes da região; a outra parte da amostra é utilizada para determinação dos níveis totais de Hg. No presente caso, o Hg total foi determinado por espectrometria de fluorescência atômica (AFS). Os níveis de totais de Hg variaram de 4,65 ng/g-1 a 203,75 ng/g-1, considerando todas as coletas já realizadas. Na análise da dieta foram encontrados representantes das famílias: Cichlidae, Serrassalmidae, Curimatidae, Prochilodontidae, Characidae e Sciaenidae. Sendo preponderante a família Cichlidae, com 79,18% de ocorrência.

[81] CARACTERIZAÇÃO DE REFÚGIOS, USO DE HÁBITAT E DIETA DE LONTRA LNGICAUDIS (OLFERS, 1818) (CARNÍVORA: MUSTELIDAE), NO LITORAL SUL DO ESTADO DE SÃO PAULO.

CORREA, C.I.C.[1]; SANTOS, A. V. L.[2]; MONTEIRO-FILHO, E. L. A.[3]

[1] ECOLOGIA, IPEC; UNICAMP; [2] IPEC; [3] IPEC; UFPR

A lontra neotropical (Lontra longicaudis) apresenta uma ampla distribuição geográfica que engloba desde o México até a Argentina. É considerada pela IUCN como espécie vulnerável, também sendo considerada internacionalmente como data deficient, visto o conhecimento sobre a ecologia e biologia desta espécie ainda apresentar muitas lacunas. O presente trabalho teve como objectivos gerais estudos ecológicos de caracterização e uso do habitat da lontra neotropical na gamboa Baguaçu, Ilha Comprida, e um estudo sobre a dieta da lontra neotropical comparando duas ilhas diferentes situadas no Complexo Estuarino Lagunar Cananéia-Iguape, a Ilha Comprida e a Ilha do Cardoso, de uma forma contínua durante um período de oito meses. Para o estudo de caracterização e uso do habitat foi percorrido quatro quilometros da gamboa sendo revisados regularmente na procura de rastos ou vestígios de lontras e para se efetuarem medições dos refúgios. Os resultados de uso de habitat demonstram que as lontras não utilizaram a área de estudo de uma forma homogênea, existindo uma maior incidência nas zonas de restinga e perto dos refúgios usados pelas mesmas. Verificou-se também uma grande reutilização dos refúgios. O estudo de caracterização dos refúgios revela que as tocas e os locais de marcação são construídas preferencialmente por locais com maior cobertura da vegetação nas margens da gamboa, enquanto que os locais de marcação e de defecação são conspícuos. Para o estudo da dieta foram coletadas 140 fezes na ilha Comprida e 24 na Ilha do Cardoso. Verificou-se predação sobre dois grupos principais de presas: peixes e crustáceos. Os peixes são a base da dieta destes animais na Ilha Comprida, principalmente os pertencentes às famílias Mugilidae e Ariidae, seguido dos crustáceos pertencentes à ordem Grapsidae e Ocypodidae. Na ilha do Cardoso os crustáceos parecem ser a base da dieta, principalmente os da ordem Grapsidae e Ocypodidae.

[82] COMPARAÇÃO ENTRE A COMPOSIÇÃO DA COMUNIDADE DE CARNÍVOROS DO PARQUE ESTADUAL DO TURVO E DO VALE DO TAQUARI, RIO GRANDE DO SUL

KASPER, C. B.[1]; FELDENS, M. J.[2]; SCHNEIDER, A.[3]; MAZIM, F. D.[4]; SOARES, J. B. G.[4]; OLIVEIRA, T. G.[5]

[1] BIOLOGIA ANIMAL, UFRGS; [2] TECNICYAMBIENTAL; [3] UNIVATES; [4] SACCA; [5] UEMA E PRÓ-CARNÍVOROS

O Vale do Taquari (VT) é uma região de aproximadamente 3.800 km², localizado na porção central do Estado do Rio Grande do Sul, na encosta da Serra Geral. A vegetação original é do tipo Floresta Estacional Decidual e caracteriza-se por uma paisagem altamente fragmentada, onde os fragmentos de maior tamanho localizam-se nos topos e encostas dos morros mais escarpados. Os dados sobre a composição da fauna pretérita do Vale do Taquari, indicam grande similaridade para com a fauna atualmente observada no Parque Estadual do Turvo (PET), no noroeste do Estado. Esta é uma das mais importantes unidades de conservação do extremo sul do Brasil, última área de ocorrência de diversas espécies, como a onça-pintada, a anta e o queixada. Assim, a comparação entre estas áreas pode fornecer informações importantes sobre os efeitos da fragmentação e da ação antrópica sobre a comunidade de carnívoros. Os dados ora apresentados foram obtidos com a utilização de armadilhas fotográficas, identificação de pegadas e carcaças de animais atropelados. No PET, as espécies mais abundantes são Leopardus pardalis e Nasua nasua, sendo que espécies como Cerdocyon thous, Procyon cancrivorus e Puma yagouaroundi apresentam-se com freqüências intermediárias enquanto que Leopardus wiedii e Leopardus tigrinus em densidades muito baixas. No VT, os grandes felinos foram extintos e verifica-se uma freqüência muito baixa de L. pardalis. Por outro lado, espécies como C. thous, P. cancrivorus e Galictis cuja são muito freqüentes, ocorrendo em áreas intensamente alteradas e mesmo em áreas urbanizadas. Além disso, L. wiedii, Puma yagouarondi e, sobretudo, L. tigrinus são observados com relativa freqüência. Assim, observa-se um relaxamento ecológico, com a predominância de meso-predadores generalistas e o aumento na abundância de predadores especialistas de pequeno porte. Apoio: Fundação O Boticário de Proteção a Natureza

[83] COMPOSIÇÃO DA COMUNIDADE DE FELINOS NA FLORESTA NACIONAL DE SÃO FRANCISCO DE PAULA/IBAMA, RS.

MARQUES, R.V.[1]; OLIVEIRA, T.[2]

[1] DIVISÃO DE ASSESSORAMENTO TÉCNICO, PROCURADORIA GERAL DE JUSTIÇA - MP/RS ; [2] DEPT BIOLOGIA UEMA/INSTITUTO PRÓ-CARNÍVOROS

Existem poucos dados sobre ecologia de felinos silvestres em vida livre no Brasil, havendo falta de informações sobre necessidades básicas para sua sobrevivência. A FLONA de São Francisco de Paula está localizada no nordeste do RS (entre 29o27' e 29o35'S; 50o08' e 50o15' W), em altitude média de 930m, área total de 1.606,7ha, apresentando vegetação de Floresta Ombrófila Mista, plantações de Araucaria angustifolia e de Pinus sp. O clima é subtropical úmido, com temperaturas médias entre -3oC e 18oC para o mês mais frio, e inferiores a 22 oC para o mês mais quente. Precipitação anual de 2240mm, sem ocorrência de período considerado de seca. Desde janeiro/2000, com o objetivo de levantar dados sobre a ecologia de felinos, armadilhas fotográficas com sensor ativo foram dispostas ao longo de duas trilhas cobrindo uma área de cerca de 2km2. Os períodos de amostragem envolveram três dias e noites por mês, totalizando 478 armadilhas/dia entre janeiro/2000 e dezembro/2004. Foram identificados 26 exemplares de Leopardus tigrinus (gato-do-mato-pequeno), 16 exemplares de L. pardalis (jaguatirica), 01 exemplar de L. wiedii (gato-maracajá), cerca de 05 exemplares de Puma concolor (puma ou leão-baio) e, pelo menos, 03 exemplares de P. yagouaroundi (dois adultos e um jovem). L. wiedii foi menos detectado, tendo somente um registro fotográfico noturno em 01/06/2002 (inverno). P. yagouaroundi foi detectado uma vez por ano entre 2001 e 2004 em período diurno ou crepuscular. P. concolor foi detectado 13 vezes em 12 noites diferentes, sendo que 38,5% no verão, 30,7% na primavera e 30,7% no inverno; 25% dos registros foram crepusculares, enquanto que o restante foi noturno. L. pardalis teve 80% de registros noturnos, 10% diurnos e 10% crepusculares. A atividade de L. tigrinus foi, predominantemente, noturna (54%), com elevado grau de movimentação diurna (28%) e crepuscular (18%).

[84] DADOS PRELIMINARES SOBRE ECOLOGIA DE LEOPARDUS TIGRINUS (GATO-DO-MATO-PEQUENO) EM FLORESTA OMBRÓFILA MISTA COM UTILIZAÇÃO DE ARMADILHAS FOTOGRÁFICAS.

MARQUES, R.[1]; OLIVEIRA, T.[2]

[1] DIVISÃO DE ASSESSORAMENTO TÉCNICO, PROCURADORIA GERAL DE JUSTIÇA - MP/RS ; [2] DEPT BIOLOGIA UEMA/INSTITUTO PRÓ-CARNÍVOROS

Felinos silvestres apresentam hábitos reclusos que dificultam seu estudo em vida livre. Conseqüentemente, há falta de informações sobre as necessidades básicas para sobrevivência de várias espécies. Dentre estas, encontra-se Leopardus tigrinus (gato-do-mato-pequeno), a menor espécie de felino encontrado no Brasil. A Floresta Nacional de São Francisco de Paula/IBAMA, está localizada no nordeste do Rio Grande do Sul, em altitude média de 930m, com área total de 1.606,7ha, apresentando vegetação de Floresta Ombrófila Mista, plantações de Araucaria angustifolia e de Pinus sp, com manejo de florestas plantadas. Desde janeiro/2000, algumas trilhas vêm sendo monitoradas com armadilhas fotográficas com o objetivo de levantar dados sobre a ecologia de felinos. Armadilhas fotográficas foram dispostas ao longo de duas trilhas cobrindo uma área de cerca de 2km2. Os períodos de amostragem envolveram três dias e noites por mês, totalizando 478 armadilhas/dia entre janeiro/2000 e dezembro/2004. Nesse período, foram identificados 26 exemplares de gato-do-mato-pequeno, com um elevado grau de mudanças de indivíduos detectados na área. O tamanho estimado da população foi de, preliminarmente, dois animais, com probabilidade de captura de indivíduos não marcados de 83%. Entretanto, somente duas fêmeas foram monitoradas nessa área por períodos de 23 a 28 meses, não concomitantemente, mas quase seqüencialmente. A atividade foi predominantemente noturna (54%), mas com elevado grau de movimentação diurna (28%) e crepuscular (18%). Melanismo ocorreu em um único indivíduo (3,8%).

[85] DENSIDADE E COMPOSIÇÃO DA COMUNIDADE DE PEQUENOS FELINOS NO BRASIL: EVIDÊNCIAS DO RELAXAMENTO DE MESOPREDADORES NOS NEOTRÓPICOS?

OLIVEIRA, T. G.[1]; MAZIM, F. D.[2]; KASPER, C. B.[3]; TORTATO, M. A.[4]; SOARES, J. B. G.[5]; MARQUES, R. V.[5]

[1] ECOLOGIA, DEPT. BIOLOGIA UEMA/PRÓ-CARNÍVOROS/SACCA/ PROJETO GATOS DO MATO-BRASIL ; [2] SACCA/PROJETO GATOS DO MATO - BRASIL; [3] PPG BIOLOGIA ANIMAL, UFRGS/SACCA/PROJETO GATOS DO MATO - BRASIL; [4] CAIPORA/PROJETO GATOS DO MATO - BRASIL; [5] MCT-PUCRS/DIV. ASSESSORAMENTO TÉCNICO, MINISTÉRIO PÚBLICO RS

Das seis espécies de pequenos felinos existentes no Brasil, 4 – 5 têm ampla sobreposição nas suas áreas de distribuição. A grande maioria é muito pouco conhecida nos mais diversos aspectos da sua história natural, especialmente aqueles relacionados às suas densidades demográficas. Neste trabalho nós fazemos uma avaliação preliminar da densidade dos felinos de pequeno-médio porte do Brasil, além de avaliarmos a proporção entre as espécies e a composição da comunidade. A densidade das espécies foi avaliada em quatro áreas distintas e a comunidade em cinco. À estas adicionamos informações provenientes da literatura. As estimativas de densidade foram baseadas nas análises de captura-recaptura através de armadilhas fotográficas, realizadas através do programa CAPTURE. Os resultados preliminares indicaram densidades entre 24 a 67 indivíduos por 100km2, portanto, dentro dos limites observados para pequenos felinos nos neotrópicos. Entretanto, à exceção de L. pardalis a das demais espécies são relativamente baixas para seus tamanhos corporais. A despeito dos nossos resultados ainda serem preliminares, a proporção entre as espécies que compõem a comunidade apresentou resultados interessantes que corroboram a teoria previamente mencionada que diz que, onde Leopardus pardalis (11kg) é a espécie dominante, Leopardus tigrinus/Leopardus wiedii (2.3kg e 3.3kg, respectivamente) ocorreriam em densidades consideravelmente inferiores, e vice-versa, indicando, assim, o "relaxamento de mesopredadores" (mesopredator release) nos neotrópicos. Financiamento: Fundo Nacional do Meio Ambiente – FNMA, conv. 001/04.

[86] DIETA DA JAGUATIRICA E DO JAGUARUNDI EM UMA UNIDADE DE CONSERVAÇÃO E SEU ENTORNO, NA REGIÃO NORDESTE DO ESTADO DE SÃO PAULO.

MANTOVANI, J.E.[1]; CAMPAGNER, M.[2]; PIRES, J. S. R.[2]

[1] SENSORIAMENTO REMOTO, INST. NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS-INPE; [2] UFSCAR

Estudos dos hábitos alimentares são indispensáveis para o entendimento de relações entre nichos, processos competitivos, predação e outros processos, sendo os felídeos os mais especializados na alimentação carnívora. Este trabalho teve como objetivo quantificar os itens ingeridos pelos felídeos de médio porte da região nordeste do Estado de São Paulo, aproximadamente entre as latitudes 21º 30' e 21º 40' S e as longitudes 47º 40' e 47º 50' O. Esta área engloba a Estação Ecológica de Jataí (EEJ), a Estação Experimental de Luiz Antônio (EELA), e o entorno imediato das mesmas, correspondendo a uma faixa de aproximadamente 10 km e abrangendo as cidades de Rincão, Guatapará, Cravinhos, São Simão, Santa Rita do Passa Quatro, Descalvado e São Carlos. Os hábitos alimentares da jaguatirica e do jaguarundi foram determinados por meio da análise de amostras fecais coletadas de novembro de 1998 a outubro de 2000. As amostras foram armazenadas em solução AFA para conservação e esterilização. Para a análise do conteúdo, as fezes foram processadas em peneiras de um mm de malha e lavadas em água corrente, para em seguida serem secas em estufa a cerca de 40º C, por aproximadamente três dias. As diferenças entre as freqüências de ocorrência observadas e as freqüências esperadas para cada presa foram calculadas através do teste de qui-quadrado. Durante o período de estudo foram coletadas 64 amostras de fezes de felídeos, sendo 24 delas do interior das Estações Ecológica e Experimental, e as restantes 40 do entorno. "Mamíferos" foi a categoria alimentar mais consumida pelos felídeos, com 60,5% do total de ocorrências. Quarenta e oito porcento dos mamíferos pertenceram a Ordem Rodentia: Muridae (9,7%), Echymidae (18,4%) Caviidae (7%) e Rodentia (13,1%). Da Ordem Xenarthra ocorreram tamanduá-mirim (1,6%) e tatu (7,8%). Marsupiais e Sylvilagus brasiliensis representaram 7,8% e 4,7% respectivamente. Aves foram presentadas pelos Passariformes e Tinamiformes. Entre os répteis ocorreram indivíduos de duas famílias de lagartos, Teiidae (4,4%) e Scincidae (0,9%), e uma família de serpentes, Colubridae (1,6%).

[87] DIETA DA LONTRA, (LONTRA LONGICAUDIS, OLFERS 1818), NO PARQUE ESTADUAL DE ITAÚNAS, CONCEIÇÃO DA BARRA – ES

ANDRADE, P. T.[1]; BIANCHI, R. C.[2]

[1] NÃO VINCULADO, NÃO VINCULADO; [2] UFMS

As lontras são mamíferos semiaquáticos pertencente à família Mustelidae e sub-família Lutrinae. São hábeis nadadoras providas de corpo alongado, membranas interdigitais, cauda achatada e pelagem densa, a qual permite um longo tempo de exposição à água. Assim sendo, exploram o ambiente aquático e suas proximidades em busca de abrigo e alimento. A dieta da Lontra longicaudis foi estudada através da análise de fezes que foram coletadas no Rio Itaúnas, percorrido mensalmente no período de outubro de 2003 a setembro de 2004. As fezes foram analisadas no laboratório de Ciências Naturais, na UNILINHARES. Os itens foram identificados e os resultados dos principais itens alimentares utilizados pela lontra foi expresso como porcentagem de ocorrência dos itens e como freqüência de ocorrência nas fezes. A dieta da Lontra longicaudis no Parque Estadual de Itaúnas, mostrou-se baseada na ingestão de artrópodes e peixes. Os artrópodes representaram 84,38% das fezes e 48,21% dos itens, tendo os crustáceos como item mais freqüente ocorrendo em 81,25% das fezes e 34,67% dos itens. Os peixes foram o segundo item mais consumido com 78,12% das fezes e 44,64% dos itens. Dentre os peixes, a espécie mais consumida foi Geophagus brasiliensis ocorrendo em 31,3% das fezes e 13,3% dos itens,Hoplias malabaricus com 25% das fezes e 10,7% dos itens. A ingestão de inseto e frutos pode ter sido consumido acidentalmente ou pelo consumo de peixes insetívoro ou frugívoros respectivamente pela lontra. Os anfíbios podem ter sido consumidos ocasionalmente tendo uma freqüência de itens de 5,36% e 9,37% das fezes. A análise da dieta da Lontra longicaudis no Parque Estadual de Itaúnas mostrou um hábito alimentar carcinófaga-piscívora. O principal item foram os crustáceos, os peixes foram o segundo item mais consumido pela lontra. A alta freqüência de crustáceos pode estar relacionado com a sua disponibilidade no ambiente. A ingestão de insetos e frutos foram poucos significativos, e estes podem ter sido consumidos pela lontra involuntariamente, ou estavam presentes no conteúdo estomacal de suas presas. A ingestão de anfíbios foi ocasional, sendo um item complementar da dieta da lontra.

[88] DIETA DE CARNÍVOROS EM REMANESCENTES DE FLORESTA OMBRÓFILA MISTA E REFLORESTAMENTO DE PINUS SPP. DA REGIÃO CENTRO-SUL DO ESTADO DO PARANÁ

ROCHA-MENDES, F.[1]; MIKICH, S. B.[2]; DAL'MASO, A.[3]; DIAS, M.[4]

[1] SOUTH AMERICAN CATS CONSERVATION ALLIANCE - SACCA; [2] EMBRAPA FLORESTAS; [3] REMASA REFLORESTADORA LTDA. ; [4] ECOLOGIA, EMBRAPA FLORESTAS

Devido à escassez de trabalhos sobre a dieta de carnívoros em ambientes alterados e à severa devastação da Floresta Ombrófila Mista (FOM), estudos neste bioma devem contribuir tanto para a conservação deste grupo animal quanto do bioma como um todo. Assim, objetivando identificar os carnívoros ali ocorrentes e analisar os principais itens de sua dieta, foram coletadas amostras fecais destes animais, de agosto/2003 a fevereiro/2004, em áreas pertencentes à Remasa-Reflorestadora-Ltda. e Indústrias-Pedro-N.-Pizzatto-Ltda., nos municípios de Bituruna, General-Carneiro e Palmas (26º14-26º22'S e 51º34'-51º39'W). Tais áreas contêm remanescentes de FOM em diversos estádios sucessionais que totalizam 3.876 ha, e plantios de Pinus spp. em 3.491 ha. As 220 amostras coletadas foram armazenadas em sacos de papel e secas em estufa a 45°C/48h. A triagem foi realizada manualmente, separando os itens em: mamíferos, aves, invertebrados e sementes. Para identificação dos predadores foi realizada análise microscópica dos pêlos, encontrados em 31 amostras (14,9%), que revelou a presença de oito espécies de carnívoros: Nasua nasua (n=1 amostra), Eira barbara (n=1), Galictis cuja (n=1), Herpailurus yaguarondi (n=2), Leopardus pardalis (n=5), Leopardus tigrinus (n=6), Leopardus wiedii (n=3) e Puma concolor (n=12). Nas fezes dos cinco felinos identificados foram encontrados restos de mamíferos em 100% das amostras, sendo que a diferenciação da dieta foi revelada pela presença de outros itens. Assim, as fezes de Puma concolor continham restos de invertebrados em 16,6% das amostras; L.tigrinus, aves (50%) e sementes (16,6%); L. pardalis, aves (40%) e invertebrados (20%); L.wiedii, H.yaguarondi, E.barbara e N.nasua consumiram apenas mamíferos e G.cuja somente invertebrados. A análise de sobreposição de nicho (Morisita-simplificado), indicou para N.nasua, E.barbara, H.yaguarondi e L.wiedii total sobreposição de nicho, dado que estas espécies consumiram apenas mamíferos. Excetuando estas sobreposições apenas G.cuja, que obtive valores menores que 0,170 como resultado do consumo exclusivo de invertebrados, as demais combinações de espécies obtiveram valores elevados (mínimo 0,822) como conseqüência do consumo principal de mamíferos. Porém, com a continuidade das coletas e a identificação dos itens alimentares ao menor nível taxonômico possível, espera-se encontrar uma maior segregação alimentar entre os carnívoros aqui abordados, bem como uma melhor avaliação da dieta das espécies.

[89] DIETA DE PUMA CONCOLOR (LINNAEUS, 1771) NO PARQUE NACIONAL GRANDE SERTÃO VEREDAS, MINAS GERAIS, BRASIL.

ZORZIN, R.[1,2]; MORAES-JUNIOR, E. A.[1]; SILVA, J. A.[1]; FREITAS, R. L. A.[1]

[1] BIOTROPICOS-INSTITUTO DE PESQUISA DA VIDA SILVESTRE; [2] BIOLOGIA GERAL, UFMG

O Parque Nacional Grande Sertão Veredas está presente na região denominada Grande Sertão considerada área prioritária para a conservação da biodiversidade de mamíferos, estando situado entre os municípios Chapada Gaúcha, Formoso e Arinos no noroeste do estado de Minas Gerais. O Parque foi criado em 12 de abril de 1989, conforme decreto nº 97.658, e teve seus limites alterados pelo decreto s/n de 21 de maio de 2003, delimitando a área atual de 230.714,4 ha. O objetivo desse trabalho foi descrever a ecologia alimentar de Puma concolor no Parque Nacional Grande Sertão Veredas. A investigação da dieta foi feita a partir da coleta de 10 amostras fecais e análise posterior das mesmas em laboratório e através de duas carcaças de Ozotocerus bezoarticus (veado-campeiro) abatidos e localizados em campo durante o trabalho. As fezes de P. concolor foram coletadas em estradas e trilhas dentro do Parque. Quanto ao procedimento de coleta, as fezes foram armazenadas individualmente em sacos e receberam etiquetas contendo informações referentes ao local, data e sítio de deposição. Em laboratório, as fezes foram secas em estufa a 60º C e lavadas sob água corrente utilizando uma peneira de malha fina. Os itens alimentares foram separados quanto os de origem animal e vegetal. Posteriormente os mesmos passaram para a fase de identificação seguindo os critérios específicos para cada tipo de item alimentar (pêlos, ossos, carapaças, escamas, penas e outros) e foram comparados com coleções científicas de museus para identificação ao nível mais acurado possível. A identificação da espécie através da análise dos pêlos foi feita através da análise macroscópica da morfologia externa (padrão de bandeamento e forma). Foram encontradas nas amostras fecais as seguintes espécies de mamíferos: Tamandua tetradactyla (tamanduá-de-colete), Dasypus sp. (tatu), Euphractus sexcinctus (tatu-peba), Pecari tajacu (cateto), Bolomys lasiurus (rato-do-mato) e um psitacídeo. Apoio: Ibama, Funatura e UFMG

[90] DIETA DO LOBO-GUARÁ CHRYSOCYON BRACHYURUS (CARNIVORA, CANIDAE) EM MOSAICO DE VEGETAÇÃO: CAMPO NATURAL, FLORESTA DE ARAUCÁRIA E SILVICULTURA, PARANÁ.

CHEIDA, C.[1]; REIS, N. R. D.[2]; ROCHA, V. J.[3]; QUADROS, J.[4]; FILIPAKI, S. A.[3]; ALMEIDA, A. E. A.[3]

[1] PROJETO CARNÍVOROS, INSTITUTO DE PESQUISAS CANANÉIA (IPEC); [2] UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA (UEL); [3] KLABIN FLORESTAL PARANÁ; [4] UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ (UTP)

Devido aos poucos dados para o Paraná sobre o lobo-guará Chrysocyon brachyurus, espécie ameaçada de extinção, foi realizado um estudo na Fazenda Monte Alegre (FMA), localizada na região centro-leste do Estado, município de Telêmaco Borba, onde se encontram áreas de campos naturais, Floresta Ombrófila Mista (Floresta com Araucária) e silvicultura (Pinus spp., Eucalyptus spp. e Araucaria angustifolia). Foi analisada a composição e sazonalidade da dieta do lobo-guará, com ênfase na alimentação frugívora. De abril/2003 a março/2004 coletaram-se 200 amostras fecais, sendo identificados 76 itens. Os mais consumidos foram frutos (45,93%), vertebrados (26,07%), insetos (12,83%) e gramíneas (10,76%) (ambos com consumo semelhante), e lixo orgânico (4,41%) (Scott-Knott, p>5%; F= 54,09, p<0,01). Os frutos mais freqüentes foram Syagrus romanzoffiana (jerivá: 11,17%), Solanum lycocarpum (lobeira ou fruta-de-lobo: 10,90%) (ambos itens mais consumidos na dieta total) e Solanum spp. (S. mauritianum e/ou S. granulosoleprosum, jurubeba: 5,79%). Vertebrados foram melhores representados por pequenos roedores (11,17%), em especial Sigmodontinae (10,62%), seguidos de répteis (3,45%), principalmente Colubridae (1,79%), e aves (3,17%). Entre os insetos, as principais ordens foram Coleoptera (7,17%) e Hymenoptera (3,31%). Ossos (1,66%) e Phaseolus vulgaris (feijão: 1,52%), foram os itens ingeridos como lixo orgânico mais freqüentes. Houve maior consumo de itens durante a estação seca (outono/inverno: 424 itens), que na estação chuvosa (primavera/verão: 301 itens), sendo a amplitude de nicho da espécie maior na primavera (BA= 0,42) e menor no inverno (BA= 0,27). Quanto à dieta frugívora, foi consumida maior massa durante a estação seca e frutos de pequeno porte (até 25 mm; 57,00%). Dentre as 10 famílias vegetais consumidas, as mais representativas foram Solanaceae (36,34%), Arecaceae (29,43%) e Myrtaceae (14,11%). A massa total de frutos consumida durante a estação seca (34320g) foi maior que na estação chuvosa (8991,6g). Assim como para várias regiões de Cerrado do país, algumas mais preservadas que a FMA, o lobo-guará apresentou uma dieta onívora e oportunista temporal, apesar dos impactos decorrentes do manejo silvicultural. Possivelmente, isso se deva à grande parcela da FMA destinada à preservação de Floresta de Araucária (Floresta Ombrófila Mista) e campos naturais, onde se encontram recursos necessários à sobrevivência deste canídeo.

[91] DIETA DO LOBO-GUARÁ EM UMA UNIDADE DE CONSERVAÇÃO E NO ENTORNO OCUPADO POR CULTURAS AGRÍCOLAS, PASTAGENS E REFLORESTAMENTOS.

MANTOVANI, J. E.[1]; SANTOS, J. E. D.[2]; PIRES, J. S. R.[2]; MATTOS, P. R.[2]

[1] SENSORIAMENTO REMOTO, INST. NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS-INPE; [2] UFSCAR

O lobo-guará (Chrysocyon brachyurus) é o maior canídeo sul americano, podendo pesar mais de 25 kg e medir 90 cm de altura nos ombros. A alimentação consiste de frutos, pequenos mamíferos, insetos, pequenos répteis e aves, com variações sazonais e locais. Apesar do seu largo espectro alimentar, o lobo-guará está incluído entre as espécies ameaçadas de extinção devido principalmente à rápida substituição dos cerrados pela agropecuária. Este trabalho teve como objetivo quantificar os itens ingeridos pelos lelídeos de médio porte da região nordeste do Estado de São Paulo, aproximadamente entre as latitudes 21º 30' e 21º 40' S e as longitudes 47º 40' e 47º 50' O. Esta área engloba a Estação Ecológica de Jataí (EEJ), a Estação Experimental de Luiz Antônio (EELA), e o entorno imediato das mesmas, correspondendo a uma faixa de aproximadamente 15 km de largura. A dieta do lobo-guará foi determinada por meio da análise de amostras fecais coletadas no período entre novembro de 1998 e outubro de 2000. As amostras foram armazenadas em solução AFA até a análise. A análise do conteúdo foi feita após a separação em água corrente com auxílio de peneiras de um mm de malha e secagem em estufa a cerca de 40º C. O conjunto de amostras de fezes foi dividido em amostras de dentro das Estações e amostras do entorno. Em 203 amostras foram encontradas mais de 12 espécies de vegetais e mais de 19 espécies de animais consumidos. Analisando a freqüência de ocorrência relativa dos itens verifica-se que na seca apenas 3 itens, roedores de pequeno porte, lobeira e aves de pequeno porte respondem por quase 80% do total de itens consumidos. Durante as estações secas ocorreu predominância de lobeira (Solanum lycocarpum) e outros frutos na dieta do interior das Estações (EEJ e EELA), e de roedores e aves de pequeno porte na faixa do entorno. Durante as estações chuvosa ocorreu predominância da lobeirinha (Solanum crinitum) no interior das Estações (EEJ e EELA), e de aves e roedores de pequeno porte na faixa do entorno.

[92] DIETA DO LOBO-GUARÁ, CHRYSOCYON BRACHYURUS (MAMMALIA: CANIDAE), NA APA CARSTE DE LAGOA SANTA, MG.

ZORZIN, R.[1]; SILVA, J. A.[2]

[1] BIOLOGIA GERAL, UFMG; [2] BIOTROPICOS-INSTITUTO DE PESQUISA DA VIDA SILVESTRE

A dieta do lobo-guará, Chrysocyon brachyurus, foi determinada na APA Carste de Lagoa Santa, MG, através da análise de 65 amostras fecais coletadas de outubro de 2002 a novembro de 2003. Foram encontradas 187 ocorrências de itens alimentares, sendo 70,7% de ocorrência animal, deste total, roedores (48,1%) e insetos (11,2%) foram os mais freqüentes, mostrando a partir destes resultados que o hábito alimentar do lobo-guará nesta área foi predominantemente carnívoro. Em relação à biomassa estimada consumida, os itens vegetais representaram 9,6% (2.075,5g) e os itens animais 90,4% (19.516,0g). Foi observada sujeição sazonal na dieta (t^2 = 26,7; p<0,001) tendo os itens artrópodes e vegetais mais consumidos durante a estação seca, ao passo que foi observado maior ocorrência de pequenos mamíferos na estação chuvosa. Os resultados confirmaram o padrão de dieta encontrado para a espécie. As peculiaridades observadas talvez denotem plasticidade adaptativa, porém sugerem aumento do grau de vulnerabilidade da espécie em ambientes muito alterados.

[93] DIETA E DISPERSÃO DE SEMENTES PELO CACHORRO-DO-MATO CERDOCYON THOUS, NO PARQUE NACIONAL DA RESTINGA DE JURUBATIBA, RJ.

HATANO, F. M.[1]; LUZ, J. L.[1]; JORDÃO-NOGUEIRA, T.[1]; BERGALLO, H. G.[1]; RAÍCES, D.[2]

[1] UERJ; [2] ECOLOGIA, UERJ

O cachorro-do-mato Cerdocyon thous tem ampla distribuição geográfica, sendo conhecido do Uruguai ao norte da Argentina, na Bolívia, Venezuela, Colômbia, Guianas e Brasil. Este estudo foi realizado no Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba, RJ, sendo as amostras fecais coletadas na formação conhecida como Arbustiva Aberta de Clusia. Foram analisadas até o momento 28 amostras fecais, durante os anos de 2002 e 2003, sendo 19 amostras da estação seca e 9 da estação chuvosa. Quanto aos vertebrados, os répteis foram os itens que tiveram a maior variação entre as estações, tendo sido encontrados em 7 das 9 amostras provindas da estação chuvosa, enquanto apareceram em apenas 5 das 19 amostras da estação seca. Os invertebrados foram encontrados em freqüências similares em ambas as estações. Os frutos consumidos foram os itens que mais variaram quanto a freqüência, o que já era esperado, pois muitas espécies consumidas tem épocas de frutificação bem distintas. Não ocorreu grande diferença no consumo de vertebrados, invertebrados e frutos, todos aparecendo em mais de 50% das amostras. Um fato importante na dieta do cachorro-do-mato foi o grande número do lagarto-de-coleira Tropidurus torquatus e do roedor Oryzomys subflavus encontrados em suas fezes, ambas aparecendo em 35,7% das amostras fecais. Essas espécies são as mais comuns dentro de suas classes na formação Aberta de Clusia. Entre os 10 tipos de sementes ingeridas, duas se destacaram, Coccoloba confusa e Eugenia umbelliflora, que foram encontradas em suas fezes em ambas as estações, aparecendo em 32,1% e 46,4% das amostras respectivamente. Quanto a dispersão de sementes, foram analisadas C. confusa, E. umbelliflora, Passiflora mucronata e Ficus tomentella. Apenas estes frutos foram analisados por apresentarem um número satisfatório de sementes excretadas, sendo dispersado com sucesso apenas as sementes de E. umbelliflora, com uma porcentagem de germinação das sementes de 64%. O cachorro-do-mato não foi capaz de dispersar nenhuma das outras três sementes excretadas. Em todas, as taxas de germinação foi de 0% após passarem pelo trato digestivo.

[94] DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA POTENCIAL DE CARNIVORA (MAMMALIA) NO CERRADO ATRAVÉS DE MODELAGEM DE NICHO ECOLÓGICO

TÔRRES, N. M.[1]; DINIZ-FILHO, J. A. F.[2]; ANACLETO, T. C. S.[3,4]

[1] FUNDO PARA A CONSERVAÇÃO DA ONÇA-PINTADA, UNB; [2] FUNDO PARA A CONSERVAÇÃO DA ONÇA-PINTADA, UFG; [3] UNEMAT; [4] BIOLOGIA GERAL, UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

Os mamíferos têm sido severamente afetados pela atual crise de extinção: aproximadamente um quarto das espécies existentes atualmente são consideradas ameaçadas de extinção. Neste contexto, a ordem Carnivora (Mammalia) é considerada um bom taxon modelo para o desenvolvimento de uma ciência da conservação preditiva: sua biologia e filogenia são bem estudadas, possuem uma distribuição quase global, representam um grande espectro de estratégias ecológicas e incluem espécies em todos os níveis de ameaça de extinção. O Cerrado, considerado um dos hotspots mundiais, apresenta grande representatividade da ordem Carnivora, sendo parte da distribuição de 20 espécies. Neste trabalho, aplicamos o GARP (Genetic Algorithm for Rule Set Production) para estimar a distribuição geográfica potencial das 20 espécies de Carnivora presentes no Cerrado. O GARP é um algoritmo genético que combina registros de ocorrência das espécies com variáveis ambientais desses pontos através de regras que expliquem o nicho de cada espécie, gerando modelos de distribuição potencial. Os registros foram levantados a partir de livros, artigos, bancos de dados on line, num total de mais de 3000 pontos para as espécies estudadas. Foram utilizadas variáveis ambientais de topografia e clima. Foi feita uma projeção dos 20 melhores modelos preditivos para cada uma das espécies em um mapa digital. Os mapas mostram que as espécies de carnívoros ocupam o Cerrado de forma bastante diferenciada, sendo que existem algumas regiões de total ausência de dados, que poderiam ser priorizadas em futuros levantamentos de campo. Além de sugerir áreas que necessitam de futuros estudos, a modelagem de nicho através do GARP é uma ferramenta computacional que pode auxiliar na determinação de áreas a serem preservadas e/ou recuperadas com o objetivo de conservar o maior número de espécies possível.

[95] ECOLOGIA ALIMENTAR DE CARNÍVOROS EM FRAGMENTOS DE FLORESTA ESTACIONAL SEMIDECIDUAL DO MUNICÍPIO DE FÊNIX, PARANÁ

ROCHA-MENDES, F.[1,2]; MIKICH, S. B.[3]; QUADROS, J.[3]; PEDRO, W. A.[4]

[1] PÓS-GRADUAÇÃO EM BIOLOGIA ANIMAL / UNESP S.J. RIO PRETO - SACCA; [2] LABORATÓRIO DE ECOLOGIA, EMBRAPA FLORESTAS; [3] UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ; [4] LABORATÓRIO DE CHIROPTERA, UNESP ARAÇATUBA; [5] MASTOZOOLOGIA, PÓS-GRADUAÇÃO EM BIOLOGIA ANIMAL / UNESP S.J. RIO PRETO - SACCA

Por vezes, diferenças na alimentação representam um dos principais fatores de segregação ecológica, sendo responsáveis pela coexistência de diferentes espécies de uma mesma área. Visando analisar a importância do nicho trófico para os carnívoros, o presente trabalho avaliou a dieta de algumas espécies simpátricas em três pequenos fragmentos da Floresta Estacional Semidecidual (354, 325 e 24 ha) do município de Fênix, Paraná, sul do Brasil. Assim, de fevereiro/2003 a janeiro/2004, foram realizadas coletas mensais de fezes de carnívoros para identificação dos itens alimentares. Amostras obtidas de forma esporádica no período de 1994 a 2003 também foram incluídas na análise. Das 416 amostras avaliadas, 198 possibilitaram a identificação da espécie autora por meio da análise microscópica dos pêlos, resultando em informações sobre a dieta de dez espécies de carnívoros. Esta abrangeu mamíferos de pequeno, médio e grande porte, aves, répteis, invertebrados e vegetais (folhas e sementes). A amplitude de nicho segundo o índice de Levins indicou como espécie mais generalista Cerdocyon thous (0,89), seguida por Herpailurus yaguarondi (0,78) e Leopardus wiedii (0,64). Valores intermediários foram obtidos para Lontra longicaudis (0,50), Leopardus pardalis (0,50) e Puma concolor (0,47). Dentre os especialistas, destacaram-se Leopardus tigrinus (0,24) e Nasua nasua (0,28). Maiores sobreposições de nicho, dada pelo índice Morisita simplificado, foram observadas para P. concolor e L. pardalis (0,96), L. tigrinus e N. nasua (0,81), C. thous e N. nasua (0,77), L. tigrinus e L. wiedii (0,74), L. tigrinus e L. pardalis (0,71), e entre L. tigrinus e P. concolor (0,70). Os resultados obtidos, aliados à situação atual da paisagem da região, sugerem que o nicho alimentar pode exercer uma significativa influência na segregação ecológica das espécies analisadas. No entanto, apesar das expressivas variações observadas na dieta, o pequeno número de fezes obtidas para alguns carnívoros não permite indicar a alimentação como principal mecanismo a determinar sua coexistência nestes fragmentos florestais. Espera-se que estes dados, além de contribuírem significativamente para o conhecimento da ecologia alimentar de carnívoros em áreas fragmentadas, possam auxiliar na conservação das espécies encontradas na região de estudo e em outras paisagens fragmentadas do território brasileiro e países limítrofes.

[96] ECOLOGIA, DISTRIBUIÇÃO E USO DE HÁBITAT DO GATO-DO-MATO (LEOPARDUS TIGRINUS) NO BRASIL

OLIVEIRA, T. G.[1]; TORTATO, M. A.[2]; KASPER, C. B.[3]; MARQUES, R. V.[4]; SCHNEIDER, A.[5]

[1] DEPT. BIOLOGIA-UEMA/PRÓ-CARNÍVOROS/SACCA/PROJETO GATOS DO MATO - BRASIL; [2] PROJETO GATOS DO MATO – BRASIL/CAIPORA; [3] PPG BIOLOGIA ANIMAL-UFRGS/PROJETO GATOS DO MATO – BRASIL; [4] MCT/PUC-RS/MINISTÉRIO PÚBLICO/PROJETO GATOS DO MATO – BRASIL; [5] MCN, UNIVATES - CENTRO UNIVERSITÁRIO

Leopardus tigrinus, o gato-do-mato, maracajá-i, gato-macambira, dentre outros, como é popularmente chamado, é um dos felinos menos conhecidos nos neotrópicos e no mundo. A espécie, considerada ameaçada de extinção pelo governo brasileiro, tem sido objeto de um projeto em larga escala localizando os mais diversos aspectos sobre sua história natural, incluindo parâmetros ecológicos variados, distribuição e uso de hábitats. Apresentamos aqui os resultados preliminares. As áreas de estudo cobrem todos os biomas do Brasil (à exceção do Pantanal). Os registros de ocorrência foram majoritariamente provenientes de dados de campo, enquanto os dados ecológicos foram provenientes de armadilhamento fotográfico, rádio-telemetria e análise de fezes. As estimativas de densidade foram baseadas nas análises de captura-recaptura através de armadilhas fotográficas, realizadas através do programa CAPTURE. A espécie já foi registrada em 206 localidades por todo o país, incluindo a bacia amazônica, até aproximadamente 30oS no Rio Grande do Sul. A maioria dos registros foi em baixas altitudes (< 200m). Os hábitats variaram de florestas tropicais ombrófilas ao semi-árido nordestino, incluindo tanto áreas primitivas quanto alteradas. O padrão de atividades foi predominantemente noturno, mas com considerável nível de atividade diurna. A dieta consistiu majoritariamente de pequenos mamíferos, lagartos e aves, com biomassa média consumida de ca. 93g. Os índices de abundância variaram muito, assim como a proporção desta com as demais espécies de felinos da comunidade, especialmente com Leopardus pardalis. Financiamento: Fundo Nacional do Meio Ambiente – FNMA conv. 001/04

[97] ESTIMATIVA DA DENSIDADE DE LEOPARDUS PARDALIS (LINNAEUS, 1785) ATRAVÉS DO USO DE ARMADILHAS FOTOGRÁFICAS NO PARQUE ESTADUAL DO RIO DOCE, MG

NUNES, A.[1]; SCOSS, L.[2]

[1] LABORATORIO DE ECOLOGIA, UNIVERSIDADE VALE DO RIO DOCE-UNIVALE; [2] UNIVERSIDADE VALE DO RIO DOCE-UNIVALE

O projeto de Levantamento e Monitoramento da Ecologia Tropical – Iniciativa TEAM da Conservação Internacional foi implementado, a partir de Março de 2004, no Parque Estadual do Rio Doce (PERD), MG, maior fragmento de Floresta Atlântica do Estado (360 km2). Um dos protocolos do Programa TEAM é o de monitoramento de médios e grandes mamíferos terrestres através do uso de armadilhas fotográficas. O uso destas armadilhas vem sendo cada vez mais aplicado em estudos de monitoramento de espécies de difícil captura ou observação. O objetivo deste estudo foi estimar a população de Leopardus pardalis (jaguatirica) no interior do PERD, com base nos resultados do primeiro ano de monitoramento do protocolo das armadilhas fotográficas. Foram distribuídos 21 pontos de amostragem distante 1,5 km um do outro, durante a estação seca e chuvosa compreendendo o período de Março/2004 a Janeiro/2005. Em cada ponto de amostragem foram instaladas duas câmeras fotográficas, modelo Camtrakker, uma de frente para outra, para o registro dos dois lados do animal "capturado". Em um total de 276 fotos de mamíferos, 28 foram registros de L. pardalis. Em sete oportunidades (33,33%) o mesmo indivíduo foi registrado simultaneamente pelas duas câmeras, seis registraram apenas o lado direito (28,57%) e oito apenas o lado esquerdo do animal (38,09%). Através da análise das fotos foi possível identificar 8 indivíduos, sendo duas fêmeas, três machos e três indivíduos cujo sexo não pode ser determinado em função da posição do animal fotografado. As análises preliminares indicam que a área estimada que os animais registrados efetivamente utilizam no PERD foi de 18,55 km2. A partir destes resultados estima-se que existam, aproximadamente, 2,16 indivíduos independentes por 5 km2 no limites do PERD. Estes resultados serão combinados com modelos de captura-recaptura de populações fechadas para estimar com maior acurácia a densidade populacional das jaguatiricas no PERD. O presente estudo representa o monitoramento do primeiro ano dos dez inicialmente propostos pelo Programa TEAM no Brasil, o que possibilitará a detecção de variações no tamanho da população de jaguatiricas, subsidiando ações para o manejo da unidade de conservação e da espécie na região do Médio Rio Doce.

[98] ESTIMATIVA DEMOGRÁFICA DE UM FELINO NÃO-PINTADO POR CAPTURA-RECAPTURA COM ARMADILHAS FOTOGRÁFICAS, O GATO-MOURISCO (PUMA YAGOUAROUNDI)

OLIVEIRA, T. G.[1]; MAZIM, F. D.[2]; SOARES, J. B. G.[3]; KASPER, C. B.[3]

[1] ECOLOGIA, DEPT. BIOLOGIA UEMA/PRÓ-CARNÍVOROS/SACCA/PROJETO GATOS DO MATO-BRASIL ; [2] SACCA/PROJETO GATOS DO MATO - BRASIL; [3] PPG-BIOLOGIA ANIMAL, UFRGS/SACCA/PROJETO GATOS DO MATO - BRASIL

O uso de armadilhas fotográficas tem se tornado recentemente uma ferramenta cada vez mais utilizada em trabalhos com mamíferos de médio-grande porte. Esta técnica serve tanto para detecção de espécies crípticas e/ou muito raras, quanto para estimativas populacionais. Até hoje, com muito poucas exceções, a utilização de armadilhas fotográficas associadas à estatística de captura-recaptura tem sido usada somente para espécies com marcas corporais bem distintas, como pintas, rosetas e listras. No presente trabalho, apresentamos estimativas preliminares de densidade de um felino de coloração uniforme, o gato-mourisco (Puma yagouaroundi) em floresta decidual do Parque Estadual do Turvo (RS), no sul do Brasil. Esta seria a primeira estimativa populacional da espécie com base nos modelos de captura-recaptura através do uso de armadilhas fotográficas. Para estas análises foi selecionado o modelo M(h) do programa CAPTURE. As armadilhas foram dispostas em 12 estações duplas ao longo de duas áreas distintas do Parque. Estas permaneceram abertas por períodos variados de quatro a oito dias, totalizando 204 estações/dia. A identificação individual foi baseada em características morfológicas e algumas marcas peculiares apresentada pela pelagem dos indivíduos. A população foi estimada em seis indivíduos (± EP 3.74), com probabilidade de captura de 29.17%. A densidade observada esteve dentro dos limites encontrados para a espécie e para outros felinos neotropicais. Apoio: Fundação O Boticário de Proteção à Natureza e Fundo Nacional do Meio Ambiente – FNMA.

[99] ESTIMATIVAS POPULACIONAIS PRELIMINARES DE JAGUATIRICAS (LEOPARDUS PARDALIS) EM FLORESTA SUBTROPICAL DO RIO GRANDE DO SUL

MAZIM, F. D.[1]; SOARES, J. B. G.[1]; KASPER, C. B.[2]; FELDENS, M. J.[3]; OLIVEIRA, T. G.[4]

[1] SACCA - GATOS DO MATO BRASIL; [2] PPG BIOLOGIA ANIMAL - UFRGS; [3] DEPARTAMENTO DE FAUNA, TECNICYAMBIENTAL; [4] DEPT. BIOLOGIA-UEMA/PRÓ-CARNÍVOROS/SACCA/PROJETO GATOS DO MATO - BRASI

Dados de captura/recaptura obtidos a partir de armadilhas fotográficas tem se tornado cada vez mais populares em estimativas populacionais de espécies com manchas naturais. Todavia, poucos estudos foram realizados com os felinos neotropicais. O presente resumo apresenta as estimativas preliminares da densidade de Leopardus pardalis em duas áreas no interior do Parque Estadual do Turvo (PET), que é uma das mais importantes unidades de conservação do Estado, último local de ocorrência de várias espécies no Rio Grande do Sul. O parque possui aproximadamente 17.500 ha, sendo o último remanescente da Mata Pluvial do Alto Uruguai. Neste estudo foram utilizadas 8 estações na Estrada do Salto e 4 estações na Estrada do Porto, com distanciamento de 2 km entre cada estação. No Salto foram obtidos 15 eventos de captura com um esforço amostral de 124 armadilhas/noite. No Porto foram obtidos 10 eventos de captura com um esforço de 80 armadilhas/noite. Em ambas as áreas foram identificados três machos e quatro fêmeas. As estimativas populacionais preliminares sugerem uma população de 9 (± 2.8) jaguatiricas na Estrada do Salto e 12 (± 3.15) na estrada do Porto, com probabilidades de 46,6% e 22,2% respectivamente. Estas estimativas revelam um número maior de animais do que os trabalhos precedentes sobre a espécie, bem como verifica distâncias maiores nos deslocamentos dos indivíduos. Apoio: Fundação O Boticário de Proteção a Natureza

[100] ESTUDO DA DIETA DE PROCYON CANCRIVORUS (CARNIVORA, PROCYONIDAE), ATRAVÉS DE ANÁLISE DE CONTEÚDO ESTOMACAL DE ANIMAIS ATROPELADOS.

GURSKI, F. A. G.[1]; MARTINS, G. F. M.[2]; CÂNDIDO-JR, J. F. C.[2]

[1] LABORATÓRIO DE ZOOLOGIA, UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ; [2] UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE

Mão-pelada e guaxinim são os nomes populares da espécie Procyon cancrivorus, que possui ampla dispersão geográfica na América do Sul. Seu hábito noturno pode ser muito influente para ocorrência de atropelamentos. Visando um aproveitamento de material biológico, e a importância de estudos da espécie, os animais atropelados têm sido recolhidos há quatro anos, na BR-277 entre as cidades de Cascavel e Foz do Iguaçu (Paraná), num trecho de 120 km. Neste período, foram coletados 24 Procyon cancrivorus, e destes, foram obtidos 13 estômagos, dos quais dois estavam vazios, e os demais continham conteúdos a serem analisados, permitindo a realização do estudo da dieta quantitativa e qualitativa da espécie. Os conteúdos estomacais coletados são conservados em álcool 70% até a análise, realizada a olho nu ou com auxílio de microscópio esteroscópico. Depois de identificados e separados os diferentes itens alimentares, estes foram secos em estufa a 60ºC, para então serem pesados. Os valores obtidos foram expressos em porcentagem de ocorrência, resultando em 87% de frutos (não-identificado e Hovenia dulcis), 7% de anfíbios, 3% de mamíferos de pequeno porte, 2% de insetos adultos e principalmente larvas de lepidópteros, e também porcentagem desprezível (<1) de capim e plástico. Os itens presentes na maioria das amostras foram frutos e insetos. Sendo assim, a dieta da espécie é onívora, com maior tendência a alimentar-se de frutos, agindo oportunamente na captura de pequenos vertebrados e invertebrados, muitas vezes ocorrendo a ingestão de gramíneas ou folhas, no momento da alimentação. Em um dos conteúdos estomacais havia um fragmento de plástico, confirmando o resultado obtido em outras pesquisas, os quais indicam que, animais selvagens têm consumido resíduos humanos, acidentalmente ou não. Embora esses animais vivam em uma Unidade de Conservação, foram coletados próximos a áreas totalmente antropomorfizadas.

[101] IMAGENS DE SATÉLITE E SISTEMAS DE INFORMAÇÃO GEOGRÁFICA NO ESTUDO DOS HÁBITATS E DA ÁREA DE VIDA DA JAGUATIRICA EM UMA UNIDADE DE CONSERVAÇÃO

LOPES, A. L.[1]; MANTOVANI, J. E.[2]

[1] DIVISÃO DE SNSORIAMENTO REMOTO - DSR, INPE; [2] INPE

O desenvolvimento de pesquisas e estudos referentes ao uso do espaço por animais ameaçados de extinção apresenta-se como necessidade primária para o entendimento dos reais impactos que as atividades humanas exercem sobre estes e para a determinação de medidas visando a preservação dessas espécies. O estudo de animais de vida livre sem a interferência no comportamento, na atividade e nos movimentos pode ser feito com a utilização de técnicas e ferramentas de sensoriamento remoto e de radiotelemetria. Neste trabalho, foram determinados a área de vida e a preferência por hábitats pela jaguatirica (Felis pardalis), um felino ameaçado de extinção, na Estação Experimental de Luis Antônio e na Estação Ecológica de Jataí, localizadas na região nordeste de São Paulo, com o objetivo de subsidiar propostas de manejo desta espécie, na perspectiva de assegurar a sua preservação. Durante o período de março de 2000 a julho de 2001 uma jaguatirica foi capturada e marcada com um radiocolar transmissor VHF, e periodicamente foram determinadas as suas posições através do método da triangulação. Para a determinação da preferência por hábitats foi feita uma análise da cobertura vegetal e uso do solo da área de estudo, usando imagens de satélite ETM/Landsat 7, no sistema de informação geográfica SPRING. A área de vida foi determinada para todo o período de estudo e para diferentes períodos do ano utilizando dois algoritmos, o MPC – Mínimo Polígono Convexo e MH – Média Harmônica. Os resultados da área de vida foram de 21 km2 para o método MPC e 20 km2 para o método MH, e os hábitats mais utilizados por este espécime foram cerrado e mata de galeria. Estes dados corroboraram com os dados encontrados na literatura no que diz respeito à preferência desta espécie pela cobertura vegetal densa.

[102] O LOBO-GUARÁ (CHRYSOCYON BRACHYURUS) COMO AGENTE DISPERSOR DE SEMENTES EM ÁREA COM CAMPO NATURAL, FLORESTA DE ARAUCÁRIA E SILVICULTURA, PARANÁ.

CHEIDA, C.[1]; REIS, N. R. D.[2]; ROCHA, V. J.[3]; QUADROS, J.[4]; FILIPAKI, S. A.[3]; ALMEIDA, A. E. A.[3]

[1] PROJETO CARNÍVOROS, INSTITUTO DE PESQUISAS CANANÉIA (IPEC); [2] UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA (UEL); [3] KLABIN FLORESTAL PARANÁ; [4] UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ (UTP)

O lobo-guará Chrysocyon brachyurus, espécie ameaçada de extinção, possui uma dieta onívora, caracterizada por grande consumo de frutos, podendo atuar como agente dispersor de sementes. Deste modo, foi realizado um estudo na Fazenda Monte Alegre (FMA), região centro-leste do Estado, município de Telêmaco Borba, onde encontram-se áreas de campos naturais, Floresta Ombrófila Mista (Floresta com Araucária) e silvicultura (Pinus spp., Eucalyptus spp. e Araucaria angustifolia). O intuito foi o de analisar a legitimidade (consumo de sementes aptas à germinação) e eficiência de dispersão de sementes (deposição em sítios favoráveis à germinação) pelo lobo-guará, além da ocorrência de variações na taxa e tempo de germinação das sementes ingeridas. De abril de 2003 a março de 2004 coletou-se 200 amostras fecais de lobo-guará na FMA, das quais 94,5% apresentaram sementes, aparentemente, favoráveis à germinação, das famílias Arecaceae, Ebenaceae, Lauraceae, Myrtaceae, Moraceae, Rhamnaceae, Rosaceae, Rutaceae, Sapotaceae e Solanaceae. Este canídeo agiu como dispersor de sementes para todas as espécies de frutos consumidas, com exceção de Solanum lycocarpum (lobeira ou fruta-do-lobo), onde a ação foi de dispersor e predador não intencional. Verificou-se que, durante o período de um ano, foram dispersadas mais de 166 mil sementes pela FMA, sendo 90,24% pertencentes a Solanum spp. (S. mauritianum e/ou S. granulosoleprosum, jurubeba). A maior parte das fezes foram depositadas fezes em sítios desfavoráveis à germinação de sementes (56,61%), como pedras e materiais de construção, e apenas 3% das fezes continham sementes em processo de germinação. Entretanto, existe a possibilidade de atuação de agentes terciários de dispersão, como insetos, vertebrados e chuvas. Quanto à germinação, foram testadas sementes ingeridas pelo animal (tratamento) e retiradas de frutos (controle) de Syagrus romanzoffiana (jerivá), Solanum lycocarpum, Psidium guajava (goiaba) e Hovenia dulcis (uva-do-Japão). Apenas S. romanzoffiana não apresentou germinação para sementes tratamento e controle, e para as outras espécies não ocorreu diferença significativa na taxa e tempo de germinação (p>5%), mostrando que o animal possibilitou às sementes germinarem em taxa e tempo semelhantes àquelas que naturalmente se desenvolveriam a partir do fruto. Assim, este canídeo ameaçado mostrou-se um importante dispersor de semente, possivelmente, auxiliando na manutenção deste habitats, também ameaçados.

[103] OBSERVAÇÕES OPORTUNÍSTICAS DA PRESENÇA DE LONTRA NEOTROPICAL (LONTRA LONGICAUDIS) (OLFERS, 1818) NA RESERVA DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL AMANÃ, AM

LIMA, D. S.[1]; MARMONTEL, M.[2]

[1] PROGRAMA MAMÍFEROS AQUÁTICOS - PROJETO ONÇAS D'ÁGUA DO AMANÃ, INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL MAMIRAUÁ; [2] INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL MAMIRAUÁ

A lontra neotropical (Lontra longicaudis) é um mustelídeo com ampla distribuição no Brasil, podendo ser encontrado em águas costeiras e interiores. São animais cuja biologia e ecologia são pouco conhecidas e grande parte dos estudos baseiam-se apenas na observação de indícios indiretos. Tal restrição é decorrente, principalmente, pelo fato das lontras apresentarem um comportamento esquivo e solitário, o que dificulta a visualização direta do animal. Moradores da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã (RDSA) citam a lontra como espécie comumente observada na região, embora no passado as lontras e as ariranhas (Pteronura brasiliensis) sofreram forte pressão de caça em toda sua área de ocorrência, devido ao elevado valor de suas peles. Informações a respeito da biologia das lontras estão sendo coletadas paralelamente às atividades executadas pela equipe do projeto "Onças d'água do Amanã" – pesquisa que aborda aspectos biológicos, distribucionais e a interação das ariranhas com moradores das comunidades locais. A coleta de dados acontece de forma oportunística, sendo empregado o mesmo método utilizado em pesquisas com ariranhas. As saídas de campo têm periodicidade mensal, concentrando-se principalmente em trechos dos igarapés Baré e Urumutum, onde a presença de lontra já foi confirmada. Os indícios indiretos (n = 69) da espécie foram encontrados principalmente junto às margens dos igarapés. Estes indícios englobam sítios de defecação (n = 18), paragens de descanso (n = 16), marcações de garra (n = 11) e pegadas (n = 24). A confirmação de um local como sítio de defecação foi possível através da presença de marcadores odoríferos, como fezes secas (n = 18), fezes frescas (n = 5), muco anal (n = 3). Observações diretas (n = 13) de indivíduos solitários também foram efetuadas, principalmente quando os animais executavam atividades de alimentação e deslocamento. Com o início do período de cheia, a observação de evidências se tornou menos freqüente e a coleta de dados foi suspensa. Espera-se dar continuidade a estas observações ao longo dos próximos meses, possibilitando ampliar os conhecimentos a respeito do status populacional e padrão de atividades das lontras na RDSA.

[104] OBSERVAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA NATURAL DE GALICTIS CUJA (CARNIVORA: MUSTELIDAE) (MOLINA, 1782) NO COMPLEXO LAGUNAR PATOS/MIRIM, RIO GRANDE DO SUL

BASTAZINI, V. A. G.[1]; MAZIM, F. D.[2]; OLIVEIRA, T. G.[3]; SOUSA, K. S.[4]

[1] ESCOLA DE CIÊNCIAS AMBIENTAIS, UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS; [2] FELINOSDOSUL@BOL.COM.BR; [3] (SACCA); PROJETO: GATOS DO MATO-BRASIL; UFMA; [4] ECÓLOGO

Galictis cuja é um carnívoro relativamente pequeno (< 2kg) distribuído pelo centro-sul e nordeste do Brasil. Apesar de sua ampla distribuição no país, esta espécie é virtualmente desconhecida, vindo a ocupar o segundo lugar no ranking dos carnívoros menos estudados do país. Esta carência de informações básicas faz com que toda e qualquer informação acerca da história natural da espécie seja de grande importância. No presente trabalho, apresentamos observações sobre alguns aspectos da história natural de Galictis cuja em áreas de várzeas compostas por matas de restinga, banhados e plantações de arroz, situados na porção meridional da Planície Costeira, entre a Laguna dos Patos e Mirim, metade sul do Rio Grande do Sul. No inverno de 2005, foi localizado um abrigo ocupado por três espécimes de mesmo tamanho (sexo indefinido), escavado em uma área elevada sob a laje de uma ponte da BR392 no município de Rio Grande. O abrigo, situado a 2,25m das margens de um corpo hídrico, contava com quatro aberturas disformes que se estreitavam no seu interior. A média entre as aberturas foi de 3,64m (2,72 - 5,42m). No restante da região, a espécie tem sido registrada desde indivíduos solitários, até grupos com cinco animais. De um total de onze visualizações, em oito (aproximadamente 72,7% das vezes) os indivíduos estavam perseguindo preás (Cavia sp.) em períodos crepusculares. Estas perseguições podem, inclusive, ser conjuntas. Foi observado também que, em áreas agrícolas, nos períodos em que Cavia sp. é detectada com freqüência, os furões são igualmente observados. No entanto, quando ocorre um aparente declínio na população de preás, os furões se deslocam para outras áreas, retornando após um novo aumento populacional destes roedores. Estas oscilações populacionais de ambas espécies foram registradas em anos consecutivos. Estas observações preliminares confirmam a hipótese mencionada na literatura de que Galictis é especializado na predação em pequenos roedores.

[105] OCORRÊNCIA E DISTRIBUIÇÃO DA LONTRA NEOTROPICAL (LONTRA LONGICAUDIS, OLFERS, 1818) NO COMPLEXO ESTUARINO DE CANANÉIA

SILVA, R. E.[1]; OLIVEIRA, E. N. C.[2]; MONTEIRO-FILHO, E. L. A.[3]

[1] PROJETO CARNÍVOROS, INSTITUTO DE PESQUISAS CANANÉIA; UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE; [2] INSTITUTO DE PESQUISAS CANANÉIA; UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS; [3] INSTITUTO DE PESQUISAS CANANÉIA; UNIVERSIDADE DO PARANÁ

A região estuarina de Cananéia/Iguape é uma área do litoral sul do Estado de São Paulo, inserida em um importante trecho de Mata Atlântica. A lontra neotropical (Lontra longicaudis) é um mamífero da Ordem Carnivora, Família Mustelidae, de ampla distribuição no território brasileiro. É necessário a realização de estudos que retratem de uma maneira eficaz a real distribuição da espécie para que programas de monitoramentos possam ser direcionados. Esse trabalho testou um método para determinar a ocorrência e distribuição das lontras na região e identificou os locais onde foram encontrados os vestígios quanto aos tipos de vegetação e substrato. As coordenadas desses locais foram plotadas em fotografias aéreas revelando a presença de vestígios em rios e no estuário e ausência nas regiões de mar aberto. Os refúgios foram os vestígios mais encontrados sendo que a maioria estava em substrato arenoso e com muita cobertura vegetal. Admite-se que sua presença está relacionada a disponibilidade de locais ideais que conferem maior proteção. Os arranhados foram encontrados em barrancos, associados aos refúgios ou não. As pegadas foram encontradas associadas a refúgios ou em praias. O odor característico e as fezes estiveram associados aos refúgios. O muco anal foi encontrado duas vezes e estava junto às fezes. Apenas dois avistamentos foram possíveis devido ao hábito esquivo das lontras. Dos 13 quadrantes positivos para a presença de lontra, 12 tinham seu primeiro vestígio antes de 800m. Assim recomendamos para a região, a redução do trecho percorrido nos corpos d'água escolhidos para 1 Km, acreditando que esta seja uma distância suficiente para investigação, proporcionando uma redução de gastos nas pesquisas e conseqüentemente, um aumento no tamanho da área amostrada. Também recomendamos o aumento no tamanho dos quadrantes devido à presença de lontras em alguns quadrantes considerados negativos pelo método. Palavras-chave: Lontra longicaudis, distribuição, ocorrência, Cananéia.

[106] PEQUENOS MAMÍFEROS NÃO-VOADORES E DIETA DE CHRYSOCYON BRACHYURUS EM ÁREA CON MATRIZ FITOFISIONÔMICA DE EUCALYPTUS SPP., NO MUNICÍPIO DE CURVELO, MG.

ASSIS, M. A. C.[1]; TALAMONI, S. A.[1]; SCHEPOP, J. A. V.[2]; QUADROS, S.[2]; CURI, N. H. A.[3]; YOUNG, J. R.[4]

[1] PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ZOOLOGIA DE VERTEBRADOS, PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS; [2] PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS; [3] PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO; [4] PONTIFÍCIA UNVIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Pequenos mamíferos não-voadores tem grande importância na dieta de lobo-guará, pois, são presas relativamente mais vulneráveis. Contudo, a predação sobre estes animais varia, sobretudo, com a disponibilidade e a capacidade de fuga destas presas, em determinados hábitats. O objetivo deste trabalho foi analisar a dieta de lobo-guará, e relacionar sua composição com a riqueza e a abundância de pequenos mamíferos, encontradas em diferentes hábitats utilizados por lobos-guará. Este trabalho foi realizado numa fazenda (13.000 hectares) de propriedade da empresa Plantar Reflorestamentos, onde a matriz fitofisionômica é de eucaliptal (Eucalyptus spp.), e o restante são fragmentos, conservados ou em regeneração, de Cerrado. A dieta foi verificada através da análise de fezes coletadas mensalmente, no período de abril a dezembro de 2004. Riqueza e abundância de pequenos mamíferos foram obtidas a partir de quatro campanhas, com quatro noites de captura, durante os meses de agosto a dezembro de 2004. Foi utilizado o método de captura, marcação e recaptura. Nas duas primeiras campanhas, 120 armadilhas de captura viva, do tipo gaiola, foram dispostas sobre o solo e 100 nas duas últimas. Foi realizado um esforço de captura de 1760 armadilhas/noite. Nas quatro campanhas, 40 armadilhas foram armadas em eucaliptal e as outras em uma reserva de Cerrado, próxima a este. Foram realizadas 84 capturas de 64 indivíduos. Oito espécies foram registradas, sendo três de marsupiais (Didelphis albiventris, Gracilinanus agilis e Monodelphis domestica) e cinco de roedores (Bolomys lasiurus, Calomys tener, Calomys callosus, Nectomys squamipes e Oryzomys gr. subflavus). A mais abundante foi Oryzomys gr. subflavus (29,68%, N=19), seguida de Calomys tener (21,87%, N=14). No eucaliptal foram registradas somente D. albiventris e G. agilis. Quanto à dieta, foram analisadas 74 amostras de fezes. Roedores ocorreram em 78,51% das amostras, e os mais freqüentes foram B. lasiurus, Calomys spp. e Akodon sp. encontrados, respectivamente em, 29,72%, 28,37% e 18,91%. Oryzomys gr. subflavus foi encontrado em apenas uma amostra. Gracilinanus e Monodelphis foram os únicos gêneros registrados através das capturas, que não ocorreram nas amostras. Portanto, embora o lobo-guará seja um consumidor generalista, a conservação de hábitats originais garante a eficácia da predação por esse canídeo.

[107] RÁDIO-TELEMETRIA DE TRÊS LOBOS-GUARÁ (CHRYSOCYON BRACHYURUS) EM ÁREA COM MATRIZ FITOFISIONÔMICA DE EUCALYPTUS SPP., NO MUNICÍPIO DE CURVELO, MG.

ASSIS, M. A. C.[1]; SCHEPOP, J. A. V.[2]; YOUNG, J. R.[3]; TALAMONI, S. A.[1]; QUADROS, S.[2]; CURI, N. H. A.[3]

[1] PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ZOOLOGIA DE VERTEBRADOS, PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS; [2] PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

A fragmentação do Cerrado impõe dificuldades a populações de lobo-guará. Conhecer essas dificuldades é fundamental para a elaboração de estratégias conservacionistas mais precisas. O objetivo desse trabalho foi obter um tamanho mínimo da área de uso e inferir o uso de hábitats e aspectos comportamentais de três lobos-guará, com o auxílio de radio-telemetria (Telonics, TR-4) em uma área de reflorestamento. Este trabalho foi realizado numa fazenda (13.000 hectares) da empresa Plantar Reflorestamentos, onde a matriz fitofisionômica é eucaliptal (Eucalyptus spp.), e o restante são fragmentos de cerrado. Os dados foram obtidos durante setembro de 2004 a abril de 2005. Duas fêmeas (F1 e F2) e um macho (M1) foram rastreados para a obtenção de dados sobre suas localizações e comportamentos. As localizações foram registradas com o uso de GPS e o horário e, quando possível, o ambiente correspondente foram anotados, assim como o início de atividade. Quando o indivíduo rastreado estava a menos de 30 metros de distância, as coordenadas foram anotadas e quando estava em locais de difícil acesso, sua localização foi obtida por triangulação. Quando visualizados, os comportamentos apresentados pelos indivíduos foram anotados (Ad libitum). Foram obtidas 109 localizações. Adicionando uma zona tampão (buffer) em cada ponto de localização com no máximo um quilometro de raio (de modo que não houvesse intercessão nessas zonas), os mesmos foram interligados. Assim, um tamanho mínimo da área de uso de cada indivíduo foi calculado através do programa ArcView. Em km2 as áreas dos indivíduos F1, F2, M1 e uma sobreposição de áreas entre F2 e M1 representaram, respectivamente, 28,86, 14,74 , 9,78 e 3,73. Foi constatado que F2 e M1 constituem um casal reprodutivo. Os indivíduos foram encontrados em cinco ambientes: estrada, eucaliptal, mata-de-galeria, pasto e reserva. O início de atividade dos animais variou de 18:40 à 22:50 horas. Por várias ocasiões os mesmos foram observados utilizando eucaliptal para repouso diurno e a maior parte das áreas que ocupam atualmente possui essa vegetação. A continuação do trabalho deverá resultar em dados mais precisos sobre a área utilizada por esses animais em relação à disponibilidades de hábitats presentes na área de estudo.

[108] RIQUEZA E RELAÇÃO ESPÉCIE-HÁBITAT DE MAMÍFEROS CARNÍVOROS NA REGIÃO DO COMPLEXO ESTUARINO LAGUNAR DE CANANÉIA, SÃO PAULO.

NAKANO-OLIVEIRA, E.[1]; FUSCO, R.[2]; SANTOS, E. V. A.[2]; MONTEIRO-FILHO, E. L. A.[3]

[1] ECOLOGIA, IPEC; UNICAMP; [2] IPEC; [3] IPEC; UFPR

O conhecimento atual sobre a diversidade biológica na maioria das regiões é extremamente escasso, e projetos ligados à conservação exigem um mínimo de conhecimento sobre a ecologia e sistemática dos organismos envolvidos. Inventariar a fauna de uma determinada região é o primeiro passo para a sua conservação. Entretanto, devido a enorme diversidade encontrada em ambientes tão diversos como a Mata Atlântica, fica inviável, determinar sua riqueza total. Os mamíferos carnívoros estão entre os grupos "chave" e espera-se que sua diversidade na região reflita a condição geral do ambiente em estudo. As espécies desse grupo tendem a serem mais vulneráveis a extinções locais em paisagens fragmentadas, porque apresentam maiores áreas de vida, são de baixa densidade e são diretamente afetados pela ação antrópica. De um modo geral, o declínio ou o desaparecimento de predadores em sistemas fragmentados podem causar desequilíbrios na cadeia trófica de ecossistemas. O presente estudo visa a contribuir para o conhecimento dos mamíferos carnívoros da região do Complexo Estuarino Lagunar de Cananéia, localizado ao sul do Estado de São Paulo. O objetivo geral do estudo foi determinar a riqueza, e a relação espécie/hábitat dos mamíferos carnívoros na área de estudo. Para isso foram utilizados métodos diretos (avistamentos, e captura) e indiretos (coleta de fezes, registro de vestígios e armadilhas fotográficas). Em todos os casos foi anotada a data, o táxon a que pertencem, as coordenadas geográficas, a idade estimada (do registro ou indivíduo) e o tipo de registro. A relação espécie-hábitat foi constatada através de presença ou ausência de cada espécie nos diferentes ambientes amostrados. Ao todo foram registradas espécies de carnívoros silvestres pertencentes às quatro famílias de fissípedes existentes no Brasil. Na Ilha de Cananéia e na Ilha Comprida foram registradas seis espécies em cada ilha: Família Canidae, Cerdocyon thous; Família Felidae, Puma concolor e Leopardus sp (não foi possível separar espécies de pequenos felídeos através de pegadas); Família Mustelidae, Lontra longicaudis; Família Procyonidae, Procyon cancrivorous e Nasua nasua. Na Ilha do Cardoso foram registradas oito espécies: além das citadas acima também foram fotografadas, avistadas, registradas pegadas e encontradas fezes de Leopardus pardalis e Herpailurus yagouaroundi.

[109]USO DE ARMADILHAS FOTOGRÁFICAS PARA ESTIMAR DENSIDADE DE PROCYON CANCRIVORUS: UMA TÉCNICA VIÁVEL PARA A ESPÉCIE?

MAZIM, F. D.[1]; SOARES, J. B. G.[1]; KASPER, C. B.[2]; SCHNEIDER, A.[2]; OLIVEIRA, T. G.[4]

[1] PROJETO GATOS DO MATO – BRASIL / SACCA ; [2] PPG BIOLOGIA ANIMAL - UFRGS; [3] MCN, UNIVATES - CENTRO UNIVERSITÁRIO; [4] UEMA & INSTITUTO PRÓ-CARNÍVOROS, PROJETO GATOS DO MATO - BRASIL

Procyon cancrivorus, mão-pelada ou guaxinim, apesar de sua ampla distribuição geográfica, é uma das espécies menos estudadas entre os Carnívora do Brasil. Estimativas populacionais da espécie são muito limitadas, sendo inexistentes através do uso de armadilhas fotográficas. Esta técnica, uma ferramenta cada vez mais utilizada em estudos com mamíferos, tem se mostrado bastante promissora para estimativas populacionais. No presente trabalho, apresentamos a primeira estimativa preliminar da densidade populacional de espécie através de modelos de captura-recaptura com armadilhas fotográficas. A identificação individual foi possível através do uso de armadilhas simultâneas em cada lado das trilhas, permitindo a identificação de ambos os lados do indivíduo, associado ao padrão de marcas particulares da cauda, máscara e outras partes do corpo. O levantamento foi realizado em área de mata decidual no Parque Estadual do Turvo (Rio Grande do Sul). Após 204 estações/dia todos os espécimes capturados puderam ser identificados individualmente. As estimativas preliminares obtidas foram de 0.98 indivíduos/km2,(Mt+1 estimador Chao) e 2.95/km² (Mt+1 estimador Jackknife), com probabilidade de captura de 20% em ambos. A divergência de valores entre os estimadores deve refletir a disposição das estações não ter sido direcionada à espécie, mas sim a grandes felinos. O estimador Jackknife, o mais robusto para tal finalidade, colocaria a densidade na média conhecida para a espécie obtida através de outras técnicas. Os resultados sugerem que o uso de armadilhas fotográficas, adaptado às particularidades da espécie, é um método eficaz para estimativa populacional deste procionídeo.
Financiamento: Fundação O Boticário de Proteção à Natureza.

[110] USO DE ESPAÇO E DIETA DE LONTRA LONGICAUDIS ASSOCIADOS À INTRODUÇÃO DE PRESA EXÓTICA EM DOIS RIOS DO SUL DO BRASIL.

VIEIRA, E. M. V.[1]; FICK, I. A.[2]

[1] UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS; [2] LABORATÓRIO DE ECOLOGIA DE MAMÍFEROS, UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

A Lontra neotropical, Lontra longicaudis é um mustelídeo semi-aquático cuja dieta é baseada principalmente em peixes e crustáceos. A disponibilidade de alimento parece ser um dos fatores que influenciam a densidade e uso do hábitat da espécie. O objetivo deste estudo foi analisar a preferência alimentar de L. londicaudis e a influência da introdução de uma espécie alóctone de peixe na dieta desse carnívoro. Coletamos os dados em dois rios do sul do Brasil (rio Divisa e rio Silveira), em São José dos Ausentes, RS. Anualmente há a introdução da truta arco-íris (Oncorhynchus mykiss – Salmonidae) somente no Rio Silveira. Foram percorridos, mensalmente (setembro/2004 a junho/2005), quatro km de cada rio. No Silveira houve 22 visualizações diretas da espécie e somente duas no Divisa. Registramos 799 amostras de fezes nos dois rios. A distribuição do número de registros de fezes e número de sítios de marcação variou ao longo do ano no rio Silveira ($X2 = 25,565$, gl=10, p=0.004) e também no Divisa ($X2 = 20,984$, gl.=10, p=0,021). O número de registros no rio Silveira foi consistentemente maior no outono e inverno tanto em 2004 quanto 2005, coincidindo com a presença da truta. Analisamos 53 amostras fecais, sendo que peixes foi o grupo dominante (97% das amostras). Crustáceos foi o 2º item mais freqüente (16% das amostras), seguido por répteis (6% das amostras). A truta arco-íris e o cará (Cichlasoma facetum) ocorreram em 80% e 90% das amostras de fezes do rio Divisa e 90% e 97% no rio Silveira, enquanto que a biomassa dessas espécies em relação às demais espécies de peixes capturados por pesca elétrica foi de 0% (truta) e 0,1% (cará) no Divisa e 12% (truta) e 2% (cará) no Silveira. O lambari (Astyanax sp.), a espécie mais abundante em ambos os rios, ocorreu em apenas 2% das fezes. Os dados indicam que a lontra seleciona presas na área de estudo, substituindo espécies nativas por uma espécie exótica. A ocorrência da truta está influenciando positivamente a densidade de lontras no rio Silveira.

Genética

[111] ANÁLISE DE LOCI DE MICROSSATÉLITES EM POPULAÇÕES DE CACHORRO-DO-MATO (CERDOCYON THOUS) AO LONGO DE SUA DISTRIBUIÇAO NO TERRITÓRIO BRASILEIRO

VALDEZ, F. P.[1]; TCHAICKA, L.[2]; EIZIRIK, E.[3]; OLIVEIRA, T. G.[4]; SANA, D.[5]; FARIA-CORREA, M.[3]; CANDIDO, J. F.[6]; FREITAS, T. R. O.[2]

[1] GENÉTICA, UFRGS; [2] UFRGS; [3] PUCRS; [4] UEMA; [5] PRÓ-CARNÍVOROS; [6] UNIOESTE

Cerdocyon thous (família Canidae), distribui-se em quase toda a América do Sul, desde as Guianas até o Uruguai, compreendendo quase todo o território brasileiro, com exceção da Planície Amazônica. Habita matas abertas, florestas e savanas, e é freqüentemente encontrado em áreas utilizadas pelo homem. Essa espécie, bem como outros canídeos neotropicais, vem sofrendo uma enorme pressão antrópica, devido tanto à caça quanto à destruição de seus hábitats. Assim tornando-se cada vez mais necessários estudos acerca das mesmas. O presente estudo visa investigar a variabilidade genética existente em dez locos de microssatélites em diversas populações brasileiras. As amostras de 75 animais utilizadas (sangue ou tecido muscular) foram obtidas através de estudos ecológicos ou de animais encontrados atropelados, e representa a maior parte da distribuição da espécie no Brasil. O DNA genômico foi extraído a partir do protocolo com fenol-clorofórmio e amplificado por PCR utilizando primers descritos para Canis familiaris (Francisco et al 1999). Até o momento foram testados 16 locos (tetranucleotídicos), dos quais 8 mostraram-se polimórficos. Desses 8, dois foram amplificados para o total da amostra, e dois outros locos estão em fase de conclusão. Os resultados parciais mostram 6 e 4 alelos para os locos concluídos, sendo que no primeiro loco a heterozigosidade observada foi de 46 (He = 52) e para o segundo foi de Ho = 33 (He 45.5), não havendo déficit significativo de heterozigotos.

[112] DIVERSIDADE GENÉTICA E ESTRUTURA FILOGEOGRÁFICA DA LONTRA NEOTROPICAL (CARNIVORA: MUSTELIDEA)

TRINCA, C. S.[1]; TRIGO, T. C.[1]; FREITAS, T. R. O.[2]; WALDEMARIN, H. F.[3]; EIZIRIK, E.[4]

[1] CENTRO DE BIOLOGIA GENÔMICA E MOLECULAR, PUCRS; [2] UFGRS; [3] UFRGS; [4] UFRJ; [5] PUCRS/ INSTITUTO PRÓ-CARNÍVOROS

Muitas técnicas moleculares têm surgido nos últimos anos, fornecendo ferramentas que auxiliam na compreensão de aspectos da biologia, evolução e história natural das espécies, sendo fundamentais para o desenvolvimento de estratégias adequadas de conservação. Tendo em vista que Lontra longicaudis é uma das espécies de lontras menos conhecidas e que grande parte dos estudos com este organismo direciona-se principalmente para análise de dieta, sendo seus padrões genéticos pouco conhecidos, o objetivo deste trabalho é avaliar a diversidade genética e os padrões de diferenciação geográfica entre populações desta espécie. Estão sendo utilizadas três regiões do mtDNA: a porção 5' da região controladora, um segmento do gene ND5 e um segmento do gene ATP6. Estes marcadores moleculares foram escolhidos por renderem bons resultados em estudos com outras espécies de carnívoros. Os fragmentos de mtDNA estão sendo amplificados por PCR e lidos por seqüenciador automático. Vinte e três amostras de lontras já foram obtidas, das quais 19 tiveram DNA de boa qualidade extraído. A amplificação por PCR tem sido bem sucedida para a grande maioria das amostras. As seqüências geradas estão sendo visualizadas no programa Chromas, alinhadas pelo Clustal W e editadas manualmente no programa MEGA 3.0. Os três segmentos do mtDNA testados foram satisfatoriamente amplificados para a maioria das amostras, das quais 14 já foram seqüenciadas para o gene ND5 e região controladora do mtDNA. Para o gene ATP8 já foram seqüenciados 12 indivíduos de L. longicaudis. Um fragmento de 548 pb foi obtido para a porção 5' da região controladora e para o gene ND5 foram gerados fragmentos de 651 pb, apresentando 23 e 13 sítios variáveis, respectivamente. Para o gene ATP8 foi seqüenciado um fragmento de 329 pb, o qual indicou seis sítios variáveis. Próximas etapas deste trabalho consistem em ampliar o número amostral, obtendo uma boa representatividade da distribuição da espécie, a análise dos dados e realizar testes de extração de DNA de fezes a fim de facilitar a obtenção de amostras. Apoio financeiro: CNPq

[113] EVIDÊNCIAS DA OCORRÊNCIA DE UMA ZONA HÍBRIDA ENTRE LEOPARDUS TIGRINUS E L. GEOFFROYI (CARNIVORA, FELIDAE) NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, BRASIL

TRIGO, T. C.[1]; FREITAS, T. R. O.[2]; OLIVEIRA, T. G.[3]; EIZIRIK, E.[4]

[1] DEPARTAMENTO DE GENÉTICA, DEPT. DE GENÊTICA, UFRGS; [2] DEPT. DE GENÉTICA, UFRGS, PORTO ALEGRE, RS; [3] DEPT. DE BIOLOGIA UEMA; INSTITUTO PRÓ-CARNÍVOROS; [4] CENTRO DE BIOL. GEN. E MOL., PUCRS, RS; PRÓ-CARNÍVOROS

Leopardus tigrinus e L. geoffroyi apresentam distribuições parapátricas na Região Neotropical, com L. tigrinus ocorrendo do sul da Costa Rica até o sul do Brasil e L. geoffroyi desde a Bolívia até o sul do Chile. No Estado do Rio Grande do Sul (RS), onde há registros para as duas espécies, L. tigrinus parece restringir-se às regiões norte, centro-norte e leste e L. geoffroyi às regiões sul, centro-sul e oeste. A zona de contato entre as duas espécies nesta região é extremamente restrita, e coincide com a Depressão Central do Estado. Os principais caracteres usados para a diferenciação entre estas são o tamanho corporal e o padrão da pelagem, no entanto, a identificação de características fenotípicas ambíguas em indivíduos provenientes da região central do Estado tem sido observada. Amostras de 17 indivíduos de L. tigrinus e 18 de L. geoffroyi provenientes do RS foram coletadas e analisadas para oito locos de microssatélite. Juntamente a estas, foram analisadas mais 43 amostras de L. tigrinus e 22 de L. geoffroyi provenientes de outros estados e países que compreendem suas distribuições geográficas, para uma melhor caracterização da composição genética das duas espécies para esses marcadores. A partir das amostras coletadas, foi realizada a extração do DNA e subseqüente análise dos oito locos de microssatélite em géis de poliacrilamida para a definição dos alelos e genótipos dos indivíduos. Os dados obtidos foram analisados no programa STRUCTURE, amplamente utilizado em estudos de hibridação, e indicaram a existência de 2 indivíduos de L. geoffroyi e 6 de L. tigrinus, provenientes de municípios da região central do Estado, com uma possível origem híbrida entre as duas espécies. Para a confirmação dos híbridos, estão sendo analisadas seqüências de genes do DNA mitocondrial e dos cromossomos Y e X, afim de se avaliar também a direcionalidade destes eventos. A verificação de eventos de hibridação entre estas duas espécies em sua zona de contato torna-se extremamente necessária para a elaboração de estratégias adequadas de conservação, assim como para um melhor conhecimento destas e de suas relações ecológicas e evolutivas nas regiões de simpatria. CNPq e Fundo Nacional do Meio Ambiente

[114] FILOGEOGRAFIA DE CERDOCYON THOUS (CARNIVORA, CANIDAE) BASEADA EM SEQUÊNCIAS DE DNA MITOCONDRIAL

TCHAICKA, L.[1]; EIZIRIK, E.[2]; VALDEZ, F. P.[3]; OLIVEIRA, T. G.[4]; SANA, D.[5]; CÂNDIDO, J. F.[6]; FREITAS, T. R. O.[3]

[1] GENÉTICA, UFRGS; [2] PUCRS; [3] UFRGS; [4] UEMA; [5] PRÓ-CARNÍVOROS; [6] UNICESTE

A filogeografia é o estudo que aborda os princípios e processos que determinam as distribuições geográficas das linhagens genealógicas, especialmente dentro e entre espécies muito próximas. A reconstrução destes padrões evolutivos a nível infra-específico tem sido de grande importância para a determinação de estratégias adequadas para a conservação destas espécies. Cerdocyon thous, popularmente conhecido como cachorro-do-mato, é um canídeo de médio porte cuja distribuição compreende quase toda a América do Sul, desde as Guianas até o Uruguai. Nessa área, foram amostrados 106 animais (sangue ou tecido muscular) de diferentes procedências geográficas, englobando a maior parte da distribuição da espécie no território brasileiro. O DNA genômico foi extraído utilizando a técnica de extração com fenol-clorofórmio, e a partir desse material obteve-se a amplificação de um fragmento de 512pb da região controladora e de um fragmento de 615pb do gene do citocromo b do DNA mitocondrial. A estrutura populacional e a história demográfica desta espécie foram então investigada através da construção de árvores filogenéticas (máxima parcimonia/evolução mínima/ máxima verossimilhança/bayesiana), da construção de network dos haplótipos e AMOVA. O dados obtidos evidenciaram uma forte estruturação geográfica entre as populações das regiões Nordeste e Sul (restante da distribuição), com uma estimativa de divergência entre estes grupos de ca. 600,000 anos. Uma expansão recente é indicada para o grupo Sul, enquanto o Nordeste parece representar a área mais antiga de ocupação.

[115] GENÉTICA DA CONSERVAÇÃO DE PANTHERA ONCA (CARNIVORA-FELIDAE): DIVERSIDADE GENÉTICA E ESTRUTURA DE POPULAÇÕES INFERIDAS POR MARCADORES MOLECULARES

HAAG, T.[1]; SANA, D. A.[2]; CULLEN, L.[3]; MORATO, R. G.[2]; CRAWSHAW, P. G.[4]; SALZANO, F. M.[5]; EIZIRIK, E.[6]

[1] DEPARTAMENTO DE GENÉTICA, UFRGS; [2] INSTITUTO PRÓ-CARNÍVOROS; [3] INSTITUTO DE PESQUISAS ECOLÓGICAS; [4] IBAMA; [5] UFRGS; [6] PUCRS/INSTITUTO PRÓ-CARNÍVOROS

A onça-pintada (Panthera onca) é a maior espécie de felídeo das Américas e está atualmente ameaçada principalmente por perda de habitat e perseguição humana. Desde meados de 1900 tem sido extinta em várias regiões, ocorrendo hoje em cerca de 50% da distribuição original, em fragmentos populacionais de vários tamanhos. Para desenvolver estratégias adequadas de conservação e manejo é importante incorporar um entendimento confiável de sua estrutura populacional, assim como uma caracterização da distribuição de sua diversidade genética. Estudos ecológicos vêm sendo realizados principalmente no Pantanal, Cerrado e Mata Atlântica, sendo fundamentais para o desenvolvimento de planos de conservação para esta espécie. Em todos eles a necessidade de análises genéticas complementares às abordagens ecológicas é reconhecida. Até o momento, apenas estudos com um enfoque filogeográfico foram realizados e, estudos detalhados de genética de populações em uma escala regional ainda são necessários. O objetivo do presente trabalho é preencher esta lacuna, investigando a diversidade genética e os padrões de diferenciação geográfica entre populações brasileiras de onça-pintada. A diversidade genética e estrutura populacional serão estimadas usando 10-15 locos de microssatélites, selecionados a partir de um painel de marcadores candidatos desenvolvidos para gato doméstico. Os locos de microssatélites serão amplificados através da PCR a partir de amostras extraídas de sangue, tecido e fezes. Até o momento, foram obtidas 38 amostras de áreas fragmentadas da Mata Atlântica (P. E. do Turvo, P. E. das Várzeas do Ivinhema, P. N. de Iguaçu, P. E. Morro do Diabo e da região alagada pela usina hidrelétrica de Porto Primavera). A extração de DNA foi realizada para 15 destas amostras, resultando em DNA de alta qualidade sendo usado em um estudo piloto da população de Porto Primavera. Níveis moderados de diversidade genética para esta população foram estimados usando seis locos de microssatélites e nove indivíduos. Mais amostras obtidas nessas regiões, bem como amostras procedentes do Pantanal e do Cerrado já foram garantidas pelos nossos colaboradores. Recentemente, seis novos tetranucleotídeos mostraram-se polimórficos para onça-pintada, inclusive para as populações a serem localizadas neste estudo. Apoio Financeiro: CAPES; CESP

[116] ÍNTRONS NUCLEARES NA INVESTIGAÇÃO DE PADRÕES FILOGEOGRÁFICOS DE CERDOCYON THOUS (CARNIVORA, CANIDAE)

TCHAICKA, L.[1]; EIZIRIK, E.[2]; VALDEZ, F. P.[3]; OLIVEIRA, T. G.[4]; SANA, D.[5]; CÂNDIDO, J. F.[6]; FREITAS, T. R. O.[3]

[1] GENÉTICA, UFRGS; [2] PUCRS; [3] UFRGS; [4] UEMA; [5] PRÓ-CARNÍVOROS; [6] UNICOESTE

Diversos fatores como tipo de herança e processos mutacionais determinam características próprias a cada marcador molecular. Dessa forma, o emprego de íntrons nucleares em estudos populacionais pode corroborar ou estender as inferências obtidas através de outros marcadores. A espécie abordada neste trabalho, Cerdocyon thous, é um canídeo amplamente distribuído pela América do Sul, desde as Guianas até o Uruguai, compreendendo quase todo o território brasileiro, com exceção da Planície Amazônica. Fragmentos de três diferentes íntrons nucleares: FES (Venta et al 1996); CHRNA1 (Lyons et al 1997) e PLP1 (Murphy et al 1999); foram amplificados a partir do DNA genômico obtido de animais coletados ao longo da distribuição brasileira da espécie. A amostragem contou com 28; 28 e 37 indivíduos para FES, CHRNA1 e PLP1 respectivamente. Para o íntron FES obteve-se um fragmento de 423pb, que forneceu 3 SNPs (Single Nucleotide Polymorphisms) podendo ser agrupado em 4 diferentes haplótipos. Para o locus CHRNA1 o segmento amplificado foi de 333pb, contendo com 5 SNPs e 6 haplótipos. Para PLP1 um fragmento de 817pb foi amplificado, apresentando 4 SNPs e 6 haplótipos. . A distribuição geográfica dos haplótipos não demonstrou estruturação entre populações de diferentes regiões. O alto polimorfismo encontrado faz desses marcadores excelentes ferramentas para estudos moleculares nesta espécie.

[117] ALTERAÇÕES DENTÁRIAS EM SINCRÂNIOS DE PINÍPEDES (CARNIVORA, PINNIPEDIA, OTARIIDAE) DO LITORAL CATARINENSE E LITORAL NORTE DO RIO GRANDE DO SUL.

LOCH, C. S.[1]; DREHMER, C. J.[2]; SIMÕES-LOPES, P. C.[3]

[1] LAB. MAMIFEROS AQUÁTICOS, UFSC/LAMAQ E IDSM/PROJ. PEIXE-BOI AMAZÔNICO; [2] DEPTO. ZOOLOGIA E GENÉTICA, UFPEL - RS ; [3] LAB. MAMÍFEROS AQUÁTICOS, UFSC - SC

Foram analisados 86 sincrânios de três espécies de pinípedes (Arctocephalus australis, A. tropicalis e Otaria flavescens) coletados ao longo do litoral catarinense e litoral norte do RS pertencentes à Coleção Científica de Mamíferos da UFSC. O presente trabalho visa diagnosticar as ocorrências de agêneses dentárias e de dentes extranumerários, bem como casos de perda de dentes em vida. A agênese, ou redução natural do número de dentes, foi encontrada em três indivíduos de A. australis (UFSC 1113, 1154 e 1163). Dois exemplares (UFSC 1154 e 1163) apresentavam agênese dos PC/6, sendo que no UFSC 1163, ambos os PC/6 dos maxilares direito e esquerdo estão ausentes (agênese simétrica). No exemplar 1113 encontra-se ausente o PC/1 do maxilar esquerdo. A ocorrência de dentes extranumerários foi constatada em apenas um exemplar de A. tropicalis (UFSC 1017), com o extranumerário localizando-se lingualmente entre os PC/5 e 6 do maxilar direito do indivíduo. A perda de dentes em vida pode ser diagnosticada pelo fechamento parcial ou quase total dos alvéolos, com o tecido ósseo local apresentando aspecto irregular e consistência mais porosa do que as regiões adjacentes. Esta alteração foi encontrada em 5 indivíduos - A. tropicalis (UFSC 1017), A. australis (UFSC 1132, 1228 e 1323) e Otaria flavescens (UFSC 1171). Os diferentes estágios de obliteração dos alvéolos encontrados entre os indivíduos indicam perdas ocorridas em diferentes fases da vida dos mesmos. Considerando o caráter evolutivo das alterações na fórmula dentária, os casos de agênese, principalmente dos dentes mais posteriores, poderiam representar uma tendência à diminuição do número de pós-caninos em otarídeos, levando-se em consideração sua aparente homodontia e pouca efetividade na mastigação. Os dentes extranumerários representariam uma condição atávica espontânea de provável reversão à condição primitiva de dentição dos pinipedimorfos Oligo-Miocênicos como Enaliarctos e Pteronarctos, ou até mesmo de carnívoros terrestres, considerando-se as relações filogenéticas do grupo Pinnipedia. As perdas de dentes em vida são relativamente comuns nos pinípedes, e seriam conseqüência de traumas sofridos durante a defesa de território (principalmente no caso dos machos) ou durante a alimentação, bem como devido a complicações oriundas de patologias diversas.

Morfologia

[118] DEVELOPMENTAL AND GROWTH IN SKULL OF OTARIDS: A MORPHOMETRIC COMPARED STUDY

MOLINA-SCHILLER, D. M. M.[1]; FREITAS, T. R. O.[1]; SANFELICE, D. [2]

[1] UFRGS; [2] MASTOZOOLOGIA, MCN-FZBRS

We examined the skulls of three Otariidae species: Arctocephalus australis, Callorhinus ursinus and Otaria byronia with the objectives of (1) accessing the developmental and growth rate of males and females and compare it; (2) to describe the development for each linear measure for each species/sex; (3) to establish the respective equations (4) to determine which are the variables that are better correlated with the ages; (5) to determine the physical maturity. We employed traditional and geometrical morphometric techniques to study the skull and we determined age by the teeth. In A. australis, the linear variables with larger correlation with age were rostrum length (females) and length of jugal and maximum width of zigomatic arch (males). In C. ursinus, presents the larger correlation the basilar length of Hensel (females) and palate length (males). In both species, female´s skulls mature about six years old and male´s about eight years old. O. byronia matures later, about nine years old. In this species, the variables more correlated with age were length of jugal (females) and condylobasal length (males). Using geometric morphometrics data sets, the rate of growth in A. australis is not different between the sexes (and either for the constant) but is higher than the rate of the other species, especially in comparison with C. ursinus. The other two species present rates significantly different between sexes in which concern growth (and in the constant too) but only O. byronia differ between sexes in both developmental model parameters (constant and slope). The comparisons between the growth and developmental models result always significantly different in slope and constant and the differences between species are more remarkable between the males that between females. In general, females are more accelerated and the males growth for a longer time. In both treatments employed, a relationship between size dimorphism and shape dimorphism can be inferred in the skull in all species. We conclude that rates or timings of growth and development evolve below a conserved spatiotemporal organization of morphogenesis. So, in future studies, it will be interesting asking whether skull shape maturity predicts the timing of life-history.

[119] DIFERENTES PADRÕES DE PELAGEM ENCONTRADOS EM IRARAS (EIRA BARBARA) NO VALE DO ITAJAÍ - SC

TORTATO, F.[1]; ALTHOFF, S. L.[2]

[1] CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS, UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU - FURB; [2] FURB

A Irara ocorre desde o México até o norte da Argentina e é amplamente distribuída pelo Brasil. É caracterizada como sendo de pequeno/médio porte pesando aproximadamente 5 quilos. Tem hábitos diurnos e está associada a ambientes florestais. As Iraras geralmente apresentam coloração castanho-escura ou preta em todo o corpo e castanho-clara ou acinzentada na cabeça e pescoço. Durante estudo envolvendo a mastofauna da Reserva Biológica Estadual do Sassafrás – Doutor Pedrinho, foram registrados com armadilha fotográfica dois padrões diferenciados de pelagem em Iraras. Os registros ocorreram no mês de Março de 2005 entre os dias 21 e 26. As fotos registraram dois indivíduos, sendo um com coloração da pelagem preta com pescoço e cabeça acinzentado e o outro apresentando coloração branca/amarelada. Foram 17 fotos da(s) Irara(s) preta(s) com pescoço e cabeça acinzentado e 5 fotos da Irara branca/amarelada. No Parque Nacional Serra do Itajaí foi observado um indivíduo com uma coloração intermediária entre o padrão normal e o encontrado no registro fotográfico, com o dorso castanho claro e o pescoço cinza esbranquiçado. Existem poucos registros no sul do Brasil deste padrão de pelagem branca/amarelada, mas o aumento de informações através de armadilhas fotográficas poderá elucidar melhor a busca de padrões regionais.

[120] IDENTIFICAÇÃO DE ESPÉCIMES DE PSEUDALOPEX GYMNOCERCUS (MAMMALIA, CANIDAE) ATRAVÉS DE CARACTERÍSTICAS DA MORFOLOGIA EXTERNA

PACHECO, S. M.[1]; FIGUEIRÓ, S.[2]

[1] BIOLOGIA/LAB. MASTOZOOLOGIA, UNISC/MCT-PUCRS; [2] MCT/PUCRS

De 2001 a 2003, durante um período de 18 meses, foi realizado um estudo com Pseudalopex gymnocercus, graxaim-do-mato, no Centro de Pesquisas e Conservação da Natureza Pró-Mata (PUCRS), com a finalidade de identificar indivíduos. A área situa-se no município de São Francisco de Paula, Rio Grande do Sul, cuja formação vegetal é representada por um mosaico constituído de floresta ombrófila mista, floresta ombrófila densa e campos. A espécie de canídeo aqui estuda é bastante comum na região, sendo freqüentemente relatada pelos pecuaristas como predadora de aves (galináceos e anatídeos) e de ovelhas jovens. Nesse estudo foram acompanhados dois filhotes de graxains com idade aproximada de 30 dias até completarem um ano e cinco meses. Conforme dados da literatura e de relatos de pesquisadores que trabalham com mamíferos na natureza, sabe-se que há grandes dificuldades de se reconhecer indivíduos não marcados com coleiras, tinta ou outro tipo de marcação. Assim, o objetivo do estudo foi avaliar quais características da morfologia externa possibilitariam auxiliar na identificação desses dois indivíduos na idade adulta. Através de imagens filmadas, os graxains e outros espécimes do grupo foram monitorados mensalmente, durante três dias, sendo possível reconhecer oito indivíduos. A técnica mostrou que através de manchas de pêlos escuros presentes nos membros posteriores e anteriores e de manchas de pêlos brancos existentes no pelo dos animais é possível identificá-los individualmente. Nos dois filhotes, o indivíduo A tinha uma mancha escura na pata anterior e o indivíduo B uma mancha branca na área do pelo distintas dos demais animais existentes na área amostrada. Essas manchas permaneceram na fase adulta. Em 2004, retomou-se a área para uma avaliação, verificando-se que as manchas possibilitaram reconhecer os dois graxains entre outros animais não identificados no período de estudo.

Sistemática

[121] ESTUDO COMPARATIVO DE CRÂNIOS DOS CANÍDEOS SILVESTRES PSEUDALOPEX VETULUS E CERDOCYON THOUS (CARNIVORA:CANIDAE) DA REGIÃO CENTRAL O BRASIL

PINHEIRO, J.

ZOOLOGIA, UNICENTRO IZABELA HENDRIX

Cerdocyon thous e Pseudalopex vetulus são espécies de canídeos silvestres que ocorrem no Brasil. Cerdocyon thous possui maior distribuição e diversidade de hábitat, sendo encontrado em outros países da América do Sul. É maior, com pernas mais curtas em relação ao corpo, cabeça maior, cauda mais curta e coloração castanha, tendendo para o negro. Pseudalopex vetulus é endêmico do Brasil, com hábitat restrito aos cerrados, campos, bordas de matas e pastagens artificiais. Sua estrutura óssea é mais frágil, com pernas mais compridas e mais finas. Sua coloração também é castanha, porém mais esbranquiçada. Sua bula auditiva é proporcionalmente maior, possivelmente devido à habilidade que desenvolveu para encontrar cupins. Este levantamento objetiva caracterizar as duas espécies através da medição e comparação de crânios e mandíbulas de coleções coletados no Mato Grosso, Distrito Federal, Goiás, Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Os dados servirão de base para a correta identificação das espécies e também como referência para comparação com materiais fósseis do Pleistoceno. Foram considerados crânios e mandíbulas de Cerdocyon thous e Pseudalopex vetulus de animais adultos catalogados nas coleções, tendo sido realizadas 14 medições em cada crânio. As médias dos dados foram obtidas. As características particulares a cada espécie foram salientadas e correlacionadas com a ecologia e a região de coleta, podendo levar à correta identificação de materiais. A análise morfológica de características de crânios e mandíbulas pode levar à correta identificação de materiais, especialmente com relação a características diagnósticas (discretas). Estas são suficientes para a correta identificação específica, sendo completadas com dados quantitativos (alométricos).

Outros

[122] ACOMPANHAMENTO DE DESLOCAMENTO DE JAGUATIRICA (LEOPARDUS PARDALIS) NO INTERIOR DE SÃO PAULO - RELATO DE CASO

MAFFEI, F.[1]; SANTIAGO, M. E. B.[2]; MAIA, J. L. S.[3]

[1] BIOLOGIA, UNIVESIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO; [2] ZOOBAURU; [3] DURATEX

A jaguatirica (Leopardus pardalis) é um felino de médio porte que ocorre desde o sul dos Estados Unidos até o norte da Argentina e Uruguai. Embora possua uma área de ocorrência ampla, a fragmentação dos ambientes pode ser um fator limitante para a sua ocorrência, devido à diminuição do número de presas. Tanto machos quanto fêmeas mantêm grandes áreas de vida. O território dos machos se sobrepõe ao de algumas fêmeas, mas dificilmente o de outros machos. Devido à predação de algumas espécies de aves silvestres mantidas no Parque Zoológico Municipal de Bauru (ZooBauru) foi montada uma armadilha para tentar capturar o animal responsável pelos ataques. No dia 26/06/02 um exemplar macho jovem de jaguatirica, pesando 15 quilos foi capturado. O animal foi submetido à contenção química para realização de exame clínico, coleta de dados morfológicos e marcação. Foi solicitada permissão de soltura ao escritório regional do IBAMA/Bauru, sendo o mesmo solto em uma área de formações vegetais originais próximo ao município de Agudos (SP), distante 25 quilômetros do local de captura. No dia 06/08/02 o animal foi recapturado, nas mesmas circunstâncias no ZooBauru. O espécime foi identificado pela tatuagem da porção interna do membro posterior. Novamente foi procedida contenção química, avaliação clínica, sendo que nesta ocasião apresentou 13 quilos de peso vivo, e foi procedida a colocação de microchip. Após a recaptura, foi novamente solicitada ao IBAMA permissão de soltura, sendo desta vez escolhida a Reserva do Matão, uma área mais distante, próxima ao município de Lençóis Paulista, de propriedade da Duratex S.A. Considerando a distância que o animal percorreu até voltar ao local de primeira captura e a heterogeneidade de ambientes pelos quais ele teve que passar, fica evidente a plasticidade e o alto grau sensorial que apresenta esta espécie. Os corredores de vegetação são essenciais para a deslocação dos felinos e de suas presas, favorecendo a troca de material genético entre diferentes populações.

[123] ATROPELAMENTO DE FELINOS PRÓXIMO AO MUNICÍPIO DE AGUDOS, SP. - RELATO DE CASO.

MENDONCA, L.[1]; MAFFEI, F.[2]; MAIA, J. L. S.[3]; COELHO, A. R.[3]

[1] ZOOLOGIA, UNICAMP; [2] UNIVERSIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO; [3] DURATEX

O Brasil é o país que apresenta a maior diversidade de espécies de felinos selvagens do mundo, estando todas ameaçadas de extinção sob diferentes níveis. Entre os vários fatores de pressão negativa sobre estas populações está o atropelamento em rodovias. A fragmentação de ambientes e o isolamento das áreas naturais, ocasionados muitas vezes pela construção de estradas, obrigam as espécies a correrem riscos ao atravessá-las. Sendo esta, uma importante causa da retirada de estoque da fauna silvestre local. Em 27 de abril de 2005 uma fêmea adulta de jaguatirica (Leopardus pardalis) foi encontrada atropelada no km 317 da Rodovia Marechal Rondon. O animal apresentava inúmeras lesões, como perda da cauda e pata posterior direita, além de esmagamento craniano. Em 22 de junho do mesmo ano, um macho jovem de onça-parda (Puma concolor) foi atropelado no km 313 da mesma rodovia. O animal pesava 35 quilos e foi possivelmente atropelado por um veículo de pequeno porte, devido às evidências encontradas no local do acidente. As duas espécies correspondem ao segundo e terceiro maiores felinos das Américas e constam na Lista das Espécies da Fauna Brasileira Ameaçadas de Extinção. A retirada desses indivíduos dessas populações pode representar uma notável modificação nos ambientes, já que a presença deles mantém o equilíbrio de outras populações de animais. Sabemos que as estradas são fundamentais para o crescimento da economia de uma nação e que os felinos precisam de grandes áreas de vida, mas ações preventivas devem ser tomadas em locais como estes que ficam visíveis à vulnerabilidade dos animais ali presentes.

[124] DETERMINAÇÃO DE CHUMBO E OUTROS METAIS EM FEZES DE LONTRAS (LONTRA LONGICAUDIS) ATRAVÉS FLUORESCÊNCIA DE RAIOS X POR DISPERSÃO DE ENERGIA

JOSEF, C.[1]; MORAES, L. M. B.[2]; ADRIANO, L. R.[3]; SILVA, R. M. C.[3]; NASCIMENTO-FILHO, V. F.[3]; CALIL-FILHO, N. A.[4]; FERREIRA, J. R.[2]

[1] ECOTOXICOLOGIA, CENA/USP; [2] CENA/USP- DEPTO. DE INSTRUMENTAÇÃO NUCLEAR; [3] CENA/USP- DEPTO. DE ECOTOXICOLOGIA; [4] RESERVA CANHAMBORA

Este trabalho teve por objetivo avaliar a contaminação por Pb e outros metais (Ti, Mn, Fe, Ni, Cu e Zn) em amostras de fezes de uma população de lontras da espécie Lontra longicaudis, encontradas na região do Alto Vale do Ribeira, mais especificamente no rio Betari, Sudoeste do Estado de São Paulo. O rio Betari é um afluente do rio Ribeira de Iguape e parte do seu percurso encontra-se dentro do Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira, uma das mais conservadas áreas de Mata Atlântica do Estado de São Paulo. Como a dieta destes animais é a base de peixes, é de interesse ambiental a determinação da concentração chumbo nas suas fezes, visto que é um elemento acumulativo ao longo da cadeia trófica e que nesta nesta região, na década de 1970, houve a implantação de uma mineradora de extração de Pb a partir da galena. A análise das amostras requer freqüentemente a digestão química, com as desvantagens de ser morosa e dispendiosa. Visando eliminar estas desvantagens, o objetivo do trabalho foi utilizar a técnica de fluorescência de raios X por dispersão de energia (EDXRF), por exigir um preparo mínimo da amostra. Seis amostras de fezes foram congeladas, liofilizadas, moídas em moinho criogênico e analisadas na forma de pastilha, utilizando-se na excitação um tubo de raios X (alvo Mo, filtro Zr, 25 kV/10 mA) por 300 s e na detecção dos raios X característicos um detector semicondutor de Si(Li), acoplado a um analisador multicanal. As concentrações de Pb variaram de 5,0 a 15,4 mg g 1. Na análise também foram quantificados outros metais e as concentrações máximas obtidas foram: Ti - 308, Mn – 38, Fe – 1131, Ni – 44, Cu – 2,8 e Zn – 92,4 mg g 1.

[125] DISTRIBUIÇÃO E OCORRÊNCIA DE MUSTELÍDEOS AQUÁTICOS (PTERONURA BRASILIENSIS E LONTRA LONGICAUDIS) NO MÉDIO MADEIRA, AMAZONAS - BRASIL

CASTELBLANCO-MARTINEZ, D. N.[1]; CANTANHEDE, A.[2]; ROSAS, F. C. W.[1]; SILVA, V. M. F.[1]

[1] LMA/CPBA/INPA; [2] CPBA, INPA

Nos médios Aripuanã (desde a foz até a comunidade de Arauazinho) e Madeira (da cidade Nova Olinda até a boca do rio Atininga) não existia nenhuma informação sobre o estado de conservação, ocorrência, e uso de habitat de mustelídeos aquáticos. O leito principal do rio Madeira, bem como uma série de rios menores, igarapés e lagos foram percorridos durante 30 dias na seca do 2004 (setembro) e a cheia de 2005 (maio), no intuito de coletar evidências da ocorrência de ariranhas (Pteronura brasiliensis) e lontras (Lontra longicaudis). Adicionalmente, foram aplicadas 48 entrevistas com moradores locais, pertencentes a 20 comunidades da região. No total, foram percorridos e verificados 894,5 km de margens. Quando encontradas tocas ou latrinas, foram verificadas se estavam em uso ou não, registrando suas características, dimensões e a transparência do corpo d'água mais próximo. Quando encontradas, amostras de fezes foram coletadas, triadas e armazenadas a seco para determinação posterior dos hábitos alimentares. A presença de mustelídeos aquáticos foi confirmada em 13 das 44 localidades mencionadas pelos moradores locais. Pteronura brasiliensis e Lontra longicaudis ocorrem simpatricamente na bacia do médio rio Madeira, sendo mais abundantes no rio Aripuanã. O número de vestígios de Pteronura brasiliensis foi de 0,036 vestígios em uso por quilômetro de margem, e para Lontra longicaudis foi de 0,002 vestígios em uso por quilômetro de margem percorrido. Os locais onde foi verificada a ocorrência dos mustelídeos aquáticos no médio Madeira são corpos de água preta ou clara de terra firme, com transparência oscilando entre os 100 e 350cm e de pouca correnteza. A maioria dos pescadores afirmaram que a interação entre os mustelídeos e a pescaria não é intensa, e que a caça destes animais na região acabou há varias décadas. No entanto, foram informados dois casos recentes de morte de ariranha com espingarda, por suposta competição pelo recurso pesqueiro. Outras ameaças potenciais colocadas pelos entrevistados foram a captura de filhotes como animais de estimação, o aumento da população humana e a contaminação.

[126] NOVAS ÁREAS DE OCORRÊNCIA DO JUPARÁ, POTOS FLAVUS, SCHREBER 1774 (CARNIVORA: PROCYONIDAE) NO ESTADO DE MINAS GERAIS

MELO, F.[1]; RODES, É. R.[2]; SOUZA, S. L. F.[2]; NERY, M. S.[2]; FERRAZ, D. S.[2]

[1] CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, UEMG/FAFILE; [2] FAFILE/UEMG CARANGOLA

Diversos registros pontuais demonstram que o jupará ocorria em toda a Mata Atlântica litorânea, desde os estados do nordeste até o extremo norte do RJ. Recentemente, após 40 anos sem registro, a espécie foi redescoberta para Minas Gerais. O estudo tem como objetivo inventariar as espécies da fauna de mamíferos, dando ênfase especial a 03 espécies: Potos flavus (jupará), preguiça-de-coleira (Bradypus torquatus) e ouriço-preto (Chaetomys spinosus), em 03 fragmentos florestais no vale do Rio Jequitinhonha: Faz. Duas Barras – Santa Maria do Salto (MG), com cerca de 18 mil ha; Fazenda Avenida – Macarani, (BA), com cerca de 4 mil ha e REBIO Mata Escura, em Jequitinhonha (51 mil ha). Utilizamos a metodologia do Line-transect Sampling, em censos noturnos e diurnos. Obtivemos o registro apenas do jupará, tanto em Macarani, divisa com Bandeira (MG) e na Faz. Duas Barras (MG). Nessa última área, registramos 01 indivíduo, no dia 04/08/04, às 19:40h forrageando a 15m de altura numa árvore de Cecropia hololeuca e no dia 08/08/04 na mesma árvore às 19:35h. No dia 05/05/04 avistamos um outro indivíduo descansando às 16:15 fora do censo, também em outra árvore de embaúba. Confirmamos o jupará na Faz. Avenida no dia 05/01/05, através de vocalização e visualização de 01 indivíduo às 18:40 a 15 m de altura. No dia 07/01/05, visualizamos 02 indivíduos forrageando a 30m às 20:10 fora do censo. No dia 13/01/05, vimos 01 indivíduo às 21:15 a 15m de altura durante o censo. Concluímos que apesar da existência da espécie para o vale Jequitinhonha, podemos considerar que as populações possuem baixas densidades devido ao grande esforço amostral empreendido (68,64 km para a Faz. Duas Barras e de 50,91 km para Faz. Avenida). Esses registros vêm confirmar a hipótese que a espécie tem distribuição esperada para Minas Gerais, mas limitada às regiões marginais da Bahia, Espírito Santo e Rio de Janeiro. Apesar de não termos nenhum registro de jupará para a REBIO Mata Escura, após 51 km percorridos, consideramos baixa probabilidade de ocorrência. No entanto, esses dados não são suficientes para avaliar os status dessas populações em MG. Apoio: Biodiversitas e FAFILE.

[127] O GATO-PALHEIRO (LEOPARDUS COLOCOLO) NO PARQUE ESTADUAL DO MIRADOR, MARANHÃO.

OLIVEIRA, T. G.[1]; QUIXABA-VIEIRA, O.[2]

[1] UEMA/PRÓ-CARNÍVOROS; [2] ESTUDOS DE MASTOFAUNA, NUPEC

O gato-palheiro (Leopardus colocolo) é um dos felinos brasileiros menos conhecidos nos mais variados aspectos da sua biologia e conservação. Até mesmo sua distribuição geográfica ainda é pouco conhecida. No presente trabalho, apresentamos algumas considerações sobre a espécie no cerrado norte do Brasil, no Parque Estadual do Mirador, Maranhão. As informações estão sendo obtidas através de armadilhas fotográficas e as análises realizadas pelo programa CAPTURE. Este seria o primeiro registro para a espécie no Maranhão e aquele mais ao norte conhecido no país. Distaria mais de 500km do mais próximo conhecido, expandindo, assim, consideravelmente os limites da distribuição deste felino no Brasil. Uma primeira tentativa de estimar a população na área amostrada, após ca. 450 armadilhas/dia, indicou a presença de 4.5 ± 1.5 indivíduos na mesma. Muito interessante é o fato de que, até então, nenhum dos moradores do Parque e da região, incluindo experientes ex-caçadores e guardas-parque tinham conhecimento da existência da espécie. Os felinos anteriormente mais freqüentemente registrados através de rastros foram Puma yagouaroundi e Leopardus tigrinus, nenhuma das quais ainda detectadas através de armadilhas fotográficas. Financiamento: Fundo Nacional do Meio Ambiente – FNMA, conv. 001/04.

Chiroptera

Ecologia

[128] ASPECTOS DA BIOLOGIA REPRODUTIVA DE ARTIBEUS LITURATUS (CHIROPTERA, PHYLLOSTOMIDAE) NO PARQUE ESTADUAL DA FONTE GRANDE – VITORIA – ES.

CAMPELO, R. P. M.[1]; ROVIDA, J. C.[2]; TAHARA, A. S.[3]; DITCHFIELD, A. D.[3]; MARTINS, R. L.[2]

[1] BIOLOGIA, FAESA; [2] FAESA; [3] UFES

Os morcegos são bons modelos para estudos de fragmentação, pois compreendem até a metade das espécies de mamíferos de uma dada localidade. A família Phyllostomidae contém 49 gêneros e 143 espécies, sendo Artibeus lituratus uma das mais comuns em regiões Neotropicais. Neste estudo obtivemos dados relativos à abundância de A. lituratus em diferentes fitofisionomias do Parque Estadual da Fonte Grande (PEFG), Vitória – ES. Também foi estudado o período reprodutivo da espécie e o efeito lunar sobre a taxa de captura. O PEFG é um fragmento de mata composto por floresta ombrófila densa, ambientes antropizados e campos rupestres. Em 24 noites foram utilizados 827 metros de redes de neblina em 183 horas de amostragem. O esforço amostral foi dividido entre as áreas consideradas antropizada e natural e em diferentes fases da lua. Para se comparar da taxa de captura nas duas áreas foi utilizadas teste T e a taxa de captura nas diferentes luas e estações foram analisadas por meio de análise de variância. A maturidade sexual foi estimada com base na ossificação das epífises. Nas fêmeas foram observadas a condição das mamas e a ocorrência de gestação. Dos 850 morcegos capturados 96% eram Phyllostomidae, sendo que 451 indivíduos foram A. lituratus, 231 machos e 220 fêmeas. Não houve diferença significativa entre os meses comparados, porém, existe uma maior quantidade de indivíduos capturados em área antropizada ($p = 0,047$). Há diferenças significativas entre as capturas realizadas na lua cheia e na lua nova, caracterizando um quadro de fobia lunar, com diminuição da taxa de captura em noites de lua cheia. Foi observado um padrão de gestação bimodal com picos em janeiro - abril e agosto - setembro as, enquanto a lactação ocorre nos meses de fevereiro - abril e julho – outubro. Apoio: FACITEC.

[129] ATIVIDADE DE QUATRO ESPÉCIES DE ARTIBEUS (CHIROPTERA: PHYLLOSTOMIDAE)

ENRICI, M. C.[1]; ESBÉRARD, C. E. L.[1]; BERGALLO, H. G.[1]; COSTA, L.[2]

[1] UERJ; [2] DEPARTAMENTO DE ECOLOGIA, UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Na maioria das espécies de morcegos estudadas até o presente momento, a atividade noturna é sincronizada com o pôr-do-Sol. É consenso entre os pesquisadores que as primeiras horas após o pôr-do-Sol são as mais produtivas, com a taxa de captura declinando até 6 horas após. Estudos anteriores demonstraram um decréscimo do total de capturas, 3 horas após o pôr-do-Sol, para algumas espécies de Phyllostomidae, incluindo as do gênero Artibeus. Para analisar a atividade diária de morcegos utilizamos dados de taxa de captura em borda de mata secundária. As coletas foram realizadas no Açude da Solidão, Parque Nacional da Tijuca, Município do Rio de Janeiro (22°57¢40,6"S e 043°17¢61,0"W), a 345m de altitude, entre 1995 e 1997. A cada noite foram empregadas 8 a 11 redes de neblina (7 x 2,5 m) abertas por toda a noite. A amostragem total compreendeu 398 capturas, sendo composta por quatro espécies: A lituratus (53% das capturas), A fimbriatus (24,9 %), A jamaicensis (8,3 %) e A obscurus (13,8%). A amostragem foi analisada quanto à diferença em minutos após pôr-do-Sol, par a par usando o teste de Kolmogorov-Smirnov, sendo observados valores significativos apenas entre A lituratus e A obscurus. Todas as espécies apresentaram picos de atividade distantes do pôr-do-Sol, variando as medianas de 273 a 352 minutos. Tal fato demonstra que as espécies do gênero Artibeus podem não apresentar picos de atividade junto ao crepúsculo e sim próximos a metade da noite. As diferenças observadas neste trabalho sugerem que diferenças podem ser observadas em diferentes locais ou métodos de amostragens.

[130] ATRAÇÃO E CAPTURA DE CAROLLIA SPP. NA AMAZÔNIA CENTRAL UTILIZANDO O ÓLEO ESSENCIAL DE FRUTOS MADUROS DE PIPER HISPIDUM

ROCHA-MENCES, F.[1]; BIANCONI, G. V.[2]; MIKICH, S. B.[3]; MAIA, B. H.[4]; TEIXEIRA, S. D.[5]; MARQUES, F. A.[4]

[1] MÜLLERIANA: SOC. FRITZ MÜLLER DE CIÊNCIAS NATURAIS; [2] ZOOLOGIA, PG ZOOLOGIA UNESP RIO CLARO; [3] LABORATÓRIO DE ECOLOGIA, EMBRAPA FLORESTAS; [4] DEPARTAMENTO DE QUÍMICA, UFPR; [5] UNICS

O consumo de frutos e a dispersão de sementes por morcegos é um processo fundamental para a manutenção da diversidade florestal e a recuperação de áreas naturais após distúrbios brandos ou severos. Com base nestas premissas, óleos essenciais de frutos quiropterocóricos dos gêneros Ficus, Solanum e Piper vêm sendo testados desde 2000 com o objetivo de desenvolver uma ferramenta que atraia e concentre filostomídeos frugívoros em áreas degradadas, incrementando assim a chuva de sementes em locais específicos e, conseqüentemente, potencializando a recomposição de ambientes florestais. Os experimentos têm sido conduzidos em fragmentos de Floresta Atlântica do estado do Paraná, sul do Brasil, com resultados de atração positivos para Artibeus spp., Sturnira lilium e Carollia perspicillata. Como forma de verificar a relevância das conclusões e as generalidades dos resultados para outros biomas, o presente estudo testou a atração de morcegos do gênero Carollia na Amazônia Central por óleos extraídos (via hidrodestilação) de frutos maduros de Piper hispidum (Piperaceae). Assim, mais especificamente na Reserva 1501 (2°24'S e 59°52'W) do PDBFF / INPA (Smithsonian Institution) – área de mata contínua de Floresta Amazônica, a 80 km de Manaus – foram realizadas quatro noites de captura, no período de 28/julho a 4/agosto de 2003. Para tanto, foram utilizadas dez redes-de-neblina dispostas em cinco pares alternados, distantes 20 metros entre si, ao longo de uma estrada abandonada, totalizando um esforço amostral (E) de 7200 m2.h.. Em cada rede do par foi fixado um fruto artificial (confeccionado com espuma de floricultura), sendo que em um foi gotejado óleo essencial e no outro água destilada. Para aleatorizar qual rede receberia o fruto com óleo foi realizado sorteio diário. Como resultado, foram coletados onze indivíduos do gênero Carollia, sendo nove em redes com o óleo essencial. Embora o número de capturas tenha sido baixo, a eficiência dos óleos na atratividade de Carollia spp. na Amazônia Central foi significativa ($X2= 4,45$, $p= 0,03$, $gl= 1$). Deste modo, salienta-se a importância em se identificar, isolar e, futuramente, sintetizar compostos que atraiam morcegos frugívoros, dado seu grande potencial nos trabalhos de recomposição de ambientes degradados e estudos de auto-ecologia.

[131] COMUNIDADE DE MORCEGOS (MAMMALIA: CHIROPTERA) AO LONGO DE UM GRADIENTE ALTITUDINAL NO SUL DO BRASIL: DADOS PRELIMINARES.

WEBER, M. M.[1]; ARRUDA, J. L. S.[2]; CAMILLOTTI, V. L.[2]; LIMA, D. O.[2]; AZAMBUJA, B. O.[2]; CÁCERES, N. C.[2]

[1] BIOLOGIA, UFSM; [2] UFSM

Regiões com altitudes elevadas podem influenciar a distribuição das espécies animais e seus padrões ecológicos, já que ao longo de um gradiente altitudinal muitos fatores do complexo ambiental, como a temperatura, precipitação pluviométrica, umidade, fitofisionomia e velocidade dos ventos podem sofrer variações. O objetivo deste estudo é verificar se a composição da comunidade é influenciada pela altitude e registrar as espécies de morcegos existentes na região. O estudo está sendo realizado no "Morro do Elefante", localizado na encosta do Planalto Rio-grandense, na cidade de Santa Maria (Rio Grande do Sul), no limite da depressão central gaúcha. Este morro possui uma altitude de 462m e sua vegetação pertence à Floresta Estacional Decidual. Foram escolhidos dois pontos no referido morro, um na base (com altitude de 262m) e outro no topo deste (altitude de 462m), sendo a diferença altitudinal de 200m. Foram realizadas até o momento capturas mensais com duração de quatro noites consecutivas, duas noites por ponto durante seis meses. Este estudo está sendo realizado com a utilização de seis redes-de-neblina, com dimensões médias de 7,0x2,0m, armadas em cada um dos dois pontos do morro. As redes permaneceram abertas por três horas a partir do pôr-do-sol e foram revisadas a cada 15 minutos. Em cada ponto, por uma noite, também foram realizadas capturas no crepúsculo matutino por uma hora e meia. O esforço amostral até o momento foi de 94,5h com 73,5m² de rede exposta por hora, totalizando 6945,8m².h. Foram registradas seis espécies de morcegos distribuídas em duas famílias: Phyllostomidae (Artibeus lituratus, Artibeus fimbriatus, Sturnira lilium e Glossophaga soricina) e Vespertilionidae (Myotis nigricans, Eptesicus diminutus e Histiotus sp.). As espécies mais abundantes foram Artibeus lituratus (34,6%), Sturnira lilium (32,7%) e Artibeus fimbriatus (20,0%). A composição da comunidade de morcegos não variou significativamente com a altitude ($\chi2=9,28$; $p=0,096$), embora algumas espécies tenham sido encontradas em somente um dos pontos. Já a abundância de Sturnira lilium variou significativamente conforme a altitude (Teste G (Yates)=6,27; $p=0,012$), sendo mais abundante na base do morro. Portanto, a altitude não limitou até o momento a composição da quiropterofauna, mas pode influenciar na abundância local de determinadas espécies.

[133] DISPERSÃO DE PLANTA MEDICINAL POR CAROLLIA PERSPICILLATA (CHIROPTERA, PHYLLOSTOMIDAE) NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO.

SILVA, S.[1]; CRUZ, A. P.[2]; TATO, G. K.[3]; MOREIRA, Z. M.[4]; LINS, V. M.[5]; BORGES, G. A.[3]; CARNEIRO, A. M.[4]; PERACCHI, A. L.[7]

[1] DIVISÃO DE PESQUISA E TECNOLOGIA FLORESTAL, FUNDAÇÃO INSTITUTO ESTADUAL DE FLORESTAS; [2] PROJETO MORCEGOS DA FLORESTA;BOLSISTA FAPERJ (E-26/150.823/2002); [3] PROJETO MORCEGOS DA FLORESTA;UFRRJ – INSTITUTO DE BIOLOGIA; [4] 1-FUNDAÇÃO INSTITUTO ESTADUAL DE FLORESTAS - DIPT; [5] PROJETO MORCEGOS DA FLORESTA; [6] PROJETO MORCEGOS DA FLORESTA; UNIVERSIDADE GAMA FILHO; [7] UFRRJ – INSTITUTO DE BIOLOGIA

A dispersão de sementes por morcegos é um mecanismo eficiente que produz resultados positivos tanto para os animais quanto para os vegetais. Para os morcegos o benefício está na obtenção do alimento (fruto) e para o vegetal a "garantia" da sua perpetuação, pois os morcegos ao percorrerem longas distâncias aumentam a chance das sementes eliminadas em suas fezes encontrarem um local propício para se estabelecerem. Este estudo iniciou-se em 1994, perfazendo um esforço amostral de 976 horas em duas áreas de Mata Atlântica no Município do Rio de Janeiro: Parque Estadual da Pedra Branca e Horto Central Florestal da Pedra Branca, ambos administrados pela Fundação Instituto Estadual de Florestas/RJ. O Horto Central Florestal da Pedra Branca localiza-se no Setor 01 da Colônia Juliano Moreira. Os animais capturados com "mist-nets" foram identificados e colocados em sacos de algodão para recolhimento das fezes. Todos os indivíduos foram soltos após a obtenção dos dados morfométricos. As sementes pertencentes a família Piperaceae foram separadas sob lupa, lavadas, contabilizadas e colocadas para germinar em recipientes plásticos com gel incolor para plantas. As plântulas foram transferidas para tubetes com vermiculita, posteriormente para sacos plásticos e identificadas por técnicos do Serviço de Ecologia Aplicada da FEEMA/RJ. Das nove espécies morcegos frugívoros que habitam as áreas de estudo apenas Carollia perspicillata utilizou frutos de Piperaceae em sua dieta. Este morcego forneceu 4.094 sementes de Piper mollicomum Kunth com 1.282 plântulas e 295 sementes de Piper rivinoides Kunth com 185 plântulas. De acordo com a literatura, a espécie Piper mollicomum é utilizada na medicina popular para o tratamento de doenças venéreas, estomacais e como anestésico para dores de dentes. Estudos sobre outras propriedades medicinais desta espécie vegetal serão brevemente iniciados em conjunto com a Fundação Oswaldo Cruz - FIOCRUZ /Farmanguinhos.

[134] DISPERSÃO DE SEMENTES POR MORCEGOS NA MORRARIA DO URUCUM, PANTANAL, EM CORUMBÁ – MS.

NEVES, D.R.M.[1]; BORDIGNON, M. O.[2]

[1] CIÊNCIAS DO AMBIENTE, UFMS; [2] UFMS - CPAN

A morraria do Urucum, localizada no município de Corumbá – MS, é uma área onde existe uma intensa exploração da mata virgem devido a atividades mineradoras. Sendo a dispersão de sementes um importante auxílio para a regeneração de matas, o presente estudo objetivou analisar o potencial dos morcegos em dispersar sementes. Durante o período de abril a setembro de 2004 foram feitas capturas de morcegos nas matas da morraria do Urucum. Foram usadas redes-neblina que eram armadas ao anoitecer e fechadas às 22:00 horas, com um esforço de captura de 3 redes/noite. A triagem e manipulação dos animais foram realizadas na manhã seguinte, após a captura. As fezes que continham sementes foram lavadas e colocadas para secar em placas de Petri com álcool. As sementes foram identificadas com o auxílio de uma coleção de referência montada com frutos coletados nos pontos amostrados e seu entorno. Foram capturados 74 morcegos, distribuídos em 6 espécies e 1 família. A família Phyllostomidae foi a única coletada, compreendendo 6 espécies: Platyrrhinus lineatus com 26 indivíduos, Artibeus lituratus com 15 indivíduos, Carollia perspicillata com 15 indivíduos, Chiroderma doriae com 7 indivíduos, Glossophaga soricina com 6 indivíduos e Artibeus jamaicensis com 5 indivíduos. Dos 74 indivíduos capturados, 39 morcegos (57,2%) apresentaram fezes contendo sementes que foram utilizadas no estudo de dispersão. As sementes encontradas pertenciam a três famílias: Cecropiaceae, Moraceae e Piperaceae. As sementes da família Cecropiaceae foram encontradas nas fezes de 23 morcegos: 16 Platyrrhinus lineatus, 3 Artibeus jamaicensis, 2 Artibeus lituratus e 2 Carollia perspicillata. As sementes da família Moraceae foram encontradas em 11 morcegos: 7 Platyrrhinus lineatus, 3 Artibeus lituratus e 1 Artibeus jamaicensis. E as sementes da família Piperaceae em 5 morcegos: 5 Platyrrhinus lineatus. Estes resultados demonstram a importância dos morcegos na regeneração de matas, uma vez que são efetivo meio de transporte de sementes para longe das plantas parentais.

[135] DISTRIBUIÇÃO ALTITUDINAL DA RIQUEZA DE MORCEGOS NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

BERGALLO, H. G.[1]; GEISE, L.[1]; ESBÉRARD, C. E. L.[2]

[1] UERJ; [2] ECOLOGIA, UERJ

Um padrão macroecológico bem definido é o declínio da diversidade com a altitude. Cada espécie, entretanto, apresenta uma resposta diferente ao aumento da altitude, podendo suas abundâncias variar ao longo de um gradiente altitudinal. Pouco se sabe sobre quais espécies ocorrem em altas altitudes e como variam suas abundâncias ao longo de um gradiente altitudinal. O principal objetivo deste trabalho foi analisar a variação da riqueza de morcegos com a altitude no Estado do Rio de Janeiro. Elaboramos um banco de dados, usando registros, inventários, trabalhos publicados e dissertações de mestrado e doutorado. A localização exata das coletas foi obtida em campo usando GPS e um altímetro. Para localidades sem informações geográficas, obtivemos os respectivos dados através do Gazetteer. As espécies foram agrupadas também em guildas tróficas e inseridas nas classes de altitudes correspondentes a amplitude de distribuição altitudinal observada. As classes apresentam intervalos de 100 m, agrupando os registros maiores que 1200 m, devido ao reduzido número de registros. Para estabelecer o limite de distribuição austral na América do Sul, usamos os mapas disponíveis em publicações. Quarenta e uma espécies foram analisadas. Apenas duas espécies apresentaram limites mínimos de altitude igual ou maior que 450 metros, Myotis rubra e Mimon bennettii. As seis espécies com médias mais elevadas são insetívoras ou predominantemente insetívoras. A regressão múltipla entre a amplitude altitudinal e o limite austral e o limite altitudinal mostrou-se significativa ($r = 0,412$, $p < 0,000$), no entanto, apenas o limite altitudinal ($p < 0,000$) explicou a variação. A riqueza decresce com o aumento da altitude ($r = 0,839$, $p < 0,001$). A distribuição de guildas tróficas por bandas de altitude demonstra que a maior riqueza foi observada em 401-500 m de altitude. Poucos registros de morcegos em altitudes acima dos 1100 m estão disponíveis no Rio de Janeiro devido a: (i) poucos planaltos existem acima dos 1000 m e a maioria das terras altas apresentam elevada inclinação que pode dificultar o uso de redes de neblina; (ii) as coletas em altitude são menos produtivas (iii) o inverno rigoroso não permite amostragens durante todo o ano.

[136] DIVERSIDADE ALIMENTAR DE QUIRÓPTEROS FRUGÍVOROS COLETADOS NO HORTO CENTRAL FLORESTAL DA PEDRA BRANCA (MAMMALIA, CHIROPTERA) (RIO DE JANEIRO).

SILVA, S.S.P.[1]; CRUZ, A. P.[2]; BORGES, G. A.[3]; TATO, G. K.[4]; CARNEIRO, A. M.[5]; LINS, V. M.[3]; MOREIRA, Z. M.[6]; PERACCHI, A. L.[7]

[1] DIVISÃO DE PESQUISA E TECNOLOGIA FLORESTAL, FUNDAÇÃO INSTITUTO ESTADUAL DE FLORESTAS; [2] PROJETO MORCEGOS DA FLORESTA;BOLSISTA FAPERJ (E-26/150.823/2002); [3] PROJETO MORCEGOS DA FLORESTA; [4] PROJETO MORCEGOS DA FLORESTA;UFRRJ – INSTITUTO DE BIOLOGIA; [5] PROJETO MORCEGOS DA FLORESTA;UNIVERSIDADE GAMA FILHO; [6] FUNDAÇÃO INSTITUTO ESTADUAL DE FLORESTAS – DIVISÃO DE PESQUISA E TE; [7] UFRRJ – INSTITUTO DE BIOLOGIA

Estudos sobre hábitos alimentares de morcegos neotropicais podem fornecer informações importantes, pois estes mamíferos são os principais responsáveis pelos processos de disseminação de sementes auxiliando na recuperação de áreas degradadas e manutenção de florestas. As sessões de coletas iniciaram-se em 2003 no Horto Central Florestal da Pedra Branca administrado pela Fundação Instituto Estadual de Florestas/RJ e localizado no Setor 01 da Colônia Juliano Moreira. No entorno desta Unidade de Produção de Mudas Florestais encontra-se o Parque Estadual da Pedra Branca com vegetação de Mata Atlântica Secundária. Os animais capturados com "mist-nets" foram identificados, colocados em sacos de pano para recolhimento das fezes e soltos após a obtenção dos dados morfométricos com esforço amostral de 636 horas. As sementes foram separadas sob lupa, lavadas, contabilizadas e colocadas para germinar em recipientes plásticos com gel incolor para plantas. As plântulas obtidas foram transferidas para tubetes com vermiculita e posteriormente para sacos plásticos. A identificação das plântulas está sendo realizada por técnicos do Serviço de Ecologia Aplicada da FEEMA/RJ. Artibeus lituratus forneceu 3.056 sementes de Cecropia glaziovi e 36 de Ficus pulchella; Carollia perspicillata forneceu 2.262 de Piper mollicomum e 295 de Piper rivinoides, 12 de Solanaceae em fase de identificação; Sturnira lilium forneceu 54 sementes de Solanaceae, 106 de Cecropiaceae e 90 em fase de identificação; Artibeus fimbriatus e Artibeus obscurus forneceram 84 e 118 sementes de Cecropiaceae respectivamente e Platyrrhinus recifinus 20 sementes em fase de identificação. Através do quantitativo de sementes recolhidas nas fezes observou-se que na área de estudo as espécies do gênero Artibeus e a espécie Carollia perspicillata mantiveram sua preferência alimentar, porém Sturnira lilium não manteve sua preferência pois consumiu mais frutos de Cecropiaceae do que de Solanaceae. Cabe ressaltar que Ficus pulchella encontra-se na lista de espécies ameaçadas de extinção do Município do Rio de Janeiro. Todas as mudas estão sendo utilizadas para recompor áreas no interior do Parque Estadual da Pedra Branca.

[137] DIVERSIDADE DE MORCEGOS (MAMMALIA: CHIROPTERA) EM ÁREA DE CAATINGA E BREJO DE ALTITUDE NO NORDESTE DO BRASIL.

SILVA, L. A. M.[1]; MARINHO-FILHO, J.[2]

[1] BIOLOGIA, FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA MATA SUL; [2] UNB

Os morcegos apresentam elevada diversidade em diferentes ecossistemas terrestres, apesar dessa elevada diversidade poucos foram os estudos realizados na Caatinga e Brejo de Altitude. Foram realizadas capturas em duas áreas separadas por 9 Km, uma delas uma RPPN-Fazenda Bitury (brejo de altitude), a outra uma fazenda particular de caatinga arbórea, no município de Brejo da Madre de Deus agreste de Pernambuco. Os morcegos foram capturados durante seis dias consecutivos para cada uma das áreas entre fevereiro e junho, utilizando-se de 10 redes de neblinas (12 x 2,5m) entre as 17 e 24h em três sítios de capturas. Foram capturados 840 morcegos (500 no brejo de altitude e 340 na caatinga) pertencentes a 22 espécies (17 na caatinga e 16 no brejo de altitude) e cinco famílias (Emballonuridae – 1; Phyllostomidae – 14; Vespertilionidae – 5; Molossidae – 1; Noctilionidae – 1). Onze espécies são comuns as duas áreas e onze exclusivas, para a caatinga as seis espécies exclusivas foram (Peropteryx macrotis, Lonchorhina aurita, Micronycteris megalotis, Myotis nigricans, Rhogeessa lumida e Nyctinomops laticaudatus) e para o brejo de altitude as cinco espécies exclusivas foram (Chrotopterus auritus, Phyllostomus discolor, Lasiurus egregius, Lasiurus sp e Noctilio leporinus). A. planirostris para a caatinga foi a mais abundante sendo capturados 28,52 % (n = 97) do total registrado, seguida por P. lineatus (n = 57) 16,76 %, G. soricina (n = 52) 15,29% e M. nigricans (n = 42) 12,35%. Para a área de Brejo de Altitude a espécie mais abundante foi A. planirostris (n = 213) 42,6% seguida por C. perspicillata (n = 81) 16,2%, S. lilium (n = 43) 8,6%, P lineatus (n = 40) 8% e G. soricina (n = 38) 7,5%. A Caatinga apresentou uma maior diversidade de espécies do que a área de Brejo de Altitude (Caatinga 3,772 e Brejo 3,159) segundo o índice de diversidade de Fisher. A similaridade entre as áreas, calculada pelo índice Bray Cutiz, foi considerada elevada apresentando um valor de 59, 58% (5,96), compartilhando com mais de 50% das espécies. Assim como o Coeficiente de Sorensen S = 0,43.

[138] DIVERSIDADE DE MORCEGOS EM REMANESCENTES DE FLORESTA ATLÂNTICA DO MUNICÍPIO DE RIBEIRÃO GRANDE, ESTADO DE SÃO PAULO

BIANCONI, G. V.[1]; QUADROS, J.[2]; ROCHA-MENDES, F.[3]; GRACIOLLI, G.[4]

[1] PÓS GRADUAÇÃO UNESP RIO CLARO / SP; [2] UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ - UTP; [3] MÜLLERIANA: SOCIEDADE FRITZ MÜLLER DE CIÊNCIAS NATURAIS; [4] BIOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO DO SUL

O objetivo deste trabalho foi avaliar a diversidade de morcegos em remanescentes de Floresta Atlântica da Companhia Brasileira de Equipamentos, no município de Ribeirão Grande, São Paulo. A área de estudo é caracterizada por florestas secundárias e primárias com diferentes graus de alteração, inseridos numa paisagem bastante antropizada (cavas de minas, estradas, pastos, aterro e plantações de Pinus). Em dez fases de campo realizadas no período de abril/ 2002 a junho/2005, foram capturados com redes-de-neblina (esforço amostral de 60.480 m2.h) instaladas no sub-bosque de dois remanescentes florestais (Morro da Mina 200 ha e Mata dos Córregos 150 ha), um total de 280 morcegos de 17 espécies das famílias Phyllostomidae (n= 11) e Vespertilionidae (n= 6). Essa riqueza representa 74% daquela esperada para região (estimador ICE= 23 espécies), considerando as limitações do método empregado. O valor sugerido é pouco expressivo se comparado aos trabalhos similares para áreas próximas, porém contínuas (p.ex.: Parque Estadual Intervales, 41,7 mil ha – 32 espécies). Sturnira lilium foi numericamente dominante (114 indivíduos; 40,7% do total), seguida por Carollia perspicillata (42; 15,0%) e Artibeus lituratus (27; 9,6%). Esses frugívoros aparecem como as espécies mais capturadas em vários estudos na Floresta Atlântica (l.s.) das regiões sudeste e sul do Brasil, até mesmo aquelas bastante alteradas, demonstrando certa adaptação aos processos de fragmentação e/ou modificação do hábitat. É relevante a taxa de captura de Myotis ruber (24; 8,6%), haja vista seu apelo conservacionista e as poucas informações bionômicas e corológicas disponíveis. O valor de diversidade (Shannon) deste estudo (H'= 1,96) pode ser considerado baixo. Sabendo que o índice pondera sobre a riqueza e a abundância relativa, podemos sugerir que o resultado foi gerado pelo número relativamente pequeno de táxons inventariados e pela elevada discrepância na representatividade de cada espécie, ou seja, baixa eqüitabilidade (e= 0,69). Em hipótese, o intenso processo de alteração da paisagem original está causando reduções na abundância e na riqueza de morcegos em níveis locais. Esta realidade pode, e deve ser considerada para outros pequenos fragmentos de Floresta Atlântica brasileira, servindo assim de pano de fundo na tomada de decisões que primam pela conservação da diversidade biológica.

[139] ECOLOGIA DOS MORCEGOS DO ESTADO DO PARANÁ, BRASIL: PADRÕES DE DIVERSIDADE.

VEDUATTO, P. M. M.[1]; PEDRO, W. A.[2]

[1] BIOLOGIA ANIMAL E VEGETAL, UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA; [2] UNESP/ARAÇATUBA

No Paraná, os biomas florestais foram intensamente reduzidos em função das atividades agrícolas, restando, hoje, apenas fragmentos muito pequenos. Contudo, tais fragmentos abrigam, ainda, uma diversificada fauna de mamíferos. No estado já foram identificadas 53 espécies de morcegos, o que representa 38% das espécies de Chiroptera do Brasil e 55% das espécies do Bioma da Mata Atlântica. Estas espécies se distribuem em 32 gêneros e cinco famílias. Morcegos são considerados potenciais indicadores de níveis de perturbação de habitats e fornecem bom material de estudos sobre diversidade, devido a grande variedade e abundância de espécies. Destaca-se a importância da conservação dos morcegos devido ao papel que desempenham nos ecossistemas, como a dispersão de sementes e polinização, o controle da população de insetos, e em estudos farmacológicos e epidemiológicos. Este projeto, com base nos dados de levantamentos realizados por diversos autores em conjuntos taxonômicos de morcegos do Estado do Paraná, visa analisar comparativamente esses dados, com a finalidade de determinar os padrões de diversidade (riqueza e abundância relativa das espécies) bem como as influências exercidas nesses conjuntos por fatores como o tamanho da área e a altitude, testando se há correlação com os parâmetros acima. A partir dessas comparações e análises, será possível uma melhor compreensão dos processos e fatores que influenciam a diversidade de espécies de morcegos, e da estrutura dos conjuntos taxonômicos de morcegos no Estado do Paraná, o que poderá subsidiar medidas de manejo e conservação no Estado. O Parque Estadual Mata dos Godoy, Londrina, representa a localidade com maior riqueza (28 espécies), enquanto que Serro e Gemido, São José dos Pinhais, o local com menor riqueza, 8 espécies. A espécie mais abundante em 12 dos 14 locais de coleta foi Artibeus lituratus. Não houve correlações entre a altitude e a riqueza de espécies e o tamanho da área e a riqueza de espécies no conjunto de dados analisados.

[140] ESTRATIFICAÇÃO VERTICAL DE COMUNIDADES DE MORCEGOS EM UMA REGIÃO DE MATA ATLÂNTICA, ILHA GRANDE, RJ

JORDÃO-NOGUEIRA, T.; CARVALHO, T. M.; RAÍCES, D. S. L.; LUZ, J. L.; ALBUQUERQUE, H. G.; PESSOA, F. S.; ESBÉRARD, C. E. L.; BERGALLO, H. G.

ECOLOGIA, UERJ

Em uma floresta tropical, mais da metade de suas espécies se localiza no dossel, e é estimado que 60-70% da biomassa de mamíferos pode estar abrigada na canópia. Alguns trabalhos já demonstraram que existe uma estratificação vertical tanto a nível qualitativo e quantitativo em uma floresta. Porém, o dossel ainda é pouco amostrado. Por isso amostragens limitadas ao nível do solo podem estar subestimando a comunidade total. Este estudo tem como objetivo comparar a comunidade de morcegos em dois diferentes estratos, em uma área de Mata Atlântica. O estudo está sendo realizado, na Ilha Grande, Estado do Rio de Janeiro, na encosta de Vila Dois Rios localizado a aproximadamente 240 metros de altitude. Nessa área estão sendo utilizados 10 sistemas de suporte para rede de dossel, situados entre 12 e 18 metros de altura. A cada mês, estão sendo colocadas seis redes de 12 m, três no sub-bosque, e três redes no dossel. A coleta dura do pôr ao nascer do sol. A cada mês a posição das redes é trocada aleatoriamente. Os morcegos capturados são identificados e têm a altura da rede em que foram capturados anotada. Até o momento foram efetuadas 5 campanhas, totalizando 13 noites de coleta e 156 h. O esforço total de captura contabilizou 12168 h-redes, 50% em cada estrato. Foram capturados no total 142 indivíduos, pertencentes a 18 espécies, 14 gêneros e duas famílias. No estrato superior foram capturados 118 indivíduos (83,1% do total), resultando em 0,019 morcegos/h-rede. No sub-bosque foram capturados 24 indivíduos (16,9%), correspondendo a 0,004 morcegos/ h-rede. Seis foram comuns aos dois estratos, dez foram exclusivamente amostradas no dossel e duas no sub-bosque. Esse é o primeiro trabalho em dossel na Mata Atlântica e sua continuidade fornecerá resultados que serão úteis para comparações com trabalhos similares na Amazônia.

[141] EXISTE PADRAO BIOGEOGRAFICO NA ABUNDÂNCIA DE MORCEGOS NA MATA ATLANTICA?

ESBÉRARD, C. E. L.[1]; BERGALLO, H. G.[2]

[1] ECOLOGIA, UERJ; [2] UERJ

Inventário com redes de neblina tem evidenciado que poucas espécies de frugívoros predominam na Mata Atlântica, tais como Artibeus lituratus, Carollia perspicillata ou Sturnira lilium. No entanto, nenhuma análise tentou evidenciar um padrão macroecológico nesta dominância. Para analisar possíveis padrões macroecológicos foram mapeados os inventários realizados na Mata Atlântica. Usamos trabalhos publicados, teses de Mestrado e Doutorado defendidos entre 1990 e 2003 e dados não publicados (Laboratório de Ecologia de Pequenos Mamíferos). Foram usados apenas os inventários realizados de forma similar, isto é, com redes armadas no sub-bosque, trilhas já abertas ou na borda de matas secundárias, longe de abrigos conhecidos e cavernas. Para cada inventário foram consideradas as espécies dominantes, o total de espécies de Phyllostomidae e a posição geográfica indicada pelos autores. Quatro espécies de frugívoros foram encontradas: A. lituratus, A. fimbriatus, C. perspicillata e S. lilium. Carollia perspicillata foi a espécie dominante entre Recife e norte do Estado do Rio de Janeiro (10 inventários), sendo a única excessão o Parque do Rio Doce (ES), onde A. lituratus representou a maioria das capturas. Do sul do Estado do Rio de Janeiro a Santa Catarina a espécie dominante foi Artibeus lituratus em 12 inventários. Sturnira lilium predominou em 2 inventários - Valença (RJ) e Serra do Caraça (MG). Artibeus fimbriatus foi a espécie mais capturada em dois inventários - Reserva Biológica de Araras (RJ) e Ilha Grande (RJ). Aparentemente no centro do Estado do Rio de Janeiro ocorre a inversão das espécies dominantes. Para o norte do Estado observam-se maiores planícies costeiras, vegetação de restinga com maiores larguras e altitudes crescendo menos rapidamente, que podem resultar na maior abundancia local de C. perspicillata. Ao sul do Rio de Janeiro e abaixo deste limite as planícies costeiras são estreitas e a maior parte das florestas localizam-se a medias altitudes. Ao sul do estado do Rio de Janeiro encontra-se atualmente mais área urbanizada, com três metrópoles, Rio de Janeiro, São Paulo e Londrina, ambiente no qual A. lituratus está mais adaptado que C. perspicillata.

[142] FRUTOS E FLORES VISITADOS POR MORCEGOS NO PARQUE NACIONAL DA SERRA DA BODOQUENA, MATO GROSSO DO SUL

FERNANDES, G.[1]; ERIKSSON, A.[2]; GONÇALVES, F.[2]; PINA, P.[2]; MAISATTO, R.[2]; FISHER, E.[2]

DEPARTAMENTO DE [1]BIOLOGIA, [2]ECOLOGIA, UFMS - CAMPO GRANDE

Diversas espécies de morcegos Phyllostomidae desempenham importante papel como polinizadores ou dispersores de sementes. Os objetivos deste trabalho foram determinar quais as espécies de frutos e flores são visitadas por morcegos no Parque Nacional da Serra da Bodoquena, localizado na bacia do Rio Paraguai, sudoeste de Mato Grosso do Sul. O cerrado é a vegetação predominante, entretanto há também áreas de floresta estacional decidual e floresta estacional semidecidual. Para cada espécie de planta cujas características dos frutos ou das flores indicavam a possibilidade de exploração por morcegos, empregamos uma noite para a captura de morcegos durante três horas de coleta. As redes de neblina foram abertas em frente às plantas para o registro das espécies de morcegos visitantes. Foram amostradas oito espécies de plantas cujos frutos ou flores são explorados por morcegos, Cecropia pachystachia, Ficus sp.1, Ficus sp.2, Inga Vera, Piper sp.1, Piper sp.2, Bauhinia sp. e Helicteris ihotzkyana. O total de morcegos capturados foi 55, de nove espécies e três subfamílias, Glossophaginae (n = 17), Stenodermatinae (n = 36), Carollinae (n = 2). Ficus sp.1 foi a espécie visitada por mais espécies (n = 4) e maior número de indivíduos (n = 16) de morcegos, sendo Artibeus jamaicensis a espécie com maior freqüência de captura (62.5%, n = 10). Entre as plantas que fornecem néctar, a que apresentou maior riqueza (n= 4) e número de morcegos visitantes (n=11) foi Bauhinia sp., sendo Glossophaga soricina o morcego mais freqüente (63,6%, n= 7).

[143] HETEROGENEIDADE ESPACIAL, EFEITO LUNAR E ESTRUTURA DE COMUNIDADE DOS MORCEGOS DO PARQUE ESTADUAL DA FONTE GRANDE, VITÓRIA-ES.

ROVIDA, J. C.[1]; CAMPELO, R. P. M.[2]; TAHARA, A. S.[2]; DITCHFIELD, A. D.[3]; MARTINS, R. L.[2]

[1] BIOLOGIA, FAESA; [2] FAESA; [3] UFES

O presente trabalho procurou estudar a comunidade de morcegos de um fragmento urbano e verificar o padrão de dominância das espécies em diferentes áreas com diferentes graus de antropização. O trabalho foi realizado no Parque Estadual da Fonte Grande (PEFG), Vitória – ES. Durante um ano foram feitas 24 amostragens de campo, 2 por mês a cada 15 dias. Ao todo foram utilizados 827 metros de redes de neblina em 183 horas de amostragem. O esforço de coleta foi dividido em 3 áreas: base (antropizada), vertente (mata alterada) e topo (campo aberto). Os dados foram utilizados na análise da freqüência de cada espécie e o padrão de ocorrência na área. Para maiores detalhamentos foram calculados os índices de diversidade (Shannon-Weaver - H'), Equitabilidade (J'") e Margalef (D). A similaridade entre áreas foi analisada por meio de Análise de Agrupamento (Distância Euclidiana). Para as espécies cujas freqüências somadas são iguais a um valor igual a 90%, as freqüências nas diferentes fases da lua foram comparadas por meio de análise de variância (ANOVA). Ao todo foram capturados 555 indivíduos, distribuídos em 15 espécies. A freqüência de Artibeus lituratus, Carollia perspicillata e Glossophaga soricina, representam 90% das capturas. C. perspicillata pode ser utilizada como bioindicador, pois ocorreu somente em áreas de mata com baixa taxa de perturbação. Por meio de Análise de Agrupamento foi registrada maior similaridade entre as áreas 1 e 2, que correspondem a base e vertente. Observa-se predominância de A. lituratus em todas as áreas e picos de captura para C. perspicillata na área 2 e G. soricina na área 3. Por meio da ANOVA foi constatada fobia lunar para A. lituratus, que se manifesta na lua cheia (F=4,9734; p=0,06). Há uma diminuição da diversidade e equitabilidade das espécies em áreas abertas (topo) havendo um quadro de dominância de A. lituratus. Apoio: FACITEC.

[144] MAIORES MORCEGOS, MAIS TEMPO DE VÔO...

ESBÉRARD, C. E. L.[1]; BERGALLO, H. G.[2]

[1] UERJ; [2] ECOLOGIA, UERJ

Morcegos insetívoros têm suas atividades noturnas sincronizadas com as atividades de suas presas, o que maximiza o sucesso na captura desses artrópodes e o ganho de energia. Estas espécies são descritas tanto como especialistas como generalistas, no entanto, muitas são intermediárias entre estes extremos, sendo seletivas em alguns momentos e oportunistas em outros, dependendo de variáveis, tais como disponibilidade e abundância das presas. Nossa hipótese é que morcegos usando a mesma área e ao mesmo tempo estariam usando presas similares e teriam tempo de forrageio mais elevado quanto maior for a biomassa. Foram realizadas 29 noites de coletas com nove ou dez redes (7 x 2,5 m) armadas por toda a noite sobre um açude artificial no Parque da Gávea, Rio de Janeiro, RJ. A biomassa foi calculada para cada espécie, não considerando o peso de fêmeas com fetos palpáveis. Realizamos regressão linear simples entre a média do peso de cada espécie e a média do horário de captura, expresso em minutos após o pôr-do-sol. A relação entre a média do horário de capturas e a biomassa das espécies de morcegos insetívoros é significativa e positiva ($r = 0,83$, $p = 0,022$). Espécies de morcegos capturadas no mesmo local estão expostas a mesma fauna de insetos. O consumo de diferentes presas é resultado da capacidade de distinguir o tamanho das presas pelos ecos que estas produzem. Duas respostas podem ser adotadas para responder ao maior tempo de forrageio pelos maiores morcegos: (1) morcegos maiores não empregam presas proporcionalmente maiores. O tamanho das presas já descritas de morcegos insetívoros varia relativamente pouco, principalmente de 5 a 10 mm. Empregando presas menores que o ideal para sua biomassa os maiores morcegos necessitariam de maior tempo de forrageio; (2) presas maiores são mais raras e devido à baixa freqüência empregada pela ecolocalização são mais difíceis de localizar a maiores distâncias, dificultando as manobras para captura, resultando em menor sucesso na captura e, conseqüentemente, maior tempo para a ingestão da quantidade ideal. Sendo os maiores insetos mais raros e mais difíceis de serem capturados pelos grandes morcegos, o tempo de forrageio também aumentaria.

[145] MORCEGOS URBANOS DE CURITIBA - ESTRUTURA DE UMA COMUNIDADE SUBTROPICAL (MAMMALIA: CHIROPTERA)

PULCHÉRIO-LEITE, A.[1]; PASSOS, F. C.[2]; BATISTA, P. R.[3]; MOREIRA-FILHO, L. G.[3]; LIMA, J. A.[3]; MOLETTA, E. M. S.[3]

[1] ZOOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ; [2] UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ; [3] UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ

A estrutura de comunidades de morcegos vem sendo estudada no Brasil principalmente em áreas naturais florestadas, onde geralmente, Phyllostomidae é a família mais rica e abundante. Entretanto, estudos em áreas urbanas também são muito importantes, pois, o modo de vida da população humana cria muitas oportunidades de persistência para as populações de morcegos. O objetivo deste estudo foi investigar a comunidade Chiroptera que ocorre em um fragmento urbano de Floresta Atlântica com Araucária no município de Curitiba, Paraná, a fim de estimar a riqueza taxonômica que um remanescente desse tipo é capaz de sustentar. Os dados foram obtidos entre abril de 2003 e março de 2004. Os morcegos foram capturados com redes de neblina estendidas em rotas de vôo, junto a fontes de alimento e às saídas de abrigos diurnos. Um total de 421 indivíduos de 12 espécies foi obtido com um esforço de 48 noites de coleta e 1152 horas/rede. A maioria dos indivíduos pertencia a família Phyllostomidae (71%) e a maioria das espécies à Vespertilionidae (58%). A riqueza específica de vespertilionídeos foi bem maior do que em outras comunidades estudadas no Brasil, chegando a quase 60% do total de Vespertilionidae registrado no Estado do Paraná. Existiram diferenças sazonais quanto às abundâncias, no verão (trimestre mais chuvoso) foram capturados mais indivíduos insetívoros e menos frugívoros do que o esperado, enquanto no outono (trimestre mais seco) ocorreu o inverso ($p < 0,01$). A diversidade de insetívoros também aumentou em direção ao verão. As espécies mais comuns na comunidade foram Artibeus lituratus (Olfers, 1818) (n = 196), Sturnira lilium (E. Geoffroy, 1810) (n = 100) e Eptesicus furinalis (d'Orbigny, 1847) (n = 81), mas também se ressaltaram a ocorrência de Pygoderma bilabiatum (Wagner, 1843) e a elevada freqüência de Myotis ruber (E. Geoffroy, 1806), presente em 42% dos meses amostrados. Houve predominância de espécies pequenas insetívoras e ausência de frugívoras de tamanho intermediário. Apesar de manter uma diversidade total relativamente baixa ($H' = 1,44$), o tipo de fragmento urbano estudado favorece a persistência de espécies consideradas ameaçadas e sensíveis à degradação do habitat natural.

[146] SALVERTIA CONVALLARIODORA (VOCHYSIACEAE): UMA PLANTA ESFINGÓFILA VISITADA POR MORCEGOS?

CORDEIRO, L.[1]; FERNANDES, G.[2]

[1] UFMS; [2] DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA- ECOLOGIA, UFMS- CAMPO GRANDE

Plantas quiropterófilas e esfingófilas podem possuir características semelhantes relacionadas às suas síndromes de polinização, como: abertura dos botões florais à noite, pétalas de cores claras, odor forte, grande produção de pólen, exposição dos ramos do ramos florais, e forte odor durante a noite. Salvertia convallariodora pertence à família Vochysiaceae e está amplamente distribuída pelo Brasil. Essa espécie é polinizada principalmente por esfingídeos noturnos, além de outros polinizadores secundários diurnos, tais como, borboletas, abelhas e beija-flores. Apresenta características que estão entre flores que são visitadas por morcegos e mariposas, porém uma característica que a diferencia das flores primariamente quiropterófilas é a presença de odor fortemente adocicado. O objetivo deste trabalho foi verificar se morcegos visitam as flores de Salvertia convallariodora. A área estudada é constituída por um fragmento de cerrado urbano no campus da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande. Para determinar a ocorrência de espécies de morcegos em S. convallariodora, foram montadas redes de captura em frente a duas plantas, das 18:00 às 00:00, durante duas noites, sendo uma rede em cada árvore e duas plantas amostradas por noite. Os morcegos capturados passaram por uma rotina que incluiu: determinação da espécie, inspeção por grãos-de-pólen aderidos à pelagem e remoção destes com fita durex. Descrevemos o status dos morcegos como visitantes através da análise dos grãos-de-pólen coletados, e de com o comportamento de visitas descrito na literatura para cada espécie. Foram capturados 22 morcegos pertencentes a quatro espécies: Artibeus lituratus, Artibeus jamaicensis, Glossophaga soricina e Platyrrhinus lineatus, e 60% (n=12) das 20 lâminas observadas em microscópio óptico possuíam grãos-de pólen de S. convallariodora. Este resultado indica que os morcegos visitam as flores de Salvertia, principalmente pela presença de G. soricina que possui o hábito primariamente nectarívoro e apresentam diversas características morfo-eto-fisiológicas que asseguram eficiente forrageamento nestas flores. As outras três espécies coletadas possuem hábito alimentar basicamente frugívoro e podem estar buscando o néctar como complemento alimentar em sua dieta, o que seria de grande importância para esses animais como fonte direta de energia devido a grandes concentrações de açúcares.

[147] SAZONALIDADE NA DIETA DE ANOURA CAUDIFERA (CHIROPTERA, PHYLLOSTOMIDAE) EM FLORESTA ATLÂNTICA NO EXTREMO SUL DO BRASIL

BARROS, M. A.[1]; RUI, A.M.[1]; FABIÁN, M. E.[1]

[1] DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Os morcegos da subfamília Glossophaginae apresentam hábito alimentar polinívoro/nectarívoro, apresentando especializações morfológicas e comportamentais para a utilização de recursos florais. Estudos sobre a dieta destes morcegos têm demonstrado a ocorrência de variações sazonais na utilização de recursos, relacionadas à sazonalidade climática. O presente trabalho tem como objetivo testar a ocorrência de sazonalidade na dieta de Anoura caudifera (E. Geoffroy, 1818) e identificar as espécies vegetais utilizadas como recurso alimentar em seu limite sul de distribuição, o estado do Rio Grande do Sul, extremo sul do Brasil. Amostras de fezes foram obtidas do poleiro de uma colônia de A. caudifera que utiliza um sótão de uma construção de alvenaria como abrigo diurno, de outubro de 2003 a setembro de 2004. Foram coletadas 1166 amostras fecais, que continham três tipos de recursos alimentares: pólen (88,2% das amostras), insetos (50,8%) e sementes (16,8%). A dieta de A. caudifera apresentou variações sazonais quanto a utilização dos três recursos. O recurso alimentar mais freqüentemente consumido foi pólen/néctar, seguido por insetos e frutos em todas a quatro estações, com exceção do maior consumo de frutos do que de insetos no inverno. O consumo de recursos florais e de insetos sofre redução no inverno e o de frutos sofre um aumento no verão e no inverno. A. caudifera utilizou dezesseis espécies de plantas, sendo dez de pólen/néctar e seis de frutos. O número de espécies de flores consumidas variou de três a sete e, a de frutos, de zero a quatro por mês. Há uma diminuição do número de espécies de flores consumidas entre os meses de maio e julho, no inverno, e há um aumento de espécies de frutos consumidos nos meses de janeiro e fevereiro, no verão. Anoura caudifera é basicamente polinívora/ nectarívora, com algum grau de onivoria em seu limite sul de distribuição, sendo que a sazonalidade climática, principalmente quanto a temperatura, afeta sua dieta. O grande número de espécies vegetais utilizadas, provavelmente, representa uma resposta à flutuação na disponibilidade de flores e frutos ao longo do ano.

[148] UTILIZAÇÃO DE ABRIGOS DIURNOS E REPRODUÇÃO EM NOCTILIO ALBIVENTRIS E MOLOSSUS MOLOSSUS (CHIROPTERA: NOCTILIONIDAE, MOLOSSIDAE) NO PANTANAL, BRASIL.

PULCHÉRIO-LEITE, A.[1]; TADDEI, V. A.[2]; MARQUES, E. J.[3]; LOPES, F. S.[3]

[1] ZOOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ; [2] UNIVERSIDADE PARA O DESENVOLVIMENTO DO ESTADO E REGIÃO DO PANTANAL; [3] UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO DO SUL

O estudo da utilização de abrigos por morcegos pode revelar fatores ecológicos que determinam a ocorrência e abundância das espécies. Atividades como reprodução e criação dos filhotes também são fortemente influenciadas pelas características dos abrigos. O objetivo do presente estudo foi investigar a relação entre os padrões de utilização de abrigos diurnos, ciclos reprodutivos e sistemas de acasalamento em Noctilio albiventris Desmarest, 1818 (Noctilionidae) e Molossus molossus (Pallas, 1766) (Molossidae) no Pantanal Mato-grossense, Brasil. Os dados foram obtidos entre julho de 1997 e janeiro de 2000, os morcegos foram capturados com redes de neblina armadas às saídas dos seus abrigos diurnos. Cada indivíduo foi examinado e classificado de acordo com o estágio de desenvolvimento e condição reprodutiva. Um total de 612 indivíduos foi obtido, sendo 310 N. albiventris e 302 M. molossus. Vinte e um abrigos foram monitorados e anotadas as freqüências de presença e ausência das colônias neles instaladas. Considerando-se a freqüência sazonal de utilização dos abrigos, independentemente das espécies e de cada espécie separadamente, não houve diferença sazonal entre as proporções de presença e ausência ($p > 0,05$). Entretanto, alguns abrigos foram proporcionalmente mais utilizados e as colônias neles instaladas foram mais persistentes do que as de outros. Além disso, as colônias de N. albiventris estiveram presentes nos abrigos mais freqüentemente (50%) que as de M. molossus (38,9%), caracterizando padrões diferentes de utilização dos refúgios ($p = 0,035$). As duas espécies foram consideradas estacionalmente monoestras, poliígnicas e com partos sincronizados com a estação chuvosa (final da primavera/início do verão), mas, o ciclo reprodutivo total em N. albiventris foi mais longo do que em M. molossus. Houve seleção de abrigo por fêmeas lactantes das duas espécies, porém, as fêmeas grávidas de M. molossus foram mais seletivas do que as de Noctilio. Segregações de fêmeas foram registradas para as duas espécies somente no período de gravidez, com proporção de fêmeas nos haréns de M. molossus bem maior do que nos de N. albiventris. Os dados obtidos permitem inferir que a utilização mais intensa dos abrigos por N. albiventris está relacionada ao seu ciclo reprodutivo e sistema de acasalamento.

[149] VARIAÇÃO SAZONAL NA DIETA DE CAROLLIA PERSPICILLATA (CHIROPTERA: PHYLLOSTOMIDAE), EM PLANTIOS DE PINUS SPP NA ESTAÇÃO EXPERIMENTAL DE ANHEMBI, SP

TAVOLONI, P.[1]; GALATA, R. F.[2]; ALMEIDA, A. F.[3]

[1] RECURSOS FLORESTAIS, MESTRANDA EM RECURSOS FLORESTAIS - ESALQ / USP; [2] GRADUANDO EM ENGENHARIA FLORESTAL - ESALQ / USP; [3] PROF. DR. DPTO. CIÊNCIAS FLORESTAIS - ESALQ / USP

Carollia perspicillata é uma das espécies frugívoras mais importantes do Novo Mundo, pois junto com outros filostomídeos, é responsável pela dispersão de sementes de muitas espécies vegetais. Segundo a literatura, possui preferência por frutos das diversas espécies do gênero Piper, podendo alimentar-se por outras espécies de plantas e insetos. Este estudo investigou quais os itens alimentares que são consumidos pelos morcegos C. perspicillata em florestamentos de Pinus spp, na Estação Experimental de Ciências Florestais de Anhembi e se há variação temporal na dieta desta espécie. O trabalho foi realizado no período de julho de 2004 a junho de 2005, através de capturas mensais, com 8 redes-neblina que permaneciam abertas durante 6 horas, a partir do pôr do sol, totalizando 576 horas-rede. Todos os indivíduos capturados foram marcados com anilhas metálicas e permaneciam em sacos de algodão até o final da noite, para posterior coleta das fezes. Foram utilizadas, também, lona plástica abaixo das redes, para auxiliar na coleta das fezes eliminadas assim que os indivíduos eram capturados. Para acompanhamento da fenologia, foram marcados 26 indivíduos de 6 espécies de plantas da família Piperaceae, registrando a disponibilidade de frutos durante todo o ano, com maior abundância e diversidade nas estações de outono e verão. Foram realizadas 33 capturas e 14 recapturas, o que permitiu a coleta de 86 amostras fecais. Foram identificados 13 itens alimentares, dos quais 7 espécies de plantas da família Piperaceae. A freqüência de sementes de frutos de Piperaceaes nas fezes coletadas, foi igual ou maior que 50,0% em todas estações do ano. No outono a dieta de C. perspicillata foi composta quase que exclusivamente por frutos de Piperaceaes (91,0%), apresentando apenas 4,5% de insetos e Cecropia sp. A menor freqüência destes frutos, foi encontrada na primavera (50,0%), o restante foi composto por Cecropia sp, Insetos e Material Vegetal. Os resultados corroboraram os dados da literatura, de que o principal recurso alimentar de C. perspicillata, são frutos da família Piperaceae, totalizando neste estudo 69% de freqüência na dieta, complementada por Cecropia spp (15%), Insetos (10%), Ficus sp (2,5%), Material Vegetal não-identificado (2,5%) e Solanum sp (1%).

Genética

[150] DIVERSIDADE GENÉTICA DE QUIRÓPTEROS DAS RESERVAS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DE MAMIRAUÁ E AMANÃ (AMAZONAS)

BORGES, B.[1]; VALSECCHI, J.[2]; MUNIZ, I. C. M.[1]; AVELAR, A. A.[4]; MARQUES-AGUIAR, S.[4]; SILVA-JÚNIOR, J. S.[4]; HARADA, M. L.[1]

[1] UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ; [2] INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL MAMIRAUÁ; [3] ZOOLOGIA, MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI; [4] MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

Reservas de desenvolvimento sustentável (RDS) são categorias de Unidades de Conservação que permitem o manejo da fauna e flora em pesquisa científica. As RDS Mamirauá e Amanã, formam, juntamente com o Parque Nacional de Jaú, um corredor ecológico com mais de 5.788.000 ha no Estado do Amazonas, o qual representa a maior área protegida de mata tropical no mundo, com rica biodiversidade, importante para estudos de diversidade genética. O objetivo do presente estudo foi avaliar, por análise molecular, a diversidade genética de amostras coletadas de morcegos nas RDS de Mamirauá e Amanã, visto que estes são importantes especialmente na dispersão de sementes. Para isso foram obtidas seqüências parciais (cerca de 800 pares de base) do gene mitocondrial Citocromo B em 25 amostras. As seqüências foram comparadas com seqüências já existentes em bancos de dados (para identificação em nível de gênero e/ou espécie) e analisadas nos programas MEGA (para análise da filogenia molecular) e DNASP (para análise da diversidade genética). Das 25 amostras analisadas, 12 pertencem ao gênero Artibeus (6 A. obscurus, 1 A. cinereus e 5 A. planirostris/ jamaicensis), 4 ao gênero Sturnira (sendo 3 S. lilium), 2 ao gênero Myotis sp., 2 Carollia perspicillata, 1 Noctilio sp. e 1 Uroderma bilobatum. Três amostras tiveram identificação ambígua e foram excluídas das análises. As análises filogenéticas dividem as amostras em 3 grandes grupos: Phyllostomidae, Vespertilionidae e Noctilionidae, sendo que a relação filogenética entre as 3 famílias é similar às descritas na literatura. Dentre os Phyllostomidae ocorre uma separação de Artibeus dos demais Stenodermatinae, entretanto isto pode ser devido ao pequeno número de pares de base analisados. Foi observada, no total uma alta diversidade genética, com 20 haplótipos identificados (Hd = 0,991). Carollia e Myotis apresentaram os maiores índices de diversidade haplotípica (Hd = 1,000), seguidos de Artibeus (Hd = 0,985). Sturnira foi o gênero que apresentou o menor grau de diversidade genética (Hd = 0,833). Estes dados indicam que ambas as RDS possuem uma alta diversidade de quirópteros, reforçando sua importância na conservação da biodiversidade da Amazônia.

[151] FILOGENIA DE TRACHOPS CIRRHOSUS (SPIX, 1823) (NAMMALIA: CHIROPTERA) COM DADOS DE RFLP

COUTINHO, R.Z.[1]; PAVAN, A. C. D.[2]; DITCHFIELD, A. D.[2]

[1] GENÉTICA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO; [2] UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

Os morcegos do gênero Trachops distribuem-se do sul do México até Bolívia e sudeste do Brasil. Este gênero é considerado monotípico, incluindo somente a espécie Trachops cirrhosus. Esta é uma espécie que apresenta alta fidelidade ao ambiente de floresta. Sabemos que as glaciações no período Pleistocênico foram responsáveis pela retração da Floresta Amazônica e expansão do Cerrado, formando ilhas de floresta que serviram como refúgios e levando a divergência e a especiação. Estudos recentes, moleculares e morfométricos, sugerem a possibilidade de que Trachops seja um complexo de espécies crípticas. No presente trabalho, usamos a técnica de Polimorfismos do Comprimento de Fragmentos de Restrição para descobrir variações no gene que codifica a proteína citocromo b no DNA mitocondrial. Os dados obtidos foram usados para gerar a provável árvore das relações filogenética da espécie T. cirrhosus, tendo como táxons terminais as seqüências obtidas dos indivíduos das localidades amostradas. As três enzimas geraram um total de vinte e quatro caracteres, dentre os quais dezoito eram informativos e seis eram não informativos para a parcimônia. Os caracteres deram suporte para seis árvores mais parcimoniosas com trinta e dois passos cada. Todas as árvores mostram o mesmo arranjo dos grupos de haplótipos. A provável árvore filogenética ou filogeográfica para as populações de T. cirrhosus mostra o Grupo Nordeste do Brasil como grupo irmão do Sudeste e de outro lado o Grupo América Central (com México) irmão do Equador. Esse último pode ser representante dos haplótipos das populações da Amazônia visto sua proximidade geográfica, uma análise que deve ser feita nos próximos trabalhos. O espécime do Espírito está dentro do grupo Sudeste, porém com variabilidade gênica em relação aos indivíduos de São Paulo, sugerindo um evento de vicariância recente entre essas duas populações ou isolamento por distância. A maior proximidade entre os dois grupos do norte da América Latina e versus os dois grupos do leste da América do Sul leva-nos a acreditar que os dois estiveram separados por um longo período, sem fluxo gênico, de forma que houve tempo suficiente para divergência. O padrão encontrado sugere uma história de vicariância em T. cirrhosus.

[152] FILOGEOGRAFIA DE MYOTIS NIGRICANS (SCHINZ, 1821) NA MATA ATLÂNTICA

AIRES, C. C.[1]; GEURGAS, S. R.[2]; MARTINS, F. M.[3]; MORGANTE, J. S.[3]

[1] GENÉTICA E BIOLOGIA EVOLUTIVA, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO; [2] DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA, IBUSP; [3] LABORATÓRIO DE BIOLOGIA EVOLUTIVA E CONSERVAÇÃO, LABEC, IBUSP

Myotis nigricans é um morcego neotropical insetívoro com ampla distribuição, ocorrendo desde o sul do México até o extremo sul do Brasil. A espécie, considerada politípica, é composta por cinco subespécies, das quais apenas M. nigricans nigricans é encontrada em território brasileiro, ocorrendo na Floresta Amazônica, Cerrado, Caatinga e Mata Atlântica. Os espécimes da Mata Atlântica possuem diferenças morfológicas e morfométricas sutis, porém estas diferenças não foram claramente relacionadas com a distribuição geográfica das populações. Estudos filogeográficos com grupos diversos de vertebrados, aves, répteis, roedores, marsupiais e algumas espécies de morcegos, indicam uma divisão zoogeográfica no sentido Norte-Sul para a Mata Atlântica. Neste trabalho pretende-se comparar o padrão filogeográfico de M. nigricans com os padrões já descritos para outras espécies de morcegos e associar o padrão encontrado com as diferenças morfológicas no grupo. Foram analisados 380pb do gene mitocondrial citocromo b (cytb) de sete populações distribuídas ao longo da Mata Atlântica. As árvores filogenéticas recuperadas por Máxima Parcimônia e Máxima Verossimilhança, utilizando as espécies M.rubra, M. riparia e Eptesicus diminutus como grupos-externos, revelaram a existência de dois clados mitocondriais em M. nigricans nigricans: um aparentemente restrito à região Sudeste, nos Estados de Minas Gerais, São Paulo e Paraná, e o outro com ampla distribuição, ocorrendo do Estado da Paraíba ao Paraná. A divergência média entre os dois clados foi de 7,10% (TrN+G, gama=1,64), valor considerado alto para morcegos. Análises morfológicas e morfométricas preliminares dos espécimes seqüenciados foram realizadas e observou-se diferenças no comprimento do antebraço, tíbia, entre os 2º molares superiores e na morfologia do rinário e trago, sendo que a população restrita à porção Sudeste possui uma compleição mais robusta. A sugestão de relação entre a variação morfológica e molecular em Myotis nigricans poderá ser mais claramente observada com o incremento da amostragem.

[153] FILOGEOGRAFIA EM LONCHORHINA AURITA (TOMES,1863), CHIROPTERA: PHYLLOSTOMIDAE

LOPES, S. R.[1]; DITCHFIELD, A. D.[2]

[1] CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO; [2] UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

Filogeografia é o estudo da distribuição geográfica das linhagens de genes dentro de uma espécie, ou em espécies próximas. Padrões filogeográficos semelhantes, potencialmente resultantes de eventos históricos comuns, podem ser compartilhados por espécies diferentes ocupando uma mesma região. Morcegos, por serem alados, possuem capacidades de vencer barreiras tais como rios e montanhas, tendo assim um alto fluxo gênico. Por isso, nos morcegos ocorre freqüentemente um baixo nível de divergência de seqüência entre indivíduos de populações geograficamente distantes, seguindo um padrão semelhante ao de aves e bem diferente de pequenos mamíferos. Morcegos correspondem a uma ordem de Mamíferos que, no Brasil está representada por 138 espécies. Dentre eles podemos destacar a subfamília Phyllostominae onde encontra-se Lonchirhina aurita. Sua distribuição geográfica abrange o sul do México, passa pela América Central e América do Sul incluindo o sudeste brasileiro. Esse trabalho teve por objetivo descobrir qual o padrão filogeográfico de L. aurita. As amostras estudadas foram coletadas nos estados de Espírito Santo, São Paulo (ao sul do Rio Doce) e Pernambuco (ao norte do Rio Doce). A metodologia utilizada envolveu extração de DNA a partir de tecido hepático, amplificação por PCR das amostras de mtDNA (citocromo b) extraídas, digestão do DNA através da utilização de enzimas de restrição e análise dos fragmentos obtidos. Os resultados das digestões foram reunidos numa matriz de ausência e presença que geraram 95 caracteres. A análise cladística resultou numa árvore filogenética com quatro haplótipos distribuídos em dois clados, um da região Sudeste e outro da região Nordeste. Essa divisão pode ser resultante do isolamento por distância, que dificultaria o fluxo gênico, ou pode ser resultante de um evento vicariante. Cabe lembrar que o Rio Doce é uma barreira que separa a Mata Atlântica em dois blocos diferenciados. O padrão encontrado confirma a hipótese que morcegos da subfamília Phyllostominae, talvez por serem característicos de matas, tenham um padrão forte de diferenciação geográfica quando comparado a outros morcegos.

[154] POLIMORFISMOS DO GENE RAG2 EM POPULAÇÕES SIMPÁTRICAS DE ARTIBEUS LITURATUS E A. FIMBRIATUS (PHYLLOSTOMIDAE) EM UM TRANSECTO DE MATA ATLÂNTICA – SC.

FREYGANG, C.C.[1]; PEREIRA, A.[2]; ALTHOFF, S. L.[3]; MATTEVI, M. S.[3]

[1] GENÉTICA, UFRGS; [2] ULBRA; [3] FURB

A ordem Quiroptera pode ser considerada um componente importante das comunidades neotropicais, além de ser de particular interesse para a biologia evolutiva. O gênero Artibeus de morcegos neotropicais em particular, é reconhecido como válido desde 1821, porém suas relações filogenéticas permanecem controversas. Nossas duas espécies alvo, Artibeus lituratus e A. fimbriatus ocorrem em simpatria ao longo de parte representativa da Mata Atlântica, apresentam distribuição geográfica ampla e restrita respectivamente e, apesar de serem morfologicamente distintas, estudos citogenéticos não demonstraram diferenças significativas entre elas. Visando comparar espécies com padrões de distribuição distintos e investigar os níveis de variabilidade e possível estruturação das populações das espécies A. lituratus e A. fimbriatus, estamos seqüenciando o gene nuclear RAG2. Este gene, ativo nos linfócitos, desempenha importante função no sistema imune e vem sendo amplamente utilizado em análises filogenéticas de morcegos mostrando-se eficiente na resolução de problemas em níveis taxonômicos superiores, parecendo ser bem útil também, para desvendar tanto as relações entre níveis taxonômicos mais basais como relações filogeográficas. Estão sendo analisadas amostras provenientes de 10 localidades distintas do estado de Santa Catarina em um transecto Norte - Sul. A extração do DNA dos tecidos foi feita pelo método de extração com sal. A amplificação está sendo feita por PCR mediante a combinação dos "primers" RAG2-F1 e RAG2-R1 segundo condições descritas na literatura, com modificações. Para o seqüenciamento foram utilizados os mesmos "primers" da amplificação. Os dados foram analisados utilizando os programas CLUSTAL X, GENEDOC e MEGA e comparados com os já obtidos com o gene mitocondrial do citocromo b para as mesmas amostras. Das 23 amostras já sequenciadas, 09 haplótipos foram identificados. O fragmento de 548pb estudado apresentou 11 sítios variáveis. A composição nucleotídica média foi de 55,6% de A-T e 44,5% de C-G. As distâncias genéticas encontradas variaram entre 0 – 0,011% . As análises até agora realizadas apresentaram não indicaram nenhuma evidência de estruturação geográfica em ambas as espécies. Conclusões consistentes serão obtidas quando a analise de toda a amostra for completada. Órgãos financiadores: CNPq, G7/FINEP, CAPES, FAPERGS e OEA.

Levantamento

[155] COMPARAÇÃO DA FAUNA DE MORCEGOS ENTRE DOIS DIFERENTES HABITATS DA REGIÃO CENTRO-LESTE DO ESTADO DO PARANÁ.

BAVIA, L.[1]; REIS, N. R.[2]; LIMA, I. P.[3]

[1] DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA ANIMAL E VEGETAL, UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA; [2] UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA; [3] UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

Os morcegos constituem um grupo dos mais ricos em número de espécies dentro da classe Mammalia, sendo importantes na dinâmica florestal devido aos seus hábitos alimentares. Este estudo tem como objetivo listar e comparar as espécies de morcegos em duas unidades de conservação, caracterizadas por reflorestamento de Araucaria angustifolia (pinheiro) e por Floresta Ombrófila Mista. Ambas pertencentes à Fazenda Monte Alegre na região Centro- leste do Estado do Paraná. Foram realizadas coletas durante 4 noites mensais, na fase da lua nova, de março/2004 a março/2005. Para a captura dos morcegos utilizaram-se redes do tipo mist-net, abertas ao anoitecer, verificadas a cada quinze minutos e recolhidas após quatro horas. Foram capturados 258 morcegos, dentre ele 12 espécies no reflorestamento de Araucária, 16 espécies na Mata Nativa, num total de 17 espécies. Das espécies obtidas, 5 foram exclusivas de mata nativa e 1 do reflorestamento. Os dados obtidos condizem com a literatura, a qual afirma que na mata nativa há tendência em apresentar um maior número de espécies com menos representantes. Incluindo também que no reflorestamento, o número de espécies é menor mas apresenta um maior número de representantes. Este fato ocorre devido a maior possibilidade de nichos oferecidos pela mata nativa.

[156] DIAGNÓSTICO RÁPIDO DA QUIROPTEROFAUNA DA R. P. P. N. CAETEZAL – JOINVILLE – SC.

GRUENER, C. G.[1]; BRANDT, C. S.[2]; DALLACORTE, F.[2]; TESTONI, C.[2]; VEGINI, G. A. M.[2]; SAVIATO, M. J.[2]; ALTHOFF, S. L.[2]; LAPS, R. R.[2]

[1] COMISSÃO DE PROJETOS, ACAPRENA; [2] ACAPRENA

As Unidades de Conservação de Proteção Integral são núcleos importantes na conservação da biodiversidade e são o principal meio de impedir o desaparecimento da maior parte das espécies ameaçadas. A R.P.P.N. Caetezal representa um desses núcleos, situada no município de Joinville (SC), com 7.500 ha constituídos por Floresta Ombrófila Densa Montana, Floresta de Transição (Ombrófila Densa para Mista) e Campos de Altitude. Teve-se como objetivo diagnosticar de modo expresso a quiropterofauna desta unidade de conservação. O diagnóstico foi realizado no mês de fevereiro de 2005, os morcegos foram capturados com o auxílio de redes de neblina dispostas em trilhas e clareiras de diversos ambientes, as quais foram abertas ao anoitecer, permanecendo até seis horas após o pôr do sol, totalizando um esforço amostral de 3780 h.m2. Foram capturados 24 morcegos, pertencentes a sete espécies: Sturnira lilium, Sturnira tildae, Artibeus fimbriatus, Chiroderma doriae, Anoura caudifer, Desmodus rotundus e Carollia perspicillata. Este número representa 18,92% do total das espécies de morcegos listados para o Estado de Santa Catarina e possivelmente com uma continuidade de estudos na área, pode ser revelada uma riqueza mais significativa de espécies, havendo uma maior heterogeneidade na composição da quiropterofauna dessa unidade de conservação. Porém, diante do esforço amostral, a RPPN Caetezal demonstrou uma riqueza de morcegos considerável quando comparada com estudos em outras unidades de conservação do Estado, além da presença de espécies sobre ameaça de extinção e endêmicas de Floresta Atlântica. O fato de ter sido um diagnóstico rápido e ter-se alcançado estes resultados demonstra a qualidade ambiental que a RPPN Caetezal possui, podendo desta forma prover a preservação deste grupo tão importante na manutenção dos processos ecológicos das florestas. Palavras Chaves: Morcegos, RPPN Caetezal. Apoio financeiro: Fundação SOS Mata Atlântica.

[157] DIVERSIDADE DE MORCEGOS (MAMMALIA: CHIROPTERA) NAS SAVANAS DO MARAJÓ

MARQUES-AGUIAR, S.[1]; AGUIAR, G. F. S.[2]; SILVA-JÚNIOR, J. S.[3]; LIMA, E. M.[3]; SALDANHA, L. N.[3]; AVELAR, Á. A.[3]

[1] ZOOLOGIA, MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI; [2] MPEG; [3] IBAMA

A Ilha de Marajó, embora faça parte de uma área protegida (APA do Arquipélago do Marajó), vem sofrendo pressão antrópica de moderada magnitude, principalmente através da atividade agropastoril e extrativista, com possíveis repercussões no perfil de ocorrência de sua quiropterofauna, cuja riqueza e diversidade de espécies permanecem ainda relativamente pouco exploradas. Com o objetivo de inventariar a quiropterofauna em áreas de savanas e vizinhanças na Ilha, duas campanhas de coleta foram desenvolvidas em período chuvoso (início de 2004 e de 2005) e uma em período seco (meados de 2004), com duração de 7-10 dias cada, nos municípios de Ponta de Pedras, Chaves e Muaná. Efetuou-se captura de espécimes com o auxílio de redes de neblina mantidas abertas entre 18h e 24h. O monitoramento foi feito a cada meia hora nos sítios de amostragem. O levantamento preliminar apontou 20 espécies pertencentes às famílias Noctilionidae (1), Phyllostomidae (18) e Molossidae (1), das quais estão potencialmente vulneráveis Artibeus obscurus e Vampyressa bidens segundo a lista da IUCN de 2004. Das 72 espécies esperadas mas ainda não confirmadas, merecem destaque, por estarem também sob risco, três de ocorrência presumida ou incerta (Cyttarops alecto, Vampyrum spectrum e Choeroniscus intermedius) e seis de ocorrência provável (Glyphonycteris daviesi, G. sylvestris, Rhinophylla fischerae, Artibeus concolor, Molossops abrasus e M. mattogrossensis). Levantamento anterior efetuado principalmente em mata de terra firme, durante a estação chuvosa e em campanha de apenas cito dias, acusou a presença de pelo menos 23 espécies, achado sugestivo de que a paisagem de savana pode abrigar, no estuário amazônico, menor riqueza de quiropterofauna do que as áreas florestais. No entanto, a formulação de um quadro mais abrangente sobre a abundância de espécies, a estrutura de guildas tróficas e o status de conservação dos morcegos das savanas marajoaras dependerá de identificação complementar, novos levantamentos com maior esforço de captura e da cobertura de áreas adicionais, ensejando-se assim a proposição de medidas locais de monitoramento e conservação.

[158] DIVERSIDADE DE MORCEGOS DA RESERVA BIOLÓGICA DE DUAS BOCAS, CARIACICA, ESPÍRITO SANTO, BRASIL.

SCABELLO, M.[1]; FREITAS, R. A.[2]; DITCHFIELD, A. D.[2]

[1] CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, UFES; [2] UFES

A ordem Chiroptera contém cerca de 1100 espécies, que representam aproximadamente ¼ da fauna de mamíferos do mundo. Os morcegos apresentam grande variedade de hábitos, atuando como polinizadores, dispersores de sementes e no controle de insetos tendo grande importância ecológica. No estado do Espírito Santo são raras as coletas de longa duração para o grupo. Na literatura as coletas do Espírito Santo carecem de dados do esforço amostral. Isto impede a comparação da diversidade com outras áreas. A área da Reserva Biológica de Duas Bocas localiza-se no município de Cariacica, Espírito Santo, Brasil, e tem 2910 hectares de área. O relevo é classificado como de escarpas cristalinas dentro do conjunto das bacias do leste e o clima é do tipo litorâneo úmido. Na região tem-se o predomínio da vegetação de Mata Atlântica em avançado estágio de sucessão. Os trabalhos de campo tiveram início no mês de maio de 2005 e estão previstos para se finalizar no mês de junho de 2006. As coletas aconteceram duas vezes por mês, com intervalos de 15 dias num período de 6 horas. Estão sendo utilizadas redes de neblina, com uma média por coleta de 60 metros de rede distribuída ao longo de trilhas já existentes. Até o presente momento, coletamos 12 espécies de quirópteros distribuídos em 2 famílias: Phyllostomidae: Micronicteris sp. , Lonchorhina aurita, Mimon bennettii, Trachops cirrhosus, Chrotopterus auritus, Glossophaga soricina, Anura geoffroyi, Carollia perspicillata, Rhinophylla pumilio, Artibeus lituratus e Desmodus rotundus; Molossidae: Molossus sp. A continuidade do inventário se faz necessária para uma melhor caracterização das espécies presentes na Reserva Biológica de Duas Bocas.

[159] DIVERSIDADE DE MORCEGOS DO CAMPUS LUIZ DE QUEIROZ, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

HADDAD, R. L.[1]; VERDADE, L. M.[2]; CRUZ-NETO, A. P.[3]

[1] LABORATÓRIO DE ECOLOGIA ANIMAL, ESALQ/USP; [2] ESALQ/USP; [3] UNESP RIO CLARO

A Floresta Estacional Semidecidual, localizada no interior do Estado de São Paulo, encontra-se altamente fragmentada e seus remanescentes, encontram-se envoltos por uma matriz essencialmente agrícola. O Campus "Luiz de Queiroz", Universidade de São Paulo, possui uma área de 900ha inserida no perímetro urbano do município de Piracicaba. Sua paisagem caracteriza-se por um mosaico de pequenas áreas florestais envoltas por áreas de pastagens, agricultura e silvicultura. Portanto, constitui um ótimo modelo para se averiguar os efeitos da fragmentação e da matriz de entorno sobre a diversidade faunística. Este trabalho teve como objetivos principais: compor um registro da fauna de morcegos para o Campus e avaliar a sua diversidade em quatro áreas, sendo: um plantio de Pinus, um Pomar com diversas frutíferas, um Parque com cerca de 350 espécies de plantas nativas e exóticas e ainda uma área de silvicultura. As coletas ocorreram mensalmente entre Dezembro de 2003 e Novembro de 2004, com o uso de redes-de-neblina. Através de um esforço de 23772 h.m2, coletaram-se 448 indivíduos de 12 espécies de morcegos, distribuídas em três famílias: Phyllostomidae (Artibeus lituratus, Artibeus concolor, Platyrrhinus lineatus, Carollia perspicillata, Sturnira lilium, Glossophaga soricina, Desmodus rotundus), Vespertilionidae (Histiotus velatus, Lasiurus sp., Myotis sp. 1 e Myotis sp.2) e Molossidae (Molussus sp). A família Phyllostomidae representou 58% das espécies encontradas e 96.2% dos indivíduos capturados. Deste valor, os animais pertencentes à subfamília Stenodermatinae (Artibeus, Sturnira, e Platyrrhinus) representaram 93.5% das coletas. Os ambientes não apresentaram diferenças significativas em termos de diversidade e abundância de indivíduos. As espécies Artibeus lituratus, Platyrrhinus lineatus e Sturnira lilium foram comuns a todos os ambientes, enquanto que Desmodus rotundus foi exclusiva do Pomar. Artibeus lituratus, talvez pela biologia mais generalista, apresentou dominância em todos os ambientes, com 63% do total de capturas. A diversidade de morcegos encontrada no Campus "Luiz de Queiroz" é similar a observada em outros fragmentos de Mata Semidecídua, mas inferior aquela encontrada em áreas mais preservadas. Os resultados sugerem que apesar da fragmentação florestal aparentemente diminuir a diversidade regional de espécies, ambientes fragmentados são importantes na dinâmica da paisagem, fornecendo nichos alternativos e mantendo a diversidade local relativamente inalterada.

[160] INVENTÁRIOS RÁPIDOS DE MORCEGOS (MAMMALIA: CHIROPTERA) EM DOIS PONTOS DO PARQUE NACIONAL MONTANHAS DO TUMUCUMAQUE, AMAPÁ, BRASIL.

MARTINS, A. C. M. .[1]; BERNARD, E.[2]

[1] CPZG- CENTRO DE PESQUISAS ZOOLÓGICAS E GEOLÓGICAS, IEPA-INSTITUTO DE PESQUISAS CIENTÍFICAS E TECNOLÓGICAS DO AMAPÁ; [2] CONSERVAÇÃO INTERNACIONAL DO BRASIL

A Floresta Amazônica representa a última grande extensão de florestas tropicais do planeta e o Brasil detém a maior parte destas. Com terras tanto no Escudo das Guianas quanto na Planície Amazônica, o Amapá (14 milhões de ha) apresenta 96% de sua cobertura natural intacta. Este dispõe de 12 unidades de conservação, incluindo o Parque Nacional Montanhas do Tumucumaque (3,8 milhões de ha), maior unidade de conservação de florestas tropicais contínuas do planeta, que juntamente com quatro Terras Indígenas protegem mais da metade do Estado. Apesar do excelente estado de conservação, proporcionalmente pouco se sabe sobre a biodiversidade do Amapá. De forma a fornecer dados que preencham parte destas lacunas, um grupo de inventários biológicos foi estabelecido pelo Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Amapá dentro do Projeto do Corredor de Biodiversidade do Amapá (PCBio). Este grupo é responsável pela amostragem de mamíferos, aves, répteis, anfíbios, peixes, crustáceos e plantas superiores dentro e ao redor de unidades de conservação no Estado. Especial atenção tem sido dada aos morcegos, pois este está entre os grupos mais diversos de mamíferos neotropicais, com cerca de 150 espécies esperadas para a Amazônia Brasileira. Seis expedições já foram realizadas, e apresentamos aqui dados da quiropterofauna obtidos em duas expedições ao PARNA Tumucumaque. Os morcegos foram amostrados através do uso de redes de neblina, ao longo de trilhas, cobrindo a maior diversidade possível de habitats (florestas de terra-firme e platôs, áreas alagadas de baixio e áreas de regeneração). Calculou-se: Índice de Chao (espécies esperadas) e Curva do Coletor. Em 750 horas.rede de amostragem foram capturados 470 morcegos pertencentes a 40 espécies, 26 gêneros e cinco das cito famílias conhecidas para a região amazônica. Entre as espécies observadas, onze foram registradas pela primeira vez no Estado: Artibeus concolor, Artibeus gnomus, Chiroderma villosum, Micronycteris schmidtorum, Myotis riparius, Platyrrhinus lineatus, Phylloderma stenops, Tonatia brasiliensis, T. schulzi, Choeroniscus minor e C goodmani, sendo que esta última representa primeiro registro para o território brasileiro. Exemplares testemunhos dos registros foram depositados na Coleção de Fauna do Amapá, no IEPA, em Macapá. Três outras expedições estão ainda programadas para o PARNA.

[161] LEVANTAMENTO PRELIMINAR DAS ESPÉCIES DE MORCEGOS DA ESTAÇÃO BIOLÓGICA DE SANTA LÚCIA, SANTA TERESA -ESPÍRITO SANTO (BRASIL).

TAHARA, A. S.[1]; CAMPELO, R. P. M.[2]; DITCHFIELD, A. D.[3]

[1] CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, UFES; [2] FAESA; [3] UFES

Os morcegos são elementos chave na dinâmica dos ecossistemas tropicais, dispersando sementes que facilitam a regeneração de áreas abertas, polinizando flores e predando outros animais. Eles ainda são considerados bons indicadores da qualidade de habitat. Trabalhos recentes demonstraram uma carência de inventários de quirópteros para o estado do Espírito Santo, sendo que levantamentos de regiões de altitude são escassos em todo o país. Este trabalho tem como objetivo conhecer a fauna de quirópteros da Estação Biológica de Santa Lúcia, localizada na região serrana do Estado do Espírito Santo, no município de Santa Teresa. Com uma área de 440 hectares e a mais de 650 metros de altitude acima do mar, a estação é um exuberante remanescente de Mata Atlântica, sendo que possui 62 espécies de mamíferos não voadores e 248 espécies de aves. Visamos registrar a freqüência de ocorrência das espécies de quirópteros, procurando definir sua riqueza, diversidade e abundância e colher informações sobre a reprodução e os padrões sazonais das espécies capturas. As coletas estão sendo realizadas utilizando redes de neblina, durante 6 horas por noite de coleta e cerca de 60 metros de redes por noite. Até o presente momento foram realizadas quatro coletas, todas no período do inverno. A espectativa é que a diversidade de espécies aumentará com as coletas nas demais estações. Até o momento foram encontradas sete espécies de morcegos, sendo seis da família Phyllostomidae: Artibeus lituratus e Platyrrhinus lineatus (subfamília Stenodermatinae), Carollia perspicillata e Rhinophylla pumilio (subfamília Carollinae), Chrotopterus auritus e Trachops cirrhosus (sub-amília Phyllostominae); e um da família Vespertilionidae: Myotis nigricans.

[162] LEVANTAMENTO DOS MORCEGOS (CHIROPTERA, MAMMALIA) DO PARQUE MUNICIPAL CINTURÃO VERDE DE CIANORTE - PARANÁ - BRASIL

ORTÊNCIO-FILHO, H.[1]; REIS, N. R. D.[2]; ANDERSON, R.[3]; PINTO, D.[3]; TESTA, D. A.[3]; MARQUES, M. A.[3]; MARANHO, G. B.[3]; FERREIRA, S. R.[3]; JAMBER, É.[3]; NISHIMURA, S. M. M.[3]; FILHO, H. D.[4]

[1] UNIVERSIDADE PARANAENSE, CAMPUS CIANORTE - PARANÁ; [2] UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA; [3] UNIVERSIDADE PARANAENSE, CAMPUS CIANORTE; [4] CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, UNIVERSIDADE PARANAENSE

Poucos foram os estudos realizados, até hoje, na região noroeste do Paraná com relação a quiropterofauna e, nessa área, os que mais se destacaram foram desenvolvidos na Estação Ecológica do Caiuá e em remanescentes florestais no município de Fênix. Para ampliar esse campo de pesquisa o presente trabalho teve por objetivos realizar um levantamento das espécies de morcegos existentes no Parque Municipal Cinturão Verde de Cianorte – Paraná. As capturas foram realizadas mensalmente, durante quatro noites, entre agosto de 2004 e março de 2005, com o auxílio de redes de neblina armadas em lugares de maior preferência dos morcegos. As coletas tiveram duração de quatro horas cada uma, iniciando-se logo após o crepúsculo vespertino. As redes foram visitadas em intervalos de 15 minutos para evitar estragos nas mesmas pelos animais capturados. Foram, também, efetuadas capturas diurnas nos lugares de repouso dos animais com auxílio de puçás, ou armando-se redes nas saídas dos esconderijos. Após coleta de informações, os morcegos foram libertados, ficando retidos dois exemplares de cada espécie, os quais foram mortos com dose letal de tiopental sódico, fixados com formol 10%, conservados em álcool 70% e depositados no Laboratório de Zoologia da Universidade Paranaense, Campus Cianorte. Os dados foram analisados por meio de estatística descritiva e representados por porcentagem. Durante a pesquisa foram capturados 438 morcegos pertencentes a 12 espécies, 10 gêneros e 03 famílias. As espécies identificadas e suas proporções foram: Artibeus lituratus (51,41%), Sturnira lilium (14,84%), Carollia perspicillata (7,99%), Artibeus fimbriatus (6,84%), Platyrrhinus lineatus (0,68%), Chrotopterus auritus (0,45%), Vampyressa pussilla (0,45%), Pygoderma bilabiatum (0,22%), Myotis nigricans (1,36%), Lasiurus cinereus (0,91%), Molossus rufus (4,56%) e Molossus molossus (0,22%). Os filostomídeos do Parque Cinturão Verde representaram 40% das espécies encontradas para tal família na Floresta Estadual Semidecidual paranaense, enquanto os molossídeos e vespertilionídeos 25% e 20%, respectivamente. As espécies capturadas representaram 23% dos morcegos registrados para o Estado do Paraná, bem como 9% da quiropterofauna identificada no Brasil. Os estudos desenvolvidos superem a necessidade de pesquisas mais detalhadas acerca da diversidade do grupo para a área.

[163] LEVANTAMENTO DOS MORCEGOS DO PARQUE MUNICIPAL SÃO LUÍS DE TOLOSA, MUNICÍPIO DE RIO NEGRO, ESTADO DO PARANÁ, BRASIL

SCULTORI, C.[1]; MONTEIRO-FILHO, E. L. A.[2]

[1] ZOOLOGIA, INSTITUTO DE PESQUISAS CANANÉIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ; [2] INSTITUTO DE PESQUISAS CANANÉIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO PANANÁ

A fauna de quirópteros do Estado do Paraná é considerada insuficientemente conhecida em grande parte de seu território. O Parque Municipal São Luis de Tolosa é um pequeno fragmento de Floresta de Araucária (FA) (54 ha) inserido no perímetro urbano do município de Rio Negro (26°25'S-49°47'W; altitude média: 775m), sudeste do Estado do Paraná. O clima da região é subtropical úmido mesotérmico, com verões frescos e ocorrência freqüente de geadas severas. Nos meses mais quentes a temperatura média é inferior a 22 °C e nos meses mais frios, inferior a 18 °C. Apresenta tendência de concentração de chuvas entre dezembro e fevereiro, sem estação seca definida e com precipitação anual variando entre 1200 e 1600 mm. Entre fevereiro de 2004 e março de 2005 foram realizadas capturas mensais de morcegos utilizando redes-de-neblina, resultando em um esforço total de 191.331 m2. h Foram capturados 222 morcegos pertencentes a 10 espécies de duas famílias: Phyllostomidae com três espécies e Vespertilionidae com sete espécies. Tal riqueza representa 20,7% das espécies registradas para o Estado do Paraná e 30,5% das espécies de quirópteros com ocorrência confirmada para a FA paranaense (N=36), havendo predomínio de espécies insetívoras (Vespertilionidae). Este padrão tem sido observado em estudos similares no bioma, podendo estar relacionado às altas latitudes das áreas avaliadas e/ou aos seus comuns históricos de degradação. Artibeus lituratus (Olfers, 1818) foi a espécie mais capturada, representando 29,8% da amostragem total; seguido por Pygoderma bilabiatum (Wagner, 1843) (17,6%); Sturnira lilium (E. Geoffroy, 1810) (14,9%); Myotis nigricans (Schinz, 1821) (12,2%); Myotis ruber (E. Geoffroy, 1806) (8,6%); Histiotus velatus (I. Geoffroy, 1824) (8,1%); Myotis aff. levis (I. Geoffroy, 1824) (4,5%); Eptesicus furinalis (d'Orbigny, 1847) (4,0%); Eptesicus brasiliensis (Desmarest, 1819) (0,9%) e Myotis riparius Handley, 1960 (0,4%). A presença comum de frugívoros pode estar atribuída à relativa abundância de frutos quiropterocóricos na área. Apesar de pequeno e inserido no meio urbano, o Parque se mostra importante para manutenção da quiropterofauna regional, ressaltando assim a necessidade de novos e freqüentes estudos a subsidiar a conservação de espécies insuficiente conhecidas como Myotis ruber e Pygoderma bilabiatum, assim como a própria UC.

[164] LEVANTAMENTO PRELIMINAR DA QUIROPTEROFAUNA DAS RESERVAS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL AMANÃ E MAMIRAUÁ, AMAZONAS, BRASIL

MARQUES-AGUIAR, S.[1]; AGUIAR, G. F. S.[2]; SILVA-JÚNIOR, J. S.[2]; SALDANHA, L. N.[3]; AMARAL, J. V.[4]; MUNIZ, I. C. M.[3]; HARADA, M. L.[5]; AVELAR, Á. A.[3]

[1] ZOOLOGIA, MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI; [2] MPEG; [3] IBAMA; [4] IDSMAMIRAUÁ; [5] UFPA

O quadro teórico sobre a diversidade e biogeografia da ordem Chiroptera - como também do restante da mastofauna - no noroeste amazônico exibe ainda grandes lacunas, inclusive na região dos interflúvios Içá-Japurá e Japurá-Negro, correspondentes às Reservas de Desenvolvimento Sustentável Amanã e Mamirauá, situadas no estado do Amazonas. O presente estudo tem por objetivo caracterizar preliminarmente a variabilidade da quiropterofauna dessas duas unidades de conservação, mediante inventário sistemático. Procedeu-se a uma campanha de coleta em junho-julho de 2004 nas três principais formações florestais das reservas (várzea, terra firme e igapó) com um total de dez noites de captura por formação. Armaram-se dez redes de neblina de 5m por noite, no período de 18h às 24h, com monitoramento a cada meia hora por sítio de amostragem, perfazendo-se uma cobertura de 600 redes-hora. A análise preliminar confirmou a ocorrência de 14 espécies, nas famílias Emballonuridae, Noctilionidae e Phyllostomidae. Destas, somente Artibeus obscurus, confirmada na RDS Amanã mas não na RDS Mamirauá, encontra-se potencialmente vulnerável segundo a lista da IUCN de 2004. Das demais espécies esperadas, porém ainda a confirmar, três [Diclidurus ingens, Tonatia carrikeri e Scleronycteris ega) são admitidas como vulneráveis, enquanto outras nove (Diclidurus isabellus, Glyphonycteris daviesi, G. sylvestris, Choeroniscus intermedius, Rhinophylla fischerae, Vampyressa bidens, Artibeus concolor, Molossops abrasus e M. mattogrossensis) apresentam baixo risco. Novos inventários estão previstos para a estação chuvosa, podendo-se elevar a lista de registros em mais de 60 espécies. O panorama final de diversidade e status de conservação dos morcegos nas duas RDSs, baseado em estudos taxonômicos, morfológicos, ecológicos, moleculares e biogeográficos, deverá servir de base à composição de planos de manejo e ao norteamento de políticas públicas regionais voltadas à conservação ambiental.

[155] LEVANTAMENTO PRELIMINAR DAS ESPÉCIES DE QUIRÓPTEROS DO PARQUE ESTADUAL PAULO CÉSAR VINHA, GUARAPARI, ESPÍRITO SANTO

OPREA, M.[1]; MENDES, P.[2]; VIEIRA, T. B.[2]; PIMENTA, V. T.[2]; DITCHFIELD, A. D.[2]

[1] PÓS-GRADUAÇÃO EM BIOLOGIA ANIMAL, UFES; [2] UFES

O parque estadual Paulo César Vinha, situado no município de Guarapari, Espírito Santo, abriga a área mais rica de mata de restinga preservada do estado. Entretanto, sua diversidade biológica ainda é pouco conhecida, estando a maior parte dos estudos relacionados à vegetação e geologia. Poucos são os trabalhos sobre a composição faunística da região. É de grande importância a realização de pesquisas sobre a composição da fauna de restingas, tanto para o aumento do conhecimento deste ecossistema, como para a conservação das espécies que nele ocorrem. A restinga é um ecossistema que sofre com influência antrópica, já que as regiões mais povoadas do Brasil estão situadas próximas à região costeira. Este é um trabalho pioneiro com relação ao levantamento da fauna de quirópteros da mata de restinga no Espírito Santo. Para coleta dos indivíduos foram utilizadas redes de neblina dispostas em diferentes ambientes do parque: mata seca, formação aberta de cássia, área periodicamente inundada, margens da lagoa e nas adjacências da sede do parque, aparelho detector de ultra-som, observação direta e entrevistas. Os resultados preliminares obtidos mostram a presença de 14 espécies de 10 gêneros representando 3 famílias. Através das coletas com rede de neblina foram registradas as famílias Phyllostomidae e Vespertilionidae, a família Noctilionidae foi registrada através de visualização e entrevistas com os responsáveis pela administração da Rodovia do Sol, uma rodovia privatizada situada nas proximidades do parque. Além das famílias já citadas, a família Molossidae foi registrada através de aparelho detector de ultra-som, não sendo possível a identificação de espécie e gênero. As espécies coletadas foram: Artibeus cinereus, A. fimbriatus, A. lituratus, Chiroderma trinitatum e Platyrrhinus lineatus, Carollia perspicillata, Glossophaga soricina e Anoura geoffroyi, Phyllostomus discolor, P. hastatus, Pygoderma bilabiatum e Myotis nigricans. Espécimes testemunho das duas espécies da família Noctilionidae, Noctilio albiventris e N. leporinus, encontram-se em poder da Rodovia do Sol. Apesar de ser um ecossistema de restinga o parque estadual Paulo César Vinha apresenta uma diversidade alta em relação àquela previamente esperada, quando comparada com informações publicadas em literatura científica.

[166] LISTA PROVISÓRIA DOS QUIRÓPTEROS (CHIROPTERA) DO PARQUE NACIONAL DO ITATIAIA, RJ.

TEIXEIRA, F. R.[1]; SOUZA, S. R.[2]; MORATELLI, R.[3]; PERACCHI, A. L.[3]

[1] DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA ANIMAL, UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO; [2] LABORATÓRIO DE MASTOZOOLOGIA/ UFRRJ; [3] MUSEU NACIONAL/UFRJ

A Mata Atlântica que já ocupou significativa parcela do leste da América do Sul está reduzida a pequenos fragmentos florestais localizados em regiões escarpadas. No Estado do Rio de Janeiro, esse bioma encontra-se atualmente reduzido a aproximadamente 20% de sua cobertura original, sendo uma pequena parcela legalmente protegida. O Parque Nacional de Itatiaia (44º34 - 44º42 W e 22º16 - 22º 28 S), que possui aproximadamente 30 mil hectares de floresta atlântica, é um importante remanescente desse bioma no sudeste do Brasil. Para essa área, pouco se sabe sobre a composição taxonômica e história natural de diversos grupos de mamíferos. Entre eles, os morcegos, que contribuem de forma significativa para a manutenção e estabilidade dos ecossistemas neotropicais. Assim, ainda em caráter preliminar, pretendeu-se inventariar as espécies de morcegos que ocorrem no Parque, acrescentando informações quanto à ocorrência e distribuição dessas espécies no sudeste brasileiro. O presente estudo vem sendo conduzido desde 2004 e as parcelas amostradas estão localizadas entre 500 e 1500 metros de altitude. Até o momento foram realizadas seis coletas, onde foram utilizadas redes de neblina armadas no sub-bosque o que possibilitou a captura de 84 indivíduos pertencentes às famílias Phyllostomidae e Vespertilionidae. As espécies capturadas foram: Sturnira lilium, Anoura caudifera, Anoura geoffroyi, Carollia perspicillata, Tonatia bidens, Platyrrhinus recifinus, Micronycteris megalotis, Myotis ruber e Myotis nigricans. Sturnira lilium se mostrou a mais abundante e as demais se mantiveram raras. Destacam-se aqui, os registros de Platyrrhinus recifinus, espécie endêmica da Mata Atlântica, e Myotis ruber, ambas presentes nas atuais listas de mamíferos brasileiros sob ameaça de extinção. Para a confirmação da identificação das espécies, foram feitas análises citogenéticas onde não houve variação em relação às informações atualmente disponíveis. Financiamento: CNPq.

[167] MORCEGOS (MAMMALIA, CHIROPTERA) DA ZONA URBANA DE ITABIRA, MG

SILVA, R.[1]; PERINI, F. A. P.[2]; MORAES, K. C. M.[1]; SILVA, B. O. S.[2]; SOUZA, C. M. S.[2]

[1] FACULDADE, FUNCESI; [2] FUNCESI

Existe um interesse no estudo de morcegos urbanos em virtude dos impactos que a urbanização causa nas populações naturais. Este estudo teve como objetivo realizar um levantamento das espécies de morcegos na área urbana de Itabira, MG. (19º 37' S, 43º 13' W). As coletas foram realizadas em três áreas localizadas no interior do município: Mata do Intelecto que apresenta uma área de 22,53 ha, inserindo-se na área urbana do Município. A vegetação secundária é predominante na mata, sendo vegetação de transição entre a Mata Atlântica e a Mata Tropical; Bosque da FUNCESI localizado dentro da própria FUNCESI, na área urbana da cidade, apresenta alguns tipos diversos de vegetação arbórea; e o sítio da Geralda que apesar de fazer parte da área urbana de Itabira, localiza-se no bairro Barreiro, bairro este que se localiza afastado do centro da cidade, apresentando pouca vegetação arbórea, a pastagem é predominante nesta área. Foi realizada uma coleta em cada área por mês no período de setembro/ 04 a abril/ 2005, no horário de 18:00h às 1:00h. Foram utilizadas para a captura dos morcegos quatro redes de neblina, que eram visitadas em intervalos de 30 minutos. Além das redes de neblina, um indivíduo foi coletado manualmente, enquanto este se encontrava caído no chão. Foram capturados 115 indivíduos, pertencentes a 3 famílias: Phyllostomidae (95%), Vespertilionidae (4%) e Molossidae (1%), perfazendo um total de 13 espécies, sendo 3 comuns nas três áreas: Artibeus lituratus, Glossophaga soricina, Myotis nigricans, Cinco espécies foram coletadas exclusivamente na Mata do Intelecto: Artibeus planirostris, Sturnira lilium, Carollia perspicillata, Pygoderma bilabiatum e Lasiurus ega. Duas espécies foram encontradas exclusivamente na FUNCESI: Eptesicus brasiliensis e Anoura geoffroyi, e uma espécie foi capturada exclusivamente no Sítio da Geralda: Phyllostomus hastatus. Um exemplar de Molossus molossus foi capturado manualmente na casa de um dos integrantes do trabalho. A fauna de quirópteros de Itabira é composta por espécies generalistas e também por espécies frugívoras. Foi encontrada uma maior diversidade de espécies de morcegos na Mata do Intelecto, devido provavelmente por se tratar de uma área maior e mais preservada, apresentando uma maior heterogeneidade do ambiente.

[168] MORCEGOS (MAMMALIA: CHIROPTERA) DA REGIÃO DAS MISSÕES – NOROESTE DO RIO GRANDE DO SUL

WEBER, M. M.[1]; LIMA, D. O.[2]; CAMILLOTTI, V. L.[2]; ROMAN, C.[2]; T.-NETO, L.[2]; CÁCERES, N. C.[2]

[1] BIOLOGIA, UFSM; [2] UFSM

A maior diversidade de espécies de morcegos ocorre em biomas florestais. A vegetação da região das Missões (noroeste do Rio Grande do Sul) é composta por um mosaico de pequenos fragmentos de Floresta Estacional, os quais sofrem forte influência antrópica como a caça, a agropecuária e a extração de madeira. O objetivo deste estudo foi conhecer a fauna de quirópteros desta região com o intuito de se obter dados sobre o status da conservação da região, já que estes animais são tidos como bioindicadores ambientais. Este estudo foi realizado com a utilização de quatro redes-de-neblina, com dimensões de 7,0x1,5m, armadas em seis fragmentos florestais ao longo do Rio Ijuí entre os municípios de Cerro Largo e Roque González. Estas redes permaneceram abertas por três horas a partir do pôr-do-sol e eram revisadas a cada 15 minutos. Foram realizadas três campanhas mensais durante os meses de agosto, outubro e dezembro, sendo uma noite de captura em cada fragmento.O esforço amostral foi de 54h com 42m² de rede exposta por hora, totalizando 2268m².h. Foram também identificados os morcegos pertencentes às coleções didáticas de escolas da região. Dos 64 morcegos amostrados, foram registradas nove espécies pertencentes a três famílias, Phyllostomidae: Artibeus lituratus, Artibeus fimbriatus, Sturnira lilium, Platyrrhinus lineatus e Desmodus rotundus; Vespertilionidae: Myotis sp., Lasiurus ega e Lasiurus borealis; e Molossidae: Molossus ater. As espécies mais abundantes foram A. lituratus (n=35, 54,7%), S. lilium (n=10, 15,6%) e P. lineatus (n=8, 12,5%). A região se mostrou pouco rica em espécies de morcegos para um bioma florestal. As perturbações ambientais causadas pelo homem nestes fragmentos podem vir a favorecer o aumento de determinadas espécies melhores adaptadas e com ampla distribuição como A. lituratus e S. lilium causando decréscimos ou mesmo extinções nas outras populações de morcegos. Embora nos subtrópicos há menor riqueza de espécies naturalmente devido ao efeito latitudinal, a riqueza observada foi bem menor do que a esperada.

[169] MORCEGOS DA ILHA DA GIPOIA, ANGRA DOS REIS, RJ

COSTA, L. M.[1]; FERREIRA, L. C.[1]; NOGUEIRA, P.[1]; ALMEIDA, J. A.[1]; LUZ, J. L.[1]; JORDÃO, T.[1]; ENRICI, M. C.[1]; ESBÉRARD, C. E. L.[1]; BERGALLO, H. G.[1]; MOTTA, A.[2]

[1] UERJ; [2] ECOLOGIA, UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

A fauna de ilhas mostra-se empobrecida pela reduzida área disponível, reduzida taxa de imigração e reduzida variação genética, com o tempo aluando na redução da riqueza, tanto pela extinção de populações não viáveis, como impedindo a imigração de novas populações. Poucas espécies de morcegos cruzam grandes extensões de água e com isso, espera-se que ilhas tenham também, redução de espécies em cada guilda trofica e variação no tamanho dos espécimes. O objetivo deste trabalho e relatar a diversidade de morcegos em uma ilha no sudeste do Brasil. A Ilha da Gipoia situa-se na Enseada de Angra dos Reis, sendo a segunda ilha em tamanho. Dista do continente cerca de 800 m em seu ponto mais próximo e apresenta a maior parte de sua área (cerca de 85%) coberta por mata secundária, com idade estimada de 115 a 130 anos. Atualmente é empregada unicamente para residência e hotelaria. As coletas foram realizadas entre julho de 2004 e abril de 2005 (total de 13 noites, 150 horas), sendo realizadas geralmente duas coletas subseqüentes a cada dois meses, usando 72 a 96 m de redes de neblina armadas por toda a noite. O total de 606 capturas e recapturas foi analisado, compreendendo 21 espécies e 5 famílias. A curva acumulada de espécies não mostrou estabilização. A riqueza de morcegos observada na IG esta abaixo de localidades em florestas no Estado do Rio de Janeiro bem amostradas (> 1000 capturas), que apresentam mais de 25 espécies. A taxa de captura mostra-se mais elevada do que a observada em outras localidades amostradas e pode ser explicada pelo empobrecimento de outras espécies de mamíferos, que resulta em menor competição e pela alta diversidade de árvores frutíferas plantadas na ilha. A presença de Desmodus rotundus é recente, a julgar pela mortalidade observada em animais domésticos, que foram notificadas a partir de 2002.

[170] MORCEGOS DA ILHA GRANDE, ANGRA DOS REIS, RJ

JORDÃO-NOGUEIRA, T.[1]; CARVALHO, T. M.[1]; MELO, G. G.[1]; MANGOLIN, R.[1]; JUCÁ, N.[1]; RAÍCES, D. S. L.[1]; ALBUQUERQUE, H. G.[1]; ENRICI, M. C.[1]; ESBÉRARD, C. E. L.[1]; BERGALLO, H. G.[1]; LUZ, J.[2]

[1] UERJ; [2] ECOLOGIA, UERJ

Poucos registros de mamíferos estão disponíveis para localidades no sul do Estado do Rio de Janeiro onde encontram-se áreas de Mata Atlântica com reduzida ação antrópica e uma das maiores porções de mata contínua deste estado. Quarenta e três espécies das ordens Didelmorphia, Xenarthra, Primates, Carnivora, Artiodactyla e Rodentia foram recentemente confirmadas para a Ilha Grande e arredores. Este estudo tem como objetivo fornecer uma lista de espécies de morcegos ocorrentes na Ilha Grande e comparar a proporção de espécies de Phyllostomidae em listagens com diferentes esforços amostrais realizadas no Estado do Rio de Janeiro. Localizada no município de Angra dos Reis, a Ilha Grande é a maior ilha do Estado do Rio de Janeiro, com 174 km2 de extensão. Suas características físicas são semelhantes às observadas no resto do estado. Todas as localidades amostradas situam-se junto ao litoral e nas áreas de maior facilidade de acesso, estando restritas a uma altitude máxima de 240 m. As coletas foram realizadas com redes de neblina armadas em trilhas, próximos a riachos, junto a árvores em frutificação ou próximo a refúgios conhecidos de morcegos. Complementamos as coletas com capturas no interior de refúgios empregando redes entomológicas. Um total de 3046 capturas e recapturas foram analisadas. Trinta e cinco espécies foram registradas, compreendendo seis famílias. A lista atual de espécies compreende cerca de 90% das espécies já capturadas no sul do Estado do Rio de Janeiro. O número atualmente reconhecido na Ilha Grande corresponde aproximadamente a 50% das espécies de morcegos do Estado. Analisando as listagens de espécies de morcegos realizadas no Estado do Rio de Janeiro, nota-se que a proporção de espécies da Família Phyllostomidae decresce com o aumento das capturas. Isso indica que com aumento do esforço amostral aumentam as chances de coletar espécies de outras famílias que não são tão facilmente capturadas em redes. Espera-se que na Ilha Grande ocorra a adição de mais espécies de insetívoros com a continuidade das coletas, visto que ainda se observa uma alta proporção de espécies de Phyllostomidae.

[171] QUIROPTEROFAUNA DO MUNICÍPIO DE CORUMBÁ, MS.

NEVES, D.R.M.[1]; BORDIGNON, M. O.[2]

[1] CIÊNCIAS DO AMBIENTE, UFMS; [2] UFMS - CPAN

Devido ao escasso conhecimento sobre a fauna de morcegos da porção oeste de Mato Grosso do Sul, o presente estudo objetivou atualizar o conhecimento sobre as espécies já registradas para a região do Pantanal de Corumbá, MS. As coletas foram feitas com redes-neblina e com puçá, tanto em áreas de floresta como em cavernas e abrigos naturais. As redes eram armadas ao anoitecer e fechadas às 23:30 horas. As cavernas e abrigos eram vistoriados sempre durante o dia. Entre abril de 2002 e abril de 2005 foram registradas, por meio de coletas, um total de 376 indivíduos de 23 espécies diferentes, distribuídas em 6 famílias. A família mais abundante foi a Phyllostomidae com 309 indivíduos de 14 espécies diferentes. A espécie mais abundante foi Platyrrhinus lineatus com 83 is. Merecem destaque as espécies pouco freqüentes tais como: Phyllostomus hastatus, Micronycteris megalotis e Eptesicus fidelis com um indivíduo cada. Outras famílias capturadas foram Emballonuridae (25 sp), Noctilionidae (16 sp.), Natalidae (12 sp.), Vespertilionidae (9 sp.) e Molossidae (5 sp.). A continuidade dos levantamentos da quiropterofauna no município de Corumbá são muito importantes para proposições de medidas de monitoramento e conservação dos morcegos desta região do Pantanal, além da possibilidade dos dados servirem de subsídio para futuros trabalhos sobre ecologia, conservação e distribuição de espécies.

[172] QUIRÓPTEROS DA GRUTA DO LIMOEIRO, CASTELO – ESPÍRITO SANTO.

SCABELLO, M.[1]; TAHARA, A. S.[3]; OPREA, M.[2]; MARTINS, F. M.[3]; COUTINHO,R.Z.[3]; PAVAN, A. C.[2]; LOPES, S. R.[2]; DICTHFIELD, A. D.[2]

[1] CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, UFES; [2] UFES; [3] USP

Cinco décadas após os estudos feitos pelo naturalista Augusto Ruschi sobre a quiropterofauna da Gruta do Limoeiro, em Castelo – Espírito Santo, três novas campanhas foram realizadas para comparação da fauna na gruta, a fim de verificar as possíveis mudanças na composição da mesma. O estudo feito por Ruschi e publicado no Boletim do Museu de Biologia Mello Leitão em 18 de setembro de 1952 registrou a ocorrência de 14 espécies, além de descrever a gruta e o comportamento de algumas espécies presentes. No nosso estudo foram capturadas 10 espécies. Das espécies encontradas por Ruschi, cinco foram registradas novamente: Desmodus rotundus, Diphylla ecaudata, Myotis nigricans, Glossophaga soricina e Phyllostomus hastatus. Este último foi descrito por Ruschi como parasita de Molossus ater, e não predador como é mais provável. Relevante a esta discussão é o fato que foi observado pela equipe a predação por Phyllostomus hastatus de um indivíduo de Myotis nigricans capturado na rede. Foi observado também que Phyllostomus hastatus não habita o interior da gruta como relatado por Ruschi e sim cavidades na abóboda de entrada, dividindo o espaço com outras espécies como Molossus rufus. Além deste último, outras espécies agora encontradas não foram registradas no estudo de Ruschi, são elas: Carollia perspicillata, Anoura geoffroyi, Cynomops abrasus e Chrotopterus auritus. Ao mesmo tempo, nove espécies anteriormente registradas não foram observadas no presente estudo, sendo elas: Peropteryx kappleri, Peropterys macrotis, Trachops cirrhosus, Micronycteris megalotis, Molossus ater, Anoura caudifera, Mimmon bennettii, Lonchorhina aurita e Platynhinus lineatus. Além disso, a descrição da gruta feita em 1952 também não corresponde à topografia atual da mesma. Entradas, vãos e medidas citadas por Ruschi não correspondem às encontradas. Porém só existe uma grande gruta em Castelo, a do Limoeiro. As fotos da caverna de Ruschi correspondem a caverna atual e demonstram que a gruta é a mesma.

[173] QUIRÓPTEROS DA ZONA DA MATA E VALE DO AÇO DE MINAS GERAIS DEPOSITADOS NO MUSEU DE ZOOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA

PINTO, C. G. C.[1]; LESSA, G.[2]; STUMPP, R. G. A. V.[2]

[1] DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA ANIMAL, UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA; [2] UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA

No Brasil o número de acervos zoológicos em Instituições de pesquisas ainda é incipiente. Constata-se a necessidade de coleções de referências regionais para auxiliar estudos taxonômicos e biogeográficos deste grupo. A coleção do Museu de Zoologia João Moojen de Oliveira da Universidade Federal de Viçosa (MZUFV) é resultado de coletas realizadas na região ao longo das últimas sete décadas. O objetivo deste estudo foi averiguar o número de espécies de quirópteros provenientes da Zona da Mata e do Vale do Aço de Minas Gerais através da compilação das amostras depositadas no acervo do MZUFV. Inicialmente todas as observações provenientes do Livro de Tombo e fichas cadastrais foram armazenadas em banco de dados eletrônico possibilitando uma compilação precisa. A coleção de Chiroptera do MZUFV, no que tange às regiões estudadas, possui 316 indivíduos distribuídos em cinco famílias, 23 gêneros e 32 espécies. Em Phyllostomidae, a família mais abundante na coleção (198 espécimes), a espécie mais freqüente é Artibeus lituratus (37 exemplares), seguido de Glossophaga soricina (36), constando também Anoura caudifera, Ancura geoffroyi, Artibeus fimbriatus, Carollia perspicillata, Desmodus rotundus, Diphylla ecaudata, Micronycteris megalotis, Micronycteris minuta, Mimon bennettii, Phyllostomus hastatus, Platyrrhinus lineatus, Platyrrhinus recifinus, Pygoderma bilabiatum, Sturnira lilium e Vampyressa sp.. A segunda família mais abundante é Molossidae (60 espécimes), sendo a espécie mais numerosa Molossus molossus (31), estando presentes também Molossus rufus, Nyctinomops macrotis, Promops nasutus e Tarida brasiliensis. Constam ainda: Vespertilionidae (Eptesicus brasiliensis, Eptesicus furinalis, Histiotus velatus, Lasiurus borealis, Lasiurus ega, Myotis nigricans, Myotis riparius e Myotis ruber); Emballonuridae (Rhynchonycteris naso); e Noctilionidae (Noctilio leporinus). A coleção de quirópteros do MZUFV vem aumentando seu acervo com coletas sistemáticas permitindo o preenchimento de lacunas taxonômicas da região. Novos projetos de pesquisa estão atualmente em andamento, visando uma maior amostragem, principalmente no recém criado Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, onde o grupo ainda não foi devidamente estudado.

[174] QUIRÓPTEROS DA ZONA URBANA DE SÃO VICENTE DO SUL/RS.

DAMASCENO, D.[1]; SENRA, A.[2]

[1] UNIVERSIDADE INTEGRADA DO ALTO URUGUAI E MISSÕES/CAMPUS SANTIAGO; [2] BIOLOGIA, UNIVERSIDADE INTEGRADA DO ALTO URUGUAI E MISSÕES/CAMPUS SANTIAGO

Os morcegos possuem hábitos gregários, vivendo em colônias, em ambientes rurais e urbanos. No total são cerca de 1200 espécies identificadas no mundo, e para o Brasil são registradas 138 espécies, sendo que o Rio Grande do Sul abriga 33 destas espécies. Os quirópteros do estado são representados em quatro famílias: Noctilionidae, Phyllostomidae, Verspetilionidae e Molossidae. O papel deste grupo é de grande importância ambiental, sendo um dos maiores responsáveis pelo equilíbrio da natureza. Podem oferecer riscos ao homem quando em seu habitat houver formação de histoplasma ou quando algum indivíduo portar o vírus da raiva. O estudo foi realizado na cidade de São Vicente do Sul/RS e buscou a identificação dos locais de ocorrência de morcegos. Foram observados os tipos de abrigos utilizados por quirópteros, através de registro fotográfico. Também se realizou a coleta de espécimes para identificação. Os animais coletados foram identificados e tombados no laboratório de Zoologia da URI/Campus Santiago. A presença de histoplasma também foi registrada, através da coloração das fezes dos animais nos locais de presença das colônias. Registrou-se 5 espécies de quirópteros para a região urbana de São Vicente do Sul: Tadarida brasiliensis, Lasiurus borealis, Lasiurus ega, Molossus molossus e Anoura caudifer. T. brasiliensis e Molossus molossus possuem ampla distribuição pela cidade. Em contrapartida, as outras três espécies registradas mostraram pouca amplitude de ocorrência na cidade. Os abrigos foram dos mais variados, desde forros de casas, telhados, fendas nos edifícios, árvores das mais variadas espécies, e outros tipos de estruturas. O registro de histoplasma ocorreu apenas em dois abrigos, onde a espécie presente neste abrigo era Tadarida brasiliensis.

Morfologia

[175] DESENVOLVIMENTO TESTICULAR E MATURIDADE SEXUAL EM NOCTILIO LEPORINUS, NO SUL DO BRASIL

BORDIGNON, M.[1]; FRANÇA, A. O.[2]

[1] CIÊNCIAS DO AMBIENTE, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL; [2] UFMS

Apesar de estudos correlacionarem tamanho corporal e grau de maturação sexual, poucos são os estudos em morcegos que relacionam dados morfométricos e morfológicos com maturidade sexual. Devido a ausência de informações básicas sobre a reprodução de N. leporinus para a região sul do Brasil, procurou-se obter parâmetros para medir o grau de maturidade em machos, por meio da correlação de caracteres sexuais externos, massa corporal e dados histológicos dos testículos. O estudo foi desenvolvido entre janeiro de 1998 e dezembro de 1999, na Baía de Guaratuba-PR. Foram feitas capturas mensais com redes-rebiina de 2,6 X 9m, dispostas sobre a superfície d'água. Foram capturados 53 machos dos quais 22 foram fixados e tiveram seus testículos avaliados histologicamente. Posteriormente as massas corporais e testiculares foram correlacionadas. O diâmetro dos túbulos seminíferos dos machos aumentou de maneira proporcional à massa do testículo, como também proporcionalmente à massa corporal do animal. Os machos mais pesados (>85g) apresentaram também maior massa testicular. A massa do testículo e a massa corporal mostraram uma correlação positiva (r=0,79; P < 0,001), onde a maioria dos machos com peso acima de 90 g apresentou seus testículos com massa entre 1,16 e 1,46g, enquanto que, para os machos com massa corporal abaixo de 80g, a massa do testículo variou de 0,09 a 0,46g. Os dados de histologia mostraram uma alta correlação (r=0,83; p<0,05) entre o diâmetro dos túbulos seminíferos dos machos e o peso dos testículos. A maior parte dos machos com peso corporal acima de 80 g (58,4%) possuía diâmetros de túbulos seminíferos entre 100 e 200 micrômetros e apenas 10% dos machos com peso entre 60 e 80 g (n=10) apresentaram diâmetros de túbulos com mais de 100 micrômetros. Os dados morfométricos e histológicos deste estudo possibilitaram separar os machos, conforme sua maturação sexual e peso corporal, em três classes distintas: jovens, sub-adultos e adultos. O presente trabalho pode auxiliar futuros estudos de dinâmica populacional da espécie, avaliando-se com precisão, o status de jovem ou adulto em uma população.

[176] DIMORFISMO SEXUAL E VARIAÇÃO GEOGRÁFICA EM MYOTIS NIGRICANS (CHIROPTERA: VESPERTILIONIDAE)

BORNHOLDT, R.[1]; OLIVEIRA, L. R.[2]; FABIÁN, M.[3]

[1] ZOOLOGIA, UFRGS; [2] GEMARS; [3] UFRGS

O presente estudo objetiva analisar o dimorfismo sexual e a variação geográfica entre populações de áreas geográficas diferentes de Myotis nigricans, através da morfometria tradicional e geométrica. Analisaram-se exclusivamente espécimes adultos (24 machos e 34 fêmeas) de duas localidades distintas: sul do Brasil e Ceará. Em cada espécime, foi medido o antebraço e foram fotografadas as vistas lateral e palatal de cada crânio, posicionando 14 e 16 marcos anatômicos, respectivamente. As possíveis diferenças no comprimento médio do antebraço e no tamanho médio do centróide de cada vista do crânio foram testadas pelo teste t entre os sexos e entre as duas localidades estudadas. O dimorfismo sexual foi testado unicamente para a população do sul do Brasil e a variação geográfica unicamente para as fêmeas, uma vez que a amostra de machos do Ceará era reduzida. Constatou-se que o dimorfismo sexual foi evidente na vista palatal e no comprimento do antebraço ($P<0,05$, g.l.= 41). O tamanho do centróide da vista palatal das fêmeas (média= 3,17cm) foi significativamente maior que o dos machos (média= 3,11cm), bem como o comprimento médio do antebraço (fêmeas= 3,57cm e machos= 3,41cm). A variação geográfica, no entanto, foi evidente apenas no comprimento do antebraço, com a população de fêmeas do sul do Brasil (média= 3,57cm) tendo o comprimento significativamente maior do que a população de fêmeas do Ceará (média= 3,15cm) ($P<0,005$, g.l.= 32). Discutem-se possíveis interpretações para as diferenças observadas. Os resultados refletem a variação intraespecífica no tamanho das estruturas analisadas, sendo necessária a continuidade deste estudo através da realização de novas medidas de ossos da asa e da análise da variação da forma.

[177] GLÂNDULAS LARÍNGEAS EM DEZ ESPÉCIES DE PHYLLOSTOMIDAE (MAMMALIA: CHIROPTERA).

SANTOS, K.[1]; LANGGUTH, A.[2]; SILVA-NETO, E.[3]

[1] DEPARTAMENTO DE SISTEMÁTICA E ECOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA; [2] BOLSISTA DO CNPQ; [3] DEPARTAMENTO DE MORFOLOGIA DA UFPB

A grande diversidade de habitats e hábitos alimentares exigiu dos morcegos da família Phyllostomidae o desenvolvimento de adaptações no seu sistema de ecolocalização. A laringe mudou morfo-funcionalmente, produzindo e controlando diferentes tipos de som emitidos pelo animal. Foram descritas diferenças entre as espécies nas cartilagens, inervação, musculatura, cordas vocais e espaços de ressonância. Descrevemos aqui diferenças, na localização e tipo das glândulas laríngeas. O material estudado está depositado na Coleção de Mamíferos do DSE/ UFPB, pertencendo as seguintes espécies: Desmodus rotundus, Diphylla ecaudata, Glossophaga soricina, Phyllostomus discolor, Phyllostomus hastatus, Trachops cirrhosus, Tonatia silvicola, Carollia perspicillata, Sturnira lilium e Artibeus jamaicensis. A localização das glândulas foi determinada através da construção de modelos tridimensionais da laringe, aumentada 50 vezes. O tipo glandular foi determinado através de cortes histológicos e técnicas histoquímicas. Os resultados revelaram que os três grupos de glândulas laríngeas: cranial, médio e caudal, de todas espécies estudadas estão localizados longitudinalmente entre a mucosa e cartilagens. O grupo cranial está formado pela glândula epiglótica e tireóidea cranial. A epiglótica está ausente em Tonatia silvicola, e glândula tireóidea cranial em Desmodus rotundus. O grupo médio de glândulas laríngeas está formado pelas glândulas aritepiglótica, aritenóidea e ventricular. Esta última não foi evidenciada em Artibeus jamaicensis. O grupo caudal de glândulas, representado pelas glândulas infraglóticas ventral, dorsal lateral, cranial, e caudal. Esta última, caudal, está ausente em Sturnira lilium e Artibeus jamaicensis. A glândula infraglótica cranial está bem desenvolvida em todas as espécies, formando uma placa entre as margens crânio-ventral e caudo-ventral das cartilagens cricóide e tireóide, respectivamente, exceto em Desmodus rotundus, Diphylla ecaudata, Glossophaga soricina e Trachops cirrhosus. As glândulas dos grupos cranial e médio são seromucosas, predominando ácinos serosos nas glândulas do grupo cranial de Carollia perspicillata, e ácinos mucosos nas demais espécies. Todas espécies exibiram glândulas laríngeas do grupo caudal serosas, exceto a glândula infraglótica dorsal, sendo esta seromucosa com predomínio de ácinos mucosos. As diferenças observadas na localização e no tipo das glândulas laríngeas entre as espécies analisadas provavelmente implicam em diferenças de viscosidade na parede da laringe e talvez estejam relacionadas, juntamente com outros aspectos morfológicos, à emissão do som.

[178] MATURIDADE SEXUAL EM FÊMEAS DE NOCTILIO LEPORINUS (LINNAEUS, 1758) NO SUL DO BRASIL

BORDIGNON, M.[1]; FRANÇA, A. O.[2]

[1] CIÊNCIAS DO AMBIENTE, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL; [2] UFMS

Apesar de estudos correlacionarem tamanho corporal e grau de maturação sexual, poucos são os estudos em morcegos que relacionam dados morfométricos e morfológicos com maturidade sexual. Devido a ausência de informações básicas sobre a reprodução de N. leporinus para a região sul do Brasil, procurou-se obter parâmetros para medir o grau de maturidade em fêmeas, por meio da correlação de caracteres sexuais externos, massa corporal e dados histológicos dos ovários. O estudo foi desenvolvido entre janeiro de 1998 e dezembro de 1999, na Baia de Guaratuba-PR. Foram feitas capturas mensais com redes-neblina de 2,6 X 9m, dispostas sobre a superfície d'água. Cada morcego capturado teve seu peso e comprimento de antebraço anotado. Foram capturadas 51 fêmeas das quais 15 foram fixadas e tiveram seus ovários avaliados histologicamente. O comprimento médio do antebraço das fêmeas foi de 66,09 mm e sua massa média foi de 73,15g. O peso mínimo das fêmeas gestantes capturadas foi de 74g e o máximo de 89g e a maior freqüência de fêmeas em lactação por categoria de peso ocorreu entre aquelas cujo peso variou entre 70 a 89g. Não foram constatadas a presença de Folículos de Graaf nem Corpo Lúteo em fêmeas com peso inferior a 70g. Já para as fêmeas acima de 70 g a presença de Folículos de Graaf foi constatada em cerca de 70% dos ovários analisados e a presença de Corpo Lúteo em cerca de 40% dos ovários analisados. Apesar da maior freqüência de fêmeas lactantes na primavera, possivelmente N. leporinus possua um ciclo monoestral não sazonal ou até poliestral, pois foram capturadas fêmeas lactantes em todas as estações do ano, bem como fêmeas aptas a reproduzir (presença de Folículos de Graaf entre os meses de abril a dezembro). Baseando-se em que as fêmeas acima de 70 gramas são as mais prováveis de estarem maduras sexualmente para reproduzir, pode-se considerar fêmeas adultas aquelas que estejam com peso entre 70 e 89 g e as jovens (imaturas) entre 50 e 69 g. O presente estudo mostra que é possível relacionar dados morfométricos e de maturação sexual, para separar categorias etárias em uma população.

[179] OCORRÊNCIA DE ESTRUTURA GLANDULAR ORAL EM MOLOSSUS MOLOSSUS (CHIROPTERA, MOLOSSIDAE)

RUI, A. M.[1]; ZANCAN, D. M.[2]

[1] DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL; [2] DEPARTAMENTO DE FISIOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

A comunicação química desempenha importante papel no comportamento de quirópteros. Em diferentes famílias de morcegos ocorrem estruturas glandulares localizadas em diversas partes do corpo que podem apresentar diferenças entre machos e fêmeas ou serem típicas de machos. Secreções glandulares são utilizadas para marcar território ou abrigo, para o reconhecimento entre indivíduos da mesma colônia, entre fêmeas e filhotes e entre machos e fêmeas, ou ainda com fins reprodutivos. Este trabalho tem como objetivo descrever a ocorrência de uma estrutura oral de aspecto glandular em Molossus molossus (Pallas, 1766). Exemplares provenientes de populações do Rio Grande do Sul (Brasil) foram capturados, mortos por inalação de éter, fotografados e a região perilábica junto ao maxilar superior foi retirada, fixada em formol 10% e processada para técnica histológica hematoxilina-eosina. O órgão encontrado localiza-se na região oral em ambos os lados da porção látero-anterior da maxila superior, medindo cerca de 3 mm de comprimento e menos de 1 mm de largura. A estrutura apresenta uma abertura central que ocupa cerca de 2/3 do comprimento do órgão. O tecido que delimita a abertura em fenda forma uma borda saliente da parede bucal, de coloração esbranquiçada em indivíduos vivos. A abertura estende-se em direção superior, lateralmente à gengiva, originando uma invaginação em forma de saco. Em nível óptico, esta estrutura mostra-se bem delimitada da mucosa por tecido conjuntivo, do tipo acinar, cujas células possuem volume diferenciado, com citoplasma mais vacuolizado nas células mais próximas à luz glandular, indicando a possibilidade de conteúdo celular secretor. Esta forma de organização revela aspecto de células glandulares exócrinas. Não foi encontrado registro em Chiroptera de órgão de localização similar. O exame de exemplares da espécie, provenientes de várias colônias, indica que esta estrutura glandular oral é mais freqüente em machos não adultos ou não ativos sexualmente, e que apresenta variações sazonais quanto a sua presença e grau de desenvolvimento. Estudos histológicos e histoquímicos estão sendo realizados para esclarecer detalhes de sua morfologia e quanto à possível natureza química das substâncias secretadas por esta glândula, visando determinar seu papel no comportamento da espécie. 1. Bolsista Récam-Doutor CNPq.

[180] UM CASO DE ANOMALIA DENTÁRIA EM ARTIBEUS LITURATUS (OLFERS, 1818) (CHIROPTERA, PHYLLOSTOMIDAE)

PINTO, C. G. C.[1]; LESSA, G.[2]; MANDUCA, E. G.[3]

[1] DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA ANIMAL, UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA; [2] UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA

As fórmulas dentárias em mamíferos são importantes ferramentas diagnósticas e características para gêneros e espécies, sendo usualmente utilizadas na sistemática e taxonomia. Em morcegos, a dentição decídua é prematura e rapidamente substituída pela dentição definitiva, sendo os primeiros altamente especializados e geralmente diferentes morfologicamente dos definitivos. São conhecidas alterações dentárias em Artibeus lituratus referentes a incisivos e molares superiores extranumerários bem como agênese dentária dos terceiros molares inferiores. A espécie A. lituratus está entre os filostomídeos mais comuns e abundantes nas comunidades Neotropicais e sua distribuição geográfica é conhecida desde a região central do México até o norte da Argentina. São preferencialmente frugívoros, utilizando também outros recursos alimentares como insetos, folhas e néctar. O objetivo deste estudo foi descrever a presença de dentes extranumerários em um indivíduo de A. lituratus coletado no município de Viçosa, Zona da Mata de Minas Gerais, depositado no Museu de Zoologia João Moojen de Oliveira da Universidade Federal de Viçosa. O exemplar apresenta dentição dupla nos incisivos, caninos e pré-molares, com todos os dentes revestidos por esmalte, segundo comprovação por exames de raios X. Os dentes aqui considerados como extranumerários apresentam características da dentição decídua estando posicionados vestibularmente aos seus pares e aparentemente em alvéolos diferentes. Possivelmente houve a erupção dos dentes permanentes sem a queda dos decíduos correspondentes. Novos exames serão necessários para a verificação do estado das raízes destes dentes e sua provável relação com a dentição permanente além da uma verificação apurada em coleções científicas para a observação de novas ocorrências.

[181] VETORES DE FORÇA NO MÚSCULO CRICOTIREÓIDEO EM ARTIBEUS JAMAICENSIS LEACH, 1821 (MAMMALIA: CHIROPTERA)

SANTOS, K.[1]; SILVA-NETO, E.[2]; LANGGUTH, A.[3]

[1] DEPARTAMENTO DE SISTEMÁTICA E ECOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA; [2] DEPARTAMENTO DE MORFOLOGIA DA UFPB; [3] DEPARTAMENTO DE SISTEMÁTICA E ECOLOGIA E BOLSISTA DO CNPQ

A ecolocalização é o sistema de emissão de sons dos morcegos, que lhes possibilita orientar-se em condições de baixa luminosidade. Para o desenvolvimento deste sistema tão particular, semelhante ao radar, foram necessárias várias adaptações morfo-funcionais. Dentre estas, chama a atenção a do músculo cricotireóideo. Este músculo, importante em todos os mamíferos, é mais complexo nos quirópteros. Foram realizadas dissecações deste músculo em dez espécimes de Artibeus jamaicensis conservados em etanol, e depositados na Coleção de Mamíferos do Departamento de Sistemática e Ecologia da UFPB. Na espécie analisada, este músculo tem origem na margem cranial, na face externa e na margem caudal da porção lateral do anel da cartilagem cricóide e tem inserção no corno caudal, crista, face lateral e margem cranial da cartilagem tireóide. Entre a origem e a inserção formam-se três vetores de força: o primeiro que vai da cartilagem cricóide até o corno caudal da tireóide; o segundo que vai da cartilagem cricóide ao processo dorsal da cartilagem tireóide; o terceiro que vai da cartilagem cricóide até a extremidade cranial da tireóide. Esta disposição deve estar voltada para uma maior eficiência na produção de diferentes sons, já que este músculo tensiona as pregas vocais. O trabalho das fibras musculares é, provavelmente, desenvolvido em uma seqüência de funcionamento indo do vetor um até o três. As fibras que estão ao longo do vetor um atuam iniciando a aproximação das cartilagens cricóide e tireóide até que as fibras em outros vetores assumem uma posição mais favorável para a contração. Este modelo permite uma tensão progressiva das pregas vocais, logrando uma maior eficiência das mesmas. É possível também que esta distribuição espacial das fibras musculares permita que a tensão das pregas vocais seja modulada, ativando apenas as fibras ao longo de um ou de vários vetores simultaneamente. Do grau de envolvimento de todos os feixes de fibras musculares ou de parte deles depende a maior ou menor distensão das pregas vocais e conseqüentemente uma maior ou menor mudança na freqüência do som.

Parasitologia

[182] ECTOPARASITOS DE MORCEGOS CAVERNÍCOLAS EM CINCO LOCALIDADES DE CERRADO DO BRASIL

PORTELLA, A. [1]; REZENDE, S.[2]; CAMARGO, W.[2]; UCHÔA, F.[2]; AGUIAR, L. M. S.[2]

[1] RECURSOS NATURAIS, EMBRAPA CERRADOS; [2] EMBRAPA CERRADOS

Durante os meses de maio de 2004 a abril de 2005 foram realizadas com redes mist-nets capturas de morcegos em entradas de cavernas ou em matas, próximo a elas. Ectoparasitas foram coletados nos morcegos capturados no Cerrado, em três localidades do Distrito Federal, no Parque Nacional de Sete Cidades, no Piauí, e no Parque Nacional da Serra do Cipó em Minas Gerais. Foram capturados um total de 963 morcegos de 14 espécies pertencentes às famílias Phyllostomidae, Emballonuridae, Vespertilionidae, Mormoopidae e Natalidae. Destes, 539 indivíduos apresentaram e tiveram ectoparasitos das famílias Streblidae e Nycteribiidae (Diptera, Hippoboscoidea), Polyctenidae (Hemiptera) e da ordem Acari coletados e identificados. Há ocorrências de novas espécies para o Cerrado e atualização de dados de especificidade parasita - hospedeiro.

Sistemática

[183] TAXAS DE PARASITISMO DE MOSCAS ECTOPARASITAS (DIPTERA: STREBLIDAE E NYCTERIBIIDAE) EM MORCEGOS (CHIROPTERA) EM ÁREA DE FLORESTA DE ARAUCÁRIA, PARANÁ.

GRACIOLLI, G.[1]; BIANCONI, G. . V.[2]

[1] BIOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO DO SUL; [2] UNESP/RIO CLARO

A Floresta com Araucária (FA) já representou 37% das florestas do Paraná (~8 milhões de hectares). Hoje, após poucas décadas de exploração caminha à extinção, com menos de 1% de sua cobertura original fragmentada nos planaltos paranaenses. As informações disponíveis sobre estrebilídeos e nicteribiídeos e seus hospedeiros nessa formação florestal são escassas, principalmente quando se referem a estudos periódicos concentrados em uma mesma área. À fim de suprir parte desta carência, foi desenvolvido em um remanescente de FA da Fazenda Gralha Azul (~450 hectares, 25º39'S-49º16'W), Município da Fazenda Rio Grande, um estudo desta natureza. Entre dezembro/2001 e outubro/2002, foram realizadas capturas mensais dos hospedeiros com redes-de-neblina (esforço de captura: 73788 m2.h.) e buscas em abrigos. Os hospedeiros coletados eram revisados visualmente e os parasitos coletados com auxílio de pinças e pincéis, sendo fixados em álcool 70%. Foram coletados 12 indivíduos pertencentes a três espécies de Nycteribiidae e 109 de seis espécies de Streblidae sobre 127 morcegos examinados das famílias Phyllostomidae (quatro espécies) e Vespertilionidae (oito espécies). Cinco das seis espécies de estrebilídeos foram encontrados apenas sobre Sturnira lilium (E. Geoffroy) e Artibeus lituratus (Olfers). Em 62 indivíduos de S. lilium foram coletadas quatro espécies: Megistopoda proxima (Séguy) com prevalência (porcentagem de hospedeiros infestados por um determinado parasito) de 65,4% e intensidade média de infestação (número de parasitos coletados dividido pelo número de hospedeiros parasitados) de 2; Aspidoptera falcata Wenzel com 13,5% e 2,29; Trichobius phyllostomae Kessel com 7,7% e 1; e Metelasmus wenzeli Graciolli & Dick com 1,6% e 4. Não foi encontrada diferença na prevalência (p=0.544) e na intensidade média (p=0.361) em relação ao sexo de S. lilium. Em 26 indivíduos de A. lituratus (Olfers), foi encontrada apenas Paratrichobius longicrus (Miranda-Ribeiro) com prevalência de 32% e intensidade média de 1,50. Em comparação com dados quantitativos de outras formações vegetacionais, destaca-se a maior riqueza de espécies (4) parasitando S. lilium; no cerrado e na Mata Atlântica foram encontradas duas e três espécies, respectivamente. Chama também a atenção a ausência de parasitos sobre Desmodus rotundus (E.Geoffroy), que nos outros biomas é parasitado por Strebla wiedemanni Kolenati e Trichobius furmani Wenzel.

[184] ANÁLISE MORFOMÉTRICA COMPARATIVA DOS PEQUENOS ARTIBEUS LEACH, 1821 (MAMMALIA, CHIROPTERA, PHYLLOSTOMIDAE)

CAPUSSO, G. L. .[1]; PEDRO, W. A.[2]

[1] ZOOLOGIA E BOTÂNICA, UNESP; [2] UNESP - ARAÇATUBA

Artibeus Lesch, 1821 compreende, no Brasil, 11 espécies. A sistemática do gênero é motivo de muitas discussões, decorrentes da falta de informações suficientes e da considerável variação nos diferentes táxons. Distinguem-se dois grupos dentro do gênero: um de espécies maiores, representado por A. amplus, A. fimbriatus, A. jamaicensis, A. lituratus, A. obscurus, A. planirostris, embora nem todos os autores considerem essas espécies como boas, com propostas de sinonímias para algumas delas; e outro grupo, formado pelas espécies menores, representado por A. gnomus, A. anderseni, A. cinereus, A. concolor e A. phaeotis. Uma vez que a classificação e as relações evolutivas nesse grupo não estão bem estabelecidas, e as características utilizadas para a separação das espécies não têm sido satisfatórias, este trabalho visa contribuir para um melhor entendimento sobre a distribuição geográfica e variação morfológica e morfométrica em quatro espécies: A. anderseni, A. cinereus, A. gnomus e A. concolor incluindo, quando possível, variação sexual, bem como destacar características morfológicas que permitam uma determinação mais segura desses táxons. Foram analisados exemplares de pequenos Artibeus do Brasil e, sempre que possível, foram agrupados em amostras representativas das diferentes espécies descritas. O material analisado até o momento, está depositado no Laboratório de Chiroptera da UNESP de São José do Rio Preto; além do material já examinado, outras coleções deverão ser visitadas no intuito de se aumentar a amostragem das espécies em questão. De cada indivíduo, foram extraídas 11 medidas externas e 13 medidas cranianas, todas expressas em mm; além de um levantamento biogeográfico, com a ajuda dos livros de tombo da coleção. Até o momento, A. concolor se mostrou maior em 10 das 11 medidas analisadas, sendo facilmente separado das outras três espécies, que têm uma grande sobreposição entre si. Com relação à biogeografia, A. cinereus, teve uma maior distribuição, ocorrendo em três regiões diferentes, enquanto que as demais espécies têm ocorrência apenas no Norte, ocorrendo simpatricamente na cidade de Humaitá, no Amazonas. Com o aumento da amostragem deveremos verificar os critérios que permitam a diferenciação morfométrica e biogeográfica, facilitando a identificação do "status" atual de cada espécie.

Outros

185] A RAIVA EM MORCEGOS URBANOS NO ESTADO DO PARANÁ, BRASIL

BIANCONI, G. V.[1]; CARNEIRO, D.[2]; GUERRA, P. A.[3]; FELLINI, A.[4]

[1] UNESP RIO CLARO; [2] ZOOLOGIA, MÜLLERIANA: SOCIEDADE FRITZ MÜLLER DE CIÊNCIAS NATURAIS; [3] SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE DO PARANÁ, CENTRO DE SAÚDE AMBIENTAL; [4] SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE DO PARANÁ, LACEN

Dentre as lacunas existentes no conhecimento da associação entre morcegos e raiva, a carência de informações sobre a incidência desta zoonose em espécies de hábitos sinantrópicos chama a atenção. É comum, quando da análise de documentos oficiais, a separação dos morcegos em apenas dois grupos, hematófagos e não hematófagos; este fato, além de dificultar o entendimento do papel de cada espécie na epidemiologia da raiva, impede a elaboração de estratégias eficazes para o seu controle. A Secretaria de Estado da Saúde do Paraná, por meio do Centro de Saúde Ambiental (Divisão de Zoonoses), vem direcionando esforços na correta identificação dos quirópteros encaminhados para o diagnóstico da raiva, bem como na obtenção e análise dos dados bionômicos e corológicos desses indivíduos. Assim, de junho/2004 a junho/2005, foram analisados pelo Laboratório Central do Estado (LACEN), 134 exemplares procedentes de 29 dos 399 municípios paranaenses. Foram identificadas 13 espécies de três famílias: Phyllostomidae: Artibeus lituratus, Glossophaga soricina, Platyrrhinus lineatus, Sturnira lilium; Vespertilionidae: Eptesicus brasiliensis, Histiotus velatus, Lasiurus cinereus, Myotis nigricans; e Molossidae: Eumops auripendulus, Molossus molossus, Molossus rufus, Nyctinomops laticaudatus, Nyctinomops aff. aurispinosus. Destes, cinco indivíduos (3,7%) apresentaram diagnóstico positivo para raiva (métodos: imunofluorescência direta e/ou inoculação em camundongos), não havendo agressão humana em nenhum dos casos, a saber: 1) Molossus molossus, fêmea, Curitiba, 25/06/2004; 2) Tadarida brasiliensis, fêmea, Campo Largo, 16/11/2004; 3) Lasiurus cinereus, fêmea, Londrina, 28/01/2005, com dificuldades para voar; 4) Artibeus lituratus, n.d., Foz do Iguaçu, 30/05/2005, encontrado no chão da residência; 5) Artibeus lituratus, macho, Foz do Iguaçu, 20/06/2005. Grande parte dos quirópteros recebidos provém de espécies coloniais, sendo, na maioria das vezes, encontrados e/ou capturados em quintais ou no interior de residências – realidade que intensifica o risco de contato de indivíduos infectados com humanos e animais de estimação (cães e gatos). A expectativa é que, com o acúmulo de informações, um maior suporte aos programas de controle da raiva urbana seja dado, com campanhas eficientes de vacinação animal e monitoramento das espécies de morcegos potencialmente envolvidas na epidemiologia desta zoonose no estado. Em complemento, poderá se construir um cenário mais verdadeiro da distribuição dos táxons no Paraná.

[186] ESTADO DA ARTE DE QUIRÓPTEROS DO RIO GRANDE DO SUL

PACHECO, S. M.

BIOLOGIA/LAB. MASTOZOOLOGIA, UNISC/MCT-PUCRS

O Rio Grande do Sul é um dos três estados que constituem a Região Sul do Brasil, cuja área territorial tem 282.062 km². Faz divisa com o Uruguai, Argentina, Santa Catarina e com o Oceano Atlântico. A temperatura média anual é de 18ºC e o clima é subtropical. Até o momento, foram registradas 37 espécies de quirópteros, distribuídos em seis regiões geomorfológicas e pelo menos seis grandes regiões fitoecológicas, presentes em 496 municípios. No presente estudo, 95 municípios foram amostrados com coletas, a fim de confirmar as espécies presentes em coleções de referência. Dentre as espécies há Myotis ruber, na categoria vulnerável e, 10 na categoria de dados insuficientes. Carollia perspicillata, Myotis ruber, Myotis riparius, Platyrrhinus lineatus, Vampyressa pusilla, Anoura geoffroyi são consideradas raras, com baixa freqüência de captura e ocorrência nos municípios gaúchos. Outras como Desmodus rotundus, Tadarida brasiliensis, Molossus molossus, Artibeus lituratus, Artibeus fimbriatus, Glossophaga soricina e Lasiurus blossevillii são comuns em todo o Estado, e possuem alta freqüência de captura. Entre as espécies tipicamente capturadas em áreas florestais estão M. ruber e C. perspicillata; outras procuram seus abrigos em furnas e ocos de árvores como C. auritus, D. rotundus e A. geoffroy. As espécies Molossus molossus, T. brasiliensis, H. velatus, L. blossevillii são encontradas predominantemente em área urbana, enquanto D. rotundus, H. montanus, P. bilabiatum e C. auritus são mais comuns em áreas rurais. No entanto, o estudo mostra que, ainda, existem espécies a ser identificadas no Estado, pois há regiões como a área da Campanha, do Planalto das Missões e do Planalto Sul-Riograndense que estão insuficientemente amostradas, bem como, confirmar a presença de Vampyressa pusilla, Molossops temminckii, Eumops perotis, Eumops bonariensis e Myotis albescens, citadas por diversos autores, mas sem exemplares em coleções científicas. Conforme dados estatísticos, no Rio Grande do Sul, há pelo menos 20% de espécies a serem identificadas.

[187] EXPOSIÇÃO SOBRE OS QUIRÓPTEROS NO MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL E JARDIM BOTÂNICO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

CASSIMIRO, R.[1]; GUERRA, A.[2]; SALES, A.[3]

[1] INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS/UFMG, GRUPO DE EXTENSÃO E PEQUISAS ESPELEOLÓGICAS GUANO SPELEO - IGC/UFMG; [2] GRUPO DE EXTENSÃO E PESQUISAS ESPELEOLÓGICAS GUANO SPELEO – IGC/UFMG; [3] CENTRO DE EXTENSÃO (CENEX) DO MHNJB/UFMG

O Museu de História Natural e Jardim Botânico (MHNJB) da UFMG, localizado na área urbana do município de Belo Horizonte, está aberto ao público desde 1968. Em sua área de 600.000 m2, possui atualmente as exposições: Presépio do Pipiripau; Recursos Minerais de Minas Gerais; Paleontologia; Arqueologia; e desde de julho de 2004, com o objetivo de abordar a importância dos quirópteros, foi aberta a exposição intitulada "Morcegos: verdades e mitos". Montada numa sala de 35 m2, conta com 20 lugares para que o visitante possa assistir à projeção de 42 slides, na qual são destacados, dentre outros temas: a diversidade dos morcegos; seus hábitos alimentares informando o importante papel desempenhando por eles no meio ambiente, ressaltando o meio cavernícola. O visitante pode também ver 25 indivíduos de 14 espécies que estão conservados em álcool 70%, dentre desses exemplares são destacadas as 4 espécies capturadas na área do museu, a saber: Artibeus lituratus, Phyllostomus discolor, Platyrrhinus lineatus e o Glossophaga soricina. A exposição também possui uma rede de neblina armada ("mist-nets"), de 6 X 2,5 metros, que é utilizada para a explicação de um dos métodos de captura. Em geral, o maior interesse da população é saber sobre os hábitos alimentares dos quirópteros, principalmente dos hematófagos, também há a curiosidade de saber sobre o morcego que se alimenta de castanha e sobre as doenças que podem transmitir. Ao fim de cada explanação realizada pelos monitores do Programa de Educação Ambiental do MHNJB, percebe-se que muitos ouvintes ficam surpreendidos com a diversidade e importância dos quirópteros e observa-se que preconceitos são desmistificados. A entidade, no âmbito institucional, com a exposição "Morcegos: verdades e mitos", mais uma vez cumpre o seu papel, pois divulga para a comunidade o conhecimento científico.

[188] HEMATOFAGIA: OS CUSTOS DE SER UM MORCEGO VAMPIRO

CAMARGO, G.[1]; KUNZ, T.[2]; MICHENER, R.[3]; CRUZ-NETO, A.[4]

[1] CONSERVAÇÃO INTERNACIONAL - MS; [2] BOSTON UNIVERSITY, EUA; [3] STABLE ISOTOPE LABORATORY, BOSTON, EUA; [4] ZOOLOGIA, UNESP

Em morcegos filostomídeos, a diversificação da dieta está correlacionada com diversos atributos ecológicos, fisiológicos, comportamentais e morfológicos atualmente observados dentre as espécies desta família; A hematofagia é um hábito alimentar peculiar e sua evolução está associada ao surgimento de compromissos entre diversos aspectos morfológicos, ecológicos e fisiológicos. Do ponto de vista fisiológico, o catabolismo de uma dieta protéica necessita de grande quantidade de água e, dado à baixa taxa de conversão de energia, animais que se alimentam exclusivamente de proteínas requerem alta taxa de ingestão alimentar. Este problema é mais agudo em morcegos vampiros, devido a sua baixa capacidade de mobilizar reservas energéticas. A alta taxa de ingestão observada nestes morcegos, contudo, compromete a capacidade de vôo e a solução para este problema é perder peso o mais rápido possível através de uma alta taxa de perda de água pós-prandial. O que sobra de água deve ser necessário para manter o balanço hídrico e ser usada para o catabolismo de proteínas. Dentro deste quadro, o risco de desidratação torna-se um problema potencial e aparentemente podem ocorrer conflitos entre a manutenção do balanço energético e hídrico. Para testar esta hipótese, nós conduzimos estudos em laboratório e em campo com Desmodus rotundus, analisando a relação entre energética e balanço hídrico. Os resultados obtidos em laboratório, usando o método respirométrico, sugerem que o custo de vida deste animal é frugal, e que sua capacidade de manter o balanço energético depende do tempo de jejum e da variação temporal nos mecanismos utilizados para manter o balanço hídrico. Estudos de campo, com o método isotópico da água duplamente marcada, apontam taxas variáveis de ingestão alimentar, e uma baixa taxa diária de gasto energético, a qual é dependente da taxa diária de fluxo de água. Em conjunto, estes dados sugerem que 1) a evolução da hematofagia está correlacionada com a evolução de um metabolismo energético frugal. 2) O limite energético provavelmente deve-se a fatores intrínsecos. 3) A manutenção do balanço hídrico é mais prioritária, ocorrendo as expensas da manutenção do balanço energético. Suporte Financeiro: FAPESP (00/09988-8

[189] MORCEGOS: IMAGENS, PERCEPÇÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL

ROVIDA, J. C.[1]; CAMPELO, R. P. M.[2]; TAHARA, A. S.[3]; ELLYAN, P. M. N.[2]; ALVARENGA, L.[3]; NUNES, A. A. G.[3]

[1] BIOLOGIA, FAESA; [2] FAESA; [3] UFES

Este projeto foi realizado com a comunidade do entorno do Parque Estadual da Fonte Grande. Através de metodologias da antropologia visual e da história oral, registramos a percepção ambiental de um segmento da população de Vitória em relação aos morcegos. Foi montada uma tenda dentro da qual havia uma exposição fotográfica, imagens que representavam a grande maioria das 17 espécies de morcegos identificadas no inventário desenvolvido no projeto de pesquisa interinstitucional, que envolveu a FAESA, UFES, IPEMA, IBAMA, PMV e FACITEC. A tenda foi montada experimentalmente no Campus II da FAESA e no Parque Moscoso, para registrar a percepção de dois grupos distintos. Os passantes eram convidados a entrar na tenda, sentar-se em uma cadeira e ficavam sós durante alguns minutos olhando para as imagens. Suas expressões, assim como os depoimentos, foram registrados através de vídeo. Durante e após o desenvolvimento do projeto, observou-se que a comunidade do entorno do Parque tem um grande preconceito em relação aos morcegos e que este preconceito aliado ao desconhecimento sobre a história natural deste animal, pode ser responsável, muitas vezes, pela matança e até o extermínio de determinadas espécies. Os depoimentos registrados a partir da observação das fotografias demonstraram diversas reações como o medo, as crenças religiosas e o desconhecimento sobre a biologia e comportamento do animal. Como resultado desta metodologia, elaboramos um vídeo sobre percepções e importância ecológica dos morcegos que será utilizado nas campanhas de educação ambiental no entorno do Parque Estadual da Fonte Grande, localizado em Vitória, ES.

[190] OCORRÊNCIA DO MORCEGO VAMPIRO, DESMODUS ROTUNDUS (GEOFFROY, 1810), EM FRAGMENTO FLORESTAL URBANO EM VILA VELHA, ESPÍRITO SANTO

CARNEIRO, P. H. N. F.[1]; MOREIRA, R. P. G.[1]; RAMOS, R. J.[2]; OPREA, M.[3]

[1] INSTITUTO DA BIODIVERSIDADE - IBIO; [2] UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO - UFES; INSTITUTO DA BIODIVERSI; [3] PÓS-GRADUAÇÃO EM BIOLOGIA ANIMAL, UFES

A espécie mais comum de morcego vampiro, Desmodus rotundus (Geoffroy, 1810), é uma das mais bem estudadas no mundo, pois são associadas com freqüência a surtos de transmissão do vírus da raiva, além de possuirem ampla distribuição, ocorrendo do norte do México até o norte da Argentina. Normalmente suas colônias são pequenas contendo entre 10 e 50 indivíduos, contudo agrupamentos com 100 ou mais morcegos podem ocorrer principalmente em regiões onde o controle das populações não é feito com regularidade. Os objetivos deste trabalho são: (i) verificar a ocorrência de Desmodus rotundus no Parque Natural Municipal do Morro da Manteigueira, uma área de 168 hectares em Vila Velha – Espírito Santo, (ii) estimar o número de indivíduos das colônias existentes e (iii) verificar a possibilidade de contaminação pelo vírus da raiva da população da área do entorno do parque. Por se localizar em uma área altamente urbanizada, o estudo é importante para verificar a possibilidade da ocorrência de raiva no município. Para as capturas dos morcegos foram utilizadas redes de neblina. A estimativa das populações de morcegos foi feita por meio de contagem visual direta no período diurno no local de repouso da colônia. Para análise da presença do vírus da raiva foram utilizadas técnicas de imunofluorescência direta e exame indireto de inoculação intracerebral em camundongos. A ocorrência de ataques de morcegos hematófagos foi verificada por meio de entrevistas realizadas com moradores da região. Foram capturados 63 indivíduos de Desmodus rotundus durante as campanhas, porém a contagem visual no interior da gruta estimou aproximadamente 120 indivíduos. Os indivíduos submetidos aos exames não apresentaram vírus da raiva. As prováveis fontes de alimentação encontradas foram eqüinos, além de gambás (Didelphis aurita) capturados próximo à gruta. Apesar de não serem comuns, ataques a humanos também foram relatados pelas pessoas entrevistadas. Desta forma, esta colônia pode representar uma ameaça, caso passem a apresentar o vírus da raiva, para a comunidade da área de entorno, tanto para o município de Vila Velha quanto para a capital do estado, Vitória, devido à capacidade desses indivíduos de voar a longas distâncias.

[191] OCORRÊNCIA E DISTRIBUIÇÃO DE GLOSSOPHAGA SORICINA (PALLAS, 1766), - PHYLLOSTOMIDAE - NOS MUNICÍPIOS DE MORRO REDONDO E ARROIO GRANDE, RS, BRASIL

VILAGRAN, L. R.[1]; PISKE, A. D.[2]

[1] ECOLOGIA, UCPEL; [2] UFPEL

Glossophaga soricina (Pallas, 1766), apresenta uma dieta especializada em néctar de flores. Apesar da especialização a espécie também se alimenta de pólen, flores, frutos e insetos. A distribuição geográfica da espécie é ampla, ocorrendo desde a América Central, Caribe e América do Sul. No Rio Grande do Sul; foi citada para Porto Alegre, São Lourenço do Sul; Dom Pedro de Alcântara e Maquiné. Os exemplares foram coletados na região da Floresta Estacional Semi-Decidual (Serra do Sudeste), município do Morro redondo e na porção sul na zona de transição entre Planície Costeira e Serra do sudeste, município de Arroio Grande. No dia 29 de dezembro de 2004, município do Morro Redondo, em propriedade particular, foi coletado um exemplar de G. soricina, morto em frente à casa principal, já em estado de decomposição e sendo consumido por formigas. Espontaneamente a proprietária afirmou que dias atrás havia matado o espécime com repelente para insetos, no interior de sua casa. O exemplar foi coletado e levado para laboratório, onde se procedeu à limpeza e preparação do crânio para identificação. Durante o processo de preparação constatou-se a presença de mais três exemplares não identificados, no acervo do Museu da Universidade Católica de Pelotas, provenientes da granja Matarazzo, localizada no interior do Arroio Grande. Os exemplares foram identificados como G. soricina (Phyllostomidae), através de chaves sistemáticas. G. soricina até o presente momento tinha a sua distribuição limitada à cidade de São Lourenço do Sul-RS (31°18'S - 52°17'W). Com esses novos registros, para o Rio Grande do Sul, sua distribuição será ampliada até Arroio Grande (32°18'45"S - 52°56'15"W).

[192] PREDAÇÃO DE MOLOSSUS MOLOSSUS POR BUFO SCHNEIDERI.

SILVA, L. A. M.[1,5]; SANTOS, E. M. D.[3]; AMORIM, F. O.[3]; OLIVEIRA, VALLE, Y. B. M.[4]

[1] UNB; [2] UFRN; [3] UFRPE; [4] UFPE; [5] GEOGRAFIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

Poucos estudos foram realizados sobre predação de morcegos. Entre os organismos que podem predar morcegos temos carnívoros, marsupiais, primatas, aves de rapina, corujas, cobras e grandes lagartos, porém outros grupos generalistas e oportunistas podem ser potenciais predadores de morcegos. A grande maioria dos anfíbios é generalista, e são considerados forrageadores oportunistas, sendo a disponibilidade de presas o fator predominante na determinação da dieta, aliada às limitações mecânicas dadas pelo tamanho relativo da presa/predador. Durante o estudo de uma colônia de Morcegos em uma casa, localizada no Projeto de Irrigação Brígida, Município de Orocó, Região do Submédio São Francisco, no Semi-Árido Pernambucano, foi possível registrar a predação de Molossus molossus por Bufo schneideri. O evento ocorreu durante a noite do dia 29 de maio de 2005, entre as 18: 00 e 18:15 horas (temperatura do ar 24o). Foram colocadas ao redor da casa quatro redes de neblina, junto a esta casa havia uma fonte de luz que atraia alguns sapos, e esses ficavam distribuídos na área. Os indivíduos da colônia, ao saírem para forragear foram capturados pelas redes. Nesta ocasião um dos morcegos bateu na rede e caiu no chão, sendo capturado imediatamente por um Bufo schneideri que media 135,7 mm de CRA e com massa de 310g. Durante o evento de queda, os molossídeos tem dificuldades de lançar vôo, necessitando escalar até uma altura suficiente para poder voar, tornando-se assim presa fácil para os predadores que forrageiam na área. Até esse momento não havia registro de anuros predando morcegos.

[193] REFERÊNCIAS QUINHENTISTAS SOBRE MORCEGOS NO BRASIL

CASSIMIRO, R.

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS/UFMG, GRUPO DE EXTENSÃO E PEQUISAS ESPELEOLÓGICAS GUANO SPELEO - IGC/UFMG

As primeiras referências sobre os morcegos no Brasil foram escritas por viajantes oriundos do Velho Mundo ainda durante o primeiro século de colonização. Essas referências quinhentistas descrevem de forma minuciosa e singular vários aspectos das novas terras, incluindo observações sobre flora e fauna. Entretanto, a diversidade de animais e moléstias aos quais os europeus não estavam acostumados aos poucos transformou o que era um paraíso num verdadeiro inferno, povoado por seres exóticos, de acordo com a visão desses colonizadores. É é nessa perspectiva que se enquadram as primeiras referências sobre os morcegos. O alemão Hans Staden (1525-1576) foi quem fez o primeiro relato descrevendo os morcegos no Brasil, na obra "A verdadeira história dos selvagens, nus e ferozes devoradores de homens...", publicada em 1557. Possivelmente, a segunda referência sobre os quirópteros foi escrita pelo francês Jean de Léry (1534-1611), em seu livro "Narrativa de uma viagem feita à terra do Brasil, também dita América,...", publicado em 1578. A terceira referência encontrada foi escrita em 1587, pelo português Gabriel Soares de Sousa (1540?-1591), "Tratado descritivo do Brasil em 1587". Essas referências de morcegos do Novo Mundo expressam as opiniões e os receios dos primeiros exploradores das terras brasileiras. As três obras, mesmo que hoje cientificamente equivocadas em alguns aspectos, são de inegável valor histórico e até mesmo científico, pois correspondem às primeiras referências sobre os quirópteros no país, e contam com a descrição de algumas espécies até então desconhecidas no Velho Mundo. Apesar de muito impressionados com os morcegos, os estrangeiros reforçam sua visão particular de ver o Novo Mundo, visão essa que não considera os animais uma parte perfeitamente integrada ao seu ecossistema, como atualmente buscamos entender.

[194] REGISTRO DE ALBINISMO EM GLOSSOPHAGA SORICINA (PALLAS, 1766) (PHYLLOSTOMIDAE: GLOSSOPHAGINAE) NO NORDESTE DO BRASIL.

SILVA, L. A. M.[1]; CRUZ, M. A. M.[2]; VALLE, Y. B. M.[3]

[1] UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA; [2] DEPARTAMENTO DE MORFOLOGIA E FISIOLOGIA ANIMAL, UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO; [3] UFPE

Registros de albinismos em morcegos são raros, a literatura cita a ocorrência de apenas 40 espécies e 67 casos no mundo. No Brasil os registros são esporádicos e não há o estudo do comportamento dos indivíduos albinos na natureza. Durante os trabalhos de campo de monitoramento da fauna do Bioma Caatinga, foi localizada uma colônia de Glossophaga soricina, constituída por cerca de 100 indivíduos, que ocupava um dos quartos de uma casa desocupada localizada nas proximidades da Área de Reserva Legal do Projeto de Irrigação de Apolônio Sales, na região do Submédio São Francisco, Município de Petrolândia, em Pernambuco. Nela foram detectados dois indivíduos albinos, e deles uma fêmea foi capturada em fevereiro do presente ano e depositada na coleção de mamíferos da UFRPE. A fêmea coletada apresentava olhos vermelhos, pelos brancos e membrana rosada. No mês de maio foi constatado que o outro indivíduo albino permanecia na colônia. Durante o período de coleta de dados foi possível registrar momentos de interação entre o indivíduo albino e os demais membros da colônia. Alguns padrões comportamentais de interação social se sobressaíram como o "pousar em contato direto" e "limpeza do corpo" com indivíduos não albinos.

[195] REPRODUÇÃO DE CHROTOPTERUS AURITUS EM CATIVEIRO (CHIROPTERA, PHYLLOSTOMIDAE)

ESBÉRARD, C. E. L.[1]; ALMEIDA, J. A.[1]; FERREIRA, L. C.[1]; COSTA, L. M.[1]; MOTTA, A.[2]

[1] UERJ; [2] ECOLOGIA, UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Menos de 5% das cerca de 1001 espécies de morcegos possuem dados satisfatórios sobre a biologia reprodutiva e menos de 20 espécies tem registros publicados sobre sua manutenção com sucesso em cativeiro. A manutenção em cativeiro de Chrotopterus auritus é inédita e vem complementar o conhecimento sobre espécie praticamente desconhecida. As poucas observações sobre a reprodução desta espécie em liberdade indicam um padrão reprodutivo monoestral e variando geograficamente, com os nascimentos ocorrendo na época de chuvas. Exemplares de Chrotopterus auritus tem sido mantidos desde 1999 em gaiolas de tela de arame de ½" (90 x 60 x 80 cm) em casais ou machos solteiros. As gaiolas são mantidas em sala sob fotoperíodo natural, com temperatura variando de 27 a 31oC e umidade variando de 75 a 90%. Os morcegos foram alimentados com camundongos adultos recém-abatidos, complementado diariamente com camarões desidratados ou frescos e, eventualmente com baratas criadas em laboratório. Até o momento cinco partos foram observados, dois em novembro e três em janeiro, envolvendo três diferentes fêmeas. Os intervalos entre partos consecutivos variou de 369 a 764 dias, sendo o menor observado em fêmea cujo neonato morreu logo após o parto. Cópulas foram observadas de 11,5 a 16 meses após o nascimento e nos meses de maio, junho, julho e setembro, demonstrando ser a espécie poliestrica. A gestação nesta espécie é superior a sete meses, visto terem as fêmeas partos a intervalos de 207 a 270 dias após o isolamento dos machos. A maturidade sexual foi observada em uma fêmea com idade de 16 meses. O neonato apresentou 22 g de peso e 39,28 mm de comprimento do antebraço, correspondendo a respectivamente 24,2% e 47% da reprodutora. Aos 43 dias de idade o filhote já apresenta cerca de 82% do peso do adulto e 99% do comprimento do antebraço da reprodutora. A aceitação de alimento sólido foi observada com a idade de 95 dias. Estes dados indicam que esta espécie apresenta reprodução poliestrica, sazonal, com longa gestação e longo período de lactação, resultando em apenas um parto por fêmea a cada dois anos.

Primates

Comportamento

[195] ANÁLISE PRELIMINAR DE RESPOSTAS ANTI-PREDATÓRIAS A ANIMAIS TAXIDERMIZADOS EM ALOUATTA GUARIBA CLAMITANS CATIVOS.

SILVA, E. D. F.[1]; OLIVEIRA, D. A. G.[2]; HIRANO, Z. M. B.[3]

[1] CIÊNCIAS NATURAIS, CEPESBI-FURB(UNIV. REGIONAL DE BLUMENAU) PREF.MUNICIPAL DE INDAIAL; [2] CEPESBI-UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU; [3] CEPESBI-UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU

Primatas criundos de cativeiro reintroduzidos em ambientes naturais são altamente suscetíveis a predação, provavelmente por não reconhecerem os predadores. A necessidade dos primatas reconhecerem os predadores fez com que viéssemos a estimular e descrever o comportamento do bugio (Alouatta guariba clamitans) em contato visual com um suposto predador. Para tanto, quatro machos e duas fêmeas adultos, alojados no Centro de Pesquisas Biológicas de Indaial (CEPESBI), foram expostos a dois animais taxidermizados de tamanho similar: um predador (Leopardus pardalis) e um não-predador (Hydrochaeris hydrochaeris), e a um terceiro estímulo, neutro, como controle (caixa vazia). Os estímulos foram colocados dentro de uma caixa com abertura controlada manualmente. Após contato com a caixa fechada, os animais foram expostos aos estímulos, a uma distância média de três metros do cativeiro, sendo anotados os comportamentos por 10 minutos antes e 10 minutos após a abertura da caixa, fechada ao término da observação. Não foi detectada uma associação entre a caixa e os estímulos que deixasse os bugios em estresse pré-experimental. Ocorreram respostas significativas aos animais taxidermizados em relação ao controle: pilereção, emissão de latidos e aumento de locomoção. Não foram observadas diferenças significativas entre as respostas emitidas para a capivara e a jaguatirica. A aparente falta de distinção entre a capivara e a jaguatirica pode ser devido a: a) parte dos animais testados ter chegado ao centro imaturos, o que indica pouca ou nenhuma experiência com predadores; b) bugios oriundos de matas distantes dos rios não terem contato com capivaras. Estes dados fornecem subsídios para o enriquecimento ambiental e futuras reintroduções de animais cativos.

[197] COMPORTAMENTO GERAL DE UM GRUPO DE BUGIOS (ALOUATTA GUARIBA CLAMITANS) REINTRODUZIDOS

SILVA, M. D. F.[1]; KORTE, A.[1]; NETTO, V. F. B.[1]; OLIVEIRA, D. A. G.[1]; SOUZA-JUNIOR, J. C.[2]; HIRANO, Z. M. B.[2]

[1] CIÊNCIAS NATURAIS, CEPESBI-FURB(UNIV. REGIONAL DE BLUMENAU)-PREF.MUNICIPAL DE INDAIAL ; [2] CEPESBI - DEPTO DE CIÊNCIAS NATURAIS FURB / PREF. MUNICIPAL DE INDAIAL

Raros são os trabalhos de reintrodução que realizam um estudo de acompanhamento do comportamento a longo prazo dos animais, sendo a avaliação continuada de fundamental importância na geração de subsídio para reavaliação dos processos de reabilitação e manejo dos animais em processos de pré reintrodução.Este trabalho teve por objetivo analisar o comportamento, o uso do espaço e a coesão de um grupo de Alouatta guariba clamitans reintroduzidos no Parque Municipal São Francisco de Assis, um fragmento de 65,08 ha de floresta ombrófila densa, localizada no centro do município de Blumenau, SC. O grupo de estudo constituía-se de um casal reintroduzidos a quatro anos e seus dois filhotes nascidos em ambiente natural (1 juvenil e 1 infante). O grupo foi acompanhado 4 dias por mês durante 12 horas, por 7 meses, entre out/2004 e jun/2005. Neste período registrou-se pelo método de varredura, a intervalos de 20 minutos, o comportamento geral (alimentação, locomoção, descanso e interação social), a distância entre os indivíduos (encostado, ao alcance do braço e além do alcance do braço) e o local do grupo no parque, dentro de um grid de 20x20 m. Um total de 156 horas de observação, com 1458 instantes de amostragens, foi registrado. Os animais passaram 68,8% do tempo em descanso, 21,5% em locomoção, 7,4% em alimentação e 4,7% em interação social. O estudo de distanciamento entre os membros do grupo mostrou alta freqüência da categoria além do alcance do braço (83,13%), sendo que as categorias encostado e ao alcance do braço não apresentaram diferença significativa (9,4% e 7,4% respectivamente). O macho adulto foi o animal que se mantave mais distante dos outros e apresentou os menores percentuais das categorias encostado e ao alcance do braço (8,5% e 6,8% respectivamente). Os demais indivíduos apresentaram valores percentuais semelhantes em ambas categorias citadas. O grupo ocupou 3,28 ha de área total, durante os sete meses de estudo. Deste total, 0,56 ha foram os mais utilizados, com 51,9% do total das amostragens. Os resultados encontrados assemelham-se aos observados nesta subespécie em animais não reintroduzidos, demonstrando uma eficiência no processo de reintrodução.

[198] DESLOCAMENTO TERRESTRE EM MURIQUI-DO-NORTE EM UM FRAGMENTO DE MATA EM SANTA MARIA DE JETIBÁ / ES.

ALMEIDA-SILVA, B.[1]; DAZILIO, H. F. G.[2]; MENDES, S. L.[3]; BOUBLI, J. P.[4]

[1] ANTROPOLOGIA, MUSEU NACIONAL / UFRJ; [2] INSTITUTO DE PESQUISAS DA MATA ATLANTICA - IPEMA; [3] DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, UFES.; [4] MUSEU NACIONAL / UFRJ

O muriqui (Brachyteles spp.), é o maior primata neotropical e sua distribuição está restrita aos domínios da Mata Atlântica. Encontra-se criticamente ameaçado de extinção, devido à fragmentação do habitat e caça. É uma espécie arborícola, raramente sendo avistados descendo ao chão. Entretanto, entre outras pressões, a constante fragmentação tem conduzido os muriquis até ao chão, para que estes possam se locomover de um fragmento à outro em busca de melhores recursos. O objetivo desse trabalho é descrever seis eventos de deslocamento terrestre observados para o muriqui-do-norte. As observações foram realizadas durante um acompanhamento sistemático de um grupo de 15 indivíduos, entre maio /2004 à abril /2005, em um fragmento de Mata em Santa Maria de Jetibá, ES. Todos os indivíduos puderam ser avistados descendo ao chão para a travessia de um fragmento a outro, inclusive as fêmeas com infantes. Em todas as observações os indivíduos estavam bem alerta e apreensivos, sempre tendo um indivíduo de "guarda" e quando no chão, correm e rapidamente sobem na árvore mais próxima. Em um dos eventos registrados foi possível observar o bipedalismo por um indivíduo, macho adulto, que fez mais da metade da travessia desta forma. Observações sobre deslocamento terrestre em muriqui vêm sendo notificadas ao longo do tempo para outras áreas de estudos. Informações e novos registros colaboram para a compreensão deste comportamento, que permite a espécie usar meios não tão ideais em busca de melhores recursos.

[199] EFEITO DA VISITAÇÃO PÚBLICA SOBRE O COMPORTAMENTO ALIMENTAR DE CEBUS NIGRITUS (PRIMATES; CEBIDAE) NO PARQUE ESTADUAL DO RIO DOCE, MG

FERREIRA, R.L.Z.; SCOSS, L.M.; COLOMBINI, F.R.X.; ZAPPES, C.A.

LABORATORIO DE ECOLOGIA, UNIVERSIDADE VALE DO RIO DOCE-UNIVALE

Iniciamos em 2004, a partir de uma demanda do Instituto Estadual de Florestas (IEF) de Minas Gerais, um estudo sobre as possíveis influências da visitação pública do Parque Estadual do Rio Doce (PERD) sobre o comportamento do macaco-prego (Cebus nigritus). Avaliamos a relação entre a intensidade de uso do PERD por visitantes sobre o comportamento alimentar de C. nigritus. Utilizamos o método de amostragem scan para o registro dos padrões comportamentais de dois grupos de macaco-prego, durante os meses de Abril a Agosto/2004 e Fevereiro a Junho/2005, totalizando 54 horas de observação (n=219). Os comportamentos e o número de visitantes presentes durante a amostragem foram anotados e, posteriormente, analisados utilizando o teste Qui-Quadrado de Independência (qui-quadrado). Para testar a hipótese que a intensidade turística no PERD interfere no comportamento de C. nigritus, dividimos as observações em categorias de busca de alimento, forrageio natural e não-natural (lixeira, quiosque com churrasqueira, restaurante, barracas), e origem e forma de obtenção do alimento (natural, doado e oportunista). Os resultados indicam que há diferenças nos padrões de alimentação do macaco-prego em função da presença dos visitantes (qui-quadrado=16,34; g.l.=8; p<0,05), que intensificam o uso de alimentos não-naturais quando um número maior de visitantes está presente na área de estudo (qui-quadrado=45,89; g.l.=2; p<0,05). Entretanto, não há efeito do número de visitantes sobre os tipos de forrageamento observados em C. nigritus (qui-quadrado=25,07; g.l.=15; p<0,05), ressaltando a importância do ambiente como principal fonte de recursos. O número de visitantes durante os dois períodos de amostragem foi diferente (qui-quadrado=202,68; g.l.=4; p<0,05), alterando o comportamento alimentar de C. nigritus, que utilizou com maior freqüência às lixeiras (qui-quadrado=19,68; g.l.=3; p<0,05) e intensificou o comportamento oportunista na época de maior visitação pública (qui-quadrado=45,90; g.l.=2; p<0,05). Concluímos que o comportamento do macaco-prego no PERD é influenciado pelo uso da área por visitantes, e que a adaptabilidade, tipicamente observada neste gênero, favorece a interação destes frente a diferentes condições ambientais. Entretanto, é necessária a adoção de um programa de monitoramento do uso da área, pelos visitantes, para minimizar os impactos sobre as populações e processos naturais, cumprindo assim, os objetivos da unidade de conservação.

[200] FORMAÇÃO DE BANDO MISTOS EM FRAGMENTO FLORESTAL EM PORTO VELHO/RO ENTRE MICO NIGRICEPS, SAGUINUS FUSCICOLLIS, CALLICEBUS BRUNNEUS E PITHECIA IRRORATA

OLIVEIRA, M. A.[1]; GOMES, I. B. S. R.[2]; MESSIAS, M. . R.[2]

[1] BIOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA; [2] UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

Algumas espécies de primatas costumam formar bandos mistos que são considerados uma adaptação para que ocorra um balanço ótimo entre proteção contra predadores e melhor eficiência no forrageio e alimentação. Essa formação pode trazer tanto benéficos como custos para as espécies associadas. Este estudo apresenta dados preliminares do sistema de forrageio de bandos mistos dos primatas ocorrentes em um fragmento de floresta ombrófila aberta de terras baixas localizado no município de Porto Velho, situado à direita de BR 364, km 9,5 sentido Rio Branco, abrangendo o Campus da Universidade Federal de Rondônia (E=396683,14/N=923094,394). Quatro espécies pertencentes a duas famílias foram observadas em bando misto: família Callitrichidae: Mico nigriceps sagüi-de-cabeça-preta e Saguinus fuscicollis soim-preto, e família Pitheciidae: Callicebus brunneus zogue-zogue e Pithecia irrorata macaco-velho ou parauacú. Os dados foram coletados através da metodologia de amostragem ad libitum proposta por Altmann em 1974. Foram registrados as freqüências e tipos de formações de bando mistos durante 24:29 horas de esforço amostral, ocorrendo 12:14 horas de observação. Onze bandos mistos foram registrados em atividade de forrageio, sendo oito (73%) formados por M. nigriceps e S. fuscicollis, um (9%) de C. brunneus e S. fuscicollis, um (9%) de M. nigriceps, S. fuscicollis e C. brunneus e um (9%) de M. nigriceps, S. fuscicollis e P. irrorata. M. nigriceps, S. fuscicollis obtiveram uma maior freqüência de avistamentos (73%), visto que ambas as espécies utilizam o mesmo estrato arbóreo e possuem dieta semelhante. Na formação de M. nigriceps, S. fuscicollis e P. irrorata foi observado que por P. irrorata ser um primata de maior porte e por apresentar uma maior especialização à dieta frugívora era capaz de romper o exocarpo dos frutos de Passiflora coccinea maracujá-do-mato, enquanto que M. nigriceps por ser um primata de pequeno porte e menos frugívoro não conseguindo romper o exocarpo dos frutos, alimentava-se somente do endocarpo após P. irrorata, se beneficiando, desta forma, desta associação. P. irrorata, por sua vez, aparentemente se beneficia com a associação com M. nigriceps e S. fuscicollis, visto que há indícios que estes exploram de forma mais eficiente P. coccinea, recurso adensado em manchas.

[201] OS PRIMEIROS SETE MESES DE UM INFANTE DE ALOUATTA GUARIBA (HUMBOLDT, 1812): INTERAÇÕES E DESENVOLVIMENTO DOS PADRÕES COMPORTAMENTAIS

MIRANDA, J. M. D.[1]; AGUIAR, L. M.[1]; LUDWIG, G.[1]; MORO-RIOS, R. F.[1]; PASSOS, F. C.[3]; MIRANDA, J.[4]

[1] PG-ZOOLOGIA/UFPR; [2] BIOLOGIA/UFPR; [3] DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA/UFPR; [4] ZOOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

O estudo do desenvolvimento e das interações do infante primata com a mãe e demais membros do grupo social tem importância na etologia e na demografia da espécie, apresentando profundas conseqüências em sua conservação. O objetivo deste trabalho foi estudar o desenvolvimento de um infante de Alouatta guariba (Humboldt, 1812), subespécie A. g. clamitans, em vida livre, seus comportamentos e interações durante os primeiros sete meses de vida, em um remanescente de Floresta Ombrófila Mista, Estado do Paraná, sul do Brasil (25o29'52"W e 49o39'24"S). Através do método de varredura instantânea com intervalo de cinco minutos, totalizou-se 46 horas e 15 minutos de observações diretas (555 registros individuais). Durante os primeiros dias de vida, o infante esteve 100% do tempo agarrado ao ventre de sua mãe. Ao fim do primeiro mês ele ficou 60% no ventre e 30% no dorso da mãe. No quinto mês de vida o infante apresentou-se 90% do tempo independente de sua mãe, neste mesmo mês ele mostrou uma pequena porcentagem de todos os padrões comportamentais típicos desta espécie (descanso, alimentação, deslocamento e interações sociais). Estas proporções cresceram até que ao sétimo mês de vida passaram a se assemelhar, proporcionalmente, ao de um indivíduo juvenil. O primeiro registro de alimentação sólida foi ao primeiro mês de vida. A funcionalidade da cauda também foi registrada neste mês. Alguns registros de cuidados alomaternais foram tomados, sendo que a maioria destes foram feitos por indivíduos juvenis machos, que foram reconhecidos como irmãos maternos do infante. Este estudo mostra alguns dados pouco conhecidos para esta espécie em vida livre, contribuindo para o incremento no conhecimento, além de gerar comparações no cuidado parental nas diferentes espécies do gênero Alouatta.

[202] RAPID HABITUATION OF SCAN BEHAVIOUR IN CAPTIVE BLACK TUFTED-EAR MARMOSETS (CALLITHRIX PENICILLATA) FOLLOWING BRIEF PREDATOR ENCOUNTERS

DACIER, A. K.[1]; MAIA, R.[2]; AUGUSTINHO, D. P.[3]; BARROS, M.[3]; DACIER, A.[4]

[1] UNIVERSIDADE DE BRASILIA ; [2] UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA; [3] DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS FARMACEUTICAS, UNIVERSIDADE DE BRASILIA; [4] PRIMATOLOGIA, DEPARTAMENTO DE CIENCIAS FISIOLOGICAS, UNIVERSIDADE DE BRASILIA

Callitrichids are small-bodied neotropical primates susceptible to a wide range of potential predators. As direct observations of predation in the wild are rare, the influence of predation risk upon callitrichids' behavioral ecology stems mainly from indirect evidences; i.e. from the diversity and complexity of their anti-predation strategies. Vigilance, particularly visual scanning, has often been proposed as an anti-predator behaviour. In fact, events like unsuccessful attacks and various predator-related stimuli have been reported to have behavioural effects on Callitrichids. Therefore, to determine the effects of a predator encounter on the scanning of captive adult black tufted-ear marmoset (Callithrix penicillata), subjects home-caged in an outdoor/semi-indoor naturalistic housing system were tested prior, during and following brief repeated exposures to a taxidermized oncilla cat (Leopardus tigrinus) and the response pattern compared to that induced by a neutral object (small stuffed bear-like toy). For each stimulus, three 9-min home-cage trials were conducted e"48 h apart. Each trial was divided into three consecutive 3-min intervals: pre-exposure baseline observation, stimulus exposure, and post-exposure observation period. Post-exposure scan duration increased during the first two predator confrontations, while scan frequency increased significantly only after the first. Scan behavior remained constant within the last predator encounter, as it also did within and between the three neutral stimulus exposures. Although marmosets scanned significantly more often and longer after encountering the predator than the neutral stimulus, this response rapidly habituated by the second trial. Therefore, black tufted-ear marmosets in a familiar environment rapidly habituate to brief repeated predator encounters, possibly minimizing anti-predation costs once the degree of a potential threat has been adequately assessed.

[203] SPONTANEOUS TOOL USE OF WILD CAPUCHIN MONKEYS (CEBUS LIBIDINOSUS) IN A CERRADO REGION OF CENTRAL BRAZIL

DACIER, A. K.[1]; WAGA, I. C.[1]; PINHA, P. S.[1]; TAVARES, M. C. H.[1]; DACIER, A.[2]

[1] UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA; [2] PRIMATOLOGIA, DEPARTAMENTO DE CIENCIAS FISIOLOGICAS, UNIVERSIDADE DE BRASILIA

Tool use in nature is a rare behaviour in mammals found only in a few species of non-human primates. Among monkeys, accounts of tool use are generally anecdotal or idiosyncratic. Capuchins stand out as a group with enhanced manual dexterity, high manipulative tendency and high tolerance in foraging contexts. Such traits may allow for more opportunities to exhibit tool use more systematically in nature. In this report, we documented the stone pounding of dry fruits in two wild free-ranging groups of Cebus libidinosus in the Brasília National Park, a preserved area representative of the Cerrado biome of Central Brazil. Episodes of nut-cracking were registered by all-occurrences sampling. In 2004 we registered 2 episodes in which four monkeys used stones to pound nuts open. In 2005, over 40 contact hours, we recorded five pounding episodes of two monkeys. The majority of pounding episodes in this year involved the macauba nut (Acrocomia aculeata). Observations of tool using over the course of two consecutive years by some individuals indicate that this could be a habitual behaviour of the studied groups. We propose that the probability of pounding stone tool use emergence should not be bound to one sole factor as the most important one in propitiating this phenomenon. Conversely, we view tool use occurrence as depending on many ecological variables that interact in complex ways. In addition, we discuss the conditions in Cerrado that may enhance tool use in capuchin monkeys.

Conservação

[204] USO DE ÁREA E EMISSÃO DE VOCALIZAÇÕES DE LONGO ALCANCE EM ALOUATTA GUARIBA CLAMITANS NO MORRO GEISLER (INDAIAL, SC)

FERREIRA, E. C.[1]; CORREA, I. C.[2]; PEREIRA, E. L.[2]; TORTATO, F. R.[2]; KOEHLER, E.[2]; OLIVEIRA, D. A. G.[2]; HIRANO, Z. M. B.[1]

[1] DEPTO. DE CIÊNCIAS NATURAIS , CEPESBI - DCN-FURB / PREF. MUNIC. DE INDAIAL; [2] CEPESBI - DCN-FURB / PREF. MUNICIPAL DE INDAIAL

A comunicação é muito importante no estudo da vida social dos bugios. Por viverem em florestas, as vocalizações de longo alcance são essenciais. Tendo em vista esta questão, foram analisadas as emissões de longo alcance por Alouatta guariba clamitans em ambiente natural e a relação destas com o uso de área, no Morro Geisler, Indaial, SC. Este estudo envolveu cinco meses de coleta dos grupos Pedreira e Huebes e dois meses do grupo Licurana. Foi usado o método de varredura a cada 20 minutos, sendo anotados os comportamentos gerais, e todas as ocorrências de vocalizações de longo alcance (rugido, latido e misto). Em cada observação anotava-se a localização em um grid de 50 x 50 m. Foram realizadas 480 horas de observação, divididos em 468, 540 e 144 instantes de amostragem e 32 episódios de vocalizações, divididos em 9, 8 e 15 para Pedreira, Huebes e Licurana respectivamente. Foram comparados os comportamentos dos grupos Pedreira e Huebes (o número de instantes para Licurana foi insuficiente), havendo uma diferença significativa entre eles: maior proporção de descanso e menor de locomoção para o grupo Huebes, enquanto o tempo alocado para alimentação e interações sociais foi similar entre os dois grupos. Enquanto Huebes e Licurana ocuparam 3,25 ha, Pedreira ocupou 5,5 ha ao longo do período de estudo. Contudo, ponderado por dias de amostragem obteve-se Licurana: 0,81, Pedreira: 0,42 e Huebes: 0,21 ha/dia. Levando-se em conta o número de indivíduos em cada grupo, temos Licurana: 0,11, Pedreira: 0,08 e Huebes: 0,05 ha/dia/indivíduo. Quanto às vocalizações, ocorreram predominantemente pela manhã, sendo o rugido predominante em todos os grupos (62,1% das emissões). Os machos iniciaram todos os episódios, sendo que as fêmeas participaram da maioria destes, a exceção do Huebes, onde a fêmea pouco participou. Houve pouca relação entre uso e vocalização nos quadrantes pelos grupos, a exceção do Huebes, onde houve correlação positiva entre uso e vocalização nos quadrantes. Nos outros dois grupos, as vocalizações ocorreram predominantemente em quadrantes periféricos da área de uso. Assim, os padrões de vocalização refletem diferenças no uso de área entre os grupos de bugios.

[205] ANÁLISE DA REPRESENTATIVIDADE DAS ESPÉCIES DE PRIMATAS BRASILEIROS AMEAÇADOS DE EXTINÇÃO EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

HIRSCH, A.[1,2]; GIOVANNINI, R. R.[1]; PEDERSOLI, G.H.P.[1,2]; FERREIRA, F.K.[2]

[1] DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA / ICB UFMG; [2] ICBS / PUC-MG

Atualmente existem no Brasil cerca de 912 unidades de conservação (UCs), das quais 291 estão na categoria de Proteção Integral e 621 na de Manejo Sustentado. Em termos de primatas, 10 espécies estão Criticamente em Perigo, seis Em Perigo e 10 Vulneráveis, além de sete espécies Próximas de Ameaçadas e 16 com Dados Deficientes. O objetivo deste trabalho foi investigar a representatividade dos primatas brasileiros ameaçados de extinção em unidades de conservação. Foram utilizadas como fontes a Lista Oficial da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção de 2003 e os registros catalogados no BDGEOPRIM (Banco de Dados Georreferenciado das Localidades de Ocorrência de Primatas Neotropicais). Os resultados mostram que as UCs que abrigam mais espécies ameaçadas são de Proteção Integral: Parques Nacionais (13 espécies), Reservas Biológicas Federais (12 espécies) e Parques Estaduais (7 espécies). Em termos de primatas, das espécies Criticamente em Perigo, Callicebus barbarabrownae ocorre em apenas uma UC e C. coimbrai, em nenhuma. Todas as espécies Em Perigo ocorrem em duas ou mais UCs. No entanto, três das espécies Vulneráveis, Cacajao calvus calvus, C. c. novaesi e Saimiri vanzolinii, ocorrem em apenas uma única UC. Por outro lado, Alouatta guariba clamitans e Cebus nigritus nigritus, ambas na categoria de Próximas de Ameaçadas, são as espécies mais bem representadas, a primeira em 70 UCs e a segunda em 57 UCs. Entretanto, dos 16 primatas com Dados Deficientes, quatro se encontram em apenas duas UCs, três em apenas uma, e nove não se encontram em nenhuma UC. Esta análise comparativa aponta para uma necessidade urgente de criação de mais UCs destinadas à proteção das espécies de primatas mais ameaçadas, além de sugerir a necessidade de estudos específicos e um re-enquadramento das espécies menos ameaçadas para categorias hierarquicamente superiores. Em termos gerais, conclui se que o nível de classificação dos primatas brasileiros em categorias de ameaça é incongruente com a sua representatividade em UCs.

[206] ANÁLISE DA REPRESENTATIVIDADE DAS ESPÉCIES DE PRIMATAS BRASILEIROS AMEAÇADOS DE EXTINÇÃO POR BIOMA

HIRSCH, A.[1,2] ; ALENCAR, L. R. V.[1]; DIAS, C. J.[1]

[1] DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA / ICB, UFMG, [2] ICBS / PUC-MINAS

O Brasil possui uma área de 8.514.876,6 km2, ocupando cerca da metade da América do Sul e abrangendo zonas biogeográficas distintas, os biomas. No território brasileiro ocorrem seis deles: Floresta Amazônica, Mata Atlântica, Cerrado, Caatinga, Pantanal Matogrossense e Campos Sulinos. Em virtude da intensa ação antrópica através da urbanização, industrialização e fragmentação de habitats, estas áreas sofrem danos praticamente irreparáveis. Apenas como exemplo, da área original dos biomas da Mata Atlântica e do Cerrado restam hoje menos de 10%, sendo este um dos motivos que os torna hotspots de biodiversidade. Primatas são animais exigentes em termos de habitat, agindo como indicadores de qualidade ambiental. Assim, uma alta diversidade de espécies e um baixo grau de ameaça indicam uma área com pouca degradação dos serviços ecológicos. O objetivo aqui foi analisar a representatividade dos primatas brasileiros ameaçados de extinção em cada bioma. Foram utilizadas como fontes a Lista Oficial da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção de 2003, os registros catalogados no BDGEOPRIM (Banco de Dados Georreferenciado das Localidades de Ocorrência de Primatas Neotropicais) e o Mapa de Vegetação do Brasil de 1995. Os resultados mostram que das 135 espécies de primatas brasileiros, 73,3% ocorrem na Floresta Amazônica, 14,8% na Mata Atlântica, 4,4% no Cerrado, 3,7% na Caatinga, 3,0% no Pantanal Matogrossense e 0,7% nos Campos Sulinos. Por outro lado, em termos de primatas ameaçados de extinção, a Caatinga apresenta 80% das suas espécies nesta situação; a Mata Atlântica, 75%; o Cerrado, 50%, e a Floresta Amazônica, 11,1%. Não há ocorrência de espécies ameaçadas nos Campos Sulinos e no Pantanal Matogrossense. A maior parte das espécies de primatas ameaçados presentes na Mata Atlântica, Cerrado e Caatinga encontra-se na categoria de Criticamente em Perigo, enquanto que na Floresta Amazônica, a predominância ocorre na categoria de Vulnerável. Das sete espécies Próximas de Ameaçadas, três ocorrem na Mata Atlântica e quatro na Floresta Amazônica. Além disso, todas as espécies com Dados Deficientes também se concentram neste último bioma. Então, pode se concluir que os primatas amazônicos são os que devem receber uma atenção urgente e estudos mais específicos.

[207] CONDIÇÕES DE CONSERVAÇÃO DO COATÁ-DE-CARA-BRANCA (ATELES MARGINATUS), NO PARQUE CRISTALINO-MT

PAGGI, L. C.[1]; JR, D. B. J. B.[2]; MELLO, M. B. M.[3]; SANTOS, R. R. S.[2]; PERES, C. A. P.[3]; DE LUCA, A.S.[4]

[1] PREF. ALTA FLORESTA; [2] UNEMAT; [3] UNIVERSIDAE DE INGLATERRA; [4] CIENCIAS BIOLÓGICAS, UNEMAT

O coatá-de-cara-branca (Ateles marginatus) ocorre no Norte e Oeste do Pará e Norte de Mato Grosso, a Oeste do baixo Rio Tocantins/ Araguaia e a Leste do Rio Teles Pires/ Tapajós, é considerada espécie em perigo de extinção, é carente de um conhecimento detalhado quanto à sua distribuição, densidade populacional e seus hábitos. Os trabalhos foram conduzidos entre os meses de agosto de 2004 a março de 2005, no Parque Estadual do Cristalino com área de 184.900 ha, localizado nos municípios de Alta Floresta e Mundo Novo. Foram feitas quatro trilhas utilizando-se o método de transectos lineares, à margem direita do rio Cristalino numa área de reserva de 2.000 alqueires, em floresta primária próxima a uma serra, distante de Alta Floresta a 82 km. As trilhas totalizaram 9,5 km (tamanho total do transecto). As atividades de campo foram das 6:00 h às 16:00 h, com 8:00 h de esforço diário, em caminhada lenta, com algumas paradas, num ritmo de aproximadamente 800 m/h. O registro dos primatas eram feitos com auxílio de binóculos, e anotações em planilha, para registrar a localização no transecto, distancia, número de indivíduos, idade e sexo. Após sete meses de pesquisa foram realizadas 7 visitas na área, com 14 dias, 112 horas de esforço de campo e 133 km de percurso no transecto. Foram detectados 37 indivíduos de Ateles marginatus, total de 30 adultos e 7 jovens. Foram também detectados mais 5 outras espécies de primatas: Callithrix emiliae, Cebus apella apella, Chiropotes albinasus, Callicebus moloch e Alouatta seniculos e 11 espécies de outros grupos de mamíferos. Foram ministradas 8 palestras em diferentes instituições de ensino, nos municípios de Alta Floresta, Novo Mundo e Guarantã do Norte, totalizando 544 participantes. Com mais um pouco de recursos e tempo acredita-se que se possa conhecer mais sobre o Ateles marginatus pois é uma espécie com extrema potencialidade de extinção, por causa disso, ainda continuaremos nossos trabalhos de pesquisa, mesmo com a carência financeira que estamos enfrentando, mas tudo isso com o intuito de lutar contra a redução da biodiversidade em nossa região.

[208] CONSIDERAÇÕES SOBRE A DISTRIBUIÇÃO DE ALOUATTA ULULATA ELLIOT, 1912.

PINTO, T. .[1]; CAMPOS, A.[2]; ALBANO, C.[2]; GIRÃO, W.[2]

[1] PROGRAMA DE BIODIVERSIDADE, AQUASIS; [2] AQUASIS

O guariba-de-mãos-ruivas, Alouatta ululata, é uma das espécies menos conhecidas em seu gênero, constando poucos dados sobre sua distribuição geográfica e habitat. A validade deste táxon é questionada e informações adicionais sobre sua distribuição, habitat e genética poderiam auxiliar a elucidação de questões taxonômicas que acabam por refletir na sua conservação. Os registros desses animais se resumem a coletas em quatro localidades maranhenses e em três municípios cearenses: Humberto Campos/MA, Primeira Cruz/MA, Santa Luzia/MA, Boa Vista/MA, Granja/CE, São Benedito/CE e Ibiapina/CE. Constam ainda citações históricas para mais duas localidades cearenses, uma feita por Antônio Bezerra no ano de 1884 para Guaraciaba do Norte e outra por Francisco Freire Allemão para Meruoca. Durante uma visita ao município de Viçosa do Ceará em janeiro de 2005, foi registrada a ocorrência da espécie na localidade de Serra Verde (3°24'32"S / 41°06'24"W). O registro foi documentado através de vídeos, fotografias e gravação de suas vocalizações. Evitou-se o uso de qualquer método prejudicial ao bando, por se tratar de uma espécie Criticamente em Perigo de extinção (IBAMA / IUCN). Sobre seu habitat, sabe-se que a mesma encontra-se restrita às matas de cocais e mangues no Maranhão, enquanto no Ceará, habita apenas as matas de encosta da chapada da Ibiapaba, e provavelmente ocorreu em ambientes semelhantes na serra da Meruoca, onde não há registros recentes desta espécie. A região onde estes animais foram localizados apresenta uma vegetação de caatinga, porém, no fundo dos vales ocorre um tipo de mata seca que se conserva verde durante o ano todo, abrigando os guaribas durante o período seco do ano. Nesta região relativamente intocada está sendo iniciado um processo de degradação devido ao avanço da agricultura e a recente implementação do sistema de eletrificação rural. Faz-se necessária uma rápida intervenção na área para evitar a extinção desta população de guaribas.

[209] DENSIDADE POPULACIONAL DE PRIMATAS AMEAÇADOS DE EXTINÇÃO NO VALE DO RIO JEQUITINHONHA, MINAS GERAIS E RIO PARDO, SUL DA BAHIA

RODES, E. R.[1]; SOUZA, S. L. F.[2]; NERY, M. S.[2]; FERRAZ, D. S.[2]; MELO, F. R.[2]

[1] CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, UEMG - CAMPUS CARANGOLA; [2] FAFILE/UEMG CARANGOLA

Atualmente, a Mata Atlântica abriga 24 táxons de primatas, 80% das quais são endêmicas e 16 destes encontram-se ameaçados de extinção em Minas Gerais e outras ameaçadas em nível nacional e mundial. O objetivo desse estudo foi levantar dados de densidade populacional de primatas na região dos vales Jequitinhonha e Pardo (MG e BA), dando ênfase a 03 espécies criticamente ameaçadas: o guariba (Alouatta guariba guariba), o muriqui-do-norte (Brachyteles hypoxanthus) e o macaco-prego-do-peito-amarelo (Cebus xanthosternos) em 04 fragmentos florestais: Fazenda Duas Barras – Santa Maria do Salto (MG), com cerca de 18 mil ha; Fazenda Avenida – Macarani, (BA), com cerca de 4 mil ha; RPPN Estação Veracruz (BA), com cerca de 6 mil ha e REBIO Mata Escura - Jequitinhonha (MG), com 51 mil ha. Em todas as áreas utilizamos a metodologia do Line-transect Sampling. Na Faz. Duas Barras tivemos um índice relativo de abundância muito baixo para as espécies de primatas observadas em campo: Callithrix geoffroyi, Cebus robustus e Brachyteles hypoxanthus, que foi de 1,45 indiv./10 km, 0,29 indiv./10 km, 1,01 indiv./10 km respectivamente, após 68,64 km percorridos, em 12 dias de campo. Na Faz. Avenida, obtivemos registros de Callithrix kuhlii e Cebus xanthosternos durante as caminhadas, notando uma baixíssima abundância das espécies, apesar do bom esforço amostral (50,91 km) e 12 dias campo. Na cidade de Bandeira (MG) registramos essas duas espécies em cativeiro. Na RPPN Estação Veracruz observamos C. geoffroyi e C. robustus, após 25 km percorridos em 05 dias de campo. Na REBIO Mata Escura, em 10 dias de campo e 51 km de caminhada/censo, conseguimos registrar, no mesmo dia mas fora do censo, as três espécies de primatas alvos do nosso projeto. Concluímos que nosso esforço amostral empreendido se encontra em níveis adequados, mas deixa clara a defaunação, com relação aos primatas, que está ocorrendo nessas regiões. A caça certamente é um processo importante na eliminação de pequenas populações isoladas e detectamos esse processo em todas as áreas. Da mesma forma, as áreas se encontram em franco processo de degradação, com intenso corte seletivo e áreas inteiras de desmate raso. Apoio: Biodiversitas Fundação FAFILE

[210] ESTIMATIVA DE DENSIDADE DO ALOUATTA GUARIBA CLAMITANS(CABRERA 1940) NO ESPAÇO DE CONSERVAÇÃO ECONSCIÊNCIA - MORRO SÃO PEDRO, PORTO ALEGRE, RS.

ALONSO, A.[1]; BUSS, G.[2]; ROMANOWSKI, H.[3]

[1] ZOOLOGIA - UFRGS, PROGRAMA MACACOS URBANOS; [2] UERGS; [3] UFRGS

Estimativas de densidade são importantes métodos para se avaliar status e dinâmica de populações, servindo de base para ações conservacionistas. A avaliação de populações em áreas fragmentadas e em diferentes ambientes ajuda a compreender os fenômenos ecológicos. Este estudo apresenta estimativas de densidade populacional do bugio-ruivo em duas formações florestais (mata ciliar e mata de encosta) no morro São Pedro, Porto Alegre. Entre os meses de outubro e novembro de 2004 percorreu-se uma rede de três transecções , com um total de 3,2 km, em uma área particular, o Espaço de Conservação Econsciência(ECE) com 140ha de área total. Utilizou-se o método de transecções lineares e o software DISTANCE 4.1 foi empregado na análise dos dados. Um total de 11 repetições em cada trilha foi realizado, percorrendo-se 35,2 km. Foram realizadas 124 visualizações de bugio-ruivo na área, sendo 64 na mata ciliar e 60 na mata de encosta. A abundância de bugios foi estimada em 56 bugios para a mata ciliar, 41 para a mata de encosta e 80 para a ECE. Obtivemos uma estimativa de 1,94 ind/ha para a mata ciliar (%CV=15.83), 0,68 ind/ha para a mata de encosta (%CV=17.54) e de 0,99 ind/ha (%CV=11.85) para a área de estudo como um todo. Estas diferenças de densidade entre as formações vegetais podem estar relacionadas com a estrutura e composição destes hábitats. Numa escala regional, o valor encontrado para a densidade do bugio-ruivo no ECE é semelhante aos valores encontrados em estudos anteriores com esta espécie em Porto Alegre e Viamão. Em Porto Alegre relacionam-se os seguintes fatores para explicar a alta densidade em pequenos fragmentos: a fragmentação leve as subpopulações a concentrarem-se nas manchas de florestas remanescentes; ausência de predadores de topo de cadeia alimentar; ausência de competidores; alta produção primária dos remanescentes florestais em regeneração. Com 972ha de floresta, o morro São Pedro, ainda não está isolado de outras áreas com bugio. Nesse contexto, apresentando a maior área de ocorrência do bugio-ruivo em Porto Alegre, e com os altos valores de densidade encontrados neste estudo; conclui-se a fundamental importância deste morro para a conservação da espécie.

[211] IMPORTÂNCIA DA REBIO MATA ESCURA (JEQUITINHONHA – MINAS GERAIS) NA PRESERVAÇÃO DE PRIMATAS CRITICAMENTE AMEAÇADOS DE EXTINÇÃO

MELO, F.[1]; FERRAZ, D. S.[2]; NERY, M. S.[2]; RODES, E. R.[2]; SOUZA, S. L. F.[2]

[1] CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, UEMG/FAFILE; [2] FAFILE/UEMG CARANGOLA

A Reserva Biológica (REBIO) Federal da Mata Escura localiza-se entre os municípios de Jequitinhonha e Almenara (16°20'29.0"S; 41°00'42.0"O), possui uma área de quase 51 mil ha, caracterizado com clima correspondente ao tipo Cwa de Köppen, mesotérmico com verões quentes e estação chuvosa no verão. O muriqui-do-norte (Brachyteles hypoxanthus) e o macaco-prego-do-peito-amarelo (Cebus xanthosternos) são considerados uma das 25 espécies de primatas mais ameaçadas do planeta, com ocorrência restrita à Mata Atlântica e suas populações se encontram ameaçadas pela destruição e fragmentação do habitat e também pela atividade de caça. Em Minas Gerais e na Bahia, ocorre a subespécie, Alouatta guariba guariba (barbado), criticamente ameaçada de extinção. Sua distribuição parece estar limitada aos vales do rio Jequitinhonha e Pardo, BA e MG. A destruição das florestas nestes vales, associada à intensa caça, tem sido a principal causa da extinção deste táxon em larga escala, especialmente no sul da Bahia. Melo et al. (2002) confirmaram a ocorrência de muriqui para a região da Mata Escura, hoje, a Reserva Biológica federal da Mata Escura, em Jequitinhonha, totalizando 14 indivíduos distribuídos em 02 grupos sociais distintos. Em janeiro último, pudemos confirmar que o número de indivíduos de um dos grupos vistos em 1999 é de pelo menos 25 animais, considerando jovens e infantes e vimos mais 03 adultos pertencentes a outro grupo distinto. De forma surpreendente, conseguimos registrar, no mesmo dia (30/01/05), três espécies de primatas: Brachyteles hypoxanthus, Cebus xanthosternos e Alouatta guariba guariba. Esse fato se torna crucial, pois demonstra a grande importância que essa UC tem para a fauna de primatas da Mata Atlântica. Novos estudos precisam ser feitos e a implantação dessa UC deve ser considerada uma urgência pelo governo federal. Vale ressaltar que essa UC é a únics área do planeta que possui essas condições, onde encontramos esses três primatas criticamente ameaçados de extinção no Brasil, sendo dois deles também citados entre as 25 espécies de primatas mais ameaçadas do mundo.

[212] INFLUÊNCIA DA FRAGMENTAÇÃO NA DENSIDADE DO MACACO-PREGO-DE-CRISTA (CEBUS ROBUSTUS) EM MINAS GERAIS

MARTINS, W. P.[1]; KEESEN, F.[2]; RYLANDS, A. B.[3]

[1] BIOLOGIA GERAL, UFMG; [2] PUC-MG; [3] CI-US/CABS

A fragmentação leva frequentemente a significantes decréscimos na densidade de primatas e extinções locais, o que pode ocasionar uma restrição de pequenos grupos por fragmentos, limitando o fluxo gênico entre as populações. O macaco-prego-de-crista (Cebus robustus) foi adicionado recentemente à "Lista Nacional das Espécies da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção" na categoria "Vulnerável". Este trabalho avaliou influência da fragmentação na densidade populacional de C. robustus em dois fragmentos de Mata Atlântica em Minas Gerais: A Estação Ecológica Estadual de Acauã (E.E.E.A.) e a Fazenda Nossa Senhora de Fátima (F.N.S.F.). A identificação dos fragmentos de Mata Atlântica foi feita a partir da interpretação de imagens de satélite. Para estimar a densidade de C. robustus foi utilizado o censo com play-back com algumas modificações. Foi calculada a área circular relativa ao alcance do som, e o número de avistamento foi dividido pela área para estimar a densidade. Na E.E.E.A. foram realizadas 65 sessões de play-back, totalizando 39 km percorridos e quatro avistamentos (densidade = 0,22 grupos/km2). Na F.N.S.F. foram realizadas 30 sessões de play-back, totalizando 18 km percorridos, sem nenhum avistamento durante o censo. Os dois avistamentos registrados foram extra-censo e não foram incluídos no cálculo de densidade. A densidade é um dos parâmetros usados para estimar se a população de uma espécie está em declínio, podendo ser também relacionada ao tamanho do fragmento. Não somente seu tamanho, mas sua forma e seu grau de isolamento podem fazer com que a densidade das espécies seja distinta entre os fragmentos de diversos tamanhos. As duas áreas de estudo, apesar de terem fatores que atuem de maneira diferente para o incremento do processo de fragmentação, possuem riscos que ameaçam a sobrevivência das populações de C. robustus. A inclusão dos grandes fragmentos ou agrupamentos de vegetação natural em um sistema de áreas protegidas, bem como a manutenção ou restauração de uma rede de corredores biológicos que permitam a continuidade dos processos biológicos, são extremamente necessários para que o processo de fragmentação não acelere ainda mais o processo de extinção das espécies.
Financiadores: ECMVS; CAPES; USFWS; TNC; Idea Wild; PAF-CI; Palm Beach Zoo; Los Angeles Zoo.

[213] NOVOS REGISTROS DE OCORRÊNCIA DE MURIQUI (BRACHYTELES HYPOXANTHUS) NO PARQUE NACIONAL DE CAPARAÓ

MENDES, S. L.[1]; PEIXOTO, C. S. L.[2]; TABACOW, F. P.[2]; SANTOS, R. R.[2]; DAZILIO, F. G.[2]; SANTANA, L. M.[2]

[1] DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, UFES; [2] INSTITUTO DE PESQUISAS DA MATA ATLÂNTICA, IPEMA

Os muriquis (*Brachyteles*) são os maiores primatas neotropicais, endêmicos à Mata Atlântica, cuja distribuição geográfica se estendia do sul do Estado da Bahia ao norte do Estado do Paraná. Atualmente o gênero é representado por duas espécies: *Brachyteles arachnoides* (muriqui-do-sul) e *Brachyteles hypoxanthus* (muriqui-do-norte). Esta última está "criticamente em perigo" de extinção, estando atualmente sua ocorrência confirmada em apenas 12 localidades. Dentre elas, está o Parque Nacional de Caparaó, com área de 31.853 ha, dos quais 18.200 ha estão situados na região sudoeste do Espírito Santo, e a parte restante no estado de Minas Gerais. A área do Parque encontra-se numa região montanhosa (20° 19' 20° 37' S e 41° 43' 41° 53' W), onde o ponto culminante é o Pico da Bandeira. A maior população conhecida de muriqui-do-norte, com cerca de 225 indivíduos, está na Estação Biológica de Caratinga (MG), cuja área é de aproximadamente 900 hectares. O presente estudo envolve o mapeamento das localidades de ocorrência, estimativa do tamanho da população e da estrutura social da espécie no PARNA Caparaó. O levantamento foi realizado na porção capixaba do Parque, e abrange os municípios de Ibitirama e Divino de São Lourenço, onde foi confirmada a presença da espécie em duas novas localidades. A ocorrência de *Brachyteles* foi registrada no vale do Ribeirão Calçado, com 8 registros, e no vale do Veadinho, com um registro. Há, também, informações da ocorrência da espécie em outros 7 vales, além do Vale do Jacutinga, já investigado em outro estudo. De acordo com nossas observações e com as entrevistas realizadas, é bem provável que a população da espécie no Parque exceda 200 indivíduos, podendo ser superior a outras localidades já estudadas.

[214] O MACACO-PREGO (CEBUS NIGRITUS) NO EXTREMO NORTE DA PLANÍCIE COSTEIRA DO RIO GRANDE DO SUL: DISTRIBUIÇÃO E PRINCIPAIS AMEAÇAS ÀS SUAS POPULAÇÕES

GONÇALVES, C. S.[1]; KINDEL, A.[2]

[1] PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECOLOGIA, UFRGS; [2] UFRGS

No Rio Grande do Sul a escassez de informações com relação à distribuição e ecologia do macaco-prego (Cebus nigritus) dificulta fazer previsões acerca do seu estado atual de conservação, motivo que impossibilitou sua inclusão na Lista das Espécies Ameaçadas de Extinção no Rio Grande do Sul. Assim, este trabalho tem por objetivo fornecer informações necessárias ao conhecimento do estado de conservação de C. nigritus em nosso Estado. De junho a dezembro de 2004, foram realizadas entrevistas na região extremo norte da planície costeira gaúcha (municípios de D. Pedro de Alcântara e Torres), visando verificar os conhecimentos da população residente no entorno imediato de fragmentos de mata da região sobre a ocorrência do macaco-prego e sua relação com esse primata, para futuramente avaliar-se as populações de C. nigritus e parâmetros dos habitats. Estes dados auxiliaram na identificação de fragmentos onde há ocorrência deste primata e juntamente com outros relatos de moradores locais, coletados entre janeiro e abril de 2005, indicam sua captura (para mantê-los como animais de estimação), sua reintrodução, sua caça (por lazer e/ou para alimentação) e a complementação da sua dieta como algumas das principais atividades antrópicas influenciando as populações locais de macaco-prego. Desde novembro de 2005 estão sendo realizados censos nos diferentes fragmentos de mata; até o momento foram confirmadas a presença de Cebus nigritus em 6 fragmentos, nas localidades de Itapeva, Morro dos Passarinhos, Morro dos Leffas, Lumertz - através de contato visual - Morro dos Schwanck e Lumertz - através de vestígios. A presença e o tamanho das populações de C. nigritus nem sempre está relacionada ao tamanho do remanescente de mata, estando diversas vezes relacionada à presença de plantações junto aos remanescentes, ao hábito das pessoas de alimentar esses animais e ao grau de conectividade com outros remanescentes de mata. Na região estudada, os problemas que o macaco-prego enfrenta estão fortemente ligados a sua relação com o homem e à fragmentação de habitat, assim ressalta-se a importância da educação ambiental e da fiscalização e aplicação de leis como parte essencial das ações de conservação, visando à adoção de novas posturas em relação ao ambiente.

[215] PRIMATAS DA MATA ATLÂNTICA: RIQUEZA E DISTRIBUIÇÃO DOS REGISTROS DE OCORRÊNCIA

COUTINHO, B. R.[1]; MOREIRA, D. O.[2]; MENDES, S. L.[2]

[1] CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO; [2] UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

Com o aumento da necessidade da conservação das espécies, tornou-se importante obter descrições quantitativas da estrutura da distribuição das espécies na escala geográfica para fornecer informações acuradas para propostas de manejo. O objetivo deste trabalho, portanto, foi de avaliar o padrão dos registros de ocorrência dos primatas da Mata Atlântica (Alouatta belzebul, Alouatta guariba, Brachyteles arachnoides, Brachyteles hypoxanthus, Callicebus barbarabrownae, Callicebus coimbrai, Callicebus melanochir, Callicebus nigrifrons, Callicebus personatus, Callithrix aurita, Callithrix geoffroyi, Callithrix jacchus, Callithrix kuhli, Callithrix flaviceps, Callithrix penicillata, Cebus libidinosus, Cebus nigritus, Cebus robustus, Cebus xanthosternos, Leontopithecus caissara, Leontopithecus chrysomelas, Leontopithecus chrysopygus e Leontopithecus rosalia). Para isso, foi analisada a riqueza das espécies e o número de observações dos pontos de ocorrência. As localidades de ocorrência para os táxons foram obtidas a partir de coleções zoológicas de museus, bancos de dados de primatas disponíveis e de revisão de publicações recentes, todos os dados provenientes de entrevistas foram desconsiderados. Os dados de ocorrência foram georreferenciados e inseridos no sistema de informação geográfica DIVA versão 5.0 para gerar os modelos de riqueza de espécies e do número de observações dos registros. Em ambas análises foram criados cinco modelos diferentes, variando no tamanho do pixel (100 km2, 625 km2, 2.500 km2, 5.625 km2 e 10.000 km2) de forma que a escala do modelo também pudesse ser avaliada, já que poderia influenciar os resultados. Em se tratando da riqueza de espécies, pode-se verificar, independente do modelo utilizado, que as regiões de maior riqueza estão na parte central do bioma Mata Atlântica compreendendo a região entre o norte de São Paulo até o sul da Bahia e o oeste de Minas Gerais ao Espírito Santo. Todos os modelos da análise do número de observações mostraram uma maior quantidade de registros na região do sul da Bahia, mostrando que pelo menos nessa região a análise de riqueza pode ter sido influenciada pelo número de registros de ocorrências. As regiões que apresentaram menor riqueza, e também, menor número de registros foram a Sul e a Nordeste, refletindo, talvez, uma deficiência de levantamento de ocorrências para essas regiões.

Ecologia

[216] PROJETO ROBUSTUS: REDEFINIÇÃO DA DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DO MACACO-PREGO-DE-CRISTA (CEBUS ROBUSTUS)

MARTINS, W. P.[1]; KEESEN, F.[2]; RYLANDS, A. B.[3]

[1] BIOLOGIA GERAL, UFMG; [2] PUC-MG; [3] CI-US/CABS

O macaco-prego-de-crista (Cebus robustus) é um primata endêmico da Mata Atlântica, ameaçado de extinção e categorizado como "Vulnerável", de acordo com a mais recente "Lista das Espécies da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção". Os dados sobre sua distribuição geográfica estão restritos a estudos na Bahia e Espírito Santo, sendo desconhecido seu limite oeste e os limites norte e sul em Minas Gerais. O objetivo deste estudo foi redefinir a distribuição geográfica de C. robustus. As áreas visitadas, foram escolhidas utilizando alguns critérios ("Buffer Zones"; localização e tamanho dos fragmentos; importância biológica das áreas) para maximizar o tempo e evitar sobreposições. Foram utilizadas três metodologias para confirmar a presença da espécie: Entrevistas, Levantamento com "play-back" e "Camera Trap". As entrevistas foram realizadas para confirmar a presença do gênero Cebus nas áreas, e em seguida, foi utilizado o levantamento com "play-back" para detectar se era a espécie de estudo. A "Camera trap" foi utilizada nas áreas onde a presença foi confirmada pela entrevista, mas não pode ser avistada a espécie durante o levantamento. Foram percorridos mais de 50.000 km de estradas e 107 moradores locais foram entrevistados com o intuito de definir os limites geográficos desta espécie. Os limites de distribuição geográfica em Minas Gerais para C. robustus são o rio Jequitinhonha ao norte, o rio Doce e Suaçuí Grande ao sul. Foi também identificada uma zona de intergradação entre os rios Santo Antônio e Suaçuí Grande, onde os grupos formam híbridos naturais com características intermediárias entre C. nigritus e C. robustus. Estes novos limites acarretaram numa redução de mais de 71.500 km2 na distribuição geográfica anteriormente proposta para C. robustus. Embora a área atual redefinida seja de 118.570 km2, a cobertura vegetal na mesma é de menos de 18.000 km2. Uma cobertura vegetal tão reduzida, além do corte seletivo de madeira que provoca a destruição do habitat (não sendo este identificável pela interpretação das imagens de satélite) e a pressão de caça, tornaram a categoria de ameaça "Em perigo" a mais apropriada para C. robustus. Financiadores: ECMVS; CAPES; USFWS; TNC; Idea Wild; PAF-CI; Palm Beach Zoo; Los Angeles Zoo.

[217] ÁREA DE VIDA DE UM GRUPO DE SAGÜI-DA-CARA BRANCA (CALLITHRIX GEOFFROYI HUMBOLDT 1812) NO PARQUE ESTADUAL PAULO CÉSAR VINHA, GUARAPARI/ES

ROCHA, M. F.[1]; PASSAMANI, M.[2]; MAGNAGO, L. F. S.[3]

[1] CIÊNCIAS BIOLÓGICAS , FAESA; [2] UVV; [3] FAESA

A distribuição geográfica das espécies é determinada pelo uso das condições ecológicas necessárias à sua sobrevivência sendo a localização do animal no espaço resultado de diversas interações existentes com o meio. Área de uso é a região utilizada por um indivíduo ou por um grupo de indivíduos durante toda a vida, sendo que o tamanho desta pode ser determinado por diversas condições ecológicas, principalmente pela disponibilidade e distribuição espacial dos recursos alimentares. O sagüi-da-cara branca (Callithrix geoffroyi) habita áreas remanescentes de Mata Atlântica no sul da Bahia, leste de Minas Gerais e praticamente todo o estado do Espírito Santo, principalmente as regiões de menores altitudes. Este estudo, realizado no Parque Estadual Paulo César Vinha, Guarapari/ES, em uma área de mata seca de restinga, no período de outubro de 2004 a abril de 2005, teve como objetivo verificar a utilização do habitat por um grupo de Callithrix geoffroyi, determinando a área total utilizada pelo grupo e a extensão dos percursos diários e mensais, bem como verificar o uso diferencial dos quadrados, analisando a freqüência de visitas aos quadrantes. Foram demarcados 190 quadrados de 50 m2 na área domiciliar do grupo, utilizando o método "Ad Libitum Sampling" para registro dos dados. A análise dos dados coletados mostrou que a área total utilizada pelo grupo foi de 17,5 ha e as áreas mensais variaram de 6 ha a 13,75 ha, sendo a distância mínima percorrida (300 m) registrada no mês de março e a máxima (1510 m) no mês de janeiro. Esta variação parece estar relacionada às condições climáticas e a sobreposição de áreas por outros grupos. A área foi usada de forma bastante heterogênea, sendo que alguns quadrados foram mais visitados que outros durante o estudo, o que pode estar associado à distribuição espacial dos recursos alimentares e a sobreposição de áreas com outros grupos.

[218] ÁREAS DE VIDA E USO DO ESPAÇO POR ALOUATTA GUARIBA CLAMITANS EM DIFERENTES ESTÁGIOS DE SUCESSÃO FLORESTAL EM FLORESTA OMBRÓFILA MISTA NO PARANÁ, BR

MIRANDA, J.[1]; PASSOS, F. C.[2]

[1] ZOOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ; [2] DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA/UFPT

A área de vida geralmente é definida como a área que um animal ou grupo de animais usa para realizar suas atividades, é também a área que o animal passa a maior parte de seu tempo. O presente estudo foi realizado na Chácara Payqueré, localizada no Distrito do Bugre, Município de Balsa Nova, Paraná, Brasil. A área de estudo está inserida em um remanescente de Floresta Ombrófila Mista. De setembro de 2003 a agosto de 2004 foram acompanhados dois grupos de bugios-ruivos (Alouatta guariba clamitans Cabrera, 1940), um em floresta primária alterada e outro em floresta secundária. O objetivo deste trabalho foi determinar as áreas de vida e o uso do espaço de dois grupos de bugios-ruivos, bem como verificar suas diferenças. As áreas de vida foram determinadas a partir do método de esquadrinhamento (quadrados = 50X50m). O uso do espaço foi determinado através do método de varredura instantânea com amostragem a cada 10 minutos, verificando os critérios: altura e estrato florestal utilizados. Os percursos diários dos dois grupos apresentaram uma média de 538m (± 190). As áreas de vida tiveram uma média de 16,75ha (19,5ha - floresta secundária e 14ha - floresta primária alterada). O grupo de floresta secundária apresentou 1,75ha como área nuclear, na floresta primária alterada o grupo apresentou 2ha. A altura média mais utilizada pelo grupo de floresta secundária foi 11,58m e 20,83m foi a média utilizada pelo outro grupo. O estrato florestal mais utilizado foi o dossel (97,5%), seguido pelo estrato emergente (1,8%) e pelo sub-bosque (0,65%). O sub-bosque foi significativamente mais utilizado na floresta secundária ($\chi^2 = 10,61$; $p < 0,05$; g.l. = 1), assim como o estrato emergente na floresta primária alterada ($\chi^2 = 18,9$; $p < 0,05$; g.l. = 1). Este trabalho além de mostrar a área de vida e o uso do espaço por dois grupos de A. g. clamitans, o que já contribui com o conhecimento de sua ecologia, apresenta também uma comparação entre as áreas de vida e o uso do espaço em dois estágios de sucessão florestal discutindo sobre a plasticidade ecológica e a conservação dos bugios-ruivos.

[219] COMPORTAMENTO ALIMENTAR DE CHIROPOTES UTAHICKAE (HERSHKOVITZ, 1985) NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DO RESERVATÓRIO DE TUCURUÍ – PA

VIEIRA, T.M.[1]; FERRARI, S. F.[2]

[1] PESQUISA, INSTITUTO MAMIRAUÁ; [2] UNIVERSIDADE FEDERAL DO SERGIPE

A criação da UHE-Tucuruí em 1985 inundou 2.400 Km2 de floresta originando centenas de ilhas de tamanhos diferentes onde populações animais e vegetais ficaram restritas, entre elas, as de Chiropotes utahickae, primata endêmico da Amazônia e vulnerável à extinção. A ilha de Germoplasma (129 ha) abriga uma população de C. utahickae com 23 membros já estudada em 2002. O objetivo desta pesquisa foi descrever aspectos da ecologia e caracterizar a exploração alimentar de espécies arbóreas por C. utahickae. A metodologia foi baseada em cito dias de coleta mensal, através do método de varredura instantânea (AV) de um minuto de duração e cinco de intervalo, aplicado paralelo às amostragens de árvore-local (AF) e fruto-focal (FF), intercalando-se estes dois tipos. As principais categorias comportamentais foram alimentação (AL), deslocamento (DE), forrageio (FO), repouso (RE) e interação social (IS). Foram obtidos 11.277 registros de AV, 259 de AF e 711 de FF entre março e agosto de 2004. Foram gastos 50,6% do tempo em DE, 31,9% em AL, 10,6% em RE, 5,4% em FO e 1,2% em IS. A dieta foi composta de semente imatura (31,7%), mesocarpo imaturo (21,2%), fruto maduro (18,3%) e flor (14,4%). Os cuxiús foram considerados predadores de sementes para 74,2% das 31 espécies analisadas. Não houve relação entre tamanho das sementes e tipo de interação (predador ou dispersor), e entre distância de deposição das sementes e o seu tamanho. Após 20 anos de isolamento, os cuxiús apresentaram um padrão comportamental característico do gênero. A tolerância ao ambiente fragmentado foi evidenciada pela exploração de recursos alternativos, como flores, principalmente de castanheira (Bertholletia excelsa), e o mesocarpo imaturo de ingás (Inga spp.). A exploração expressiva de flores parece ser uma característica da ecologia do gênero nesta área de estudo.

[220] DENSIDADE DO SAGÜÍ-DE-CARA-BRANCA (CALLITHRIX GEOFFROYI HUMBOLDT, 1812) EM MATA DE CABRUCA – LINHARES, ES

MELLO, E. B.1; JOSÉ,H.2

[1] UNILINHARES; [2] DEPTO. DE BIOLOGIA, UNILINHARES

Cerca de 94,800 m de transecto foram percorridos ao longo da mata de cabruca, duas vezes por mês entre abril e outubro de 2003. O estudo de campo para estimar a densidade populacional do sagüi-de-cara-branca (Callithrix geoffroyi) e sua abundância foi realizado em Mata de Cabruca-Povoação, Linhares, ES. Não foi encontrada nenhuma outra espécie de primata, além do Callithrix geoffoyi. As análises dos dados foram efetuadas no programa Distance na versão 4 para windows e os resultados foram os seguintes: considerando que o comprimento total do transecto, que corresponde a soma de todos os transectos efetuados é de 94,8, a densidade obtida foi de 4,70 grupos/km2, com um intervalo de confiança (95%) de 3,03 – 7,27 grupos/ km2. A função que melhor se ajustou aos dados foi a Half-normal. Esta espécie tem preferência por vegetação secundária ou perturbada, pois este ambiente fornece maiores possibilidades as suas necessidades alimentares. São onívoros, alimentando-se de grande variedade de matéria vegetal e animal. Nesse sentido, essa espécie adapta-se muito bem à mata de cabruca, devido à presença de muitas árvores frutíferas. A grande oferta alimentar e, conseqüentemente, grande flexibilidade reprodutiva e de sobrevivência, está possibilitando uma alta densidade de Callitrix geoffroyi nas matas de cabrucas.

Palavras-chave: Callithrix geoffroyi; densidade; mamíferos

[221] DENSIDADE E DIETA DE BUGIOS (ALOUATTA GUARIBA CLAMITANS PRIMATES, ATELIDAE) NA ÁREA DE RELEVANTE INTERESSE ECOLÓGICO (ARIE) FLORESTA DA CICUTA, RJ

ALVES, S. L.[1]; ZAÚ, A. S.[2]

[1] DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS NATURAIS, UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO; [2] UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

A intensa fragmentação da Floresta Atlântica na região do Vale do Rio Paraíba do Sul tem gerado uma drástica redução na diversidade local, principalmente em relação aos mamíferos. O macaco bugio, devido a alterações em sua ecologia, apresenta considerável adaptabilidade aos pequenos remanescentes florestais. Os objetivos deste resumo são apresentar a estimativa da densidade e a composição preliminar da dieta de uma população de bugios na unidade de conservação ARIE Floresta da Cicuta, um fragmento florestal de 131 ha no Estado do Rio de Janeiro. O trabalho de campo ocorreu em dois períodos: abril-dezembro de 2002 e junho-novembro de 2003. A densidade foi estimada empregando o método da área de vida, considerando as áreas de vida exclusivas e o tamanho médio de quatro grupos de bugios encontrados em um sítio de estudo de 20 ha. Através do método das freqüências de observação, a dieta foi quantificada, sendo a determinação dos itens alimentares (brotos, folhas, flores, frutos) realizada apenas através de observação direta. Algumas espécies vegetais utilizadas pelos bugios para alimentação foram identificadas em campo e outras estão sendo analisadas por especialistas do Jardim Botânico do Rio de Janeiro (JBRJ). O tamanho dos grupos variou de 3 a 8 indivíduos, com média de 5,75 ind./grupo, sendo estimada uma densidade populacional de 1,15 (±0,53) ind./ ha. Através dos dados gerados, é possível observar uma densidade superior à maioria das densidades apresentadas em outros estudos sobre a mesma espécie. Verificou-se a utilização de 11 espécies vegetais (07 famílias) na dieta. Este quantitativo representa apenas uma fração das espécies registradas, pois o trabalho de identificação ainda vem sendo conduzido. A composição da dieta, até o momento, apresenta as seguintes famílias e espécies: Euphorbiaceae - Actinostemon communis (folha), Croton sp. (folha); Lauraceae - Ocotea sp. (folha); Leguminosae-Mimosoideae - Inga sp. (folha), Piptadenia paniculata (folha), Pseudopiptadenia contorta (flor); Leguminosae-Papilionoideae - Machaerium sp. (folha); Malphiguiaceae - Gen. 1 (folha); Ramnaceae - Gen. 1 (broto – folha); Rutaceae - Zanthoxylum sp. (broto – folha); Sterculiaceae - Sterculia chicha (broto – folha). O item alimentar "folha" foi o mais consumido, sendo Leguminosae a família com maior número de espécies utilizadas.

[222] DIETA DE MICO NIGRICEPS - SAGÜI-DE-CABEÇA-PRETA - FERRARI & LOPES, 1992 EM FLORESTA OMBRÓFILA ABERTA DE TERRAS BAIXAS ANTROPIZADA EM PORTO VELHO/RO

OLIVEIRA, M. A.[1]; GOMES, I. B. S. R.[2]; MESSIAS, M. R.[2]

[1] BIOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA; [2] UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

O intenso processo de desmatamento na Amazônia causa uma acelerada fragmentação de habitat, levando à crescente formação de manchas florestais. As comunidades de primatas presentes nessas manchas apresentam flexibilidade aos recursos utilizados e sua sazonalidade. Este estudo apresenta dados preliminares da dieta de Mico nigriceps sagüi-de-cabeça-preta em floresta ombrófila aberta de terras baixas em Porto Velho, em um fragmento florestal localizado à direita da BR 364, km 9,5 sentido Rio Branco, abrangendo o Campus da Universidade Federal de Rondônia (E=396683,14/N=923094,394). Esta espécie foi descrita como Callithrix nigriceps por Ferrari e Lopes em 1992 e em 2000 Rylands et. al. a alocaram em um novo gênero denominado Mico. M. nigriceps é um primata de pequeno porte pertencente a família Callitrichidae com HB= 206 mm e w= 370 g, possui a face e as orelhas nuas e negras exceto o nariz, dorso castanho-acinzentado e baixo dorso marrom ou preto, pescoço e peito creme-prateado-pálido, ventre amarelo ou laranja, base da cauda marrom-escuro e restante preto, pernas traseiras dourado laranja e os pés negros laranja-dourado. Os dados foram coletados através da metodologia de amostragem ad libitum proposta por Altmann em 1974. Foram registrados os itens alimentares consumidos durante 24:29 horas de esforço amostral ocorrendo 12:14 horas de observação. Até o presente momento verificou-se a utilização de sete espécies distribuídas em seis famílias, sendo estas Anacardiaceae – Anacardium sp (exudato) (27,28% dos bouts alimentares), Araliaceae – Schefflera morototoni (exudato) (9,09%), Melastomataceae - Bellucia grossularioides (fruto) (18,18%); Cecropiaceae - Cecropia sciadophyla (inflorescência) (9,09%), Cecropia purpurascens (inflorescência) (18,18%); Leguminosae/Mimosoideae Unident espécie 1 (exudato) (9,09%); Passifloraceae – Passiflora coccinea (fruto) (9,09%). As árvores gomíferas apresentaram maior disponibilidade deste recurso no interior de mata (Anacardium sp e Schefflera morototoni), sendo que Anacardium sp foi encontrada adensadas em manchas. Os frutos e inflorescências consumidos foram de espécies pioneiras pertencentes às famílias Cecropiaceae, Melastomataceae e Passifloraceae, efeito causado pela pressão antrópica sofrida pela área e formação de borda decorrente. Houve um registro de consumo de partes (patas e cabeça) de coleópteros (cinco indivíduos adultos) pertencentes à família Scarabeidae.

[223] ESTUDO PRELIMINAR DO COMPORTAMENTO ALIMENTAR DE UM GRUPO DE MACACO-DE-CHEIRO INTRODUZIDO NA RESERVA BIOLÓGICA DE SALTINHO PE-BRASIL

RAMALHO, C.[1]; SILVA-JÚNIOR, A. P.[2]; VERÍSSIMO, K. C. S.[2]; MENDES-PONTES, A. R.[2]; SILVA, V. L.[2]

[1] DEPARTEMENTO DE ZOOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO; [2] UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

Resumo O presente estudo objetivou realizar uma análise preliminar da dieta de um grupo de macaco-de-cheiro, Saimiri Spp, espécie introduzida em um fragmento de Floresta Atlântica, na Reserva Biológica de Saltinho, em Pernambuco. Para o registro da dieta foi empregado o método "ad libtum" nas cinco primeiras e duas últimas horas de atividade. Os resultados mostraram que a dieta dos Saimiri ssp foi composta em sua maioria de frutos maduros 58.14%, seguido de insetos 27.91% , inflorescência 6,98%, folhas 4,65% e fruto verde 2,33%. Nove espécies pertencentes a sete famílias foram exploradas pelos membros do grupo, sendo frutos, folhas e flores as partes consumidas. O percentual de consumo dos itens animais e vegetais variou tanto nas primeiras quanto nas últimas horas de forrageio, tendo entre os horários das 05:00 as 06:00 h ocorrido um elevado consumo de itens vegetais que diminuía à medida que o consumo de inseto aumentava, contudo o consumo de itens vegetais sempre se mostrou superior ao consumo de insetos. Os resultados obtidos apresentaram essa espécie como frugívora-insetívora e consumidora ocasional de folhas, e ainda, bem adaptada ao ambiente exótico no qual foi introduzida.

[224] PERCURSOS DIÁRIOS DE UM GRUPO DE CALLITHRIX GEOFFROYI (PRIMATES – CALLITRICHIDAE) NO CAMPUS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, VITÓRIA-ES.

ALMEIDA, R. B.[1]; NICOLAEVSKY, B.[2]; CORRÊA, P. B.[3]; MENDES, S. L.[3]

[1] ECOLOGIA DE PRIMATAS, UFES; [2] UFES; [3] DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS-UFES

Callithrix geoffroyi, primata da família Callitrichidae, popularmente conhecido como sagüi-da-cara-branca, ocorre no sul da Bahia, Espírito Santo e Leste de Minas Gerais. Vive em unidades sociais com cerca de 2 a 12 indivíduos. O objetivo do trabalho é definir o percurso diário de um grupo de sagüis-da-cara-branca no campus da UFES, no município de Vitória. A coleta de dados deste trabalho foi realizada em duas etapas, no período de Maio a Julho de 2005: 1- Observações oportunísticas com o auxílio de binóculos para definir e caracterizar o grupo de estudo. 2- Acompanhamento ao longo de 12 horas de observação diária, totalizando 16 dias consecutivos de observação, para conhecer os locais de descanso, os sítios de pernoite e as preferências de escolha da rota. O grupo é composto por 8 indivíduos, sendo 2 adultos (um macho e uma fêmea), 5 sub-adultos (4 machos e 1 fêmea), e 1 indivíduo juvenil de sexo indeterminado. Os animais permanecem todo o tempo na área do Campus, que possui vias para automóveis, passarelas, prédios da estrutura da universidade, árvores frutíferas e comedouros. O grupo percorre fios de telefone e também desce ao chão durante o percurso. Os sítios de pernoite são bem definidos e os animais os repetem com freqüência, sendo preferidas árvores altas da família das leguminosas que não possuem comunicação com outras copas. Os sagüis percorrem em média a distância de 933 metros/dia com percursos que variam de 700 a 1100 metros. Podas irregulares, confronto com outros grupos de sagüis-da-cara-branca, contato com animais domésticos e a alimentação suplementar oferecida pelas pessoas são fatores que provocam alterações dos percursos diários. Os percursos também são determinados por condições climáticas e disponibilidade de invertebrados, sendo possível caracterizar ciclos semanais de hábitos e deslocamentos.

[225] TAMANHO E COMPOSIÇÃO DE GRUPOS DE ALOUATTA CARAYA E OS DOIS MODOS DE ACESSAR SUA ESTRUTURAÇÃO SEXO-ETÁRIA NO ALTO RIO PARANÁ

AGUIAR, L. M.[1]; LUDWIG, G.[2]; TEIXEIRA, G. M.[3]; SVOBODA, W. K.[4]; HILST, C. L. S.[4]; SHIOZAWA, M. M.[4]; MALANSKI, L. S.[4]; SECORUN, A. B.[5]; NAVARRO, I. T.[4]; PASSOS, F. C.[2]

[1] ZOOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ; [2] UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ; [3] FACULDADE DE APUCARANA; [4] UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA; [5] SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE-PR

Estudos genéticos e raras observações de bugios nadando apontam para o fato que para Alouatta caraya, o sistema de ilhas e margens do rio Paraná pode ser considerado uma metapopulação. Portanto, a análise de seus parâmetros populacionais torna-se crucial para o entendimento de sua dinâmica e conservação. O objetivo deste foi estudar o tamanho, a composição e a estrutura sexo-etária da população que ocupa a região do município de Porto Rico-PR, divisa com o MS, no alto rio Paraná. Para a contagem dos grupos percorreram-se transectos nas matas ciliares de ilhas e margens e para a estrutura sexo-etária utilizaram-se dois métodos: através da composição dos grupos e através dos avistamentos de barco durante repetidas incursões pelas margens daqueles ambientes. A contagem ocorreu em três grupos da ilha Mutum, dois da ilha Carioca, um da ilha Porto Rico, um da margem direita (MS) e dois da margem esquerda (PR). O número de indivíduos variou de 6 a 15 (n=9, média=11,4ind./grupo). O número de machos adultos (MA) por grupo variou de 1 a 3 (média=2,4), 0 a 2 (média=1,1) para machos sub-adultos (MSA), 3 a 7 (média=4,4) para fêmeas adultas (FA), 0 a 4 (média=2,1) para juvenis (J) e 0 a 3 (média=0,9) para infantes (I). A estrutura sexo-etária dos grupos (n=103 animais) proporcionou 1MA:1,8FA:0,5MSA:0,9J:0,4I, ou 1macho maduro:1,2FA:0,9imaturos. A taxa de fecundidade foi 0,2I:1FA. Dos 53 avistamentos de barco, 26 ocorreram na ilha Mutum, 11 na margem direita e 11 na esquerda, 2 na ilha Porto Rico, 1 na ilha Santa Rosa e 1 na ilha Carioca, totalizando 295 animais avistados. O número por avistamento variou de 0 a 5MA (média=1,7), 0 a 2MAS (média=0,2), 0 a 8FA (média=2,8), 0 a 4J (média=0,6) e 0 a 2I (média=0,3). A proporção sexo-etária foi 1MA:1,6FA:0,1MSA:0,4J:0,2I, ou 1macho maduro:1,4FA:0,5imaturos. A taxa de fecundidade foi 0,1I:1FA. Os resultados das duas metodologias foram semelhantes e não diferiram significativamente quanto às classes sexo-etárias (Mann-Whitney U Test, nível de p.05). Para tal objetivo no ambiente em questão, o uso de embarcação mostrou-se um método rápido e eficiente. Estudos discriminando os ambientes de ilhas e continentes estão sendo levados.

[226] USO DO ESPAÇO VERTICAL POR UM GRUPO DE SAGÜI-DA-CARA BRANCA (CALLITHRIX GEOFFROYI HUMBOLDT 1812) NO PARQUE ESTADUAL PAULO CÉSAR VINHA, GUARAPARI/ES

ROCHA, M.[1]; PASSAMANI, M.[2]; MAGNAGO, L. F. S.[3]

[1] CIÊNCIAS BIOLÓGICAS , FAESA; [2] UVV; [3] FAESA

Os gêneros de primatas pertencentes à família Callithrichidae caracterizam-se por serem animais diurnos com pequeno tamanho corporal (110 - 700g) que geralmente ocupam estratos baixos da floresta, podendo ir ao topo das árvores ou descer ao solo à procura de alimentos. Este deslocamento nos suportes verticais é facilitado pela presença de características morfológicas adaptativas (unhas em forma de garras), encontradas nos gêneros Callithrix e Cebuella, que possibilitam a movimentação e a permanência em tais suportes. Este estudo foi realizado em uma área de mata seca de restinga localizada no Parque Estadual Paulo César Vinha, Guarapari/ES, no período de outubro de 2004 a abril de 2005, tendo como objetivo verificar o padrão deslocamento adotado por um grupo de sagüi-da-cara branca (Callithrix geoffroyi), utilizando o método "Ad Libitum Sampling" para registro dos dados. Para verificar se havia preferência no uso do espaço vertical, foi utilizado o teste qui-quadrado (X2), sendo que a partir da análise dos dados foi constatado que os suportes horizontais ($X2 = 33$; $p<0,01$) foram mais utilizados durante o deslocamento do grupo, o que pode estar relacionado ao modo com que este se locomove nos estratos arbóreos. Os deslocamentos realizados através dos estratos médios ($X2 = 57,22$; $p<0,01$) da vegetação e de diâmetros médios ($X2 = 14,54$; $p<0,01$) foram mais acentuados, o que pode estar associado à estrutura vegetacional da floresta analisada, já que os calitriquídeos não demonstram preferência em utilizar um determinado suporte durante suas atividades diárias.

[227] UTILIZAÇÃO DE ESPÉCIES ARBÓREAS EXÓTICAS POR BUGIOS RUIVOS ALOUATTA GUARIBA CLAMITANS CABRERA, 1940, EM FLORESTA COM ARAUCÁRIA.

RODRIGO F. MORO-RIOS[1]; MIRANDA, J. J.[2]; BERNARDI, I. P.[2]; PASSOS, F. C.[2]

[1] ZOOLOGIA, UFPR; [2] UFPR; [3] UNIVERSIDADE REGIONAL INTEGRADA DAS MISSÕES

Há muito se documenta o uso de espécies exóticas por primatas brasileiros, principalmente pelos que habitam a Floresta Atlântica "sensu latu", devido ao grau de antropização de seus remanescentes. O Alouatta guariba clamitans Cabrera, 1940 é endêmico do referido bioma. Sua dieta, relativamente flexível e predominantemente folívora, é permissiva à vida em florestas secundárias. A área onde foi conduzido este estudo é um fragmento de Floresta com Araucária localizado no Município de Balsa Nova, PR (25°29'S e 49°39'O), onde houve corte seletivo de madeira e introdução de espécies vegetais exóticas. Neste trabalho objetivou-se descrever a utilização de espécies exóticas por bugios. Para a realização de tal, foi utilizada a metodologia "Todas Ocorrências". Das espécies exóticas presentes, verificou-se grande relevância na utilização de Pinus sp. e Eucalyptus sp. como árvores de dormida e de Diospyrus kaki e Eriobotria japonica na utilização das folhas e, principalmente, dos frutos como recursos alimentares no outono e no inverno. Além destas ocorrências, houve um registro da utilização de Eucalyptus sp. na alimentação, o primeiro documentado para Alouatta. Na ocasião um indivíduo imaturo mordeu e posteriormente ingeriu pedaços da casca. Hipotetiza-se que a observação freqüente dos animais dormindo nas espécies introduzidas pode ser correlacionada ao fato destas serem as árvores de maior porte dentro da sua área de vida, conferindo alguma segurança predação e melhor abrigo em dias chuvosos. Os frutos, itens de alto retorno energético, estão disponíveis principalmente no verão. Sendo assim, a utilização de exóticas na alimentação pode ser reflexo do oportunismo dos bugios com relação à dieta pois estas se tornam itens de grande importância alimentar durante sua frutificação. A única ocorrência de Eucalyptus na alimentação é pouco significante perante o total de itens utilizados (n=44), tendo sido registrado apenas na alimentação de um juvenil, existindo a possibilidade de que haja relação com a inexperiência deste. Estes dados são uma colaboração ao conhecimento da natureza adaptativa dos bugios frente às condições adversas às quais são submetidos com a intervenção humana em seus habitats. Em comparação a outros estudos, fica demonstrada a alteração dos hábitos com a extração das espécies vegetais nativas.

Genética

[228] CARACTERIZAÇÃO DE MARCADORES MICROSSATÉLITES EM DUAS ESPÉCIES DE SAGUINUS.

AMADO, M. V.[1]; SANTOS, W. G.[2]; GORDO, M.[3]; VALLINOTO, M.[3]; SCHNEIDER, H.[3]; FARIAS, I. P.[2]

[1] CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, UFAM; [2] UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS, UFAM; [3] UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, UFPA

Marcadores microssatélites são pequenas seqüências com um a quatro nucleotídeos de comprimento, repetidas em tandem. Atualmente, constituem a classe mais polimórfica de marcadores moleculares disponíveis, possuindo diversas aplicações. Uma vez que a maior limitação da tecnologia de microssatélite é a obtenção de recursos para o desenvolvimento dos mesmos, uma excelente alternativa é a utilização de primers desenvolvidos em uma espécie para amplificar os loci ortólogos em espécies relacionadas. Recentemente 10 marcadores microssatélites foram isolados por um grupo de pesquisadores a partir do DNA total de Saguinus bicolor para serem utilizados em Saguinus mystax. Como esses marcadores não foram caracterizados para a espécie específica para qual foram desenvolvidos (S. bicolor), o presente estudo pretende avaliar o grau de polimorfismo de oito desses marcadores microssatélites para S. bicolor e avaliar sua eficiência de amplificação e níveis de polimorfismos em uma outra espécie do gênero, Saguinus midas. Para tal, o DNA total foi extraído a partir de amostras de pele da região auricular e tecido muscular (de animais mortos por atropelamentos), através do protocolo padrão de fenol-clorofórmio. Em seguida foram realizadas reações em cadeia da polimerase (PCR) e os produtos amplificados, visíveis em gel de agarose, foram consideradas como resultado positivo, e então, genotipados no aparelho MegaBace 1000 usando o Programa Genetic Profiler. Os resultados obtidos demonstraram que os oito marcadores microssatélites construídos originalmente para S. bicolor foram eficientes em todas as amplificações de DNA. Todos os loci foram polimórficos para ambas as espécies e um resultado interessante mostra que em cinco desses loci os alelos encontrados foram compartilhados pelas duas espécies enquanto que outros três loci apresentaram alelos exclusivos para cada uma das espécies. A heterozigosidade observada variou de 0,42 a 0,77 em S. midas e 0,50 e 0,91 em S. bicolor, enquanto que a heterozigosidade esperada variou de 0,50 a 0,90 em S. midas e 0,61 a 0,94 em S. bicolor. Conclui-se que os oito marcadores microssatélites testados nesse trabalho foram eficientes com relação à amplificação e demonstraram possuir alto nível de polimorfismo. Esses marcadores já estão sendo utilizados em estudos ecológicos envolvendo análises genéticas populacionais para esses duas espécies.

[229] ESTRUTURA GENÉTICA DAS POPULAÇÕES DE CALLITHRIX SPP. INTRODUZIDOS NA ÁREA DE OCORRÊNCIA DO MICO LEÃO DOURADO (LEONTOPITHECUS ROSALIA).

ANDRADE, C. C. F.[1]; GRATIVOL, A. D.[2]; RUIZ-MIRANDA, C. R.[3]; RABELLO, L. M.[3]

[1] CENTRO DE BIOCIÊNCIAS E BIOTECNOLOGIA, UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE; [2] ASSOCIAÇÃO MICO LEÃO DOURADO; [3] UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE

Callithrix jacchus é nativo do nordeste brasileiro e Callithrix penicillata do cerrado brasileiro. Estas espécies de sagüis têm sido introduzidas em várias matas do Brasil, através do tráfico ilegal de animais. Desde 1985 sagüis, têm sido encontrados na região de ocorrência atual do mico leão dourado (Leontopithecus rosalia), que compreende fragmentos de mata no interior do Estado do Rio de Janeiro. Esta invasão pode comprometer a sobrevivência do mico leão dourado, espécie ameaçada de extinção, por causa das semelhanças ecológicas e biológicas entre estes e os sagüis. Informações sobre o fluxo gênico dos sagüis introduzidos são essenciais para a elaboração de um plano de manejo das espécies invasoras. O objetivo deste trabalho foi analisar a estrutura genética da população de sagüis dos fragmentos de mata de Rio Vermelho e da região de Imbau, Silva Jardim – RJ, através do número de linhagens maternas (haplótipos). Essa informação nos possibilitou verificar o grau de isolamento genético entre os sagüis presentes nestes fragmentos de mata e avaliar se a população de sagüis é auto-sustentável. Para isso, uma parte das porções central e esquerda da região controladora do DNA mitocondrial foi seqüenciada. A análise dos dados foi feita através de dois programas. O programa Arlequin gerou o índice de Fst, que mediu a divergência genética entre os fragmentos, e o Spectronet gerou uma rede de haplótipos. O valor de Fst encontrado (0.47) mostra que existe uma grande divergência genética entre essas duas populações, sendo que dos seis haplótipos encontrados, apenas um é compartilhado entre os dois fragmentos estudados (Rio Vermelho e Imbau). O haplótipo de um sagüi aprendido fora da área considerada não foi localizado nos fragmentos estudados, o que indica que novos haplótipos podem estar sendo introduzidos na região. Com os dados obtidos, foi possível inferir que não existe fluxo gênico de sagüis entre os fragmentos de Rio Vermelho e Imbau; e que essas populações provavelmente não são auto-sustentáveis, por causa da ausência de fluxo gênico e da baixa variabilidade existente.

[230] EVOLUÇÃO CROMOSSÔMICA NA FAMÍLIA ATELIDAE: SINTENIA DOS CROMOSSOMOS HUMANOS 14/15.

TEIXEIRA, R. H. F.[1]; NUNES, A. L. V.[1]; PESSUTTI, C.[1]; CASSARO, K.[2]; FEDULLO, J. D. L.[2]; FRIES, B. G.[3]; SUMMA, M. E. L.[3]; SILVA, A. M. J.[3]; KOIFFMANN, C. P.[4]; GIFALLI-IUGHETTI, C.[1]

[1] ZOOLÓGICO MUNICIPAL QUINZINHO DE BARROS, SOROCABA/SP. ; [2] FUNDAÇÃO PARQUE ZOOLÓGICO DE SÃO PAULO, SÃO PAULO/SP.; [3] DEPAVE - DEPARTAMENTO DE PARQUES E ÁREAS VERDES DO ESTADO DE SÃO PAULO; [4] DEPARTAMENTO DE GENÉTICA E BIOLOGIA EVOLUTIVA, IB - USP, SÃO PAULO/SP.; [5] DEPARTAMENTO DE GENÉTICA E BIOLOGIA EVOLUTIVA, INSTITUTO DE BIOCIÊNCIAS - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Os Platyrrhini se originaram durante o Eoceno e a monofilia desses primatas foi confirmada por dados cromossômicos e moleculares. Análises cariotípicas mostram variabilidade cromossômica intra e interespecífica. Espécimes de Atelidae (Alouatta fusca clamitans, Alouatta caraya, Brachyteles arachnoides, Lagothrix lagothricha, Ateles paniscus chamek) foram estudados por citogenética tradicional e molecular (sondas dos cromossomos 14 e 15 humanos) em metáfases de cultura de linfócitos, visando determinar as homeologias entre os cromossomos humanos e os desses macacos. Fêmea Alouatta fusca clamitans, 2n = 50: sonda 15 em 1q distal, 2q distal e 4p; sonda 14 em 2q distal. Fêmea Alouatta caraya, 2n = 52: sonda 15 em 7p distal, 16q proximal e 19q; sonda 14 em 16q distal. Macho Brachyteles arachnoides, 2n = 62: sonda 15 em 6p, 23q distal e 29q; sonda 14 em 6q. Fêmea Lagothrix lagothricha, 2n = 62: sonda 15 em 7p, 25q terminal e 27q; sonda 14 em 7q. Macho Ateles paniscus chamek, 2n = 34: sonda 15 em 2q distal e proximal e 4p proximal; sonda 14 em 2q proximal. A hibridação in situ fluorescente (FISH) de cromossomos humanos evidencia que os primatas neotropicais sofreram extensa reorganização do genoma. Rearranjos cromossômicos são incorporados na população se forem acompanhados de vantagem seletiva, mantêm a variabilidade genética e podem estabelecer mecanismos de isolamento, restringindo o fluxo gênico, podendo levar à especiação. A sintenia dos segmentos homeólogos aos cromossomos humanos 14 e 15 foi observada em todas espécies estudadas da família Atelidae e parece ancestral aos primatas neotropicais, embora não encontrada em Alouatta sara. Discussão sobre evolução do cromossomo 15 deve envolver o 14. Interessante é que um segmento do cromossomo 15 humano está sujeito ao mecanismo de "imprinting genômico" e o cromossomo humano 14q32 também, além de possuir características de seu genoma comuns às do segmento cromossômico 15q imprintado. Estes estudos contribuem para identificação da origem e direção dos rearranjos cromossômicos, fornecendo informações sobre a evolução dos grupos, taxonomia, resolução dos problemas filogenéticos e de conservação, e são importantes para compreender como os cromossomos estão relacionados com a divergência populacional e a especiação dos Platyrrhini na América do Sul.

[231] GENETIC STRUCTURE AND GENE DIVERSITY OF THE CRITICALLY ENDANGERED WOOLY SPIDER MONKEY.

CHAVES, P. B.[1]; POSSAMAI, C. B.[2]; BOUBLI, J. P.[3]; STRIER, K. B.[4]; MENDES, S. L.[1]; FAGUNDES, V.[1]

[1] CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO; [2] PONTÍFICE UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS; [3] ZOOLOGICAL SOCIETY OF SAN DIEGO, USA; [4] DEPARTMENT OF ANTHROPOLOGY, UNIVERSITY OF WISCONSIN-MADISON-EUA

The genus Brachyteles (wooly spider monkey or muriqui) represents the largest neotropical primate comprising two endemic species of Brazilian Atlantic Rainforest. B. hypoxanthus (northern muriqui) is currently found in Minas Gerais and Espírito Santo states, and B. arachnoides (southern muriqui) ranges from Rio de Janeiro to São Paulo and Paraná states. The small population size and the deforestation have led to population reduction of northern muriqui, and this primate is since 2000 a "critically endangered" species. B.hypoxanthus is also recognized as one of the 25 most in peril primates of the world. We investigated the genetic structure and the gene diversity of 85 muriquis sampled at Estação Biológica de Caratinga-MG (EBC, N=64), Santa Maria de Jetibá-ES (SMJ, N=20) and Parque Nacional do Caparaó-ES/MG (PNC, N=1). Sequences from the mtDNA (control region) hypervariable domain I (268 bp) were obtained after PCR, using DNA template extracted from faeces. Eight population-exclusive haplotypes were found: three for EBC, four in SMJ and one in PNC. All differences between the haplotypes were due to transitions across 14 polymorphic sites. The calculated haplotype diversity is high in our samples (h=0.76) and the nucleotide diversity is low (nd=0.0157). The fixation index is moderate to high (FST=0.56) and gene flow between populations (number of migrants, Nm), does not occur (Nm=0.38). Markov test confirmed population genetic structure but the Mantel test failed (P>0.05) to correlate the genetic to geographic distance. Furthermore, Tajima's D test resulted a significant positive value to EBC (D=3.0), indicating the lost of rare haplotypes after a bottleneck effect. A model comparing gene flow within groups of each population (EBC and SMJ) highlighted the lack of migration in SMJ fragments, suggesting that corridors in this area are absent or inefficient to connect the forest patches in this municipality. Otherwise, the number of haplotype is higher in SMJ (4 haplotypes in 20 samples) than in EBC (3 haplotypes in 64 samples), suggesting that greater efforts should be devoted to conserve the genetic diversity and evolutionary history of this population. We envision that these results can be useful in further management and conservation actions for this species.

[232] PLATYRRHINES OF THE UPPER RIO NEGRO, AMAZONAS, BRAZIL: CALLICEBUS LUGENS

BOUBLI, J. P.[1]; AMADO, M.[2]; FARIAS, I. P.[3]

[1] ZOOLOGICAL SOCIETY OF SAN DIEGO, USA; [2] CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, UFAM; [3] UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS, UFAM

In recent years, the taxonomy and zoogeography of Amazonian primates have undergone profound revision. Several species/subspecies have been described, and the geographical distribution of many, revised. Such dramatic changes resulted from increased fieldwork in regions not traditionally visited by scientists and from the use of molecular data in taxonomical studies. We conducted a series of surveys in one such poorly known area, the upper Rio Negro and its adjacent areas of northwestern Amazonia which is one of the most remote parts of Brazil. The objective of these surveys was to better understand the role of the Rio Negro as an important biogeographical barrier for primates as well as to better understand the distribution of poorly known taxa of this region. Here we report on our preliminary results for Callicebus lugens. From 2002 to 2005, several individuals of C. lugens were collected from both margins of the Rio Negro in the counties of Santa Isabel and Barcelos. We amplified and sequenced 400 base pairs of the mitochondrial Cytochrome b gene from six individuals of C. lugens collected from the left bank and one individual collected from the right bank of the Rio Negro. The sequences were compared with five other species of Callicebus and with Cacajao melanocephalus (used as an outgroup taxon) whose sequence data were previously deposited in GenBank. Phylogenetic relationships among sequences were inferred using the neighbor-joining algorithm implemented in the program PAUP*. Genetic divergence within the C. lugens group of the left margin varied between 0.0% and 0.4%, and 1.3% to 1.7% between the individual of the right margin and the individuals of the left margin; individuals from the left margin formed monophyletic group. Genetic divergence between C. lugens and C. torquatus varied from 3.5% to 4.3%. Although individuals of C. lugens from both banks of the Rio Negro were morphologically similar, the molecular data demonstrate that Rio Negro can act as a geographical barrier for populations of C. lugens, and probably also other species of primates.

[233] USO DE PRIMERS HETERÓLOGOS HUMANOS EM AMPLIFICAÇÃO DE DNA OBTIDO A PARTIR DE FEZES DE MURIQUI (PRIMATES: ATELIDADE)

CHAVES, P. B.; FAGUNDES, V.

CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

O gênero *Brachyteles* (muriqui) possui duas espécies endêmicas da Mata Atlântica: *B. arachnoides* (muriqui-do-sul, Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro) e B. hypoxanthus (muriqui-do-norte, Espírito Santo, Minas Gerais e Bahia) que representam os maiores primatas neotropicais não-humanos. A espécie B. hypoxanthus é considerada "criticamente em perigo" de extinção pela IUCN e uma das 25 espécies de primatas mais ameaçadas do mundo. A possibilidade de se acessar o DNA de espécies nessas condições a partir de DNA obtido de fezes torna-se uma estratégia extremamente importante para estudos de conservação. Adicionalmente, a confiabilidade do uso deste DNA em reações subseqüentes como a PCR (Reação em Cadeia da Polimerase) deve ser garantida, já que as fezes podem estar contaminadas com DNA exógeno (bactérias, protozoários, plantas, insetos e Homo sapiens). Este trabalho teve com objetivo testar a amplificação do DNA extraído das fezes de muriqui com primers heterólogos humanos. Quatro amostras de fezes coletadas em Caratinga-MG foram utilizadas para extração de DNA com o QIAamp Minikit (Qiagen). Os DNAs extraídos foram usados como molde para amplificação por PCR utilizando-se um par primers do gene mitocondrial citocromo oxidase II (~ 800 pb) que foram originalmente desenhados para humanos. DNA humano foi usado como controle positivo para as reações de PCR. As amostras de muriqui amplificadas foram seqüenciadas e 597pb das seqüências obtidas foram comparadas via BLAST com seqüências depositadas no GenBank. Os índices de similaridade encontrados foram: 97% com *Brachyteles arachnoides hypoxanthus* (AF216253), 88% com *Ateles paniscus* (AF216247) e 86% com *Lagothrix lagothrica*. Foi obtido um percentual de 99% da seqüência do controle positivo com DNA humano (DQ112962). Não houve índices de similaridade apresentados entre as seqüências do muriqui com qualquer outro tipo de organismo potencialmente contaminante das amostras fecais (DNA exógeno). Árvores filogenéticas de Máxima Parcimônia e Minimum Evolution obtidas a partir das seqüências agruparam nossa amostra de muriqui com a seqüência de B. a. hypoxanthus (AF216253) e do DNA controle humano com DQ112962 (bootstrap de 100%). Estes resultados são de grande relevância para estudos futuros envolvendo genética de populações de muriqui. Apoio: Probio/MMA, CNPq, IPEMA, UFES.

Sistemática

[234] DIMORFISMO SEXUAL EM MACACOS-DE-CHEIRO, GÊNERO SAIMIRI VOIGT, 1831 (PRIMATES, CEBIDAE)

MUNIZ, I. C. M.[1]; SILVA-JÚNIOR, J. S.[2]

[1] ZOOLOGIA, MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI; [2] MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

O gênero Saimiri distribui-se por toda a Amazônia e parte da América Central. O conhecimento atual sugere que o dimorfismo sexual em Saimiri é de natureza estritamente ontogenética. Este dimorfismo está relacionado a um ciclo espermatogênico anual nos machos, durante o qual ocorre aquisição de gordura subcutânea. O presente estudo teve como objetivo investigar o desenvolvimento do dimorfismo sexual em Saimiri sciureus. Os resultados foram comparados aos de S. cassiquiarensis, S. juruenus, S. ustus, S. boliviensis e S. vanzolinii, para a verificação de possíveis diferenças taxonômicas. Foram examinados 610 espécimes das principais coleções brasileiras. As classes etárias foram determinadas de acordo com a seqüência eruptiva dos dentes de leite e permanentes. A coloração da pelagem foi avaliada em relação ao processo de erupção dentária e morfologia craniana, para verificação de diferenciação etária e sexual. Foram examinadas 21 medidas cranianas, analisadas através do Teste "t". Os resultados confirmaram a existência de diferenças sexuais na coloração da pelagem e na morfologia craniana. Não existem diferenças na coloração da pelagem entre classes sexuais anteriores à idade adulta em nenhum dos sexos. Também não foram observadas diferenças na coloração da pelagem entre classes de idade em machos. A mancha pré-auricular enegrecida é um caráter exclusivo de fêmeas, e não está estritamente relacionado à ontogenia. As diferenças sexuais aparecem apenas na idade adulta, e se sobrepõem tanto em relação a subclasses desta idade, como em relação aos grupos taxonômicos. O aparecimento do dicromatismo sexual na pelagem não é sincronizado com o aparecimento do dimorfismo na morfologia do crânio, especialmente dos dentes. Os machos se tornam maiores do que as fêmeas a partir da idade subadulta, e o caráter mais conspícuo deste dimorfismo é o comprimento do canino. Observou-se que, para todas as espécies, o dimorfismo sexual é mais óbvio no aparato mastigatório. Cada espécie difere das demais por apresentar exclusividade em alguma variável (ou conjunto de variáveis) morfométrica evidenciando dimorfismo sexual.

Outros

[235] A CAPTURA DE ALOUATTA CARAYA COM ARMADILHAS EM ILHAS DA PORÇÃO ALTA DO RIO PARANÁ

AGUIAR, L. M.[1]; LUDWIG, G.[2]; SVOBODA, W. K.[3]; TEIXEIRA, G. M.[4]; HILST, C. L. S.[3]; SHIOZAWA, M. M.[3]; MALANSKI, L. S.[3]; NAVARRO, I. T.[3]; PASSOS, F. C.[3]

[1] ZOOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ; [2] UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ; [3] UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA; [4] FACULDADE DE APUCARANA

Programas de capturas para o gênero Alouatta são geralmente realizados através do uso de projéteis anestésicos de armas especiais, sendo raros os trabalhos com auxílio de armadilhas. Muito provavelmente, as capturas de bugios em armadilhas são dificultadas devido ao comportamento ímpar do gênero dentre os primatas neotropicais, reflexo de uma dieta basicamente folívora e também devido à presença e possível competição pela seva com outras espécies frugívoras, como por exemplo, espécies do gênero Nasua e Cebus. O objetivo deste trabalho é descrever as técnicas e as armadilhas utilizadas para a captura de A. caraya nas matas ciliares de três ilhas da porção alta do rio Paraná, município de Porto Rico (22045'''S, 053016'''W), noroeste do estado do Paraná, sul do Brasil, durante o inverno de 2004 e início do verão de 2005. Dois modelos de armadilhas foram confeccionados, ambos com opção para acionamento manual ou automático (armadilha A: 1,60x0,60x0,80m com dupla entrada e portas do tipo guilhotinas; armadilha B: 1,20x0,60x0,60m com uma entrada e porta do tipo guilhotina). Com o auxílio das técnicas de escalada vertical, as armadilhas foram suspensas no dossel e em árvores emergentes e regularmente sevadas de forma abundante e freqüente com banana e manga, sendo esta última, uma fruta já conhecida pelos animais da região devido a sua ampla ocorrência pela área. Ressalta-se a importância do uso de frutos coloridos na seva devido a tricromacia do gênero. No total, foram capturados nas três ilhas, 23 espécimes provenientes de 4 grupos diferentes. A contenção química foi realizada mediante um protocolo de Zoletil® propriamente desenvolvido. Este trabalho demonstra o uso de armadilhas para a captura do gênero Alouatta como um método eficiente, seguro e menos invasivo, e permite apresentá-lo para programas de captura de espécies do gênero quando estes animais forem os únicos primatas presentes na área, como por exemplo, em certas ilhas ou fragmentos florestais.

[236] HEMATOLOGIA E BIOQUÍMICA SANGÜÍNEA DO SAUIM-DE-COLEIRA, SAGUINUS BICOLOR (CALLITRICHIDAE), UM PRIMATA AMAZÔNICO AMEAÇADO DE EXTINÇÃO.

ARAÚJO, S. B.[1]; DUNCAN, W. L. P.[2]; COSTA, O.[2]; GORDO, M.[2]

[1] LABORATÓRIO DE MAMÍFEROS AQUÁTICOS - LMA, INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISA DA AMAZÔNIA - INPA; [2] UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM

O sauim-de-coleira, Saguinus bicolor (Callitrichidae), é uma das espécies de Primatas amazônicos mais ameaçadas de extinção. Sua área de ocorrência inclui os fragmentos florestais intra-urbanos e as áreas de entorno da cidade de Manaus. Recentemente, o programa de proteção do sauim-de-coleira tem concentrado esforços na busca de parâmetros de saúde para essa espécie. O conhecimento dos valores de referência para indivíduos selvagens, e considerados clinicamente normais é essencial para determinar o limite entre saúde e doença. Por isso, o principal objetivo desse estudo foi apresentar valores referenciais para o quadro hematológico e parâmetros bioquímicos sangüíneos do sauim-de-coleira. Para tanto, animais adultos de ambos os sexos (pesando entre 494 a 600 g) foram amostrados. Os exemplares foram capturados na área do fragmento florestal do Campus da Universidade Federal do Amazonas (6,7 x 106 m2), Manaus, Amazonas. Os valores de hematócrito (42,6±2,8%), concentração de hemoglobina (13,8±0,6 g/dl), eritrócitos circulantes (6,5±0,1 x10^6/mm3) e dos índices hematológicos: volume corpuscular médio (85,3±3,4 µm3), hemoglobina corpuscular média (21,1±0,8 pg) e concentração de hemoglobina corpuscular média (32,4±1,8 %) são similares aos valores relatados para outros Primatas do novo-mundo, entre eles Callithrix penicillata e Cebus apella. A bioquímica do plasma também foi avaliada: os níveis de proteínas totais (5,6±0,3 g/dl), albumina (4,0±0,2 g/dl), globulina (1,6±0,5 g/dl), a razão albumina/globulina (2,3) e os níveis de cálcio (7,8±0,5 mg/dl) estão entre os intervalos reportados para outros Primatas. Embora preliminares estes resultados podem ser ferramentas úteis para monitorar o quadro de saúde de animais que precisam ser manejados, principalmente para os poucos grupos familiares que vivem nos pequenos fragmentos florestais intra-urbanos mais vulneráveis. Palavras-chave: Hematologia, Bioquímica do sangue, Sauim-de-coleira, Saguinus bicolor
Financiamento: Projeto Sauim-de-Coleira/FNMA/MMA-2003 e UFAM.

[237] NOVOS REGISTROS DE OCORRÊNCIA DE PRIMATAS NO PARQUE NACIONAL DO ITATIAIA, RIO DE JANEIRO

ALVES, S. L.[1]; ZAÚ, A. S.[2]

[1] DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS NATURAIS, UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO; [2] UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

O Parque Nacional do Itatiaia, situado na Serra da Mantiqueira, a sudoeste do estado do Rio de Janeiro e ao sul do estado de Minas Gerais, possui 30.000 ha com formações vegetais predominantes do tipo Floresta Ombrófila Densa Montana e Floresta Estacional Semidecidual, em altitudes que variam desde 600 a 2.791,55 metros. Em relação a diversidade de primatas, cinco espécies e uma subespécie são observadas no Parque: Callithrix aurita, Callithrix penicillata, Cebus nigritus, Callicebus nigrifrons, Alouatta guariba clamitans e Brachyteles arachnoides. Registros de ocorrência para a maioria destas espécies são antigos, sendo urgente e necessário uma atualização de suas presenças dentro de seus limites. Durante expedições de campo em julho de 2004, foram obtidas confirmações e localizações georreferenciadas de três espécies de primatas, pertencentes a três gêneros e duas famílias. Todos os registros ocorreram em uma trilha de caminhada conhecida como "Trilha dos Três Picos", com 6 quilômetros de extensão, iniciando-se nas proximidades do Hotel Simon e culminando a 1.662 metros de altitude. Um macho adulto e uma fêmea adulta de Alouatta guariba clamitans carregando um infante em seu dorso foram registrados a 1.060 metros de altitude, coordenadas 22º 26' 07" S e 44º 36' 30" W. Não reagiram a presença do observador, permanecendo durante um longo período em repouso, comportamento típico para os representantes do gênero Alouatta. Um grupo composto de 10 a 15 indivíduos de Cebus nigritus foi registrado a 1.600 metros de altitude, coordenadas 22º 25' 23" S e 44º 35' 19" W. Os indivíduos demonstraram comportamentos agressivos, tais como quebra de ramos, vocalizações e exibição deimática (pilocreção e arreganhar de dentes), como resposta a aproximação do observador. Callicebus nigrifrons não foi observado diretamente, porém vocalizações típicas desta espécie foram registradas a 1.620 metros de altitude, coordenadas 22º 25' 25" S e 44º 35' 07" W. A partir dos dados obtidos é possível constatar que o Parque continua sendo considerado rico em espécies de primatas e indispensável para a manutenção desta diversidade na região. No entanto, maiores esforços de campo são necessários para a obtenção de novos registros, principalmente em relação às espécies do gênero Callithrix.

[238] TÉCNICAS E MODELOS DE ARMADILHAS PARA A CAPTURA DO MACACO-PREGO (CEBUS NIGRITUS) NO ESTADO DO PARANÁ, SUL DO BRASIL: COM NOTAS SOBRE OUTROS MAMÍFEROS

ROCHA, V. J.[1,7]; AGUIAR, L. M.[2]; LUDWIG, G.[3]; HILST, C. L. S.[3]; TEIXEIRA,G. M.[4]; SVOBODA, W. K.[5]; SHIOZAWA, M. M.[5]; MALANSKI, L. S.[5]; NAVARRO, I. T.[6]; PASSOS, F. C.[6]

[1] KLABIN S.A.; [2] PG-ZOOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ; [3] UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA; [4] FACULDADE DE APUCARANA; [5] UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, CAMPUS PALOTINA; [6] UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ; [7] ZOOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

A dificuldade de captura de espécimes do gênero Cebus através de projéteis anestésicos, bem como a escassez de descrições de programas operacionais com armadilhas é amplamente conhecida. Assim, estudos que visam conservação e avaliação das condições da saúde e que impliquem na necessidade de captura desses animais tornam-se dificultados. O objetivo deste é relatar as técnicas e os modelos de armadilhas utilizados para a captura de C. nigritus em Londrina, Telêmaco Borba e Porto Rico, municípios do estado do Paraná, Brasil. As capturas ocorreram em fragmentos, matas contínuas e matas de galerias, pertencentes às diversas formações vegetacionais. O modelo de armadilha confeccionado foi do tipo gaiola, com dimensões de 2x2x3m com porta de 2x1m, acionada manualmente à distância. Armadilhas live trap de 0,5x0,5x0,5m foram utilizadas concomitantemente a gaiola. Foram realizadas sevas semanais com aproximadamente 20Kg de alimento durante um a dois meses anteriores a captura. Nesta fase, foi possível habituar e atrair o grupo para a seva através de um assovio desenvolvido para contatar os animais imitando uma de suas vocalizações. Esta técnica foi útil para encontrar os grupos e atraí-los mais facilmente para a armadilha. Os animais capturados foram contidos através de puçás e posteriormente de modo manual. Como contenção química, aplicou-se um protocolo anestésico propriamente desenvolvido de Zoletil®. Os animais foram mantidos nas armadilhas menores até o término do efeito anestésico e contidos dentro da gaiola, o que ajudou a atrair outros indivíduos do grupo à armadilha maior. No total, foram capturados 85 espécimes de C. nigritus no estado, e dentre os sexualmente identificados, 65,1% foram machos e 34,8% fêmeas. Além dos primatas, mostramos a versatilidade da armadilha gaiola para captura de outras espécies de mamíferos: Eira barbara, Pecari tajacu e Nasua nasua. Devido à semelhança do forrageamento e da dieta entre as espécies do gênero Cebus, propomos a possibilidade do programa descrito ser aplicado para a captura das espécies do gênero ao longo de sua distribuição geográfica. Com os resultados satisfatórios em diferentes localidades, elaborou-se uma lista de etapas para a realização de um programa de captura eficiente para os profissionais e seguro para os animais.

Cetacea

Comportamento

[239] "COMPORTAMENTOS DE BRINCADEIRA EXECUTADOS POR INFANTES DE BOTO-CINZA, SOTALIA GUIANENSIS, NA REGIÃO DE CANANÉIA, SP, BRASIL".

DOMIT, C.[1]; MONTEIRO-FILHO, E. L. A.[2]

[1] PÓS GRADUAÇÃO EM ZOOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ E IPEC; [2] UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ E IPEC

Nos últimos anos muitas pesquisas vêm sendo realizadas com o objetivo de definir e explicar comportamentos de brincadeira em diferentes grupos de vertebrados, principalmente em mamíferos. Este comportamento é importante para o conhecimento da ecologia social do grupo e da capacidade cognitiva da espécie. Com o objetivo de verificar a ocorrência de comportamentos de brincadeira na população de Botos-cinza, Sotalia guianensis, na região do Complexo estuarino-lagunar de Cananéia, São Paulo, este estudo foi realizado durante os períodos de outubro de 2001 a outubro de 2002 e de janeiro a novembro de 2004, totalizando 300 horas de esforço amostral. As observações foram feitas utilizando um misto dos métodos de amostragem "animal focal" e "amostragem seqüencial" e a bordo de embarcação de pequeno porte e/ou a partir de ponto fixo em terra. Foram observados onze comportamentos, os quais foram descritos e posteriormente divididos de acordo com sua função e contexto em três Subcategorias: Brincadeiras Sociais, Brincadeiras com objetos e Brincadeiras que envolvem deslocamento. Os comportamentos apresentados pelos infantes de Boto-cinza estão, provavelmente, relacionados com sua capacidade cognitiva, ao seu habito de vida em grupo e ao alto grau de coesão social, assim como, com a necessidade dos infantes aprenderem a reconhecer sua presa e as estratégias de alimentação da espécie para sua sobrevivência.

[240] CARACTERIZAÇÃO DO REPERTÓRIO SONORO PRODUZIDO PELO BOTO-CINZA, SOTALIA GUIANENSIS (CETACEA: DELPHINIDAE), NA BAÍA NORTE, SUL DO BRASIL

PARO, A.[1]; MONTEIRO-FILHO, E. L. A.[2]; WEDEKIN, L. L.[3]; DAURA-JORGE, F. G.[3]; SIMÕES-LOPES, P. C.[3]

[1] ECOLOGIA E ZOOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA; [2] UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ; [3] UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Os cetáceos dependem extensivamente dos sons para realizar suas atividades vitais. O som, na maioria dos casos, é o melhor canal de comunicação debaixo da água. Procurou-se neste estudo registrar e analisar os sons produzidos pelo boto-cinza (Sotalia guianensis) na Baía Norte de Santa Catarina, Sul do Brasil. Em um total de quatro saídas de campo, entre outubro de 2004 e maio de 2005, foi possível fazer registros sonoros da população residente da Baía Norte, utilizando-se um hidrofone Aquarium AQ-9 e um gravador DAT Sony PCM M-1 (resposta de freqüência até 24 kHz). Através do programa Raven 1.2 foi possível caracterizar os sons através de parâmetros de freqüência e duração dos sinais. Também foi feita uma tentativa de categorização dos diferentes tipos e variantes, e quantificação destas categorias. De um total de 4h34min11s de gravações, 1h11min foram usados para análise. Todas emissões dentro desta amostra foram quantificadas e algumas selecionadas, usando critérios de qualidade e diversidade das diferentes emissões. As categorias e respectivas freqüências relativas de sons encontrados foram as seguintes: assovios (84,85%), gritos (12,12%) e gargarejos (3,03%), provavelmente utilizados na comunicação. Os clicks, emitidos como pulsos e provavelmente associados a ecolocalização, também foram freqüentes. Foram analisados 239 assovios, com freqüências entre 1 e 24 kHz (média entre 6 e 17 kHz) e duração média de 236 ms, com valores altos de coeficiente de variação para parâmetros como freqüência inicial e duração. Foi verificado que 90% dos assovios são de modulação ascendente. A categorização dos assovios mostrou-se uma tarefa difícil devido a sua natureza gradual. Os gritos parecem constituir-se de uma variedade de sinais, com energia geralmente concentrada em baixas freqüências. Foram categorizados cinco tipos, baseando-se principalmente em características aurais, podendo-se também incluir os gargarejos. Com relação aos clicks, a freqüência (2-24 kHz) e taxa de repetição dos pulsos (29/s a 63/s) foram altamente variáveis. Os valores de freqüência máxima registrados foram limitados em 24 kHz pela capacidade do equipamento. Este estudo servirá de base para estudos futuros de repertório acústico associado com comportamentos específicos e influência do tráfego de embarcações sobre o repertório sonoro da espécie.

[241] COMPORTAMENTO DE MERGULHO ASSOCIADO AO FORRAGEIO DO BOTO CINZA, SOTALIA FLUVIATILIS, NA ENSEADA DO CURRAL, LITORAL SUL DO RIO GRANDE DO NORTE, BRASIL

GARRI, R. G.[1]; PANSARD, K. C.[2]; GURGEL, H. C. B.[2]; YAMAMOTO, M. E.[2]

[1] FISIOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE; [2] UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE (UFRN), NATAL/RN

Características do comportamento e distribuição das presas apresentam uma grande influência sobre o comportamento de forrageio dos seus predadores. O objetivo desse estudo foi descrever características do comportamento de mergulho do boto cinza, Sotalia fluviatilis, associadas às atividades de forrageio. O estudo foi realizado na enseada do Curral (6°13'36.7"S-35°3'36.7"W), na Praia Pipa, localizada no litoral sul do Estado do Rio Grande do Norte, entre os meses de outubro de 2004 e maio de 2005. Foram realizados seis dias de observações mensais, com esforço diário de 6 horas, totalizando 288 horas de esforço amostral. Os dados foram coletados através do método ab Libitum e registrados em gravadores portáteis. Registrou-se 38 episódios de mergulho, comportamento caracterizado pela exposição da cauda a 90° ou 45° durante a imersão, associados à atividade de forrageio do boto cinza. Esses mergulhos foram apresentados em áreas com profundidades entre 2,5m e 7,0m, com duração média de 24,73s ± 8,97 (n=14) para juvenis e 36,65s ± 14,96 (n=24) para adultos. O presente trabalho sugere que o comportamento de mergulho associado à atividade de forrageio pode representar uma estratégia para perseguição e captura de presas que possam estar em relação com o substrato. Dados preliminares sobre a pesca na enseada do Curral indicam a presença de diferentes espécies de peixes, das famílias: Mugilidae, Serranidae, Pomacentridae, Gerreidae, Ariidae, Clupeidae, Centropomidae, Sciaenidae e Carangidae. Estes peixes podem representar presas em potencial de S. fluviatilis, sendo necessário uma investigação mais precisa sobre a incidência destes e outras presas em sua dieta alimentar. Considerando que os peixes são indicados como o principal item alimentar na dieta do Sotalia é esperado que características do comportamento e distribuição dessas presas também tenham influência sobre a distribuição, uso de área e padrões de forrageio adotados pelo boto-cinza. APOIO FINANCIERO: Cetacean International Society (CIS)-USA, CAPES, CNPq

[242] NASCIMENTO, MORTE E COMPORTAMENTO EPIMELÉTICO EM GOLFINHOS SOTALIA FLUVIATILIS

FLORES, P. A.C

PROJETO GOLFINHO SOTALIA, INSTITUTO DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DE GOLFINHOS

O nascimento de golfinhos em vida livre é raramente observado, ainda não tendo sido registrado para o gênero Sotalia. Por outro lado, o comportamento epimelético já foi reportado para algumas espécies de cetáceos, incluindo S. fluviatilis no ambiente marinho. Na Baía Norte (27°30'S, 48°31'W), SC, em 29 Julho de 2005 foi observado o nascimento e morte de um indivíduo, seguido de comportamento epimelético da mãe para seu filhote. As observações ocorreram entre 10:40 e 12:55 hora local, iniciando com estado do mar 0 (Escala Beaufort), 3-3.6m de profundidade, 17°C, 35‰ e 134cm de turbidez, esta dificultando as observações sub-aquáticas. Inicialmente dois outros indivíduos, um adulto e outro jovem (menor e relação ao adulto e a fêmea) permaneceram junto à fêmea, aos quais denominamos assistentes. A fêmea e os dois assistentes afastaram-se cerca de 500m do restante do grupo (cerca de 60 indivíduos) quando a fêmea pariu à superfície e realizou algumas contrações corporais durante poucos segundos e em seguida um récem-nascido foi observado ao seu lado esquerdo próximo a superfície, mas em nenhum momento respirou. Durante as 2:15hs seguintes, a fêmea trazia e tentava manter o filhote à superfície, pois o mesmo afundava constantemente. Os assistenets em nenhum momento interagiram fisicamente com a fêmea e seu filhote. Devido a deterioração do estado do mar, perdeu-se de vista a fêmea e seu filhote, o qual não foi recuperado. Parece que o filhote era um feto a termo, embora não tenha sido possível verificar. Esta fêmea é conhecida desde 2002 em nosso catálogo de indivíduos foto-identificados, sendo este seu terceiro filhote registrado. No dia seguinte em 30 Julho de 2005, ela foi reavistada (re-fotografada) junto ao grupo de golfinhos muito próxima ao local dos eventos reportados aqui. Esta parece ser a primeira vez que o comportamento epimelético é confirmado entre indivíduos com grau de parentesco direto. Confirma, ainda, o local como área de nascimento de indivíduos, ressaltando sua importância para a proteção desta que é a mais austral população da espécie.

Conservação

[243] ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO PARA A PONTOPORIA BLAINVILLEI – MONITORAMENTO DE CAPTURAS ACIDENTAIS EM REDES DE ESPERA NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

NETTO, R. F.[1]; BADKE, R. W.[2]; GUASTI, A. P. B.[2]

[1] CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, FAESA - SAÚDE E MEIO AMBIENTE; [2] CEMARES - CENTRO DE ESTUDO EM ECOSSISTEMAS MARINHOS E COSTEIROS DO ES

No litoral do Espírito Santo as redes são os artefatos responsáveis por capturas acidentais de Pontoporia blainvillei. Entre os meses de junho de 2004 e maio de 2005, dados sobre a atividade de pesca com rede de espera e a captura acidental de P. blainvillei foram obtidos através de entrevistas com pescadores sediados nos portos de Regência (19°40'S, 39°50'W), Piúma (20°51'S, 40°43'W) e Barra de Itapemirim (21°01'S, 40°48'W). Para o cálculo do esforço de pesca mensal foram considerados os quilômetros lineares de rede imersos a cada dia de pesca. O valor da captura de P. blainvillei por unidade de esforço de pesca (CPUE) também foi calculado através da relação entre o número de animais capturados e o esforço de pesca empreendido (nº animais x (km de rede x dia)-1). Durante o período foram registradas 200 operações de pesca em Regência e 360 na região sul (Piúma e Barra do Itapemirim). Em Regência as redes de espera monitoradas tinham entre 0,6 a 1,5 km de comprimento, 2,5 a 4,0 m de altura, 60 mm de malha e esforço de pesca mensal de 30,64 km. Em Piúma as redes tinham entre 1,0 a 1,5 km de comprimento, 2,5 a 4,0 m de altura, 9 a 12 cm de malha e esforço de pesca mensal de 654,36 km. Em Barra do Itapemirim as redes tinham entre 3,0 a 4,4 km de comprimento, 1,2 a 1,5 m de altura, 11,5 mm de malha e esforço de pesca mensal de 5.453,7 km. A CPUE calculada para as operações de pesca no porto de Regência foi de 0,264. Na região sul não foi registrada captura acidental da espécie. A comunidade de pesca de Regência é pequena, com uma atividade de pesca imprevisível diante das condições marinhas e com autonomia de pesca limitada. Dessa forma, ações de manejo para a região devem incluir a colônia de pesca em um programa de conservação da espécie e estímulo ao uso de técnicas de pesca que não promovam impacto negativo como linhas-de-mão. Apoio: Projeto de Conservação e Utilização Sustentável da Diversidade Biológica Brasileira – PROBIO (PROBIO/MMA/BIRD/GEF/CNPq)

[244] MONITORAMENTO DA CAPTURA ACIDENTAL DE CETÁCEOS NO LESTE DO RIO DE JANEIRO, COM ÊNFASE NA TONINHA (PONTOPORIA BLAINVILLEI).

ALVES, V.[1]; HASSEL, L.[2]; SICILIANO, S.[2]

[1] CETACEOS, GEMM-LAGOS/LABORATÓRIO DE ECOLOGIA/ENSP/DENSP/FIOCRUZ; [2] GEMM-LAGOS/LABORATÓRIO DE ECOLOGIA/ENSP/DENSP/FIOCRUZ

A captura de cetáceos no Brasil esta proibida desde 1987, porém, capturas acidentais em pescarias com redes de espera ainda ocorrem com freqüência. Dentre as espécies mais ameaçadas por esta pesca, a toninha (Pontoporia blainvillei) merece destaque por apresentar uma distribuição relativamente curta e estritamente costeira. Este pequeno golfinho se distribui de Itaúnas (18°25'S, 30°42'W), Espírito Santo, Brasil, até o Golfo Nuevo (42°35'S, 64°48'W), Península Valdez, Argentina. Dois hiatos são encontrados nesta distribuição, entre Regência e Atalona e Macaé e Ubatuba. O presente trabalho é fruto do projeto "Estratégias de Conservação para a Toninha (Pontoporia blainvillei) nas Áreas de Manejo I e II: buscando alternativas para salvar uma espécie PROBIO/MMA/BIRD/GEF/CNPq". Este projeto, objetiva entender melhor a situação desta espécie assim como os riscos a que está submetida, através de visitas e entrevistas aos principais portos de desembarque pesqueiro. Em visitas a cinco portos, entre as regiões de Búzios (21°18'S) e Macaé (22°25'S), dois foram identificados como prioritários para o monitoramento das capturas acidentais. Macaé é o porto de maior ameaça por apresentar o maior número de embarcações e as maiores quantidades de redes imersas. O tamanho das redes neste foi em média de 6,3km e um esforço de pesca médio de 1.461,5 ± 300,1 km por mês. O outro porto selecionado, Barra de São João, apesar de não apresentar uma malha de redes tão extensa quanto à de Macaé, média de 2,65 km, e esforço de 563,1 ± 149,5 km por mês, se encontra na área do hiato da distribuição da espécie, tornando-se um porto chave a ser monitorado. Em oito meses de pesquisa, 352 entrevistas foram implementadas. Três toninhas foram capturadas no porto de Macaé no período de estudo, enquanto um boto-cinza (Sotalia fluviatilis) foi capturado em Barra de São João. Nenhum animal foi trazido para a terra em Macaé, possivelmente os pescadores não adquiriram ainda a confiança nos pesquisadores, pelo pouco tempo de pesquisa. Em Barra de São João os resultados parecem ser mais precisos e a falta de captura, assim como de avistagens de toninhas, corroboram a hipótese do hiato da distribuição da espécie na região.

Ecologia

[245] "INFORMAÇÕES SOBRE A UTILIZAÇÃO DE ÁREAS DO COMPLEXO ESTUARINO-LAGUNAR DE CANANÉIA PELOS BOTOS-CINZA (SOTALIA GUIANENSIS)"

OLIVEIRA, L.[1]; MONTEIRO-FILHO, E. L. A.[2]

[1] ZOOLOGIA, IPEC / UFPR; [2] IPEC / UFPR

Dentro dos territórios que ocupam, muitas espécies utilizam a área de forma irregular, o que pode estar relacionado a diferenças no habitat, recursos reprodutivos e alimentares. Por exemplo, fêmeas com filhotes freqüentam áreas com maior concentração de recursos para suportar a demanda da lactação. Para muitas espécies de odontocetos já foi registrada a utilização freqüente de dois ou três setores os quais possuem características topográficas similares, sendo centralmente profundos com canais estreitos e correntes fortes. Trabalhos realizados com o boto-cinza (Sotalia guianensis) demonstraram que estes animais podem apresentar uma maior utilização de áreas específicas, além de algum grau de residência. Este estudo foi realizado visando conhecer a utilização da região do Complexo Estuarino-Lagunar de Cananéia, litoral sul de São Paulo, pelos botos-cinza lá presente. Para isso, entre os meses de junho de 2001 e agosto de 2002, foram realizadas 29 saídas de campo, totalizando 116 horas. Vinte e cinco animais foram identificados individualmente através da técnica de videoidentificação, e os locais de reavistagens foram registrados. Alguns animais foram registrados repetidamente nos mesmos setores da área. Os botos #C01 e #C02 (fêmea e filhote) estiveram presentes em 68% dos dias amostrados estando sempre na praia da Ponta da Trincheira (Ilha Comprida) ou na praia do Itacuruça (Ilha do Cardoso). Já os botos #C07 e #C20 estiveram próximo a cercos de pesca (uma armadilha artesanal para capturar peixes) da Ilha Comprida, em respectivamente 38% e 35,7% dos dias amostrados. Os botos #C02, #C07 e #C20 continuaram sendo avistados nos mesmos locais até maio de 2005 Os botos ocupam uma extensa área porém, utilizam-na de forma tendenciosa, sendo encontrados principalmente na Baía de Trapandé. Além disso, alguns animais apresentaram preferência por setores específicos da área, sendo estes setores, de alta concentração de peixes, sugerindo também que os animais tendem a pescar em locais conhecidos.

[246] INFLUÊNCIA DA GEOMORFOLOGIA DA COSTA E PLATAFORMA CONTINENTAL DO ESPÍRITO SANTO NA DISTRIBUIÇÃO DA PONTOPORIA BLAINVILLEI (GERVAIS & D'ORBIGNY, 1844)

NETTO, R. F.[1]; COELHO, J. R.[2]; BADKE, R. W.[3]; SICILIANO, S.[4]

[1] CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, FAESA - SAÚDE E MEIO AMBIENTE; [2] FAESA - SAÚDE E MEIO AMBIENTE; [3] CEMARES - CENTRO DE ESTUDO EM ECOSSISTEMAS MARINHOS E COSTEIROS DO ES; [4] ENSP/DENSP/FIOCRUZ

A toninha ou franciscana (Pontoporia blainvillei – Gervais & d'Orbigny, 1844) (Mammalia, Cetacea, Pontoporiidae) é um pequeno cetáceo que consta na Lista Oficial das Espécies da Fauna e Flora Brasileira Ameaçadas de Extinção. Sua distribuição está restrita às águas costeiras do Oceano Atlântico Oeste ao longo da América do Sul, entretanto, há indícios de que a distribuição da espécie não é contínua entre os limites setentrional e meridional. Fatores como a presença de aportes fluviais, largura da plataforma continental e presença de potenciais predadores pode limitar a distribuição da espécie no sudeste do Brasil. Dessa forma, o presente plano de estudo identificou as áreas de ocorrência dessa espécie no litoral do Estado do Espírito Santo, e relacionou os aspectos geomorfológicos da costa e plataforma continental do Estado que podem estar influenciando na presença ou ausência da espécie ao longo do litoral através de um monitoramento da atividade de pesca com rede de espera nos portos de Regência, Piúma e Barra de Itapemirim, no Estado do Espírito Santo, além do estudo de cartas náuticas da região. Durante o período de estudo foram registradas 136 operações de pesca com rede de espera na região norte do Espírito Santo (Regência) e 697 na região sul (Piúma e Barra do Itapemirim). Durante o período do monitoramento foi registrada a captura acidental de P. blainvillei (n= 06) apenas em Regência, sendo observados grupos junto às atividades pesqueiras em 113 ocasiões. No sul, uma captura foi registrada para Steno bredanensis, espécie denominada localmente como golfinho ou tuninha, entretanto, nenhuma observação foi registrada de P. blainvillei. Os resultados indicam que os fatores que podem estar limitando a distribuição dessa espécie no Estado são a inexistência de rios de grande porte e plataforma extensa até a batimetria de 30 metros, com a ocorrência da espécie apenas em localidades no norte do Estado, especialmente Regência. Apoio: Projeto de Conservação e Utilização Sustentável da Diversidade Biológica Brasileira – PROBIO (PROBIO/MMA/BIRD/GEF/CNPq)

[247] INFORMAÇÕES SOBRE O HÁBITO ALIMENTAR DE SOTALIA FLUVIATILIS NO LITORAL SUL DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE, BRASIL.

PANSARD, K.[1]; GURGEL, H. C. B.[2]; SOUZA, L. L. G.[1]; VASKE, T.[2]; YAMAMOTO, M. E.[2]

[1] FISIOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE; [2] UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE; [3] DIMAR-DEPARTAMENTO DE PESCA-UFRPE

No Brasil ainda são poucos os estudos direcionados para o conhecimento do hábito alimentar do boto cinza, Sotalia fluviatilis, considerado o cetáceo mais comum na costa brasileira. O objetivo desse trabalho foi caracterizar o hábito alimentar de Sotalia fluviatilis no litoral sul do Estado do Rio Grande do Norte, através da análise de seu conteúdo estomacal. Foram analisados 18 estômagos de S. fluviatilis, encontrados encalhados na costa do Rio Grande do Norte, compreendidas entre as praias de São Miguel do Gostoso e Sagi. Estes espécimes foram recuperados através de uma rede de informações criada pelo Projeto Pequeno Cetáceos do RN (PPC-RN) junto a entidades não governamentais voltadas para as atividades turísticas (bugueiros) e ao IBAMA. A análise do conteúdo estomacal indicou que os teleósteos representam 78% dos itens ingeridos, seguidos por cefalópodes que representam 65% das presas, e em 53% dos estômagos foram encontrados teleósteos e cefalópodes. Entre os teleósteos já foram encontrados representantes da Família Mugilidae, Trichiuridae, Haemulidae e Muraenidae. Entre os cefalópodes foram encontrados representantes das Famílias Loliginidae (Lolliguncula brevis e Sepioteuthis sepioidea) Octopodidae (Octopus vulgaris). A amostra analisada foi considerada reduzida para se estabelecer um padrão definido sobre a dieta alimentar dessa espécie, nesse sentido, faz-se necessário que estudos mais amplos sejam realizados para obter maiores informações sobre a dieta do boto cinza, contribuindo assim para o conhecimento e conservação dessa espécie.

[248] OCORRÊNCIA E DENSIDADE DE INIA GEOFFRENSIS E SOTALIA FLUVIATILIS NA ÁREA DO MÉDIO-MADEIRA E ARIPUANÃ

CANTANHEDE, A.[1]; CASTELBLANCO-MARTINEZ, D. N.[2]; ROSAS, F. C. W.[2]; SILVA, V. M. F.[2]

[1] CPBA, INPA; [2] LMA/CPBA/INPA

O Rio Madeira, afluente do Amazonas mais habitado e comercialmente explorado da região, foi considerado de extremamente alta prioridade para inventários segundo Workshop de Macapá em 1998. Foram realizadas duas expedições no Rio Madeira e Aripuanã, na seca (set/2004) e cheia (mai/2005), com o objetivo de levantar informações da ocorrência e densidade das duas espécies de golfinhos de rio da região. As informações foram coletadas mediante entrevistas com comunitários, bem como por meio de percursos de barco nos no médio rio Madeira e médio/baixo rio Aripuanã, e uma série de rios menores, igarapés e lagos, considerando as informações das entrevistas. Para estimativa de densidade utilizou-se transecto de banda de 80m de largura por 3h paralelamente à margem num barco a 10km/h. As observações foram realizadas quando não havia turbulência. Foram realizados 23 percursos na seca e 31 na cheia, resultando em 619km lineares percorridos. Mediante avistagens, foi confirmada a informação fornecida pelos entrevistados, originando uma distribuição preliminar durante a seca que abrange o baixo rio Madeira desde a boca do rio Aliringa até a foz do Madeira, e seus tributários. Durante a cheia, além desses locais, foi possível também conferir a presença dos cetáceos em rios de menor ordem e nos lagos e igarapés. Foram registradas 198 avistagens de golfinhos, das quais 93 foram botos e 105 tucuxis. Durante a seca o número de avistagens foi maior, refletindo a dispersão dos animais durante a cheia para procura de alimento. As avistagens consistiram em grupos ou animais solitários, variando de 1 a 20 tucuxis e de 1 a 8 botos. A maior densidade relativa dos botos (2,52 ind/km2) em relação aos tucuxis (1,13 ind/km2) já foi reportada em outros estudos na Amazônia Central. Os botos predominaram na bacia do Aripuanã, e os tucuxis no Madeira. Os pescadores alegam uma forte interferência dos botos com as atividades pesqueiras, roubando os peixes das malhadeiras e estragando suas redes. Essa interação é maior durante a cheia, período que o pescado se dispersa pela várzea e igapó, dificultando sua captura, inclusive para os botos, que encontram nas malhadeiras uma maneira fácil de obter seu alimento.

Genética

[249] VARIAÇÃO NA OCORRÊNCIA DE TURSIOPS TRUNCATUS (CETACEA, DELPHINIDAE) NA FOZ DO RIO ITAJAÍ-AÇÚ, SC

BARROS, L.T.; RUIZ, D.G.[1]; BARRETO, A.S.[1]; HENRIQUE-GARCIA, J.[2]

[1] UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ; [2] ECOLOGIA E ZOOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA;

Na Foz do Rio Itajaí-Açú, Santa Catarina, a presença de Tursiops truncatus vem sendo registrada sistematicamente desde 2000, com coleta de dados sobre ocorrência e comportamento. Este ambiente é utilizado pelos golfinhos principalmente como local de alimentação, como indicam os resultados das avistagens realizadas até o momento. Buscou-se comparar a influência dos fatores físicos sobre a ocorrência da espécie (2002 a 2003; 695,25h de esforço amostral, 37,34% de avistagens) e as variações interanuais que ocorreram (2002 a 2004; 882,33h de esforço, 39,7% de avistagens). O registro dos animais foi feito a partir de um farol localizado na desembocadura do estuário, na Praia da Atalaia. Em campo foram coletados os dados de estado do mar e do clima. Dados de variáveis ambientais (descarga fluvial, marés astronômicas, temperatura superficial da água e turbidez) foram obtidos junto ao Laboratório de Oceanografia Física da UNIVALI. Dados de intensidade do vento, chuva e temperatura do ar foram obtidos junto ao Laboratório de Geoprocessamento e Sensoriamento Remoto. Utilizou-se o teste de Mann-Whitney para verificar a existência de diferenças significativas nos valores das variáveis físicas na presença e ausência dos animais, e entre anos. Encontrou-se diferença significativa ($p<0,05$) na presença dos animais entre os anos, com presença mais freqüente de indivíduos em 2003, seguida por 2002 e 2004. O tamanho dos grupos foi maior em 2002, seguido por 2004 e 2003. A maior freqüência de avistagens ocorreu no Verão e os maiores tamanhos de grupo foram vistos durante o Outono. A análise da influência dos fatores físicos revelou maiores correlações significativas (r de Pearson, $p<0,05$) entre o número de animais na área e a temperatura do ar (r= -0,3289), maré (r= -0,2879) e a descarga fluvial (r=0,2582). Entretanto, os baixos valores das correlações indicam que a presença e abundância da espécie na Foz do Rio Itajaí-Açú provavelmente não é influenciada diretamente por fatores ambientais. Estes possivelmente influenciam a presença de presas, que por sua vez atraem os golfinhos. Necessita-se de mais conhecimentos sobre a distribuição destes animais em outros locais adjacentes para poder prever melhor sua ocorrência.

[250] ANÁLISE FILOGEOGRÁFICA EM POPULAÇÕES MARINHAS DE SOTALIA FLUVIATILIS (CETACEA: DELPHINIDAE)

CORRÊA, T.[1]; NASCIMENTO, F. F.[2]; SICILIANO, S.[3]; BONVICINO, C. R.[4]

[1] ENSP, FIOCRUZ; [2] DEPTO DE MEDICINA TROPICAL, IOC-FIOCRUZ; [3] ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA, FIOCRUZ; [4] DEPTO DE MEDICINA TROPICAL, IOC-FIOCRUZ; DIVISÃO DE GENÉTICA, INCA

Sotalia fluviatilis Gervais 1853, conhecida vulgarmente como boto tucuxi, encontra-se distribuída na costa Atlântica desde Florianópolis, Brasil até Honduras, sendo questionado o status taxonômico de suas populações. Para analisar a variabilidade genética e a estruturação populacional de S. fluviatilis do estado do Rio de Janeiro (RJ), foi usado como marcador molecular o gene mitocondrial citocromo b (citb). Adicionalmente espécimes do GenBank, dois Sotalia de Santa Catarina (SC), Lagenorhynchus obscurus e Delphinapterus leucas foram incluídos nas análises, estas duas últimas como grupo de fora. As amostras seqüenciadas neste estudo foram obtidas de tecido de animais encalhados ou capturados em redes de pesca artesanal. Sete espécimes de S. fluviatilis tiveram todo o gene citb amplificado, e 1076 pares de bases sequenciados. A estimativa de distância p (0,1%) mostrou dois haplótipos muito semelhantes entre os indivíduos do RJ, diferindo apenas por uma transição. A estimativa da distância genética entre haplótipos de SC e RJ foi maior, variando de 2,2 a 2,3%. A análise de neighbor-joining mostrou que os espécimes de S. fluviatilis formam um grupo monofilético com forte suporte de Bootstrap (100%). Dentro deste grupo pode ser observados dois clados fortemente suportados, um contendo os animais do estado de SC e outro contendo os animais do estado do RJ. Os resultados sugerem um intenso fluxo gênico intrapopulacional nas amostras do RJ, mas sugerem estruturação geográfica entre as populações do RJ e SC. Financiamento: Projeto de Monitoramento de Mamíferos e Aves Marinhas na Bacia de Campos/CENPES/PETROBRAS & ENSP/FIOCRUZ, IOC-FIOCRUZ

[251] **UTILIZAÇÃO DE UM INICIADOR HETERÓLOGO DE VERTEBRADOS PARA AMPLIFICAÇÃO DE INTRONS EM BALEIAS-JUBARTES (MEGAPTERA NOVAEANGLIAE) E EM OUTROS CETÁCEOS**

SOUZA, A. L. C.[1]; LIMA-ROSA, C. A.[3]; ENGEL, M. H.[3]; OLIVEIRA, L. R.[4]; ALMEIDA, R.[4]; OTT, P. H.[1]; BONATTO, S. L.[4]

[1] BIOLOGIA, CENTRO DE BIOLOGIA GENÔMICA, PUCRS E INSTITUTO BALEIA JUBARTE; [2] CENTRO DE BIOLOGIA GENÔMICA, PUCRS E DEPARTAMENTO DE GENÉTICA, UFRGS; [3] INSTITUTO BALEIA JUBARTE; [4] CENTRO DE BIOLOGIA GENÔMICA, PUCRS E GEMARS; [5] GEMARS E CENTRO UNIVERSITÁRIO FEEVALE; [6] CENTRO DE BIOLOGIA GENÔMICA, PUCRS

O conhecimento da diversidade genética populacional é importante para definir estratégias adequadas de proteção e manejo das populações de cetáceos. Estudos recentes de estrutura de população e diversidade genética têm usado amplificações por PCR, seqüenciamento de fragmentos de DNA e análises filogenéticas de alelos para verificar a variação dentro e entre populações naturais. Introns nucleares podem fornecer dados sobre polimorfismos usando iniciadores universais, que não requerem conhecimento prévio do genoma a ser analisado e que anelam a exons de genes altamente conservados. Os introns são fáceis de amplificar, evoluem mais devagar do que mtDNA, mas mais rapidamente do que exons nucleares, são codominantes e seletivamente neutros. O único estudo populacional de baleias-jubartes, Megaptera novaeangliae, utilizando introns nucleares foi com o intron 1 da actina (1409 bp), que resultou em 17 sítios polimórficos entre dez indivíduos, além de uma distância de 3% com a baleia-azul, Balaenoptera musculus. O objetivo deste trabalho é testar um iniciador heterólogo de vertebrados para baleias-jubartes do Banco dos Abrolhos e da Península Antártica, além de outras duas espécies de cetáceos, o golfinho-nariz-de-garrafa, Tursiops truncatus, e a toninha, Pontoporia blainvillei. Para isto foram utilizados os iniciadores de PCR para o intron 7 do β-fibrinogênio comumente usado para estudos evolutivos de aves. Inicialmente foram estudados 11 indivíduos de baleias-jubartes do Banco dos Abrolhos e analisada a seqüência de 637 bp do intron 7 do β-fibrinogênio, não tendo sido encontrado nenhum sítio polimórfico. O resultado sugere duas hipóteses, que esse intron tem pouca variação ou que essa população tem pouca variabilidade. Entretanto, para esse intron foi encontrada uma variação de aproximadamente 2%, com sete sítios polimórficos, entre M. novaeangliae e a baleia-fin, B. physalus do GenBank. Para testar essas hipóteses serão analisados outros indivíduos de baleias-jubartes de Abrolhos, além de dez indivíduos da Península Antártica. Até o momento foram testados indivíduos de P. blainvillei e de T. truncatus para verificar se esse intron pode ser utilizado em outros cetáceos, ocorrendo amplificação somente em P. blainvillei. Se houver variação entre os indivíduos para esse intron, seus iniciadores poderão ser utilizados em estudos de diversidade genética em outras espécies de cetáceos.

Morfologia

[253] **ANATOMIA DO CORAÇÃO DO BOTO CINZA, SOTALIA FLUVIATILIS, E POSSÍVEIS ADAPTAÇÕES CARDÍACAS AO MERGULHO**

GARRI, R. G.[1]; MOURA, C. E. B.[1]; YAMAMOTO, M. E.[2]

[1] FISIOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE; [2] UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE (UFRN), NATAL/RN.

As investigações sobre a morfofisiologia cardiovascular e capacidade de mergulho em pequenos cetáceos são escassas. Em golfinhos, estão baseados em Tursiops truncatus, Phocoena phocoena, Delphinapterus leucas e Pontoporia blainvillei. Até o presente momento, não existem estudos sobre a anatomia funcional do coração do boto-cinza, Sotalia fluviatilis, espécie costeira, encontrada desde Honduras até Santa Catarina, sul do Brasil. Estudos sobre comportamento de mergulho nessa espécie estão sendo desenvolvidos em Baía do Curral, Pipa(6°12'S-35°04'W), onde foram observados mergulhos entre 2,5m a 7m de profundidade com duração media de apnéia de 24,73s ± 8,97 (n=20) para juvenil e 36,65s ± 14,96 (n=36) para adultos. O objetivo deste trabalho é descrever a anatomia do coração de Sotalia fluviatilis, e relacionar as adaptações cardíacas ao mergulho em vida livre. As necropsias foram realizadas entre maio de 2004 a junho de 2005, no litoral do Rio Grande do Norte. Foram coletados 12 corações de animais encalhados mortos, sendo 3 filhotes (78 a 102cm), 3 juvenil (130 a 158cm) e 6 adultos (170 a 194cm). Após fixação em formaldeído a 10% por 48h, foram pesados e dissecados, para obtenção das medidas biométricas. Verificou-se que o coração do boto-cinza possui câmaras ventriculares compridas com margens fortemente convexas e achatamento dorsoventral. O ápice é arredondado e formado por ambos os ventrículos. O índice médio de amplitude do coração (altura coração/circunferência) foi de 26,18 ± 1,38 para filhotes, 26,21 ± 3,66 para juvenis e 29,5 ± 5,09 para adultos. O ventrículo direito é comprido e relativamente estreito, com índice de altura media (TS/altura coração) de 64,61 ± 3,31 para filhotes, 73,18 ± 2,41 para juvenis e 66,66 ± 1,44 para adultos. O índice médio de largura (TP/altura coração) de 38,56 ± 0,84 para filhotes, 47,24 ± 2,65 para juvenis e 57,23 ± 4,02 para adultos. A forma do coração, e em especial do ventrículo direito permite maior capacidade de ejeção ventricular de sangue para os pulmões, evitando colapso pulmonar durante a imersão profunda. Essas modificações representam adaptações às mudanças hemodinâmicas que ocorrem em mergulhos profundos por um maior período de tempo. Apoio/logistico: Cetacean Society International (CSI), CAPES

Levantamento

[252] **AVISTAGENS DE BALEIA-PILOTO,ORCA-PIGMÉIA,FALSA-ORCA,ORCA E GOLFINHO-DE-RISSO: DADOS INÉDITOS PARA AMPLIAR O CONHECIMENTO DE ESPÉCIES POUCO CONHECIDAS**

ERBER, C.S.C.; MOREIRA, S.; FERNANDES, T.; POLETTO; F.R.; ALENCASTRO, P.M.R.; GRANDO, A.P.; FIGNA, V.N.D.; DAFFERNER, G.; FREITAS, R.H.A.; CARNEIRO, A.V.; MIRANDA, C.M.; BARBOSA, M.B.; ELISEIRE JR., D.; ALMEIDA, A.N.F.; RAMOS, R.M.A.

MONITORAMENTO AMBIENTAL, EVEREST TECNOLOGIA EM SERVIÇOS LTDA.

O objetivo deste trabalho é reportar novas informações sobre a ocorrência e distribuição de espécies de delfinídeos não comumente avistados na costa brasileira, a partir de observações obtidas durante levantamentos de dados sísmicos da empresa PGS. Entre novembro de 2001 e junho de 2005 foram realizadas 20 observações de cinco espécies de delfinídeos em 11 dos 27 blocos para prospecção de petróleo e gás monitorados, entre as Bacias Sedimentares do Pará-Maranhão (01°21'N) e Santos (27°10'S), totalizando ~13.000 horas de esforço de observação. A orca (Orcinus orca) (6 grupos/~30 espécimes) ocorreu nas Bacias de Camamu/Almada (2/~8), Espírito Santo (1/~7), Campos (2/~7) e Santos (1/~8). O golfinho-de-Risso (Grampus griseus) (7/~53) foi observado nas Bacias do Espírito Santo (1/~5), Campos (5/~38) e Santos (1/~10). A falsa-orca (Pseudorca crassidens) (3/+53) ocorreu nas Bacias de Sergipe/Alagoas (1/~3) e Santos (2/+50), sendo que um grupo não foi quantificado. A baleia-piloto-de-aleta-curta (Globicephala macrorhynchus) (2/~46) foi avistada nas Bacias do Pará/Maranhão (1/~6) e Campos (1/~40), além de uma observação de baleia-piloto na Bacia de Campos (2 indivíduos) cuja espécie não foi confirmada (Globicephala sp.). Somente um grupo de orca-pigméia (Feresa attenuata) foi observado na Bacia do Pará/Maranhão (~100 indivíduos). A distribuição dos delfinídeos ocorreu em áreas com profundidades superiores a 200m (84,2%). As espécies com maior ocorrência foram Orcinus orca (n=6) e Grampus griseus (n=7), ambas distribuídas apenas em áreas de médias (>13°S) a altas (>21°S) latitudes. A orca só foi observada durante o outono (março-maio). Considerando que 25% das avistagens ocorreram em baixas latitudes (<15°S) para um esforço de 40% (~5000h), e 75% das avistagens ocoreram em médias-altas latitudes (>19°S) para um esforço de 60% (~8000h), as Bacias de Campos e Santos totalizaram juntas 65% das observações, indicando a região sul-sudeste como provável área preferencial para estas espécies na costa brasileira. Contratante: PGS Investigação Petrolífera Ltda.

[254] **DISTINÇÃO ENTRE AS ESPÉCIES DE CETÁCEOS ODONTOCETOS DA COLEÇÃO DO MZUSP ATRAVÉS DA DESCRIÇÃO MORFO-ANATÔMICA DOS COMPONENTES FUNCIONAIS DO CRÂNIO**

MERISSI, T. L.[1]; ROLLO, M. M. J.[2]

[1] ECOLOGIA DE MAMÍFEROS MARINHOS, UNESP - CAMPUS DO LITORAL PAULISTA; [2] UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA (UNESP) - CAMPUS DO LITORAL PAULISTA

O crânio dos vertebrados é considerado uma admirável estrutura morfológica distinta, de onde são extraídas importantes informações para a caracterização e distinção taxonômica dos grupos e de suas espécies. O Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (MZUSP) detém uma significativa coleção de crânios de cetáceos odontocetos (273 exemplares). Ainda que seja pouco representativa para algumas espécies, é a maior do Estado de São Paulo e uma das mais importantes do Brasil. Com base na análise detalhada de 269 crânios de animais imaturos e adultos (alguns parcialmente danificados), fizemos a descrição morfo-anatômica dos componentes funcionais cranianos com o intuito de observar elementos distintivos entre os exemplares depositados. Neste estudo apresentamos a descrição anatômica dos seguintes componentes funcionais: caixa craniana, aparato alimentar, aparato visual, aparato auditivo, aparato respiratório e aparato da produção de sons. Para caracterizar os diferentes componentes foram descritos, basicamente, o conjunto de ossos que os compõem e sua morfologia aparente, examinando as seguintes espécies: Delphinus capensis; Sotalia guianensis; Sotalia fluviatilis; Stenella frontalis; Steno bredanensis; Tursiops truncatus; Peponocephala electra; Globicephala melas; Globicephala macrorhynchus; Lissodelphis peronii e Cephalorhynchus eutropia (família Delphinidae); Phocoena phocoena (família Phocoenidae); Inia geofrensis (família Iniidae); Pontoporia blainvillei (família Pontoporiidae) e Kogia breviceps (família Kogiidae). As descrições geradas para cada componente foram cruzadas entre si, uma de cada vez, entre as diferentes espécies, obtendo-se, assim, subsídios que possibilitaram a distinção de alguns dos componentes funcionais cranianos entre as diversas espécies examinadas. Desta forma, os componentes funcionais mostraram-se eficientes como elementos auxiliares na compreensão dos processos de divergência taxonômica entre espécies de cetáceos.

[255] **PRESENÇA DE COSTELAS CERVICAIS EM GOLFINHOS DO GÊNERO SOTALIA E OUTRAS VARIAÇÕES MORFOLÓGICAS.**

FETTUCCIA, D. C.[1]; SILVA, V. M. F.[2]; SIMÕES-LOPES, P. C.[3]

[1] CPBA, INPA; [2] INPA; [3] UFSC

A presença ocasional de costelas cervicais tem sido registrada em mamíferos há alguns anos e é uma característica interessante na anatomia comparada, uma vez que estas estruturas são tipicamente observadas em répteis. Este estudo tem como objetivo comparar a freqüência da ocorrência de costelas cervicais no gênero Sotalia, bem como apresentar outras variações morfológicas observadas. Foram examinados 66 exemplares, sendo 35 da espécie fluvial e 31 da espécie marinha, pertencentes às coleções do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA) e da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), respectivamente. A presença de costelas cervicais é consideravelmente maior em S. fluviatilis (85,7%) quando comparada com S. guianensis (22,5%), podendo ocorrer no lado direito, esquerdo ou em ambos os lados da vértebra cervical. Em exemplares fluviais também foi observado um fusionamento incomum entre a sexta e a sétima vértebra cervical (dois indivíduos) e entre a terceira e a quarta vértebra cervical (um indivíduo) onde o fusionamento se dava na região ventral do corpo da vértebra. Uma patologia óssea identificada como osteomelite foi observada na região mediana da hemimandíbula esquerda de um exemplar fluvial. Esta patologia resultou na separação da hemimandíbula em duas partes, na perda de dentes e na deformação dos alvéolos no local. A mesma patologia foi descrita em um exemplar marinho, porém na região caudal da coluna vertebral, acarretando na fusão e deformação de três vértebras caudais.

Outros

[256] **A ETNOECOLOGIA E SUAS RELAÇÕES CON O BOTO-CINZA SOTALIA FLUVIATILIS (GERVAIS,1853) NO DELTA DO RIO PARNAÍBA, ESTADO DO MARANHÃO-NORDESTE DO BRASIL.**

TOSI, C. H.[1]; MAGALHÃES, F. A.[2]; GARRI, R. G.[3]

[1] ECOLOGIA, PROJETO CETÁCEOS DO MARANHÃO; [2] PROJETO CETÁCEOS DO MARANHÃO(PROCEMA); [3] PROJETO CETÁCEOS DO MARANHÃO

O Delta do rio Parnaíba, decretado Área de Proteção Ambiental (APA) em 1996, é considerado como o único delta das Américas em mar aberto, estando localizado na divisa dos estados do Maranhão (65%) e Piauí (35%). Este trabalho foi desenvolvido com o propósito de resgatar o conhecimento etnoecológico da comunidade local em relação aos cetáceos que habitam a região. O estudo da etnoecologia é essencial, pois forma uma interação entre o conhecimento tradicional da população e o científico dos pesquisadores. Dentro deste contexto, o Projeto Cetáceo do Maranhão (PROCEMA), no período de outubro de 2004 a janeiro de 2005 realizou vinte e uma (n=21) entrevistas com pescadores e mestres de embarcações pertencentes aos municípios de Tutóia, Araioses, Paulino Neves e Carnaubeiras. Para um maior embasamento dos dados, durante as entrevistas fotos de cetáceos foram mostradas, e a espécie identificada foi o boto-cinza (Sotalia fluviatilis), um pequeno cetáceo de hábito costeiro. Os entrevistados conseguiram demarcar a distribuição sazonal dos botos observando-os nos meses de julho a dezembro (época de seca na região), no período de maré cheia. Os pescadores delimitaram a área de distribuição do boto-cinza, observando-o com maior freqüência na Baía do Caju (02°45'S e 42°05'W). De acordo com as informações coletadas, o tamanho do grupo foi estimado em aproximadamente 10 indivíduos, e peculiaridades quanto a etologia dos botos também foram obtidas, como alimentação, deslocamento e uma intensa atividade aérea de saltos. Com a carência de estudos na região, fica clara a necessidade de pesquisas voltadas para a ecologia e conservação da espécie.

[257] **BONE LESIONS IN A KILLER WHALE, ORCINUS ORCA (LINNAEUS, 1758), OF THE SOUTHEASTERN BRAZILIAN COAST.**

FRAGOSO, A. B. L.[1]; CUNHA, H. A.[2]; LAILSON-BRITO, J. J.[1]; AZEVEDO, A. F.[2]; OLIVEIRA, L. F. B.[3]

[1] MAMÍFEROS MARINHOS, BOLSISTA CAPES/PPGZOO - MUSEU NACIONAL - UFRJ; [2] MAQUA - DEPTO. OCEANOGRAFIA/ UERJ, 20550-013, RIO DE JANEIRO; [3] MASTOZOOLOGIA, DEPTO DE VERTEBRADOS, MUSEU NACIONAL - UFRJ

The killer whale (Orcinus orca) is considered the most widespread cetacean. Information about bone pathology is scarce for animals of the South Atlantic Ocean. This report intends to analyze the occurrence of lesions in a killer whale that stranded at the south coast of Rio de Janeiro. A 520 cm specimen was recovered dead at Ilha Grande Bay in January 2001. The skeleton was prepared in current water to separate the bones from soft tissues. The bone lesions were determined based on paleopathological techniques. Two molecular techniques were used for sex determination. The physical maturity was based on fusion degree of the epiphyseal plates. The mature female had twelve teeth in each hemi-mandible. The vertebral formula was C7, T11, L10 and Ca 24. The individual presented bone injuries and some cases of unexpected shape, discontinuity or anomalous proportion. Tooth lesions were also recorded. An injury was observed at the surface of the external bone. Evidences of arthrosis were observed in ribs and thoracic region. Traumatic injuries were recorded in ten lumbar vertebras. The bone signs showed that the fracture had already consolidated. Bone analyses can be used to assess pathological information of cetacean populations.

[258] **CONHECIMENTOS EMPÍRICOS SOBRE AS ATIVIDADES ANTRÓPICAS E SUAS POSSÍVEIS AMEAÇAS PARA A POPULAÇÃO DE SOTALIA FLUVIATILIS NO LITORAL LESTE DO MARANHÃO**

MAGALHÃES, F.[1]; GARRI, R.[2]; TOSI, C.[1]

[1] PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, PROJETO CETÁCEOS DO MARANHÃO - PROCEMA; [2] UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE, DEP. PSICOBIOLOGIA

As populações de golfinhos com hábitos costeiros geralmente vivem em áreas utilizadas por uma ampla variedade de atividades antrópicas. Em particular, pescas são frequentemente praticadas nessas áreas e geralmente acarretam em capturas acidentais ocasionando os encalhes desses animais. A área de Proteção Ambiental (APA) do Delta do Rio Parnaíba, assim decretada em 1996, abrange municípios dos estados do Maranhão, Piauí e Ceará possuindo uma extensão de 313.809 ha incluindo a área marítima. Os dados foram coletados pela equipe do Projeto Cetáceos do Maranhão (PROCEMA) em Araioses/MA entre os meses de outubro de 2004 a janeiro de 2005, contando com auxílio de pescadores de Tutóia, Carnaubeiras, Paulino Neves e Ilha do Passeio, totalizando vinte e um entrevistados (n=21). Atualmente os pescadores (90%) avistam, em média, grupos de 10 indivíduos, porém dados históricos referentes a 10 anos mostram que grupos maiores que 20 indivíduos eram avistados com freqüência na região. Segundo relato de 70% dos pescadores, o decréscimo no tamanho do grupo em cada avistagem, possivelmente está diretamente relacionado com a utilização de aparatos de pesca proibidos por lei como zangarias (portaria número 68N de 28/06/1994, proíbe anualmente a pesca com rede do tipo zangaria nas baías e reentrâncias no litoral do Maranhão) e redes de arrasto com porta no interior da baía de Tutóia/MA (portaria número 7 de 25/02/1980). Outros possíveis fatores são os acréscimos de embarcações motorizadas e o assoreamento do Rio Parnaíba. Estudos contínuos serão realizados para fundamentar as causas das ameaças na população de Sotalia fluviatilis, assim como a implementação de educação ambiental para a conservação da espécie.

[259] EVIDÊNCIA DE RESIDÊNCIA INDIVIDUAL E OCORRÊNCIA DE LESÕES EPIDÉRMICAS EM GOLFINHOS TURSIOPS TRUNCATUS NA BAÍA NORTE, SC, BRASIL

FLORES, P.[1]; BAZZALO, M.[2]; ZAGO, L.[3]; WELLS, R. S.[4]

[1] PROJETO GOLFINHO SOTALIA, INSTITUTO DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DE GOLFINHOS; [2] UNIVERSIDAD DE BUENOS AIRES; [3] INSTITUTO DE PESQUISA & CONSERVAÇÃO DE GOLFINHOS; [4] CHICAGO ZOOLOGICAL SOCIETY AND MOTE MARINE LABORATORY

O golfinho ou boto Tursiops truncatus é pouco conhecido no Brasil, diferentemente do que ocorre em outras regiões do mundo. Em vários destes locais, descrições de pele em populações livres são comuns e consideradas resultantes de fatores antrópicos e ambientais. Na Baía Norte (27°30'S, 48°31'W), SC, estudos com T. truncatus incluindo foto-identificação são desenvolvidos desde 1993. Neste trabalho apresenta-se resultados preliminares obtidos entre 1993 e 2004 sobre residência individual e ocorrência assim como descrição e epidemiologia de lesões epidérmicas. Trinta e nove indivíduos foram foto-identificados a partir de 67 grupos (n = 251 indivíduos), tendo sido reavistados em até sete dias diferentes durante seis anos. Apenas 12,8% (n = 5) dos animais foto-identificados apresentam lesões epidérmicas, variando de pequenas áreas despigmentadas a manchas branco ou creme até enrugamentos, caroços, abcessos e erupções cobrindo extensas áreas do corpo. Um destes animais apresentou intensa evolução de lesões em um período de 20 meses, enquanto outro desenvolveu-as durante o período de estudo. Os padrões de residência são similares a várias populações de T.truncatus. O constante surgimento de novos indivíduos indica uma população relativamente grande ou a amostragem de apenas parte desta. Embora não tenha sido possível diagnosticar o(s) tipo(s) de doença ou disfunção ou mesmos o(s) vetor(es) das lesões epidérmicas, algumas são consistentes com a Doença de Lobo, reportada para um animal recuperado morto a cerca de 150km a Sul da área de estudo. O percentual de animais com desordens epidérmicas é baixo comparado a outros locais. Por outro lado, golfinhos S. fluviatilis foto-identificados e residentes na Baía Norte e extensivamente fotografados desde 1993, não possuem tais lesões epidérmicas. Conforme a epidemiologia de possível(is) doença(s) relacionadas a estas lesões, os raríssimos encontros entre as duas espécies de golfinhos, reportados anteriormente, poderiam representar perigo de contágio a S. fluviatilis. Essas informações acrescentam importante aporte ao quase inexistente conhecimento atual sobre patologia e estado de saúde de T.truncatus no Brasil, destacando a importância de amostragens de tecidos desta espécie no local de estudo, assim como quanto a comparações com as poucas populações estudadas na costa do Brasil.

[260] OCORRÊNCIA DE BALEIAS FRANCAS, EUBALAENA AUSTRALIS (CETACEA, BALAENIDAE), NAS PRAIAS DO ROSA E IBIRAQUERA IMBITUBA - SANTA CATARINA, TEMPORADA 2004

SOTO, J.[1]; MARTIN, P.[2]; MANZAN, M.[2]; SILVA, C.[2]; CARNEIRO, M.[2]; DANIELSKI, M.[2]

[1] MUSEU OCEANOGRÁFICO UNIVALI; [2] INSTITUTO BALEIA FRANCA; [3] PESQUISA, INSTITUTO BALEIA FRANCA

Baleias francas ocorrem sazonalmente na costa sul do Brasil, com alguns registros também na costa sudeste e alguns raros na costa nordeste. Na costa catarinense são essencialmente costeiras, sendo que a maioria das avistagens ocorre nas enseadas, logo após a rebentação das ondas (~500m da costa), na isóbata de 5 metros de profundidade. Durante os meses de maio a novembro buscam as águas calmas e quentes de região para amamentar e parir seus filhotes, embora, nesse período também seja possível observar alguns grupos de acasalamento. A área de estudo compreende as praias do Rosa (28°03'"S) e de Ibiraquera (28°10'"S), situadas no Município de Imbituba, Santa Catarina. As observações foram realizadas a partir de dois pontos fixos, elevados, um em cada praia. O esforço de campo compreendeu monitoramentos diários de no mínimo uma hora e no máximo 4 horas, entre 1 de agosto e 29 de outubro de 2004, sendo que durante este período, 8 dias não apresentaram condições climáticas que possibilitassem a observação. A coleta de dados foi realizada com auxílio de binóculos (16x50) e planilhas com dados sobre ocorrência, tamanho, composição de grupo, condições climáticas e comportamento das baleias. Em ambas as praias houve grande incidência de mães com filhotes, chegando, na Praia do Rosa, a 85,7% das avistagens efetuadas em agosto (n=7), 40% em setembro (n=5) e 100% em outubro (n=1). Já na Praia de Ibiraquera, as avistagens desta categoria chegou a 66,7% em agosto (n=9), 40% em setembro (n=10) e 60% em outubro (n=5). Em termos gerais, a presença de baleias francas nas praias do Rosa e Ibiraquera, por dias do mês foi, respectivamente, de 24,1% e 31%, em agosto (n=29), 20,8% e 41,7%, em setembro (n=24) e 3,9% e 19,2%, em outubro (n=26). Os resultados obtidos mostraram que a maior incidência foi de mães com filhote, corroborando a necessidade da criação da APA e a importância da costa catarinense para a conservação da espécie no sudoeste do Atlântico. Porém, somente o monitoramento de outras temporadas possibilitará uma análise estatística que revele a real importância da área estudada para a conservação de E. australis na costa brasileira.

[261] OCORRÊNCIA DE ZIPHIUS CAVIROSTRIS (G. CUVIER, 1823) NO LITORAL DO RIO GRANDE DO NORTE (RN), NORDESTE DO BRASIL.

PANSARD, K. C. A. [1]; MEDEIROS, P. I. A. P.[2]; NASCIMENTO, L. F.[3]; SANTOS-JUNIOR, E.[4]; MACEDO, C. S.[5]; GONDIM, M. A.[6]; JESUS, A. H.[4]; VASKE, T.[6]; COUTINHO, J. F. V.[7]; CHELLAPPA, S.[3]; YAMAMOTO, M. E.[3]

[1] FISIOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE; [2] PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM BIOECOLOGIA AQUÁTICA-UFRN; [3] PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOBIOLOGIA - UFRN; [4] MESTRE EM PSICOBIOLOGIA - UFRN; [5] BIÓLOGO - UFRN; [6] DIMAR - UFPE; [7] VETERINÁRIO – NÚCLEO DE PRIMATOLOGIA, UFRN

A baleia bicuda de Cuvier, Ziphius cavirostris, é uma espécie de águas profundas, raramente observadas em águas costeiras e pode ser encontrada em todos os oceanos do mundo, exceto em águas polares. Aparentemente, a baleia bicuda é o zifídeo que encalha com mais freqüência. No Estado do RN, Nordeste do Brasil, já foram registrados três encalhes da espécie. O primeiro espécime encalhou em fevereiro/2001 na praia de búzios (S 06° 00' 21.4" e W 035° 06' 39.8"), município de Nísia Floresta, litoral sul. O sexo não foi determinado devido às condições da carcaça e o tamanho estimado foi de 3,22m. O segundo espécime encalhou em março/2004, na praia de Camurupim (S 06°06'00.8"e W 035°06'18.7"), município de Nísia Floresta, litoral sul. O espécime encontrado era um macho medindo 5.10m, provavelmente tratava-se de um juvenil, já que o par de dentes, não tinha eclodido. Nesta espécie apenas machos adultos possuem esses dentes expostos na ponta da mandíbula. A carcaça foi fotografada, caracterizada quanto ao sexo e encaminhada para a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, local em que foram realizadas as medidas morfométricas propostas pelo Plano de Ação de Mamíferos Aquáticos e realizada a remoção do conteúdo estomacal para a identificação dos itens ingeridos. O conteúdo estomacal coletado indicou a presença de um bico de cefalópode oceânico, representante da família Histioteuthidae (Histioteuthis sp), sem a presença de massa, o que indica que o animal já não se alimentava há alguns dias. Essa espécie de cefalópode é comumente encontrada na dieta de Z. cavirostris e podem ser encontrados em profundidades de até 1800m.Tendo em vista a dificuldade de se observar esses animais em ambiente natural, a análise do conteúdo estomacal representa eficiente metodologia para se obter informações sobre o padrão de distribuição e ecologia alimentar dessa espécie. O terceiro espécime encalhou na praia de Cabo de São Roque (S 06° 29'00.0" e W 035° 16' 00.0"), município de Maxaranguape, litoral norte, fevereiro/2005. Nenhum exame foi realizado neste animal devido às condições da carcaça. Entretanto, a presença de um par de dentes sugere tratar-se de um animal adulto.

[262] OCORRÊNCIA E USO DE HABITAT DO BOTO-CINZA (SOTALIA FLUVIATILIS) NO ESTUÁRIO DE SANTA CRUZ, LITORAL NORTE DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO.

CEPILE, ALAN.

ORDEM CETACEA, TCG ARMAZÉNS GERAIS / AUSONIA NAVEGAÇÃO LTDA. (FINANCIADORES)

No mar que banha o estado do Espírito Santo, já foram reportadas 11 espécies de cetáceos baseado em avistagens, capturas acidentais e encalhes. Devido à falta de observações, é provável que este número seja maior. Em Santa Cruz, norte do Espírito Santo, 60 km de Vitória, iniciou-se, em Janeiro de 2005, uma pesquisa de observação de ponto-fixo do boto cinza, Sotalia fluviatilis (Gervais, 1853) onde são observados a freqüência dos animais e o uso de habitat. O local de observação situa-se na rodovia ES-010, sobre a ponte José Ferreira Lamego, a aproximadamente 1 km do estuário do rio Piraquê-Açú, bastante utilizado pelos botos. Os animais entram no rio durante a maré enchente, sendo raros os casos na maré vazante. A maré também precisa estar suficientemente alta para facilitar a entrada dos botos, já que há grandes bancos de areia na entrada do estuário. Foram feitas até o momento 45 horas de esforço total de observação, divididos em 10 dias de trabalho, dos quais 3 dias com avistagens, com média de 4 indivíduos por grupo. Segundo relato dos pescadores locais, a entrada de frentes frias, o período de inverno e a ausência sazonal de algumas presas naturais, desfavorecem a entrada dos botos no rio, e que a captura acidental tem aumentado devido ao aumento da quantidade de redes de espera. É absolutamente prematuro afirmar se a população de botos está diminuindo ou se ela apenas está mudando suas áreas preferenciais no estuário de Santa Cruz, adequando-se à falta de presas no rio Piraquê-Açú. Este projeto iniciará uma série de saídas de barco para observar o uso destas áreas, analisar o comportamento dos animais e dar início a um catálogo com base na foto-identificação. Vale ressaltar que o Espírito Santo conta com pouquíssimos trabalhos publicados com pequenos cetáceos e atualmente há pesquisadores atuando somente nas áreas de encalhes e captura acidental. Trabalhos envolvendo uso de habitat, comportamento e foto-identificação são inéditos no estado e imprescindíveis para elaboração de planos de manejo adequados às espécies. Esta pesquisa conta com o apoio da Ausonia Navegação Ltda e TCG Armazéns Gerais.

[263] PHYSETER MACROCEPHALUS (LINNAEUS, 1758) (MAMMALIA-CETACEA): ESCAVAÇÃO, DECOMPOSIÇÃO, MONTAGEM, FRATURAS E RESTAURAÇÃO ESQUELETAL NO SUL DO BRASIL.

MENEZES, M.

PPG-BIOANIMAL, UFRGS

No início de dezembro de 1999, realizou-se a escavação de uma carcaça de Cachalote (Physeter macrocephalus) soterrado em junho de 1993, na praia do Moçambique, município de Florianópolis, Santa Catarina – sul do Brasil. Esta escavação, parte integrante de um projeto educacional desenvolvido pela Universidade Federal de Santa Catarina, tinha o objetivo de resgatar a ossada para estudos e aproveitá-la em atividades de educação ambiental depois de montada. Apresentam-se aqui informações sobre a elaboração do projeto de resgate (escavação), procedimentos de tratamento e restauração dos ossos, assim como sobre a montagem do esqueleto e as técnicas utilizadas. As informações obtidas sobre o estado de decomposição deste cadáver após 6,5 anos de soterramento podem fornecer importante parâmetro de referência para estimação do estado de decomposição de outros animais soterrados, de características semelhantes. Fatores bióticos e abióticos com influência no processo de decomposição (ex: tipo de solo, pluviosidade, lençol freático, vegetação, fauna, etc) são apresentados e discutidos. O Cachalote, mesmo após este período de tempo soterrado, apresentava estados de decomposição visivelmente heterogêneos, com a porção final do pedúnculo, lóbulos caudais e melão, praticamente intactos, enquanto outras porções se caracterizavam pelo afloramento dos ossos descarnados. Durante o tratamento, restauração e montagem dos ossos, ocorrido entre dezembro de 1999 e junho de 2000, foram catalogadas uma grande série de fraturas nas vértebras, costelas e crânio. Parte destas fraturas tem como fonte causadora provável o maquinário pesado utilizado para manuseio e transporte (tratores e guindastes) logo após ao encalhe, entretanto outras fraturas, por sua localização e aspecto, parecem ter origem diferente. Características relacionadas a maturidade óssea deste cachalote de 14 metros e com cerca de 36 anos de idade também são apresentadas, assim como a localização de todas as fraturas observadas e as prováveis hipóteses para sua ocorrência. Existe farta documentação fotográfica e filmográfica. Projeto apoiado pelo Exército Brasileiro, Polícia Militar Ambiental, Laboratório de Mamíferos Aquáticos-UFSC, Fundação de Amparo a Pesquisa e Extensão Universitária / FAPEU, Departamento de apoio a Extensão / UFSC, Projeto Atlântico Sul e Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis / IBAMA.

[264] PRIMEIRO REGISTRO DE KOGIA BREVICEPS (DE BLAINVILLE, 1838) (CETACEA: KOGIIDAE) PARA O LITORAL DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE-RN.

MEDEIROS, P. I. A. P.[1]; NASCIMENTO, L. F.[1]; SANTOS-JÚNIOR, É. D.[2]; GONDIM, M. A.[1]; MACEDO, C. S.[1]; JESUS, A. H.[3]; YAMAMOTO, M. E.[4]; CHELLAPPA, S.[4]; ANANIAS, S. M. A.[4]

[1] UFRN; [2] PROJETO PEQUENOS CETÁCEOS DO RN; [3] PROJETO MAMÍFEROS MARINHOS - SERGIPE; [4] ECOLOGIA E COMPORTAMENTO ANIMAL, UFRN

O gênero Kogia apresenta duas espécies, K. simus e K. breviceps. A distribuição do gênero é considerada cosmopolita ocorrendo em águas pelágicas tropicais, subtropicais e temperadas. No Brasil, registros comprovam uma distribuição desde o Rio Grande do Sul até a Região Nordeste. São consideradas espécies crípticas, de difícil distinção entre elas, e de difícil observação através de avistagens. O exame completo e a coleta de material de exemplares encalhados ou eventualmente capturados em redes é a melhor fonte de informação para as espécies no Brasil. No ano de 2003 através de encalhe no litoral norte do Estado do Rio Grande do Norte, em Barra de Maxaranguape (S 05º 29'13,7" e W 35º 15' 42"), foi registrado pela primeira vez a ocorrência de K. breviceps para Estado. O espécime se tratava de um macho medindo 2,72 metros em bom estado de conservação o que permitiu a sua identificação através da proporção do tamanho da nadadeira dorsal em relação corpo. Anterior ao monitoramento de encalhes, iniciado em 1999, ocorreu um encalhe de um exemplar vivo relatado por jornais locais, no qual não foi possível identificar a espécie. Durante monitoramento só ocorreram registros de K. simus. Para o Nordeste do Brasil há registros de K. breviceps para os estados da Bahia, Pernambuco (Fernando de Noronha), Paraíba e Ceará. Este encalhe se trata do primeiro registro confirmado para o litoral do Estado do Rio Grande do Norte desta espécie.

[265] UMA POPULAÇÃO ISOLADA NA COSTA BRASILEIRA DO GOLFINHO-PINTADO-DO-ATLÂNTICO, STENELLA FRONTALIS (CUVIER, 1829)

MORENO, I. B[1]. & MALABARBA, L. R.[2]

[1] LABORATÓRIO DE ICTIOLOGIA, MUSEU DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA / PUCRS; [2] GRUPO DE ESTUDOS DE MAMÍFEROS AQUÁTICOS DO RIO GRANDE DO SUL – GEMARS

O golfinho-pintado-do-Atlântico, Stenella frontalis (Cuvier, 1829), é uma espécie endêmica do Oceano Atlântico. No Oceano Atlântico Ocidental a sua distribuição tem sido descrita como contínua entre a costa central da América do Norte (~50ºN), o Golfo do México, o Caribe e a costa da América do Sul até aproximadamente 25ºS. Uma grande variação geográfica na morfologia craniana, no tamanho do corpo e no padrão de coloração é conhecida ao longo da distribuição. Neste trabalho, uma completa revisão dos registros no Oceano Atlântico Sul Ocidental foi realizada em 23 museus e coleções do Brasil, Uruguai e Argentina. Com base em 153 registros confirmados da espécie (encalhes n=98, avistagens n=43 e capturas acidentais n=12) foi verificado que o golfinho-pintado-do-Atlântico, no Oceano Atlântico Sul Ocidental, ocorre apenas no Brasil e em águas de até 1.000m de profundidade. Entretanto, foi observada a ausência de ocorrência da espécie entre a Paraíba (6ºS; 035ºW) e o Espírito Santo (21ºS; 040ºW) o que fortemente indica uma distribuição descontínua. Além disso, uma análise comparativa na morfologia craniana entre golfinhos-pintados-do-Atlântico coletados na região Sul/Sudeste do Brasil (n=31) e no Oceano Atlântico Norte e Caribe (n=35) foi realizado. Nesse sentido, 33 das 36 medidas cranianas realizadas diferiram significativamente ($p<0.05$; t test) entre as populações do Brasil e do Atlântico Norte/Caribe. Além disso, os golfinhos do Sul/Sudeste do Brasil possuem, em média, três dentes a mais em cada linha dentária e essas diferenças são altamente significativas ($p=<0.001$; Mann-Whitney test) embora exista certo grau de sobreposição. Uma análise de componentes principais (PCA) das duas primeiras deformações parciais (="relative warps") baseados em dados de morfometria geométrica revelaram a existência de dois grupos em acordo com os dados de morfometria tradicional. A distribuição descontínua de S. frontalis no Oceano Atlântico Sul Ocidental e as diferenças na morfologia craniana, indicam que a população isolada no Sul/Sudeste do Brasil (distribuída entre o Espírito Santo, ~21ºS e Rio Grande do Sul, ~32ºS) está geograficamente e reprodutivamente isolada das populações que ocorrem no Nordeste do Brasil (Paraíba e Ceará), Caribe, Golfo do México, Atlântico norte e África.

Artiodactyla

Comportamento

[266] ANÁLISE DO COMPORTAMENTO SOCIAL DE CAITITUS (TAYASSU TAJACU LINNAEUS, 1758) MANTIDOS SOB TRÊS DENSIDADES POPULACIONAIS

GOGLIATH-SILVA, M.[1]; NOGUEIRA, S.[2]

[1] PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ZOOLOGIA, UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ; [2] UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

O caititu, Tayassu tajacu, é um animal social criado em cativeiro, como alternativa à pecuária tradicional. Pesquisas têm sido desenvolvidas em criações de cativeiro à procura de procedimentos que forneçam conforto e propiciem bem-estar para esses animais. Condições mais adequadas de criação e manejo promovem menos sofrimento e melhores condições psíquicas, que agem de forma profilática contra doenças oportunistas. Problemas de superpopulação em geral causam estresse social e apatia aos indivíduos que muitas vezes não são detectados facilmente. A densidade mais adequada para a criação de caititus ainda é desconhecida, porém fundamental para o sucesso das criações. Portanto, este estudo teve como objetivo testar três densidades para a criação de caititus e o uso de abrigos, através da análise de comportamentos sociais de três grupos compostos por oito animais cada, nas densidades: a) D1: 187,5m2 /animal; b) D2: 93, 75m2 /animal; c) D3: 45,6m2/ animal. Comportamentos agonísticos e amigáveis foram observados através do método de todas as ocorrências antes e durante o período de alimentação. As sessões de observação tiveram duração de três horas cada, totalizando 63 horas. Os resultados revelaram 1978 atos agonísticos e amigáveis. Foram realizados 25,7% (290) atos comportamentais agonísticos entre fêmeas, 57% (41) entre os machos e entre machos e fêmeas foram observados 14,9% (116). Os dados revelaram que na densidade intermediária D2, houve maior expressão de comportamentos agonísticos pelos animais. Animais da menor densidade, D1 tiveram os índices mais baixos dessas interações e a D3 obteve índices intermediários. Os animais utilizaram os abrigos como refúgio, o maior número de animais encontrados nos abrigos foi de seis indivíduos, porém na maioria das vezes (75%) os animais permaneceram isolados. Os animais fizeram uma abertura alternativa nos abrigos, como estratégia de fuga por esta porta secundária. As análises de proximidade entre os indivíduos revelaram a existência de díades, o que parece ser um padrão social da espécie. Os dados permitiram assegurar uma relação entre os comportamentos sociais e a densidade populacional para caititus, porém outros estudos devem ser realizados para investigar qual a melhor densidade para a criação da espécie.

[267] ESTUDO DAS RELAÇÕES DE DOMINÂNCIA E DO COMPORTAMENTO DE BRINCADEIRA EM QUEIXADAS, TAYASSU PECARI (MAMMALIA, TAYASSUIDAE)

SOLEDADE, J. [1]; NOGUEIRA-FILHO, S. L.[2]; NOGUEIRA, S.[2]

[1] DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, UESC; [2] UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

A brincadeira é um comportamento freqüente em mamíferos, havendo descrições para praticamente todas as ordens. Este comportamento geralmente está relacionado com o sexo, idade e parceiros sociais. O significado funcional da brincadeira pode estar relacionado com o treinamento físico e preparação para viver em sociedade. Em queixadas (Tayassu pecari), não há estudos sistemáticos sobre este comportamento, no entanto, seu comportamento social de extrema coesão chama a atenção, pois apresentam aspectos que suscitam à presença de brincadeira, cuja função entre outras está associada ao aprendizado de padrões sociais. Neste contexto, o presente estudo investigou o comportamento de brincadeira em um grupo de 24 queixadas cativos, descrevendo, quantificando e caracterizando-o quanto ao sexo, faixa etária e posição hierárquica.Três filhotes, nove jovens e doze adultos, na proporção sexual de 1:1, foram observados através do método de observação animal focal, totalizando 480 focais, realizadas em 80 horas de observação. Foram descritos 42 padrões comportamentais de brincadeira e um total de 282 ocorrências. Desses padrões 72,3% foram brincadeira social, das brincadeiras sociais 45,2% foram brincadeira locomotora, 27,4% de luta, 23,1% com objetos e 4,3% sexual. Foi observado dimorfismo sexual na expressão dos comportamentos de brincadeira onde foi observado que fêmeas exibem maior freqüência de brincadeiras (63,7%) que os machos (36,7%). O estudo revelou diferença ontogenética nas brincadeiras, onde jovens expressam a maior freqüência de comportamentos de brincadeira (40,8%), seguidos dos filhotes (40,1%) e de adultos (19,1%). Para o comportamento agonístico foram registradas 809 ocorrências e 21 padrões comportamentais. Ao avaliar as relações de dominância entre os adultos foi encontrada uma estrutura hierárquica linear (K=0,9). Quando comparadas às relações sociais de dominância com o comportamento de brincadeira foi verificado que os animais que ocuparam menores postos hierárquicos foram os que brincaram com menor freqüência.

Ecologia

[268] POTENCIAL DO CAITITU (TAYASSU TAJACU) COMO DISPERSOR E PREDADOR DE SEMENTES DE FRUTOS TROPICAIS

MOTTA, T.[1]; GINÉ, G. A. F.[2]; NOGUEIRA-FILHO, S. L. G.[3]

[1] ZOOLOGIA, UESC; [2] ESALQ; [3] UESC

Entre as espécies de animais silvestres que atuam na dispersão e predação de sementes de florestas tropicais, o caititu (Tayassu tajacu) destaca-se por ser predominantemente frugívoro, pela sua representatividade na biomassa e seu padrão de deslocamento contínuo em busca de alimento. Por este motivo, o objetivo deste estudo foi o de avaliar o papel do caititu como dispersor e, ou predador de sementes das seguintes espécies vegetais que ocorrem espontâneas ou sub espontaneamente na Bahia: araçá (Psidium arsca), maracujá (Passiflora edulis f. flavicarpa), jaca (Artocarpus integrifolia), goiaba (Psidium guajava), abiu (Pouteria caimito), mamão (Carica papaya), carambola (Averrhoa carambola), umbu (Spondias tuberosas), dendê (Elaeis guineensis) e jenipapo (Genipa americana). Os frutos foram oferecidos aos pares durante três dias consecutivos para seis caititus mantidos em baias individuais e as fezes coletadas durante seis dias à partir do início do fornecimento destes frutos. Este procedimento possibilitou a quantificação do número de sementes consumidas e de sementes viáveis depositadas pelos animais. Este último dado foi correlacionado com o diâmetro e a resistência das sementes, avaliada através de seus teores de matéria seca e fibra presentes. Paralelamente, a germinação das sementes que passaram inteiras pelo trato digestório de caititus foi comparada com a germinação de sementes colhidas diretamente dos frutos. Foi verificada uma tendência de redução no número de sementes coletadas inteiras nas fezes quanto maior o seu diâmetro (r Spearm=-0,52; p = 0,0001) e uma tendência de aumento na excreção de sementes viáveis quanto maior o seu teor de fibra (r Spearman= 0,56, p = 0,0001). Das 10 espécies frutíferas ofertadas, as sementes de maracujá, araçá, goiaba, carambola e mamão foram coletadas inteiras nas fezes e destas somente as três primeiras germinaram. Estes resultados sugerem que o caititu influencia na estrutura e dinâmica de remanescentes florestais onde ainda é encontrado, por atuar predominantemente como predador das sementes consumidas.

Genética

[269] OCORRÊNCIA E COMPORTAMENTO DE TERRITORIALIDADE DE MAZAMA GOUAZOUBIRA (ARTIODACTYLA, CERVIDAE) NO PARQUE ESTADUAL PAULO CÉSAR VINHA, ES, BRASIL.

FIGUEIREDO, M. G.; MARTINS, J.M.E.

UVV

Dos três gêneros de cervídeos que ocorrem no Brasil, Mazama é o menos conhecido por possuir hábitos noturno e solitário e comportamento evasivo, que, associados às dificuldades de captura tornam-se obstáculos para seu estudo. As semelhanças morfológicas entre as espécies geram também controvérsias na sistemática do gênero. Neste estudo, foi utilizado análises de DNA para a identificação específica no gênero Mazama; o DNA utilizado foi extraído de amostras fecais, reduzindo as dificuldades na obtenção de amostras biológicas. As coletas das fezes foram realizadas no período de março a junho de 2004 no Parque Estadual Paulo César Vinha, localizado no município de Guarapari, ES, Brasil. O DNA de 24 amostras foi extraído e submetido à técnica de identificação específica com enzimas de restrição (PCR-RFLP). Onze amostras (46%) foram identificadas como sendo provenientes de Mazama spp. Destas, cinco (45% de 11) puderam ser confirmadas até o nível específico como M. gouazoubira, enquanto seis (55%) não puderam ter a espécie confirmada. Não foram obtidos resultados satisfatórios nas outras 13 amostras, provavelmente devido à perda ou degradação do DNA presente nas fezes. Foi confirmado o uso de latrinas e marcações próximas das mesmas, caracterizando comportamento de territorialidade e comunicação entre os indivíduos da mesma espécie. Observou-se o uso constante de carreiros. Todas as amostras foram encontradas protegidas por arbustos ou em matas fechadas. Os resultados encontrados estão de acordo com registros da distribuição desta espécie que apresenta a maior amplitude de distribuição e plasticidade em uso de habitats entre as espécies do gênero, ocupando desde matas densas a savanas.

Outros

[270] CRIAÇÃO DE CAPRINOS: UMA EXPERIÊNCIA EMPÍRICA EM PEQUENA PROPRIEDADE NO MUNÍCIPIO DE GOIÂNIA/GO

SANTANA, S.[1];RODRIGUES, S.S.[2]

[1] UNIVERSIDADE CATOLICA DE GOIAS; [2] BIOLOGIA, UNIVERSIDADE CATOLICA DE GOIAS

Em algumas regiões geográficas do mundo, a cabra é um dos animais domésticos de grande valor econômico, devido a sua rusticidade e a diversidade de produtos fornecidos ao homem tais como leite, couro, pêlo, carne e esterco. No Estado de Goiás, a criação de caprinos não é muito expressiva, os rebanhos existentes são pequenos e esparsos. O objetivo da criação de cabra em pequena propriedade é a produção de leite que pode ser consumido "in natura" ou usado na fabricação de queijo, manteiga, sabonete e outros produtos, além da venda de reprodutores jovens e adultos. O presente trabalho foi desenvolvido em uma propriedade de 5.200 m2 no município de Goiânia/GO, no período de 22 de novembro de 2003 a 31 de dezembro de 2004, no sistema semi-intensivo de criação. O rebanho total foi de 123 da raça Saanen, composto de 57 cabras (26 em lactação), um bode, 65 cabritos (35 machos e 30 fêmeas), com uma disponibilidade de área de pasto de 42,3 m2/animal. Utilizou-se ração balanceada a base de milho, soja, algodão e, como volumoso, feno e alfafa, silagem de milho e sal mineral no cocho. A produção de leite foi de 40 litros/dia, com média de 1,5 litros/cabra/dia. A produção total no período de 8 meses de lactação foi de 360 litros.. O número de cabritos por parto foi de 1,8/cabra. Verificou-se dois casos de aborto espontâneo com três cabritos natimortos. Devido à alta taxa de lotação dos pastos e a pouca disponibilidade de forragens, ocorreu uma contaminação parasitária descontrolada, levando a morte de 6 animais. O problema foi solucionado após exames de fezes e rigoroso tratamento de vermifugação dos animais. A produção total de esterco foi aproximadamente 27.000 kg, com média de 220kg/animal/ano e, este esterco foi vendido como adubo. A experiência demonstrou que a criação de cabras em pequenas propriedades pode ser rentável, mesmo nos casos em que ocorre inexperiência por parte dos criadores, porém, se faz necessário a utilização de infra-estrutura adequada, manejo técnico e preventivo dos animais além de maior conhecimento do mercado consumidor.

[271] DISTRIBUIÇÃO PRELIMINAR DE UMA POPULAÇÃO DE QUEIXADAS TAYASSU PECARI EM FLORESTA DE ARAUCÁRIA E CAMPOS DE ALTITUDE DO SUL DO BRASIL

MAZZOLLI, M.[1]; WALTRICK, C. C.[2]

[1] PROJETO PUMA/ UNIV. FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS); [2] CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE, UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE (UNIPLAC)

Apenas três populações de queixadas são conhecidas para o Estado de Santa Catarina, uma delas no local de estudo, no município de Campo Belo do Sul. A alta vulnerabilidade da espécie urge que sejam conhecidos os fatores que estão atuando para o isolamento geográfico das populações. Este estudo procurou definir os limites de distribuição da população de queixada na região. A área central de ocorrência da população são duas áreas privadas contínuas e densamente florestadas, localizadas na margem norte do Rio Pelotas. A vegetação consiste de Floresta de Araucária com influência da Floresta Estacional Decidual do Alto Uruguai. Ao redor destas propriedades as atividades de pecuária definem os campos de altitude, e as fazendas agrícolas cultivam principalmente soja e milho. Entre o período de maio a julho de 2005 foram realizadas 5 expedições e 19 entrevistas para averiguar a presença do queixada no entorno destas duas propriedades, entre as coordenadas de 50° 55' e 50° 40' W, e 27° 40' e 28° 15' S. A área de estudo de 2.232 km2 (82 x 36 km) foi divida em quadrantes de 4 x 4 quilômetros, sendo que 14 quadrantes foram averiguados, em um total de 224 km2, ou aproximadamente 10% da área total. Há indicações de presença de queixadas em 9 quadrantes, que, de acordo com as entrevistas, é passageira e restrita apenas a época de entresafra de pinhão, e ausência em 5 quadrantes mais externos 'a area central, mais florestada. Os resultados apontam para uma distribuição mais reduzida do que a área total escolhida para amostragem. Além da reduzida presença de floresta na periferia de sua distribuição, a caça ilegal na periferia pode ser outro fator que pode estar contribuindo para manter o isolamento desta população de queixadas.

[272] NOVO REGISTRO DE BLASTOCERUS DICHOTOMUS (MAMMALIA, CERVIDAE)

MIRANDA, C. L.[1]; SILVA-JÚNIOR, J. S.[2]; LIMA, M. G. M.[3]; SANTOS, M. P. D.[3]

[1] BIOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ; [2] MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI; [3] UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ

O cervo do pantanal, Blastocerus dichotomus, é a maior espécie de cervídeo da América do Sul, ocorrendo em áreas restritas do Brasil central, Argentina, Paraguai e Bolívia. Este táxon possuía uma maior área de distribuição geográfica. No entanto, devido a fatores como a caça e a destruição de hábitats esta área foi retraída, e a espécie é considerada como extremamente ameaçada. Atualmente, B. dichotomus é encontrada apenas em populações pequenas e desconectadas. O Parque Nacional das Nascentes do Parnaíba (coordenadas) possui uma área de 729.000 ha, estando inserido nos cerrados da região sul do Piauí. Esta região é considerada de extrema importância, pois representa uma das áreas remanescentes de Cerrado em melhor estado de conservação no Brasil, sendo apontada como área prioritária para conservação da biodiversidade do bioma Cerrado. Entre as fisionomias presentes, há predominância de campo limpo, com brejos cercados por matas de galeria e buritizais. No período chuvoso, grande parte da área fica alagada. Durante uma excursão à região, uma fêmea adulta de B. dichotomus foi encontrada morta no interior de uma mata de galeria na localidade denominada Brejo da Porteira, município de Barreiras do Piauí, área recentemente incorporada ao Parque. O animal apresentava indícios evidentes de ter sido predado por um felino de grande porte, mostrando sinais de ter sido abatido no campo limpo e arrastado para o interior da mata ciliar. A porção posterior da carcaça e o abdomen haviam sido consumidos. O restante encontrava-se parcialmente encoberto por folhas secas, indicando um comportamento típico de Puma concolor. O crânio foi preparado e incorporado à coleção de mamíferos do Museu Paraense Emílio Goeldi sendo identificado com base nos caracteres diagnósticos descritos na literatura. O primeiro registro desta espécie para o Estado do Piauí, e para a região Nordeste, resultou em uma ampliação, em direção norte, da área de distribuição conhecida. Esta descoberta apóia a idéia da importância da inclusão dos cerrados do sul do Piauí e Maranhão na categoria de extrema importância para a conservação da biodiversidade do Cerrado, indicando também a necessidade de continuidade dos levantamentos faunísticos nesta região.

Perissodactyla

Conservação

[273] ESTIMATIVA DA POPULAÇÃO MÍNIMA VIÁVEL E LIMITES DE QUASE-EXTINÇÃO DE TAPIRUS TERRESTRIS (PERISSODACTYLA; TAPIRIDAE)

GATTI, A.[1]; BRITO, D.[2]; MENDES, S. L.[3]

[1] BIÓLOGA - ECOLOGIA E CONSERVAÇÃO DE MAMÍFEROS, UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO; [2] UNIVESIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS; [3] UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

O maior mamífero brasileiro terrestre, a anta (Tapirus terrestris), está em declínio na maior parte de sua distribuição devido à pressão de caça, perda de habitat e fragmentação. No Brasil, essa espécie está ameaçada de extinção em seis Estados, onde são encontradas populações de pequeno tamanho. O objetivo desse estudo foi estimar a população mínima viável de anta através da Análise de Viabilidade Populacional com uso do programa computacional Vortex. Os parâmetros demográficos usados na modelagem de T. terrestris foram baseados em resultados obtidos no workshop sobre conservação de T. pinchaque e de estudos sobre T. terrestris. O modelo foi examinado para sensibilidade na variação em quatro fatores demográficos e um genético. Para cada cenário foram rodadas 500 simulações em um período de 100 anos. As simulações durante as análises de sensibilidade foram definidas como otimistas e pessimistas. A significância da diferença no resultado entre o cenário-base e os cenários alternativos foi testada usando o teste-t Student bicaudado. Uma população foi considerada demograficamente viável quando teve uma probabilidade de 95% ou mais de persistência em 100 anos e viável geneticamente quando apresentou um decréscimo de 10% ou menos na heterozigozidade esperada no mesmo período. O modelo prediz que foram necessários 100 e 200 indivíduos para obter populações viáveis demográfica e geneticamente, respectivamente. Populações de 1000 indivíduos que tiveram menos 5% de chance de cair abaixo de 200 indivíduos foram consideradas ideais. Análises de sensibilidade sugerem que a taxa de mortalidade é o parâmetro mais importante nos modelos populacionais de anta. As probabilidades de extinção estimadas nesse trabalho para as menores populações de T. terrestris confirmam o fato de que estas são mais vulneráveis à extinção, porque a flutuação neste tamanho populacional é maior. Dessa forma, faz-se necessária a implementação de programas que visem à conservação dessa espécie e de seu habitat, evitando a extinção local em muitas áreas de sua distribuição geográfica, principalmente na Mata Atlântica. Além disso, a análise de viabilidade populacional pode ser considerada uma ferramenta importante na conversão de leis e auxílio nas tomadas de decisão para a conservação de Tapirus terrestris.

[274] IDENTIFICAÇÃO DE INDIVÍDUOS E ESTIMATIVA DA DENSIDADE DE TAPIRUS TERRESTRIS (MAMMALIA, PERISSODACTYLA) ATRAVÉS DO USO DE ARMADILHAS FOTOGRÁFICAS

SCOSS, L.[1]; ARAÚJO, G. C.[2]; NUNES, A. V.[3]

[1] LABORATÓRIO DE ECOLOGIA. CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, UNIVERSIDADE VALE DO RIO DOCE; [2] BIÓLOGA. LABORATÓRIO DE ECOLOGIA. UNIVERSIDADE VALE DO RIO DOCE.; [3] UNIVERSIDADE VALE DO RIO DOCE. BOLSISTA TEAM/RIO DOCE/CÂMERA TRAP.

Armadilhas fotográficas são ferramentas tecnológicas amplamente utilizadas na estimativa da densidade de espécies que permitem a identificação de indivíduos através de suas marcas naturais. Neste estudo nós apresentamos a aplicação desta metodologia na identificação de indivíduos de Tapirus terrestris para determinar a densidade populacional desta espécie no Parque Estadual do Rio Doce (PERD), MG, uma das três áreas naturais do Brasil monitoradas pelo Programa de Levantamento e Monitoramento da Ecologia Tropical, Iniciativa TEAM da Conservação Internacional. Em 2004 iniciamos o monitoramento de médios e grandes mamíferos pelo Programa TEAM no PERD (protocolo das armadilhas fotográficas) utilizando 25 armadilhas fotográficas (Cambrakker) distribuídas em 21 pontos de amostragem, distantes 1,5km um do outro. As armadilhas foram programadas para disparar a cada um minuto e meio, durante o dia e a noite, registrando ainda o dia e a hora do evento. As coletas foram divididas em duas campanhas de 60 dias durante os meses de Abril a Junho/2004 e Novembro/2004 a Janeiro/2005, totalizando 1.380 armadilhas-dia. Analisamos os registros de antas para identificar indivíduos através de suas marcas naturais, cicatrizes e outras características, que combinado com modelos de captura-recaptura de populações fechadas, permite estimar a densidade populacional. Consideramos para a identificação de indivíduos todas as fotos, independentemente do lado fotografado do animal, eliminando as fotos de recaptura (n=3), as que registraram apenas partes do animal (n=12) ou as que não ficaram nítidas (n=5). Em um total de 60 registros da espécie (seca=32; chuva=28) identificamos 40 indivíduos em uma área amostrada de aproximadamente 18km2. A estimativa preliminar indica 10 indivíduos/5km2, totalizando uma população de aproximadamente 720 indivíduos entre machos, fêmeas e filhotes na área do parque (360km2). Contudo, estes resultados podem estar sendo influenciados por variáveis não controladas neste estudo, que podem estar super ou subestimando a densidade. Estes resultados serão refinados com o uso de modelos estatísticos mais robustos para aumentar a acurácia das estimativas, bem como monitorados pelos próximos dez anos de execução do Programa TEAM/Rio Doce. Entretanto, estas estimativas indicam a importância do PERD para a manutenção de Tapirus terrestris na Floresta Atlântica, sendo este prioritário para programas de conservação.

Ecologia

[275] DIETA DE TAPIRUS TERRESTRIS (PERISSODACTYLA - TAPIRIDAE) EM LOCALIDADES DO MATO GROSSO DO SUL E ADJACÊNCIAS

MORO, D.D [1]; M. T. A. A.[2]

[1] PSICOLOGIA, UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO, [2] UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL

A anta (Tapirus terrestris) é um animal predominantemente noturno e de hábitos solitários. Distribui-se por toda América do Sul desde a Colômbia até o sul do Brasil e prefere habitats perto de cursos de água onde geralmente deposita suas fezes. Sua dieta é composta de frutos, folhas, inflorescências e plantas aquáticas. Esse estudo teve como objetivo verificar a dieta de T. terrestris em várias localidades de Mato Grosso do Sul e adjacências. As amostras fecais (n=76) foram coletadas em áreas de Cerrado e matas de galeria nos municípios de Aquidauana, Dois Irmãos do Buriti, Nova Andradina, Inocência, Costa Rica, Paranaíba,Três Lagoas (MS), Andradina e Castilho (SP), Itajá, Lagoa Santa e Mineiros (GO). De cada conjunto de fezes foram coletadas dez bolotas que foram acondicionadas em sacos plásticos, triadas sob microscópio estereoscópio, separando e quantificando as sementes, frutos e fragmentos de folhas e caules, esses foram pesados separadamente para verificar a proporção de cada item nas amostras. Foram encontradas 18 espécies de frutos/sementes nas amostras fecais de T. terrestris. As mais freqüentes foram: Acrocomia aculeata, Campomanesia sp, Syagrus sp., Hymenaea sp., Inga inga, Dipteryx alata, Annona coriacea e Attalea phalerata também foram identificadas várias espécies de leguminosas (Bauhinea sp., sp 1 e sp 4). Aproximadamente 76% do conteúdo das fezes foi composto de fragmentos de folhas e caules. A grande proporção de folhas e fragmentos de caules indica que ao menos para região estudada a anta é mais pastadora que coletora, provavelmente consumindo frutos e sementes quando os encontra ocasionalmente. Todavia, a ocorrência de frutos sementes grandes nas fezes de T. terrestris sugere a importância da anta na dispersão/predação dessas espécies vegetais já que na América do Sul são poucos os mamíferos capazes de consumirem propágulos desse tamanho. Apoio: FUNDECT/MS, GEMAP/UEMS, UCDB e PPG Ecologia e Conservação/UFMS

[276] PERÍODO DE ATIVIDADE DE ANTAS (TAPIRUS TERRESTRIS) EM SEMICATIVEIRO NA RESTINGA DA BAIXADA DO MASSIAMBU, PARQUE ESTADUAL DA SERRA DO TABULEIRO, SC.

SANTOS, L. G. R. O.[1]; TORTATO, M. A.[2]

[1] DEPARTAMENTO ECOLOGIA E ZOOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA; [2] CAIPORA COOPERATIVA PARA CONSERVAÇÃO DA NATUREZA

Antas do estado de Rondônia foram introduzidas numa área de semicativeiro na restinga da Baixada do Massiambu, Parque Estadual da Serra do Tabuleiro. Atualmente existem nove indivíduos (3 machos, 4 fêmeas, 2 filhotes) vivendo num cercado de 160 ha. As antas usam a vegetação de restinga para seu forrageio, além de receber uma suplementação esporádica de ração animal e hortaliças. Com o objetivo de verificar o período de atividade desta população, foram instaladas três armadilhas fotográficas entre junho e dezembro de 2004 (138 armadilhas-dia), trocadas a cada 15 dias entre seis estações de captura. As armadilhas foram programadas para registrar 24 horas por dia e as máquinas foram ajustadas para marcar data e hora de cada disparo. Foram obtidos 37 registros de antas, 26,8 capturas fotográficas/100 armadilhas-dia. Observaram-se três picos de atividade distintos (A - 04:00 às 06:00; B - 08:00 às 11:00; e C - 16:00 às 19:00) e um período de total inatividade (D - 11:00 às 16:00). Os períodos A e C demonstram um hábito crepuscular tipicamente reportado para espécie. O período B provavelmente esteve condicionado pela eventual suplementação alimentar oferecida. Já o período D, mostra a redução da atividade das antas no período de maiores temperaturas durante o dia. Ainda durante todo período noturno observo-se registros, mostrando que além dos picos de atividade detectados, existe uma maior atividade durante a noite. De certa forma, as antas em semicativeiro mantiveram parte de seu comportamento selvagem, no que diz respeito ao fotoperíodo. A oferta de suplemento alimentar em períodos não condizentes com o hábito natural das antas altera o ritmo circadiano e pode influenciar negativamente em tentativas de re-introdução.

Genética

[277] VARIABILIDADE GENÉTICA EM TRÊS RAÇAS BRASILEIRAS DE CAVALOS (EQUUS CABALLUS) UTILIZANDO MICROSSATÉLITES

GIACOMONI, E.; FREITAS, T.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Os cavalos são os animais que participam do desenvolvimento econômico, social e cultural do homem, desde a antiguidade. As diversas raças de eqüinos foram surgindo devido a intervenção do homem e às diferentes condições de vida nas quais se desenvolveram. As influências do clima, do meio ambiente, do modo de vida através de gerações produziram resultados diversos, proporcionando, assim, as diferentes constituições, proporções e temperamentos. Além das adversidades do meio ambiente, o homem contribuiu muito para a formação e o desaparecimento dessas raças. No Brasil, os cavalos Crioulos e Pantaneiros se adaptaram muito bem às regiões em que vivem. A primeira foi se adaptando em campos gelados, durante o inverno, e no calor tórrido dos meses de verão dos estados do sul, principalmente no Rio Grande do Sul. E, os cavalos da raça Pantaneira tiveram que se adequar a ter suas patas mergulhadas nas águas das cheias do Pantanal, durante os meses de verão e, no inverno, a estação seca, apresentar resistência ao solo que fica completamente endurecido. A terceira raça estudada foi Brasileira de Hipismo. Esta raça foi fundada na década de 70 com o objetivo de criar e desenvolver um animal com aptidões para esportes hípicos. O objetivo deste trabalho foi determinar o grau de variabilidade genética dos rebanhos quanto aos microssatélites dentro e entre as raças, estimar a eficiência desses marcadores para a identificação individual e de controle de filiação e analisar o grau de endocruzamento. A amostra consistiu de 350 amostras coletadas de rebanhos provenientes de Cabanhas de Alegrete (RS), Poconé (MT), Porto Alegre, e Viamão (RS). Para verificar a variabilidade genética foram utilizados dez loci de microssatélites investigados através de PCR. Para estimar a variabilidade genética, foram calculados três valores: heterozigosidades esperadas (HE), observadas (HO) e conteúdo de informação polimórfico (PIC). Os dez loci apresentaram-se polimórficos nas três raças. No total, encontrou-se 89 alelos entre os dez loci. Os loci com maior variação alélica foram VHL20 e AHT17, com 11 alelos. O locus que apresentou menor variação alélica foi AHT20 com quatro alelos. APOIO: CNPq, CAPES, FAPERGS. Palavras-chaves: Equus cabalus, microssatélites, variabilidade genética.

Rodentia

Comportamento

[278] COMPARAÇÃO DO COMPORTAMENTO LOCOMOTOR E DA CAPACIDADE NATATÓRIA ENTRE DUAS ESPÉCIES DE THRICHOMYS (RODENTIA, ECHIMIDAE) DE HABITATS DIFERENTES.

VASQUINHO, T.[1]; SANTORI, R. T.[1]; D'ANDREA, P. S.[2]; ROCHA-BARBOSA, O.[3]

[1] DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA, UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO; [2] UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO; [3] FIOCRUZ

A locomoção está associada a quase todas as atividades da vida dos mamíferos e os corpos d'água podem ser barreiras ou vias de deslocamento, dependendo da sua habilidade natatória. O estudo da natação em mamíferos é fundamental no entendimento da seleção de habitats e da distribuição geográfica das espécies. Neste estudo, investigou-se a capacidade natatória de Thrichomys apereoides laurentius e de Thrichomys pachiurus, provenientes da Caatinga (PI) e do Pantanal (MS), respectivamente. O objetivo foi investigar e comparar entre as duas espécies o comportamento, o desempenho natatório e a absorção de água através dos pêlos. Pretendeu-se relacionar estas características com a ocorrência destas espécies em ambientes tão contrastantes quanto à disponibilidade hídrica. Estudou-se 7 indivíduos de T. pachiurus (435,24g±41,47) de uma área sujeita a alagamentos periódicos do Pantanal e 8 indivíduos de T. a. laurentius (268,12g±52,69), da Caatinga. Os roedores foram colocados em um tanque com água para a verificação do grau de encharcamento do pêlo após 2 minutos de natação. Cada animal foi pesado antes e depois de nadarem. No estudo do comportamento e do desempenho locomotor, os roedores foram filmados enquanto nadavam em um aquário. Somente puderam ser filmados indivíduos de T. pachiurus. As imagens foram analisadas quadro a quadro num computador ligado a um videocassete. Em ambas as espécies houve aumento significativo de peso após entrarem na água (T.a.laur. Z=2,520; p=0,012 e T. p. Z=2,366; p=0,018). Não houve diferença significativa da taxa de absorção de água entre as duas espécies (t=1,083; p=0,083). Todos os roedores observados apresentaram um nado quadrúpede, com movimentos semelhantes aos da locomoção terrestre. Os padrões locomotores observados na natação dos indivíduos filmados foram semelhantes ao meio-salto (n=3) e à marcha (n=3), havendo indivíduos utilizando os dois tipos de padrões alternadamente durante o deslocamento (n=2). A velocidade média em cada tipo de movimento foi: 39,59cm/s±2,95 – meio-salto; 44, 57cm/s±0,77 - marcha; 46,91cm/s±1,47 – ambos os padrões. Os dados não mostraram diferenças entre as espécies. Quando comparadas com roedores semiaquáticos, ambas divergem muito das espécies nadadoras. Não encontrou-se relação entre os resultados encontrados para T. pachiurus e sua ocorrência em áreas inundáveis.

[279] COMPORTAMENTO DO ESQUILO SCIURUS INGRAMI THOMAS, 1901 (RODENTIA, SCIURIDAE) NA FUNDAÇÃO ZOOBOTÂNICA DE BELO HORIZONTE

FERREIRA, G.[1]; BENFICA, C.[2]; IANI, F.[2]; FELLET, M. R.[2]; TALAMONI, S.[2]; YOUNG, R.[2]

[1] PROGRAMA DE MESTRADO EM ZOOLOGIA DOS VERTEBRADOS, PUC-MG; [2] PUC-MG

Entre julho de 2003 e julho de 2004 foi realizado um estudo sobre o comportamento de uma população de Sciurus ingrami na FZB-BH, totalizando mais de 16 horas de observação. Trinta animais foram capturados e marcados, sendo 21 machos e 9 fêmeas. Para as capturas foram usadas armadilhas de arame galvanizado iscadas com banana. A observação dos comportamentos foi realizada através da amostragem focal, com registros instantâneos. Fenologias quinzenais foram realizadas para avaliar a disponibilidade do principal item alimentar na dieta dos animais, o fruto da palmeira Syagrus romanzoffiana. As maiores porcentagens relativas aos comportamentos foram registradas para as categorias repouso (32%) e alimentação (42%), e as menores para as categorias deslocamento (18%) e procura (5%).%). Houve diferença sazonal, porém não significativa ($c2 = 2,30$; $p = 0,12$), para as categorias repouso, que foi mais observada na primavera-verão (34%) do que no outono-inverno (25%) e, para a alimentação com 39% na primavera-verão e 48% no outono-inverno. Outros comportamentos foram observados poucas vezes durante o estudo. O consumo do fruto da palmeira S. romanzoffiana, que esteve disponível durante todo o período de estudo, atingindo sua produtividade máxima em abril, representou 89% do tempo gasto com alimentação, já o consumo de outros itens alimentares, como frutas e comida dos recintos, amplamente disponível durante todo o ano, foi registrado esporadicamente e ocupou apenas 11% do tempo ingerindo alimentos. Mostrando que apesar de existir grande disponibilidade de recursos de origem antrópica, os animais apresentam preferência pelo fruto da palmeira, mantendo características de populações selvagens. As porcentagens relativas obtidas para o repouso e deslocamento diferem das, geralmente, citadas na literatura. Tal diferença deve-se talvez ao fato de a população ser acostumada com a presença humana e se encontrar num local com grande disponibilidade de alimentos. Já a diferença comportamental existente entre dias quentes e frios provavelmente deve-se a estratégias de termoregulação adotadas pelos indivíduos.

[280] COMPORTAMENTO E MANEJO DO OURIÇO-PRETO (CHAETOMYS SUBSPINOSUS) MANTIDO EM CATIVEIRO

SANTOS, C. S.[1]; BARROS, K.[2]; GINE, G.[2]; FARIA, D.[2]; NOGUEIRA-FILHO, S.[2]; NOGUEIRA, S.[2]

[1] ZOOLOGIA, UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ - UESC; [2] UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

O Ouriço-preto é uma espécie noturna, arborícola e críptica que está ameaçada de extinção. Esses animais são endêmicos da Mata Atlântica ocorrendo do norte do Rio de Janeiro até o nordeste do Brasil.Os hábitos de caça da população rural e a degradação do habitat desses animais têm levado a diminuição da população. Os animais apreendidos ainda vivos são destinados a centros de triagem para posterior relocação. No entanto, a manutenção da espécie em cativeiro suscita dúvidas a respeito das instalações adequadas para sua permanência bem como sua alimentação. Neste contexto, o presente estudo teve como objetivos descrever aspectos gerais do comportamento da espécie em cativeiro e propor um modelo de criatório e manejo para a manutenção da espécie e desta forma subsidiar centros de triagem. Nove animais foram capturados nos municípios de Ilhéus, Uruçuca e Serra Grande, para um estudo sobre o plano de manejo da espécie. O Núcleo de Animais Silvestres da Universidade de Santa Cruz, Ilhéus-BA, elaborou cinco recintos de alvenaria com 2,0m de altura, onde cada recinto possuía 4m2, bebedouro (0,50x0,20m), dois abrigos, sendo um a 1,60m de distância do chão, confeccionado de madeira (0,30x0,30) e outro terrestre de cerâmica. Os recintos possuíam janela anti-reflexo, para visualização através do observatório interno. As observações foram realizadas entre os meses de novembro e janeiro de 2004/2005 das 7:30 às 9:30 e das 16:00 às 19:00 através do método ad libitum. Comportamentos indicadores de estresse como pacing e sacudir a cabeça lateralmente, com vigor foram observados. Também foi possível observar comportamentos de seu sistema de defesa, como eriçar pêlos e mostrar dentes seguido da vocalização, categorizado aqui como comportamento de ameaça. Quanto ao comportamento alimentar foi registrada a preferência dos animais por seis espécies de folhas, houve maior consumo de jaqueira e gameleira. Dos onze frutos ofertados o maior consumo foi de jaca e mamão. Foi observado um baixo consumo de ração. O abrigo confeccionado de madeira foi aceito por todos os indivíduos. A permanência dos animais revelou que com cuidados para ofertar condições de abrigo e alimentação adequados é possível manter a espécie em boas condições

[281] CRIAÇÃO E MANEJO DE PREÁS (CAVIA APEREA) EM CATIVEIRO

FURNARI, N.[1]; MONTICELLI, P. F.[2]; ADES, C.[2]

[1] PSICOLOGIA EXPERIMENTAL, INSTITUTO DE PSICOLOGIA - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO; [2] INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA USP

O preá Cavia aperea, roedor histricognato da família Caviidae, possui uma distribuição exclusivamente sul-americana. No Brasil, é encontrado em regiões de cerrado e capoeiras na faixa compreendida entre os Estados de Pernambuco e Rio Grande do Sul, estendendo-se até o Mato Grosso. Há poucos trabalhos voltados para o manejo e manutenção desta espécie em cativeiro e a maioria deles não é brasileiro, apesar do preá ser um animal muito abundante no País. O estudo da biologia e do vasto repertório comportamental do preá, uma espécie selvagem, quando comparados à cobaia Cavia porcellus, uma espécie domesticada, pode revelar mudanças decorrentes do processo de domesticação. Vale lembrar que a captura e manutenção de preás são atividades que exigem licença do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA). Para o estudo destes animais, apresentamos duas possibilidades de cativeiro: (1) o biotério, em que os animais são mantidos em caixas de polipropileno em salas com ambiente controlado, e (2) o cativeiro externo, em que os animais vivem em recintos de terra com paredes em alvenaria e tela e com ventilação e iluminação naturais. A alimentação dos preás em cativeiro consiste basicamente em ração de cobaias e vegetais. O agrupamento dos animais nos recintos ou gaiolas deve ser feito quando estes são jovens ou, quando imprescindível, mediante habituação prévia, para que se evite brigas devido às disputas de território. Machos são, em média, ligeiramente mais pesados e com um maior comprimento de cabeça do que fêmeas e a sexagem é feita pela observação dos genitais. Nossa experiência mostrou que os animais vivem melhor (em termos de natalidade e expectativa de vida) no cativeiro externo do que no biotério. Talvez isto se deva à grande susceptibilidade desta espécie ao estresse da mudança de ambiente e à presença humana, sendo o cativeiro externo mais próximo ao ambiente natural. As vantagens e desvantagens de cada um desses cativeiros devem ser analisadas em virtude do tipo de estudo que se pretende realizar. Caso o biotério seja a única opção, sugerimos algumas modificações que podem ajudar na habituação dos animais.

[282] DESEMPENHO LOCOMOTOR DE JOVENS E ADULTOS DE HYDROCHAERIS HYDROCHAERIS (LINNAEUS, 1766) (RODENTIA: CAVIOIDEA)

LOGUERCIO, M.F.C[1]; ROCHA-BARBOSA, O.[2]

[1] DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA , UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO; [2] UERJ

Comumente chamada capivara, Hydrochaeris hydrochaeris é o maior roedor vivente do mundo, distribuindo-se desde o Panamá, na América Central, até o Rio da Prata, no Uruguai. Habitam tanto florestas tropicais quanto pradarias e regiões pantanosas, mantendo-se próximas a grandes áreas de coleções de água. Por sua boa desenvoltura nos ambientes aquático e terrestre, é considerado animal "anfíbio", o que o torna interessante para o estudo do sistema locomotor. Este estudo teve como objetivo comparar o desempenho locomotor entre jovens e adultos da espécie, baseando-se na hipótese de que como existem pressões seletivas atuando de formas diferentes em jovens e adultos, são esperadas variações entre as faixas etárias quanto ao desempenho locomotor. Para isso, foram filmados quatro espécimes (dois adultos e dois jovens) usando uma câmara videográfica a 30 imagens por segundo. As imagens obtidas foram transportadas e analisadas pelo sistema APAS, para serem elaborados gráficos, tabelas e diagramas, ilustrando tipos de movimentos, velocidade de deslocamento, passada, freqüência, duração do ciclo locomotor. Durante a marcha, os membros anteriores de jovens e adultos apresentaram diferenças significativas na freqüência, duração do ciclo locomotor, porcentagem de apoio e suspensão, enquanto nos membros posteriores, a única diferença encontrada foi na duração do ciclo locomotor. Já durante o galope, os membros anteriores de jovens e adultos tiveram diferença na passada, freqüência e duração do ciclo locomotor e os membros posteriores, na freqüência e duração do ciclo. A análise dos resultados sugere influência do fator tamanho nas diferenças cinemáticas entre as faixas etárias, evidenciada principalmente nos parâmetros da freqüência e duração do ciclo. Em geral, animais menores usam freqüências maiores em velocidades de galope do que animais de grande e médio porte, fato observado na comparação entre jovens e adultos de capivara. Os maiores valores de duração do ciclo locomotor nas capivaras adultas concordam com estudos que defendem que o tempo de movimentos dos membros aumenta com a idade. Portanto, a presença de diferenças estatisticamente significativas entre os grupos etários avaliados parece relacionar-se ao efeito tamanho, no entanto, maiores estudos serão necessários para uma melhor compreensão dos fatores atuando nas diferenças cinemáticas entre jovens e adultos.

[283] ESTUDO DO PADRÃO DE ATIVIDADE DO OURIÇO-PRETO (CHAETOMYS SUBSPINOSUS, OLFERS 1818) EM CATIVEIRO.

GINÉ, G.F.[1]; LE_PENDU, Y.[2]; FILADELFO, V.[2]; FARIA, D.[3]

[1] PPGI-EA,, ESALQ/CENA-USP; [2] DCB/UESC ; [3] DCB/UESC

O ouriço preto (Chaetomys subspinosus, Olfers 1818) é uma espécie de roedor endêmico da Mata Atlântica cujo status de conservação é preocupante, sendo classificado como "vulnerável" na lista de espécies ameaçadas de extinção do IBAMA e IUCN. Devido a sua raridade, seus hábitos noturnos e crípticos, o conhecimento acerca de aspectos básicos da biologia desta espécie ainda é insipiente. Neste contexto, objetivou-se analisar o padrão de atividade da espécie em cativeiro, descrevendo e quantificando a freqüência de atividades exercidas durante o período noturno (17:30h as 5:30h). Um filhote e quatro adultos foram observados durante 7 noites completas e 4 noites incompletas. Suas atividades foram registradas a cada dez minutos utilizando-se o método de amostragem por varredura ("scan sampling"), totalizando 2818 registros. Estes foram distribuídos nas seguintes categorias comportamentais: alimentação, repouso, deslocamento e outras atividades (bebendo, defecando, auto-catando, e vocalizando). O repouso foi a categoria comportamental mais freqüente (79,8%), seguida de alimentação (11,9%), deslocamento (7,6%) e outras atividades (0,7%). Os animais foram mais ativos no início da noite, demonstrando um pico de atividade entre 18:30 e 19:00 horas (77,7% versus 19,3% de atividade durante o resto da noite). Não houve diferenças interindividuais nas freqüências de ocorrência das categorias comportamentais registradas (testes de Kruskall-Wallis, $p>0,05$). Os animais repousavam mais e se deslocavam menos freqüentemente à medida que permaneciam mais tempo enclausurados. O pico de maior atividade registrado no início da noite corrobora os resultados do único estudo publicado realizado em condições naturais com um indivíduo dessa espécie. Porém, pesquisas com amostras maiores são necessárias para determinar o padrão de atividade da espécie.

[284] HÁBITO ALIMENTAR E COMPORTAMENTO DE SCIURUS INGRAMI THOMAS, 1901 (RODENTIA, SCIURIDAE) NA RESERVA PARTICULAR DO PATRIMÔNIO NATURAL SERRA DO CARAÇA, MG

ALVARENGA, C. A.[1]; TALAMONI, S. A. T.[2]

[1] ISEI, FUNCESI; [2] PUC-MINAS

O estudo sobre o comportamento e alimentação de Sciurus ingrami foi desenvolvido na reserva Particular do Patrimônio Natural Serra do Caraça, localizada no estado de Minas Gerais, Brasil, em uma área de mata secundária. A área foi dividida em nove pontos de observação de comportamento, nos quais foram utilizadas a amostragem focal, com registros contínuos e scan, com registros instantâneos. As maiores porcentagens relativas aos comportamentos foram registradas para as categorias alimentação e deslocamento, e as menores para as categorias procura e o repouso. As demais categorias comportamentais foram esporadicamente observadas. No mês de setembro houve uma queda no repertório de comportamento em decorrência do menor número de esquilos avistados na área. Nesse período os animais priorizaram o uso do espaço na área com maior disponibilidade de alimento. O alimento mais consumido foi o fruto de Syagrus romanzoffiana (70%), seguido por itens entrópicos (14%) e o fruto de Lafoensia pacari (5,7%). S romanzoffiana mostrou-se disponível em todos os meses de estudo, graças ao hábito desses animais de estocagem de alimento. As diferenças comportamentais e a utilização do espaço variaram em decorrência da diferença na disponibilidade do alimento que essas áreas ofereciam durante o estudo.

[285] NINHO DO ESQUILO SCIURUS INGRAMI THOMAS, 1901 (RODENTIA, SCIURIDAE) NA RESERVA PARTICULAR DO PATRIMÔNIO NATURAL SERRA DO CARAÇA, MG.

ALVARENGA, C. A.[1]; TALAMONI, S. A. T.[2]

[1] ISEI, FUNCESI; [2] PUC-MINAS

No Brasil não existe na literatura descrição de ninhos de Sciurus ingrami. O estudo examinou a distribuição espacial dos ninhos, localizados próximos à área construída da Reserva Particular do Patrimônio Natural Serra do Caraça, Minas Gerais, onde há grande concentração da palmeira Syagrus romanzoffiana, entre outras espécies exóticas de árvores. Foram descritos o comportamento de construção e as características dos ninhos, tais como, altura em relação ao solo, circunferência total, diâmetro e posição da abertura. Os dezoito ninhos encontrados foram construídos basicamente de gravetos, folhas, musgos e fibras, retiradas do caule de árvores, formando um aglomerado desses materiais. Observou-se esquilos machos e fêmeas, sendo jovens, sub-adultos e adultos, construindo ninhos. Na área estudada, a maioria dos ninhos estava localizada próxima aos recursos alimentares, principalmente de S. romanzoffiana, sendo assim, aparentemente a disponibilidade alimentar é um fator importante na escolha do local para as construções desses ninhos por todos os indivíduos, como observado.

[286] OBTENDO O RECURSO ALHEIO: A ALOAMAMENTAÇÃO EM FILHOTES DE COBAIAS (CAVIA PORCELLUS)

TAKAMATSU, A.[1]; TOKUMARU, R.[2]; ADES, C.[3]

[1] PSICOLOGIA EXPERIMENTAL, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO; [2] UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO; [3] UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

A despeito dos custos da lactação, verifica-se a ocorrência de aloamamentação (amamentação de filhotes alheios) em mamíferos sociais, entre os quais a cobaia doméstica (Cavia porcellus), sendo este comportamento comumente relacionado ao parentesco ou à familiaridade/reciprocidade entre as fêmeas envolvidas. Visando entender as características e o desenvolvimento da aloamamentação em cobaias, foram registradas freqüência e duração de episódios de amamentação e aloamamentação exibidos por filhotes em duas condições: (1) fêmea sozinha (FS): filhotes mantidos somente com a mãe (13 fêmeas e 32 filhotes); e (2) fêmeas pareadas (FP): filhotes de duas fêmeas lactantes mantidos juntos com as mães (24 fêmeas e 57 filhotes). As fêmeas da condição FP não eram aparentadas nem tinham anteriormente interagido umas com as outras. A fim de avaliar a influência das condições de criação e das estratégias de amamentação dos filhotes, foi registrado o peso dos filhotes ao nascer e no final das observações, no 1º mês de vida. Verificou-se aloamamentação em 10 dos 12 pares de fêmeas, principalmente nas duas primeiras semanas de vida dos filhotes, mas nem todos os filhotes alomamaram (33 filhotes dentre os 57 da condição FP). Foram observados padrões de aloamamentação: (1) aloamamentação recíproca (7 pares); (2) aloamamentação unilateral (4 pares); (3) não houve aloamamentação (1 par). Os filhotes da condição FP que mamaram em ambas as fêmeas, tiveram uma freqüência mais alta e episódios mais longos de amamentação junto à própria mãe do que junto à outra. Estes filhotes ganharam mais peso do que os da condição FP que só mamaram da própria mãe. Os resultados demonstram que a aloamamentação não depende necessariamente da existência de parentesco ou familiaridade entre as mães, podendo ser uma estratégia através da qual alguns dos filhotes obtêm um aumento de aptidão às custas do recurso destinado a outros.

[287] PADRÃO DE ATIVIDADE, USO DO ESPAÇO E DESLOCAMENTO DE KANNABATEOMYS AMBLYONYX (RODENTIA; ECHIMYIDAE) EM SANTA TERESA, ES

HENRIQUES, A. C. C.[1]; BARROS, E. H.[2]; PASSAMANI, M.[2]

[1] CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, ESFA; [2] ESFA

O rato-da-taquara, K. amblyonyx, é um roedor, especialista em bambu, arborícola de hábito noturno e crepuscular. O estudo objetivou investigar o padrão das atividades, o uso do estrato e a distância mínima percorrida por noite através do acompanhamento por rádio-telemetria de uma fêmea, em outubro de 2004 e de fevereiro à maio de 2005, em touceiras de bambu exótico na Estação Biológica de Santa Lúcia, município de Santa Teresa, ES. Os dados foram coletados através do método de amostragem Animal Focal e totalizaram 5 noites de observação, perfazendo um total de 57 horas e 50 minutos. O indivíduo destinou 51% do tempo ao repouso, 25% à alimentação e 24% ao deslocamento. O maior pico de atividade de alimentação ocorreu no intervalo de 19h às 20h, seguido de um pico de menor intensidade entre 3h e 4h. O suporte mais usado foi o horizontal (65%) seguido do inclinado (22%) e vertical (13%) para todas as atividades. Em relação à espessura do substrato, o mais utilizado foi o fino (< 3cm de diâmetro) com 75%. O indivíduo foi observado em uma altura que variou de 0,3m à 8m, com uma média de 4,5 m. O deslocamento mínimo por noite variou de 333m à 10m, para os meses de fevereiro e março, respectivamente. Os resultados demonstraram que esta espécie possui taxa metabólica baixa, o que justifica períodos de inatividade significativos além de alternância nos picos de atividade e repouso. O deslocamento mínimo de 10m no mês de março está relacionado ao período reprodutivo da espécie, onde foi observado a limitação do indivíduo em uma única touceira de bambu. Tal fato relaciona-se aos cuidados parentais característicos da espécie. Os dados obtidos corroboram com os estudos de K. amblyonyx realizados no sudeste do Brasil e contribuem para a etologia dessa espécie criticamente ameaçada no Espírito Santo.

Conservação

[288] PREFERENCIA ALIMENTAR E LOCAIS DE REPOUSO UTILIZADOS PELO OURIÇO-PRETO (CHAETOMYS SUBSPINOSUS, OLFERS 1818) EM CATIVEIRO.

GINÉ, G. .[1]; LE_PENDU, Y.[2]; NOGUEIRA, S. S. C.[2]; BARROS, K. S.[2]; FARIA, D.[2]

[1] PPGI-EA, ESALQ/CENA-USP; [2] DCB/UESC

O conhecimento sobre a dieta e hábitos da espécie Chaetomys subspinosus (Olfers 1818), popularmente chamada de ouriço-preto, são insipientes. Pesquisa anteriormente feita identificou em uma amostra fecal apenas a presença de folhas na dieta da espécie, porém a população rural relata que pode se alimentar de frutas. O ouriço-preto utiliza emaranhados de cipós, buracos em árvores, e bromélias para se abrigar, não havendo registros de utilização de abrigos terrestres. Objetivou-se, através de um experimento em cativeiro, determinar a freqüência relativa do consumo de frutas e folhas pelo ouriço-preto e sua preferência por locais de repouso. Três animais foram alojados em recintos individuais; uma fêmea e um filhote foram colocados num quarto recinto. Cada recinto continha um bebedouro, um comedouro, poleiros (galhos, cipós), uma caixa de madeira suspensa e um pote de barro colocado deitado no chão. Foram fornecidos diariamente antes do anoitecer em cada recinto e simultaneamente frutos de jaca, mamão e manga assim como folhas de pameleira, ingá e jaca. Os animais foram observados durante sete noites completas, e quatro noites incompletas. Suas atividades foram registradas a cada dez minutos utilizando-se o método de amostragem por varredura ("scan sampling"). Os tipos de alimento consumidos (folha, fruto) e os locais de repouso (abrigo suspenso, abrigo terrestre, poleiro e outros) foram sistematicamente registrados. Não houve diferença significativa ($p>0,05$) entre a freqüência de consumo de folhas (52,31%) e frutos (47,69%), porém houve diferenças nas proporções de consumo destes itens entre alguns animais ($P<0,05$). Este resultado realça a hipótese de que em condições naturais a espécie pode consumir além de folhas, frutos, quando disponíveis. Os animais utilizaram preferencialmente para o repouso (n= 2136 registros), abrigos suspensos (85,58%), seguido de poleiros (10,35 %), abrigos terrestres (3,75%), e o chão (0,33%), atestando o hábito arbóreo da espécie e a busca de abrigos para o repouso.

[289] REDESCOBERTA DO RATO-SAUIÁ, PHYLLOMYS UNICOLOR (RODENTIA: ECHIMYIDAE), UMA ESPÉCIE CRITICAMENTE EM PERIGO DO EXTREMO SUL DA BAHIA

LEITE, Y. L. R.[1]; LÓSS, S.[1]; REGO, R. P.[1]; COSTA, L. P.[1]

[1] DEPTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO; [2] DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

Atualmente existem cerca de 281 espécies de mamíferos na Mata Atlântica, 89 delas endêmicas e 36 ameaçadas de extinção. Dentre elas encontra-se o rato-sauiá, Phyllomys unicolor (Wagner, 1842), um roedor da família Echimyidae considerado criticamente em perigo. Essa espécie era conhecida apenas por um indivíduo, o holótipo, coletado antes de 1824 na Colônia Leopoldina (hoje Helvécia), 50 quilômetros sudoeste de Caravelas, Bahia. Com recursos do Programa Espécies Ameaçadas (Fundação Biodiversitas e Centro de Pesquisas Ambientais do Nordeste) e em parceria com o Instituto de Pesquisas da Mata Atlântica (IPEMA), foram realizadas expedições ao extremo sul da Bahia com o objetivo de encontrar populações remanescentes dessa espécie. Uma das expedições a uma propriedade particular no município de Nova Viçosa (17°58'32"S 39°33'53"W), resultou na captura de um indivíduo de Phyllomys unicolor, quase dois séculos após o primeiro e único registro. O hábitat onde a espécie foi encontrada pode ser caracterizado como uma mata ciliar rala cercada por pastagens, com dossel baixo e descontínuo, caracterizada pela presença de palmeiras-dendê (Elaeis guineensis), uma espécie exótica introduzida na região. O exemplar capturado é uma fêmea jovem e é o único registro atual da espécie. Ele foi capturado em uma gaiola de arame (32 x 15 x 18 centímetros) com acionamento de gancho iscada com pasta de amendoim, óleo de fígado de bacalhau e abacaxi e posicionada em um galho a aproximadamente 1,5 metro do solo. Não há dados sobre a história natural dessa espécie, mas membros do gênero Phyllomys são arborícolas, provavelmente folívoros, de hábitos noturnos e utilizam ocos de árvores. O rato-sauiá é de interesse especial para a conservação, pois está restrito à Mata Atlântica do extremo sul da Bahia, uma área onde a vegetação encontra-se muito descaracterizada, dominada pela monocultura de eucalipto, e onde os poucos remanescentes de floresta nativa existentes são pequenos e isolados.

Ecologia

[290] INFORMAÇÕES BIOLÓGICAS SOBRE SPHIGGURUS VILLOSUS E CHAETOMYS SUBSPINOSUS (RODENTIA , ERETHIZONTIDAE) NO PARQUE ESTADUAL PAULO CÉSAR VINHA,ES.

GALVÃO, R.[1]; MENDES, S. L.[2]

[1] CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO; [2] UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

O ouriço-cacheiro Sphiggurus villosus (Cuvier, 1823) e ouriço-preto Chaetomys subspinosus (Olfers, 1818) são roedores neotropicais endêmicos do bioma Mata Atlântica, pertencentes à família Erethizontidae. O trabalho teve como objetivo coletar informações a respeito da biometria e biologia do Sphiggurus villosus e do Chaetomys subspinosus no Parque Estadual Paulo Cesar Vinha, Guarapari, ES (20o 33' e 20o 38'S e 40o 23' e 40o 25'W). As campanhas de campo (n=30) foram quinzenais, com duração de um dia cada. Realizadas entre maio de 2002 a julho de 2003. A metodologia utilizada para o estudo foi de captura-marcação-recaptura. Com um esforço amostral de 6.000 horas/dia de procura foram capturados 46 Sphiggurus villosus e 6 Chaetomys subspinosus. Foram coletados 11 dados biométricos de cada animal capturado. Os ouriços utilizaram como sítio de dormida um total de 44 árvores pertencentes a 22 espécies, sendo as três espécies mais utilizadas: sp. 2/ Myrtaceae (18%), Aspidosperma parvifolium/Apocynaceae (9%) e Protium heptaphyllum/ Burseraceae (9%). Fêmeas grávidas de S. villosus (n=5) foram encontradas em maio e setembro de 2002 e abril/maio de 2003, pesando entre 1850g a 2250g. As fêmeas lactantes (n=4) apresentaram a região abdominal com ausência parcial ou total de pêlos. Machos com testículos na posição escrotal foram registrados durante todo o período de estudo, exceto em setembro e outubro de 2003. A razão sexual para S. villosus foi de 0,91 (22 machos e 24 fêmeas) e de 2 (4 machos e 2 fêmeas) para C. subspinosus. Durante a realização do estudo foram coletados crânios e carcaças das duas espécies. Após a limpeza do material, foram registradas 16 medidas crânio-morfométricas de cada espécime coletado.

[291] ABRIGOS DIURNOS UTILIZADOS PELO OURIÇO-PRETO, CHAETOMYS SUBSPINOSUS (RODENTIA, ERETHIZONTIDAE), NO PARQUE ESTADUAL PAULO CÉSAR VINHA (PEPCV), GUARAPAR

BARATA, R.[1]; OLIVEIRA, P.[2]; ADRIANO, C.[2]

[1] ICBS, PUC MINAS; [2] PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ZOOLOGIA DE VERTEBRADOS, PUC-MINAS, BELO

O ouriço-preto, Chaetomys subspinosus, é um roedor endêmico da Mata Atlântica, ameaçado de extinção, de hábito arborícola e noturno. O objetivo deste estudo foi descrever estruturalmente os abrigos diurnos utilizados por esta espécie, procurando identificar preferências por certas características locais e também auxiliar em estudos futuros, uma vez que esta é uma espécie de difícil visualização na natureza. O Parque representa a mais extensa área de restinga remanescente no sul do Espírito Santo, com uma área de 1500 há e um mosaico de formações vegetais. Os dados foram coletados através de observações diretas de três fêmeas adultas marcadas com rádios-colares no período de fevereiro a junho de 2005. Um mínimo de duas localizações mensais foram registradas por indivíduo. Um total de 26 abrigos diurnos foram caracterizados, com apenas uma exceção, todos estavam acima do solo em copas de árvores, um comportamento também apresentado por outros erethizontídeos neotropicais como Sphiggurus villosus e Coendou prehensilis. Em todos os casos os abrigos se encontravam em formações florestais da restinga. A altura média dos abrigos foi de 6,7 m (amplitude: 3-15 m), em árvores com DAP médio de 12,8 cm (amplitude: 6,4-21,3 cm) e altura média de 8 m (amplitude: 4-17 m). Na maioria dos abrigos (88,5%) os animais estavam em galhos de pequeno diâmetro (< 5 cm). Em 57,7% estavam ligeiramente inclinados (ângulo entre 0° e 30°) e associados a emaranhados de cipós, trepadeiras e folhas secas ("baçeiros") em 69,2% das localizações. De maneira geral, os abrigos estavam em locais sombreados e em árvores próximas a borda, em locais onde existe uma concentração de cipós e trepadeiras. Repetições de abrigos foram registradas em 5 ocasiões, sempre com a presença dos emaranhados referidos acima, sugerindo certa preferência e fidelidade por estes locais para seu repouso diurno. Um comportamento que pode estar relacionado com uma estratégia para evitar predadores e também como um dos responsáveis pelo baixo número de encontros e conseqüentemente poucos registros desta espécie, bem como dos outros erethizontídeos neotropicais. Apoio: Fundo Nacional do Meio Ambiente (edital FNMA/PROBIO 01/2003) e Fundo de Incentivo à Pesquisa, PUC-Minas (projeto FIP 2005-36-TLE).

[292] ADAPTAÇÕES ECOMORFOLÓGICAS DE TUCO-TUCOS, CTENOMYS FLAMARIONI, C. LAMI, C. MINUTUS E C. TORQUATUS (RODENTIA: CTENOMYIDAE) EM DIFERENTES AMBIENTES.

REBELATO,S.S.[1]; FREITAS, T. R. O.[2]

[1] PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇAÔ EM ECOLOGIA, UFRGS; [2] UNIVERSIDADE FEDERALDO RIO GRANDE DO SUL

Os roedores fossoriais são considerados bons modelos em estudos de adaptações morfológicas ao meio, por apresentarem ampla variação morfológica, fisiológica e comportamental tanto para escavação quanto para a vida subterrânea. Estudos de correlação entre estrutura e função podem revelar fatores seletivos no ambiente e restrições nas respostas do fenótipo a esses fatores. A morfologia determina a variação ecológica do fenótipo, a qual pode determinar os limites ecológicos e geográficos de uma população e a coexistência de populações em comunidades locais, a qual também representa a relação entre os organismos e seus ambientes. Entre os roedores fossoriais, Ctenomys apresenta-se como um bom modelo para estudos evolutivos, especialmente por apresentarem uma estrutura populacional favorável à especiação. Este trabalho dentro da premissa que o fenótipo fornece informação vantajosa sobre a relação ecologia e morfologia tem como objetivos identificar as adaptações morfológicas das espécies Ctenomys flamarioni (habita dunas costeiras), C. lami e C. minutus (campos arenosos) e C. torquatus (campos), ao ambiente natural e correlacionar as adaptações com o processo de escavação aos diferentes ambientes. Para a obtenção dos dados de ecomorfologia realizou-se análise morfométrica dos crânios, e mandíbulas de fêmeas de quatro espécies, com o uso das seguintes variáveis: comprimento total do crânio, comprimento côndilobasilar do crânio, largura do osso zigomático, largura do osso mastóide, altura do crânio até o nível do dente molariforme, largura da constrição inter orbitral, altura do rostro, comprimento vertical dos incisivos, distância da extremidade do incisivo até a base do pré-molar, comprimento do eixo craniano básico, comprimento rostral, comprimento do diastema superior, comprimento do diastema inferior, largura rostral, comprimento dos dentes incisivos a extremidade condilar, largura dos dentes incisivos superiores, largura dos dentes incisivos inferiores, espessura dos dentes incisivos superiores, comprimento do osso zigomático, largura da mandíbula. Como resultados preliminares observamos que C. flamarioni, C. minutus e C. torquatus apresentam a mesma forma e tamanhos diferentes, C. lami e C. minutus possuem o mesmo tamanho com variação na forma, sendo que essas possuem tamanho intermediário entre C. flamarioni e C. torquatus. Esses resultados sugerem uma separação ecomorfológica das espécies, com a existência de diferentes adaptações ecomorfológicas.

[293] BERGMANN'S RULE IN TWO SPECIES OF WATER RATS OF THE GENUS NECTOMYS (RODENTIA, MURIDAE, SIGMODONTINAE)

BIDAU, C.J.[1]; BONVICINO, C.[2]

[1] MEDICINA TROPICAL, FIOCRUZ; [2] DIVISÃO DE GENÉTICA, INCA, RIO DE JANEIRO

Body size geographic patterns related to environmental and historical variables are relevant for understanding ecological and evolutionary causes and consequences of body size variation. We studied body size in Nectomys squamipes and N. rattus in relation to geographic, environmental and demographic variables. We tested the existence of intraspecific size clines to determine if these rodents follow Bergmann's rule. Our analyses were based on 677 specimens of N. squamipes (83 South American localities), and 410 specimens of N. rattus (56 South American localities). Body size estimators were: linear external standard measurements, 29 linear cranial measurements and body weight. Age classes were determined by molar teeth wear. Geographic and climatic data were obtained for all samples and included: latitude, longitude, altitude, temperature (mean annual, maximal and minimal), precipitation (total annual, maximal and minimal), potential evapotranspiration and water balance. To estimate seasonality, the annual variability of climatic factors was calculated as their coefficients of variation. Principal Components Analysis (PCA) was employed to analyze the relationship between body size and geographic and climatic variables. Factors extracted were rotated with the VARIMAX procedure with Kaiser Normalization and used as dependent variables in correlation/regression analyses. In both species, body size was positively correlated with age and both exhibited male-biased sexual size dimorphism as expected. In N. squamipes, two significant body size clines were found: one, positive (Bergmannian) with altitude and the other, negative (converse Bergmannian) with latitude. Both sexes showed parallel patterns and age composition of samples did not affect significantly the altitudinal results. The main predictors of body size in this species were the annual precipitation, temperature and evapotranspiration variability parameters, thus supporting the seasonality hypothesis for geographic body size variation. In N. rattus, positive altitudinal and latitudinal body size clines were observed although the latitudinal trend lost its statistical significance when controlled for age and sex. Again seasonality appears as the main factor determining the size clines since body size was significantly positively correlated with variability of annual temperature and precipitation. Both species follow Bergmann's rule at least altitudinally, and that seasonality possibly explains body size increase which could determine greater fasting endurance.

[294] BIOLOGIA REPRODUTIVA E CONSERVAÇÃO DO ROEDOR SUBTERRÂNEO (CTENOMYS FLAMARIONI) CTENOMYIDAE) NA ESTAÇÃO ECOLÓGICA DO TAIM, RS, BRASIL.

STOLZ, J.[1]; FERNANDEZ-STOLZ, G. P.[1]; ALVES, D. G.[2]; FREITAS, T. R. O.[2]

[1] PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ECOLOGIA, UFRGS; [2] UFRGS

As populações da espécie Ctenomys flamarioni existentes ao longo da planície costeira do estado do Rio Grande do Sul estão enfrentando fortes pressões antrópicas que vem descaracterizando fortemente as áreas de dunas, hábitat da espécie, constando esta na lista de espécies ameaçadas do IBAMA. O presente trabalho visa gerar dados que favoreçam a elaboração de um plano de manejo para a espécie endêmica do estado. A Estação Ecológica do Taim está localizada entre as latitudes 32°20´ e 33°00´S e longitudes 52°20´ e 52°45´W, protegendo áreas de dunas frontais, pouco alteradas. Os dados de reprodução foram obtidos em cinco trabalhos de campo com intervalos trimestrais e a primeira saída sendo feita em fevereiro de 2004, cada uma com cinco dias de duração. A metodologia empregada foi a de captura-marcação-recaptura. Foram encontradas seis características reprodutivas em indivíduos fêmeas, listadas a seguir: imperfurada, perfurada, cicatrizada, recém-perfurada c/ feto, mamilos evidentes e filhotes. Nos meses de fevereiro, agosto e novembro foram identificadas fêmeas, com fetos, em baixa proporção. Filhotes foram capturados somente em fevereiro e maio. Quase 10% dos indivíduos foram verificados com os mamilos desenvolvidos somente no mês de fevereiro, indicando este ser um período de intensa amamentação. Um grande número de fêmeas perfuradas foi capturado em agosto e novembro, representando atividades de parto ou cópula. Os resultados mostram uma distribuição de atividades reprodutivas no qual um grande número de partos ou cópula ocorre entre os meses de agosto e novembro, com os filhotes sendo intensamente amamentados no verão, e alguns partos ocorrendo em meados do verão, uma vez que fêmeas perfuradas foram capturadas neste período e filhotes ainda foram encontrados em maio de 2004. Além disso, foram encontradas fêmeas lactantes com fetos, e filhotes na toca de fêmeas com fetos, nas coletas de fevereiro, o que indica dois eventos reprodutivos no verão, como já visto para outras espécies do gênero. Sendo assim, ações que visem a proteção desta espécie devem levar em consideração este período crítico de sua história de vida, entre a primavera e o verão. Patrocínio: Fundação o Boticário de Proteção à Natureza/CAPES/CNPQ.

[295] COMPARAÇÃO DA FREQÜÊNCIA DE CAPTURA POR ESTAÇÕES ENTRE DUAS ESPÉCIES DE PEQUENOS ROEDORES NA REGIÃO DA TERCEIRA VARGEM DO PARQUE DAS NASCENTES.

VENÂNCIO, F. J.[1]; TESTONI, A. F.[2]; TESTONI, C.[2]; LAPS, R. R.[2]; ALTHOFF, S. L.[2]

[1] DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS NATURAIS, UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU - FURB; [2] UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU

O Parque Natural Municipal Nascentes do Ribeirão Garcia possui uma área de 5.326 ha e está localizado ao sul do município de Blumenau. Possui um clima tropical úmido quente sendo sua umidade relativa variando em torno de 90%, estando inserido em uma região que corresponde ao domínio da Floresta Atlântica. O objetivo deste trabalho é comparar a freqüência de captura de duas espécies de roedores. Para a captura dos animais foram distribuídas 90 armadilhas de tamanhos P (26,5 x 14,0 x 10,5cm) e M (35,0 x 18,0 x 28,0cm), atraídos com iscas de milho, paçoca de amendoim, bacon e sardinha em lata. As coletas foram realizadas entre novembro de 2003 e novembro de 2004, cobrindo um total de 13 meses. Durante as coletas foram observadas outras espécies tanto de roedores quanto de marsupiais, mas a maior parte dos indivíduos pertenceu às espécies Oryzomys russatus e Akodon montensis, perfazendo uma freqüência total de 77,3 % e 14,2%, respectivamente. Oryzomys russatus dominou todas as coletas sendo a espécie mais abundante. Tanto A. montensis como O. russatus tiveram um padrão semelhante, apresentando um grande incremento de indivíduos no inverno e um baixo índice de captura no verão. Para confirmar este padrão é necessário a continuidade dos trabalhos, pois estas espécies podem estar flutuando ao acaso ou em ciclos supranuais, como já encontrado em estudos em localidades próximas.

[296] COMUNIDADES DE PEQUENOS MAMÍFEROS NÃO VOADORES EM DUAS ÁREAS DE CAMPO DE MURUNDUN DA ESTAÇÃO ECOLÓGICA DE ÁGUAS EMENDADAS, PLANALTINA, DF.

FAIAD, P.[1]; ROCHA, C. R.[2]; LINDOSO, D. P.[2]; GOMES, L.[2]; RIBEIRO, R.[2]; MARINHO-FILHO, J.[2]

[1] COMUNIDADE DE PEQUENOS MAMÍFEROS, DEPTO. ZOOLOGIA, UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, BRASÍLIA, DF. ; [2] DEPTO. ZOOLOGIA, UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, BRASÍLIA, DF. 70910-900

A Estação ecológica de Águas Emendadas (10.500ha) onde foi realizado o trabalho representa uma importante reserva por abrigar as nascentes de afluentes das bacias: Amazônica e Platina. O objetivo do trabalho é verificar os padrões de composição, diversidade e abundância de pequenos mamíferos. Foram comparadas duas grades, distantes 1Km uma da outra, em áreas de campo de murundum circundadas por cerrado sensu stricto e campo sujo. Uma das áreas (grade I) apresenta maior riqueza de espécies de plantas, maior diversidade de vegetação e maior complexidade estrutural do habitat do que a grade II. O trabalho foi desenvolvido mensalmente, durante seis noites consecutivas de agosto de 2004 a maio de 2005, com um esforço total de 6.000 armadilhas x noite, utilizando o método de captura-marcação-recaptura. Em cada grade de 135x135 metros foram demarcados 100 pontos de captura distantes 15m entre si, onde foram dispostas alternadamente, armadilhas Sherman com isca composta de fubá, pasta de amendoim, sardinha e banana. Os indivíduos capturados foram marcados com brincos numerados, identificados por espécie, medidos, pesados, sexados e classificados como juvenil ou adulto e seu estágio reprodutivo registrado. Foram realizadas 571 capturas de 166 indivíduos de sete espécies. Na grade I três espécies foram mais abundantes: Calomys spp. (49%), Bolomys lasiurus (33%) e Thalpomys lasiotis (15%). Oryzomys scotti, Gracilinanus agilis, Oryzomys megacephalus e Oligoryzomys fornesi tiveram apenas duas ou uma só captura. Na grade II ocorreram três espécies: T. lasiotis (71%), B. lasiurus (15%) e Calomys spp.(14%). A diversidade foi maior na grade I (Shanon-Weaver H'=1,09) do que na II (H'=0,8), provavelmente devido à maior riqueza de recursos da área. A distribuição temporal das abundâncias de B. lasiurus e T. lasiotis, parece possibilitar uma partilha temporal dos recursos em formações campestres do cerrado.

[297] DINÂMICA POPULACIONAL DE DUAS ESPÉCIES DE PEQUENOS ROEDORES NO PARQUE NATURAL MUNICIPAL NASCENTES DO RIBEIRÃO GARCIA, INDAIAL – SC.

ZIMMER, E.[1]; ATIQUE, M. S.[1]; LAPS, R. R.[1]; ALTHOFF, S. L.[1]; VENANCIO, F. J.[1]; SOUZA, F. S.[1]; TESTONI, A. F.[2]

[1] FURB; [2] DCN, FURB

Neste trabalho analisamos a flutuação populacional de duas espécies de pequenos mamíferos, Akodon montensis e Oligoryzomys nigripes. A dinâmica populacional compreende a variação da densidade populacional em um determinado período, levando em conta fatores como efeitos da densidade de predadores, sazonalidade, capacidade reprodutiva e de crescimento, estrutura da comunidade e sua diversidade, ciclos de vida e períodos reprodutivos. Este trabalho teve como objetivo estudar a dinâmica flutuação populacional de duas espécies de pequenos roedores. A área das coletas foi o Vale do Espinganda do Parque Natural Municipal Nascentes do Ribeirão Garcia, Indaial - SC. Os indivíduos foram capturados com armadilhas tipo gaiola (live-trap) e acompanhados através do método de captura-marcação-recaptura. Foram abertos três transectos de 480m, distanciados entre si por 10m e em cada um deles foram alocadas 48 armadilhas de 10 em 10m cada. As armadilhas sempre foram iscadas e revisadas ao anoitecer e novamente revisadas pela manhã. Cada coleta durou quatro noites consecutivas. Em 26 meses foram realizadas 104 noites de coleta totalizando um esforço de 19.968 armadilhas/noite As espécies estudadas para análise da flutuação populacional foram Akodon montensis e Oligoryzomys nigripes A população de A. montensis manteve-se praticamente estável de Jan./03 a Out./04. Apresentando um pico em Ago./03 e Jun./04. Para O. nigripes foram observados dois períodos de maior densidade (Jun./03 à Jul./03 e Ago./04 à Nov./04), apresentando picos em Jun./03, Ago./04 e Nov./04.). Os picos populacionais de ambas as espécies podem estar relacionados com entrada de novos de novos indivíduos nas populações (nascimento e/ou imigração).O decréscimo populacional logo após estes picos talvez se deva ao fato desses novos membros se dispersarem para um outro local com menor competição ou à morte de indivíduos.

[298] DINÂMICA POPULACIONAL DE AKODON MONTENSIS (RODENTIA: CRICETIDAE) EM DIFERENTES AMBIENTES NA UNIDADE DE CONSERVAÇÃO AMBIENTAL DESTERRO, SUL DO BRASIL.

CAMPOS, M. A.[1]; ANTUNES, P. C.[2]; GRAIPEL, M. E.[3]

[1] UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA ; [2] DEPARTAMENTO ECOLOGIA E ZOOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA; [3] UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

As distribuições temporal e espacial das espécies nos habitats são consideradas fatores fundamentais na dinâmica de populações. Neste sentido, buscou-se avaliar fatores intrínsecos que pudessem afetar a dinâmica de populações do roedor Akodon montensis em dois diferentes ambientes, mata ciliar (1) e divisor de águas (2), em áreas de Floresta Atlântica na Unidade de Conservação Ambiental Desterro (UCAD), Ilha de Santa Catarina, sul do Brasil. Foram realizadas saídas mensais, com três dias consecutivos de amostragem, de agosto/2004 a abril/2005. Em cada uma das áreas foi instalada uma transecção contendo 16 estações amostrais, com 16 armadilhas no solo, oito no sub-bosque e oito no dossel alternando as estações no caso das arbóreas. No total, foram utilizadas 64 armadilhas do tipo Young (live-trap), resultando em um esforço total de 1.728 armadilhas-noite, sendo 864 no solo e 864 no estrato arbóreo. Ocorreram 104 capturas de 52 indivíduos, todas no solo, produzindo um sucesso da captura, das armadilhas no solo, de 12%. Não houve diferença significativa entre o tamanho populacional de cada área, mas verificou-se correlação na flutuação populacional entre as áreas (r_s = 0,83; p = 0,02), com picos durante a primavera e depressões durante o verão. Nenhuma correlação foi verificada entre o tamanho populacional de cada área e as taxas de recrutamento e sobrevivência (p > 0,05). A proporção sexual nas áreas 1 e 2 foi de aproximadamente 2 machos : 1 fêmea, sem que fossem verificadas diferenças significativas (x^2 = 2,97, p = 0,094; x^2 = 2,67, p = 0,102, respectivamente). Entretanto, a proporção etária (adultos : jovens) foi significativamente diferente (x^2 = 45,3; p < 0,001), na área 1, 14,5 : 1 e, na área 2, nenhum jovem foi capturado. Os ambientes na mata ciliar e no divisor de águas apresentaram parâmetros populacionais muito semelhantes com relação ao tamanho das populações, recrutamento, sobrevivência, padrão sexual e etário. Isto pode ser atribuído aos hábitos generalistas Akodon montensis em relação aos ambientes, sugerindo que as variantes ambientais e temporais tenham pouca influência na dinâmica populacional da espécie.

[299] DINÂMICA POPULACIONAL DO PREÁ CAVIA INTERMEDIA, ENDÊMICA DO ARQUIPÉLAGO DE MOLEQUES DO SUL, PARQUE ESTADUAL DA SERRA DO TABULEIRO, SANTA CATARINA.

SALVADOR, C.[1]; FERNANDEZ, F.[2]

[1] ECOLOGIA, PPGE/UFRJ; [2] UFRJ

Os preás da espécie Cavia intermedia são os mamíferos com menor distribuição no mundo, por serem considerados endêmicos aos 10,5 ha de área da maior ilha do arquipélago de Moleques do Sul. Este é o primeiro estudo com objetivo de entender a dinâmica desta população. A ilha está localizada a 8 km ao sul da ilha de Santa Catarina e a 14 km do continente (27°56'S, 48°26'W). Um programa de captura-marcação-recaptura com duração de cinco noites em cada mês, com 70 armadilhas por noite, foi realizado entre abril de 2004 e junho de 2005. O tamanho populacional foi estimado separadamente para cada mês pelo método de população fechada jackknife, através do programa CAPTURE, optando-se pelo o número mínimo de animais conhecidos vivos quando a estimativa era inferior. As taxas de sobrevivência e o recrutamento foram estimados pelo método de Jolly-Seber através do programa JOLLY. As primeiras foram padronizadas para um período de 30 dias. A mortalidade [(1 – sobrevivência) x tamanho populacional] e o recrutamento foram correlacionados com a variação do tamanho populacional, testando atraso de resposta em até seis meses. O esforço amostral final foi de 5.200 armadilhas x noite, 141 indivíduos marcados e 665 capturas totais. O tamanho populacional mínimo foi registrado em junho/05 e o pico populacional em outubro/04 e março/05, respectivamente 24 e 62 indivíduos. O tamanho populacional médio (± desvio padrão) foi de 42,4 (± 11,0) indivíduos, o que corresponde a uma densidade populacional de 4,0 indivíduos/ha. As médias (± desvio padrão) de animais mortos e recrutados foram, respectivamente, de 9,4 (± 10,4) e 10,2 (± 7,8). A variação do tamanho populacional esteve inversamente correlacionada com mortalidade do respectivo intervalo de tempo (r_s = -0,66; p=0,02). A densidade populacional foi alta em comparação a outros estudos com pequenos mamíferos neotropicais, porém a espécie está representada por uma única população extremamente pequena e o entendimento de sua biologia é importante para esforços de conservação.

[300] DINÂMICA POPULACIONAL DO TUCO-TUCO-DAS-DUNAS (CTENOMYS FLAMARIONI) NA ESEC-TAIM RS/BRASIL E SUAS APLICAÇÕES PARA A CONSERVAÇÃO DA ESPÉCIE

STOLZ, J.[1]; FERNANDEZ-STOLZ, G. P.[1]; FREITAS, T. R. O.[2]

[1] PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ECOLOGIA, UFRGS; [2] UFRGS

Ctenomys flamarioni consta como Vulnerável no Livro Vermelho da Fauna Ameaçada de Extinção do Rio Grande do Sul e na lista do IBAMA por causa de sua distribuição, extremamente dependente do ecossistema presente na primeira linha de dunas de areia da planície costeira do RS, que vem sendo explorada inapropriadamente de diferentes maneiras. O objetivo deste trabalho é levantar dados sobre a dinâmica populacional da espécie, para serem utilizados futuramente em um Plano de Manejo. Através de um trabalho de Captura-Marcação-Recaptura (CMR), que vem sendo efetuado trimestralmente na ESEC-TAIM, estão sendo levantados os dados de campo. Estes dados, após seis coletas (de fevereiro de 2004 a maio de 2005) geraram os seguintes dados: número de indivíduos coletados, 24,33+-7,79ind; indivíduos estimados pelo modelo Jolly-Seber, 30,57+-9,9ind; densidade de indivíduos, 6,114+-1,3ind/ha; biomassa, 1,170+-0,38Kg/ha; mortalidade, 0,43+-0,08 e recrutamento, 20,22+-8,9. A maior biomassa, densidade e número de indivíduos foram coletados no verão de 2004, sofrendo uma queda no outono, que continuou até o inverno, voltando a subir na primavera, tendo uma queda brusca em direção ao outono de 2005, provavelmente ligado as condições climáticas impostas ao hábitat neste verão. A taxa de sobrevivência tende a diminuir depois da primavera e do verão, ao contrário do recrutamento, que aumenta neste período. Com estes dados, podemos afirmar que a espécie possui uma flutuação em torno de 6 indivíduos por hectare e que pode sofrer variações importantes em sua população, sendo a primavera e o verão, períodos importantes nos processos de ganhos e perdas para a população. Este período importante coincide com a maior presença de seres humanos em boa parte da distribuição da espécie (50% no litoral norte do RS), o que pode dificultar a manutenção a longo prazo de populações nesta área, em decorrência do enfrentamento dos problemas causados pela presença humana num período que exige gastos energéticos nos processos de acasalamento, gestação e manutenção das crias, bem como um posterior período de dispersão dos jovens. Ações de conservação devem ser pensadas principalmente na tentativa de minimizar a interferência humana no ecossistema de dunas litorâneas, principalmente na primavera e no verão.

[301] DISTRIBUTION OF BODY SIZE IN RELATION TO GEOGRAPHIC AND CLIMATIC VARIABLES IN THREE CRYPTIC SPECIES OF AKODON (SIGMODONTINAE) FROM SOUTHEASTERN BRAZIL

BIDAU, C.J.[1]; GEISE, L.[2]

[1] MEDICINA TROPICAL, FIOCRUZ; [2] UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, RJ, BRASIL

Body size (BS) is correlated with numerous life-history characteristics of fundamental ecological and evolutionary relevance. We analysed BS in relation to latitude (LAT), longitude (LON), elevation (ELE), environmental variables, age and sex in Akodon cursor, A. montensis and A. aff. cursor, testing for Bergmannian size clines. This study was based on 350 specimens from 59 Brazilian localities. BS estimators included linear external and cranial measurements, and body mass. Relative age was determined by molar teeth wear. Climatic data were obtained for all samples. Seasonality was estimated as annual variability of climatic factors. Potential Evapotranspiration (E) was calculated using Thornthwaite's formula. Since most variables departed from normality (Kolmogorov-Smirnov (Lilliefors) test), Spearman correlation coefficients (rho) were calculated. Principal Components Analysis (PCA) was employed to analyze the relationship between BS and geographic and climatic variables. Factors extracted were rotated (VARIMAX, Kaiser Normalization) and used as dependent variables in correlation/regression analyses. BS increased with age in all species. Sexual size dimorphism (SSD) occurred, males being larger than females in each age class. In A. cursor, no latitudinal or altitudinal trends were observed for the first three PCs. Most correlations occurred with temperature (T) and P. In general, body size increased with T and decreased with P, but increasing trends in size occurred with annual variability of both. In A. montensis, only PC2 was positively correlated with latitude, while significant longitudinal and altitudinal negative trends occurred for PC1 and PC2. Regarding T, inverse Bergmannian clines were obtained for PC1 and PC2, while body size decreased with increasing temperature variability. In a joint analysis of the three species, PC1 and PC2 were strongly negatively correlated with ELE. Both factors are correlated with most of the estimators of temperature and precipitation and evapotranspiration. The three Akodon species do not follow Bergmann's rule when latitude is the independent variable. However, within species, climatic factors and/or their variability may be relevant in body size distribution. In the interspecific analysis, the negative correlation between body size and elevation could be a result of character displacement and/or differences in food availability. Apoio financeiro: CNPq, FAPERJ, UERJ (Prociencia) e WWF.

[302] **ECOLOGIA DO CAXINGUELÊ (SCIURUS AESTUANS) NO MACIÇO DA TIJUCA, RIO DE JANEIRO, RJ, BRASIL.**

CUNHA, A.[1]; RAJAO, H.[2]

[1] ECOLOGIA, LAB. VERTEBRADOS, UFRJ; [2] LAB. VERTEBRADOS, UFRJ

Aspectos da história natural e interações ecológicas foram amplamente estudados para as principais espécies de sciurídeos do hemisfério norte, entretanto pouco se sabe sobre a ecologia de espécies neotropicais. O objetivo deste trabalho foi evidenciar, através do armadilhamento e censos visuais no Maciço de Tijuca, RJ, aspectos do uso do habitat, estratificação vertical, utilização de suportes, comportamento alimentar, e interações ecológicas do caxinguelê (Sciurus aestuans). O esquilo brasileiro ocupa com maior frequência o sub-bosque da mata, onde locomove-se por todos os tipos e tamanhos de suportes, saltando com frequência até 2m nos seus deslocamentos. A dieta é relativamente especializada, e frutos de palmeira são aparentemente os itens preferidos. A relação de predação e dispersão efetiva destes frutos deve ser estudada com mais detalhe. Trabalhos de captura e manuseio dos indivíduos devem ser realizados com ferramentas e metodologias específicas Resultados preliminares indicam uma abundância relativa intermediária quando comparada com estudos conduzidos em São Paulo e Espírito Santo. Interações agonísticas parecem influenciar o comportamento e talvez a demografia dos caxinguelês. Na área de estudo essas interações foram principalmente a competição com o mico-estrela (Callithrix jacchus), e a pressão de predação exercida pelo gato-doméstico (Felis catus) e pelo macaco-prego (Cebus sp.). Apoio: Projeto de Estruturação do Corredor Ecológico Frei Veloso, ITPA/FEEMA/BID.

[303] **ESTUDO SOBRE A ECOLOGIA E O PARASITISMO DE PEQUENOS MAMÍFEROS EN ÁREA ENDÊMICA DE HANTAVIROSE**

OLIVEIRA, R. C.[1]; LIMA, D. I. F.[2]; CALDAS, A. C. S.[3]; XAVIER, S. C. C.[4]; BONVICINO, C. R.[5]; JANSEN, A. M.[4]; LEMOS, E. R. S.[1]; D'ANDREA, P. S.[5]

[1] DEPTO. DE VIROLOGIA - IOC - FIOCRUZ; [2] DEPTO. DE MEDICINA TROPICAL - IOC - FIOCRUZ; [3] SECRETARIA DE ESTADO DE SANTA CATARINA; [4] DEPTO. DE PROTOZOOLOGIA - IOC - FIOCRUZ; [5] MEDICINA TROPICAL, DEPTO. DE MEDICINA TROPICAL, INSTITUTO OSWALDO CRUZ, FIOCRUZ

A hantavirose caracteriza-se como uma síndrome cardio-respiratória, de alta letalidade. Infecção humana ocorre por inalação de aerossóis de fezes e urina de sigmodontíneos. O objetivo deste estudo foi identificar e monitorar as populações de pequenos mamíferos envolvidos na transmissão de zoonoses no oeste de Santa Catarina, região com casos humanos de hantavirose. Realizaram-se 4 expedições de remoção, quadrimestrais, no município de Jaborá. Utilizaram-se armadilhas Tomahawk e Sherman, alternadas a cada 20m em linhas de capturas de 20 a 30 pontos. A identificação taxonômica foi baseada na morfologia e cariotipagem. O diagnóstico sorológico da infecção por hantavirus foi realizado por Elisa IgG (antígeno Andes), e para infecção por T. cruzi por IFI e hemocultivos. Obteve-se sucesso total de captura de 7%, em um esforço de 4900 armadilhas-noite. Foram capturadas 342 espécimens: Didelphimorphia: 15 Didelphis aurita, 04 Monodelphis sp; Sigmodontinae: 46 Akodon montensis, 05 A. reigi, 98 Akodon spp, 05 Bolomys lasiurus, 03 Brucepattersonius sp, 10 Nectomys squamipes, 03 Oligoryzomys flavescens, 75 O. nigripes, 18 Oligoryzomys spp, 05 Oryzomys angouya, 01 O. megacephalus e 05 Oryzomys spp, 16 Oxymycterus judex, 09 Thaptomys nigrita; Echymyidae: 02 Euryzygomatomys spinosus; Muridae: 01 Rattus rattus, 13 Mus musculus. Observou-se atividade reprodutiva, nos roedores, em março, abril e novembro. Em junho, mês de baixas temperaturas, não foi observada atividade reprodutiva em nenhuma espécie. Registrou-se riqueza de 16 espécies e alta diversidade (2,21 - índice de Shannon), assim como a equitabilidade (5,03 - índice de Hill modificado). Foram constatadas 6 espécies infectadas por hantavirus (titulação e° 1:400): Oxymycterus judex, Akodon montensis, Thaptomys nigrita, Nectomys squamipes, Oligoryzomys nigripes e Oryzomys angouya. Foram analisadas 19 amostras de soro (2 marsupiais e 17 roedores), e 46 hemocultivos (43 roedores e 03 marsupiais), sendo detectados infectados por T. cruzi, 2 espécimes de D. aurita, 01 O. judex e 01 A. montensis; e apenas 01 hemocultivo positivo para O. nigripes. As densidades populacionais foram sempre baixas para todas as espécies. Entre as espécies infectadas, Akodon spp e Oligoryzomys spp foram as mais abundantes, com maior potencial para "ratadas" e principais candidatas a reservatórios, reforçando a necessidade de seu monitoramento.

[304] **HOME RANGE SIZE OF CAVIA INTERMEDIA, AN ENDEMIC GUINEA PIG OF THE MOLEQUES DO SUL ISLAND, SERRA DO TABULEIRO STATE PARK, SOUTHERN BRAZIL.**

SALVADOR, C.[1]; FERNANDEZ, F.[2]; ASHER, M.[3]; SACHSER, N.[3]

[1] ECOLOGIA, PPGE/UFRJ; [2] UFRJ; [3] DEPART. DE BIOLOGIA COMPORTAMENTAL, UNIVERSIDADE DE MÜNSTER, ALEMANHA

Cavia intermedia is a recently described species of guinea pig, which presumably is endemic to the Moleques do Sul Island in Southern Brazil. This study is the first to analyze the home range of C. intermedia. It inhabits an island of 10.5 ha, which is located 8 km south of Santa Catarina Island and 14 km east of the Brazilian mainland (27°56'S, 48°26'W). The island is mainly covered by grass, herbs and bushes. The population was studied for 15 months from April 2004 to June 2005. Each month, the animals were monitored for five consecutive days. In total, 12 adult C. intermedia (7 males and 5 females) were caught, equipped with radio collars (Biotrack TW-4-SM transmitters) and monitored by radio telemetry (3-element yagi antenna and an extended band receiver M-57, Biotrack Co.) every four hours from sunrise until sunset. Fixes were taken via triangulation over short distances or by visual contact, referring to a grid system plotted on the island's aerial photo (1:1500). Each cell of the grid was 3 x 3 m size and the estimation of position error was approximately 1.5 m. For home range calculation, data obtained via radio tracking were supplemented by trap's localizations when the animals were caught during a parallel capture-mark-recapture program. Overall, a total of 296 fixes were obtained and home range sizes were calculated by the minimum convex polygon method 100% using the software Ranges VI. Home range size (mean ± slander error) was 0.21 ± 0.13 ha for males and 0.18 ± 0.17 ha for females respectively. The difference was not significant (Mann-Whitney U-test, U = 14,5, P > 0.05). The overall home range size was 0.19 ± 0.16 ha and thus clearly larger than the home rang size of the congeneric C. aperea. A possible explanation for the larger home range size of C. intermedia might be that there are no terrestrial predators on the island. Thus, the reduction of predation pressure may allow C. intermedia to utilize a larger home range area without taking a higher risk of being discovered by predators. CAPES/ FAPERJ/Fundação O Boticário/LECP/LAMAq/ University of Münster

[305] **OBSERVAÇÕES PRELIMINARES SOBRE OCORRÊNCIA, DISTRIBUIÇÃO, BIOLOGIA E ECOLOGIA DO RATO-DO-CACAU (CALLISTOMYS PICTUS), NA MATA ATLÂNTICA, SUL DA BAHIA**

MOURA, R. T.[1,3]; FONSECA, G. A. B.[2]

[1] LAB. MASTOZOOLOGIA/ICB/UFMG - INST. ESTUDOS SÓCIO-AMB. DO SUL DA BAHIA; [2] CONSERVATION INTERNATIONAL; [3] LAB.MASTOZOOLOGIA/DEPTO ZOOLOGIA - ICB/UFMG, UFMG / IESB

O rato-do-cacau (Callistomys pictus) também conhecido como Saruê-beju, é um roedor da Família Echymyidae, endêmico da Mata Atlântica. Sua distribuição é restrita ao sul da Bahia, mais especificamente à região cacaueira. Atualmente está inserida na lista de espécies ameaçadas, na categoria vulnerável. Pouco se sabe sobre a distribuição ecologia e biologia da espécie. A maioria dos registros existentes não se refere a pontos específicos de coleta e sim, a proximidades de uma determinada localidade, muitas vezes não georeferenciada. Em 2002 foi iniciado um estudo sobre a ocorrência e distribuição da espécie na provável região de distribuição, resultando em 61 registros positivos (66 %), além de 9 registros de bibliografia. Posteriormente foi iniciado o estudo sobre a biologia, ecologia e comportamento da espécie. Nesta fase foram capturados três indivíduos, e monitorados, pelo método de radiotelemetria utilizando rádio transmissor Biotrack TW 3 102B, brass loop collar e rádio receptor Telonics TR-4, freqüência (150-154 MHz) e antena Yagi da Wildlife Materials. Os animais foram observados utilizando o método animal focal com anotação contínua. Um dos indivíduos capturados foi mantido em cativeiro por algum tempo e posteriormente liberado no local onde foi capturado. Um indivíduo morreu nos primeiros dias de observação em campo. Os outros dois indivíduos foram monitorados por aproximadamente 1 mês. Aspectos sobre seu comportamento foram observados. Possuem atividade noturna, movimentos lentos, e é arborícola. É encontrado em ocos e, às vezes em bromélias, em capoeiras e cabrucas. Em cativeiro emite vocalizações; a dieta é predominantemente folívora e frugívora. Encontrado em fragmentos florestais e áreas de cabruca (plantações de cacau); têm tido sua população ameaçada principalmente pela destruição de hábitat, predação e caça. Além de ser uma espécie de difícil capturabilidade, suspeita-se que hoje sua densidade seja muito baixa. Este foi considerado um trabalho piloto devido ao pequeno tempo de acompanhamento dos animais. Novos indivíduos estão sendo procurados. Foram confeccionadas camisas com a foto do roedor, e doadas à comunidade. Juntamente com a equipe de educação ambiental foi apresentada uma peça teatral enfocando os temas corredores e espécies endêmicas e ameaçadas. Esta é uma estratégia de envolvimento da comunidade com o projeto.

[306] PEQUENOS MAMÍFEROS COMO PREDADORES DE SEMENTES DE ARAUCARIA ANGUSTIFOLIA EM UMA ÁREA DE FLORESTA COM ARAUCÁRIA NO SUL DO BRASIL.

IOB, G.[1]; VIEIRA, E. M.[2]; ABREU, M. S. L.[2]

[1] LABORATÓRIO ECOLOGIA DE MAMÍFEROS, UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS; [2] UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

A predação de sementes, juntamente com a dispersão é um dos principais fatores determinantes do recrutamento de novos indivíduos. Entre os principais predadores estão incluídos os pequenos mamíferos, que podem atuar tanto como predadores quanto como dispersores. Nesse estudo comparamos o papel de diferentes grupos de mamíferos na predação de sementes de Araucaria angustifolia, procurando identificar o papel dos roedores na predação dessas sementes. Investigamos também o efeito do local de deposição da semente (área de campo, borda ou 50 m para o interior de floresta) nas taxas de predação. Para avaliar taxas de predação dispusemos aleatoriamente 63 estações (com distância mínima entre elas de 35 m) nos três tipos de hábitat (total de 169 estações). Em cada estação dispusemos um dos três tratamentos (21 estações por tratamento): tratamento de exclusão de médios/grandes vertebrados (gaiolas com pequenas aberturas), tratamento sem exclusão e controle (gaiolas impedindo o acesso de qualquer vertebrado). Em julho/2003 colocamos, em cada estação, 10 sementes e averiguamos as taxas de remoção após 48 h. Em julho/2004 repetimos o experimento, acrescentando um tratamento de exclusão de pequenos roedores (plataformas suspensas). Para avaliar o destino das sementes equipamos 111 pinhões com carretéis, distribuídas em 37 estações dos três hábitats. Depois seguimos as linhas das sementes removidas para localização das sementes. A remoção de sementes diferiu significativamente entre hábitats e entre os anos (ANOVA de três fatores, $P < 0.01$), porém sem interação significativa entre nenhum dos fatores. Houve uma menor remoção na área de campo e no ano 2003. Não encontramos diferença significativa entre os tratamentos exclusão de médios/grandes vertebrados e sem exclusão. Esse padrão se manteve também no segundo ano. A predação diferenciada nos hábitats amostrados provavelmente esteve associada a diferentes comunidades de roedores que ocupam esses locais. Os pequenos roedores da área de estudo foram os principais consumidores secundários de sementes da araucária, removendo significativamente mais sementes na borda e interior da floresta. Esses animais parecem ter um papel pouco relevante, ou mesmo inexistente, como dispersores.

[307] POPULAÇÕES DE PEQUENOS MAMÍFEROS NA ESTAÇÃO ECOLÓGICA DE ÁGUAS EMENDADAS, NO CERRADO DO BRASIL CENTRAL

ROCHA, C. R.[1]; FAIAD, P. J.[1]; LINDOSO, D. P.[1]; RIBEIRO, R.[1]; GOMES, L.[1]; MARINHO-FILHO, J. S.[2]; ROCHA, C.[2]

[1] UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA; [2] UNIVERSIDADE DE BRASILIA; [2] ZOOLOGIA, UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

A literatura corrente indica que a composição e abundância das espécies diferem entre as localidades de cerrado. O objetivo deste trabalho é caracterizar as populações de pequenos mamíferos em campo de murundus, incluindo aspectos reprodutivos, estrutura etária e razão sexual. As coletas foram realizadas na Estação Ecológica de Águas Emendadas, Planaltina, DF, utilizando-se duas grades de 100 pontos de captura cada, cobrindo uma área de 1,5 ha onde foram dispostas armadilhas Sherman alternadamente,com iscas de pasta de amendoim, fubá, sardinha e banana, . As armadilhas foram vistoriadas ao amanhecer, durante seis dias consecutivos a cada mês de agosto/2004 a maio/ 2005. Os indivíduos capturados marcados com brincos numerados, identificados por espécie, medidos, pesados, sexados e classificados como juvenil ou adulto. As fêmeas foram consideradas não perfuradas, perfuradas, grávidas e/ou lactantes e para os machos foi registrada a posição dos testículos na bolsa escrotal ou intra-abdominal. O esforço amostral total foi de 6.000 armadilhas/noite, com 166 indivíduos de seis espécies capturados 571 vezes, com sucesso de captura de 9,5%. Três espécies de roedores foram mais comuns: Thalpomys lasiotis foi mais capturado de abril a setembro, com picos reprodutivos de agosto a novembro e de fevereiro a março e razão sexual de 1,3 machos/fêmea. Calomys sp. foi capturado durante todo o ano com pico de abundância em agosto, reprodutivo em agosto a novembro e razão sexual de 1,8 machos/fêmea. Bolomys lasiurus apresentou o pico de captura de abril a maio, reprodutivos de agosto a novembro e de fevereiro a abril, com razão sexual de 1,8 machos/fêmea. Os picos de captura de jovens ocorreram após os reprodutivos nas três espécies. A abundância das três espécies foi maior durante a estação seca seguida dos períodos reprodutivos principalmente na transição seca/chuva. T. lasiotis e B. lasiurus reproduziram também no final da estação chuvosa.

[308] PREFERÊNCIA DE HÁBITATS POR PEQUENOS MAMÍFEROS NÃO VOADORES NA REGIÃO DO VALE DO ESPINGARDA, NO PARQUE NATURAL MUNICIPAL NASCENTES DO RIBEIRÃO GARCIA,

ZIMMER, E.[1]; LAPS, R. R.[1]; ALTHOFF, S. L.[1]; JOSE, V. F.[1]; TESTONI, A. F.[1]; STEINER, F.[1]; ATIQUE, M.[2]

[1] FURB; [2] DCN, FURB

Com mais de 7000 espécies descritas, os mamíferos são considerados um importante componente para os ecossistemas, principalmente pela sua grande variedade de espécies e adaptações ao ambiente. Com a finalidade de conhecer a diversidade e a utilização de hábitats pelos pequenos mamíferos não voadores na região do Vale do Itajaí, as coletas foram realizadas no Parque Municipal Nascentes do Garcia, Indaial-SC. A área de estudo caracteriza-se por vegetação secundária em diferentes estágios sucessionais, decorrentes do processo de exploração madeireira, ocorrido anterior à década de 80 e posteriormente a este processo a área foi utilizada como pastagem. As armadilhas foram distribuídas nas estruturas vegetais capoeirinha, capoeira, capoeirão e mata ciliar, sendo realizadas 26 campanhas com duração de quatro noites, totalizando 104 dias de coletas em campo, e um esforço amostral de 19.968 armadilhas/noite. Na área amostrada foram traçados quatro transectos paralelos de 480 metros cada, que percorreram transversalmente os quatro gradientes. Em cada transecto foram distribuídas 48 armadilhas dos tamanhos P (26,5x14,0x10,5cm) e M (35,0x18,0x28,0cm) com 10 metros de distância entre elas, totalizando 192 armadilhas. As armadilhas foram iscadas ao anoitecer e revisadas pela manhã. Durante o dia permaneciam abertas no local e ao anoitecer eram novamente iscadas e revisadas. Utilizou-se o método de captura-marcação-recaptura. Foram capturadas uma espécie de Didelphidae Monodelphis sp. (n=1) e oito espécies de roedores murideos (n=219): Akodon montensis (n=55), Brucepattersonius sp. (n=1), Delomys dorsalis (n=3), Nectomys squamipes (n=2), Oligoryzomys nigripes (n=81), Oryzomys russatus (n=32), Oxymicterus cf. judex (n=34), e Thaptomys nigrita (n=7). A espécie Akodon montensis não apresentou preferência por nenhum estágio sucessional, sendo capturado por toda a área. Oligoryzomys nigripis, a espécie mais abundante, se concentrou nos estágios sucessionais de capoeirinha e capoeira, assim como Oxymicterus cf. judex. Já Oryzomys russatus teve uma preferência pela mata ciliar, com uma quantidade maior de umidade e um dossel característico.

[309] PREFERÊNCIA DE HÁBITATS POR ROEDORES DE UMA ÁREA DA REGIÃO DO MONO, PARQUE NATURAL NASCENTE DO GARCIA - INDAIAL - SC

STEINER, F. S.[1]; ALTHOFF, S. L.[2]; ZIMMER, E.[2]; TESTONI, C.[2]

[1] DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS NATURAIS, FURB; [2] FURB

Este trabalho foi desenvolvido no Parque Natural Municipal Nascentes do Garcia (PNMN) - Indaial, com o objetivo de inventariar as espécies de pequenos mamíferos terrestres da área. A região estudada foi o Mono, uma área em recuperação que sofreu corte raso (pastagem) até a década de 80 quando o PNMN foi instaurado. A área de estudo possui 5.800m2 onde foram traçados três transectos de 300 m que percorriam três estruturas vegetacionais diferentes: um banhado de pequeno porte, ocupando uma área de 600m2 do transecto com a predominância de Tipha sp. e gramíneas; uma capoeira avançada que ocupa 1.000m2 da área do transecto, composta por pteridófitas e algumas espécies arbóreas pioneiras; e uma mata secundária com espécies arbóreas e a presença de um sub-bosque bem definido que cobre os 4.200m2 da área restante do transecto. Para a coleta dos animais foram utilizadas 90 armadilhas do tipo gaiola de dois tamanhos diferentes, P (26,5X14,0X10,5cm) e M (35,0X18,0X28,0cm) espaçadas de 10 em 10 m. Para a atração foram usadas iscas de milho com pasta de amendoim com sardinha e bacon defumado. As coletas foram realizadas num período de 15 meses (abril de 2004 a junho de 2005), totalizando um esforço amostral de 6.900 armadilhas noite. Os roedores capturados totalizaram 157 indivíduos, pertencentes às espécies Oryzomys russatus (45%), Akodon montensis (41%), Oxymicterus cf. judex (5%), Oligoryzomys nigripes (4%), Nectomys squamipes (2%), Brucepattersonius sp (2%) e Thaptomys nigrita (1%). A fisionomia do banhado foi a área com maior diversidade, sendo que das sete espécies coletadas na área apenas duas não foram encontradas neste ambiente (T. nigrita e Brucepattersonius sp.). Na capoeira foram encontradas três espécies: A. montensis, O. russatus, O. nigripes. Na mata secundária foram amostrados A. montensis, O. russatus, O. nigripes, T. nigrita e Brucepattersonius sp. Quanto à preferência de hábitat, as espécies seguiram o padrão conhecido da literatura. Porém o banhado, mesmo representando pequena área amostrada e tendo uma fisionomia homogênea, apresentou a maior diversidade. Akodon montensis e Oryzomys russatus obtiveram o maior número de indivíduos amostrados, 41% e 45%, sendo capturados em todas as áreas, demonstrando o seu hábito generalista.

[310] PROGRAMA DE MONITORAMENTO POPULACIONAL E DO POTENCIAL ZOONÓTICO DE PEQUENOS MAMÍFEROS DA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA USINA HIDRELÉTRICA ESPORA, GO.

OLIVEIRA, F. C. G.[1]; FERRO, C. L.[2]; XAVIER, S. C.[3]; OLIVEIRA, R. C.[4]; ALUISIO, G. G.[5]; BONVICINO, C. R.[6]; LEMOS, E. R. S.[4]; JANSEN, A. M.[3];D'ANDREA, P. S.[4]

[1] CENTRO TECNOLÓGICO DE ENGENHARIA LTDA.; [2] DEPTO. DE MEDICINA TROPICAL - IOC - FIOCRUZ; [3] DEPTO. DE PROTOZOOLOGIA - IOC - FIOCRUZ; [4] DEPTO. DE VIROLOGIA - IOC - FIOCRUZ; [5] CENTRO TECNOLÓGICO DE ENGENHARIA LTDA; [6] MEDICINA TROPICAL, DEPTO. DE MEDICINA TROPICAL, INSTITUTO OSWALDO CRUZ, FIOCRUZ

A UH Espora no rio Corrente, afluente do rio Paranaíba, formará um reservatório de 3000ha, com supressão da vegetação nativa (cerradão, cerrado stricto, matas ciliares). Este trabalho visa o monitoramento das populações de pequenos mamíferos a priori e a posteriori do enchimento do reservatório, a fim de se avaliar o impacto ecológico e parasitológico no adensamento nas áreas remanescentes. De 2003 a 2005 foram definidas 4 áreas de captura permanentes (2 grades de 100 pontos e 2 linhas de 50 pontos cada) e outras 4 de esforço variável. Utilizou-se armadilhas Tomahawk e Sherman, totalizando um esforço de 5690 armadilhas-noite, em 4 expedições. A identificação taxonômica foi por morfologia e cariotipagem. O diagnóstico sorológico da infecção por hantavirus foi realizado por Elisa IgG (antígeno Andes), e para infecção por T. cruzi por IFI e hemocultivos. Obteve-se um sucesso total de captura de 3,15% (1,94% e 4,93% na estação seca e chuvosa, respectivamente). Foram capturados 179 espécimens, totalizando 15 espécies (Didelphimorphia: Didelphis albiventris, Gracilinanus agilis e Micoureus demerarae; Sigmodontinae: Bolomys lasiurus, Calomys expulsus, C. tener, Nectomys rattus, Oecomys bicolor, Oligoryzomys fornesi, O. stramineus , Oryzomys megacephalus, O. scotti, O. subflavus e Rhipidomys sp; Echimyidae: Proechimys roberti; Muridae: Rattus rattus). A diversidade H' foi de 2,33 (índice de Shannon), e pelo índice de Hill modificado observou-se equitabilidade E5 de 0,49. A equitabilidade da estação seca foi baixa, e 2003 apresentou a maior riqueza e diversidade. As espécies mais abundantes foram D. albiventris, G. agilis e O. megacephalus. As espécies O. bicolor, O. megacephalus e Calomys spp apresentaram atividade reprodutiva durante todo o ano, e D. albiventris em agosto e setembro. As 13 amostras analisadas para hantavirus foram negativas (05 O. megacephalus, 03 O. bicolor, 01 B. lasiurus e 01 C. tener), e em outras 51 verificadas para infecção por T. cruzi, observou-se 37% de prevalência (17 marsupiais e 02 roedores), das quais recuperou-se parasitas em 06 hemocultivos (03 D. albiventris, 01 Rattus rattus, 02 O. megacephalus). Na etapa pré-fechamento da barragem constatou-se baixas densidades populacionais, alta riqueza de espécies, ocorrência do ciclo silvestre do T. cruzi, e ausência de infecção por hantavirus.

[311] RIQUEZA DE ESPÉCIES DE PEQUENOS MAMÍFEROS NÃO VOADORES NO PARQUE NATURAL MUNICIPAL NASCENTES DO RIBEIRÃO GARCIA, INDAIAL, SC.

ZIMMER, E.[1]; ATIQUE, M. S.[1]; LAPS, R. R.[1]; ALTHOFF, S. L.[1]; SOUZA, F. S.[1]; VENANCIO, F. J.[1]; TESTONI, A. F.[2]

[1] FURB; [2] DCN, FURB

O Parque Municipal Nascentes do Garcia é um remanescente de Mata Atlântica com área de 5.800 ha localizado na região sul dos municípios de Blumenau e Indaial. A área de estudo utilizada é caracterizada por vegetação secundária em diferentes estágios sucessionais: capoeirinha, que cobre uma antiga pastagem abandonada com predominância de pteridófitas (Pteridium aquilium e gramíneas); capoeira diferencia-se capoeirinha por apresentar algumas espécies arbóreas (Myrsine coriacea e Miconia cinnamomifolia); capoeirão, que se encontra em um grau mais avançado de recuperação, com a presença de espécies que características (Alsophila setosa, Virola bicuhyba, Miconia cabussu e Euterpe edulis); e floresta ciliar com uma quantidade maior de umidade e um dossel formado por E. edulis.. Na área amostrada foram traçados três transectos paralelos de 480 metros cada, distanciados 10 metros um do outro, que percorreram transversalmente os quatro gradientes. Em cada transecto foram distribuídas 48 armadilhas dos tamanhos P (26,5x14,0x10,5cm) e M (35,0x18,0x28,0cm) com 10 metros de distância entre eles, totalizando 90 armadilhas do tipo "live trap" (gaiola). As armadilhas foram iscadas ao anoitecer e revisadas pela manhã. Utilizou-se o método de captura-marcação-recaptura. Foram realizadas 26 campanhas com duração de 4 noites, totalizando 104 dias de coleta em campo, e um esforço amostral de 19.968 armadilhas/noite. A riqueza encontrada foi de 10 espécies, sendo uma espécie de marsupial (Monodelphis sp. n=1) e oito espécies de roedores: Akodon montensis (n=55), Brucepattersonius sp. (n=1), Delomys dorsalis (n=3), Oligoryzomys nigripes (n=81), Oryzomys russatus (n=32), Oxymycterus cf. judex (n=34), Thaptomys nigrita (n=7) e Nectomys squamipes (n=2). Algumas espécies apresentam-se mais abundantes nas estações mais frias do ano. As espécies A. montensis, O. cf. judex, O. russatus e O. nigripes foram capturadas com maior frequência nas estações de outono e inverno. O mesmo padrão não foi possível de ser observado para T. nigrita, que teve um decréscimo de capturas nessa época. Fatores bióticos e abióticos podem influenciar as populações de maneira diferenciadas a cada ano, podendo atingir diretamente o número de indivíduos de uma população. Além disso, os padrões de riqueza sazonais podem ser influenciados por flutuações supranuais.

[312] USO DO CARRETEL DE RASTREAMENTO "SPOOL AND LINE" EM OURIÇOS (RODENTIA, ERETHIZONTIDAE)

GALVÃO, R.[1]; LEITE, Y. L. R.[2]

[1] CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO; [2] UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

A metodologia do carretel de rastreamento é utilizada em estudos de movimentos animais. O carretel é um casulo contendo apenas a linha, sem nenhum pino interior. Este trabalho teve como objetivo testar esta metodologia no rastreamento de ouriços. Para o estudo foi capturada uma fêmea de Chaetomys subspinosus e dois machos de Sphiggurus villosus no Parque Estadual Paulo Cesar Vinha, Guarapari ES. Os animais capturados foram marcados com anilha, medidos e pesados. Foi utilizado dois carretéis de 160 metros (4g de peso) cada, colado com Super-bonder na região dorsal, entre as escápulas. Para o C. subspinosus de 1800g, registro-se um um deslocamento de 120m, 24 horas depois; onde o animal utilizou apenas o dossel, concentrando uma maior atividade de movimento em algumas árvores. Durante a coleta da linha em uma árvore de Almesca (Protium heptaphyllum da família Burseraceae) foram observadas folhas mordidas próximas da linha. Em um S. villosus de 1000g foi acoplado um carretel de 160m, sendo ele todo utilizado pelo indivíduo em menos de 24 horas. Pôde-se observar o uso do dossel e de partes mais baixas das árvores pelo animal com uma maior atividade de movimento em determinados pontos. Um terceiro carretel de 320m foi utilizado em um S. villosus de 2000g observando-se também um deslocamento de 160m. O animal também utilizou o dossel e partes baixas da vegetação. O carretel foi encontrado no chão ainda preso à linha, com restos de pêlos do animal. A metodologia do carretel de rastreamento mostrou-se viável para estudos de deslocamento e utilização do espaço vertical para roedores como C. subspinosus e S. villosus.

[313] UTILIZAÇÃO PREFERENCIAL DE MARGENS PLANAS E LEITO PROFUNDO EM AMBIENTES DE FLORESTA DE GALERIA PELA CAPIVARA HYDROCHAERIS HYDROCHAERIS

MAZZOLLI, M.[1]; RIBEIRO, C. A.[2]; VIECELLI, P. F.[2]; AMENDOEIRA, C. R.[2]; OLIVEIRA, C.[2]; DUARTE, M. A.[2]; PAULETE, M.[2]; WOLFF, C. T.[2]

[1] ECOLOGIA, PROJETO PUMA/ UNIV. FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS); [2] UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE (UNIPLAC)

A capivara é um mamífero de grande porte que pode ser localmente abundante, mas em geral ocorre em baixas densidades quando escalas espaciais mais amplas são consideradas, sobretudo em virtude da caça predatória. Tendo em vista sua importância na cadeia alimentar de espécies ameaçadas, e seu papel no ecossistema, é relevante conhecer mais sobre as necessidades ecológicas, para facilitar o seu manejo. O objetivo deste estudo foi o de detectar utilização diferencial de ambientes em floresta de galeria pela capivara Hydrochaeris hydrochaeris. O local de estudo situa-se entre as coordenadas geográficas 50 °20 'e 50 °10 'W, e -28 °00 'e -28 °05 'S, 'as margens do Rio Pelotinhas, município de Lages. Foram realizadas amostragem de acúmulos fecais em um trecho de 1,5 quilômetros na margem sul do rio, durante um dia, em agosto de 2004. Os acúmulos fecais foram registrados como presentes ou ausentes em intervalos de no mínimo 25 metros,e de no máximo 50 metros. Ao encontrar os acúmulos fecais, registrou-se a condição da vegetação ribeirinha, a profundidade do rio (profundidade suficiente para uma capivara imergir ou não), e a inclinação das margens (plano ou inclinado). Relacionou-se os resultados da presença-ausência de pelotas fecais com o tipo de ambiente utilizando a tabela de contingência de 4 fatores (1. Leito fundo e margem plana, 2. Raso e plana, 3. Fundo e inclinada, 4. Raso e inclinada) através do teste de Yates para amostras pequenas. Registrou-se um total de 44 pontos de presença ou ausência de pelotas fecais. Houve preferência por ambientes de rio fundo e margens planas (55,6% de registros) em detrimento aos rasos e inclinados (0% de registros). Os ambientes intermediários de leito raso e margens planas, e os de leito fundo e margens inclinadas registraram mais ausências do que presenças ($p<0.001$). Sugere-se que a preferência por margens planas e leito profundo deva estar relacionada com a necessidade de locomoção rápida e imersão para fuga, pois durante o percurso de amostragem foram encontradas fezes de puma Puma concolor, indicando sua presença.

Fisiologia

[314] PARÂMETROS FISIOLÓGICOS NORMAIS DE DUAS ESPÉCIES DE ROEDORES DO GÊNERO THRICHOMYS, POTENCIAS RESERVATÓRIOS DE TRIPANOSOMATÍDEOS.

RODRIGUES, J.[1]; ROQUE, A. L. R.[2]; D'ANDREA, P. S.[2]; JANSEN, A. M.[2]

[1] MEDICINA TROPICAL, FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ - IOC; [2] INSTITUTO OSWALDO CRUZ

O gênero Thrichomys foi considerado monoespecífico até 2002, quando pelo menos quatro espécies crípticas, distribuídas no Cerrado, Caatinga e Pantanal brasileiros, foram caracterizadas por técnicas citogenéticas e moleculares. Considerando a complexidade taxonômica deste gênero e sua importância epidemiológica, visto que estas espécies têm sido apontadas como reservatórios de tripanosomatideos, nosso estudo tem por objetivo principal contribuir para o conhecimento da sua fisiologia e relação aos processos adaptativos das diferentes espécies. Para isso, foram determinados os parâmetros hematológicos e bioquímicos de normalidade de duas espécies de Thrichomys, provenientes do centro-oeste (T. pachyurus) e do nordeste do Brasil (T. apereoides laurentius).Foram utilizadas alíquotas de sangue de 18 animais de cada espécie nascidos em cativeiro e comprovadamente sadios, para determinação do hemograma e leucograma completos, e dosagens bioquímicas de proteínas totais, albumina, alanina aminotransferase (ALT) e creatino quinase (total- CK-NAC, e fração cardíaca- CK-MB). T.pachyurus possui hemácias menores (66,1±6,7micra^3) e em maior quantidade no sangue (7,2±0.9 mm^3) que T. a. laurentius (62,7±9,7 micra^3 e 5,8±0,8 mm^3, respectivamente) num mesmo volume de hematócrito (46,5±2,9 mm^3). Os valores encontrados para leucograma, proteínas totais (5,7±0,6 g/dl), albumina (3,7±0,9 g/dl), ALT (51±26 u/l), CK-NAC (312±156 u/l) e CK-MB (85±49 u/l) foram determinados e não apresentaram diferenças significativas entre as espécies. Sabe-se que animais com maior número de eritrócitos por unidade de volume e os menores tamanhos, apresentam uma maior área de superfície celular total, facilitando a captação e liberação de oxigênio. Dentro desse contexto, T. pachyurus tenderia a oxigenar mais rapidamente os tecidos, o que otimizaria sua velocidade de reação e fuga. Caso se confirme essa hipótese, essas diferenças poderiam estar sendo reguladas por exigências ecológicas do habitais que ocupem e assim, interpretadas como uma adaptação evolutiva a um ambiente com refúgios mais escassos e maior quantidade de predadores.

[316] ANÁLISE DO CITOCROMO B MITOCONDRIAL NO GÊNERO OLIGORYZOMYS (SIGMODONTINAE): ESTRUTURA GENÉTICA DAS POPULAÇÕES E RELAÇÕES INTERESPECÍFICAS

MIRANDA, G. B.[1]; ANDRADES-MIRANDA, J.[2]; OLIVEIRA, L. F. B.[3]; MATTEVI, M. S.[4]

[1] GENÉTICA, PPG GENÉTICA E BIOLOGIA MOLECULAR, UFRGS; [2] PPG EM DIAGNÓSTICO GENÉTICO-MOLECULAR, ULBRA; [3] MUSEU NACIONAL, UFRJ; [4] PPGGBM, UFRGS; PPG DIAG. GENÉTICO-MOLECULAR, ULBRA

O táxon de roedores sul-americanos Oligoryzomys foi proposto como um subgênero do gênero Oryzomys da subfamília Sigmodontinae para agrupar espécies cujos membros diferenciam-se por um conjunto de medidas quantitativas. O gênero é amplamente distribuído, ocupando tanto a América do Sul como a América Central. Seu número estimado de espécies varia de uma a 30 e tanto seu status como gênero ou as relações entre suas espécies têm sido controvertidos. Este trabalho visou analisar a variação intrapopulacional e intraespecífica na seqüência do gene mitocondrial citocromo b em, respectivamente, 18 e 10 populações de O. nigripes e O. flavescens. Para as relações filogenéticas foram utilizadas as espécies O. eliurus, O. flavescens, O. messorius, O. microtis, O. moojeni e O. nigripes, às quais foram acrescentados oito táxons do GENBANK, perfazendo um total de 15 espécies de Oligoryzomys investigadas, mais dois "outgroups". A amplificação do gene mitocondrial citocromo b foi feita pela combinação dos primers MVZ05 e MVZ16 e o sequenciamento das amostras, num seqüenciador automático ABI PRISM 3100. Parâmetros populacionais (estruturação, crescimento, etc) e distribuição espacial foram estimados pelos programas ARLEQUIN 2000 e Median Joining – Network, versão 4.1.0.0. As análises filogenéticas, no PAUP*, versão 4.0b10 e incluem distâncias (Neighbor-Joining), Máxima Parcimônia (MP) e Máxima Verossimilhança (MV). As análises Bayesianas foram feitas usando o programa MrBayes 3.0b4. Foram analisados um fragmento de 401 pb e outro de 760 pb em 17 e 16 exemplares de Oligoryzomys, respectivamente. As análises das seqüências (AMOVA) indicam a existência de grande variação genética nas espécies O. nigripes e O. flavescens (30 e 16 haplótipos), sendo maior dentro das populações que entre elas. Não se observou, no entanto, estruturação geográfica nestas duas espécies. Quanto às análises filogenéticas, a monofilia do gênero fica claramente demonstrada, corroborando para sua condição de gênero pleno.

Genética

[315] ANÁLISE DE HAPLÓTIPOS DE POLIMORFISMOS DE FRAGMENTOS DE RESTRIÇÃO ESPÉCIE-ESPECÍFICOS EM DOIS TÁXONS DE ROEDORES DO GÊNERO THAPTOMYS COM 2N=52 E 2N=50

GOMES, J. A. S.[1]; MOURA, R. T.[1]; CHRISTOFF, A. U.[2]; FAGUNDES, V.[1]

[1] DEPTO CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPIRITO SANTO; [2] INSTITUTO DE ESTUDOS SÓCIO-AMBIENTAIS DO SUL DA BAHIA; [3] UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL

Até recentemente, Thaptomys (Rodentia, Sigmodontinae) foi considerado um gênero monotípico, sendo Thaptomys nigrita, com 2n=52, a única espécie descrita. No entanto, um novo cariótipo de Thaptomys com 2n=50 foi descrito para indivíduos coletados no município de Una, BA, sugerindo a existência de mais uma espécie para o gênero. O presente estudo teve como objetivo verificar as variações genéticas no gene mitocondrial citocromo b entre as formas de Thaptomys com 2n=52 e 2n=50. Foram analisados 40 espécimes do gênero Thaptomys de quatro estados do Brasil, sendo 31 com 2n=52 (19 do Espírito SantoS, 3 de São Paulo e 9 do Rio Grande do Sul) e 9 com 2n=50 (Bahia). A seqüência do gene citocromo b (1240pb), foi amplificada a partir da utilização do par de primers MVZ 05 (5'-CGAAGCTTGATATGAAAAACCATCGTTG-3') e MVZ 14 (5'-GGTCTTCATCTYHGGYTTACAAGAC-3'). Para digestão, foram utilizadas cinco enzimas de restrição (HinfI, AluI, HaeIII, RsaI e MboI), cujos padrões de digestão totalizaram 40 fragmentos de restrição. A análise desses fragmentos revelou a existência de 7 haplótipos distintos entre os indivíduos analisados. Os haplótipos mostraram-se cariótipo-específicos sendo verificado três haplótipos para indivíduos com 2n=52 de São Paulo, Espírito Santo e Rio Grande do Sul. Os outros quatro haplótipos foram exclusivos dos exemplares com 2n=50 da Bahia. Nossos dados preliminares sugerem diferenciação molecular entre os dois táxons analisados: Thaptomys nigrita (2n=52) e Thaptomys sp. (2n=50).

[317] ÁREA DE OCORRÊNCIA DE TRÊS TÁXONS DO GÊNERO THRICHOMYS (ECHIMYIDAE, RODENTIA) BASEADOS EM IDENTIFICAÇÃO CARIOTÍPICA

CARVALHO, A.H.; FAGUNDES, V.

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

Tradicionalmente considerado monotípico, o gênero Thrichomys apresenta atualmente seis diferentes complementos cromossômicos e, alguns autores já subdividem esse gênero em, no mínimo, três espécies, são elas: T. apereoides (2n=28, NA=50), T. inermis (2n=26, NA=48), T. pachyurus (2n=34, NA=64). A identificação das espécies pelo cariótipo pode auxiliar na determinação da área de ocorrência dos táxons de Thrichomys, e fornecer subsídios para interpretação dos processos evolutivos do gênero. Análises citogenéticas, a partir de células de medula óssea, de Thrichomys provenientes das localidades do Parque Nacional Grande Sertão Veredas (PNGSV) em Minas Gerais, da Serra da Bodoquena no Mato Grosso do Sul e, do Jalapão no Tocantins permitiram a detecção de três citótipos distintos: 2n=28, NA=52; 2n=34, NA=64; e 2n=26, NA=48, respectivamente. O cariótipo encontrado no PNGSV (2n=28, NA=52) era registrado somente na localidade de Jaborandi na Bahia. Esse cariótipo foi recentemente descrito e não foi atribuído a nenhum táxon (Thrichomys sp.). O citótipo 2n=34, NA=64 já havia sido identificado para o Mato Grosso, sendo agora registrada a ocorrência de T. pachyurus na Serra da Bodoquena. No Tocantins obtivemos o cariótipo 2n=26, NA=48 associado a T. inermis, coletado anteriormente somente no estado da Bahia (Mucujê, Santo Inácio e Santo Sé). Nesse último estado era esperado encontrar o cariótipo 2n=30, NA=56, ainda não atribuído a nenhuma espécie e, que já havia sido coletado na fazenda Osara, então, registramos uma área de simpatria/ parapatria entre Thrichomys sp. 2n=30, NA=56 e T. inermis. Uma revisão sistemática unindo dados morfométricos com citogenética se faz necessária para a melhor compreensão do gênero bem como estudos com novos locais de coleta para um conhecimento das áreas de ocorrência da seus táxons.

[318] CARIÓTIPO DE BLARINOMYS BREVICEPS (WINGE, 1888) (RODENTIA: SIGMODONTINAE) DO RIO DE JANEIRO, COM COMENTÁRIOS SOBRE A SUA MORFOLOGIA E ECOLOGIA

ESBÉRARD, C. E. L.[1]; SLUYS, M. V.[1]; ROCHA, C. F.[1]; GEISE, L.[1]; BERGALLO, H. G.[2]

[1] UERJ; [2] ECOLOGIA, UERJ

Este pequeno roedor da Tribo Akodontini é pouco conhecido quanto aos seus aspectos biológicos por causa do pequeno número de capturas até o momento. A distribuição geográfica inclui poucas localidades em regiões florestadas na Mata Atlântica da Bahia até Missiones, Argentina, com grande parte dos registros ocorrendo em altitudes acima de 700m. Aqui apresentamos um novo registro de Blarinomys breviceps no sudeste do Brasil com observações ecológicas e morfológicas, além do primeiro registro de seu cariótipo. Durante um inventário faunístico realizado no Santuário da Serra da Concórdia, Valença, Rio de Janeiro, um espécime foi coletado (13/04/2005) em um sistema de armadilha de queda ("pit fall") idealizado para a captura de anfíbios, répteis e pequenos mamíferos. O espécime analisado era um macho subadulto (classe 3 de idade de acordo com o desgaste da série molar superior), pesando 21,77 g. O local da coleta (22°34'59,4"S; 45°00'00"W, 815m) é caracterizado por floresta secundária submontana ("floresta ombrófila densa"), compondo um pequeno fragmento (220 ha), onde experimentos de silvicultura estão sendo realizados com palmitos (Euterpe edulis). O cariótipo da espécie tem um número diplóide de 28 cromossomos e um número fundamental de 48, composto por 13 pares de autossomas e the par sexual XY. Com a coloração usual de Giemsa, os autossomas consistiram de 11 metacentricos e dois pares acrocentricos. O cromosso X é metacentrico, correspondendo ao maior cromossomo de todo o complelmento. O cromossomo Y é um acrocentrico de tamanho médio. Trata-se de uma espécie de hábitos fossoriais, sendo possivelmente essa uma das razões para o pequeno número de coletas, além de depender de metodologia diferente da mais empregada para roedores, que são as armadilhas iscadas. Este exemplar foi mantido vivo por cerca de 7 dias até a elaboração do cariótipo e recebeu alimentação a base de artrópodes vivos, confirmando o seu hábito insetivoro, junto com a morfologia da série molar.

[319] DIFERENCIAÇÃO POPULACIONAL EM CTENOMYS SP. NOV. (RODENTIA) BASEADO EM CARACTERES MORFOLÓGICOS E MOLECULARES

GONCALVES, G.[1]; FERNANDES, F.[2]; FREITAS, T.[2]

[1] ZOOLOGIA, UFRGS; [2] UFRGS

Ctenomys sp. nov. é um modelo microevolutivo interessante para estudos de diferenciação populacional por apresentar polimorfismo cromático, cromossômico e habitar uma área restrita, inserido no bioma Campos Sulinos (29°78'S; 55°79'W). A existência de duas populações isoladas (com 2n=38 e 40), cariotipicamente diferentes das populações de Ctenomys torquatus próximas (2n=44) e com diferentes colorações de pelagem habitando o mesmo substrato, gerou a hipótese de diferenciação por deriva. Os métodos indiretos tradicionalmente utilizados para estimar fluxo gênico assumem um equilíbrio entre migração e deriva genética. Não obstante, um evento demográfico recente pode deslocar temporariamente as populações desse equilíbrio. O objetivo deste trabalho foi estimar as taxas de migração e fluxo gênico da população isolada, utilizando a região controladora do DNA mitocondrial (mtDNA), além de avaliar a dinâmica de diferenciação dessa espécie. Também foram utilizadas medidas craniométricas para comparar as populações. Foram analisadas 24 seqüências de indivíduos de quatro populações: Alegrete (13), Taim (5), Butiá (4) e Quaraí (2). A variabilidade da morfologia craniana foi analisada a partir de 16 medidas lineares do crânio através das técnicas de análise dos componentes principais e análise de descriminantes. Os níveis de diferenciação genética entre as populações resultaram em valores moderados (Gst = 0,15 e Nm=1,35), entretanto, as populações mais próximas apresentaram menores valores (Gst = 0,04). O número de haplótipos (h=14) e a diversidade haplotípica (Hd = 0,87) foram altos entre as seqüências analisadas. Os resultados obtidos nas comparações craniométricas sugerem a ocorrência de variação morfológica associada à variação geográfica. Através da análise com mtDNA o nível de fluxo gênico conectando essas populações parece ser suficiente para evitar o isolamento, o que não é compatível com a hipótese de diferenciação por deriva. Entretanto, é necessário avaliar outros marcadores, como microssatélites, que podem fornecer resultados mais sensíveis.

[320] IMPLICAÇÕES DA EVOLUÇÃO DA PLANÍCIE COSTEIRA DO RIO GRANDE DO SUL NA CONSERVAÇÃO DO TUCO-TUCO-DAS-DUNAS (CTENOMYS FLAMARIONI): UMA ABORDAGEM GENÉTICA.

FERNANDEZ, G.[1]; STOLZ, J. F. B.[2]; NOVISKI, T.[2]; FREITAS, T. R. O.[2]

[1] GENÉTICA, UFRGS; [2] UFRGS

O Tuco-tuco-das-dunas, espécie endêmica do sul do Brasil, ocorre na primeira linha de dunas dos mais recentes depósitos holocênicos da planície costeira do Rio Grande do Sul. Somado ao crescente impacto antrópico, que tem colocado esta espécie na categoria de vulnerável à extinção, o caráter altamente dinâmico da evolução geomorfológica da planície costeira constitui um fator de desestabilização natural do ambiente que abriga este roedor. Os objetivos do presente trabalho são: estabelecer associações entre os padrões filogenéticos e demográficos que caracterizam a espécie e a evolução da paisagem tanto a nível local quanto regional; e identificar áreas de evolução independente e áreas prioritárias para conservação. 620kms de dunas foram amostrados levando em consideração quatro regiões delimitadas por cursos de água (prováveis barreiras ao fluxo gênico) compreendidas entre: I. Rio Mampituba / Tramandaí, n=52; II. Rio Tramandaí / saída da Lagoa do Peixe, n33; III. Lagoa do Peixe/ Barra da Lagoa dos Patos, n=22; IV. Barra da Lagoa dos Patos/ Arroio Chuí, n=38. Para cada amostra estão sendo analisados fragmentos de aproximadamente 400pb correspondentes à primeira região hipervariável da região controladora (mtDNA), assim como analisados nove loci de microssatélites (DNA nuclear). Os dois tipos de marcadores evidenciam baixa variabilidade genética em um gradiente decrescente no sentido norte/sul da distribuição. Para o DNA mitocondrial foram obtidos sete haplótipos (sete sítios informativos) e a análise filogenética mostrou a existência de quatro clados principais correlacionados com as barreiras geográficas consideradas. As análises populacionais desenvolvidas para os marcadores nucleares, indicam alta estruturação populacional (valores de Fst entre 0,13 e 0,70) observando-se uma maior diferenciação nas populações pertencentes à região IV. Estas mesmas populações apresentam os índices mais baixos de variabilidade, uma marcada tendência à redução do número de alelos por locus e mais de 50% dos loci analisados em estado monomórfico. Estes resultados sugerem que os processos evolutivos agem em forma diferencial nas diferentes regiões, indicando as populações do sul da distribuição como as mais afetadas por reduções no tamanho efetivo (gargalos de garrafa populacionais) provavelmente devido a condições ambientais (históricas e atuais) mais instáveis.Patrocínio: Fundação o Boticário de proteção à Natureza/CAPES/PEC-PG.

[321] MOTILIDADE E VIABILIDADE DE ESPERNATOZÓIDES DE THRICOMYS PACHYURUS (RODENTIA – ECHIMIDAE) NA SERRA DE MARACAJU, MATO GROSSO DO SUL

TOMBINI, A. A. M.[1]; LUNA, H. S.[1]; CÁCERES, N. C.[2]; MORO, D. D.[3]

[1] UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL; [2] UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA; [3] PSICOLOGIA, UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO

Thricomys pachyurus possui ampla distribuição, principalmente em ambientes abertos como Cerrado e Pantanal. A fertilidade pode ser definida como a capacidade de gerar descendentes normais e o conhecimento da baixa fertilidade são importantes garantindo a perpetuação da espécie. Uma das formas de se avaliar a capacidade reprodutiva de um macho é com o exame espermático. Esse estudo teve como objetivo verificar motilidade e a viabilidade de espermatozóide de indivíduos de T. pachyurus. Os indivíduos (n = 08) foram coletados com o uso de armadilhas de arame em área de Cerrado na Serra de Maracaju, município de Aquidauana, Mato Grosso do Sul. Os indivíduos foram sacrificados em laboratório e tiveram seus testículos retirados, tomando-se cuidado para retirar do epidídimo. Para verificar a viabilidade (porcentagem de espermatozóides vivos e mortos) foi feita coloração com Eosina, onde espermatozóides mortos são corados enquanto os vivos permanecem incolor. Foram contadas 200 células espermáticas e a análise de motilidade foi feita observando em microscópio óptico o percentual de espermatozóides móveis. A média percentual de espermatozóides viáveis foi de 44,37%. O percentual de espermatozóides viáveis (por indivíduo) foi de 71,5% e 28,5% de não viáveis. Nossos resultados indicam pelos autos valores de espermatozóides inviáveis que os mesmos podem estar apresentando uma espermatogênese imperfeita, que pode ser resultado de alterações ambientais ou aspectos intrínsecos aos indivíduos, todavia para essa afirmação são necessários estudos mais detalhados. Por outro lado os valores de motilidade podem estar relacionados a estacionalidade ou nutrição dos indivíduos estudados. Apoio: GEMAP/ UEMS, UCDB e PPG/ Ecologia e Conservação UFMS

[322] POLIMORFISNO DAS REGIÕES ORGANIZADORAS DE NUCLÉOLO (AG-RON) EM NECROMYS LASIURUS (RODENTIA, SIGMODONTINAE)

GOHL, R.; PARESQUE, R.; FAGUNDES, V.

DEPTO CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

O gênero Necromys Ameghino, 1889 (=Bolomys Thomas, 1916) pertence à ordem Rodentia, subfamília Sigmodontinae. Atualmente, são reconhecidas 8 espécies viventes pertencente a este gênero: Necromys amoenus, Necromys benefactus, Necromys lactens, Necromys lasiurus, Necromys lenguarum, Necromys obscurus, Necromys pixuna e Necromys temchuki e duas espécies fósseis: Necromys bonaparlei e Necromys conifer. A única espécie com registro no Brasil é Necromys lasiurus, encontrada no cerrado e caatinga a partir do ecótono abaixo do Rio Amazonas. No presente trabalho analisamos a ocorrência de polimorfismo das regiões organizadoras de nucléolo, marcadas pela prata (Ag-RON), em 18 exemplares de N. lasiurus, provenientes de 3 localidades: Centro de Instrução e Adestramento de Brasília (DF), Estação Ecológica Serra das Araras (MT) e Serra Geral do Tocantins (TO). Foram analisadas no mínimo 20 metáfases de cada exemplar. Para o cálculo das freqüências foram consideradas a quantidade e a posição das marcações de Ag-RONs nos cromossomos. A hipótese testada (H0) foi que as diferenças nas marcações das RONs estão distribuídas ao acaso, enquanto a hipótese alternativa (H1) postula que essas marcações ocorrem de acordo com áreas geográficas específicas. Nesse sentido, utilizamos análises de componente principal, discriminante, ANOVA e teste X2 para testar a hipótese. As análises citogenéticas revelaram um alto conservadorismo cariotípico, todos exemplares estudados apresentaram 2n=34/NA=34. No entanto, verificamos um alto grau de polimorfismo de Ag-RONs, resultando em 4 tipos de marcações: GTE (telomérica no cromossomo grande), PTE (telomérica no cromossomo pequeno), GCE (centromérica no cromossomo grande) e PCE (centromérica no cromossomo pequeno). A análise de componente principal e a análise discriminante revelaram um padrão claro de separação entre a maioria dos indivíduos, sendo possível observar a segregação das três populações estudadas. A análise discriminante gerou uma função com poder discriminatório que permitiu classificar corretamente 83% da amostra. Assim, verificamos que, na nossa amostra, as marcações Ag-RONs estão relacionadas a áreas geográficas específicas, sendo a marcação GCE a principal discriminante (p-valor=0,08). Apoio: CNPq, Capes, BIOTA/FAPESP

[323] RHIPIDOMYS SP. DO SUL DA BAHIA (2N=44, NA=72): UMA FORMA PARENTAL DE HÍBRIDO NATURAL

THOMAZINI, N. B.[1]; PARDINI, R.[2]; YONENAGA-YASSUDA, Y.[2]; FAGUNDES, V.[1]

[1] DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, UFES; [2] INSTITUTO BIOCIÊNCIAS, USP

O gênero Rhipidomys Tschudi, 1844 (Rodentia, Sigmondontinae) apresenta um alto nível de polimorfismo cariotípico, sendo conhecidas 13 formas distintas, das quais seis não estão associadas a nenhuma espécie descrita na literatura. Apesar do número diplóide (2n) ser constante, 2n=44, o número de braços autossômicos (NA) varia de 48 a 74. Devido a grande variação de formas cariotípicas no gênero, a análise de várias populações torna-se necessária. Neste trabalho analisamos a composição cariotípica de espécimes de Rhipidomys sp provenientes de Una (Bahia), utilizando Bandeamento R, G, C e Hibridação in situ com sondas teloméricas (FISH). Encontramos um cariótipo ainda não descrito para o gênero, com 2n=44 e NA=72, composto por 15 pares meta/submetacêntrico, 6 pares acrocêntricos, X acrocêntrico médio e Y acrocêntrico pequeno. A análise da localização das seqüências teloméricas mostrou marcações intersticiais proximais em vários autossomos. Pela comparação com o cariótipo de um exemplar híbrido proveniente do Morro do Chapéu (Bahia), com 2n=44 e NA=61, identificamos que essa nova forma cariotípica de Una corresponde a uma das formas parentais do híbrido do Morro do Chapéu. Com as informações adicionais desse novo cariótipo, foi possível reorganizar os pares cromossômicos do híbrido revelando 18 pares heteromórficos. Por se tratar de formas cariotípicas não associadas a nomes específicos, torna-se necessário um estudo sistemático associando, dados citogenéticos e morfométricos para a identificação dos táxons.

[324] VARIAÇÃO CROMOSSÔMICA NO NOVO GÊNERO DE ROEDORES SIGMODONTINAE (JULIOMYS)

OLIVEIRA, M. B. D.[1]; ERTHAL, P. M.[2]; GEISE, L.[2]

[1] ZOOLOGIA, UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO; [2] UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

As espécies consideradas pertencentes à tribo Thomasomyini apresentam afinidades filogenéticas duvidosas, e a monofilia da tribo é bastante questionável. Em 2002, uma nova espécie descoberta na Mata Atlântica foi incluída em um gênero da tribo: Juliomys rimofrons. A espécie também apresenta similaridades aos integrantes da tribo Thomasomyini, e caractares que sugerem uma relação próxima com Juliomys pictipes. Neste estudo são descritas a morfologia e as variações cromossômicas das espécies do gênero Juliomys. J. rimofrons foi coletado em Bananal (22°48'S 44°22'W) e São José do Barreiro (22°50'S 44°41'W), SP e em Teresópolis (22°27'S 42°59'W), RJ. J. pictipes foi coletado em Teresópolis (22°27'S 42°59'W) e Guapimirim (22°29'S 43°00'W), RJ. A preparação citogenética foi realizada por cultura in vitro de medula óssea. Foram determinados o número diplóide e número fundamental (número de braços dos autossomos). Para os indivíduos de J. rimofrons analisados neste trabalho encontrou-se número diplóide igual a 20 e número fundamental igual a 36, sendo nove pares de autossomos metacêntricos ou submetacêntricos, variando de grandes a médios. O cromossomo X consistiu em um metacêntrico médio e, o Y, em um acrocêntrico médio. Entretanto, segundo a literatura, J. rimofrons apresenta número diplóide igual a 20 e número fundamental igual a 34: oito pares de autossomos metacêntricos ou submetacêntricos, variando de grandes a médios e um par de acrocêntricos grandes. O cromossomo X consiste em um metacêntrico grande, e o Y, em submetacêntrico médio. J. pictipes apresentou número diplóide igual a 36 e número fundamental igual a 34, sendo todos os autossomos acrocêntricos, variando de grandes a pequenos. O cromossomo X é acrocêntrico grande e o Y, um acrocêntrico pequeno. Esse resultado concorda com o encontrado na literatura. Assim, variação na morfologia cromossômica foi observada apenas em J. rimofrons, onde o par de acrocêntricos foi substituído por metacêntricos, provavelmente através de inversão pericêntrica. Houve variação também no par sexual, já que em nossa amostra o Y é um acrocêntrico, diferindo do submetacêntrico descrito anteriormente. Apoio: CNPq, Faperj, Uerj/Prociência

[325] VARIAÇÃO GENÉTICA EM AKODON CURSOR (RODENTIA, SIGMODONTINAE) REVELA DOIS CLADOS DISTINTOS DO NORDESTE E DO SUL-SUDESTE COM 2N=14, 15 E 16

NOGUEIRA, C. D. A.; FAGUNDES, V.

POGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM BIOLOGIA ANIMAL, DEPTO CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

Dados moleculares sugerem que os cariótipos com 2n=14 e 2n=15 sejam associados a Akodon cursor da região sul-sudeste, enquanto o cariótipo com 2n=16 foi relacionado a indivíduos de ocorrência exclusiva no nordeste brasileiro, sendo designados como Akodon aff. cursor. No entanto, essa distinção é questionada, uma vez que exemplares com 2n=16 do sul-sudeste foram coletados na natureza, o cruzamento das formas 2n=15 originaram indivíduos 2n=16, somente exemplares com 2n=16 do nordeste e 2n=14/15 do sul-sudeste foram utilizados nessas análises anteriores, e as formas 2n=14-16 sugerem um polimorfismo cromossômico intra-específico. Nosso objetivo foi verificar se as formas 2n=14, 15 e 16 representam clados distintos utilizando dados moleculares. A análise de polimorfismos dos fragmentos de restrição do gene citocromo b foi realizada em 50 exemplares de Pernambuco, Bahia, Espírito Santo e São Paulo, e gerou 13 haplótipos. Através do teste do qui-quadrado (c2) verificamos que esses haplótipos também não se encontravam distribuídos ao acaso nas populações, sendo o Espírito Santo a região de maior diversidade genética. Além disso, observamos que um mesmo haplótipo foi compartilhado por exemplares com 2n=14, 15 e 16. As relações filogenéticas inferidas a partir dados cariotípicos, moleculares e geográficos revelaram agrupamentos baseados na região geográfica ocupada pelas populações do nordeste e sul-sudeste. Em ambos os clados, as formas 2n=14, 15 e 16 foram observadas, não havendo a formação de linhagens monofiléticas distintas para os cariótipos 2n=14/15 e 2n=16. Foi realizado o teste c2 utilizando informações citogenéticas de 333 indivíduos para verificar se os cariótipos encontram-se distribuídos ao acaso nas localidades. Constatamos que a freqüência de distribuição dos cariótipos obedece a um padrão clinal latitudinal, no qual a forma 2n=16 ocorre em 100% nas populações da Paraíba e Pernambuco, 74,4% na Bahia e em 2,8% nas populações de Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná, enquanto a forma 2n=14 ocorre em 69% nas populações do sul-sudeste, 2,6% na Bahia, e ausente no nordeste. Nossos resultados associados às características morfológicas, cariotípicas e moleculares permitiram afirmar que indivíduos com 2n=14, 15 e 16 correspondem ao táxon Akodon cursor, caracterizado por apresentar polimorfismos cariotípicos e variação geográfica interpopulacionais.

[326] ZOO-FISH PARA IDENTIFICAÇÃO DE HOMEOLOGIAS CROMOSSÔMICAS ENTRE BOLOMYS LASIURUS (RODENTIA, MURIDAE, AKODONTINI) E MUS MUSCULUS

HASS, I.[1]; MÜLLER, S.[2]; SBALQUEIRO, I. J.[3]

[1] UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ; [2] LUDWIG-MAXIMILIANS UNIVERSITY, MUNICH, GERMANY; [3] GENÉTICA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Os roedores têm sido alvo de estudos citogenéticos na tentativa da elucidação dos mecanismos cromossômicos responsáveis pela grande diversidade cariotípica neste grupo. Estudos em espécies Neotropicais são particularmente informativos à criação de áreas de conservação e também porque são utilizados como modelos biomédicos. Até o momento foi utilizada a citogenética clássica, principalmente através das técnicas de bandeamentos, à investigação cariotípica comparativa. Dados Paleontológicos sugerem que diversificação evolutiva dos Muridae Neotropicais e Europeus ocorreu entre 7 a 10 milhões de anos. Dados com seqüências comparativas de DNA indicam que os roedores apresentam uma taxa de mutação 10 vezes mais rápida que nas demais espécies de mamíferos. No presente trabalho está sendo relatado o primeiro estudo de citogenética molecular comparativa em roedores Neotropicais, utilizando ZOO-FISH com sondas painting cromossomo-específicas de camundongo. Através desta metodologia serão identificadas as homeologias cromossômicas entre Bolomys lasiurus (BLA), 2n = 34, e Mus musculus (MMU), 2n = 40. Foi construído um mapa cromossômico comparativo e, estes dados, integrados a outros mapas já existentes de roedores. Para tanto, foram obtidas hibridações com sucesso com sondas painting de Mus musculus, cromossomos 1 - 9, 15 - 19 e X. Estas 15 sondas de cromossomos painting hibridaram em 20 regiões e/ou cromossomos de BLA. Os cromossomos 2, 3, 4, 7, 9, 18, 19 e X de MMU mostraram-se conservados em BLA, assim como em outras espécies de roedores: Cricetulus griceus, Rattus norvergicus, Apodemus sylvaticus e Rhabdomys pumilio. Também foram identificadas associações cromossômicas 1/6/9, 1/5, 5/7/19, 3/18 e 15/17 em segmentos homólogos de camundongos. O segmento sintênico 7/19 aparenta particular relevância porque reforça a idéia de estar presente no cariótipo ancestral dos Muridae. As demais associações sintênias não foram reportadas em outros roedores até o momento, podendo ser espécie-específicas para Bolomys ou serem compartilhadas pelos murídeos Neotropicais. Os resultados aqui descritos indicam que, apesar das espécies em estudo terem seguido caminhos de diversificação e evolução distintos, existem certos rearranjos ou segmentos cromossômicos que permanecem muito conservados, podendo ser indicadores de regiões ricas em genes de fundamental importância para o desenvolvimento das espécies. Apoio logístico: UFPR, LMU, CNPq/DAAD

Morfologia

[328] ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A ANATOMIA INTERNA E EXTERNA DO OURIÇO-PRETO CHAETOMYS SUBSPINOSUS OLFERS, 1818 (RODENTIA: ERETHIZONTIDAE)

MARTINEZ, R. A.[1]; GINÉ, G.[2]; LE_PENDU, Y.[3]; ALVAREZ, M.[3]; FARIA, D.[3]

[1] PPG- ZOOLOGIA, UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ; [2] DOUTORANDO DO PPGI-EA, ESALQ/CENA-USP; E CONSULTOR DO INSTITUTO DRÍADE; [3] DCB-UESC, RODOVIA ILHÉUS-ITABUNA KM. 16, CEP 45662-000, ILHÉUS, BAHIA.

Descrevem-se algumas características da anatomia interna e externa do ouriço preto (Chaetomys subspinosus) um dos mamíferos mais ameaçados da Mata Atlântica. Mediram-se sete animais: o comprimento cabeça/corpo médio foi 371 mm (DP 4,85 mm); o comprimento caudal médio foi 288mm (DP 20,81mm), comprovando-se que é sempre menor que o comprimento cabeça/corpo. Os espinhos foram descritos e medidos para 4 indivíduos. Todos são circulares ao corte transversal, com poucas variações no padrão de cor. Porém a sua forma, comprimento, largura e terminação permitem classificá-los em espinhos craniais, dorsais, ventrais e da base da cauda. A análise das medidas discorda da descrição de Olfers (1818) que menciona os espinhos da base da cauda como quatro vezes maiores que os anteriores. Destacam-se os espinhos que rodeiam a orelha por serem menores e orientados diferencialmente aos do resto do corpo. Foi realizada a necropsia de quatro indivíduos. O palato apresentou-se fortemente crivado, com estruturas cartilaginosas bem diferenciáveis. O estômago apresenta-se como uma estrutura em forma de "C", composto de uma única câmara. Não encontrou-se baço em nenhum dos exemplares analisados. O fígado é tetralobulado, com dois lóbulos maiores e dois menores. O comprimento médio do trato digestivo para dois animais foi de 296,5 cm. O ceco é diferenciado, representando 16% do comprimento total do trato digestivo. Registrou-se a presença de duas estruturas glandulares na base do ânus, tanto em fêmeas quanto em machos. Conclui-se que os espinhos de C. subspinosus apresentam um elevado grau de especialização de acordo com a região do corpo do animal, e que a anatomia interna aponta para adaptações ligadas a herbivoria, como a existência de um palato crivado e um ceco grande, funcional e diferenciado.

Levantamento

[327] LEVANTAMENTO DE PEQUENOS MAMÍFEROS TERRESTRES DO PARQUE MUNICIPAL NATURAL NASCENTES DO GARCIA NA LOCALIDADE DO MONO – INDAIAL – SC

STEINER, F. S.[1]; ALTHOFF, S. L.[2]; TESTONI, C.[2]; TESTONI, A. F.[2]

[1] DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS NATURAIS, FURB; [2] FURB

O Parque Natural Municipal Nascentes do Ribeirão Garcia (27°01'–27°06'S; 49°01'- 49°10'W) possui uma área de 5.800 hectares ao sul dos municípios de Blumenau e Indaial. Da área total abrangida pelo Parque, aproximadamente 600 ha se apresentam relativamente intocados. Cerca de 150 ha sofreram exploração do tipo corte raso, área esta que se encontra em rápido processo de sucessão ecológica. Os 5.050 ha restantes foram vítimas de cortes seletivos, originando por sua vez uma vegetação secundária, representada pelos diversos estágios sucessionais de uma floresta. A Região do Mono está a cerca de 700 m de altitude e é uma área em recuperação que sofreu corte raso (pastagem) até a década de 80 quando o PNMN foi instaurado. A área de estudo possui 5.800m2 onde foram traçados três transectos de 300 m que percorriam três estruturas vegetacionais diferentes, um pequeno banhado seguido de um capoeirão e uma área de mata secundária em diversos estágios de recuperação. Para a coleta dos animais em cada transecto foram usadas 90 armadilhas do tipo gaiola de dois tamanhos diferentes, P (26,5X14,0X10,5cm) e M (35,0X18,0X28,0cm), espaçadas de 10 em 10 m. Para a atração foram usadas iscas de milho com pasta de amendoim com sardinha e bacon defumado. As coletas foram realizadas num período de 15 meses (abril de 2004 a junho de 2005), totalizando um esforço amostral de 6.900 armadilhas noite. Durante este período foram coletados 166 indivíduos pertencentes a onze espécies. Nove espécies da Ordem Rodentia sendo da família Muridae : Akodon montensis, Oryzomys russatus, Nectomys squamipes, Oligoryzomys nigripes, Oxymicterus cf. judex, Thaptomys nigrita, Brucepattersonius sp. , Delomys sublineatus , e Sp. 2 e da família Echimyidae um indivíduo ainda não identificado. Da Ordem Didelphimorfia foram coletadas duas espécies: Philander frenata e Gracilinanus microtarsus. Esse grande diversidade de espécies em uma área em estágio de recuperação (homogeneidade) pode ter ocorrido pelo fato da região do Mono estar inserida numa grande área preservada que é o Parque Municipal Nascentes do Garcia.

[329] ANALISES TRICOLÓGICAS EM 10 ESPÉCIES DE ROEDORES SIGMODONTÍNEOS DO MUZEU DE ZOOLOGIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA

BANTEL, C.[1]; ROSSONI, D.[2]

[1] INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA - INPA; [2] ECOLOGIA, INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA

Os roedores da subfamília Sigmodontinae, formam um grupo altamente diversificado, fugindo do padrão de outros murídeos, com uma identificação taxonômica complexa, uma vez que existam gêneros como Oryzomys, Akodon, Oligoryzomys, Thomasomys e Rhipidomys, onde as espécies são morfologicamente muito similares, acarretando um "caos taxonômico". Os pelos-guarda, anexos epidérmicos exclusivos dos mamíferos, possuem uma camada externa denominada cutícula, e uma interna, a medula. A análise conjunta de seus padrões morfológicos conferem características diagnósticas específicas. Devido à queratinização das microestruturas, os pelos não sofrem alteração quando expostos a diversas intempéries, possibilitando o estudo de espécimes taxidermizados, amostras fecais ou egragópilas, conteúdos gastrintestinais e carcaças. Nos inventários mastofaunísticos e estudos de ecologia alimentar, aumentam quantitativa e qualitativamente a diagnose das espécies e se sobressaem como mais uma ferramenta a serviço da ecologia e da sistemática. Com base na dificuldade de identificação de roedores da coleção do MZUEL, realizamos a análise tricológica de 10 espécies dos gêneros Akodon, Oryzomys, Oligoryzomys e Necromys, com indivíduos não identificados e com os citogeneticamente identificados, para comparação. Os pelos foram impressos sobre uma camada de esmalte incolor em uma lâmina, observadas no microscópio e classificadas com base em seis caracteres das escamas cuticulares. Para análise da medula, os pelos foram diafanizados em água oxigenada, montados com Entellan em lâminas permanentes e classificados com base em seis caracteres medulares. Utilizamos um microscópio de polarização, para diferenciar e delimitar estruturas queratinizadas do espaço preenchido por ar. Observamos grande semelhança entre as estruturas analisadas nas diferentes espécies, que provavelmente deva-se ao fato de serem espécies irmãs ou pertencerem a gêneros da mesma subfamília, mas conseguimos resultados de diferenciação entre as espécies. Observamos diferenças estruturais na medula de pêlos-guarda primário e secundário, até então não conhecidas. A associação dessas análises são interessantes, no entanto, é necessária a aplicação de outros métodos, como a medida de escamas e um índice que relacione os padrões numéricos cuticulares e medulares, por exemplo, para obtenção de resultados seguros na diagnose de espécies tão próximas, com a vantagem de sua viabilidade econômica e estrutural, e a facilidade de captação de material para análise.

[330] DESCRIÇÃO OSTEOLÓGICA DO SINCRÂNIO DE CTENOMYS LAMI (RODENTIA: CTENOMYIDAE) COMPARADA A OUTRAS TRÊS ESPÉCIES DE CTENOMYS DO RIO GRANDE DO SUL

FORNEL, R.[1]; FREITAS, T.[2]

[1] GENÉTICA E BIOLOGIA MOLECULAR, UFRGS-UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL; [2] UFRGS

O gênero Ctenomys (tuco-tucos) ocorre na porção meridional da América do Sul, em campos arenosos e semi-arenosos. Estes roedores herbívoros e de hábitos fossoriais são representados atualmente no estado do Rio Grande do Sul por quatro espécies: Ctenomys lami, C. minutus, C. torquatus e C. flamarioni. A espécie C. lami ocorre na região da Coxilha das Lombas, uma área de 78 por 12 km e apresenta variação cromossômica no número diplóide de 2n = 54 até 2n = 58. O presente estudo ocupa-se da descrição osteológica do sincrânio de C. lami visando estabelecer relações anatômicas com as demais espécies de tuco-tuco que ocorrem no sul do Brasil. Foram observados 100 crânios de C. lami sendo selecionados vinte espécimes (10 machos e 10 fêmeas) entre juvenis e adultos para a descrição osteológica nas vistas dorsal, palatal, lateral e occipital do crânio e nas vistas lateral e medial da mandíbula. O padrão anatômico estabelecido foi comparado ao de C. minutus, C. torquatus e C. flamarioni. Em geral o crânio de C. lami é similar ao dos outros roedores fossoriais, o crânio é maciço, amplo e achatado dorsoventralmente. O rostro é longo e largo, o arco zigomático é grande e curvado lateralmente. O forame infraorbital é amplo (histricomorfo) e desprovido de forames ventrais acessórios. O osso jugal tem forma triangular e não sutura-se ao lacrimal. As bulas timpânicas são grandes e expandidas ventralmente. A mandíbula apresenta pronunciada separação entre o alvéolo incisivo e a região massetérica (histricognato) e o processo coronóide é relativamente curto enquanto que os processos condilóide e angular são bem desenvolvidos. C. lami pouco difere anatomicamente de C. minutus mas difere de C. torquatus que tem um crânio convexo e de C. flamarioni que apresenta: processo supraorbital projetado na direção anterior, rostro estreito, crânio mais achatado dorsoventralmente, processo jugal reduzido, nasais proporcionalmente mais largos, largura bizigomática menor que a largura bimeatal e o processo coronóide da mandíbula terminando em uma porção arredondada. Esses dados reforçam a hipótese de que C. flamarioni pertença ao grupo mendocinus de origem distinta das demais espécies de Ctenomys do Rio Grande do Sul.

[331] MORFOLOGIA DA BÁCULA EM ESPÉCIES DE AKODON (RODENTIA, MURIDAE, SIGMODONTINAE)

ERTHAL, P. M.[1]; OLIVEIRA, M. B. D.[2]; GEISE, L.[2]

[1] ZOOLOGIA, UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO; [2] UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

A bácula dos sigmodontíneos é considerada do tipo complexa, apresentando uma região proximal, óssea, e uma região distal, cartilaginosa, que apresenta a forma de um tridente. A partir desse plano estrutural, podem surgir variações, sendo utilizada na reconstrução de filogenias de roedores. A morfologia do baculum foi estudada em Akodon cursor, A. montensis e "Akodon" serrensis. Pênis foram retirados das peles secas, hidratados, diafanizados, fotografados (Sony Cyber-Shot DSC-F828) e esquematizados sob lupa. Foram preparadas báculas de 9 exemplares de A. cursor, 3 de A. montensis e 3 de A. serrensis. Em A. cursor o báculo é longo (maior que a glande). O báculo proximal é estreito, aparentando um triângulo isósceles, sendo pouco mais largo em vista lateral. A base é arredondada, com discreta bifurcação. A região entre a cabeça e a base é ligeiramente côncava. O ápice do báculo ósseo é pouco pronunciado. O báculo cartilaginoso apresenta três dígitos desenvolvidos, sendo o central mais longo que os laterais e curvado para a região ventral. A. montensis também apresenta báculo longo, maior que a glande. O báculo proximal é estreito, mais largo em vista lateral. Lateralmente, a região proximal é levemente recurvada para a face ventral do pênis. E em vista frontal, o báculo é apenas um pouco mais largo na base, e a transição entre a cabeça e a base é muito fracamente côncava, quase reta. A base é arredondada e a cabeça, pouco pronunciada. O báculo cartilaginoso apresenta três dígitos desenvolvidos, sendo o central mais longo que os demais e direcionado para a região ventral. Em A. serrensis, o báculo também é longo, maior que a glande. A base do báculo proximal é larga, arredondada e espessa lateralmente (mais espessa que as duas espécies anteriores), sendo côncavo em direção a cabeça. Não foi possível observar o báculo cartilaginoso. Apoio: CNPq, Faperj, Uerj/Prociência

[332] MORFOLOGIA DA BÁCULA EM ESPÉCIES DE JULIOMYS (RODENTIA, MURIDAE, SIGMODONTINAE)

OLIVEIRA, M. B. D.[1]; ERTHAL, P. M.[2]; GEISE, L.[2]

[1] ZOOLOGIA, UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO; [2] UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

O gênero Juliomys (Rodentia, Sigmodontinae) foi recentemente descrito, com espécies ocorrendo na Argentina e no Brasil. São reconhecidas duas espécies: J. pictipes e J. rimofrons. Estudos sobre a relação filogenética do gênero (principalmente com análises do citocromo b) não têm se mostrado suficientes para esclarecer as relações entre as espécies deste gênero e os demais sigmodontinos do sudeste brasileiro. Assim, o conhecimento de outras características poderá auxiliar no esclarecimento dessa questão. Aqui é descrita a morfologia da bácula de J. pictipes e J. rimofrons com o intuito de contribuir para o esclarecimento das relações filogenéticas do gênero, tanto entre as duas espécies, como entre o gênero e os demais sigmodontíneos. Pênis de J. pictipes (seis indivíduos) e J. rimofrons (dois indivíduos) foram retirados das peles secas, hidratados, diafanizados, fotografados (Sony Cyber-Shot DSC-F828) e esquematizados sob lupa. J. pictipes apresenta bácula mais curta que a glande. A bácula óssea é retilínea ou ligeiramente curvada na região dorsal. A base é bifurcada, reta ou ligeiramente arredondada. O ápice é pouco pronunciado. A bácula cartilaginosa apresenta os três dígitos desenvolvidos, sendo o central mais longo que os laterais, e curvado para a região ventral. J. rimofrons apresenta também bácula curta, menor que a glande. A bácula proximal é estreita, côncava na face ventral, tem o ápice expandido e a base praticamente reta e bifurcada. O báculo cartilaginoso apresenta os três dígitos desenvolvidos, sendo o dígito central mais longo que os demais e curvado para a região ventral. Apoio: CNPq, Faperj, Uerj/Prociência

[333] MORFOMETRIA GEOMÉTRICA CRANIANA DE CTENOMYS TORQUATUS LICHTENSTEIN, 1830 (RODENTIA:CTENOMYIDAE)

FERNANDES, F.[1]; FORNEL, R.[1]; FREITAS, T.[2]

[1] BIOLOGIA ANIMAL, UFRGS; [2] UFRGS

Os roedores subterrâneos do gênero Ctenomys (tuco-tucos) ocorrem na porção sul da região neotropical e apresentam um peculiar processo de especiação, com aproximadamente 60 espécies. A espécie Ctenomys torquatus ocupa áreas de campos arenosos nas regiões central, oeste e sul do Estado do Rio Grande do Sul, no Brasil, e também na região norte do Uruguai. Esta espécie de tuco-tuco apresenta dois números diplóides: 2n=44 e 2n=46 (ambos com NA=72). A forma cromossômica 2n=46 é restrita a uma área entre a Lagoa Mirim, no extremo sul do Brasil, e o Oceano Atlântico; enquanto o cariótipo 2n=44 parece ser uma forma mais antiga devido à sua maior distribuição geográfica. Foi realizado um estudo craniométrico empregando morfometria geométrica para confirmar a presença de dimorfismo sexual e verificar possíveis diferenças para as variações geográficas e cromossômicas. Foram fotografados 102 crânios (25 Machos / 77 Fêmeas) nas vistas dorsal, ventral e lateral. Foram analisados indivíduos adultos provenientes das seguintes localidades do Rio Grande do Sul: Pelotas (11 Machos e 25 Fêmeas), Butiá (4/14), Bagé (4/15), todos com 2n=44; e também populações com 2n=46: Rio Grande (2/8) e Estação Ecológica do Taim (4/15). Foram estabelecidos 14 marcos anatômicos para as vistas dorsal e ventral e 15 para a vista lateral de cada crânio. Para realização das análises de morfometria geométrica foram utilizados os programas TpsDig (para posicionamento dos marcos anatômicos) e IMP CoordGen (para obter sobreposição de Procrustes). Os dados resultantes foram submetidos à análise de variáveis canônicas (CVA) pelo programa IMP CVAGen. As análises estatísticas foram obtidas pelo programa NCSS. Os resultados confirmam a ocorrência de dimorfismo sexual, com os machos sendo em média maiores do que as fêmeas. Apenas as fêmeas foram analisadas com relação às variações geográficas e nas três vistas demonstrou-se que a população do Taim apresenta diferença significativa com relação às demais localidades, porém esta diferença não pode ser relacionada com a variação cromossômica, pois a população do Rio Grande (também com 2n=46) apresentou um padrão morfométrico semelhante ao das populações com 2n=44.

[334] PADRÕES DE VARIAÇÃO NA FORMA E TAMANHO DO CRÂNIO DE CTENOMYS LAMI (RODENTIA: CTENOMYIDAE) EM QUATRO BLOCOS CROMOSSÔMICOS POPULACIONAIS

FORNEL, R.[1]; FREITAS, T.[2]

[1] GENÉTICA E BIOLOGIA MOLECULAR, UFRGS-UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL; [2] UFRGS

A espécie Ctenomys lami, é uma das mais de 50 espécies de tuco-tuco que ocorrem na América do Sul. Trata-se de um roedor subterrâneo e de hábito fossorial encontrado no Rio Grande do Sul na região da Coxilha das Lombas, uma faixa semi-arenosa de 78 por 12 km cercada por lagoas e banhados. A espécie C. lami é dividida em quatro blocos populacionais devido aos acidentes topográficos e as diferentes freqüências cariotípicas encontradas ao longo de sua distribuição. O bloco A possui animais com 2n = 54, 55a e 56a, o bloco B com 2n = 57 e 58, o bloco C com 2n = 54 e 55a, e o bloco D com 2n = 55b e 56b. Este estudo tem como objetivo detectar variação na forma do crânio de C. lami entre os blocos populacionais, entre os diferentes números diplóides e descrever o dimorfismo sexual nesta espécie utilizando morfometria geométrica. Para isto, foram fotografados 90 crânios de C. lami, 36 machos e 54 fêmeas, os marcos anatômicos foram digitalizados nas vistas dorsal, ventral e lateral de cada espécime. O método de sobreposição utilizado foi a sobreposição de Procrustes e os dados resultantes foram submetidos à análise de variáveis canônicas, distâncias de Procrustes dois a dois e comparados os tamanhos do centróide entre cada grupo. Os resultados reforçam o conhecido dimorfismo sexual para o gênero Ctenomys tanto para a forma como para o tamanho com machos em média maiores e com rostros mais longos do que as fêmeas. Os quatro blocos populacionais diferem morfometricamente entre si e a forma híbrida 2n = 55 ocupa morfometricamente uma posição intermediária aos cariótipos 2n = 54 e 2n = 56, com a forma 2n = 58 ocupando uma posição periférica. As diferentes mudanças morfológicas no crânio de C. lami devem ter um significado adaptativo, principalmente em relação à escavação, assim, divergências adaptativas locais podem ter resultado no quadro atual de formas cranianas e cromossômicas encontradas nesta espécie.

Sistemática

[336] COMBINING GEOMETRIC MORPHOMETRICS WITH PATTERN RECOGNITION TO COMPARE MORPHOLOGICAL AND PHYLOGENETIC TAXON BOUNDARIES. AN EXAMPLE IN THE GENUS CALOMYS

CORDEIRO-ESTRELA, P.[1]; BAYLAC, M.[2]; DENYS, C.[2]

[1] SYSTÉMATIQUE ET EVOLUTION, MUSEUM NATIONAL D'HISTOIRE NATURELLE DE PARIS -MNHN; [2] MUSEUM NATIONAL D'HISTOIRE NATURELLE DE PARIS

Biodiversity crisis urges taxonomists to adopt rapid, precise and repeatable protocols for defining taxon limits. Even though molecular investigations and barcoding promise to achieve these objectives at a large scale, the comparison between morphologically and phylogenetically defined species is essential to link 200 years of morphology-based taxonomy with exponentially accumulating molecular systematics information. However, the lack of rapid and objective descriptors of morphological variation has hampered this synthesis. In the present work, we propose to combine 3 dimensional geometric morphometrics with statistical pattern recognition techniques to define morphological limits without any a priori on groupings. The combination of three dimensional skull landmark analysis on 600 museum specimens, with a special focus on brazilian species of the genus Calomys (Rodentia: Sigmodontinae), with unsupervised model based clustering and kernel density estimators has provided: 1) Morphological unsupervised clusters congruent with traditional morphological knowledge and with linear discriminant functions based on specimens of known identity. 2) Insightful informations on the use of centroid size in Calomys systematics. 3) Landmark based description of clear inter specific patterns of variation. 4) Congruent partitions with molecular phylogeny results based on complete cytochrome b. 5) Phylogenetically structured patterns of morphological variation.This approach provides rapid and accurate procedures for morphological descriptions, systematic revisions and specimen identification.

Parasitologia

[335] HELMINTOSES DE PEQUENOS ROEDORES SILVESTRES DE UMA ÁREA DE MATA ATLÂNTICA EM CALDAS DA IMPERATRIZ, ESTADO DE SANTA CATARINA, BRASIL.

KUHNEN, V. V. .[1]; MOREIRA, T. T.[2]; SANTOS, L. G. R. O. .[3]; ANTUNES, P. C.[3]; PINTO, C. J. C.[2]

[1] UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA ; [2] UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA; [3] DEPARTAMENTO ECOLOGIA E ZOOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Os pequenos roedores desempenham importante papel no ecossistema da mata atlântica por serem a base da cadeia alimentar e, segundo alguns autores, na dispersão de sementes neste ambiente. O objetivo deste trabalho foi determinar as helmintoses intestinais mais freqüentes em roedores capturados em uma região de mata atlântica. Os animais foram capturados ao longo de um transecto com 750 metros de extensão, onde foram distribuídas 100 armadilhas do tipo Young e posteriormente soltos. Foram realizadas coletas mensais, com esforço de amostragem de três dias consecutivos. Foram coletadas as fezes dos animais capturados, devidamente acondicionadas e transportadas para o Departamento de Microbiologia e Parasitologia, Centro de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina. Utilizou-se o método de sedimentação espontânea (HJP) e coloração pelo lugol. Alguns animais foram sacrificados e dissecados para coleta de helmintos adultos no sistema digestivo que nos auxiliaram na identificação dos helmintos. Foram coletadas fezes de 77 animais das espécies Akodon montensis, Oryzomys russatus, O. angoia, Oligoryzomys nigripes, Nectomys squamipes e Oxymycterus judex dos quais 55,26%, 53,85%, 58,33%, 50,0%, 20,0%, 66,67%, respectivamente, se encontravam infectados por alguma parasitose. Os helmintos mais encontrados foram Longistriata sp., Hassalstrongylus sp. e Hymenolepis sp. A alta positividade na maioria das espécies capturadas provavelmente reflete a adaptabilidade dos parasitos aos seus hospedeiros autóctones no ambiente natural.

[337] IDENTIDADE DE SETE ESPÉCIES DE OLIGORYZOMYS COM OCORRÊNCIA NO BRASIL

PARESQUE, R.[1]; CARMIGNOTTO, A. P.[2]; CHRISTOFF, A. U.[3]; FAGUNDES, V.[1]

[1] PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM BIOLOGIA ANIMAL, CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO; [2] ZOOLOGIA, IBUSP; [3] UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL

Os representantes de Oligoryzomys apresentam problemas para o estabelecimento dos limites entre as espécies, dado a sua ampla distribuição por toda região neotropical e à alta diversificação morfológica, o que dificulta a detecção de caracteres diagnósticos. No presente trabalho foram analisados dados cariotípicos (número diplóide, 2n e número autossômico, NA), morfológicos (9 medidas morfo-craniométricas) e de distribuição geográfica de 73 indivíduos, representantes de sete espécies de Oligoryzomys com ocorrência no Brasil. Também consideramos dados das descrições originais de O. nigripes, O. chacoensis, O. delticola, O. fornesi, O. stramineus e O. transitorius para determinar se qualquer um destes nomes se referem às formas cariotípicas estudadas. Foram realizadas análises de componente principal e discriminante associada à ANOVA. As localidades estudadas foram Estação Biológica de Santa Lúcia e Reserva Biológica de Duas Bocas (ES); Parque Nacional de Aparados da Serra e Maquiné (RS); Parque Nacional Grande Sertão Veredas (MG); Serra da Bodoquena (MS); Estação Ecológica Águas de Santa Bárbara (SP); Estação Ecológica Serra Geral do Tocantins (TO) e Centro de Instrução e Adestramento de Brasília (DF). Foram identificadas sete formas cariotípicas distintas, das quais cinco foram associadas a nomes específicos. O. nigripes apresentou 2n=62/NA=78-82; O. fornesi 2n=62/NA=64; O. chacoensis 2n=58/NA=72; O. transitorius 2n=36-38/NA=44-46; e O. moojeni 2n=70/NA=74. Três formas cariotípicas são inéditas na literatura, uma foi associada à O. transitorius 2n=36-38/NA=44-46 e duas formas não foram relacionadas a nenhum nome específico: Oligoryzomys sp.1 com 2n=26/NA=44 e Oligoryzomys sp.2 com 2n=54/NA=64. Adicionalmente, baseando-se nos estudos morfológicos e citogenéticos aceitamos que O. delticola e O. ellurus sejam sinônimos juniores de O. nigripes. Os dados morfológicos se mostraram suficientes em distinguir apenas O. nigripes, O. fornesi e O. transitorius. O. moojeni e Oligoryzomys sp.2 classificaram-se entre os grupos de O. nigripes e O. fornesi. Nesse sentido, nossos dados indicaram que análises morfológicas com maior número de caracteres serão necessárias para melhor distinguir as espécies de Oligoryzomys do Brasil; que é essencial a utilização de dados citogenéticos (pelo menos 2n/NA) para a identificação das espécies de Oligoryzomys; e que o número de espécies de Oligoryzomys está subestimado segundo as atuais revisões.

[338] LÍMITES DE ESPECIES Y RELACIONES FILOGENÉTICAS DENTRO DEL GÉNERO NECROMYS (CRICETIDAE, SIGMODONTINAE, AKODONTINI): EVIDENCIA MOLECULAR

D'ELIA, G. [1]; PARDIÑAS, U.[2]; SALAZAR, J.[3]; JAYAT, P.[4]

[1] BIOLOGIA ANIMAL, FACULTAD DE CIENCIAS, UNIVERSIDAD DE LA REPUBLICA; [2] 1CENTRO NACIONAL PATAGÓNICO, PUERTO MADRYN, CHUBUT, ARGENTINA; [3] DEPARTMENT OF BIOLOGICAL SCIENCES, TEXAS TECH UNIVERSITY, LUBBOCK, USA; [4] ÁREA DE BIODIVERSIDAD, FUNDACIÓN PRO-YUNGAS, YERBA BUENA, ARGENTINA.

En esta presentación reportamos un estudio sistemático del género de ratones sigmodontinos Necromys. El análisis incluye 53 especímenes provenientes de Argentina, Bolivia, Brasil, Colombia, Paraguay, Perú, Uruguay y Venezuela representantes de 11 formas nominales (amoenus, benefactus, fuscinus, lactens, lasiurus, lenguarum, obscurus obscurus, obscurus scaglerium, punctulatus, temchuki liciae y temchuki temchuki) constituyendo así el estudio genealógico más amplio del género. El mismo consistió en un análisis de máxima parsimonia basado en las primeras 801 pares de bases del gen mitocondrial que codifica para el citocromo b. Los resultados muestran una topología mayoritariamente resuelta con un rango amplio de apoyo de los diferentes nodos. Entre los resultados más destacados se encuentran los siguientes. 1) La dicotomía en la base de Necromys lleva a un clado integrado por amoenus, urichi y punctulatus y a otro clado integrado por las restantes formas. 2) lactens aparece como hermana del clado formado por todas las formas de las tierras bajas. 3) Dentro de estas últimas obscurus es hermana de las restantes. 4) Haplotipos recobrados de individuos asignados a benefactus, temchuki y lasiurus se relacionan de manera intrincada; es así que los binomios no forman grupos recíprocamente monofiléticos, a la vez que existe poca estructura filogeográfica. Los resultados obtenidos, interpretados en conjunto con niveles de divergencia genética y patrones de variación morfológica, son la base de consideraciones taxonómicas, nomenclatoriales y biogeográficas.

[339] RELAÇÕES FILOGENÉTICAS ENTRE QUATRO TÁXONS DO GÊNERO RHIPIDOMYS (MAMMALIA;RODENTIA)

COSTA, B.M.A.[1]; COSTA, L. P.[2]; LEITE, Y.L.R.[2]

[1] CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS, PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO, UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO; [2] UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

Apesar do gênero Rhipidomys ter sido descrito há mais de um século, a sistemática e distribuição geográfica das espécies reconhecidas são ainda insuficientemente conhecidas. A área de distribuição do grupo atinge porções amplas da América Central e da América do Sul, sendo que no Brasil está presente em todos os seus biomas. Atualmente nove espécies são reconhecidas no país, cinco delas nas regiões nordeste, centro-oeste e sudeste. Nestas regiões dados moleculares recentes de sequenciamento do gene mitocondrial do citocromo b, identificaram cinco clados geográficos (R. aff. macrurus, R. macrurus, R. mastacalis, R. aff. leucodactylus e R. nitela). Os clados apresentaram problemas quanto à alocação das espécies, além de uma alta divergência genética entre grupos-irmãos. Com objetivo de elucidar a sistemática e filogenia do grupo, neste trabalho realizou-se análises filogenéticas baseadas apenas em caracteres morfológicos, de quatro Unidades Taxonômicas Operacionais definidas com base nas análises moleculares. Foram utilizados 19 caracteres presentes no crânio e corpo dos espécimes. As análises filogenéticas foram inferidas a partir de análises cladísticas utilizando a parcimônia como critério de otimização. Para as análises de parcimônia foi utilizado o programa PAUP* 4.0 com o procedimento heurístico de busca e calculados os suportes de cada árvore (índice de Consistência e índice de Retenção) e de cada clado (índice de Bremer e bootstrap). Também foi realizada uma análise de agrupamento por UPGMA entre as UTO's desse estudo. Apesar dos caracteres utilizados neste estudo preliminar terem gerado um baixo número de caracteres informativos, o que resultou em árvores de baixa resolução e pouco suporte nas análises de parcimônia, um resultado recorrente e comum às análises filogenéticas e de similaridade foi a separação de dois clados da Rhipidomys: um ao norte da Serra da Mantiqueira e outro ao sul. O acréscimo de novos caracteres às análises filogenéticas pode proporcionar maiores suportes aos clados identificados e melhor resolução das relações entre eles.

[340] REVISIÓN DE KUNSIA (RODENTIA, CRICETIDAE): LÍMITES GENÉRICOS Y ESPECÍFICOS

PARDIÑAS, U.[1]; D'ELÍA, G.[2]; TETA, P.[3]

[1] GEOLOGIA Y PALEONTOLOGIA, CENTRO NACIONAL PATAGONICO; [2] SECCIÓN EVOLUCIÓN, UNIVERSIDAD DE LA REPÚBLICA, MONTEVIDEO, URUGUAY; [3] CENTRO NACIONAL PATAGÓNICO, PUERTO MADRYN, ARGENTINA

Se presenta una revisión preliminar del género Kunsia Hershkovitz a partir del estudio de la mayor parte de los ejemplares disponibles en colecciones, incluyendo los holotipos de las formas nominales (en orden de denominación): Mus principalis Lund, Scapteromys fronto Winge, Scapteromys gnambiquarae Miranda Ribeiro, Scapteromys chacoensis Gyndestolpe y Kunsia fronto planaltensis Avila Pires y restos fósiles adicionales procedentes de Argentina y Bolivia. Se discute la necesidad de erigir un nuevo género para K. fronto (sobre la base de una combinación única de caracteres morfológicos) y de un nuevo arreglo taxonómico para las subespecies actualmente referidas a este taxón (K. f. fronto, K. f. chacoensis y K. fronto planaltensis). La distribución conocida para K. fronto se restringe a tres localidades en Brasil y una en Argentina, con un único registro (Planaltina, Brasil) en los últimos 40 años. Se destaca la necesidad de emprender nuevos estudios de campo para evaluar más adecuadamente el estatus de conservación de estos peculiares sigmodontinos.

[341] VARIAÇÃO CRANIANA DO GÊNERO SPHIGGURUS NO LESTE DO BRASIL.

SOARES, T. S.; MENDES, S. L.; LEITE, Y. L. R.

CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

O gênero Sphiggurus (Erethizontidae; Rodentia) compreende porcos-espinhos neotropicais, noturnos e arborícolas, que se alimentam de folhas e frutos, vivendo na copa das árvores, principalmente naquelas com lianas. No Brasil, o gênero Sphiggurus é representado pelas espécies S. insidiosus, S. kocpamani, S. spinosus e S. villosus. O objetivo deste trabalho foi obter informações através de medidas craniométricas em exemplares desse gênero em museus, verificando a variação craniana em diversas localidades no leste do Brasil. Em um total de 85 crânios medidos e analisados, 69 crânios apresentaram categorias de idade consideradas como "cranialmente adulto". Utilizando Análise Multivariada de Componentes Principais (PCA), foram determinadas como características individuais contribuem para o pool total de variação. A resposta dos fatores determinados identificou uma porcentagem cumulativa de 63,9% nos três primeiros fatores, validando suas relações nos estudos craniométricos. A análise do comprimento do côndilo ao incisivo (CIL=-0,940) determinou modificações em caracteres relacionados às regiões do palato (APB= -0,552), ossos nasais (LN= -0,745) e fileira dos dentes da maxila (MTR= -0,599). As relações exercidas entre os caracteres foram fundamentais para entender processos de prognatismos em crânios de Sphiggurus nas localidades de coleta. As localidades nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo apresentaram sobreposições nas relações entre os fatores 1-2, 1-3 e 2-3. As localidades no estado do Espírito Santo apresentaram, nas relações entre os fatores 1-3 e 2-3, valores constantes ao comprimento dos dentes (MTR=-0,607; LM-0,675). Uma área de sobreposição envolvendo todas as localidades analisadas nos fatores 2-3 mostrou-se vazia. Em vista da relação dos pontos analisados, não houve resultados que pudessem diferenciar esses espécimes em suas localidades. Sendo assim, os resultados dos dados craniométricos do gênero Sphiggurus aliados a outros estudos na determinação dessa taxonomia, podem contribuir em questões que envolvam a determinação da variação geográfica desse gênero.

Outros

[342] AMPLIAÇÃO DA DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DO TUCO-TUCO CTENOMYS TORQUATUS (RODENTIA:CTENOMYIDAE) NO RIO GRANDE DO SUL

FERNANDES, F.[1]; GONGALVES, G.[2]; FREITAS, T.[3]

[1] BIOLOGIA ANIMAL, UFRGS; [2] PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM BIOLOGIA ANIMAL - INSTITUTO DE BIOCIÊNCIA; [3] DEPARTAMENTO DE GENÉTICA - INSTITUTO DE BIOCIÊNCIAS – UFRGS

Os roedores subterrâneos do gênero Ctenomys, também conhecidos como tuco-tucos, são herbívoros, vivem em galerias no solo, ocupam a porção sul da região neotropical e representam um dos gêneros de mamíferos com o maior número de espécies (~60 espécies). A espécie Ctenomys torquatus caracteriza-se por possuir, como coloração padrão, o dorso e os flancos acastanhados, o ventre esbranquiçado e um colar branco. Apresenta dois números diplóides: 2n=44 e 2n=46 (NA=72). A forma cromossômica 2n=46 é restrita a uma área entre a Lagoa Mirim, no extremo sul do Brasil, e o Oceano Atlântico; enquanto 2n=44 parece ser uma forma cariotípica mais antiga devido à maior distribuição geográfica, ocorrendo desde o sul do Brasil até o norte do Uruguai. Alguns aspectos importantes com relação à conservação desta espécie necessitam de maiores investigações, tais como: i) o impacto da crescente expansão agrícola no sul do Brasil sobre as populações, ii) a susceptibilidade a danos genotóxicos aos quais estes roedores estão expostos por habitarem regiões de extração de carvão e iii) os limites de distribuição geográfica que permanecem incertos. Este trabalho apresenta novas áreas de ocorrência para C. torquatus no Brasil, estendendo a distribuição pelas áreas de campos arenosos nas regiões sul e central, até o extremo oeste do Rio Grande do Sul. Foram coletados de três a dez exemplares em localidades onde não havia registros até então: General Câmara, Cachoeira do Sul, Santa Maria, Rosário do Sul, Dom Pedrito, Santana do Livramento, Quaraí e Alegrete. Todas as populações analisadas apresentaram o mesmo número cromossômico (2n=44). Considerando a grande área de ocorrência, essa uniformidade cariotípica para populações de uma única espécie é pouco comum entre tuco-tucos. A partir dessas informações, podemos inferir que C. torquatus é a espécie de tuco-tuco com maior distribuição geográfica conhecida no Brasil e uma das maiores da família Ctenomyidae. Entretanto, mais coletas devem ser realizadas, pois lacunas sobre a distribuição geográfica desta espécie ainda persistem.

[343] DISTRIBUIÇÃO ATUAL DO OURIÇO-PRETO (CHAETOMYS SUBSPINOSUS, OLFERS 1818) NOS ESTADOS DE SERGIPE E BAHIA, BRASIL.

FARIA, D.[1]; GINÉ, G.[2]

[1] DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ; [2] INSTITUTO DRÍADES DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE

O ouriço-preto, Chaetomys subspinosus, é uma espécie de roedor endêmico da mata atlântica, que consta na lista de animais brasileiros ameaçados de extinção. Entre os fatores que a colocam na categoria de vulnerável à extinção está a diminuição da sua área original de ocorrência, que incluía as florestas úmidas dos estados de Sergipe, Bahia, Espírito Santo e Rio de Janeiro. Dentro do projeto para a elaboração de um plano de manejo para esta espécie estamos realizando um estudo para determinar a atual área de distribuição da espécie. Este trabalho mostra os resultados preliminares deste estudo, baseado em entrevistas e busca ativa de indivíduos em fragmentos florestais remanescentes localizados no estado de Sergipe e Bahia (regiões sudeste e nordeste deste estado). Após a identificação de fragmentos florestais nas regiões investigadas (latitudes 15°22'S e 10°22'S) realizamos duas viagens que totalizaram 75 entrevistas, revelando que apenas 40% dos entrevistados haviam avistado ou caçado a espécie focal nos últimos 5 anos. Do total dos entrevistados, 70% admitem ter caçado ou ainda caçarem esta espécie mas 40% reconhecem que esta espécie está ficando mais rara. A busca ativa em fragmentos florestais . Dados de entrevistas apontam o limite norte da distribuição atual da espécie como sendo no Sergipe, com entrevistas confirmando presença da espécie até o município de Areia Branca (37°19' W e 10°49' S), sul do Estado. No total foram avistados 24 indivíduos sendo 22 deles nas regiões nordeste (Salvador, Cachoeira, Amargosa) e sudeste da Bahia (Ilhéus, Itacaré, Uruçuca e Una), e apenas dois deles no Estado do Sergipe, em Santa Luzia do Itanhi, em um fragmento de 900 ha bastante perturbado e sujeito à caça. As entrevistas e os avistamentos confirmaram que esta espécie se limita ao domínio das florestas ombrófilas densas, e usa como hábitat as florestas remanescentes, restingas, capoeiras e plantações de cacau sombreadas no sul da Bahia. Embora sua distribuição atual esteja concentrada nos poucos remanescentes florestais e plantações de cacau existentes na região amostrada, a atividade de caça freqüente nestes remanescentes é um fator importante para explicar a atual redução populacional desta espécie.

[344] LEVANTAMENTO, CAPTURA, TRANSLOCAÇÃO E MANUTENÇÃO DE ANIMAIS SILVESTRES (PRINCIPALMENTE CAPIVARAS) DA CALHA DO RIO TIETÊ PARA O PARQ ECOLÓGICO DO TIETÊ

BERTOLA, P. B.

EPIDEMIOLOGIA EXPERIMENTAL, FMVZ/USP

Este projeto faz parte do programa "Manejo e Conservação de Fauna Silvestre nas Obras de Ampliação – Fase II – da Calha do Tietê" sob a supervisão do DAEE – Departamento de Águas e Energia Elétrica. Durante a implantação do empreendimento, foi registrada a utilização das margens do rio como moradia de animais silvestres. Com o avanço da obra, fez-se necessária a remoção destes animais, evitando assim acidentes nas vias marginais expressas, envolvendo veículos automotores. O trabalho realizado teve início em 2003 e estará em vigência até o término da obra, previsto para 2005. O levantamento e monitoramento dos animais na calha são realizados com automóvel, percorrendo as vias expressas da marginal Tietê, e também através de barco, percorrendo o rio da Barragem da Penha até a Barragem Móvel da confluência do Rio Pinheiros (Cebolão). Os dados são registrados através da visualização direta ou indireta (encontro de fezes e pegadas) dos animais. São também utilizadas as informações obtidas com funcionários da obra, indicando o número de animais e os horários de maior freqüência destes. Sempre que houve registro de animais na área, procedeu-se a escolha do local de captura, considerando o número e a freqüência de animais, onde foi realizada ceva abastecida diariamente com milho, cana-de-açúcar e batata doce. Após os animais se habituarem à ceva, foram armados bretes desmontáveis (armadilhas feitas com canos de ferro e alambrado) para a captura, realizada. Os animais capturados foram acondicionados individualmente em caixas de transporte de madeira e encaminhados ao Parque Ecológico do Tietê – PET, onde estão sendo mantidos pela equipe RV Consultoria até sua destinação final, a ser determinada pelo IBAMA. Foram capturados até então 1 Myocastor coypus (ratão-do-banhado) e 21 Hidrochaeris hidrochaeris (capivaras). Na fase atual do empreendimento o número de animais registrados é muito inferior ao encontrado no início do projeto, tendência que deve continuar devido ao corte e à limpeza da vegetação das margens do Rio Tietê.

[345] NOVA OCORRÊNCIA DE WIEDOMYS PYRRHORHINOS (WIED-NEUWIED, 1821) PARA UMA REGIÃO DE CERRADO NO NORDESTE DE MINAS GERAIS.

CÂMARA, E.[1]; SANTIAGO, F.[2]; COSTA, C.[2]

[1] MUSEU DE CIÊNCIAS NATURAIS, PUC MINAS; [2] MUSEU DE CIÊNCIAS NATURAIS PUC MINAS

A espécie Wiedomys pyrrhorinos, foi citada por alguns autores na década de 50 como amplamente distribuída na América do Sul, provavelmente com dados baseados em espécimes de Wilfredomys oenax. Atualmente W. pyrrhorinos é considerado restrito à Caatinga. Este trabalho faz parte de um monitoramento da fauna encontrada na região da Usina Hidrelétrica de Irapé, localizada no rio Jequitinhonha, na região do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, entre os municípios de Berilo e Grão Mogol. A área apresenta baixo índice de ocupação humana com pouca atividade antrópica com a flora e fauna caracterizadas por alta riqueza de espécies, incluindo diversas ameaçadas de extinção, como já constatado nos estudos realizados. A região é marcada pela ocorrência de altos valores de riqueza e abundância de espécies faunísticas diretamente relacionados ao bom grau de conservação da paisagem, principalmente advindo da existência de conectividade, em encostas e drenagens íngremes, entre grandes extensões de formações florestais (cerradão, floresta ciliar, capoeira de floresta estacional) e arbustivas (cerrado sensu stricto, capoeirinha e carrasco), além da baixa interferência antrópica existente. O objetivo do monitoramento é de avaliar o estado da fauna e seu impacto antes e após o enchimento do reservatório. O monitoramento da mastofauna da UHE Irapé teve início em outubro de 2003, 2004 e continua no presente ano, provável período de enchimento do reservatório, com mais dois anos de monitoramento após o início das atividades da Usina. Para captura de pequenos mamíferos foram utilizadas armadilhas do tipo "live trap" e Shermann. Até o momento, foram registradas 50 espécies de mamíferos, para a espécie Wiedomys pyrrhorinos foram obtidos 15 registros em cinco dos 26 pontos de captura localizados em diferentes tipologias de cerrado tais como: cerradão, cerrado sensu stricto e campo sujo. A continuidade deste trabalho visa contribuir para o conhecimento real da distribuição atual de W. pyrrhorinos e confirmar sua ocorrência no cerrado além de ampliar o conhecimento acerca da conservação da biodiversidade na região.

[346] OCORRÊNCIA DE AKODON MONTENSIS NA REGIÃO CENTRO-OESTE DO RIO GRANDE DO SUL

LIMA, D.[1]; CAMILOTTI, V. L.[2]; WEBER, M. M.[2]; CÁCERES, N. C.[2]

[1] BIOLOGIA, UFSM; [2] UFSM

O Rio Grande do Sul possui uma fauna de mamíferos bastante diversa e com espécies que não ocorrem em nenhum outro estado brasileiro. Porém os roedores são poucos conhecidos e carecem de informações básicas de sua biologia, bem como de registros de ocorrência. O gênero Akodon, com mais de 40 espécies reconhecidas, distribui-se desde o Chile até a Venezuela, e é encontrado na maior parte do Brasil, em diversos tipos de ambientes. Akodon montensis (2n=24-25), de coloração marrom escuro na região dorsal e tom mais amarelado na região ventral, ocorre no estado, bem como outras espécies do gênero tais como A. azarae (2n=38) e A. paranaensis (2n=44). Contudo as variações morfológicas entre as diferentes espécies do gênero isoladamente não são suficientes para a identificação desses roedores, sendo necessária a cariotipagem. Foi realizado, em 2004, um estudo em uma área de mata às margens do Rio Ijuí (Cerro Largo), nordeste do RS, com um total de 675 armadilhas-noite (gaiolas tipo Young e Shermam) e 120 armadilhas-noite com armadilhas de queda. Para comparação, em 2005, foram feitas capturas em Santa Maria, na Encosta da Serra Geral, região central do Estado, com um esforço amostral de 560 armadilhas-noite com armadilhas Young e 420 armadilhas-noite com armadilhas de queda. Foram capturados 18 indivíduos do gênero Akodon em Cerro Largo, sendo que a maioria foi capturada nas armadilhas de metal, exceto um indivíduo na de queda; já em Santa Maria foram capturados nove indivíduos em Young e 11 em armadilhas de queda. Dos animais do primeiro local, cinco foram cariotipados, ao passo que no segundo local, foram nove indivíduos. Todos apresentaram 2n=24 e uma parcela deles, NF=42, sendo assim classificados como A. montensis. Por não haver diferenças morfológicas entre os indivíduos cariotipados, acredita-se que nas regiões estudadas só exista A. montensis, sendo estas então mais duas regiões de ocorrência confirmada para a espécie no estado. Akodon montensis apresenta uma das maiores distribuições geográficas quando comparado a espécies congenéricas ocorrentes na Floresta Atlântica, ocorrendo no Brasil, do Rio Grande do Sul até Minas Gerais ao norte, e até Mato Grosso do Sul a oeste.

[347] REGISTRO DE ABRAWAYAOMYS RUSCHII CUNHA E CRUZ, 1979 (RODENTIA, SIGMODONTINAE) PARA O ESTADO DE SANTA CATARINA, SUL DO BRASIL

CHEREM, J.J.[1]; GRAIPEL, M. E.[2]; ABATI, K.[2]; MORAES, M. P.[2]; MOREIRA, T.[2]

[1] DEPARTAMENTO DE ECOLOGIA E ZOOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA; [2] UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

O gênero Abrawayaomys Cunha e Cruz, 1979 inclui uma única espécie conhecida (A. ruschii Cunha e Cruz, 1979), listada para os estados de Espírito Santo e Minas Gerais, sudeste do Brasil, e a província de Misiones, nordeste da Argentina, com base em apenas quatro exemplares, conforme dados disponíveis na literatura. As afinidades filogenéticas de Abrawayaomys com os demais sigmodontinos são incertas, talvez representando uma linhagem arcaica de Thomasomyini, distantemente relacionada aos outros gêneros dessa tribo no sudeste do Brasil. Em 29/08/04, durante um levantamento de anfíbios e répteis em uma área de Floresta Atlântica (Floresta Ombrófila Densa Submontana), em Caldas da Imperatriz, município de Santo Amaro da Imperatriz, foi encontrado um exemplar morto de A. ruschii, que representa o primeiro registro para o estado de Santa Catarina. O exemplar foi depositado na coleção de mamíferos do Departamento de Ecologia e Zoologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC 3427). A espécie pode ser identificada por sua pelagem composta por espinhos achatados e sulcados entremeados por pêlos mais macios, rostro curto e largo, região interorbital larga, caixa craniana relativamente ampla, interparietal pequeno, margem posterior dos forâmens palatinos anterior à margem anterior do primeiro molar superior, margem anterior da fossa mesopterigóidea na altura da margem posterior do terceiro molar superior e incisivos procumbentes. O exemplar encontrado, um macho, possuía 42g, 240mm de comprimento total, 124mm de cauda, 18mm de orelha e 32mm e 30mm de pé com e sem unha, respectivamente. Os poucos registros de A. ruschii conhecidos podem ser devidos tanto a um artefato de amostragem (uso de técnicas inadequadas para sua captura) quanto a baixas densidades populacionais, como parece ser o caso de outros roedores sigmodontinos da Floresta Atlântica, como Rhagomys rufescens (Thomas, 1886) e Phaenomys ferrugineus (Thomas, 1894). O registro ocasional de A. ruschi demonstra a deficiência de amostragem dos pequenos mamíferos em Santa Catarina, tanto devido ao baixo esforço de campo quanto à pouca diversificação das técnicas de inventário.

[348] TOCA COM ESCOTILHA PARA OBSERVAÇÃO DE PACAS (CUNICULUS PACA) EM CRIADOURO CONSERVACIONISTA, AGUDOS, SP.

MAFFEI, F.[1]; MAIA, J. L. S.[2]; COELHO, A. R.[3]

[1] BIOLOGIA, UNIVESIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO; [2] DURATEX; [3] DUARTEX

A ambientação de recintos tornou-se uma tônica entre criadouros e zoológicos que atualmente priorizam o bem estar físico e psicológico dos animais de seus plantéis. A preocupação em atender às necessidades biológicas dos animais silvestres em cativeiro, vem crescendo cada vez mais. A técnica de ambientação tem por objetivo projetar e construir recintos que se assemelhem o máximo possível, ao nicho do animal a ser abrigado. Muitos animais, alojados inadequadamente, vivenciam situações desconfortáveis devido às imposições de horários de manejo (limpeza e oferta de alimento, por exemplo) e de visitação. Estes horários muitas vezes não são compatíveis com o hábito dos animais. Tal situação, ao longo do tempo, pode causar stress, alterações de comportamento como brigas, ausência de estro, canibalismo, etc. Um bom exemplo desta situação são os pacas (Cuniculus paca), roedor sul-americano de hábito terrícola, fossorial e noturno. São animais que preferem áreas florestadas nas proximidades de rios e bashados. Geralmente constroem suas próprias tocas, que podem possuir mais de uma entrada. O presente trabalho apresenta uma alternativa para exposição deste animal em cativeiro. O abrigo das pacas, no Criadouro Conservacionista da DURATEX S.A. no município de Agudos (SP), foi projetado de forma a atender às necessidades biológicas da espécie e evitar que a presença do visitante interfira nos seus hábitos. Durante as atividades de Educação Ambiental do criadouro, as pacas abrigadas em suas tocas podem ser visualizadas através de uma escotilha, sem que o animal perceba presença do visitante. O abrigo possui isolamento térmico e luminoso internamente e simula uma toca externamente. Assim como na natureza, há mais de um acesso à parte interna. Desta forma, há garantia de que o animal não altere drasticamente seus hábitos, o que colabora para o seu bem estar.

Diversos

Comportamento

[349] PERÍODO DIÁRIO DE ATIVIDADE DE SEIS ESPÉCIES DE PEQUENOS MAMÍFEROS NO SUL DO BRASIL

SCHEIBLER, D. R.

ZOOLOGIA, UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Pequenos mamíferos neotropicais são extremamente pouco conhecidos quanto ao padrão de atividade diária. Aqui, eu examino o período diário de atividade de seis espécies em Verâncio Aires (29o36'"S, 52o11'"W), RS. Para tanto, realizei estudos de marcação e recaptura em capoeiras durante seis dias por mês em janeiro/2002, junho/2002, outubro/2003 e abril/2004. Cada dia tinha 24 horas contínuas de captura, à exceção do verão, com revisões a cada 2h e 45min. Para cada estação do ano, os horários de revisão foram ajustados para coincidirem com o pôr e o nascer do sol. Ao todo, eu analiso 479 registros de atividade de112 Akodon paranaensis, 283 de 117 Monodelphis dimidiata, 325 de 161 Mus musculus, 108 de 46 Necromys lasiurus, 14 de 7 Oligoryzomys nigripes e 12 de 3 Oxymycterus sp. Akodon paranaensis foi predominantemente noturno, com maior atividade no início e final da noite no outono e inverno, início da noite na primavera, e durante a noite toda no verão. Monodelphis dimidiata foi bastante diurno, com atividade concentrada no final e início do dia na primavera, verão e outono, e relativamente constante durante o dia no inverno. No verão e outono, M. dimidiata também foi bem ativo no início e final da noite. Necromys lasiurus foi noturno/diurno. No outono, foi mais ativo durante o dia, com pico no início da manhã. No inverno, teve atividade relativamente constante do final da noite, estendendo-se durante o dia, até o início da noite seguinte. No verão, quando a atividade de N. lasiurus foi a mais noturna entre as estações, houve um pico no final do dia/início da noite e outro no final da noite. Mus musculus foi predominantemente noturno, concentrando a atividade no início e final da noite no inverno, início da noite no outono, e durante a noite toda no verão. Oligoryzomys nigripes e Oxymycterus sp. são analisados somente para o inverno. O primeiro foi noturno, com mais atividade no início e final da noite. Oxymycterus sp. foi noturno/diurno. Além da possível competição interespecífica, variáveis sazonais importantes como disponibilidade de alimento, fotoperíodo e temperatura, aparentemente também contribuem para "moldar" os padrões de atividade observados. Financiamento: FAPESP (processo 04/09749-5)

[351] ATIVIDADE CINEGÉTICA SOBRE POPULAÇÕES DE MAMÍFEROS NO SUDOESTE DA BAHIA.

AFFONSO, R.O.[1]; ALMEIDA-JÚNIOR, J. S.[2]; DEODATO, C. O.[2]; NASCIMENTO, C. S.[2]

[1] DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA; [2] UESB, CAMPUS DE JEQUIÉ, LAB. ZOOL. VERTEBRADOS

A caça é uma atividade primitiva fazendo parte do universo cultural humano e, na atualidade, estudos no Brasil, devido à dificuldade na coleta de dados junto a caçadores, têm sido realizados na Região Amazônica (com comunidades indígenas e cabloclos) e em menor escala na Mata Atlântica e Pantanal. No Sudoeste da Bahia, nas regiões de Cravolândia, Jaguaquara e Jequié (áreas de transição entre Caatinga e Mata Atlântica), tal atividade vem sendo analisada (desde mar/04) com o objetivo de identificar as principais espécies utilizadas pelos caçadores. A coleta de dados foi realizada através de: conversas informais com caçadores, entrevistas (questionários) com utilização de figuras (confirmar a descrição e nomenclatura popular); análise das caças (crânio, pele, patas, cascos, etc), fotografias, e eventualmente participação nas caçadas. Em Cravolândia foram realizadas 14 entrevistas envolvendo 23 caçadores, Jaguaquara (5; 16) e em Jequié (3; 16). Foram identificadas 19 espécies de mamíferos pertencentes às ordens: Didelphimorphia (1), Xenarthra (5), Primates (1), Carnivora (5), Artiodactyla (2) e Rodentia (4). As espécies mais visadas (caça planejada) foram: tatu-verdadeiro (Dasypus novemcinctus); tatu-peba (Euphractus sexcinctus); tatu-sola-rabo-de-couro (Cabassous unicinctus); cailitu (Pecari tajacu); veado catingueiro (Mazama gouazoupira) e paca (Agouti paca). Em termos de freqüência de espécies abatidas destacam-se: tatu-verdadeiro, tatu-peba e veado catingueiro. Os primeiros são justificados pela facilidade de serem encontrados e o último pelo porte, sabor da carne e grau de dificuldade em abater (troféu). O tamanduá-mirim (Tamandua tetradactyla) é comumente abatido por ser a espécie de interesse mais avistada (caça oportunista). Os métodos de caça planejada utilizados foram: com cães, covas ou armadilhas. As demais espécies registradas foram abatidas de forma oportunista. A pressão de caça (não quantificada) aliada à perda de habitat nas regiões, tem diminuído as populações de diversas espécies e feito com que os caçadores utilizem diversas áreas de forma alternada. A paca, o tatu (Dasypus septemcinctus) e a jaguatirica (Leopardus pardalis) são espécies consideradas localmente extintas em Cravolândia, Jaguaquara e Jequié respectivamente. Para que ocorra uma diminuição dos impactos causados pela caça nestas regiões é necessária a implantação de projetos de educação ambiental, intensificação na fiscalização e criação de unidades de conservação.

Conservação

[350] A MASTOFAUNA DO PARQUE ESTADUAL DO RIO PRETO, MG: RIQUEZA E AMEAÇAS

LESSA L.G.

CIÊNCIAS BÁSICAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI - UFVJM

O Parque Estadual do Rio Preto (180 09' S, 430 23' W), se localiza no município de São Gonçalo do Rio Preto, MG, na vertente oriental da Serra do Espinhaço, mesorregião do Vale do Jequitinhonha. A área do Parque, com 10.755 ha, é formada por antigas fazendas onde era explorada a extração de sempre-vivas, coleta de frutos silvestres característicos do Cerrado, extração de madeiras de lei, caça de subsistência e a pecuária de corte. A área preserva diferentes fisionomias do Cerrado (Cerrado sensu stricto, campos rupestres, matas estacionais e matas ciliares), entretanto, pressões antrópicas como a invasão de gado na sua face sul e as pressões exercidas sobre os remanescentes florestais de entorno tendem a reduzir a capacidade de suporte do Parque, e da região como um todo, na manutenção de mamíferos que necessitam de maiores áreas de uso ou espécies com dietas especializadas. Para a caracterização da mastofauna foram empregados diferentes métodos de amostragem, incluindo a Avaliação Ecológica Rápida (AER), a realização de censos diurnos e noturnos, e recentemente o uso de armadilhas de arame em um programa de captura-marcação-recaptura. Os resultados aqui apresentados compreendem o registro de dados entre o período de maio de 2002 a junho de 2005. Até o presente momento foram registradas 51 espécies de mamíferos sendo, Didelphimorphia (8 gêneros, 8 espécies); Xenartra (7,7); Primates (2,2); Carnivora (12,12); Perissodactyla (1,1); Artiodactyla (4, 4); Chiroptera (3, 4); Rodentia (12,12); Lagomorpha (1, 1). A curva de acumulação de espécies não apresentou uma tendência a assíntota, indicando que podem ainda ser obtidos novos registros de espécies, especialmente Rodentia e Chiroptera. Cruzando-se a lista de espécies registradas para o Parque com a lista oficial de mamíferos ameaçados de extinção para o Estado de Minas Gerais, observamos que das 40 espécies consideradas como ameaçadas no Estado 14 (27,5% das espécies) foram registradas no Parque, como Myrmecophaga tridactyla, Tamandua tetradactyla, Priodontes maximus, Licalopex vetulus, Chrysocyon brachyurus, Leopardus pardalis, Panthera onca, Puma concolor, Tapirus terrestris, Pecari tajacu e Ozotoceras bezoarticus. Os resultados obtidos, refletidos na riqueza de espécies e no número de espécies ameaçadas, reforçam a relevância desta unidade de conservação na preservação da biodiversidade do Cerrado e particularmente na preservação de espécies consideradas ameaçadas de extinção no Estado de Minas Gerais. Apoio: MMA/PROBIO; FAPEMIG (Processo CRA 133/03).

[352] AVALIANDO INTEGRIDADE AMBIENTAL E PREDIZENDO EXTINÇÕES LOCAIS A PARTIR DE PADRÕES DE DESAPARECIMENTO DA MEGA-MASTOFAUNA ATUAL DO SUL DO BRASIL

MAZZOLLI, M.

ECOLOGIA, PROJETO PUMA/ UNIV. FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)

Medir a integridade ambiental é um desafio necessário para buscar a restauração a níveis originais, e para subsidiar políticas de certificação ambiental; predizer e alertar a eminência de extinção pode elavencar ações mitigadoras. Apresenta-se evidências da relação entre a presença de espécies da mastofauna de grande porte e integridade ambiental, e da previsibilidade de extinções. Para tanto, registrou-se a presença-ausência de 6 espécies de mamíferos vulneráveis em quatorze localidades. Com exceção de uma área populosa, as demais foram selecionadas por abrigarem pelo menos algumas destas espécies e por apresentarem diferentes características, e as espécies foram escolhidas com base em sua distribuição potencial em todas as áreas. A maior parte das informações foram obtidas diretamente pelo autor, e uma parcela foi obtida através de entrevista com gestores ambientais locais. Os pontos de distribuição foram plotados em mapa de vegetação remanescente da Mata Atlântica. O veado-virá Mazama gouazoubira e o puma Puma concolor foram registrados em 14 áreas, o cateto Pecari tajacu em 11, o queixada Tayassu pecari em 8, a anta Tapirus terrestris em 6, e a onça-pintada Panthera onca em 3 áreas. As áreas com maior riqueza de espécies são aquelas com maior extensão florestal, o Parque Nacional de Iguaçú e duas áreas da Serra do Mar. Sugere-se que a seqüência de desaparecimento de espécies obedece ao mesmo ordenamento da distribuição encontrada neste estudo, ou seja, espécies com distribuição mais pontual desaparecem primeiro, sendo portanto possível avaliar o nível de integridade de um ambiente com base na presença-ausência destas espécies. Há uma relação entre a maior ou menor distribuição das espécies e seu grau de ameaça local, mas não obrigatoriamente com o grau de ameaça global ou exigência de recursos (alimento, espaço). É possível argumentar, por exemplo, que o puma é mais vulnerável e tem maior exigência de recursos que o cateto. Sendo assim, há possibilidade de haver mudanças no ordenamento de algumas espécies se houvesem câmbios no manejo local (eg. supressão da caça). Os veados pardo Mazama americana e bororó Mazama nana não foram incluídos pela dificuldade de obter registros precisos, mas também apresentam perfil de espécies indicadoras.

[353] DIAGNÓSTICO DA DIVERSIDADE DE MAMÍFEROS EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO DE MATA ATLÂNTICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

DENZIN, C.[1]; GALETTI, M.[2]

[1] ECOLOGIA, UNESP - RIO CLARO; [2] UNESP-RIO CLARO

Uma maneira de minimizar o efeito da destruição dos habitats e o conseqüente empobrecimento da biodiversidade é a instituição de áreas protegidas denominadas "Unidades de Conservação".Porém, essas áreas sofrem crônicas deficiências na sua situação fundiária e no referente à administração institucional; o objetivo do projeto foi compilar e analisar informações sobre a riqueza de mamíferos em 16 Unidades da Mata Atlântica de São Paulo.Foi também analisada a efetividade de conservação das áreas, dando-se ênfase à presença de palmiteiros e caçadores, como também foram analisadas as características físicas das Unidades.Tal estudo foi realizado através da consulta de literatura específica, planos de manejo, teses, artigos científicos, museus e consultas além de visitas a instituições. Para cada Unidade foram tomadas as seguintes variáveis: (1) variáveis ambientais (tamanho, variação altitudinal, tipo de vegetação, etc), (2) variáveis antrópicas (pressão de caça e palmiteiros), (3)variáveis resposta: riqueza de mamíferos (distribuídos em ordens) dividida em pequenos, médios e grandes, e mamíferos voadores, dando-se ênfase à distribuição de espécies endêmicas e ameaçadas. Na Mata Atlântica ocorrem cerca de 250 espécies de mamíferos, sendo 55 endêmicas a este bioma, destas, 38 estão atualmente relacionadas na lista oficial de espécies da fauna brasileira ameaçadas de extinção. Na lista de espécies compilada para as 16 Unidades, foram observadas apenas 69 espécies.O resultado obtido para as Unidades estudadas foi que, de um total de 38 espécies consideradas ameaçadas para a Mata Atlântica, um total de 24 foram encontradas espalhadas pelas Unidades em questão, ou seja, 63,1% das espécies.Para as 55 espécies endêmicas, e que não estão incluídas na lista oficial de espécies ameaçadas de extinção, foram encontradas 21, apresentando, portanto, um total de 38,1% das espécies endêmicas.Apesar das 16 Unidades estarem numa região que comporta a maior densidade demográfica humana do Brasil, essas áreas ainda abrigam uma importante riqueza de espécies de mamíferos da Mata Atlântica. Entretanto, há grandes lacunas no conhecimento dos mamíferos da região.

[354] O CONHECIMENTO DA FAUNA DE MAMÍFEROS NAS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO

MOREIRA, D. O.[1]; MENDES, S. L.[2]

[1] CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO; [2] UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

O Espírito Santo é reconhecido por possuir espécies de animais e vegetais raras, mas ainda pouco se conhece sobre a sua diversidade. Os locais onde poderiam existir maiores informações sobre os registros de espécies são as unidades de conservação (UC's), entretanto, a falta dessas informações é perceptível e preocupante. A necessidade de avaliar o conhecimento sobre a presença de espécies de mamíferos nas UC's foi o principal objetivo deste trabalho. Foi organizado um banco de dados de mamíferos do ES a partir de dados de literatura e registros de museus a fim de se obter uma lista com as espécies de mamíferos até agora conhecidas no estado. Para cada registro, foram levantadas as coordenadas geográficas das localidades. Paralelamente, obteve-se os limites das UC's de proteção integral e estes foram sobrepostos ao mapa do ES utilizando o programa Arc View 3.2a. Das 148 espécies de mamíferos registradas, 104 (70%) estão em UC's, 41 (27%) são registradas em apenas uma unidade, 16 (10%) em duas e três unidades e uma espécie (0,65%) em 10 unidades. A maioria das UC's do ES não possui um tamanho adequado. Apenas o PN do Caparaó, a ReBio de Sooretama e o PN dos Pontões Capixabas possuem mais de 10.000 ha e representam 66% de área das UC's do estado. Catorze UC's estão entre 1.000 e 5.000 ha e nove possuem menos de 1.000 ha. A ReBio de Duas Bocas foi a unidade onde se listou o maior número de espécies, enquanto no PE Mata das Flores foi registrada uma única espécie. Não se registrou espécies para o PN dos Pontões Capixabas e o PE Ilha das Flores. As maiores UC's possuem um número de registros de espécies relativamente menor do que o esperado, ou até mesmo desconhecido, como o PN dos Pontões Capixabas. Isso significa que algumas unidades possuem um esforço de estudo maior, enquanto outras possuem deficiência de inventários, implicando em lacunas de conhecimento sobre a fauna de mamíferos nas UC's. O conhecimento da fauna de mamíferos é de extrema importância a fim de indicar as áreas de maior diversidade e planos para a conservação.

[355] PERFIL DA CAÇA E DOS CAÇADORES NA RESERVA DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL AMANÃ

VALSECCHI, P.; VALSECCHI, J.

INSITUTO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL MAMIRAUÁ

A Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã com seus 2.350.000ha faz divisa com a Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá e o Parque Nacional Jaú, perfazendo uma das maiores áreas de florestas tropical contínua protegidas no mundo com 5.766.000ha, compondo parte do Corredor Central da Amazônia. Representa uma unidade de conservação de alto valor em biodiversidade, abrangendo florestas de várzea, igapó e terra firme. A população da área focal da reserva é de aproximadamente 1962 habitantes, distribuídos em 24 comunidades. Estes moradores têm como base de sua economia de subsistência atividades como agricultura, caça, pesca e extrativismo vegetal. O presente trabalho procurou identificar as espécies caçadas localmente, a susceptibilidade ao abate de cada uma delas, além de avaliar a importância de cada táxon ou grupo abatido. O levantamento foi realizado em cinco comunidades (Boa Esperança, Bom Jesus do Baré, Santa Luzia do Baré, Nova Jerusalém e São José do Urini). Verificou-se que a caça é uma atividade tradicional e freqüente na reserva. Realizada predominantemente pelos homens, a caça é utilizada para a subsistência das comunidades, sendo poucas vezes comercializada, e quando o fazem o principal mercado receptor é a cidade de Tefé. A carne proveniente da caça é a principal fonte de proteína animal em quatro das cinco comunidades analisadas. A fauna não é caçada a medida em que é encontrada, mas sim de forma seletiva. Existe uma forte relação entre a preferência alimentar, a seletividade do caçador e as espécies abatidas registradas. O principal padrão da atividade caracterizou-se por ter mamíferos de grande e médio porte como as principais espécies caçadas. Estas representaram 79,31% dos espécimes e 92,27% do total de peso abatido. Entre os principais grupos taxonômicos caçados destacaram-se Tayassuidae, Dasyproctidae e Agoutidae.

[356] RIQUEZA DA MASTOFAUNA DE MÉDIO E GRANDE PORTE DO ALTO RIO MADEIRA/RONDÔNIA E SUA IMPORTÂNCIA PARA A CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE AMAZÔNICA

OLIVEIRA, M. A.[1]; GOMES, I. B. S. R.[1]; BONAVIGO, P. H.[1]; FERRONATO, M. L.[1]; NASCIMENTO, M. C.[1]; NIENOW, S. D. S.[1]; MESSIAS, M. .[2]

[1] UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA; [2] BIOLOGIA, UNIR - FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

O presente estudo objetiva inventariar e estimar a abundância relativa das espécies de mamíferos de médio e grande porte ocorrentes ao longo da calha do alto rio Madeira/RO na área de influência dos empreendimentos de AHE previstos para a região, assim como documentar a presença de espécies raras, endêmicas, vulneráveis e ameaçadas de extinção. Foram inventariados 78 taxa de mamíferos através de vestígios (pegadas e fezes), vocalizações, entrevistas semi-estruturadas com ribeirinhos, informações de biólogos de outras equipes e emprego do método de transecção linear. Foram realizados 1.712km de censo diurno ao longo de 240 km de extensão do alto rio Madeira em seis sítios de estudo abrangendo 12 Pontos Amostrais. Os transectos foram alocados perpendiculares a partir das margens do rio Madeira, com extensões variando de 4,5 à 6 km. Durante o censo foram realizados 922 avistamentos de 3.835 indivíduos pertencentes à 44 taxa distribuídas em seis Ordens e 17 Famílias, das quais cinco pertencentes à Ordem Primates: Callitrichidae (cinco gêneros), Atelidae, Cebidae, Aotidae e Pitheciidae, com a excepcional riqueza de 17 espécies, quatro três de Carnivora (sete espécies), quatro de Rodentia (11 espécies), duas de Xenarthra (três espécies), duas de Artiodactyla (quatro espécies) e uma espécie Perissodactyla. Cinco formas necessitam de coletas e análise gênica para confirmação taxonômica, duas do gênero Saguinus soim e três de Sciurus quatipuru ou esquilo. A abundância relativa foi expressa sob forma de taxa de avistamentos/10 km percorridos e a densidade absoluta foi estimada através do método de Kelker para as espécies com mínimo de 20 avistamentos. A taxa geral de avistamentos foi de 5,56 avistamentos/10km e 23,3 indivíduos/10km, superior à média encontrada em três Unidades de Conservação de Preservação Integral de Rondônia. Além das 16 espécies de primatas constantes dos anexos da CITES, há nove espécies vulneráveis de extinção constantes da lista do IBAMA de 2003: dois Xenarthra: Myrmecophaga tridactyla e Priodontes maximus e sete carnívoros: os felinos Panthera onca, Puma concolor, Leopardus pardalis, L. wiedi e L. tigrinus, o raro canídeo Speothos venaticus cachorro-do-mato-vinagre e os mustelídeos Pteronura brasiliensis ariranha e Lontra longicaudis lontra. Financiamento: Furnas Centrais Elétricas S/A.

Outros

[357] A IMPORTÂNCIA DA AMOSTRAGEM DO SUB-BOSQUE NOS LEVANTAMENTOS RÁPIDOS DE PEQUENOS MAMÍFEROS NÃO-VOADORES

SANTOS, A. B.[1]; LÓSS, S.[2]; LEITE, Y. L. R.[3]

[1] INSTITUTO DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA; [2] UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO; [3] DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

O principal objetivo do presente trabalho foi investigar a importância de se utilizar armadilhas em diferentes estratos da floresta nos levantamentos rápidos de pequenos mamíferos. Pretendeu-se também apontar qual dos estratos está sendo mais utilizado pelas espécies de roedores e marsupiais e determinar se armadilhas colocadas a um metro e meio de altura são capazes de detectar espécies arborícolas em uma floresta secundária com árvores baixas. Foram utilizados dados preliminares do levantamento de mamíferos do Parque Estadual da Fonte Grande, na região metropolitana de Vitória, Espírito Santo, onde, de agosto a outubro de 2004, foram realizadas capturas de pequenos mamíferos com armadilhas colocadas no solo e no sub-bosque (entre 0,5 e 2 metros de altura). Em 3.456 armadilhas/noite, foram capturadas sete espécies de pequenos mamíferos. Destas, quatro são marsupiais: Caluromys philander (uma captura no estrato arbóreo), Didelphis aurita (quatro capturas no estrato terrestre e três no arbóreo), Marmosa murina (sete capturas no estrato terrestre e 25 no arbóreo) e Metachirus nudicaudatus (uma captura no estrato arbóreo); e os outros três são roedores: Sciurus aestuans (uma captura no estrato arbóreo), Rattus rattus (espécie invasora originária da Eurásia, com 13 capturas no estrato terrestre e três no arbóreo) e Phyllomys pattoni (sete capturas no estrato arbóreo). A diferença no uso de estrato de Didelphis aurita e R. rattus não foi estatisticamente significativa, enquanto M. murina e P. pattoni utilizaram estrato arbóreo com uma freqüência estatisticamente maior. O estrato mais utilizado pelos pequenos mamíferos foi o sub-bosque, totalizando 63,36% das capturas, sendo que todas espécies foram capturadas nesse estrato e quatro somente nele. Caso tivessem sido utilizadas somente as armadilhas no solo, o levantamento preliminar se resumiria a três espécies. Caluromys philander, uma espécie tida como altamente arborícola, foi detectada pelas armadilhas. Os resultados apresentados demonstraram que: 1) as espécies de pequenos mamíferos utilizaram diferentemente os estratos; 2) a utilização de armadilhas em diferentes estratos é muito importante em levantamentos rápidos de pequenos mamíferos; 3) as armadilhas colocadas a um metro e meio de altura são capazes de detectar espécies arborícolas em uma floresta secundária com dossel descontínuo e relativamente baixo.

[358] A INFLUÊNCIA DA OSCILAÇÃO SUL/EL NIÑO (ENSO) NA DINÂMICA POPULACIONAL DE PEQUENOS MAMÍFEROS EM DUAS LOCALIDADES DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

PACHECO, M. B.[1]; CERQUEIRA, R.[2]

[1] ECOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO; [2] UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Tem sido considerado que as flutuações climáticas causadas pelo ENSO influenciam a dinâmica populacional de pequenos mamíferos. Marsupiais neotropicais possuem épocas reprodutivas bem definidas. Esta sazonalidade resulta em populações grandes no final e após o período chuvoso. Já roedores não possuem esta sazonalidade. Aparentemente, estes são capazes de se reproduzir o ano todo desde de que haja chuva. O objetivo deste trabalho é analisar as flutuações populacionais de pequenos mamíferos em relação ao ENSO. Populações de Didelphis aurita, Philander frenatus, Marmosops incanus (Marsupialia), Akodon cursor (Rodentia) foram monitoradas por CMR em duas localidades do Rio de Janeiro em épocas distintas, sendo A. cursor analisado somente para a localidade de Maricá (restinga) e M. incanus somente para o Guapimirim (Mata Atlântica). Foi constatada correlação positiva e altamente significativa apenas entre abundância e SOI para todas as espécies da localidade de Maricá. Já para Guapimirim não foi encontrado o mesmo padrão, sendo as poucas correlações encontradas entre os parâmetros analisados e o SOI, fracas e menos significativas. Não houve correlação entre a biomassa e as variáveis climáticas para nenhuma espécie de ambas as localidades, o que pode estar associado ao fato da biomassa refletir o papel funcional da população, indicando a quantidade de recursos incorporada. Embora anos de El Niño estejam associados à elevada precipitação no norte do Chile, SOI explica apenas 14% da variação anual de chuva neste local durante 40 anos. Assim, SOI parece incorporar alguns aspectos adicionais na variabilidade ambiental, que não a chuva. Talvez por isso não tenha sido encontrada correlação com a precipitação em ambas as localidades. Apesar de a Mata Atlântica sofrer mais com os efeitos do ENSO que outras florestas neotropicais (Amazônia e Panamá), a localidade de Guapimirim pode não ter sofrido tanto com os efeitos do fenômeno quanto Maricá, já que estes podem variar numa escala espacial muito pequena, como constatado numa região no norte do Chile.

[359] ABUNDÂNCIA RELATIVA DE PEQUENOS MAMÍFEROS NÃO VOADORES NO PELD DO PARQUE ESTADUAL DO RIO DOCE, MINAS GERAIS.

CUNHA, H. M.[1]; PAGLIA, A. P.[2]; DINIZ, R. F.[1]; J-JÚNIOR, A. J. M.[1]; OLIVEIRA, F.[3]

[1] UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS; [2] CONSERVAÇÃO INTERNACIONAL, UFMG; [3] MASTOZOOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

A Mata Atlântica é um dos biomas brasileiros mais ameaçados. Esse ecossistema apresenta um alto grau de endemismo e intensa devastação sofrida durante todo o período de colonização brasileira. Sendo assim, os mamíferos são de extrema importância para a manutenção e equilíbrio dos ecossistemas, sendo necessário um maior entendimento de sua abundância e diversidade como uma ferramenta, na elaboração de estudos e planos de manejo. O Parque Estadual do Rio Doce (PERD) possui uma área de 35.976 há, localizado no estado de Minas Gerais. Sua vegetação em sua grande maioria está representada pela floresta estacional semidecidual em vários estágios de sucessão. O objetivo do projeto é monitorar a longo prazo as comunidades e populações de mamíferos no PERD. Foram realizadas até o momento 25 campanhas cada uma com a duração de cinco noites no período de novembro de 2000 a abril de 2005. Para a captura de pequenos mamíferos duas áreas distintas foram escolhidas: Vinhático e Campolina. Nessas áreas foram estabelecidos três transectos paralelos onde foram colocadas armadilhas de captura viva de 20 em 20 metros, distribuídas duas por ponto de coleta, dispostas alternadamente no solo e à média altura, num total de 180 armadilhas. As armadilhas foram iscadas (banana caturra com canjiquinha e Emulsão Scot) e vistoriadas pelas manhãs. As quatro espécies mais abundantes foram: Akodon cursor, Micoureus paraguayanus, Didelphis aurita e Metachirus nudicaudatus. O roedor A. cursor, no Vinhático apresentou aumento na abundância relativa a partir de outubro de 2001, chegando a mais de 70% de todas as capturas nas coletas em Out/2002, Maio/2003 e Julho/2004, com fortes oscilações entre as campanhas até dezembro de 2004, não sendo mais capturado desde então. No Campolina, área mais preservada, a abundância relativa segue baixa para A. cursor durante todo o período de estudo. Para os marsupiais não foi observado nenhum padrão sazonal claro na abundância relativa em ambas as áreas.

[360] CAPTURAS DE PEQUENOS MAMÍFEROS TERRESTRES EM FRAGMENTOS FLORESTAIS DO MUNICÍPIO DE RIBEIRÃO GRANDE, SP

QUADROS, J.[1]; ROCHA-MENDES, F.[2]; BIANCONI, G. V.[3]; TIEPOLO, L. M.[4]

[1] UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ – UTP; [2] MÜLLERIANA: SOCIEDADE FRITZ MÜLLER DE CIÊNCIAS NATURAIS; [3] ZOOLOGIA, PG ZOOLOGIA UNESP RIO CLARO; [4] PÓS GRADUAÇÃO MUSEU NACIONAL / RJ

O presente estudo está sendo desenvolvido como parte do monitoramento de fauna da área de construção da fábrica de cimento da Companhia Brasileira de Equipamentos, no município de Ribeirão Grande, sudeste de São Paulo. O objetivo apresentado aqui é a comparação quantitativa do número de capturas de pequenos mamíferos terrestres (marsupiais e roedores) entre duas áreas de monitoramento: o Mato dos Córregos (150,7 ha), adjacente ao aterro do empreendimento e em estádio secundário médio de sucessão; e o Mato da Mina (200 ha), área controle 4 km distante do empreendimento e primária alterada. Ambas encontram-se sobre influência de três tipos de vegetação, a Floresta Estacional Semidecidual, a Floresta Atlântica e a Floresta com Araucária. Para a captura são utilizadas três grades de armadilhas: uma no Mato da Mina (MM) e duas no Mato dos Córregos, sendo uma adjacente ao empreendimento (BFr) e outra distante aproximadamente 700 m (BFu). As armadilhas utilizadas são do tipo Sherman e Tommahawk, iscadas com mortadela e fubá, durante quatro noites, em oito fases de campo trimestrais de junho de 2003 a novembro de 2004. Cada grade tem 80 armadilhas, sendo 40 no solo e 40 nas árvores. O esforço de coleta foi 2720 armadilhas x noites no BFr, 2800 no BFu e 2640 no MM. Os resultados indicam o MM como a área com maior número de capturas (n=62), enquanto que BFr e BFu apresentaram 28 e 29 capturas, respectivamente. Comparando as taxas de captura nas três grades de armadilhas observa-se que entre BFr e BFu não há diferença significativa (Z = -0,0232). Estas duas grades, quando comparadas com a área controle (MM), capturaram significativamente menos indivíduos (Z = -3,7576 e -3,7737). Esses resultados podem ter duas interpretações: 1) as diferenças quantitativas observadas nas capturas devem-se ao grau de conservação da vegetação (Mato da Mina x Mato dos Córregos) e não ao impacto causado pelo empreendimento em si; 2) o raio de impacto do empreendimento afeta igualmente BFr (adjacente) e BFu (800 m distante), enquanto a área controle distante 4 km não é afetada. As análises qualitativas em andamento ajudarão a elucidar esta questão.

[361] CARACTERIZAÇÃO DA ESTRUTURA DO HABITAT DE PEQUENOS MAMÍFEROS EM FRAGMENTOS DA MATA ATLÂNTICA NA SERRA DOS ÓRGÃOS, RIO DE JANEIRO

MANSUR, S. T.[1]; GENTILE, R.[2]

[1] MEDICINA TROPICAL, FIOCRUZ; [2] FIOCRUZ

A separação do nicho pelo habitat nos mamíferos mostra que a seleção de habitat é um importante determinante que permite a coexistência de espécies competidoras e estruturação das comunidades. O objetivo do estudo é determinar a preferência de habitat pelos pequenos mamíferos em relação à estrutura da vegetação, em fragmentos da Mata Atlântica, na Serra dos Órgãos, Estado do Rio de Janeiro. As capturas foram realizadas no outono (2004, 2005), em 12 fragmentos de três classes de tamanhos e no Parque Nacional da Serra dos Órgãos. Foram utilizadas duas armadilhas por ponto dispostas no chão. Os animais foram cariotipados e taxidermizados para identificação. Em cada ponto foram medidas oito variáveis de microhabitat. A cada cinco pontos foram feitas observações de mesohabitat. Os resultados de preferência de microhabitat foram analisados a partir de regressão logística das espécies coletadas com as variáveis do habitat. Os resultados de mesohabitat foram analisados através de PCA e regressão simples. Foram capturadas três espécies de marsupiais e sete de roedores. A riqueza e abundância das espécies foram maiores nos fragmentos maiores e no PANASO. Didelphis aurita, Philander frenatus, Oxymycterus judex e Trinomys iheringi não apresentaram relação significativa com as variáveis. Monodelphis americana e Oligoryzomys nigripes apresentaram relação com cobertura do dossel e solo aberto, ocorrendo predominantemente em áreas de mata fechada com pouco sub-bosque, indicando sua preferência por este tipo de habitat. Akodon sp. apresentou significância para cobertura de dossel, ocorrendo tanto em áreas de mata fechada quanto em bordas de fragmentos. Delomys dorsalis apresentou relação com a presença de pedras, que pode ser utilizada como abrigo, indicando a preferência da espécie por este habitat. Nectomys squamipes não foi utilizada no estudo de habitat. As variáveis de mesohabitat que explicaram maior parte da variação na estrutura do habitat foram abundância de cecrópias, epífitas, palmeiras, árvores frutíferas, plantações, plântulas, cipós, inclinação do relevo e presença de trilhas pré-existentes, sendo que as cinco primeiras diferiram entre as áreas. As variáveis cecrópias, plântulas e relevo se relacionaram apenas com a abundância de M. americana. Não foi encontrada correlação entre a área basal e fuste com a riqueza de mamíferos.

[362] COMPARAÇÃO ENTRE MÉTODOS PARA ESTIMATIVA DE ABUNDÂNCIA DE PEQUENOS MAMÍFEROS.

COSTA, G.; KAJIN, M.; MACEDO, J.; VIEIRA, M. V.; CERQUEIRA, R.

DEPARTAMENTO DE ECOLOGIA, LABORATÓRIO DE VERTEBRADOS, UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Métodos de estimativa populacional têm diferentes premissas sobre abertura da população e probabilidade de captura dos indivíduos. O método de contagem MNKA e o estimador Lincoln-Petersen-Bailey assumem que todos os indivíduos estão sob a mesma probabilidade de captura e que a população não esta sujeita a nenhuma perda nem aumento. O método de Jolly-Seber também assume homogeneidade nas probabilidades de captura, mas permite que a população seja aberta. Métodos que permitem algumas formas de heterogeneidade nas probabilidades de captura estão implementados no programa CAPTURE, como o método Jackknife, que permite diferenças individuais na probabilidade de captura. O objetivo deste trabalho foi comparar cinco técnicas de estimativa de abundância entre si, pressupondo que elas gerarão diferenças significativas devidas as diferentes restrições sobre "abertura de população" e capturabilidade. Para isto, foram utilizados dados de oito anos de marcação-e-recaptura de seis espécies, os marsupiais didelfídeos Didelphis aurita, Marmosops incanus, Metachirus nudicaudatus, Philander frenatus, Micoureus travassosi e o roedor sigmodontíneo Rhipidomys sp. nov. Apesar de subestimar o tamanho da população, principalmente em épocas de maior abundância, o MNKA mostrou um padrão de flutuação populacional semelhante e significativamente correlacionado (p = 0.000013 R = 0.625; p=0.000024 e R=0.589) ao dos outros métodos. As estimativas do programa CAPTURE e Jolly-Seber mostraram uma forte desvantagem, que é a necessidade de um grande número de capturas ou recapturas para obter as estimativas. O coeficiente de variação foi menor para M. nudicaudatus, P. frenatus e M. incanus com o estimador escolhido pelo CAPTURE, e maior para as espécies P. frenatus, M. incanus, M. travassosi e D. aurita com o estimador Jolly-Seber. Apesar da reconhecida importância de se considerar as variações na probabilidade de captura e da elegância dos modelos, o baixo número de recapturas restringe o uso dos estimadores de abundância do CAPTURE. Já o índice MNKA e o estimador Lincoln-Petersen-Bailey, mesmo tendo pressupostos restritivos e pouca sofisticação, não são tão dependentes do número de recapturas quanto os outros métodos, e mesmo que considerem que não haja homogeneidade na probabilidade de captura, permitem avaliar a flutuação populacional.

[363] COMPOSIÇÃO E ABUNDÂNCIA DE MAMÍFEROS EM TRÊS DIFERENTES AMBIENTES SOB A INFLUÊNCIA ANTRÓPICA, NO NORTE DO ESPÍRITO SANTO

BARROS, E.[1]; HENRIQUES, A. C. C.[2]; RIBEIRO, D.[2]; DALMASCHIO, J.[2]; VIEIRA, L. G.[3]

[1] ZOOLOGIA, MUSEU DE BIOLOGIA PROF. MELLO LEITÃO; [2] MUSEU DE BIOLOGIA PROF. MELLO LEITÃO; [3] UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

O hotspot Mata Atlântica é atualmente representado por fragmentos de mata, imersos numa matriz dominada por atividades econômicas, como agropecuária e exploração de recursos naturais. Juntos, esses fragmentos cobrem menos de 8% de sua extensão original e, apesar de a mastofauna ser relativamente bem conhecida, poucas são as áreas adequadamente amostradas. Menos ainda, são as localidades onde a comunidade de mamíferos foi estudada por períodos prolongados. O presente trabalho apresenta os resultados preliminares de um monitoramento a longo prazo da mastofauna ocorrente nos municípios de Jaguaré e São Mateus, região norte do Espírito Santo. Neste sentido, busca-se identificar possíveis alterações na estrutura da comunidade, decorrentes da instalação e funcionamento de empreendimentos de exploração petrolífera. Financiado pela petrobrás, o trabalho começou em janeiro de 2004 e tem previsão de término para 2007, sendo realizado em campanhas trimestrais. Os sítios de amostragem são três remanescentes florestais, definidos como Manguezal, Restinga e Mata de Tabuleiro, próximos aos empreendimentos Estação Fazenda Alegre e Terminal Norte Capixaba. Estão sendo adotados métodos distintos de amostragem, como aplicação de um programa de captura-marcação-recaptura de pequenos mamíferos e, para mamíferos de médio e grande porte, registros por evidências diretas e indiretas, além de entrevistas com a população local. Até o momento foram registradas 17 espécies, pertencentes a 10 famílias. Para as espécies de pequeno porte, foi realizado um esforço amostral de 2160 armadilhas-noite, com sucesso de captura de 4,58%, tendo sido capturadas três espécies de roedores e cinco de marsupiais. Na Mata de Tabuleiro, a espécie mais abundante foi Didelphis aurita e, na Restinga, Micoureus paraguaianus. O ambiente que apresentou maior riqueza de espécies e maior índice de diversidade (H') foi a Mata de Tabuleiro (6 e H'=1,3), seguida pela Restinga (4 e H'=1,2). No manguezal não foi capturado nenhum indivíduo, porém foram registradas as espécies Didelphis aurita, Callithrix geoffroyi, Procyon cancrivorus e Rattus rattus. Quanto à influência da implantação do empreendimento sobre as populações, até o momento não foram verificadas alterações na comunidade ou restrições em relação à área de vida destes organismos.

[364] COMPOSIÇÃO E FREQÜÊNCIA DE USO POR MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE EM ÁREAS DE FLORESTA OMBRÓFILA MISTA COM A PRESENÇA DE GADO.

CERVEIRA, J.[1]; PEDÓ, E.[2]; FREITAS, T. O.[2]; HOFMANN, G.[2]; HARTZ, S.[2]

[1] PPG ECOLOGIA, UFRGS; [2] UFRGS

As Florestas com Araucária, também classificadas como Florestas Ombrófilas Mistas, são formações características de regiões elevadas do sul do Brasil. Fisionomicamente esta paisagem compõem um mosaico de extensas áreas de campo entremeadas por Floresta Ombrófila Mista, também freqüentemente observadas como manchas sobre a matriz campestre, e que regionalmente são denominadas "capões". As alterações ambientais mais significativas nesta região são decorrentes (i) da extração de madeira nativa (ii) expansão silvicultural em áreas de campo nativo utilizando, principalmente, Pinus sp e (iii) pecuária extensiva de gado. Considerando que a pecuária extensiva de gado, há muito instaurada, representa a principal atividade econômica da região dos Campos de Cima da Serra há a necessidade de estudos que forneçam subsídios para a conciliação de práticas de uso econômico com a conservação de espécies. Este trabalho objetivou comparar a composição e freqüência de uso do habitat por mamíferos de médio e grande porte, entre capões e porções contínuas de Floresta Ombrófila Mista com e sem a presença de gado. A área de estudo abrangida localiza-se no município de São Francisco de Paula, RS. Foram selecionados três capões e duas áreas de floresta contínua, dentro do CPCN Pró-Mata (área livre de gado há mais de dez anos) e dentro da Fazenda Três Estrelas, totalizando dez locais de amostragem. A amostragem da mastofauna terrestre foi realizada através de armadilhamento fotográfico e estações de pegadas, entre janeiro de 2004 e janeiro de 2005. Foram registrados 11 espécies de mamíferos nativos, 02 espécies introduzidas. Quanto à comparação da composição de espécies, através de testes de aleatorização pelo método da soma de quadrados, não houve diferença significativa entre capões com ou sem gado e entre porções contínuas da floresta com ou sem a presença do gado. Quanto à freqüência de uso houve uma maior utilização das porções de mata contínua e capões dentro do CPCN Pró-Mata, sem a presença de gado. Portanto, apesar da composição de espécies ser semelhante entre áreas, há diminuição da freqüência de uso local para muitas espécies de mamíferos de médio e grande porte quando o gado está presente.

[365] COMUNIDADES DE PEQUENOS MAMÍFEROS EM DOIS ESTÁDIOS SUCESSIONAIS DE FLORESTA ATLÂNTICA

UCHÔA, T.[1]; ROPER, J. J.[2]

[1] PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ECOLOGIA E CONSERVAÇÃO, UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ; [2] ASSOCIAÇÃO MONTANHA VIVA

Estudos sobre estratégias de vida como resiliência, resistência e persistência de espécies são fundamentais para compreender aspectos da conservação de comunidades. As interações destas características com as espécies na comunidade assim como a qualidade de habitat são importantes para o entendimento da regeneração florestal. A proposta deste trabalho é de comparar a dinâmica das espécies em florestas de estádios diferentes através do método de captura-marcação-recaptura. Este estudo está sendo realizado na Reserva Natural Salto Morato, Guaraqueçaba, Paraná, a qual faz parte do maior contínuo de Floresta Atlântica do Brasil. Entre novembro de 2004 e fevereiro de 2005 com capturas mensais de 7 a 12 dias, foi desenvolvido um estudo piloto para observar as espécies ocorrentes na Floresta Primária, utilizando 100 armadilhas Sherman (25x8x9cm), colocadas em cinco linhas a intervalos de 10m entre linhas e armadilhas. E, armadilhas de queda Pitfall sendo instaladas, em duas linhas paralelas às de Sherman, 12 baldes (40L) com 5m de distância entre eles e, ligados por uma barreira de lona plástica. Desde abril de 2005, capturas de 6 a 8 dias estão sendo realizadas duas vezes ao mês, com 50 armadilhas Sherman, e 36 Pitfall em cada tratamento sob as mesmas condições dispostas anteriormente. Durante o piloto, foram capturados: Delomys sublineatus, Akodon sp., Oxymycterus sp., Proechimys sp., Oryzomys sp., Monodelphis americana, M. scalops, M. sorex, Didelphis marsupialis, D. albiventris. Na segunda fase, (desde abril de 2005), na Floresta Primária foram capturados: D. sublineatus, M. americana, Philander opossum e, na Floresta Secundária: D. sublineatus, Oligoryzomys sp. e M. americana. Os resultados apresentados são preliminares e, portanto apresentam dados parciais do trabalho. No levantamento realizado na Floresta Primária, observou-se uma alta densidade de espécies e indivíduos durante o mês de novembro, o que pode significar algum fenômeno que possivelmente gerou maior disponibilidade de alimento para a área e, conseqüentemente mais indivíduos utilizando a mesma. No estudo subseqüente observa-se uma dominância da espécie Delomys sublineatus sobre outros roedores prováveis de ocorrência na área de Floresta Primária, onde a diversidade de espécies deveria ser maior devido a grande diversidade de nichos existentes neste tipo de formação florestal.

[366] DADOS PRELIMINARES SOBRE A ABUNDÂNCIA RELATIVA DE MAMÍFEROS DE MÉDIO PORTE DO PARQUE ESTADUAL DO TURVO, RIO GRANDE DO SUL

KASPER, C. B.[1]; MAZIM, F. D.[2]; SOARES, J. B. G.[3]; OLIVEIRA, T. G.[3]; FÁBIAN, M. E.[4]

[1] BIOLOGIA ANIMAL, UFRGS; [2] SACCA; [3] UEMA E PRÓ-CARNÍVOROS; [4] UFRGS - PPG BAN

O Parque Estadual do Turvo localiza-se no extremo noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, divisando com a Argentina e o Estado de Santa Catarina. O Parque possui aproximadamente 17.500 ha, formados pela Mata Pluvial do Alto Uruguai, uma formação contígua à região de Misiones na Argentina. Os métodos adotados neste estudo baseiam-se na utilização de armadilhas fotográficas, análise de rastros e registros visuais e auditivos. Até o momento, foram realizadas seis atividades de campo, num total de 30 dias, somando um esforço amostral de 340 armadilhas-noite. Até o momento foram identificadas 26 espécies, pertencentes a oito ordens, sendo Carnivora o grupo mais bem representado, com 11 espécies. Do total, 22 espécies foram registradas com a utilização das armadilhas fotográficas, 18 espécies a partir da identificação de pegadas (considerando como apenas uma espécie no caso da identificação ao nível genérico, como em Mazama) além de 13 espécies visualizadas e uma espécie identificada por suas vocalizações. Com base nos registros fotográficos, as espécies mais abundantes foram Sylvilagus brasiliensis, Dasyprocta azarae e Leopardus pardalis. Entre os mamíferos de grande porte, Pecari tajacu é a espécie mais abundante, embora Tapirus terrestris e as espécies do gênero Mazama ocorram com relativa freqüência. Porém, ao confrontarmos os dados obtidos com a utilização dos três métodos, veremos que a espécie mais abundante de carnívoro é Nasua nasua. Assim, ao analisarmos os dados referentes à abundância temos de ter em mente a biologia de cada espécie e, se possível, utilizarmos diferentes métodos de amostragem, que pode auxiliar também na identificação de espécies com baixas densidades populacionais ou de difícil registro por um ou mais métodos.

Apoio: Fundação O Boticário de Proteção a Natureza

[367] DENSIDADE POPULACIONAL DE MÉDIOS E GRANDES MAMÍFEROS EM DOIS FRAGMENTOS DE MATA ATLÂNTICA NA REGIÃO DE TOMBOS, MINAS GERAIS.

NERY, M.[1]; RODES, É. R.[2]; FERRAZ, D. S.[2]; SOUZA, S. L. F.[2]; SOUZA, S. M.[2]; MELO, F. R.[2]

[1] CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, FAFILE/UEMG CARANGOLA; [2] FAFILE/UEMG CARANGOLA

O estado de Minas Gerais abriga uma boa parte dos mamíferos brasileiros, cerca de 243 espécies (46%) de sete das 11 ordens presentes no país. O objetivo deste trabalho foi inventariar a mastofauna da região e levantar dados de densidade populacional em dois fragmentos florestais, a RPPN "Dr. Marcos de Vidgal Vasconcelos" (20053'S e 42004'W) e a "Mata do Banco" (20055'S e 42006'W), município de Tombos, Minas Gerais. Realizamos doze campanhas no período de maio de 2003 a abril de 2004, com cinco dias/mês. Os transectos foram previamente preparados e em ambas as áreas utilizamos a metodologia do Line-transect Sampling que foram percorridos nos períodos diurno e noturno. Obtivemos um esforço amostral de 19 dias e percorremos 13,8 km para a RPPN e 21 dias com um percurso de 12,8 km para a "Mata do Banco". Foi registrada uma taxa de encontro de: 13,0 indivíduos/10 km (Alcuatta guariba clamitans); 1,4 indivíduos/10 km (Eira barbara); 2,2 indivíduos/10 km (Sciurus aestuans); 2,9 indivíduos/10 km (Sphiggurus villosus); 1,4 indivíduos/10 km (Didelphis aurita) e 2,2 indivíduos/10 km (Potos flavus) para a RPPN. Já para a "Mata do Banco" registramos uma taxa de: 8,7 indivíduos/10 km (Callithrix aurita); 21,0 indivíduos/10 km (Cebus nigritus); 0,72 indivíduos/10 km (Nasua nasua); 3,6 indivíduos/10 km (Sphiggurus villosus); 1,4 indivíduos/10 km (Didelphis aurita); 1,4 indivíduos/10 km (Potos flavus). Apesar das altas taxas de encontro observadas para as espécies de primatas, o tamanho de cada fragmento (<500 ha) mostra que essas populações de primatas e as demais se encontram isoladas, com isso, susceptível à extinção local. A baixa taxa de encontros das espécies D. aurita, S. villosus e S. aestuans podem estar sub-amostradas considerando um alto registro das mesmas para as duas localidades fora do censo e por serem espécies mais tolerantes às mudanças no ambiente. Contudo, a baixa densidade e diferença na composição de espécies entre as áreas podem estar relacionadas à escassez de recursos, caça e isolamento dos fragmentos, que impossibilita a recolonização e manutenção das populações em longo prazo.

Apoio: FAPEMIG e Fundação FAFILE.

[368] DIETA ALIMENTAR DE MARSUPIAIS E ROEDORES COLETADOS NO PARNA MONTANHAS DO TUMUCUMAQUE, FLONA DO AMAPÁ E NA RDS DO RIO IRATAPURU, ESTADO DO AMAPÁ

CARDOSO, E.[1]; SILVA, C. R.[2]

[1] ZOOLOGIA, UNIFAP - UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ; [2] IEPA-INSTITUTO DE PESQUISAS CIENTÍFICAS E TECNOLÓGICAS DO ESTADO AMAPÁ

O Estado do Amapá apresenta cerca de 96 % de sua cobertura natural intacta, nas suas unidades de conservação as condições observadas são favoráveis para estudos ecológicos, praticamente isentas de influências antrópicas, onde poderemos encontrar a composição natural das comunidades e de suas dietas alimentares. Os poucos estudos sobre dieta alimentar de pequenos mamíferos não-voadores foram realizados utilizando fezes de marsupiais. Para roedores o conhecimento é ainda menor devido à dificuldade de obter informações através de amostras fecais e de observar o comportamento alimentar das espécies. Este trabalho tem como objetivo contribuir com o conhecimento das dietas das espécies de marsupiais e roedores neotropicais e verificar padrões de ecologia alimentar. As espécies estudadas foram coletadas em três Unidades de Conservação do Estado do Amapá: Parque Nacional Montanhas do Tumucumaque, Floresta Nacional do Amapá e Reserva do Desenvolvimento Sustentável do Rio Iratapuru. Dos espécimes coletados retirou-se os estômagos e em seguida o conteúdo estomacal foi analisado com auxílio de lupa, modelo 106/WF10X – LF Equipamentos. Na Ordem Marsupialia foram analisados 33 amostras distribuídas em seis espécies: Didelphis marsupialis (Linnaeus, 1758), Philander opossum (Linnaeus, 1758), Marmosops cf. parvidens (Tate, 1931), Marmosops sp (Matschie, 1916)., Marmosa murina (Linnaeus, 1758), Monodelphis brevicaudata (Erxleben, 1777) e Metachirus nudicaudatus (Desmarest, 1817). Para a Ordem Rodentia foram verificados 25 conteúdos estomacais em oito espécies: Proechimys cf. cuvieri (Petter, 1978), Proechimys guyanensis (Geoffroy, 1803), Proechimys sp. (Allen, 1899); Sciurus sp. (Linnaeus, 1758); Oryzomys cf. maconelli (Thomas, 1910), Oryzomys cf. yunganus (Thomas, 1902), Oryzomys sp. (Baird, 1858) e Makalata didelphoides (Desmarest, 1817). Em todas as amostras analisadas houve maior ocorrência de invertebrados da classe Insecta, seguido de material vegetal. Para as espécies Marmosops sp., Marmosa murina e Proechimys sp. das quais se obteve um maior número de amostras, verificou-se dietas alimentares insetívora-onívora, onívora e insetívora-onívora respectivamente.

[369] DINÂMICA POPULACIONAL DE PEQUENOS MAMÍFEROS EM ÁREA AGRÍCOLA, SUMIDOURO, RJ.

BONECKER, S.[1]; PORTUGAL, L. G.[2]; COSTA-NETO, S. F.[2]; GENTILE, R.[2]

[1] MEDICINA TROPICAL, FIOCRUZ; [2] FIOCRUZ

Estudos de marcação e recaptura são indispensáveis para a compreensão da dinâmica populacional das espécies. A maioria dos estudos de pequenos mamíferos é feita através de coletas pontuais ou estudos de curto prazo. O objetivo deste trabalho é analisar a dinâmica populacional de três espécies de pequenos mamíferos numa área rural, originalmente de Mata Atlântica, Estado do Rio de Janeiro, ao longo de quatro anos. Foi feito um trabalho de captura-marcação e soltura do roedor semi-aquático Nectomys squamipes (Rodentia, Sigmodontinae) e dos marsupiais didelfídeos Didelphis aurita e Philander frenatus de setembro de 2001 a maio de 2005, trimestralmente, nas localidades do Encanto e Pamparrão. Estas áreas apresentam plantações de legumes e hortaliças, pequenos fragmentos florestais e são recortadas por córregos e valas de irrigação. Foram estimados os tamanhos populacionais através do método Minimum Number Known Alive. A reprodução foi observada através da presença de fêmeas lactantes nos marsupiais e de fêmeas grávidas nos roedores. A estrutura etária foi analisada dividindo-se os indivíduos em classes de idade de acordo com a dentição nos marsupiais e o peso no roedor. As populações de ambos marsupiais aumentaram no período do outono (final da estação chuvosa e início da seca) em todos os anos nas duas localidades. A reprodução apresentou estacionalidade começando em julho ou agosto, sendo os últimos desmames em abril, com duas ninhadas por estação. A estrutura etária mostrou um predomínio de indivíduos na bolsa em agosto, de jovens em maio e novembro em D. aurita e em fevereiro e maio em P. frenatus. Sub-adultos e adultos foram mais encontrados em maio. Em N. squamipes o tamanho populacional aumentou sempre ao longo do primeiro semestre. Não foram observadas fêmeas se reproduzindo nos meses de outubro e novembro. A estrutura etária apresentou indivíduos jovens somente no primeiro semestre. A dinâmica populacional dos marsupiais indicou um pico populacional no final da estação chuvosa correspondendo ao final da estação reprodutiva. N. squamipes apresentou uma reprodução oportunista, com aumentos populacionais irregulares nas épocas chuvosas. Deste modo, os períodos de desmame e os picos de recrutamento ocorrem sempre nas épocas de maior abundância de recursos.

[370] DISTRIBUIÇÃO E ABUNDÂNCIA DE PEQUENOS MAMÍFEROS EM ÁREAS DE INTERAÇÃO ENTRE FLORESTAS SEMIDECÍDUAS, CERRADO E FLORESTAS IMPLANTADAS DE EUCALIPTO.

VERDADE, L. M.; GHELER-COSTA, C.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO/ESALQ; LABORATÓRIO DE ECOLOGIA ANINAL

A conservação da vida silvestre baseia-se no conhecimento dos processos (ou interações) e mecanismos que afetam a distribuição e abundância das espécies, não apenas nos ecossistemas primitivos, mas também em ambientes alterados, incluindo os agroecossistemas. O presente projeto tem por objetivo o estudo da distribuição e abundância de pequenos mamíferos em áreas de interação entre florestas nativas semidecíduas e cerrado, e florestas implantadas de eucalipto, tendo como modelo duas Fazendas de silvicultura (Ibiti e Santa Isabel) da Ripasa S/A – Celulose e Papel no estado de São Paulo. Para captura dos indivíduos foram utilizados pitfalls (i.e., armadilhas de interceptação e queda), com cerca guia. Os pitfalls ficaram abertos por quatro noites consecutivas durante 12 meses, entre agosto de 2004 e julho de 2005. De cada animal capturado foram coletados dados biométricos e registrado o sexo e estágio reprodutivo. Os animais foram marcados com transponders subcutâneos, sendo então liberados. Foram capturadas 12 espécies de pequenos mamíferos, com um total de 141 indivíduos. O esforço amostral para a Fazenda Ibiti (floresta semidecídua e implantada de eucalipto) foi de 1344 baldes/dia, com sucesso de captura de 11,01%. Na Fazenda Santa Isabel (cerrado e floresta implantada de eucalipto) o esforço amostral foi de 624 baldes/dia, com sucesso de captura de 6,4% . As espécies mais abundantes em todos os ambientes amostrados foram Rhipidomys mastacalis e Bolomys lasiurus com 56% e 22% respectivamente. Os resultados mostraram diferenças com relação ao número de capturas entre as estações (seca e chuvosa) onde o maior número de pequenos mamíferos foi coletado no mês de dezembro, coincidindo com as maiores temperaturas e maior volume de chuva.

[371] DIVERSIDADE E ABUNDÂNCIA DE MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE DE ACORDO A CATEGORIAS TRÓFICAS EM ÁREAS DE AGROECOSSISTEMA NO SUDESTE DO BRASIL

DOTTA, G.[1]; VERDADE, L. M.[2]

[1] ZOOTECNIA, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO; [2] ESCOLA SUPEIROR DE AGRONOMIA

Os mamíferos têm um importante papel na manutenção e regeneração das florestas tropicais, pois apresentam funções ecológicas vitais e são espécies-chave na estruturação das comunidades biológicas, predação e dispersão de sementes, polinização, folivoria e frugivoria. Em ambientes com forte pressão antrópica e alto grau de fragmentação as espécies apresentam respostas comportamentais distintas, geralmente relacionadas ao tipo de dieta. A bacia do Rio Passa-Cinco, região centro-leste de São Paulo, contém uma paisagem fortemente antropizada, com predomínio de pastagens seguidas por canaviais, florestas plantadas de eucalipto e fragmentos de floresta estacional semidecídua. Para verificar a riqueza de espécies e a abundância relativa dos mamíferos, foram realizados censos nos quatro ambientes predominantes, buscando-se todos os tipos de registro, diretos e indiretos. Foram estabelecidas as seguintes categorias tróficas: insetívoro-onívoro, frugívoro-onívoro, frugívoro-herbívoro, carnívoro e herbívoro-pastador. Para testar possíveis diferenças quanto à riqueza de espécies e abundância relativa entre as categorias tróficas e entre os ambientes amostrados foi utilizada Análise de Variância (Anova) dois fatores, seguida pelo teste de Tukey. Entre julho de 2003 e junho de 2004 foram percorridos 284,4 km, registrando-se 25 espécies nativas e duas exóticas. Considerando-se a riqueza de espécies, a Anova detectou diferenças significativas entre categorias tróficas, mas não entre ambientes ($F_{4,60}$ = 11,07; p = 0,001; $F_{3,60}$ = 2,50; p = 0,06, respectivamente). Insetívoro-onívoro foi a categoria com maior riqueza de espécies em toda a área de estudo (p = 0,001), enquanto os carnívoros apresentaram uma riqueza maior somente quando comparados aos herbívoros-pastadores (p = 0,01). Já em relação à abundância relativa, foi detectada diferença entre categorias e ambientes ($F_{4,60}$ = 13,09; p = 0,001; $F_{3,60}$ = 5,09; p = 0,003, respectivamente). Insetívoros-onívoros apareceram com maior abundância em relação às demais categorias (p = 0,001) e frugívoros-herbívoros foram mais abundantes quando comparados a herbívoros-pastadores (p = 0,01). Quanto aos ambientes, o eucaliptal e o canavial apresentaram uma maior abundância em relação à pastagem (p = 0,02 e p = 0,002, respectivamente). De maneira geral a região apresenta um predomínio de espécies generalistas, representadas na categoria dos insetívoros-onívoros, capazes de utilizar os diversos tipos de habitats e itens alimentares disponíveis.

[372] ECOLOGIA DE POPULAÇÕES DE PEQUENOS MAMÍFEROS NUMA ÁREA PRESERVADA DO PANTANAL DA NHECOLÂNDIA

ANDREAZZI, C.[1]; RADEMAKER, V.[2]; JANSEN, A. M.[3]; D'ANDREA, P. S.[3]

[1] ECOLOGIA, LABORATÓRIO DE BIOLOGIA E CONTROLE DA ESQUISTOSSOMOSE, IOC, FIOCRUZ; [2] LABORATÓRIO DE BIOLOGIA E CONTROLE DA ESQUISTOSSOMOSE, IOC, FIOCRUZ; [3] LABORATÓRIO DE TRIPANOSSOMATÍDEOS, IOC, FIOCRUZ

O Pantanal Matogrossense é uma rica planície de inundação formada por um complexo mosaico de vegetação. A resposta das espécies às flutuações ambientais depende da intensidade e a previsibilidade dessas flutuações. Como a área de estudo apresenta inundações periódicas, acredita-se que isso possa moldar a estratégia de vida e a dinâmica populacional das espécies de pequenos mamíferos. Com o objetivo de melhor entender as influências desse clima sobre essas populações, monitoramo-nas durante dois anos (2003 e 2004), nos quais se buscou determinar a riqueza de espécies e estudar a dinâmica das espécies mais abundantes. Foi realizado um estudo de captura, marcação e recaptura em quatro fragmentos de cerrado, nos quais eram dispostos quatro transectos com dez estações de captura cada, espaçadas 10m. As sessões de captura eram realizadas a cada três meses e duravam sete noites. Foram utilizados dois tipos de armadilhas (Shermans e Tomahawks), sendo colocadas, por ponto de captura, uma de cada no chão, e outra no sub-bosque, alternando o tipo. O tamanho das populações foi monitorado utilizando-se o índice MNKA. Estimou-se a razão sexual (Qui-quadrado); a estrutura etária pelo grau de erupção dentária (marsupiais) e peso corporal (roedores). O sucesso de captura total foi de 5,43%, sendo na estação seca maior que na chuvosa. Foram estudados os marsupiais Gracilinanus agilis, Monodelphis domestica, Thylamys sp., e os roedores Oecomys mamorae, Thrichomys pachyurus e Clyomys laticeps. As fêmeas de O. mamorae apresentaram reprodução contínua ao longo do ano. Observaram-se sinais de atividade reprodutiva em fêmeas de T. pachyurus e de G. agilis nos meses de início da estação cheia. A razão sexual de G. agilis foi a única que diferiu de 1:1 (1,5M/1F). As populações de roedores tenderam a apresentar um maior tamanho populacional nos meses de cheia, associado ao recrutamento de jovens. Somente indivíduos adultos de G. agilis foram capturados, apresentando pico populacional coincidente com o auge do período seco. As marcadas estações de seca e cheia influenciam a dinâmica das populações. Todos os fragmentos apresentaram o mesmo padrão de variação no tamanho populacional, sugerindo uma atuação dos fatores regionais na dinâmica local das espécies.

[373] EFFECTS OF THE ALTITUDINAL GRADIENT ON SMALL MAMMALS IN THE URUCUM MOUNTAIN, CORUMBÁ, WESTERN BRAZIL

CACERES, N.C.[1]; FERREIRA, V. L.[2]; CARMIGNOTTO, A. P.[3]

[1] DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA; [2] DEPTO DE CIENCIAS DO AMBIENTE, CPCO, UNIV. FED. DO MATO GROSSO DO SUL; [3] MUSEU DE ZOOLOGIA, UNIVERSIDADE DE SAO PAULO

We carried out a 1-yr study on small mammal richness and diversity across an altitudinal gradient in the Urucum mountains, Corumbá, western Brazil. The mountains average 1000m in altitude, with semideciduous forests covering their slopes, and savannahs and steppes at their tops. Three altitudes were elected to represent the vertical gradient of one of the mountains: 200, 500 and 800m above sea level, all being forested areas. Small mammal richness and diversity were sampled through transect lines of 24 pitfall traps in each altitude, totaling 72 buckets of 108 liters each. Surveys were performed monthly with field phases lasting 5 days. Specimens were collected in order to provide the taxonomic identifications. Results revealed 16 small mammal species (5 marsupials and 10 rodents) within 292 captures. Oligoryzomys (O. fornesi, O. nigripes and O. chacoensis) species were treated here at generic level. Calomys aff. callosus (N = 84 individuals), Oryzomys nitidus (46) and Oligoryzomys spp. (62) were the most common species. The highest numbers were found at higher altitudes: e.g. 500m level for O. nitidus, Oligoryzomys spp. and Proechimys longicaudatus, and 800m for C. aff. callosus ($P<0.01$; g.l.=2; Chi-square test for all). Total abundances were higher at the 500m (154) and 800m (92) but lower at 200m (43), and richness was similar at the three altitudes (13, 13 and 12, respectively). However, diversity (H') varied only slightly with increasing altitude: 2.11; 1.93 and 1.73. Although some species varied in abundance between altitudes, most of them did not, contributing to a general similarity in the species composition ($P=0.39$; N=42; Kruskal-Wallis $H=1.87$). This is not in accordance to the "mid domain effect" hypothesis for altitudinal gradients, which expect a higher diversity in the middle altitudes. However, the proximity to different, more open habitats at the top of the mountain should explain specific altitudinal changes in numbers, such as the C. aff. callosus case, which is usually found in open habitats. However, overall mammal similarities at altitudes of Urucum may be explained by two factors: general forest evenness (although some differences such as canopy height there exists) and environmental plasticity of most species surveyed.

[374] ESTRUTURA DE COMUNIDADES DE PEQUENOS MAMÍFEROS EM UMA ÁREA FRAGMENTADA DE MATA ATLÂNTICA NA SERRA DOS ÓRGÃOS - RJ

GERHARDT, M.[1]; OLIFIERS, N.[2]; TEIXEIRA, B. R.[2]; D'ANDREA, P. S.[2]

[1] MEDICINA TROPICAL, FIOCRUZ; [2] FIOCRUZ

A fragmentação consiste na transformação de uma paisagem natural contínua em fragmentos de habitat original. Este processo afeta a estrutura das comunidades naturais de maneiras diversas, por vezes levando à extinção de espécies. O objetivo deste trabalho é descrever as comunidades de pequenos mamíferos (roedores e marsupiais) em fragmentos florestais na Serra dos Órgãos/RJ. Foram amostrados cinco fragmentos florestais de tamanhos diferentes (04 a 60 hectares aproximadamente) e uma área de mata contínua no Parque Nacional da Serra dos Órgãos. Cada área foi amostrada duas vezes, utilizando-se armadilhas do tipo Sherman e Tomahawk no chão, sub-bosque e dossel da floresta. O entorno das áreas também foi amostrado. Foram capturadas as espécies de roedores Akodon spp., Delomys dorsalis, Trinomys dimidiatus, Trinomys iheringi, Oligoryzomys nigripes, Oxymycterus gr. judex, Sciurus aestuans e Nectomys squamipes; e os marsupiais Didelphis aurita, Philander frenatus, Gracilinanus microtarsus, Marmosops paulensis e Monodelphis gr. americana. Somente as espécies Akodon spp. Oligoryzomys nigripes, Oxymycterus gr. judex e Monodelphis gr. americana foram capturadas no entorno dos fragmentos. Gracilinanus microtarsus foi a única espécie capturada no dossel (somente 1 indivíduo). As espécies Delomys dorsalis, Sciurus aestuans e Marmosops paulensis foram capturados somente na mata contínua. A riqueza variou de 02 a 09 espécies e a abundância de 12 a 108 indivíduos. Não foi observada relação significativa entre a riqueza de espécies e tamanho das áreas amostradas ou suas formas ($Rs=0,714$; N=6; $p=0,110$ e $Rs= -0,714$; N=6; $p=0,110$). Por outro lado, o sucesso de captura aumentou com o tamanho das áreas ($Rs=0,829$; N=6; $p=0,04$), variando de 2,1% a 6,7%. Foi calculado ainda o índice de diversidade de Shannon, que variou de 0,6 a 1,8, sendo maior na área de mata contínua. A equidade, por outro lado, foi maior no fragmento de menor área (Índice Modificado de Hill = 0,92). Observamos que a comunidade de pequenos mamíferos das áreas amostradas tende a ser estruturada em subconjuntos concêntricos ($T=13,37$, $P=0,0048$). Outros sete fragmentos estão sendo amostrados, totalizando assim 12 fragmentos até o final de 2005.

[375] FRUGIVORIA E DISPERSÃO DE ANNONA CRASSIFLORA POR MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE NA FAZENDA APARECIDA DA SERRA, SUDOESTE DE MATO GROSSO

GOLIN, V.; AGUIAR, R. M. F.; MATTOS, F. S.; SILVA, D.; SILVA, J. A.; PEREIRA, M. J. B.

UNEMAT

O araticum-do-cerrado, Annona crassiflora, é uma espécie nativa do cerrado, se destaca por produzir frutos comestíveis e de alto valor nutricional. Portanto torna-se importante conhecer os mamíferos frugívoros e dispersores desta espécie, os quais podem ser essenciais para sua preservação. O objetivo deste trabalho foi de catalogar os mamíferos de médio e grande porte que se alimentam e dispersam os frutos de araticum-do-cerrado. O estudo foi realizado em uma área de 7,6 hectares de cerrado sentido restrito na Fazenda Aparecida da Serra, sudoeste de Mato Grosso. Realizamos visitas semanais com esforço amostral de 10 horas diárias no período de março a abril de 2005. Foram observadas 52 plantas, onde foram coletados os frutos maduros e os parcialmente consumidos por mamíferos para a contagem das sementes. A frugivoria foi observada através de vestígios de pegadas deixadas próximo aos frutos consumidos, e na dispersão foi observado o local e a distância em que foram depositadas partes dos frutos e sementes, também foram coletadas fezes para contagem das sementes de A. crassiflora e realizado teste de germinação com as mesmas. Verificamos que o período de maior consumo foi em abril, devido ao amadurecimento da maioria dos frutos nesse mês e, segundo as observações de campo, Tayassu spp. (cateto ou queixada), Dasypodidae (tatu), Cerdocyon thous (lobete) e mamíferos arborícolas possivelmente se alimentaram dos frutos. Sendo comprovada somente a frugivoria por Tapirus terrestris, considerada uma importante dispersora na área de estudo, devido a maioria das sementes serem defecadas intactas, podendo ser importante na quebra da dormência e aumentando a probabilidade de germinarem. Os locais (interior do cerrado) em que foram depositadas as fezes possivelmente são favoráveis a germinação, ao estabelecimento de novas plântulas, como para a diminuição de sementes predadas por insetos, pois nas fezes ela não eram atacadas. Quanto ao teste das sementes, não houve germinação das sementes retiradas dos frutos nem das fezes durante o período de 55 dias de observação. Assim, com os resultados desse trabalho poderão gerar dados que visem a preservação da espécie A. crassiflora no cerrado, haja visto que ainda são escassas as informações a respeito de seus dispersores.

[376] MAMÍFEROS DA FLORESTA DA USP-RP: A SUCESSÃO DE FAUNA NOS PROCESSOS DE RECOMPOSIÇÃO FLORESTAL

QUERALT, E. A. S.[1]; SANTOS, H. F. D.[2]; RORIGUES, F. P.[3]; DUARTE, J. M. B.[4]

[1] BOTÂNICA, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO- USP-RP; [2] USP-RP; [3] UFSCAR; [4] UNESP-JABOTICABAL

A Mata Atlântica é um dos mais degradados ecossistemas do Brasil e medidas de conservação passam muitas vezes pela recomposição desses ambientes. O Projeto Floresta do Campus da USP-RP, em andamento desde 1998, tem a finalidade de recompor parte da Floresta Estacional Semidecidual nativa, seguindo o modelo de sucessão ecológica das espécies vegetais. O reflorestamento localiza-se no campus da USP-RP, município de Ribeirão Preto-SP (21° 10'33" S e 47° 48'38" W). O presente estudo é parte do projeto Floresta da USP-RP, objetivando avaliar os mamíferos que ocorrem nas diferentes etapas sucessionais das áreas de reflorestamento. Para tanto, foram realizadas identificações dos mamíferos por meio de armadilhas (Tomahawk, Sherman, Pit-fall, redes de neblina), fotos (armadilhas fotográficas) e pegadas entre julho de 2004 a maio de 2005. O mesmo esforço amostral foi realizado em uma área de pastagem (I) e nas três áreas de reflorestamento, de diferentes idades (0 a 1 (II), 1 a 3 (III) e 3 a 6 (IV) anos). O levantamento de espécies registrou (locais entre parênteses): Didelphis albiventris (II e IV), Calomys tener (I, II, III e IV), Bolomys lasiurus (I e III), Oligoryzomys nigripes (I e III), Mus musculus (III), Artibeus lituratus (I, II, III e IV), Artibeus jamaicensis (IV), Platyrrinus lineatus (I e III), Stumira lilium (II e IV), Glossophaga soricina (III e IV), Myotis nigricans (IV), Dasypus novencinctus (IV), Callithryx penicillata (III e IV), Mazama gouazoubira (III e IV), Cerdocyon thous (IV) e Lycalopex vetulus (II). Os roedores tiveram predomínio nos estágios sucessionais iniciais, com destaque para Calomys tener (ocorrendo em todas as áreas). Conforme o estagio sucessional avança, os quirópteros foram substituindo os roedores, tanto em número de indivíduos, quanto de espécies, com o destaque de Artibeus lituratus, também ocorrendo em todas as áreas. O aumento do registro de espécies de maior porte coincide com o aumento do estágio sucessional. Confirmou-se a presença de Lycalopex vetulus nos estágios iniciais de sucessão, sendo o primeiro registro para esta espécie na região de Ribeirão Preto.

[377] MASTOFAUNA DE MÉDIO E GRANDE PORTE NA FAZENDA MANOA, CUJUBIN/RO: UM ESTUDO DE CASO DO IMPACTO DA EXPLORAÇÃO FLORESTAL MANEJADA NA MASTOFAUNA AMAZÔNICA

FERRONATO, M.L.[1]; BONAVIGO, P. H.[2]; MESSIAS, M. R.[2]

[1] BIOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA; [2] UNIR

O trabalho foi realizado na área de Manejo florestal da fazenda Manoa, localizada no município de Cujubim, ao norte do estado de Rondônia a 225 km de Porto Velho, no interfluvio dos rios Madeira e Machado, está área possui 73.015,79 há de Floresta Ombrófila Densa com variações fitofisionômicas. O objetivo foi amostrar a mastofauna de médio e grande porte da área em dois momentos distintos da extração madeireira, ou seja, uma área impactada a dois anos antes do estudo, a qual chamamos de Recém-explorada, outra explorada a oito anos do inicio do estudo, a qual chamamos de Regeneração, e uma área controle, ou seja, inexplorada, além de fazer comparações entre os resultados encontrados na fazenda com demais áreas estudadas no estado, com características semelhantes de vegetação, solo, clima e relevo, tentar fazer uma avaliação superficial do impacto causado pela extração madeireira. A Fazenda é próxima a importantes reservas biológicas e de rendimento sustentável formando um bloco florestal de aproximadamente 500.000 há. Utilizamos a metodologia de transecção linear para extrair dados qualitativos, vestígios e avistamentos fora do censo para obtenção de dados quantitativos. O método de Kelker para o cálculo de densidade foi utilizado para as espécies Cebus apella (Macaco-prego), nos pontos amostrais Recém-explorado e Controle e para Dasyprocta fuliginosa (Cutia-preta) no ponto amostral Recém-explorado, pois estes tiveram mais de 20 registros, necessários para maior confiabilidade da analise estatística. Para estimar abundância utilizamos taxas de avistamentos por 10 quilômetros percorridos, o ponto amostral que teve a maior taxa foi Recém-explorado, seguido por Controle e Regeneração. Observasse que as taxas encontradas nos pontos amostrais de Manoa, quando comparadas com outros sítios estudados no estado têm abundância iguais ou maiores do que tais áreas, mesmo àquelas impactadas a pouco tempo. Detectaram-se 32 espécies de mamíferos, somados todos avistamentos, vestígios e avistamentos fora do censo em 59 dias de campo no período de Janeiro de 2004 à Abril de 2005; Uma riqueza de espécies compatível com outras áreas de Floresta Amazônica

[378] PADRÃO DE VARIAÇÃO ESPACIAL E TEMPORAL NO USO DE HABITAT E ABUNDÂNCIA DE PEQUENOS MAMÍFEROS NO SUL DO BRASIL

SCHEIBLER, D. R.

ZOOLOGIA, UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Inferências sobre ocupação de habitat e abundância de pequenos mamíferos para a área de estudo são mais freqüentemente feitas através de estudos de marcação e recaptura que usualmente utilizam um ou poucos locais de amostragem. Contudo, tais parâmetros poderiam variar entre locais, especialmente em mosaicos ambientais, como por exemplo: entre fragmentos ou manchas de habitat. Aqui, eu examino padrões espaciais e temporais no uso de habitat e abundância dos cinco pequenos mamíferos mais abundantes em agroecossistemas em Venâncio Aires (29o36'''S, 52o11'''W), RS, avaliando o número de indivíduos/ha em quatro cultivos de milho e 26 capoeiras entre janeiro/1999 e novembro/2004. Ao todo, 1864 espécimes foram capturados. O roedor exótico Mus musculus foi largamente dominante nos cultivos (média ± DP = 80,86 ± 41,33 ind/ha). Nas capoeiras, sua abundância (18,77 ± 27,80 ind/ha) flutuou consideravelmente de mês a mês, bem como, entre locais e estações, sendo mais abundante no inverno e relativamente raro no verão e primavera. Apesar de menos acentuadamente, a abundância das espécies nativas também flutuou marcadamente nas capoeiras, temporal e espacialmente. Nelas, A. paranaensis foi a mais abundante (35,77 ± 20,47 ind/ha), sendo ligeiramente menos capturado no inverno e primavera. O marsupial Monodelphis dimidiata também foi comum (17,34 ± 13,40 ind/ha), sendo mais capturado no inverno e primavera. Duas espécies apresentaram densidades comparativamente baixas: Oligoryzomys nigripes (6,01 ± 6,52 ind/ha), mais abundante no inverno e primavera, e Necromys lasiurus (3,76 ± 6,52 ind/ha), mais abundante no inverno. Porém, diferentemente dos outros, N. lasiurus apresentou baixa freqüência de ocorrência (38% das 26 capoeiras). Meus resultados mostram que a composição e proporções de abundância entre espécies na comunidade variam consideravelmente entre capoeiras, temporal e espacialmente, e não seria possível inferir corretamente tais parâmetros para a área de estudo com base em um ou poucos locais de amostragem. Os resultados também sugerem que M. musculus utiliza capoeiras primariamente como "refúgios" quando áreas adjacentes cultivadas, mais favoráveis, encontram-se altamente modificadas pelas práticas agrícolas, refletindo seu potencial de colorização e oportunismo. As espécies nativas, por outro lado, são mais especialistas de habitat, pois foram encontradas predominantemente nas capoeiras, que são ambientes mais estáveis. Financiamento: FAPESP (processo 04/09749-5)

[379] PADRÕES DE HABITAT DA COMUNIDADE DE PEQUENOS MAMÍFEROS DO PARQUE ESTADUAL DA FONTE GRANDE, VITÓRIA, ESPÍRITO SANTO

CALDARA JR., V.; PAVAN, S.E.O.; REGO, R. P.; LEITE, Y. L. R.

[1] DEPTO CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

Estudos sobre a comunidade de pequenos mamíferos são importantes para elaboração de planos de manejo para reservas biológicas, pois indivíduos desse grupo desempenham diversos papeis ecológicos. Assim, considerando-se a grande plasticidade ecológica existente entre estes animais, é possível assumir que espécies simpátricas utilizam o habitat e seus recursos de maneira diferenciada. O objetivo desse estudo foi definir padrões de habitat e microhabitat na área do Parque Estadual da Fonte Grande (PEFG), relacionando a sua utilização horizontal (entre os padrões de habitat) e vertical (entre os estratos do habitat) pela comunidade de pequenos mamíferos. O PEFG, situado em meio à áreas urbanas do município de Vitória (ES), possui 218 hectares de extensão. Sua área, originalmente coberta por floresta exuberante, encontra-se hoje sob predomínio de mata secundária e forte pressão antrópica. Realizaram-se 5 campanhas de coleta, entre agosto de 2004 e março de 2005, perfazendo um esforço amostral de 5724 armadilhas-noite. Foram confeccionados 15 transectos, dispostos pelos diversos tipos de vegetação do PEFG. Utilizaram-se armadilhas do tipo gaiolas com sistema de gancho. A caracterização dos padrões de habitat e de microhabitat foi obtida analisando-se diversas variáveis dos microhabitats pelo método estatístico PCA. Para o teste de hipóteses utilizou-se o método qui-quadrado. Foram coletados 84 indivíduos, dentre marsupiais: Caluromys philander (1%), Didelphis aurita (15%), Marmosa murina (46%) e Metachirus nudicaudatus (2%); e roedores: Phyllomys pattoni (10%), Rattus rattus (23%) e Sciurus aestuans (1%). Os padrões de habitat encontrados entre os transectos foram denominados pela vegetação dominante (Capoeira, Capoeirinha, Macega, Pastagem e Bambuzal). Nenhuma das espécies analisadas apresentou preferência significativa pela utilização de qualquer padrões habitat. Não foram identificados padrões discretos de microhabitat, pois a maioria destes apresentou grande continuidade em sua variação. Os microhabitats onde houve capturas também não apresentaram nenhum padrão especial. Marmosa murina apresentou-se de hábito arborícola, que o aliado a sua grande abundância, é associado em outros estudos à fragmentação do habitat. Didelphis aurita demonstrou hábito escansorial. Rattus rattus confirmou-se com hábito terrícola. Sua forte presença pode indicar a degradação do hábitat.

[380] PADRÕES DE USO DO HABITAT PELA COMUNIDADE DE PEQUENOS MAMÍFEROS NA APA DO PICO DA IBITURUNA, GOVERNADOR VALADARES, MG.

MORAIS, B. S.[1]; SOARES, I. M.[2]

[1] LABORATÓRIO DE ZOOLOGIA, UNIVERSIDADE VALE DO RIO DOCE - UNIVALE; [2] UNIVERSIDADE VALE DO RIO DOCE - UNIVALE

A supressão das formações vegetais ligadas ao processo de expansão agropecuária influencia o padrão de uso dos ambientes pelas comunidades faunísticas. Em decorrência disso, estudos sobre a utilização do habitat por essas comunidades são importantes para que sejam definidos planos de ação para a conservação da diversidade remanescente. O presente trabalho foi realizado na APA do Pico da Ibituruna, Governador Valadares (18°51'12"S e 41°58'14"W), MG. A região de estudo se insere nos domínios da Mata Atlântica, sendo formada por fragmentos florestais e por extensas áreas de pastagem. O objetivo deste estudo foi analisar a riqueza e a abundância de pequenos mamíferos em dois ambientes (floresta e pastagem). Foram utilizadas 30 armadilhas do tipo pitfall de 60 litros, sendo 15 colocadas em cada ambiente de estudo, espaçadas de 10 em 10 metros lineares. As coletas ocorreram de maio a outubro de 2004, totalizando 3.135 armadilhas/dia. Foram capturados 54 indivíduos distribuídos em 11 espécies, sendo uma espécie de roedor em fase de identificação, incluídas em 2 famílias: Didelphidae (Marmosops incanus, Gracilinanus microtarsus, Monodelphis americana, Didelphis aurita); Muridae (Calomys laucha, Oligoryzomys nigripes, Akodon cursor, Rhipidomys mastacalis, Oryzomys subflavus, Bolomys lasiurus). Na floresta foram capturados 19 indivíduos de 7 espécies. Na pastagem foram capturados 35 indivíduos incluídos em 7 espécies. Marmosops incanus, Gracilinanus microtarsus e Oligoryzomys nigripes foram as únicas espécies capturadas nos dois ambientes, sendo que a última demonstrou preferência pela pastagem. Gracilinanus microtarsus se apresenta como dominante na área florestal. Calomys laucha, Akodon cursor, Oryzomys subflavus e Bolomys lasiurus foram capturadas somente no ambiente de pastagem. Verificou-se que ambientes com estrutura arbórea apresentam maior riqueza e abundância de marsupiais que ambientes de pastagem, mais intensamente utilizados por roedores. A intensa degradação no Pico da Ibituruna pode estar influenciando no padrão de uso do habitat pela comunidade do grupo estudado. O trabalho demonstra que os dois ambientes pesquisados são importantes para a conservação de pequenos mamíferos, devido à presença de espécies exclusivas nos mesmos. Entretanto, estes ambientes devem ter o manejo adequado a fim de buscar a sustentabilidade do ecossistema como um todo.

[381] RELAÇÃO ENTRE O TAMANHO DE FRAGMENTOS NATURAIS DE CERRADÃO E A ESTRUTURA DA COMUNIDADE DE PEQUENOS MAMÍFEROS DURANTE A ESTAÇÃO SECA, BRASÍLIA DF

MENDONÇA, A.F.[1]; HENRIQUES, R.[2]; BRAGANÇA, J.[3]

[1] PROJETO ARPA, MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE; [2] UNIVERSIDADE DE BRASILIA; [3] MRS CONSULTORIAS AMBIENTAIS

Foi estudada a variação da estrutura das comunidades de pequenos mamíferos em três fragmentos naturais de cerradão cercados por cerrado sensu strictu. Os fragmentos estavam localizado na APA Gama-Cabeça de Veado e possuiam áreas aproximadas de 30 ha, 3,4 ha e 0,5 ha,. Os animais foram amostrados pelo método de captura e recaptura utilizando 80 armadilhas do tipo "Sherman" por fragmento em dois períodos de 15 dias; de abril a maio de 2002 e de julho a agosto de 2002. As armadilhas foram dispostas em uma transeção com os pontos de coleta distantes 10 m, os pontos de coleta consistiam de uma armadilha no alto e outra no chão. O esforço total de captura foi de 7.200 armadilhas/noites. Foram registrados 840 capturas distribuidas em 8 espécies: Oryzomys gr. subflavus, Calomys callosus, Bolomys lasiurus, Rhipidomys macrurus, Gracilinanus agilis, Thalpomys lasiotis, Didelphis albiventris e Monodelphis americana. O fragmento médio apresentou maior riqueza (N=5), seguido pelo pequeno (N=4) e pelo grande (N=3), isso se deve a presença de espécies da matriz presentes nos fragmentos médio e pequeno, possivelmente devido ao efeito de borda mais marcado. O fragmento grande apresentou as maiores diversidade e equitabilidade (H=0,54, J=0,49),' seguido pelo fragmento médio (H=0,38, J= 0,23) e pelo pequeno (H=0,29, J=0,20). A maior similaridade foi entre os fragmentos grande e o pequeno (S=0,57), devido ao pequeno número de espécies encontradas nestes dois fragmentos. A espécie dominante foi G. agilis com 88,3% das capturas, seguido por R. mastacalis e O. gr. subflavus com 5,4% e 5,2% respectivamente. G. agilis representou cerca de 78% das capturas no fragmento grande, 90% no médio e 92% no pequeno, sendo que a menor proporção de capturas no fragmento grande pode ser influenciada pela presença de outra espécie arborícola (R. mastacalis), possivelmente devido a alguma competição entre essas espécies. Além disso, nos fragmentos médio e pequeno a maior influencia da matriz acarreta em um adensamento do sub-bosque, podendo influenciar positivamente G. agilis. Estes resultados sugerem que o tamanho do fragmento influencia a estrutura da comunidade de pequenos mamíferos e que fragmentos maiores apresentam índices de diversidade e equitabilidade mais elevados

[382] RELATOS SOBRE ASPECTOS ECOLÓGICOS DE ALGUMAS ESPÉCIES DE MAMÍFEROS NO BRASIL

REIS, L. M.[1]; TORRES, O.[2]; BOCCHIGLIERI, A.[3]

[1] DIFAP/CGFAU/COFAU, IBAMA; [2] FUNATURA; [3] DEA/MMA

Este trabalho é um relato de algumas observações sobre aspectos de ecologia de algumas espécies de mamíferos registradas nos últimos anos. Em 1995 observou-se um infanticídio de um jovem macho de suçuarana – Puma concolor, com aproximadamente um ano, por um macho adulto em áres de Cerrado no município de Unaí, (MG). No mesmo local, em 1996, registrou-se a predação de um indivíduo macho adulto de lobo guará – Chrysocyon brachyurus, por uma suçuarana adulta, onde após o abate o lobo-guará foi arrastado por aproximadamente 400m, até um capão de mata e parcialmente consumido nos dois dias seguintes. Também em 1996 no Rio Tocantins foi observado o comportamento de forrageamento um boto-vermelho - Inia geoffrensis, onde este empurrava com o próprio corpo um cardume de pequenos peixes contra um banco de areia, saindo totalmente da água e com movimentos ondulatórios capturava os peixes que ficavam saltando sobre a areia e voltava ao rio. Este comportamento se repetiu por várias vezes até a dispersão do cardume Em outra observação sobre estratégias de forrageamento (1999), foi observado um grupo de ariranhas – Pteronura brasiliensis caçando junto a um barranco do Rio Araguaia (Parque Estadual do Cantão – TO), permanecendo a uma distância de aproximadamente dez metros do barranco, deslocando-se e mergulhando, em movimento de ida e volta subindo o rio. Junto ao grupo de ariranha, a uma distancia de aproximadamente 50 metros do barranco, havia dois individuos de boto-vermelho – Inia geoffrensis, que acompanharam o grupo de ariranha praticando a mesma movimentação das ariranhas durante todo o período de observação (aproximadamente 1 hora). Foi observada a captura de três peixes por parte das ariranhas, sendo um de grande porte que foi consumido por um adulto juntamente com os filhotes sobre um tronco caído na margem. O ultimo relato é sobre a utilização de frutos de pequi – Caryocar Brasiliensis por um indivíduo fêmea adulta de veado-campeiro – Ozotoceros bezoarticus, na região de transição Cerrado/Caatinga (cerrado sobre areia) no município de Correntina (BA). Apesar de oportunistas, estes relatos são importantes formas de informação na tentativa de diminuir a grande carência de dados sobre a mastofauna brasileira.

[383] TEMPO DE PASSAGEM, TESTES DE GERMINAÇÃO E DISPERSÃO DE SEMENTES DO TRATO DIGESTÓRIO DE ANIMAIS DO PARQUE ECOLÓGICO DA KLABIN, TELÊMACO BORBA, PR.

VEDUATTO, P. M. M.[1]; ROCHA, V. J.[2]

[1] BIOLOGIA ANIMAL E VEGETAL, UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA; [2] KLABIN/PR

Os animais são importantes dispersores de sementes na natureza, pois, podem ingeri-las inteiras e, com isso, transportá-las para outros lugares, onde defecam, e sob boas condições do ambiente, germinam longe da planta-mãe. Dessa forma, as sementes podem ter um maior sucesso no seu desenvolvimento. Este trabalho se propôs a responder perguntas, como: animais em cativeiro também dispersam sementes? Qual a ação que os animais exercem sobre estas ao se alimentarem? Quanto tempo as sementes levam para passar pelo trato digestório dos animais? As sementes que passaram pelo trato digestório dos animais, são beneficiadas por este processo? Germinam antes das sementes-controle? Os estudos foram realizados no Parque Ecológico da Fazenda Monte Alegre, em Telêmaco Borba, Paraná, Brasil, de 11.196 ha, onde foi estudada a ecologia da dispersão de sementes de três espécies de palmeiras, Syagrus romanzoffianum (jerivá), Euterpe edulis (palmito) e Butia eriospatha (butiá) por dois mamíferos, Chrysocyon brachyurus (lobo-guará) e Tapirus terrestris (anta). Foram feitas observações diretas dos animais se alimentando em seus recintos e testes, em laboratório, para determinar a viabilidade e a germinação das sementes que passaram pelo trato digestório destes animais. Os resultados indicaram que Chrysocyon brachyurus dispersou sementes de Syagrus romanzoffianum e Butia eriospatha, mas apenas as sementes-controle desta última germinaram. Tapirus terrestris dispersou sementes de Syagrus romanzoffianum, que germinaram antes das sementes-controle, mas atuou como predador para as sementes de Euterpe edulis. Concluiu-se, então, que Chrysocyon brachyurus e Tapirus terrestris, foram dispersores de sementes, mas apenas Tapirus terrestris é um dispersor eficiente, pois as sementes que dispersa podem germinar.

[384] USO DIFERENCIAL DOS ESTRATOS DA FLORESTA POR PEQUENOS MAMÍFEROS NA RPPN SERRA DO TEIMOSO, JUSSARI, BA

BARRETO, R. M. F.[1]; CASSANO, C. R.[2]; VIEIRA, E. M.[3]

[1] PPG ZOOLOGIA-DCB/NÚCLEO DE BIODIVERSIDADE, UNIVERSIDADE EST DE STA CRUZ/INST DE ESTUDOS SÓCIOAMB DO SUL DA BAHIA; [2] UNIV EST DE STA CRUZ/INST DE ESTUDOS SÓCIOAMB DO SUL DA BAHIA; [3] UNISINOS-UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

Mamíferos são pouco representados nos estudos sobre vertebrados arborícolas, sendo grupo importante para o conhecimento da biodiversidade nas florestas tropicais. O presente estudo, realizado durante o III Curso de Ecologia de Dossel- UNICAMP/UESC, teve como objetivo identificar a estratificação da comunidade de pequenos mamíferos em fragmento de Floresta Atlântica em Jussari, BA. Foram utilizadas armadilhas "live-trap" em três estratos. As armadilhas instaladas no solo e no sub-bosque foram dispostas ao longo de uma trilha. Para o dossel, seis árvores emergentes foram acessadas e, a partir destas, as armadilhas foram alocadas nas mesmas e nas árvores localizadas ao redor. Um dos indivíduos capturados foi monitorado através de carretel para acompanhamento da utilização dos estratos. O esforço amostral no solo, sub-bosque e dossel foi de 292, 200 e 116 armadilhas.noite, respectivamente. O sucesso de captura total foi de 0,8% e nos respectivos estratos foi de 0%, 0,5% e 3,4%. Uma única espécie, Rhipidomys mastacalis, foi capturada durante o estudo. O monitoramento com carretel foi realizado com o único indivíduo capturado no sub-bosque. Na primeira vistoria da linha, o animal foi encontrado em repouso, a 3m de altura, próximo ao local de soltura. Na segunda, a linha indicou seu deslocamento para o dossel, sendo visualizada posteriormente na copa de uma árvore à 20m de altura. O sucesso de captura total foi baixo, contudo, o sucesso de captura no dossel foi elevado em relação a estudos que têm amostrado esse estrato. A riqueza de espécies pequena pode ser explicada pelo baixo sucesso de captura e pela ausência de capturas no solo. Rhipidomys mastacalis é uma espécie arborícola registrada em vários estudos realizados no sul da Bahia, incluindo áreas de cacau. Os resultados obtidos confirmam o hábito arborícola da espécie, com utilização predominante do dossel. A metodologia utilizada para instalação das armadilhas em dossel foi inédita, posicionando-as diretamente nos galhos, dispensando uso de plataformas. Isto pode ter influenciado a taxa de captura, entretanto, uma melhor explicação para o grande sucesso de captura no dossel pode estar relacionada ao fato da vegetação ser primária e possuir um estrato superior bastante desenvolvido com grande disponibilidade de recursos.

[385] VARIAÇÃO NA RIQUEZA E NA ABUNDÂNCIA DE PEQUENOS MAMÍFEROS DURANTE O PERÍODO SECO E CHUVOSO, EM FRAGMENTOS FLORESTAIS NO MATO GROSSO.

SANTOS-FILHO, M.[1,2]; DIAS, D.J.[1,2]; SANAIOTTI, T.M.[1]

[1]INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISA DA AMAZÔNIA/INPA, [2]UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO/UNEMAT

Dentro da comunidade de pequenos mamíferos algumas espécies respondem diferentemente às mesmas flutuações do meio ambiente ao longo do ano. A magnitude do período de seca e de chuva varia de ano para ano, e com isso a disponibilidade de recursos que vai definir a sobrevivência de algumas espécies principalmente em locais fragmentados. Oito fragmentos foram estudados durante o ano incluindo os dois períodos. Para captura foram utilizados armadilhas Sherman, Tomahawk, Snap trap e Pitfall, durante 10 dias consecutivos, totalizando 17.600 armadilhas/noite. O sucesso total de captura nas duas estações foi de 4,4%. Durante o período chuvoso o sucesso foi de 1,9% e no período seco 2,5%. Não houve diferença significativa (teste t pareado) na abundância total. Quando analisados separadamente os roedores também não foram significativos. Já a abundância dos marsupiais foi inversamente proporcional a quantidade de chuvas, sendo maior em todos fragmentos estudados (test t pareado, T= 3,017, P = 0,017). Durante o período de seca foram capturados 68,7% (n = 158), enquanto que durante o chuvoso 31,3% (n = 72). Duas espécies foram mais abundantes Mermosops noctivagus e Micoureus demerarae. Para riqueza total tivemos 14 espécies durante o período chuvoso, sendo 10 roedores e quatro marsupiais e 18 durante a estação de seca, 11 roedores e sete marsupiais. Não houve diferenças significativas na riqueza entre as estações. As diferenças na abundância de marsupiais entre as estações podem ser explicadas devido a uma maior oferta de alimento no ambiente durante o período chuvoso e por isso as iscas tornam-se menos atrativas, evitando assim as armadilhas. No período de seca isso inverte, pois durante as chuvas a maioria das espécies está com poucos adultos na população e muitos jovens que não caem na maioria das armadilhas. O acréscimo de quatro espécies durante a seca, também pode ser explicado pela baixa disponibilidade de recursos. Na estação chuvosa foi capturado 27% a mais de roedores que durante a seca, incrementada com muitos jovens que caíram em Pitfalls. As duas espécies de marsupiais mais abundantes são consideradas oportunistas e se beneficiam com áreas alteradas como fragmentos.

Levantamento

[387] AMOSTRAGEM DE MAMÍFEROS TERRESTRES ATRAVÉS DE PEGADAS EM QUATRO ÁREAS DE REFLORESTAMENTO NO ESTADO DE SÃO PAULO.

MENDONCA, L.[1]; MAFFEI, F.[2]; MAIA, J. L. S.[3]; COELHO, A. R.[3]

[1] ZOOLOGIA, UNICAMP; [2] UNIVERSIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO; [3] DURATEX

A observação de mamíferos terrestres nos países neotropicais é dificultada por certas limitações impostas pelas características discretas de nossos animais, como a baixa densidade local de certas espécies, o tamanho de suas áreas de vida e seus hábitos, na maioria das vezes noturnos. A identificação de pegadas de mamíferos terrestres, principalmente de médio e grande porte, vem sendo muito utilizada para registro das espécies. O presente trabalho teve como objetivo levantar as espécies de mamíferos terrestres através do registro de pegadas em quatro áreas do estado de São Paulo formadas por vegetações originais, reflorestamentos de pinus e eucalipto. As áreas amostradas localizam-se próximas aos municípios de Agudos (Fazenda Monte Alegre), Lençóis Paulista (Faz. Rio Claro), Angatuba (Faz. Rio das Pedras) e Buri (Faz. Santa Maria II). As pegadas encontradas foram identificadas através do uso de dois guias de campo e registradas com fotografias e moldes em gesso para comparações posteriores. A procura dos rastros foi feita entre as quadras de pinus e eucalipto, próximas ou não das áreas de conservação, durante os meses de setembro de 2004 e julho de 2005. Foram registradas 21 espécies de 5 ordens: tamanduá-bandeira (Myrmecophaga tridactyla), tamanduá-mirim (Tamandua tetradactyla), tatu-multa (Dasypus septemcinctus), tatu-galinha (D. novemcinctus), gato-mourisco (Herpailurus yagouaroundi), gato-do-mato (Leopardus cf. tigrinus), jaguatirica (Leopardus pardalis), onça-parda (Puma concolor), cachorro-do-mato (Cerdocyon thous), lobo-guará (Chrysocyon brachyurus), mão-pelada (Procyon cancrivorus), irara (Eira barbara), quati (Nasua nasua), lontra (Lutra longicaudis), capivara (Hydrochaeris hydrochaeris), paca (Cuniculus paca), cutia (Dasyprocta sp.), ratão-do-banhado (Myocastor coypus), veado-catingueiro (Mazama gouazoubira), veado-mateiro (Mazama americana), cateto (Tayassu tajacu) e lebre-européia (Lepus europaeus). As áreas que apresentaram o maior número de espécies foram Angatuba (16) e Agudos (16), seguido de Lençóis Paulista (15) e Buri (12). Em 3 áreas foi registrada a presença da lebre-européia (espécie exótica invasora), e em nenhuma delas houve a presença de rastros do tapeti (Sylvilagus brasiliensis). O método de registro de pegadas é bastante adequado, principalmente, para o registro de carnívoros e animais de hábitos noturnos, que técnicas de amostragem tradicionais podem acabar negligenciando, devido às características desses animais.

Genética

[386] COMPOSIÇÃO CARIOTÍPICA EM ALGUMAS ESPÉCIES DE MARSUPIAIS E ROEDORES DA CHAPADA DIAMANTINA (BAHIA – BRASIL)

PEREIRA, L. G.[1]; GEISE, L.[2]

[1] DEPARTAMENTO DE GENÉTICA, CCS, UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO; [2] ZOOLOGIA, UERJ

A Chapada Diamantina (CD) está localizada no estado da Bahia entre as coordenadas 11o - 14o S e 41o - 43oW, fazendo parte da Serra do Espinhaço. Existe uma grande diversidade de habitats dentro desta Chapada, com áreas alagadas (Marimbus), Caatinga, florestas úmidas e secas, Cerrado e Campo Rupestre, assim como áreas de transição entre eles. A ocorrência de três Biomas (Mata Atlântica, Cerrado e Caatinga) e áreas de transição leva a uma composição da mastofauna interessante, podendo ser encontradas espécies de diferentes biomas convivendo em simpatria. Neste trabalho, 259 espécimes de pequenos mamíferos das ordens Didelphimorphia (seis gêneros e seis espécies) e Rodentia (duas famílias, cinco tribos da sub-família Sigmodontinae, nove gêneros e 11 espécies) foram coletados durante o trabalho de campo (44 noites de armadilhamento em janeiro/fevereiro de 2002, abril/maio e setembro de 2004). Para auxiliar na correta identificação específica bem como avaliar o grau de variação genética dentro destes espécies, foi realizada análise citogenética. As preparações cromossômicas foram obtidas em 145 indivíduos dentre as seguintes espécies: Didelphimorphia - Marmosops incanus (2n=14, NF=24), Gracilinanus agilis (2n=14, NF=20) e Monodelphis domestica (2n=18, NF=22); Rodentia - Akodon aff. cursor, Necromys lasiurus (2n=34, NF=34), Oryzomys gr. subflavus, Oligoryzomys fornesi (2n=62, NF=64), O. nigripes (2n=62, NF=82), O. rupestris (2n=46, FN=52), Calomys expulsus (2n=66, NF=68), Rhipidomys macrurus (2n=44, NF=48), Wiedomys sp. (2n=62) e Thrichomys inermis (2n=28, NF=48). A maioria dos indivíduos coletados não apresentou variação cariotípica na amostra e em relação ao descrito na literatura. Porém, variação cromossômica numérica foi encontrada em dois espécimes de Akodon aff. cursor (com redução do número diplóide de 16 para 15, o número fundamental não foi alterado pois o cromossomo em falta é um X) e em um indivíduo de Oryzomys gr. subflavus (2n=51, NF=65, ao invés de 2n=50, NF=64). Foi também observada variação estrutural no cariótipo de sete indivíduos de Oryzomys gr. subflavus, mostrando um par a mais de cromossomos metacêntricos (NF = 66).

[388] AS DIVERSAS MASTOFAUNAS DAS CAATINGAS DA BAHIA E DE PERNAMBUCO.

VALLE, Y.[1]; OLIVEIRA, M. A.[2]; MELO, L. C. O.[3]; SILVA, L. A. M.[4]; SANTOS, E. M. D.[5]

[1] GEOGRAFIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO; [2] UFRPE; [3] UFPB; [4] UNB; [5] UFRN

Ambientes mésicos, como as Caatingas do Semi-árido brasileiro, só recentemente têm recebido a atenção devida da comunidade científica. Novos inventários vêm desmistificar a idéia de que a fauna associada ao bioma Caatinga é pobre em endemismos e adaptações. Para inventariar a mastofauna foram utilizados os métodos: de captura (usando cerca de 100 armadilhas Tomahawk pequenas e médias, em transectos lineares) e de busca ativa sistemática (através de vestígios e observações diretas). Entre julho de 2004 e junho de 2005 foram amostradas, em ambas estações típicas do bioma (seca e chuvosa), as seguintes localidades situadas na Região do Submédio São Francisco: Petrolândia, Lagoa Grande, Santa Maria da Boa Vista, Orocó e Cabrobó em Pernambuco e Curaçá na Bahia. As áreas de Pernambuco correspondem à área 17 (Vale do Sertão Central) como prioritária para investigação científica e, juntamente com a localidade da Bahia correspondem à área 39 (Curaçá), de extrema importância biológica, definidas no documento "Avaliação e Ações Prioritárias para Conservação da Biodiversidade do Bioma Caatinga (PROBIO/MMA)". Aos dados, foram aplicados os índices de similaridade (Brey-Curtis) e diversidade (Shannon & Winer). Fatores como o grau de urbanização e outras formas de pressão antrópica, como os níveis de conservação e o estado das unidades de conservação e das áreas de preservação permanente são discutidos e comparados. Em relação ao método de captura, a maior diversidade foi identificada para Petrolândia e maior similaridade encontrada entre Petrolândia e Lagoa Grande. Quando comparadas duas a duas, não houve compartilhamento entre as áreas levantadas em Lagoa Grande e Curaçá e entre Curaçá e Petrolândia. Quanto à busca ativa sistemática: a maior diversidade foi encontrada para Lagoa Grande, a maior similaridade entre Petrolândia e Cabrobó e a menor similaridade entre as localidades de Pernambuco e a localidade do Curaçá na Bahia, mostrando que o Rio São Francisco parece está agindo como uma barreira na dispersão da mastofauna terrestre. A diversidade vegetacional das caatingas do Nordeste brasileiro parece se refletir na variedade mastofaunística encontrada no presente trabalho. Palavras-Chave: Caatinga, Inventário, Diversidade da mastofauna.

[389] AVALIAÇÃO DA RIQUEZA DE ESPÉCIES DE MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE EM UM FRAGMENTO DE VEGETAÇÃO DE CERRADO (SÃO CARLOS-SP)

PIRES, J. S. R.[1]; ESPARTOSA, K. D.[2]

[1] UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS; [2] DEPARTAMENTO DE HIDROBIOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

O Cerrado representa 23% do território nacional, e vem sofrendo uma intensa degradação ambiental ameaçando a estabilidade desse ambiente e a perda de sua biodiversidade. Grandes mamíferos que habitam o Cerrado têm sofrido com a caça e a redução de recursos devido a fragmentação. Tendo em vista que estes animais precisam de uma ampla gama de recursos e processos para se manterem no ambiente, sua diversidade pode refletir a complexidade ambiental. Para a avaliação de um fragmento de cerrado na região central do Estado de São Paulo, a riqueza de mamíferos de médio e grande porte foi levantada por meio de indícios como rastros, visualização, vocalização e entrevistas com moradores locais. Foram realizados 26 dias de coleta em campo. Para o registro de rastros foram dispostas, em uma trilha, 78 parcelas de areia de 0,5 x 0,5 m a cada 50m. Foram levantadas 16 espécies de mamíferos no período de março a novembro de 2004, a partir de rastros, visualização e vocalização. As entrevistas registraram mais sete mamíferos de médio e grande porte. Foi observado que o lobo-guará (Chrysocyon brachyurus), e a onça-parda (Puma concolor) foram as espécies que mostraram uma das maiores abundância de rastros, refletindo o hábito cursorial. A alta freqüência relativa de rastros para gambá (Didelphis sp.) e cutia (Dasyprocta sp.) pode indicar maior densidade destes indivíduos na área de estudo. P. concolor e C. thous foram mais registrados na fisionomia de cerradão, enquanto Didelphis sp. foi mais registrado na fisionomia de campo sujo. O fragmento mostrou abrigar um número de espécies de mamíferos de médio e grande porte semelhante ao registrado em áreas maiores, o que pode ser um indicativo de que esta área é um importante refúgio para as espécies da região. O número de espécies existente em uma área é importante como indicador do seu potencial, mas o valor real da área está em sua habilidade de manter populações de espécies viáveis em longo prazo. Isso reforça a necessidade de um maior cuidado e manejo responsável no entorno da área, que vem sofrendo inúmeros impactos antrópicos.

[390] CARACTERIZAÇÃO DA MASTOFAUNA NA ÁREA DE CONFLUÊNCIA DOS AMBIENTES AMAZÔNICOS E DE CERRADO NA REGIÃO DO RIO TOCANTINS, MA – TO.

QUIXABA-VIEIRA, ODGLEY[1]; DIAS, P. A.[3]; SANTOS, J. P. D.[3]; PAULA, R. C.[3]; OLIVEIRA, T. G.[4]

[1] ESTUDOS DE MASTOFAUNA, NUPEC; [3] NUPEC; [3] CENAP-IBAMA/PRÓ-CARNÍVOROS; [4] UEMA/PRÓ-CARNÍVOROS

A região do rio Tocantins entre Estreito (MA) e Palmeirante (TO) é coberta em grande escala por ambientes da fisionomia do Cerrado, mas com uma marcante influência amazônica na porção norte. O Estado do Maranhão, localizado na região de confluência de três grandes biomas brasileiros (Amazônia, Cerrado, Caatinga), apresenta uma grande variedade de ecossistemas e, por conseguinte, uma considerável riqueza faunística e florística. De certa forma o mesmo se aplica ao Estado do Tocantins. Entretanto, devido as suas grandes dimensões, muito pouco se conhece sobre suas faunas mastozoológicas. Este trabalho objetivou fazer um levantamento das espécies de mamíferos que ocorrem na área de influência da futura Usina Hidrelétrica de Estreito-Tupiratins (UHE Estreito), caracterizando essas comunidades mastozoológicas. Procurou-se ainda fazer uma macro-avaliação da situação da fauna, em especial das espécies ameaçadas de extinção. A identificação das espécies foi feita através da técnica de captura-recaptura, para pequenos mamíferos, visualização direta e indireta (ossos, rastros, fezes etc.), para mamíferos de médio-grande porte e, redes de neblina ("mist-nets") para a captura de mamíferos voadores (quirópteros). Os resultados foram complementados com entrevistas a alguns moradores locais. Registrou-se a ocorrência de 83 espécies, agrupadas em 10 ordens e 28 famílias, sendo 13 ameaçadas de extinção. A mastofauna apresentou características tipicamente do bioma Cerrado, mas com uma nítida influência amazônica na área de contato entre estes dois biomas na região do rio Farinha em Estreito. A diversidade encontrada mostrou-se elevada, mas com uma baixa quantidade. A despeito das inúmeras pressões antrópicas, a região ainda apresenta importância no contexto da conservação da mastofauna dos cerrados do norte do Brasil.

[391] COMPOSIÇÃO DA MASTOFAUNA DE PEQUENO PORTE NÃO-VOADORES DA REGIÃO DA TERCEIRA VARGEM DO PARQUE DAS NASCENTES, BLUMENAU-SC.

VENÂNCIO, F. J.[1]; TESTONI, A. F.[2]; TESTONI, C.[2]; LAPS, R. R.[2]; ALTHOFF, S. L.[2]

[1] DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS NATURAIS, UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU - FURB; [2] UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU

O presente estudo foi realizado no Parque Natural Municipal Nascentes do Ribeirão Garcia, que se localiza ao sul da cidade de Blumenau, possuindo uma área de 5.326 hectares de Mata Atlântica. O estudo tem como objetivo levantar a diversidade da fauna de pequenos roedores e marsupiais de uma área central do Parque, denominado Terceira Vargem. No local de coleta foram abertos três transectos de 300 metros com espaçamento de 10 metros entre eles, onde foram dispostas 120 armadilhas armadilhas de tamanhos P (26,5 x 14,0 x 10,5cm) e M (35,0 x 18,0 x 28,0cm) do tipo "live trap", sendo 90 no solo (dispostas a cada 10 metros) e 30 no sub-bosque (a cerca de 2 metros de altura). As armadilhas foram iscadas no final da tarde e revisadas pela manhã. As iscas utilizadas foram milho, bacon, paçoca de amendoim e sardinha em lata. Após a identificação foram retirados as medidas padrões e efetuada a sexagem. Todos os animais liberados foram marcados. Realizamos 13 campanhas, com duração de quatro dias consecutivos, de outubro de 2003 a outubro de 2004. Como resultados tivemos um total de 141 indivíduos capturados, sendo que Oryzomys russatus representa 77,3% das capturas, Akodon montensis 14,2%, Nectomys squamipes 2,8%, Delomys dorsalis 1,4%, Oligoryzomys nigripes 0,7%, Didelphis aurita 1,4%, Micoureus guianensis 1,4% e Philander frenata 0,7%. Durante todos os meses de coleta a espécie O. russatus mostrou o maior índice de captura. Entre os meses de abril e outubro obteve-se a maior abundância desses indivíduos, assim como das demais espécies (que contribuíram com menor número de indivíduos). O total de captura do solo ficou em 97,8% e no subbosque 1,4%, sendo esta última representada somente por M. guianensis. Para ter um possível incremento nesta listagem de espécies tanto em subbosque quando no solo é necessário um maior esforço de coletas.

[392] COMUNIDADE DE MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE DAS ÁREAS DIRETAMENTE AFETADA E DE ENTORNO DA USINA HIDRELÉTRICA DE IRAPÉ (MÉDIO JEQUITINHONHA, MG)

SANTIAGO, F.[1]; REIS, C.[1]; DUARTE, A. P.[1]; CÂMARA, E.[2]

[1] MUSEU DE CIÊNCIAS NATURAIS PUC MINAS; [2] MUSEU DE CIÊNCIAS NATURAIS, PUC MINAS

Mamíferos silvestres de médio e grande porte são dificilmente visualizados na natureza devido a seus hábitos crepusculares e noturnos. A busca por vestígios como rastros, fezes, pegadas, tocas e restos alimentares, têm-se mostrado eficiente para o registro destes animais, sendo complementados com técnicas de busca ativa. Estas metodologias vêm sendo utilizadas no Projeto de Monitoramento de Mastofauna na Área de Influência da Usina Hidrelétrica de Irapé (UHE Irapé), no Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais. A região, localizada no nordeste do Estado, encontra-se sob o domínio Cerrado, com enclaves de Floresta Estacional Semi-decídua e locais com influência de Caatinga. O objetivo principal do estudo foi caracterizar a fauna de mamíferos de médio e grande porte nas diferentes fisionomias vegetacionais da região. Transectos de 1.000 metros de comprimento foram percorridos durante o dia e à noite em busca de vestígios ou visualização direta de animais. Para os animais registrados, foram anotados dados como espécie, tipo de vegetação, tipo de substrato e presença de perturbações ambientais. Os censos noturnos foram realizados entre 19:00 – 22:00 horas e entre 05:00 – 08:00 horas, utilizando-se lanternas de longo alcance. A metodologia foi complementada com a utilização de armadilhas fotográficas e registro de animais encaminhados ao Centro de Triagem da CEMIG. Foram registradas 23 espécies distribuídas em cinco famílias. Destas, Tamandua tetradactyla, Cabassous unicinctus, Chrysocyon brachyurus, Lycalopex vetulus, Lontra longicaudis, Puma concolor e Pecari tajacu encontram-se na lista das espécies ameaçadas de extinção do estado de Minas Gerais. Comparando os dados obtidos com aqueles registrados no EIA (Estudo de Impacto Ambiental) da UHE de Irapé, em 1993, nota-se o registro de novas espécies, ainda não descritas para a área, e ausência de outras relatadas para a região. A ausência de algumas espécies descritas no EIA ocorre, provavelmente, devido a alterações ambientais. Não há como afirmar se estas variações foram decorrentes da implantação do empreendimento ou não, uma vez que após o EIA nenhum estudo foi realizado na região.

[393] COMUNIDADE DE PEQUENOS MAMÍFEROS NÃO-VOADORES DAS ÁREAS DE INFLUÊNCIA DA USINA HIDRELÉTRICA DE IRAPÉ (UHE-IRAPÉ), MINAS GERAIS.

REIS, C.[1]; SANTIAGO, F.L.[2]; SANTIAGO, F.[1]; DUARTE, A. P.[1]; CÂMARA, E.[1]

[1] MUSEU DE CIÊNCIAS NATURAIS PUC MINAS; [2] MUSEU DE CIÊNCIAS NATURAIS, PUC MINAS

A UHE Irapé está localizada no nordeste de Minas Gerais, no Vale do Jequitinhonha. A região está inserida no domínio Cerrado, mas apresenta áreas de transição com a Caatinga e enclaves de Floresta Estacional Semidecidual. A área é marcada pela riqueza e abundância de espécies faunísticas e carência de estudos científicos visando à conservação desta biodiversidade. Dessa forma, foi implantado o projeto de monitoramento de pequenos mamíferos da UHE Irapé. O objetivo deste estudo é caracterizar a fauna de pequenos mamíferos não-voadores nas diferentes formações vegetacionais da região. A metodologia usada para amostragem foi de captura-marcação-recaptura. As armadilhas utilizadas são de captura viva do tipo gaiola de arame galvanizado e shermann. Estas foram dispostas duas a duas em transectos com 20 pontos, distanciados em 15 metros um do outro, sendo vistoriadas todas as manhãs, durante dez dias de amostragem, sendo cinco dias na margem direita e cinco na margem esquerda do rio Jequitinhonha. Os animais capturados foram identificados, anilhados, anotados dados morfométricos e reprodutivos e soltos no mesmo local. As campanhas de monitoramento ocorreram entre novembro de 2002 a julho de 2005, totalizando 15 campanhas, e 41 áreas amostradas. Foram registradas 21 espécies pertencentes a quatro famílias. Dentre essas, duas podem ser novos taxons, duas são endêmicas da Caatinga, Wiedomys pyrrhorhinos e Kerodon rupestris, e uma de Cerrado, Calomys tener. Também foram registradas espécies raras e ou de hábitos restritos no estado de Minas Gerais, como Caluromys philander, Thylamys velutinus e Thylamys karimii. A espécie mais abundante foi Thrichomys apereoides, capturado em quase todas as áreas e campanhas, seguido de W. pyrrhorhinos e do marsupial Marmosops incanus. Comparando-se estes dados com os obtidos no EIA (Estudo de Impacto Ambiental) de 1993, nota-se o registro de dez espécies não descritas no EIA, e também a ausência de duas espécies registradas no EIA. O monitoramento ainda tem uma perspectiva de duração de no mínimo três anos o que pode levar ao aumento da riqueza de mamíferos e a confirmação dos animais ainda não registrados, no EIA, além de contribuir para o conhecimento da fauna de mamíferos na região do médio Jequitinhonha.

[394] CONTRIBUIÇÃO AO CONHECIMENTO DOS PEQUENOS MAMÍFEROS NÃO VOADORES COM OCORRÊNCIA EM ÁREAS ADJACENTES AO MÉDIO ITAPECURU MARANHÃO BRASIL

COSTA, J. F.[1]; REIS, F. S.[2]; MACHADO, R. T. R.[2]; AZEVÊDO, C. A. S.[2]; BARROS, M. C.[2]

[1] QUÍMICA E BIOLOGIA, UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO; [2] CESC/UEMA

No maranhão a fauna de pequenos mamíferos é pouco conhecida, embora apresente uma considerável riqueza biológica em função da sua grande variedade de ecossistemas. Estudos com o objetivo de conhecer o componente faunístico em áreas adjacentes ao médio Itapecuru, Maranhão, Brasil é incipiente e, certamente devido aos processos históricos, às alterações climáticas, e aos fatores antrópicos a fauna atual está muito reduzida em relação à que existiu no passado. O objetivo deste estudo é fazer um levantamento que avance significativamente no conhecimento da diversidade Mastofaunística (pequenos mamíferos não voadores) do estado do Maranhão. Coletas com armadilhas de queda (pit-fall-traps) foram realizadas em dois municípios que compreendem a região do médio Itapecuru. O resultado parcial do diagnóstico mastofaunístico para a área em estudo apresenta registro para duas espécies de marsupiais (Monodelphis domestica e M. umbristriata) e uma espécie de roedor (Calomys callosus).

[395] DIAGNÓSTICO PRELIMINAR DA MASTOFAUNA NA RPPN "RIO DOS PILÕES" EM SANTA ISABEL, SP

TAVOLONI, P.[1]; ALMEIDA, A. F.[2]

[1] RECURSOS FLORESTAIS, MESTRANDA EM RECURSOS FLORESTAIS - ESALQ / USP; [2] ESALQ/USP

A mastofauna pode ser considerada indicadora do grau de conservação de uma área, uma vez que, processos dinâmicos de mútua dependência entre fauna e flora são os sustentadores do equilíbrio dos ecossistemas. O presente trabalho tem como objetivo verificar a composição taxonômica da comunidade de mamíferos da RPPN Rio dos Pilões, como parte integrante da elaboração dos diagnósticos do meio biológico da RPPN, com o objetivo de elaborar um plano de manejo que busque a proteção efetiva da biodiversidade presente na área. A RPPN Rio dos Pilões localiza-se no município de Santa Izabel-SP e é parte integrante de um avançado projeto urbanístico, a "Reserva de Ibiraptanga" onde o proprietário de cada lote, se torna sócio e responsável pela RPPN Rio dos Pilões, composta por remanescentes de Mata Atlântica, totalizando 560 ha. A primeira coleta de dados foi realizada em janeiro de 2005. Para a amostragem dos mamíferos não-voadores de pequeno porte, foram utilizadas, 60 armadilhas (média e pequena) de arame galvanizado dispostas em pares a cada 100 metros; e 1 armadilha de intercepção e queda (pitfall). O levantamento de quirópteros, foi realizado com 6 redes-neblina armadas a cada 100m. Os mamíferos de médio e grande porte foram registrados por rastros, pegadas, fezes, pêlos e também observações diretas. Foi registrado um total de 19 espécies de mamíferos, divididos em 7 ordens e 12 famílias. Foram capturadas 5 espécies de pequenos mamíferos não-voadores (Didelphis marsupialis, Monodelphis iheringi, Mus musculus, Oligoryzomys sp e Oryzomys sp), 4 espécies de morcegos (Carollia perspicillata, Artibeus lituratus, Artibeus fimbriatus e Sturnira lilium) e registrados 10 espécies de mamíferos de médio e grande porte (Bradypus variegatus, Callithrix aurita, Callicebus personatus, Cerdocyon thous, Leopardus pardalis, Felis sp, Hydrochaeris hydrochaeris, Lontra longicaudis, Procion cancrivorus, Sciurus aestuans). Embora a pesquisa esteja no início, já registramos a presença de muitos mamíferos, incluindo espécies de topo de cadeia como, por exemplo, a jaguatirica (L.pardalis) e espécies presentes na Lista Oficial de Espécies Ameaçadas de Extinção do Ibama, como a jaguatirica, sagüi-da-serra (C.aurita) e o sauá (C.personatus), deixando evidente a importância da conservação, proteção e manutenção destes remanescentes florestais para a vida silvestre.

[395] DIAGNÓSTICO RÁPIDO DOS MAMÍFEROS NÃO VOADORES DA R. P. P. N. CAETEZAL – JOINVILLE – SC.

TESTONI, C.1,3; VEGINI, G. A. M.1; GRUENER, C. G.1; DALLACORTE, F.1; SAVIATO, M. J.1; BRANDT, C. S.1; ALTHOFF, S. L.2; LAPS, R. R.2

[1] ACAPRENA; [2] FURB/LABORATÓRIO DE ZOOLOGIA; [3] COMISSÃO DE PROJETOS, ACAPRENA

A R.P.P.N. Caetezal, situada no município de Joinville (SC), representa um desses mosaicos, apresentando a vegetação original em vários estágios sucessionais. A RPPN Caetezal está localizada na Serra Dona Francisca (Serra do Mar), no município de Joinville, região nordeste do Estado de Santa Catarina, a 800 m s.n.m e conta com o ecossistema de Floresta Ombrófila Densa Montana, Floresta de Transição (Ombrófila Densa para Mista) e Campos de Altitude, localizados na Serra Queimada, com altitudes de 1.135 m s.n.m. O levantamento dos mamíferos não-voadores em campo envolveram 6 métodos distintos: 1. Captura de pequenos mamíferos (roedores e marsupiais) por meio de armadilhas, utilizando 50 unidades do tipo gaiola com dimensões de 9x10x23 centímetros, e 40 unidades do tipo "Shermann" com dimensões de 9x9x21, perfazendo um esforço amostral de 450 armadilhas/noite após 5 dias de trabalho em campo; 2. Captura de pequenos mamíferos (roedores e marsupiais) por meio de armadilhas de queda (Pit fall), utilizando 30 garrafas pets de refrigerante 2 litros; 3. Registro de espécies através de armadilha fotográfica; 4. Registro de espécies através de rastros e quando possível, a visualização direta de indivíduos; 5. Entrevista realizada com o proprietário da RPPN Caetezal, e moradores antigos da região; 6. Consulta bibliográfica de estudos realizados na região. Assim foram registradas 31 espécies sendo 3 de marsupiais (Didelphis albiventris, Didelphis aurita, Phylander frenata), 4 edentados (Dasypus novemcinctus, Dasypus hibridus, Euphractus sexcinctus, Tamandua tetradactla), 2 primatas (Alouatta guariba, Cebus apella) 11 carnívoros (Puma concolor, Leopardus tigrinus, Herpailurus yagouarsoundi, Leopardus pardalis, Nasua nasua, Procyon cancrivorus, Galictis cuja, Conepatus chinga, Lutra longicaudis, Eira barbara, Cerdocyon thous) 2 artiodactilos (Mazama americana, Mazama gouazoubira),9 roedores (Agouti paca, Dasyprocta azarae, Hydrochaeris hydrochaeris, Sphiggurus villosus, Sciurus sp, Kannabateomys amblyonyx, Akodon montensis, Oxymycterus judex, Nectomys squamipes). A RPPN Caetezal possui uma admirável riqueza de mamíferos, apresentando somente neste diagnóstico rápido três espécies ameaçadas de extinção e cinco espécies endêmicas de Floresta Atlântica. Estes são critérios importantes para a criação e manutenção de áreas prioritárias para a conservação da natureza

[397] DIVERSIDADE DE MAMÍFEROS DE PEQUENO PORTE DO PARQUE ECOLÓGICO QUEDAS DO RIO BONITO, LAVRAS, MG.

TEIXEIRA, A.[1]; CHIQUITO, E.[2]; REIS, L.[1]; MENDONÇA, D.[1]; MORAS, L.[2]; GREGORIN, R.[2]

[1] DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS; [2] UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS

O Parque Ecológico Quedas do Rio Bonito encontra-se em uma área marginal do Cerrado, no extremo sul da cidade de Lavras. Caracteriza-se como uma das maiores áreas de preservação local e possui os quatro tipos fisionômicos do Bioma: floresta, cerrado, campo rupestre e de altitude. Os objetivos deste projeto são o inventariamento da mastofauna local e o estudo da estrutura da comunidade e seus aspectos ecológicos. A discussão do papel do Parque na preservação da fauna local e o desenvolvimento de uma coleção zoológica regional são objetivos indiretos. A coleta de roedores e marsupiais acontece semestralmente no inverno e verão. Os transectos apresentam um total de 120 armadilhas do tipo Tomahawk e abrangem as diferentes fitofisionomias. As coletas de quirópteros se dão semanalmente utilizando-se redes de neblina (mist-nets) de 12 e/ou 6m de comprimento, armadas pouco antes do crepúsculo e desarmadas após 5 horas. Os animais coletados são sacrificados, identificados e obtêm-se os dados biométricos, morfológicos e ecológicos. Dos animais não sacrificados são obtidos dados ecológicos e estes são marcados temporariamente, pintando-se as unhas com esmalte antes da soltura. Todos as animais sacrificados são depositados na coleção de referência no Setor de Zoologia da UFLA. Foram registrados, embora a identificação seja preliminar, 4 gêneros de roedores: Oecomys, Akodon, Mus e Nectomys. O marsupial encontrado pertence a espécies Didelphis albiventris, cujo único espécime foi identificado, fotografado e solto. Foram registradas 17 espécies de quirópteros: Artibeus lituratus, A. limbriatus, Sturnira lilium, Platyrrhinus lineatus, Pygoderma bilabiatum, Carollia perspicilata, Glossophaga soricina, Anura caudifera, Desmodus rotundus, Micronycteris megalotis, Histiotus velatus, Eptesicus furinalis, E. brasilienses, E. diminutus, Myotis rubra, M. nigricans e Molossus molossus. As espécies mais abundantes são Artibeus lituratus seguida por Carollia perspicilata ambos com grande importância na dispersão de sementes. Espécies raras como Mioytis rubra e Pygoderma bilabiatum, que normalmente é encontrada em vegetação secundária, também foram registradas mostrando a importância do Parque na preservação da fauna local. A sintopia de três formas do gênero Eptesicus é de grande importância taxonômica, pois o registro das três formas na mesma área confirma a validade delas e em nível específico.

[398] DIVERSIDADE DE MAMÍFEROS EM FRAGMENTOS NA ZONA DA MATA SUL DE PERNAMBUCO

MONTEIRO DA CRUZ, M. A. O.[1]; MONTENEGRO, M. M. V.[2]; D'ALENCAR, A. S.[3]; VALLE, Y. B. M.[4]

[1] DEPARTAMENTO DE MORFOLOGIA E FISIOLOGIA ANIMAL, UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO; [2] IBAMA/PB; [3] UFRPE; [4] UFPE

A Reserva Ecológica de Gurjaú (RESG) é um conjunto de pequenos fragmentos remanescentes da Mata Atlântica da Bacia Hidrográfica do Rio Pirapama (sub-bacia do Rio Gurjaú), abrangendo os municípios do Cabo de Santo Agostinho, Moreno e Jaboatão dos Guararapes, no Estado de Pernambuco. Com área de 1.070,10ha, possui doze açudes, onde se destacam pelo tamanho os de Gurjaú e Sucupema, responsáveis pelo abastecimento de água das populações humanas da quase totalidade dos municípios de sua área de abrangência. Entre agosto de 2002 e abril de 2003 foi realizado na RESG, o inventário da mastofauna terrestre, através de excursões mensais com duração de 04 a 06 dias, utilizando-se quatro metodologias: 1) captura com armadilhas metálicas (do tipo Tomahawk); 2) visualização em campo; 3) identificação através de vestígios; 4) entrevistas com a comunidade local. A classificação taxonômica adotada seguiu a de Wilson & Reeder (1992). Durante o período do estudo foram inventariadas 32 espécies de mamíferos para as matas do Sistema Gurjaú, pertencentes às ordens Didelphimorphia (04 gêneros, 06 espécies), Xenarthra (05 gêneros, 05 espécies), Rodentia (11 gêneros, 11 espécies), Lagomorpha (01 gênero e 01 espécie), Carnivora (08 gêneros, 08 espécies) e Primates (01 gênero, 01 espécie). Dentre estas, destacaram-se: o gato-do-mato Leopardus tigrinus que encontra-se na lista oficial da fauna brasileira ameaçada de extinção, na categoria vulnerável (MMA, 2003); o sagüi Callithrix jacchus, espécie endêmica do Nordeste brasileiro; os marsupiais Monodelphis americana, endêmico da Mata Atlântica, e Didelphis marsupialis, que representam novos registros para a localidade e estão envolvidos em interessantes casos de simpatria em Didelphimorpha (Monodelphis americana X Monodelphis domestica e Didelphis marsupialis X Didelphis albiventris).

[399] DIVERSIDADE MASTOFAUNÍSTICA DA BAHIA: UMA ANÁLISE PRELIMINAR

BASTOS,D.S.[1]; CREQUEIRA, L. D. S.[2]; AFFONSO, R. O.[2]

[1] CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, UESB; [2] UESB, CAMPUS DE JEQUIÉ,DCB, LAB. ZOOL. VERTEBRADOS

Dados referentes à mastofauna baiana se encontram dispersos e ainda não foram avaliados na sua totalidade, por grupo ou por bioma. Considerando-se o acelerado processo de perda de hábitat, principalmente nos biomas Mata Atlântica e Caatinga, o levantamento de informações sobre a diversidade e distribuição atual de mamíferos é extremamente relevante para direcionamento aos trabalhos de conservação e esforço de inventários das áreas pouco amostradas. O estado da Bahia é extremamente rico em biomas destacando-se a Mata Atlântica, Caatinga (com mais de 50% da área do estado), Cerrado (um dos menos estudados na Bahia), além dos ecossistemas costeiros e áreas de transição. O presente trabalho faz parte da primeira etapa do Projeto "Diversidade, Composição e Distribuição da Mastofauna da Bahia, Brasil" que vem sendo desenvolvido no Laboratório de Zoologia de Vertebrados da UESB. Nessa primeira etapa foi realizado um extenso levantamento bibliográfico incluindo resumos de congressos e encontros (CBZ, CBMz, ENZ); livros especializados; relatórios técnicos e artigos científicos. Até o momento foram consultadas 58 referências bibliográficas das quais foram extraídos os seguintes dados: espécies, localidades e tipo de vegetação predominante. A lista de espécies segue a taxonomia vigente considerando as mais recentes revisões taxonômicas. Foram listadas 157 espécies de mamíferos para o estado considerando-se apenas aquelas que não apresentaram problemas taxonômicos. As espécies ficaram assim distribuídas: Didelphimorphia (14), Xenarthra (11), Chiroptera (25), Primates (26), Carnivora (23), Cetacea (22), Perissodactyla (1), Artiodactyla (4), Rodentia (30), Lagomorpha (1). Das espécies levantadas, 155 ocorrem em 260 localidades confirmadas sendo que a maioria pertence ao bioma Mata Atlântica. Para a Caatinga baiana apenas 69 espécies foram listadas mostrando a grande lacuna de estudos nesse bioma no qual cerca de 143 espécies podem ser encontradas. Algumas espécies estão provavelmente extintas como Blastocerus dichotomus e outras possuem populações marginais e reduzidas como Tapirus terrestris. Os grupos mais estudados com relação à diversidade e distribuição foram Primates, Cetacea e espécies ameaçadas de extinção. O mapeamento dos locais de ocorrência nos respectivos biomas consistirá na próxima etapa deste projeto. Os dados bibliográficos mostraram que a maioria dos grupos está pouco inventariada nos diversos biomas presentes.

[400] INVENTÁRIO DE PEQUENOS MAMÍFEROS (RODENTIA E DIDELPHIMORPHIA) NO MÉDIO RIO MADEIRA E BAIXO RIO ARIPUANÃ, NA EXPEDIÇÃO CIENTÍFICA PROBIO - MADEIRA

BANTEL, C.[1]; ROSSONI, D.[2]; URIBE, M. C. A.[1]; LEITE, R.[1]; PINHEIRO, P. S.[3]; ROHE, F.[1]; ELLER, E.[1]; DASILVA, M. N. F.[1]

[1] INPA; [2] ECOLOGIA, INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA; [3] SEC. DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO AMAZONAS

Apresentamos os resultados obtidos durante inventário da fauna de pequenos mamíferos, em localidades das margens opostas dos Rios Aripuanã e Madeira. Ambos têm grande importância do ponto de vista da pesquisa científica e conservação da diversidade, pois delimitam áreas de endemismo faunístico para aves e primatas. Realizamos as coletas durante estação seca, em setembro de 2004, em transectos perpendiculares aos rios com armadilhas Tomahawk e Sherman, alternadas no solo e estrato médio (1,5 m), pitfalls e funnel traps. O Rio Aripuanã destaca-se pelas águas claras e bom estado de preservação dos ambientes naturais, devido principalmente à baixa ocupação humana e a história de pouca exploração ambiental destrutiva. Os locais amostrados são compostos por florestas dos tipos: alta de terra firme (castanhal), terra firme com palmeiras, campinas, campinaranas e florestas alagáveis. Obtivemos 2,97% de sucesso de captura, com 45 espécimes totalizando cinco taxa de marsupiais, sendo 13 Micoureus e 12 Marmosops os mais abundantes e cinco taxa de roedores, com maior abundância de 12 Proechimys. Abatemos também um exemplar de Sciurilus pusillus, raro em coleções zoológicas. O Rio Madeira, com suas águas brancas e ambientes de terra firme, capoeira e floresta de várzea, caracteriza-se como uma das regiões geográficas mais ricas em espécies de mamíferos em toda a América. As margens do médio Madeira são compostas principalmente de várzeas, e áreas de terra firme são ocupadas por comunidades ribeirinhas, de maneira que os locais amostrados possuem significativa pressão antrópica, de caça e retirada de madeira com tratores. Acreditamos que por essa razão obtivemos um baixíssimo sucesso de captura de 0,71%, com 17 espécimes abrangendo cinco taxa de marsupiais, com maior abundância de cinco Micoureus e quatro Didelphis, e três taxa de roedores, nenhum com mais de dois indivíduos capturados. No ponto da margem direita, coletamos um exemplar de Didelphis imperfecta, primeiro registro da espécie para a Amazônia Central. A situação em que nos encontramos preme pela atenção à relevância dos inventários faunísticos e elaboração de séries medidas de conservação, considerando a possível presença de espécies endêmicas e potencialmente vulneráveis a ameaças antropogênicas incipientes.

[401] INVENTÁRIO RÁPIDO DE MANÍFEROS TERRESTRES NO PARQUE NACIONAL MONTANHAS DO TUMUCUMAQUE, ESTADO DO AMAPÁ.

SILVA C.R.

IEPA - INSTITUTO DE PESQUISAS CIENTÍFICAS ETECNOLÓGICAS DO ESTADO DO AMAPÁ

O Estado do Amapá está localizado no extremo norte da Amazônia brasileira, e quanto à biogeografia de mamíferos pode ser incluso no Escudo das Guianas, uma sub-região Amazônica localizada a leste do Rio Negro e norte do Rio Amazonas. Apresenta uma extensa área protegida por unidades de conservação e terras indígenas perfazendo aproximadamente 54 % de seu território. O Parna Montanhas do Tumucumaque, engloba sete municípios com sede em Serra do Navio, localiza-se no noroeste do Amapá com uma área de 3.867.000 ha. Apresenta grande diversidade fitofisionômica, com predomínio de florestas densas de terra firme incluindo igapós e áreas de vegetação associada aos afloramentos rochosos que se distribuem por grande parte do Parna e podem atingir 700 metros de altitude. Para o Parna Montanhas do Tumucumaque inexistem informações referentes à fauna de mamíferos, apesar da extensa área e o ótimo grau de conservação. Durante os dias 13 e 27 de setembro de 2004, a fauna de mamíferos foi inventariada em um raio de 3 Km2, na porção sul do Parque, na confluência dos rios Amapari e Anacuí. Com a utilização de diferentes métodos: armadilhas de queda-livre, gaiolas, armadilhas fotográficas e observações diretas e indiretas; foram registradas 20 famílias, 39 gêneros e 44 espécies de mamíferos não voadores. Destas, oito primatas incluindo, Chiropotes satanas e Pithecia pithecia, e 10 espécies de pequenos mamíferos. Quatro espécies que constam da lista de mamíferos ameaçados de extinção, Pteronura brasiliensis, Priodontes maximus, Panthera onca e Leopardus sp. foram registradas. A presença de espécies raras e a alta diversidade verificada no Parna, ressaltam a importância da área para a conservação de mamíferos e para projetos de pesquisas em longo prazo. Apoio: IEPA, Conservação Internacional (CI) e Fundação Moore.

[402] LEVANTAMENTO DA FAUNA DE PEQUENOS MAMÍFEROS NÃO VOADORES EM DOIS FRAGMENTOS DE MATA ATLÂNTICA, NO MUNICÍPIO DE TOMBOS, MINAS GERAIS

FARIA, M.[1]; FERRAZ, D. S.[2]; SOUZA, S. M.[2]; MELO, F. R.[2]

[1] BIOLOGIA, UEMG-CARANGOLA; [2] FAFILE/UEMG CARANGOLA

O Brasil é tido como o país detentor da maior biodiversidade do planeta, o que acaba sendo refletido pela riqueza de espécies em táxons específicos, como no grupo de anfíbios, peixes de água doce e plantas. Neste contexto, a mastofauna brasileira também lidera o ranking, sendo os grupos específicos de pequenos mamíferos e dos primatas (Rodentia, Didelphimorphia, Chiroptera e Primates) os mais representativos (cerca de 440 espécies), ou seja, 83% de toda a fauna de mamíferos brasileiros. Com este intuito, realizamos inventário da fauna de mamíferos em duas áreas no município de Tombos: "RPPN Marcos Vidigal Vasconcelos" (20º 53'44"S e 42º 04'19"O) e "Mata do Banco" (20º53'38"S e 42º00'45"O). Ambos os fragmentos de estudo possuem vegetação do tipo Floresta Estacional Semidecidual. Para o levantamento de pequenos mamíferos não voadores, utilizamos três tipos de armadilhas (sherman, gancho e pitfall trap), dispostas em transectos lineares no interior de cada fragmento. Obtivemos um total de 160 capturas com o registro de 14 espécies e 02 famílias de pequenos mamíferos, sendo 06 espécies marsupiais e 08 espécies de roedores. A Mata do Banco, com o mesmo esforço amostral da RPPN foi a área com a maior diversidade de espécies (n=13) em 112 capturas, entre elas 02 marsupiais e 02 roedores que não foram capturadas na RPPN, sendo eles: Monodelphis americana, Monodelphis domestica, Orizomys legatus e Nectomys squamipes totalizando um sucesso de captura de 3,66%. Na RPPN, identificamos 09 espécies em 48 capturas, cujo sucesso de captura foi de 1,56%. Gracilinanus agilis foi capturada somente na RPPN. Ambas as áreas não tiveram a curva acumulativa de espécies estabilizadas, apesar de serem significativamente diversas uma da outra. Para a Mata do Banco, o número de espécies coletadas pode chegar a 17 e para a RPPN pode chegar a 12, o que significa que o esforço amostral ainda é insuficiente, mesmo com as armadilhas de queda apresentando boa eficiência de captura, significativamente maior do que as sherman e gancho. Estudos de longo prazo e o uso sistemático de mais armadilhas-noite podem resolver essa questão e nos dar uma melhor relação das espécies que ocorrem numa dada localidade.

[403] LEVANTAMENTO DA MASTOFAUNA DA ILHA DO MEIRELLES CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM-ES

RABELLO, H.[1]; SÁ, W.[2]

[1] CENTRO UNIVERSITÁRIO SÃO CAMILO-ES; [2] AMBIENTAL, CENTRO UNIVERSITÁRIO SÃO CAMILO

LEVANTAMENTO DA MASTOFAUNA NA ILHA DO MEIRELLES CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM-ES Wagner Gonçalves de Sá e Heilmar Rabello Biologia, Faculdade São Camilo-ES. (www.saocamilo-es.br). Estação Ambiente Meirelles. E-mail: wagdesa@ig.com.br Este trabalho apresenta os resultados de um levantamento conduzido na Ilha do Meirelles, com superfície territorial de 9,6 ha, localizada no município de Cachoeiro de Itapemirim, Espírito Santo. Com o objetivo de acessar a diversidade de mamíferos não voadores presentes nesta unidade de conservação e em seu entorno gerando informações e previsões importantes para manejo e conservação destas espécies. Os dados foram reunidos através de observações diretas e indiretas (como pegadas, fezes, ossadas, entre outras) em trilhas preexistentes na área. Informações com funcionários da ilha também foram consideradas. Até o atual momento foram registradas nove espécies de mamíferos: Didelphis aurita, Bradypus torquatus, Cerdocyon thous, Galictis vittata, Lontra longicaudis, Coendou villosus, Cavia aperea, Hydrochaeris hydrochaeris e Sylvilagus brasiliensis. Deve-se destacar ainda que das nove espécies listadas, uma é considerada ameaçada de extinção segundo a lista oficial do IBAMA, B.torquatus. A partir dos resultados deste trabalho pode-se concluir que a mastofauna presente na área estudada é bastante precária, devido à ausência de mamíferos do topo. Desta maneira, este estudo contribui significativamente para o conhecimento da mastofauna local, indicando a necessidade de estudos mais detalhados sobre a diversidade, abundância e etologia dos mamíferos desta região. Palavras-chaves: levantamento, mastofauna, ilha do Meirelles.

[404] LEVANTAMENTO DA MASTOFAUNA TERRESTRE DO PARQUE ESTADUAL ALTAMIRO DE MOURA PACHECO, GOIÂNIA – GO

VILLAR, D.[1]; COSTA, T. C.[2]; ACIOLI, E. C. S.[3]; REIS, P. C.[3]; GARCIA, H. O. L.[3]; CORTES, A. C. D.[1]; SOUZA, P. F.[2]; MENDES, F. D. C.[2]

[1] PPG EM PSICOLOGIA - ETOLOGIA, UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS; [2] UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS; [3] UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

O Parque Estadual Altamiro de Moura Pacheco é uma unidade de conservação de proteção integral, criada em 1992 e mantida pelo governo do estado de Goiás, através da Secretaria Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos – SEMARH. Situa-se entre os municípios de Goiânia, Terezópolis de Goiânia, Goianópolis e Nerópolis, com uma área aproximada de 4123 ha, distando cerca de 20 km da cidade de Goiânia pela rodovia BR-153/GO-060, sentido Brasília. Integrada ao Bioma Cerrado, a área do parque é composta por diversas fitofisionomias destacando-se entre elas, uma micro-região homogênea de mata seca semidecidual denominada Mato-Grosso Goiano. Para o registro da mastofauna utilizou-se dados coletados durante um censo de primatas através do método de transecto linear, informações de funcionários e pesquisadores, e de observações diretas e indiretas (vestígios como fezes, pegadas, tocas e animais atropelados) realizadas extra censo, compreendidas no período de fevereiro a dezembro de 2004. Como resultado, obteve-se um total de 07 ordens, 15 famílias e 26 espécies de mamíferos: Tamandua tetradactyla, Myrmecophaga tridactyla, Dasypus novemcintus, Cabassous tatouay, Cebus libidinosus, Alouatta caraya, Callithrix penicillata, Cerdocyon thous, Chrysocyon brachyurus, Nasua nasua, Procyon cancrivorus, Conepatus semistriatus, Eira barbara, Herpailurus yagouaroundi, Leopardus pardalis, Leopardus tigrinus, Puma concolor, Panthera onca, Galictis cuja, Pecari tajacu, Tayassu pecari, Mazama americana, Mazama gouazoubira, Coendou prehensilis, Sylvilagos brasiliensis, Didelphis albiventris, Lontra longicaudis, Hydrochaeris hydrochaeris, Dasyprocta azarae. Dentro de alguns meses, aproximadamente 1/3 da área do parque será inundada pelo enchimento de uma barragem, com fins de abastecimento de água para a população de Goiânia. Neste sentido, este estudo ganha importância, por ser a primeira listagem de mamíferos do parque, e poderá servir de base para se ter uma idéia do impacto que será causado nas comunidades não só de mamíferos, mas de toda a biodiversidade da região.

[405]LEVANTAMENTO DE MAMÍFEROS DE HÁBITOS CRÍPTICOS DA ÁREA DE MANEJO FLORESTAL DA FAZENDA MANOA, MUNICÍPIO DE CUJUBIM, RO.

BONAVIGO, P. H. .[1]; FERRONATO, M. L.[2]; MESSIAS, M. R.[2]

[1] BIOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA; [2] UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

O presente trabalho é um levantamento dos mamíferos de hábitos crípticos da área de Manejo Florestal da Fazenda Manoa, localizada no município de Cujubim/RO. A área está inserida na porção norte do estado de Rondônia e apresenta aproximadamente 73.000 ha de extensão. Os objetivos do trabalho foram identificar as espécies de mamíferos noturnos e crepusculares de médio e grande porte e de hábitos crípticos que ocorrem na Fazenda Manoa. A área da fazenda foi dividida em quatro pontos amostrais. Os pontos definidos foram um talhão explorado há dois anos, um talhão explorado há oito anos, a estrada de acesso ao acampamento e sua borda. A metodologia utilizada para o levantamento foi a de Parcelas de areia. Foram alocadas 100 parcelas de 50x50cm de diâmetro preenchidas com areia fina (remexida e alisada a cada dia de monitoramento), sendo 25 em cada ponto amostral. O esforço amostral total foi de 1200 parcelas/dia, em um total de 12 dias de levantamento. Foram identificadas 24 espécies de mamíferos de médio e grande porte, sendo em sua maioria raros e/ou de hábitos crípticos, como os felinos Panthera onca, Puma concolor,Leopardus pardalis, os Xenarthra Priodontes maximus, Dasypus kappleri, D. novencinctus, Myrmecophaga tridactyla e Tamandua tetradactyla. Das espécies registradas, nove constam como vulneráveis na Lista Oficial do IBAMA (2003), 14 espécies aparecem na lista da CITES (7 no apêndice I; 5 no apêndice II e 2 no apêndice III). O método de parcelas de areia demonstrou grande eficiência no levantamento rápido das espécies de mamíferos terrestres de médio e grande porte presentes em determinada área. Também foi satisfatório para o registro de animais de hábitos noturnos e de carnívoros que são de difícil detecção através de outras metodologias. A área da Fazenda Manoa demonstrou ser de grande importância para a conservação da mastofauna dessa região do estado, por ser uma área com acesso controlado e não permitir a caça dentro de seus limites. Também se deve ressaltar a prática da extração manejada de madeira, reduzindo assim o impacto causado pela retirada da madeira.

[406] LEVANTAMENTO DE PEQUENOS MAMÍFEROS NÃO VOADORES DO ESTADO DO TOCANTINS E SEUS PADRÕES DE HABITATS.

SILVA, S. A. M.[1]; RUFATO, B. P.[1]; LIMA, J. F. S.[2]

[1] ESTAGIÁRIA DO DEPARTAMENTO DE RECURSOS NATURAIS DA FCA/ UNESP; [2] DEPARTAMENTO DE RECURSOS NATURAIS, UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Na Área de Conservação da Fauna, desenvolve-se estudos sobre a diversidade, conservação e citotaxonômia de pequenos mamíferos terrestres. Estes têm importância na dinâmica dos ecossistemas, sobre pelo menos três de seus componentes: solo, vegetação e predadores; podem alterar a composição florística, devido as suas atividades e hábitos. Apesar da intensificação dos estudos da fauna de pequenos mamíferos do Estado do Tocantins, ainda, existe escassez de informações sobre ocorrências e tipos de habitats. Temos como objetivo apresentar informações sobre os habitats de pequenos mamíferos não voadores do Tocantins. Os dados foram levantados na tese de doutorado (Item Material) e nos registros de campo do terceiro autor. Todas as coletas foram realizadas com armadilhas do tipo life trap nas coordenadas: 5°16'S, 48°21'W; 8°24'S, 48°59'W; 8°39'S, 49°01'W; 9°54'S, 48°17'W; 10°40'S, 48°17'W; 10°44'S, 48°23'W e 11°47'S, 49°45'W. A última coleta foi na Fazenda Lago Azul no município de Ipueiras, TO 453, a 95Km ao Sul de Palmas. Foram registrados 144 espécimes, distribuídos em 13 gêneros com 17 espécies. Foram: 26 Bolomys lasiurus (2n=34), quatro Calomys tener (2n=66), 20 C. tocantinsis (2n=46), 17 Nectomys rattus (2n=52), três Oligoryzomys sp. (2n=70), 24 O. flavescens (2n=64), 15 Oryzomys megacephalus (2n=54), quatro O. gr. subflavus (2n=46), quatro Rhipidomys macrurus (2n=44), 13 Proechimys roberti (2n=30), um Thrichomys sp. (2n=30), três T. inermis (2n=26), quatro R. rattus (2n=38), um Didelphis albiventris (2N=22), um Philander opossum (2n=22), dois Monodelphis domestica (2N=18) e duas Marmosa murina (2n=14). Das capturas: Bolomys, 50% em Cerrado, os demais em Mata de Galeria/Ciliar; Calomys, 58,3% em Cerrado, os restantes em Mata Ciliar e Áreas Antrópicas; Nectomys, 64,7% em Áreas Alagadas, os demais em Mata Galeria; Oligoryzomys, 59,2% em Mata de Galeria, os restantes em Brejo e Campo; Oryzomys, 63,1% em Mata de Galeria, os demais em Cerrado; Rhipidomys e Proechimys, 100% em Mata Galeria; Thrichomys, 75% em Mata Ciliar (Thrichomys sp. em Campo Sujo); Rattus em residências; Didelphis e Philander em Mata Galeria/Ciliar; Monodelphis em Mata de Galeria e Marmosa em Mata de Galeria e Cerrado. A maioria das espécies foram capturadas em Mata de Galeria/Ciliar ou áreas vizinhas. Palavras-chaves: levantamento, pequenos mamíferos, habitats, Tocantins. Apoio: FCA

407] LEVANTAMENTO DE PEQUENOS MAMÍFEROS NÃO VOADORES NO PARQUE ESTADUAL DA FONTE GRANDE, VITÓRIA, ESPÍRITO SANTO.

PAVAN, S.E.O. [1]; CALDARA JR., V. [1]; LÓSS, S.[1]; SANTOS, A. B.[2]; REGO, R. P.[1]; LEITE, Y.L.R.[1]

[1] UFES; [2] INPA

Pequenos roedores e marsupiais podem ser monitorados e fornecer dados sobre o ambiente em intervalos curtos de tempo, podendo servir como ferramentas no planejamento da conservação e do manejo da vida silvestre, incluindo seleção de áreas a serem protegidas. No presente trabalho foi feito um levantamento da fauna de mamíferos de pequeno porte do Parque Estadual da Fonte Grande (PEFG), localizado nas coordenadas 20o18' de latitude sul e 40o20' de longitude oeste. O PEFG possui uma área de 218 hectares, pertencente ao complexo cristalino da Serra do Mar e está inserido no perímetro urbano da Cidade de Vitória, capital do Espírito Santo. Apresenta vegetação composta por fragmentos de formações secundárias de Mata Atlântica, tais como capoeiras, macegas e campos rupestres. Foram realizadas cinco campanhas entre agosto de 2004 e março de 2005. Os animais foram capturados em armadilhas do tipo gaiola dispostas em transectos lineares. Em cada transecto foram distribuídos 16 postos eqüidistantes cerca de 10 metros, com duas armadilhas em cada posto. As armadilhas foram iscadas com sbacaxi e aveia, e colocadas em dois estratos: solo e sub-bosque. Com um esforço amostral de 5724 armadilhas-noite, foi registrado um total de 84 capturas distribuídas entre sete espécies. Dentre essas, quatro são marsupiais: Caluromys philander, Didelphis aurita, Marmosa murina, Metachirus nudicaudatus; e três são roedores: Sciurus aestuans, Rattus rattus e Phyllomys pattoni. Apesar de ser um parque urbano, o PEFG apresenta uma diversidade de marsupiais equivalente àquela encontrada em outras áreas de Mata Atlântica. No entanto, a fauna de roedores encontra-se depauperada, principalmente os sigmodontíneos, representados somente por uma espécie exótica invasora: Rattus rattus. Nenhuma espécie nativa desse grupo, que é geralmente o mais diverso em florestas neotropicais, foi encontrada até o momento. A ausência de sigmodontíneos pode ter sido influenciada pela presença de R. rattus tanto através da competição por recursos quanto pela introdução de parasitas exóticos. Uma hipótese alternativa é que R. rattus tenha se aproveitado de nichos vagos após a extinção local de sigmodontíneos por outras causas. O fato do PEFG se situar em uma ilha aumenta a probabilidade de extinção.

[408] LEVANTAMENTO DOS MAMÍFEROS NÃO VOADORES DE UM TRECHO DE FLORESTA CILIAR DO RIO ITAJAÍ-AÇÚ, NO MUNICIPIO DE INDAIAL-SC.

TESTONI, C.[1]; GRUENER, C. G.[1]; DALLACORTE, F.[1]; SAVIATO, M. J.[1]; LAPS, R. R.[2]; ALTHOFF, S. L.[2]; VEGINI, G.[3]

[1] ACAPRENA; [2] FURB/LABORATÓRIO DE ZOOLOGIA; [3] COMISSÃO DE PROJETOS, ACAPRENA

A mastofauna catarinense, bem como a da Bacia Hidrográfica do Rio Itajaí, ainda é pouco estudada. Salvo alguns trabalhos realizados no curso do Rio Itajaí-Açú, podemos considerar que estudos conduzidos nas florestas ciliares deste rio são praticamente inexistentes, o que torna a comunidade de mamíferos deste ecossistema pouco conhecida, e demonstra a necessidade de maiores esforços para preencher as lacunas do conhecimento dos mamíferos da região. O presente estudo foi conduzido entre os meses de agosto à dezembro de 2004. A área onde foi realizado o trabalho situa-se as margens do Rio Itajaí-Açú em latitude de 26°53'00" e longitude 49°12'13". Para o levantamento de pequenos roedores e marsupiais foi realizada uma campanha de 4 dias utilizando 50 armadilhas do tipo gaiola com dimensões de 9x10x23cm as quais foram dispostas em dois "grids" de 60 x 40 metros totalizando uma área de 2400m² cada grid, e um esforço amostral de 200 armadilhas/noite. Como isca foram utilizados pedaços de toucinho e banana. Outras espécies de mamíferos foram amostradas através de rastros encontrados, entrevistas realizadas com moradores antigos da região, consulta bibliográfica e consulta à coleção científica do Laboratório de Zoologia da FURB. Foram levantadas um total de 5 ordens representadas por 25 espécies de mamíferos não-voadores, dentre estas, três encontram-se ameaçadas de extinção e 4 são endêmicas. Foram registradas para a área seis marsupiais (Didelphis albiventris, Didelphis aurita, Philander frenata, Lutreolina crassicaudata, Gracilinanus microtarsus, Chironectes minimus), um edentado (Dasypus novemcinctu) dois primatas (Alouatta guariba, Cebus apella), cinco carnívoros (Procyon cancrivorus, Galictis cuja, Conepatus chinga, Lutra longicaudis, Cerdocyon thous), 11 roedores (Dasyprocta azarae, Hydrochaeris hydrochaeris, Sphiggurus villosus, Sciurus sp, Cavia aperea, Kannabateomys amblyonyx, Akodon montensis, Oligoryzomys nigripes, Oryzomys russatus, Oxymycterus judex, Nectomys squamipes). A riqueza de espécies registrada neste levantamento reflete a importância da conservação das florestas ciliares do Rio Itajaí-Açú bem como de sua bacia hidrográfica.

[409] LEVANTAMENTO E CARACTERIZAÇÃO PRELIMINAR DA FAUNA DE PEQUENOS MAMÍFEROS NÃO-VOADORES DA ESTAÇÃO ECOLÓGICA DO PANGA, UBERLÂNDIA/MG, BRASIL

FIALHO, F. [1]; REIS, M. L.[2]; CAMPOS, J. B.[3]; DIAS, L. B.[1]

[1] CIENCIAS BIOLOGICAS, FACULDADE DA TERRA DE BRASILIA - FTB; [2] IBAMA; [3] FUNATURA

O Cerrado é a maior formação savânica da América do Sul, representando cerca 25% do território brasileiro e incluído na lista dos 34 "hotspots" do mundo, apresentando uma grande diversidade de plantas e animais. A vegetação do Cerrado apresenta-se em diversos tipos fisionômicos, como as formações campestres, savânicas e florestais. O objetivo deste trabalho foi fazer um levantamento e uma caracterização preliminar da comunidade de pequenos mamíferos não-voadores da Estação Ecológica do Panga – EEP/ MG. Em junho de 2004, na estação seca, foi feito o levantamento das espécies de pequenos mamíferos através do uso de armadilhas do tipo "Sherman" e "Tomahawk" em ambientes de mata de galeria, mata mesofítica, cerradão, vereda e campo sujo. Ao total foram coletadas 8 espécies, sendo 6 por capturas: (Gracilinanus agilis, Rhipidomys mastacalis, Calomys tener, Oecomys bicolor, Rattus rattus frugivorus, Rattus norvergicus) e 2 por informações obtidas atrevas de entrevistas (Didelphis albiventris e Cavia aperea). E os ambientes com maiores riqueza foram a mata de galeria e cerradão, representando 50% das espécies amostradas enquanto a vereda não teve captura. A mata de galeria apresentou maior diversidade (H'= 0,415) que o cerradão (H'= 0,30) e mata mesofítica (H'= 0,276). Tanto a mata de galeria como o cerradão apresentaram registro de espécies exóticas (Rattus rattus frugivorus e Rattus norvergicus, respectivamente), evidenciando o grau de perturbação na área. A espécie dominante nas coletas nos ambientes florestais foi Gracilinanus agilis (N= 39) seguido por Rhipidomys mastacalis (N=20), no campo sujo foi capturado apenas Calomys tener (N=2). Os ambientes de cerradão e mata mesofítica apresentaram alta similaridade entre si (Sj=0,66), sugerindo que suas estruturas vegetacionais e comunidades faunísticas sejam semelhantes. A EEP corresponde à um pequeno fragmento de vegetação nativa cercado por áreas alteradas e muito antropizadas, que apesar dos impactos na estrutura de sua vegetação e fauna representa um dos últimos fragmentos de Cerrado na região do triângulo mineiro.

[410] LEVANTAMENTO PRELIMINAR DA MASTOFAUNA EM TRÊS ÁREAS NO NORTE DE MINAS GERAIS

PRADO, M.[1]; MANDUCA, E. G.[2]; LESSA, G.[2]

[1] BIOLOGIA ANIMAL, UFV - MUSEU DE ZOOLOGIA JOÃO MOOJEN DE OLIVEIRA; [2] MUSEU DE ZOOLOGIA JOÃO MOOJEN DE OLIVEIRA, DBA/UFV

Devido a sua grande extensão territorial e a presença de três biomas, o estado de Minas Gerais apresenta 46% da mastofauna brasileira, evidenciando sua importância para a biodiversidade nacional. A realização de levantamentos faunísticos são importantes devido à escassez de tais dados no país. Este estudo foi feito nas proximidades do rio Setúbal (Jenipapo de Minas), rio São João (São João do Paraíso) e rio Bom Sucesso (Mamonas), tendo o objetivo de inventariar a mastofauna local. A área de estudo em Jenipapo de Minas é caracterizada por mata de transição, possuindo características de Mata Atlântica, Cerrado e Caatinga. Já os biomas predominantes nas outras duas áreas são o Cerrado e a Caatinga. Para o registro de mamíferos de médio e grande porte estradas e trilhas foram percorridas para uma amostragem que incluiu métodos indiretos (pegadas, tocas e fezes) e diretos (visualizações, sinais acústicos e restos mortais), e entrevistas com a população local com base em guias ilustrados das espécies. Para o registro de pequenos mamíferos terrestres foram utilizadas 35 armadilhas do tipo Sherman, dispostas em meio à vegetação herbácea e, a certa altura do solo. Para o registro de morcegos foram utilizadas 2 redes de neblina que permaneceram montadas durante o período de atividade desses animais. Em Jenipapo de Minas registrou-se 28 espécies (2 didelfimorfos, 4 xenartros, 2 primatas, 7 carnívoros, 2 artiodáctilos, 9 roedores, 1 lagomorfo, 1 morcego), em São João do Paraíso 21 espécies (3 xenartros, 1 primata, 4 carnívoros, 1 artiodáctilo, 9 roedores, 1 lagomorfo, 2 morcegos) e em Mamonas 21 espécies (1 xenartro, 2 primatas, 6 carnívoros, 1 artiodáctilo, 6 roedores, 1 lagomorfo, 4 morcegos). Dentre essas se destacam o registro de Puma concolor nas três áreas e Myrmecophaga tridactyla em Jenipapo de Minas, que são espécies classificadas como vulneráveis. O maior número de espécies em Jenipapo de Minas possivelmente é devido ao ambiente mais heterogêneo, podendo assim abrigar uma maior variedade de espécies. Devido às áreas possuirem poucas informações sobre a fauna local e estarem localizadas numa região de diferentes biomas, é de extrema importância sua conservação e monitoramento para a manutenção da biodiversidade.

[411] LEVANTAMENTO PRELIMINAR DE MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE EM UM FRAGMENTO DE MATA ATLÂNTICA EN VIÇOSA - MG

PRADO, M.[1]; ROCHA, E. C.[2]; GIÚDICE, G. M. L. D.[2]

[1] BIOLOGIA ANIMAL, UFV - MUSEU DE ZOOLOGIA JOÃO MOOJEN DE OLIVEIRA; [2] UFV

O grau de ameaça e a importância ecológica dos mamíferos terrestres de médio e grande porte tornam evidente a necessidade de se incluir informações sobre os mesmos em inventários e diagnósticos ambientais. No entanto, estudos sobre a mastofauna na região de Viçosa são ainda incipientes. Sendo assim, este estudo foi desenvolvido na Reserva Mata do Paraíso, o maior fragmento de Mata Atlântica presente no município de Viçosa – MG, com cerca de 194 ha, objetivando inventariar as espécies de mamíferos de médio e grande porte. Para tanto, estradas e trilhas existentes na área da reserva foram percorridas aleatoriamente desde outubro de 2004, utilizando métodos indiretos (pegadas, tocas e fezes) e diretos (visualizações, sinais acústicos e restos mortais) para a identificação e registro das espécies. Foram obtidos até o momento, registros de 15 espécies de mamíferos (um marsupial, dois xenartros, três primatas, cinco carnívoros, um artiodáctilo, dois roedores e um lagomorfo), sendo que duas estão ameaçadas de extinção, Chrysocyon brachyurus (lobo-guará) e Leopardus pardalis (jaguatirica). Destaca-se a presença de lobo-guará, uma espécie típica de ambientes com formações vegetais abertas, que possivelmente chegou a esta região em função da acentuada fragmentação da cobertura vegetal original, devido à implantação de lavouras e pastagens exóticas. Este trabalho mostra que a área estudada está mantendo uma riqueza de espécies de mamíferos considerável, tendo em vista tratar-se de uma reserva de pequeno porte e que no passado possuía plantações de café em grande parte de sua área. Esses informações evidenciam a importância da reserva para a conservação da mastofauna da região de Viçosa – MG, na medida em que funciona como área de refúgio num ambiente bastante fragmentado e com muita influência antrópica.

[412] LEVANTAMENTO PRELIMINAR DE MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE NO PARQUE ESTADUAL SERRA DAS ARARAS, MG, UTILIZANDO ARMADILHAS FOTOGRÁFICAS E VESTÍGIOS

OLIVEIRA, M. [1]; ZORZIN, R.[2]; PIMENTA, É. C.[3]; FERREIRA, G. B.[4]; JR., E. A. M.[2]; SILVA, J. A.[3]; FREITAS, R. L. A.[3]

[1] DEPARTAMENTO DE PESQUISA, BIOTROPICOS - INSTITUTO DE PESQUISA EM VIDA SILVESTRE; [2] BIOTRÓPICOS – INSTITUTO DE PESQUISA EM VIDA SILVESTRE; [3] UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO; [4] PUC-MINAS

O Parque Estadual Serra das Araras (PESA) está situado no município de Chapada Gaúcha, no noroeste do estado de Minas Gerais. O Parque foi criado em 21 de janeiro de 1998, conforme decreto nº 39.400, possuindo uma área de 11.137 ha. Esse trabalho foi realizado nos períodos de 28 de outubro de 2003 a 18 de janeiro de 2004 e 16 de março a 20 de setembro de 2004. Foram utilizadas duas técnicas de amostragem: vestígios e armadilhas fotográficas. As trilhas do PESA e estradas do entorno foram percorridas para a procura ativa de sinais deixados no ambiente por mamíferos de médio e grande porte. Foram registradas as coordenadas geográficas dos locais e o tipo de ambiente onde foram encontrados todos os vestígios. Após este procedimento, todos os rastros foram apagados, para se evitar a multiplicidade do registro. O monitoramento com armadilhas fotográficas foi realizado, utilizando quatro armadilhas fotográficas. Foi confirmada a ocorrência de 17 espécies, sendo algumas espécies listadas como ameaçadas na Lista do IBAMA 2003 e no estado de Minas Gerais. Obtivemos um esforço amostral de 432 câmeras/dia com 14 registros fotográficos de oito espécies de mamíferos, sendo as seguintes espécies fotografadas: Puma concolor, Cerdocyon thous, Chrysocyon brachyurus, Leopardus pardalis, Eira barbara, Tapirus terrestris, Mazama gouazoubira e Didelphis albiventris. Por vestígios as espécies registradas foram: Cabassous unicinctus, Dasypus novemcinctus Myrmecophaga tridactyla, Eira barbara Conepatus semistriatus Procyon cancrivorus Lycalopex vetulus, Cerdocyon thous, Chrysocyon brachyurus, Leopardus pardalis, Puma concolor, Pecari tajacu, Mazama americana, Mazama gouazoubira, Ozotoceus bezoarticus e Tapirus terrestris. Todas as fotos da espécie com maior número de registros, C. thous, e também os únicos registros de P. concolor, E. barbara, L. pardalis e C. brachyurus, foram obtidas no habitat boqueirão (grotas) confirmando a real importância desse habitat para o deslocamento de carnívoros de médio e grande porte tanto na área do PESA como no seu entorno. A maioria dos vestígios (51,4%) também foi registrada nesse habitat confirmando a importância desse tipo de ambiente para a fauna de mamíferos. Os dados demonstraram que o PESA possui uma grande riqueza de espécies de mamíferos do Cerrado.

[413] LEVANTAMENTO PRELIMINAR DE PEQUENOS MAMÍFEROS NÃO-VOADORES DO PARQUE NACIONAL DAS SEMPRE-VIVAS, MG

SENRA, M.[1]; CÂMARA, E. M. V. C.[2]

[1] LABORATÓRIO DE MASTOZOOLOGIA, MUSEU DE CIÊNCIAS NATURAIS - PUC MINAS; [2] MUSEU DE CIÊNCIAS NATURAIS - PUC MINAS

O Parque Nacional das Sempre-Vivas apresenta uma área aproximada de 124.000 ha. Está localizado no Estado de Minas Gerais, no divisor de águas das bacias dos rios São Francisco e Jequitinhonha, abrangendo parte dos Municípios de Olhos d'Água, Bocaiúva, Buenópolis e Diamantina. A unidade está inserida no Sub Domínio de Relevo denominado Coberturas Metassedimentares do Espinhaço de Diamantina apresentando porções de unidades de relevo variando desde a Serra do Espinhaço passando pelo Quadrilátero Ferrífero até as Depressões do alto/médio São Francisco. O Parque Nacional das Sempre-Vivas apresenta uma grande heterogeneidade ambiental formando um complexo mosaico de tipologias vegetais, ainda em excelente estado de conservação. Este trabalho tem por objetivo o levantamento de pequenos mamíferos não-voadores do Parque Nacional das Sempre-Vivas a fim de contribuir com os estudos sobre a mastofauna da Serra do Espinhaço. Os trabalhos de campo tiveram início em janeiro deste ano com previsão de duração de 18 meses. Até o presente momento foram amostradas 6 diferentes áreas do Parque abrangendo ambientes de mata, cerrado, campo rupestre, carrasco, pedreira e área com presença de velózias gigantes. As armadilhas utilizadas foram do tipo "live trap" de arame galvanizado, dispostas em transectos e distantes entre si 10 metros. A isca utilizada foi uma mistura de aveia, canjiquinha, pasta de amendoim, banana e óleo de sardinha. O esforço amostral foi de 1.938 armadilhas/noite e o sucesso de captura foi de 11,30%. Foram realizados 219 registros de 12 espécies, sendo 2 espécies de marsupiais e 10 de roedores. A espécie mais abundante foi Trichomys apereoides que representou 57,53% das capturas, estando presente em todas as 6 áreas. Em outros estudos realizados na Serra do Espinhaço esta espécie também apresentou grande abundância provavelmente por sua preferência por áreas pedregosas. A Serra do Espinhaço é considerada uma região de grande relevância biológica e a continuidade dos estudos poderá contribuir para um melhor entendimento da presença e flutuação de suas espécies.

[414] LISTA PRELIMINAR DE PEQUENOS MAMÍFEROS TERRESTRES ENCONTRADOS NAS BARRAGENS PARAITINGA E BIRITIBA MIRIM, ESTADO SÃO PAULO

MARCILI, A.[1]; BERTOLA, P.[2]; PERCEQUILLO, A.[3]; PAGOTTO, C. P.[4]; FAVORITO, S. E.[4]

[1] BIOSIS PROJETOS AMBIENTAIS LTDA; [2] EPIDEMIOLOGIA EXPERIMENTAL, FMVZ/USP; [3] DEPARTAMENTO DE SISTEMÁTICA E ECOLOGIA – UNIV FEDERAL DA PARAÍBA; [4] UNIVERSIDADE BANDEIRANTE DE SÃO PAULO

O presente estudo é parte do programa de monitoramento e resgate da fauna silvestre dos reservatórios de Paraitinga e Biritiba, localizados nos municípios de Salesópolis (S23º31'74.9" W45º57'14.4") e Biritiba Mirim (S23º36'17.4" W46º05'33.2") e integrados ao Sistema Produtor do Alto Tietê, sob responsabilidade do DAEE/SP. Tem por objetivo caracterizar e monitorar as populações de pequenos mamíferos terrestres nas áreas de inundação e entorno dos referidos reservatórios, antes, durante e depois das etapas de desmatamento e enchimento dos mesmos. Até o momento, foram realizadas quatro campanhas com dez dias de captura (maio, setembro e dezembro de 2002 e dezembro de 2003). Os resultados incluem ainda os animais capturados pela equipe de resgate entre dezembro de 2003 e março de 2005. Nas campanhas foram utilizadas 70 estações de armadilhas do tipo pitfall e 140 armadilhas tipo gaiola, dispostas no solo e sobre galhos de árvores, totalizando um esforço de captura de 134.400 baldes/dia e 67.200 armadilhas/dia. Os resultados somam um total de 480 animais capturados, sendo 354 roedores e 126 marsupiais. Para a identificação das espécies, utilizou-se também a análise dos cariótipos. Foram identificadas, até o momento, 27 espécies de roedores, sendo: Abrawayaomys ruschii, Akodon montensis, Bibimys labiosus, Blarinomys breviceps, Brucepattersonius sp, Necromys lasiurus, Cavia aperea, Delomys sublineatus, Euryzygomatomys spinosus, Hydrochaeris hydrochaeris, Holochilus brasiliensis, Juliomys pictipes, Kannabateomys amblyonyx, Myocastor coypus, Nectomys squamipes, Phyllomys sp, Oecomys sp, Oligoryzomys nigripes, O. flavescens, Oryzomys russatus, O. angouya, Oryzomys sp, Oxymycterus sp, Rhipidomys mastacalis, Sciurus sp, Sphiggurus villosus e Thaptomys nigrita. Os marsupiais capturados incluem 12 espécies: Caluromys philander, Didelphis aurita, Gracilinanus microtarsus, G. agilis, Marmosops paulensis, M. incanus, Micoreus demerarae, Monodelphis americana, M. rubida, M. scalops, M. sorex e Philander frenata. Toda área estudada apresentou um índice de riqueza de espécies (d) de 14,17, sendo 10,20 somente para roedores e 5,23 para os marsupiais. O número de espécies de roedores capturados neste trabalho constitui a maior lista já apresentada para a Mata Atlântica. Além disso, o registro de A. ruschii e B. labiosus aumenta a área de distribuição destas espécies, conhecidas até então, apenas pelas localidades-tipo.

[415] LISTA PRÉVIA DE MAMÍFEROS NÃO VOADORES DAS ILHAS, VÁRZEAS E MATAS CILIARES DA PORÇÃO ALTA DO RIO PARANÁ, SUL DO BRASIL

LUDWIG, G.[1]; AGUIAR, L. M.[2]; TEIXEIRA, G. M.[2]; L.-FILHO, J.[4]; SVOBODA, W. K.[5]; HILST, C. L. S.[6]; SHIOZAWA, M. M.[6]; MALANSKI, L. S.[6]; NAVARRO, I. T.[6]; PASSOS, F. C.[7]

[1] ZOOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ; [2] PG-ZOOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ; [3] FACULDADE DE APUCARANA; [4] SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE-PR; [5] UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, CAMPUS PALOTINA; [6] UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA; [7] UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

As florestas do rio Paraná tiveram e têm importância como corredores para dispersão e refúgios biológicos para espécies animais e vegetais, tanto no passado durante os eventos de glaciações quanto no presente devido à expansão da fronteira agrícola. O objetivo deste trabalho é apresentar uma lista preliminar das espécies de mamíferos não voadores, discriminando os registros de ocorrências nos ambientes de ilha (1), margem esquerda do rio no município de Porto Rico-PR (2) e margem direita nos municípios de Bataiporã e Taquarussu-MS (3), na porção alta do rio Paraná (22046'S e 053016'W), durante os anos de 2003 a 2005. Para este fim foram percorridos transectos lineares bem como foram realizadas observações diretas via barco, análise de pegadas, além de entrevistas com moradores locais. Verificou-se a ocorrência de 28 espécies nativas e um gênero identificado (espécies não identificadas), distribuídos em 26 gêneros, 15 famílias e 9 ordens. Marsupialia: Didelphis albiventris (1,2,3), D. aurita (2); Primates: Cebus nigritus (2), C. cay (3), Alouatta caraya (1,2,3); Rodentia: Cavia aperea (1,2), Dasyprocta azarea (1,2,3), Agouti paca (1,2), Coendou prehensilis (1,2), Myocastor coypus (2), Hydrochoerus hydrochaeris (1,2,3); Xenarthra: Dasypus novencinctus (1,2,3), Euphractus sexcinctus (1,2,3), Tamandua tetradactyla (1,2,3); Myrmecophaga tridactyla (3); Artiodactyla: Mazama spp. (1,2,3), Blastocerus dichotomus (3), Pecari tajacu (1,2,3), Tayassu pecari (3); Perissodactyla: Tapirus terrestris (1,2,3); Carnivora: Nasua nasua (2,3), Procyon cancrivorus (1,2), Galictis cuja (2), Lontra longicaudis (1,2,3), Cerdocyon thous (1,2,3), Leopardus tigrinus (1,2), Leopardus pardalis (1,2,3), Herpailurus yagouaroundi (1,2,3), Puma concolor (1,2,3), Panthera onca (1,3). Quanto aos mamíferos de vida livre introduzidos, dois foram identificados: Lepus europaeus (2) e Sus sp. (1). O presente trabalho contribui para um melhor entendimento das ocorrências atuais de mamíferos nativos e introduzidos em matas insulares e continentais do rio Paraná.

[416] MAMÍFEROS DA ESTAÇÃO ECOLÓGICA ESTADUAL PARAÍSO, GUAPIMIRIM, RJ

JORDÃO-NOGUEIRA, T.; LUZ, J. L.; MOTTA, A. G.; RAÍCES, D. S. L.; CARVALHO, T. M.; ALBUQUERQUE, H. G.; ESBÉRARD, C. E. L.; BERGALLO, H. G.

ECOLOGIA, UERJ

Uma área de especial relevância para o conhecimento da fauna de vertebrados terrestres constitui a Estação Ecológica Estadual Paraíso (municípios de Guapimirim e Cachoeiras de Macacu), que possui importância estratégica para proteção dos mananciais da bacia da Baía de Guanabara e para a biodiversidade da Mata Atlântica. A Estação Ecológica Paraíso possui uma área de 4290 ha sendo coberta por Floresta Atlântica em diferentes graus de conservação. O clima da região é quente e úmido e a pluviosidade anual da área varia de 2000 a 2500 mm. A temperatura média na região é de 24oC. O inventário foi realizado em porções da floresta localizadas em altitudes desde 20 até 340 m. A coleta de roedores e marsupiais foi realizada com 126 armadilhas usadas por seis noites, incluindo 36 no estrato arbóreo/arbustivo (total 756 armadilhas.noite). Complementamos as capturas de pequenos mamíferos com o uso de armadilhas de queda (3 linhas de 45 m, cada qual com 10 baldes de 60 litros), que funcionaram por 21 dias. Os morcegos foram capturados em redes de neblina e manualmente diretamente em seus abrigos. As redes foram abertas ao entardecer e fechadas após um período de seis ou doze horas o que complementou inventário realizado anteriormente por 30 noites (1993-1997). Mamíferos de médio e grande porte foram amostrados com o uso de armadilhas fotográficas (10 unidades por 720 horas no total) e avistamentos durante o deslocamento dos pesquisadores. Registramos 54 espécies na EEEP o que corresponde a 29,2% das 185 espécies conhecidas para o Estado do Rio de Janeiro. Das espécies registradas, oito eram marsupiais, um edentata, 36 morcegos, três carnívoros, cinco roedores e um lagomorfo. Duas espécies de morcegos até então desconhecida para o Estado do Rio de Janeiro foram registradas na EEEP, Mycronycteris hirsuta e Phyllodema stenops. Vale a pena salientar a presença de uma nova espécie de roedor arborícola ainda desconhecida para a ciência, Rhipidomys sp.n., que é conhecida apenas para duas localidades no Estado.

[417] MAMÍFEROS DE FRAGMENTOS FLORESTAIS DO NOROESTE DO RIO GRANDE DO SUL

ROMAN, C.[1]; WEBER, M. M.[1]; LIMA, D.[2]; CAMILOTTI, V. L.[1]; TELLES-NETO, L.[1]; CÁCERES, N. C.[1]

[1] UFSM; [2] BIOLOGIA, UFSM

Este estudo teve como objetivo registrar a riqueza de mamíferos existente na região noroeste do Rio Grande do Sul, onde a mastofauna é pouco conhecida. A paisagem da área de estudo caracteriza-se por um mosaico de fragmentos de floresta decidual (< 100 ha) cercado por áreas de agropecuária, compreendida entre os municípios de Cerro Largo e Roque Gonzales. Para obtenção dos dados foram realizadas três campanhas entre os meses de agosto e dezembro de 2004, totalizando 18 dias de campo. A mastofauna da região foi amostrada em seis diferentes pontos de amostragem ao longo do Rio Ijuí (margem esquerda e direita), através de censos terrestres (observação direta e pegadas por 2 h/dia) e capturas com armadilhas (n = 45, acionadas por 5 noites sempre em um mesmo ponto) e redes-de-neblina (4 redes/ponto/noite – duração de 3 h a cada noite). O estudo resultou num total de 6 Ordens (Didelphimorphia, Xenarthra, Chiroptera, Primates, Carnivora, Artiodactyla, Rodentia e Lagomorpha), 19 Famílias e 32 espécies registradas. Destacaram-se as Ordens Chiroptera e Rodentia, com 9 espécies cada, e a Ordem Carnivora, com 7 espécies. Do total registrado, 18 espécies (56%) eram de pequenos mamíferos (< 2kg) e 2 espécies exóticas (Mus musculus e Lepus capensis). Das espécies ameaçadas de extinção no estado, seis foram registradas na região (Lontra longicaudis, Leopardus pardalis, Leopardus sp., Mazama americana, M. gouazoubira e Nasua nasua). As espécies com maior número de registros foram: Artibeus lituratus, Akodon montensis, Didelphis albiventris e Sciurus aestuans, ao passo que registros de L. longicaudis, N. nasua e M. americana foram raros. A mastofauna do noroeste sul riograndense encontra-se bastante debilitada, com a presença de espécies exóticas, ameaçadas de extinção ou mesmo extintas localmente (e.g. Tapirus terrestris, Panthera onca), representando apenas 41% da fauna natural que existia na região antes do uso da terra pelo homem, considerando os registros esperados para o noroeste do estado (N= 78 espécies). A abundância e riqueza de espécies na região estão relacionadas aos seus requerimentos de habitat, com espécies generalistas e oportunistas sendo mais freqüentes e aquelas mais especialistas sendo mais raras ou ausentes na região.

[418] MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE DO MÉDIO RIO MADEIRA.

RÔHE, F.[1]; RODRIGUES, L. F.[2]

[1] INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA; [2] COORDENAÇÃO DE PESQUISAS EM ECOLOGIA, INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA

A região do Médio Rio Madeira conta com poucos estudos envolvendo a mastofauna ao longo da história. Estes se iniciaram com as expedições naturalistas de Alexandre Rodrigues Ferreira em 1787 e Langhsdorff em 1826. Entre 1998 e 2004, foram descritas quatro novas espécies de primatas e uma espécie de Erethizontidae na região. Neste estudo foram amostradas oito localidades em três interflúvios distintos: Purus-Madeira, Madeira-Aripuanã e Aripuanã-Acari. Cinco métodos foram aplicados para a amostragem de médios e grandes mamíferos 1) transecção linear 2) encontro de vestígios 3) coleta de animais 4) a obtenção de material zoológico e entrevistas nas comunidades locais 5) registros feitos por pesquisadores de outros grupos taxonômicos. Foram obtidos 151 registros de mamíferos em 29 dias de coleta de campo, divididos em 60 espécies pertencentes a dez Ordens e 25 Famílias. O interflúvio Purus-Madeira foi o mais amostrado (13 dias), seguido do Aripuanã-Acari (9 dias) com 7 dias entre o rio Aripuanã e Madeira. Foram levantadas respectivamente, 29 19 e 18 espécies. Foram registradas 50 espécies em campo (exceto entrevistas) e outras 12 foram citadas por moradores locais. Existe uma tendência de crescimento no número de espécies por dias amostrados que se acentua quando os interflúvios são tratados separadamente. A região apresenta espécies endêmicas descritas recentemente e espécies provavelmente desconhecidas pela ciência. Algumas espécies foram registradas pela primeira vez em Campina, ambiente amazônico pouco estudado, completamente desprotegido pela legislação ambiental e que conta com pouca área contemplada por Unidades de Conservação. É importante ressaltar que o estabelecimento de Unidades de Conservação de proteção integral nestes três interflúvios é fundamental para a preservação da diversidade de mamíferos e hábitats da região. A substituição de faunas entre as diferentes margens dos rios Madeira e Aripuanã aliado aos endemismos observados tornam evidente a importância na implantação desta medida. Muito ainda há para se conhecer sobre a biodiversidade na região e com o avanço da destruição de hábitats facilitada pela pavimentação da rodovia que liga o município de Apuí a Novo Aripuanã, faz-se necessária e urgente a criação de áreas destinadas a preservação dos ambientes e espécies que lá se encontram.

[419] MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE DA RESERVA BIOLÓGICA ESTADUAL DO SASSAFRÁS (GLEBA MAIOR), DOUTOR PEDRINHO, SANTA CATARINA.

TORTATO, F.[1]; ALTHOFF, S. L.[2]

[1] CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS, UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU - FURB; [2] FURB

A Gleba Maior (26.71376 S 49.67751 O) da Reserva Biológica Estadual do Sassafrás (RBES) está localizada no município de Doutor Pedrinho, na região do Médio Vale do Itajaí, leste de Santa Catarina. A vegetação se caracteriza como um estágio de transição entre a floresta ombrófila densa e floresta ombrófila mista, pertencendo ao domínio da Mata Atlântica. Tem extensão de 3.662 ha e apresentam altitudes entre 400 e 1000 metros. De setembro de 2004 a junho de 2005 foram levantadas às espécies de mamíferos de médio e grande porte, por meio de observação direta (a), observação de pegadas (b) e armadilhas fotográficas (c). Despendeu-se um esforço de 23 dias em campo e 127 armadilhas-dia, registrando um total de 15 espécies, distribuídas em 8 famílias: Dasypus novemcinctus (b,c), Cabassous tatouay (b), Cerdocyon thous (b), Nasua nasua (b,c), Procyon cancrivorus (b,c), Eira barbara (b,c), Galictis cuja (b), Puma concolor (b,c), Leopardus pardalis (b), Leopardus tigrinus (c), Leopardus wiedii (c), Tayassu pecari (b,c),Tayassu tajacu (b) Mazama americana (a,b,c), Agouti paca (a,b,c). Além disso, foi registrada uma espécie (silvestre) exótica, Lepus capensis (a). Verificou-se que das 39 espécies de médio e grande porte de ocorrência para o estado de Santa Catarina, 15 foram registradas na Gleba Maior da RBES. Em princípio a presença destas espécies atestam o bom estado de conservação em que se encontra a Reserva. Espécies anteriormente descritas para Reserva em áreas próximas não foram confirmadas por este estudo, no entanto, novos esforços serão empregados neste sentido.

[420] MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE DO NÚCLEO DE FLORESTA DE ARAUCÁRIA DO PARQUE ESTADUAL DA SERRA DO TABULEIRO, SANTA CATARINA.

TORTATO, M. A.[1]; BORGES, A. B. T.[2]

[1] FAUNA, CAIPORA; [2] CAIPORA

O Parque Estadual da Serra do Tabuleiro (PEST) está localizado na parte centro-leste do estado de Santa Catarina e conta com aproximadamente 90 mil hectares. Entre janeiro de 2002 e janeiro de 2005 foi realizado um levantamento dos mamíferos de médio e grande porte do núcleo de Floresta de Araucária do PEST. Durante este período foram percorridos cerca de 600 km a pé, por três trilhas que cortam a área, com saídas mensais de três dias (em média). No trajeto verificou-se a presença dos mamíferos por observação direta (a), recuperação de vestígios (b1 para pegadas, b2 para fezes e b3 para carcaça) e informações com moradores do entorno (c). E ainda, foram utilizadas duas armadilhas fotográficas (180 armadilhas-dia) (d). Foram registradas 22 espécies de médio e grande porte, incluídas em 11 famílias: Didelphis sp. (b1, c), Alouata guariba (a, c), Cebus apella (a, c), Cerdocyon thous (a, b1, b2, c), Galictis cuja (a, c), Eira barbara (b1, c), Conepatus chinga (b1, c), Nasua nasua (a, b1, c), Procyon cancrivorus (b1, b2, c, d), Tapirus terrestris (a, b1, b2, b3, c, d), Tayassu tajacu (b1, c), Mazama americana (b1, c), Mazama guazoubira (b1, c), Leopardus tigrinus (b1, b2, c, d), Leopardus wiedii (b1, b2, c), Herpailurus yagouaroundi (b1, b2, c), Puma concolor (b1, b2, c), Agouti paca (b1, c), Dasyprocta azarae (b1, c), Dasypus novemcinctus (b1, b3, c, d), Dasypus septemcintus (b3, c), Cabassous tatouay (b1, c). Apesar do relato dos moradores sobre as espécies ocorrentes ser um tanto maior que a lista citada, foram consideradas aqui somente as espécies com o registro confirmado por investigação em campo. Entre os mamíferos selvagens exóticos anotou-se somente a Lebre (Lepus capensis), por avistamento e citação de moradores locais. E ainda, foi avistado um cachorro feral (Canis familiaris) alimentando-se em uma carcaça de gado bovino (Bos taurus). O gado é criado em regime extensivo e junto com a caça figuram-se como as principais ameaças à conservação da mastofauna no núcleo de Floresta de Araucárias do PEST.

[421] MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE DO PARQUE ESTADUAL DA ILHA GRANDE, RIO DE JANEIRO.

PEREIRA, B. C.[1]; ESBERÁRD, C. E. L.[2]; BERGALLO, H. G.[2]

[1] EDOLOGIA, UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO; [2] UERJ

A Ilha Grande, localizada na Baía de Angra dos Reis, litoral sul do Estado do Rio de Janeiro, é a maior ilha do Estado, apresentando cerca de 19.000 ha. É uma das regiões florestadas do Rio de Janeiro em melhor estado de conservação, apesar de várias áreas terem sido desmatadas e utilizadas para culturas de diferentes tipos. A Ilha Grande tornou-se uma importante região de preservação e pesquisa ambiental, onde foram criadas diferentes unidades de conservação, como o Parque Estadual da Ilha Grande, apresentando cerca de 5.500 ha. Neste trabalho, são apresentados os resultados preliminares de um levantamento da fauna de mamíferos de médio e grande porte, realizado através de métodos combinados: (1) visualização durante o levantamento em 99,56 kms em transecções lineares, totalizando 142 horas de coleta, (2) Indícios de presença, como pegadas e vocalizações, (3) comunicações pessoais e registros bibliográficos. Foram registradas 12 espécies: Didelphis aurita, Bradypus variegatus, Dasypus novemcinctus, Alouatta fusca,Callithrix jacchus, Procyon cancrivorous, Lontra longicaudis, Leopardus tigrinus, Sciurus aestuans, Sphiggurus insidiosus, Agouti paca, Hydrochaeris hydrochaeris e Dasyprocta leporina. Todas as espécies foram avistadas em transecções lineares, exceto: Bradypus variegatus, Procyon cancrivorous, e Leopardus tigrinus. Espécies comuns em outras áreas, como a cutia D. leporina raramente são avistadas, provavelmente devido à caça ainda presente na ilha. Por outro lado, A.paca, cuja carne é muito apreciada pelas populações locais, tem sido avistada com freqüência próxima a Dois Rios. Espécies de difícil visualização, como Leopardus wiedii ainda não foram avistadas. Até o momento, a riqueza de espécies de mamíferos de médio e grande porte no Parque Estadual da Ilha Grande é baixa, se comparado com outras unidades de conservação de Mata Atlântica localizadas no Sudeste do Brasil. Isso pode ser devido ao fato dos esforços terem se concentrado nas imediações das duas áreas mais densamente povoadas da Ilha, ou a um efeito de ilha.Com a continuidade deste trabalho esperamos detectar causas prováveis que afetem a densidade das espécies na Ilha Grande.

[422] MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE NA RESERVA DO CARAGUATÁ, SUL DO BRASIL

GRAIPEL, M. E.[1]; PAGLIA, A.[2]; GOULART, F. V. B.[1]; TORTATO, M.[1]

[1] DEPTO. ECOLOGIA E ZOOLOGIA, CCB, UFSC; [2] PROGRAMA MATA ATLÂNTICA, CONSERVAÇÃO INTERNACIONAL

Através do monitoramento com armadilhas fotográficas, esta sendo desenvolvido um estudo comparativo dos efeitos da sazonalidade na diversidade e abundância de mamíferos de médio e grande porte na Reserva Particular do Patrimônio Natural do Caraguatá no estado de Santa Catarina, sul do Brasil. A primeira etapa do monitoramento foi realizada de novembro/2004 a fevereiro de 2005, em um total de 88 dias de amostragem. A segunda etapa terá início em agosto/2005. Foram utilizadas nove armadilhas fotográficas e obtidas 40 fotografias de nove espécies de mamíferos de médio e grande porte. A abundância relativa foi estimada através de um índice (IAR = número de registros da espécie / total de registros obtidos) que exclui os registros de uma mesma espécie em uma armadilha fotográfica no mesmo dia. Verificou-se assim, uma elevada abundância relativa de espécies de felinos ameaçados de extinção como o puma (Puma concolor - IAR = 0,2), o gato-do-mato-pequeno (Leopardus tigrinus - IAR = 0,05) e a jaguatirica (Leopardus pardalis - IAR = 0,025), que representaram respectivamente, 20%, 5% e 2,5% de todos os registros. Foram registradas ainda, a paca (Cuniculus paca - IAR = 0,25), o quati (Nasua nasua - IAR = 0,05), o graxaim (Cerdocyon thous - IAR = 0,025), a irara (Eira barbara - IAR= 0,025), o tatu-galinha (Dasypus novemcinctus – IAR = 0,075) e o cateto (Pecari tajacu - IAR = 0,05). Os registros obtidos durante o verão de espécies locais como os felinos e a paca, esta com 25% dos registros mesmo sendo uma espécie sinegética importante, sugerem um alto nível de conservação do ambiente de Floresta Atlântica na RPPN do Caraguatá.

[423] MAMÍFEROS NÃO VOADORES DA RESERVA DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL AMANÃ, AMAZONAS, BRASIL

VALSECCHI, J.A.[1]; MUNIZ, I. C.[1]; AVELAR, A. A.[2]; HARADA, M.[3]; MARQUES-AGUIAR, S. A.[3]; AGUIAR, G.[2]; SILVA-JÚNIOR, J. S.[2]

[1] COORDENAÇÃO DE MONITORAMENTO, INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL MAMIRAUÁ; [2] MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI; [3] UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

A RDS Amanã localiza-se em uma das áreas menos estudadas da Amazônia, carecendo de uma compilação sobre a diversidade local de mamíferos. O objetivo do presente estudo foi gerar novos dados sobre a composição da comunidade local. A metodologia consistiu de uma combinação de coleta de espécimes, observações diretas e indiretas, e entrevistas. A amostragem foi concentrada em dois pontos, cobrindo as três principais formações florestais da Reserva (terra firme, várzea e igapó). Este foi o primeiro levantamento sistemático sobre a diversidade de mamíferos da RDSA, produzindo uma lista considerando todos os grupos não voadores da região. Os resultados já alcançados indicaram a presença de todos os representantes esperados das ordens Perissodactyla, Artiodactyla, Cetacea e Sirenia. Quase todos os táxons esperados da ordem Carnivora foram observados, exceto Bassaricyon gabii, Eira barbara, Herpailurus yagouarondi e Leopardus tigrinus. Foram identificadas sete espécies de primatas e sete de xenartros. Entre os pequenos mamíferos, foram observadas três espécies de marsupiais e nove de roedores. A fauna de mamíferos registrada possui predominância de espécies de áreas florestadas. No entanto, espécies de áreas abertas também poderão ser observadas quando os levantamentos forem estendidos às áreas de campina e campinarana. Os resultados obtidos já esclareceram questões sobre identidade e/ou distribuição geográfica nas ordens Primates, Carnivora, Perissodactyla, Artiodactyla, Cetacea e Sirenia. As questões ainda não resolvidas sobre a diversidade de mamíferos não voadores da RDSA estão relacionadas às ordens Didelphimorphia, Xenarthra e Rodentia. Estes grupos necessitam de um maior tempo de amostragem para que todas as espécies sejam registradas. A lista de mamíferos composta para a RDSA conta com 57 espécies. A execução deste projeto tem gerado dados importantes para auxiliar o plano de manejo da Reserva, o planejamento sócio-econômico e o norteamento de políticas públicas. Financiamento: FEPIM

[424] MAMÍFEROS NÃO VOADORES DA RESERVA DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL MAMIRAUÁ, AMAZONAS, BRASIL

VALSECCHI, J.[1]; MUNIZ, I. C.[1]; AVELAR, A. A.[2]; HARADA, L. M.[3]; MARQUES-AGUIAR, S. A.[3]; AGUIAR, G.[2]; SILVA-JÚNIOR, J. S.[2]

[1] COORDENAÇÃO DE MONITORAMENTO, INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL MAMIRAUÁ; [2] MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI; [3] UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

A Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, juntamente com a RDS Amanã e o Parque Nacional do Jaú formam uma imensa área de florestas protegidas, com grande riqueza de espécies de mamíferos. A comunidade do Mamirauá é diferenciada em relação às demais, abrigando espécies tolerantes ao ambiente de várzea. No entanto, o conhecimento sobre a composição desta comunidade ainda apresenta lacunas. Apenas dois levantamentos haviam sido realizados, e estes não abrangiam todos os grupos de mamíferos não voadores. O objetivo do presente estudo foi verificar a composição desta comunidade, discutindo questões relacionadas à identidade e distribuição geográfica dos táxons. Os trabalhos de campo incluíram uma combinação de coletas, observações diretas e indiretas, e entrevistas. Nas duas campanhas realizadas, a amostragem foi concentrada na área local da Reserva. Os resultados já alcançados confirmaram a presença de todos os representantes esperados das ordens Perissodactyla, Artiodactyla, Cetacea e Sirenia. Além disso, foram observadas quatro espécies de marsupiais, três de xenartros, sete de primatas, sete de carnívoros e 10 de roedores. Entre os primatas, foram identificados os representantes dos gêneros Cebus (C. albifrons e C. macrocephalus), Pithecia (P. monacchus) e Ateles (A. chamek). Os resultados também indicaram simpatria entre formas de diferentes grupos de espécies de Saimiri. Nesta primeira fase do levantamento foram esclarecidas questões sobre identidade e/ou distribuição geográfica nas ordens Primates, Carnivora, Artiodactyla, Cetacea e Sirenia. A maior parte das questões mal resolvidas sobre diversidade e distribuição geográfica de mamíferos na RDSM está relacionada aos xenartros e pequenos mamíferos, e também à composição da comunidade na área subsidiária. A lista produzida representou um acréscimo de 25% em relação às anteriores. Atualmente, a lista de mamíferos não voadores da RDSM possui 40 espécies. Financiamento: FEPIM

[425] MAMÍFEROS NÃO VOADORES E SUAS ASSOCIAÇÕES COM HABITATS NATURAIS NO HORTO FLORESTAL MONTE CARMELO, TRIÂNGULO MINEIRO, MG: DADOS PRELIMINARES.

BELENTANI S.C.S.

ECOLOGIA, DELTA AMBIENTAL

Nesse estudo descreve-se os mamíferos não voadores do Horto Florestal Monte Carmelo (HFMC), de propriedade da Nova Monte Carmelo S.A, considerando a ausência de amostragem para área e o pouco conhecimento para a região. O HFMC localiza-se entre os municípios de Araguari, Estrela do Sul, Indianópolis, Nova Ponte e Romaria em Minas Gerais. Dos seus 51.959 ha destinados à silvicultura, 10.395 ha compreendem áreas de reserva legal e preservação permanente, tendo como vegetação remanescente, o Cerrado, entremeado por matas de galeria, buritizais, campos de murundus (covoais) e matas semideciduas. Foram realizadas seis campanhas de julho de 2002 a maio de 2003. Os mamíferos de médio e grande porte foram registrados através de avistamento direto e identificação de vestígios, enquanto para os pequenos mamíferos foram utilizadas armadilhas de captura viva, acumulando um esforço de 2070 armadilhas-noite. Registrou-se 27 espécies, sendo 2 na Ordem Didelphimorphia (Didelphidae: Didelphis albiventris e Gracilinanus agilis), 4 Xenarthra (Dasypodidae: Dasypus sp., Euphractus sexcinctus e Priodontes maximus; Myrmecophagidae: Myrmecophaga tridactyla), 1 Primates (Callithrichidae: Callithrix penicillata), 9 Carnivora (Canidae: Cerdocyon thous, Chrysocyon brachyurus, Pseudalopex vetulus; Felidae: Puma concolor e Herpailurus yaguarondi; Mustelidae: Conepatus semistriatus e Lontra longicaudis; Procyonidae: Nasua nasua e Procyon cancrivorous), 2 Artiodactyla (Cervidae: Mazama sp. e Ozotocerus bezoarticus) e 9 Rodentia (Muridae: Akodon cursor, Bolomys lasiurus, Calomys tener, Oligoryzomys nigripes, Oryzomys subflavus, Oryzomys megacephalus; Hydrochaeridae: Hydrochaeris hydrochaeris; Dasyproctidae: Dasyprocta sp.; Echimyidae: Clyomys sp.). As espécies encontradas representam 24% dos mamíferos não voadores descritos para o Cerrado, estando associadas principalmente a ambientes mais abertos. Sete espécies apresentam problemas de conservação no Estado e duas são endêmicas de Cerrado. Entre os pequenos mamíferos, Bolomys lasiurus foi a espécie mais abundante, Oryzomys subflavus a mais generalista entre os ambientes amostrados. Entre os ambientes, o maior sucesso de captura foi obtido no covoal (7,5%), para o qual se destaca a presença de uma provável espécie nova de Clyomys, cujos espécimes apresentaram um cariótipo recém descrito por Kasahara e colaboradores (51º Congresso Brasileiro de Genética, 2005). Os resultados sobre a mastofauna aqui apresentados são bastante relevantes, pois contribuem para o aumento de informações, importantes para conservação da biodiversidade no Triângulo Mineiro.

[426] MAMÍFEROS NÃO-VOADORES DA RESERVA PARTICULAR DO PATRIMÔNIO NATURAL SERRA DO CARAÇA, CATAS ALTAS, MINAS GERAIS, BRASIL.

MOURA, R. T.[1]; COSTA, L. P.[2]; LEITE, Y.L.R.[2]; GRELLE, C. E. V.[3]; FONSECA, M.F.[4]

[1] LAB. MASTOZOOLOGIA, UNIV. FEDERAL DE MINAS GERAIS / IESB; [2]DEPTO CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, UNIV. FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO; [3] LAB. DE VERTEBRADOS, DEP. ECOLOGIA, UNIV. FEDERAL DO RIO DE JANEIRO; [4] CONSERVAÇÃO INTERNACIONAL

A Mata Atlântica é um dos biomas mais rico em número de espécies, e também um dos mais ameaçados do planeta. Embora nós tenhamos conhecimento razoável de sua riqueza regional, existem poucas informações sobre riqueza local de pequenos mamíferos, dificultando a realização de análises que buscam explicar a variação espacial da riqueza de espécies. Em Minas Gerais, uma parcela dos remanescentes mantém ainda uma fauna rica e diversa de espécies de mamíferos característicos do bioma, principalmente em áreas como a Serra do Caraça (20 05'S, 43 29'W). Em 1994, 10.187 ha da Serra do Caraça, município de Catas Altas, foi transformada em Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN), compreendendo formações florísticas de floresta semi-deciduas, campos de altitude e campos rupestres, ocorrendo entre 850 e 2072 m de altitude. Sendo assim, dentro dos limites da RPPN coexistem espécies de Mata Atlântica de interior, Cerrado e Campos Rupestres. Mas ainda são escassas as informações sobre os mamíferos da região. O objetivo do presente trabalho foi realizar um levantamento de espécies de mamíferos que ocorrem na RPPN Serra do Caraça, com base em uma expedição de campo, e análise dos espécimes depositados na Coleção de Mamíferos do Departamento de Zoologia/ UFMG. O estudo de campo contou com um esforço de captura de 1.170 armadilhas-noite resultando em um sucesso de 4 % e uma riqueza de 15 espécies de pequenos mamíferos não-voadores, sendo quatro marsupiais e 11 roedores. As espécies registradas foram: Marmosops incanus, Gracilinanus microtarsus, Philander frenatus, Monodelphis iheringi, Cavia sp., Trinomys gratiosus, Trinomys iheringi, Trinomys paratus, Trinomys sp., Euryzygomatomys spinosus, Juliomys pictipes, Akodon cursor, Nectomys squamipes, Rhipidomys sp., Oligoryzomys sp., e Metachirus nudicaudatus. Também foram registradas através de visualização e/ou vocalização as seguintes espécies: Callicebus nigrifrons; Chrysocyon brachiurus, Sciurus sp. e Sylvilagus brasiliensis.. Econtram-se depositados na Coleção do DZUFMG espécimes das seguintes espécies: Philander frenatus, Didelphis albiventris, Gracilinanus sp. Marmosops incarus, Nectomys squamipes, Akodon cursor, Cavia sp.,Oligoryzomys sp., e Sylvilagus brasiliensis, testemunhos de um total de 31 espécies registradas em 1980. No total, considerando os dois levantamentos em questão, registra-se a ocorrência de 42 espécies de mamíferos na RPPN Serra do Caraça.

[427] MASTOFAUNA DE MÉDIO E GRANDE PORTE DA REGIÃO DO RIO ARAGUAIA (EXPEDIÇÃO COUTO MAGALHÃES- SECRETARIA DE MEIO AMBIENTE E RECURSOS HÍDRICOS DE GOIÁS)

SILVA, R.

CENTRO DE BIOLOGIA AQUÁTICA, UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

Numa região típica do bioma cerrado, o rio Araguaia com 2600 Km de extensão divide os estados de Goiás, Mato Grosso e Tocantins. O cerrado, considerado uma região crítica para a conservação devido à riqueza biológica e à alta pressão antrópica a que vem sendo submetido. A fauna em toda a extensão do Rio Araguaia, encontra-se ameaçada pela redução de habitat à margem do rio. Através da Expedição Couto Magalhães realizada entre os dias 10 a 25 de julho de 2004 com o objetivo de realizar um diagnóstico ambiental sobre a região do rio Araguaia, foi realizado o levantamento da mastofauna de médio e grande porte. Para o levantamento foram realizadas observações e registros da fauna durante o percurso da expedição no leito do rio e em alguns de seus afluentes, além da realização de transects em Áreas de Preservação Permanente, a margem do rio. Os registros foram feitos por avistamento, zoofonia e através de vestígios (pegadas, fezes, carcaças de animais mortos entre outros). Para adequação ao percurso diário a ser cumprido pela expedição, foi utilizado o método do registro oportunístico (ad libitum), ou seja, os horários não eram fixos e os locais de coleta de dados eram selecionados dentro do trecho a ser percorrido pela embarcação principal da expedição. Para análise dos dados foram elaboradas matrizes de presença e ausência do registro das espécies em cada dia de trabalho realizado durante a expedição, todo o percurso da expedição entre os municípios de Araguaçaí e Luis Alves foi dividido em três trechos para análise, sendo o trecho 1 de Araguaçaí a Itacaiú, trecho 2 de Aruanã a Landi e trecho 3 de Landi a Luis Alves. No total de 12 dias de estudo, 20 espécies de mamíferos foram registradas. O primeiro trecho apresentou a maior diversidade (H:1,157) em relação aos trechos 2 (H:0,697) e trecho 3 (H:0,574). O trecho 1 apresentou maior número de espécies do que os outros dois trechos, devido a menor presença de turistas e melhor estado de conservação, pois o trecho 2 e 3 são as regiões mais freqüentadas por turistas.

[428] MASTOFAUNA DO VALE DO PARAÍBA DO SUL, REGIÃO NORDESTE DO ESTADO DE SÃO PAULO.

ANTUNES, V. Z.[1]; DELCIELLOS, A. C.[2]

[1] ECOLOGIA, UFRJ; [2] UFRJ

O vale do Paraíba do Sul é uma antiga área de ocupação humana na região sudeste do Brasil. Nele os domínios da Floresta Pluvial Atlântica foram progressivamente substituídos pela lavoura cafeeira no século XIX, e pela industrialização, abertura de rodovias e atividades agropecuárias no início do século XX. Atualmente, os principais habitats observados são pequenos fragmentos de mata isolados, plantações comerciais de eucalipto e Pinnus, pequenas matas ciliares, brejos, pastagens, plantações de culturas diversas e áreas urbanizadas. O objetivo desse estudo foi realizar um rápido levantamento do estado atual da lista de espécies de mamíferos da região do vale do Paraíba do Sul, no nordeste de São Paulo. Em 2003 foi realizada uma excursão de oito dias percorrendo estradas secundárias da BR-116, abrangendo 22 municípios paulistas. O levantamento da mastofauna foi fundamentado em trabalhos publicados em revistas científicas especializadas e em planos de manejo de áreas de conservação. Dados de campo foram obtidos através de três categorias de registro: observação direta, observação indireta e entrevistas. Apenas duas espécies foram registradas por observação direta (Galictis cuja e Cavea sp.) e uma por observação indireta (Dasypus novemcinctus). Em 40 entrevistas com moradores e trabalhadores locais foi possível estabelecer a ocorrência de 35 espécies, distribuídas em sete ordens e vinte e uma famílias, sendo a grande limitação deste método o reconhecimento de espécies de pequenos mamíferos. As espécies mais citadas foram Cerdocyon thous, Coendou sp., Didelphis sp., Hydrochaeris hydrochaeris, Mazama americana, Callithrix jacchus e Myocastor coypus. No levantamento bibliográfico, 169 espécies de mamíferos distribuídas em 9 ordens e 33 famílias, foram registradas como de ocorrência potencial na região, sendo que 27 encontram-se ameaçadas de extinção, 15 estão provavelmente ameaçadas e 4 são endêmicas. Dessas espécies, 21% foram citadas nas entrevistas. As espécies freqüentemente vistas em áreas fragmentadas, como cachorro-do-mato, gambá e veado-mateiro, são aquelas que possuem características generalistas e onívoras, alta taxa reprodutiva, e/ ou comportamento favorável às condições adversas, que as fazem persistir em regiões alteradas. Outras espécies, mais especialistas, encontram-se ameaçadas de extinção. Apesar da grande perturbação dos seus habitats, o vale do Paraíba do Sul tem uma mastofauna de grande diversidade.

[429] MASTOFAUNA EM ÁREAS DE PLANTIO DE PINUS E REMANESCENTES NATURAIS, JAGUARIAÍVA, PR.

VIDOLIN, G. P.[1]; BRAGA, F. G.[2]

[1] ESTUDO DA PAISAGEM, UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ; [2] BIO SITU PROJETOS E ESTUDOS AMBIENTAIS LTDA.

Este estudo foi realizado em um mosaico paisagístico composto por áreas de plantio de pinus em diferentes fases de desenvolvimento e remanescentes de ecótono das formações Floresta Estacional Semidecidual, Floresta Ombrófila Mista e Savana, no município de Jaguariaíva, Paraná. O objetivo principal foi o inventário da composição mastofaunística destes ambientes. Os métodos utilizados foram a captura de pequenos mamíferos mediante o uso de pitfalls, live traps e mist nets, observação de indícios e uso de câmeras fotográficas adaptadas a sensores infravermelhos para registro de mamíferos de médio e grande porte. Durante o período de março de 2003 a novembro de 2004 (fases bimestrais) foram registradas 33 espécies pertencentes a 13 famílias. As espécies registradas foram: Puma concolor, Leopardus pardalis, Leopardus tigrinus, Herpailurus yaguarondi, Chrysocyon brachyurus, Cerdocyon thous, Eira barbara, Procyon cancrivorus, Myrmecophaga tridactyla, Dasypus novemcinctus, Dasypus septemcinctus, Euphractus sexcinctus, Mazama gouazoubira, Mazama sp., Sylvilagus brasiliensis, Lepus europaues, Didelphis albiventris, Didelphis marsupialis, Monodelphis americana, Gracilinanus agilis, Sphiggurus villosus, Dasyprocta azarae, Oxymycterus judex, Oligoryzomys sp., Brucepattersonius sp., Akodon sp., Calomys sp., Bolomys lasiurus, Chrotopterus auritus, Sturnira lilium, Desmodus rotundus, Anoura caudifer e uma espécie de morcego não identificada. O conhecimento da mastofauna destas áreas vem contribuindo com a definição das intervenções necessárias para a sua melhoria ambiental, mediante a identificação de áreas prioritárias para a conexão dos fragmentos naturais, além do manejo menos impactante do pinus.

[430] MASTOFAUNA NÃO VOADORA DA ESTAÇÃO CIENTÍFICA FERREIRA PENNA, CAXIUANÃ

SILVA-JÚNIOR, J. S.[1]; MARTINS, S. S.[1]; VALENTE, R. N. P.[1]; SILVA, L. S.[1]; LIMA, E. M.[2]

[1] MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOLEDI; [2] COORDENAÇÃO DE ZOOLOGIA, MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOLEDI

A Estação Científica Ferreira Penna (ECFPn) abrange uma área correspondente a 10% dos 330.000 hectares da Floresta Nacional de Caxiuanã. O ambiente predominante é de floresta, mas algumas manchas de savanas também podem ser encontradas na área. A fauna de mamíferos não voadores foi amostrada através de censos terrestres em seis parcelas (100 hectares), observações diretas e indiretas, coletas através de armadilhas de interceptação e queda, e entrevistas. Foram percorridos 1.292,75 quilômetros de censos diurnos, entre março de 2003 e maio de 2006, empregando-se o método de transecção linear, a uma velocidade média de 1,5 km/h. As parcelas foram percorridas quatro vezes por estação, em dois períodos do dia (manhã, entre 7:00 e 10:30 horas, e tarde, entre 13:00 e 16:30 horas). Foram registradas 16 espécies de mamíferos em 846 avistamentos, representando uma taxa de 6,5 avistamentos/10 km percorridos de censo. Destas, 4,2 foram de primatas e 2,3 de não primatas. Na ordem Primates, Alouatta belzebul teve uma taxa de 2,5, Saguinus niger de 0,78, Cebus apella de 0,56 e Chiropotes utahickae de 0,3. Na ordem Xenarthra, Tamandua tetradactyla teve uma taxa de 0,06, Myrmecophaga tridactyla e Dasypus novemcinctus tiveram uma taxa de 0,03, Bradypus variegatus e Choloepus didactylus de 0,02. Na ordem Carnivora, Eira barbara e Nasua nasua tiveram uma taxa de 0,09. Na ordem Artiodactyla, Mazama sp. teve uma taxa de 0,3 e Tayassu tajacu de 0,02. Na ordem Rodentia, Sciurus sp. teve uma taxa de 0,88 e Dasyprocta leporina de 0,81. Alguns indivíduos de Specthos venaticus, Potos flavus, Pteronura brasiliensis, Leopardus pardalis, Inia geoffrensis, Sotalia fluviatilis, Trichechus inunguis, Tapirus terrestris, Tayassu pecari, Coendu sp., Hydrochaeris hydrochaeris e Agouti paca puderam ser observados durantes os deslocamentos da equipe, ou identificados através de vestígios (carcaças ou rastros). Quatro espécies de roedores foram coletadas na área, incluindo um exemplar de Lonchothrix emiliae, o qual representa uma ampliação, em direção leste, da área de distribuição geográfica da espécie. A presença de alguns mamíferos ameaçados agrega grande valor de preservação para a ECFPn. Apoio: MPEG, Projeto TEAM, CI-Brasil, Fundação Moore

[431] MASTOFAUNA NÃO VOADORA DAS SAVANAS DO MARAJÓ

SILVA-JÚNIOR, J. S.[1]; MARQUES-AGUIAR, S. A.[1]; AGUIAR, G. F. S.[1]; SALDANHA, L. N.[2]; AVELAR, Á. A.[1]; LIMA, E. M.[3]

[1] MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOLEDI; [2] IBAMA; [3] COORDENAÇÃO DE ZOOLOGIA, MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOLEDI

A Área de Proteção Ambiental do Arquipélago do Marajó (APA Arquipélago do Marajó) cobre grande parte do estuário amazônico, incluindo-se a totalidade da Ilha de Marajó, maior ilha flúvio-marítima do mundo. Caracteriza-se por grande diversidade fitofisionômica, que compreende matas de terra firme, várzeas e savanas. A diversidade e a distribuição de mamíferos em seu território ainda são relativamente pouco conhecidas. Com o objetivo de inventariar a mastofauna não voadora das savanas e áreas vizinhas na APA, três campanhas de 7-10 dias foram realizadas nos municípios de Ponta de Pedras, Chaves e Muaná, em janeiro e agosto de 2004 e janeiro de 2005. A metodologia atendeu aos pressupostos de uma avaliação ecológica rápida (AER), baseando-se em captura de espécimes, observações diretas (visuais e auditivas) e indiretas (achados de rastros, fezes ou outros vestígios), e relatos obtidos através de entrevistas com moradores locais. O levantamento foi concentrado nas espécies de médio e grande porte. Os resultados indicaram a ocorrência de 50 espécies de mamíferos não voadores na Ilha de Marajó, o que representa cerca de 64% da diversidade esperada para a região estuarina. Entre as 17 espécies esperadas na ilha, com interesse para a conservação, 10 tiveram sua ocorrência confirmada, podendo-se destacar Pteronura brasiliensis (considerada ameaçada), Myrmecophaga tridactyla, Specthos venaticus, Inia geoffrensis, Trichechus inunguis e Tapirus terrestris (consideradas vulneráveis à extinção). Três espécies eram de ocorrência não esperada, constituindo-se em registros novos para a região. O veado-galheiro, Ozotoceros bezoarticus, era uma espécie conhecida apenas em áreas de vegetação aberta das regiões Centro-Oeste, Nordeste, Sudeste e Sul do Brasil. O caiarara, Cebus cf. kaapori, representa uma sexta espécie de primatas observada na ilha, de ocorrência rara e criticamente ameaçada, conhecida até então apenas no leste do Pará e oeste do Maranhão. O tatu-toró, Dactylomys dactylinus, representa uma confirmação da descoberta recente de que sua distribuição geográfica abrange toda a Amazônia oriental. Os resultados já alcançados através do presente inventário confirmam o status do Arquipélago do Marajó como área prioritária para conservação e manejo. Apoio: PROBIO

[432] MASTOFAUNA TERRESTRE EM REMANESCENTES DE CERRADO DA REGIÃO DO TRIÂNGULO MINEIRO, MG.

BELENTANI, S. C. S.

ECOLOGIA, DELTA AMBIENTAL

O Cerrado constitui o segundo maior bioma do Brasil, que atualmente esta entre as áreas com prioridades de conservação no mundo, pois além da alta biodiversidade, suas áreas sofrem perigo imediato de destruição e de extinção de espécies. Diante da sistemática perda e fragmentação dos habitats de Cerrado registradas nas últimas décadas para a expansão das atividades agropecuárias, e atualmente para a cultura de soja, tem-se em muito reduzido a área disponível para a sobrevivência das espécies nativas, o que torna esse ambiente merecedor de maior atenção. Nesse trabalho apresento a composição de espécies de mamíferos não voadores ocorrentes em remanescentes de Cerrado, presentes em áreas de silvicultura de propriedade da A. W. Faber-Castell S. A. localizadas nos municípios de Prata e Uberlândia, que foi monitorada em cinco estudos (com duração mínima de um ano), de maio de 1992 até março de 2005. Os registros para pequenos mamíferos foram feitos através da técnica de captura-recaptura e para mamíferos de médio-grande porte por avistamentos, evidências indiretas (carcaças, fezes, etc), estações de pegadas, e no último estudo utilizou-se, também, armadilhas fotográficas. Foram registradas 35 espécies das ordens Didelphimorphia: Didelphis albiventris, Lutreolina crassicaudata, Gracilinanus agilis; Xenarthra: Myrmecophaga tridactyla, Tamandua tetradactyla, Dasypus septemcinctus, D. novemcinctus, Euphractus sexcinctus, Cabassous unicinctus; Primates: Callithrix penicillata; Carnivora: Cerdocyon thous, Chrysocyon brachyurus, Pseudalopex vetulus, Nasua nasua, Procyon cancrivorous, Conepatus semistriatus, Galictis cf. cuja, Puma concolor, Leopardus pardalis; Artiodactyla: Tayassu tajacu, Mazama gouazoubira; Rodentia: Bolomys lasiurus, Calomys tener, Oligoryzomys nigripes, Oryzomys megacephalus, Oryzomys subflavus, Oxymycterus delator, Rhipidomys mastacalis, Pseudoryzomys simplex, Thalpomys cf. lasiotis, Coendu prejensilis, Cavia aperea, Hydrochaeris hydrochaeris, Dasyprocta sp.; Lagomorpha: Sylvilagus brasiliensis. O número de espécies apresenta-se relativamente alto e entre os registros cinco espécies são endêmicas de Cerrado e oito consideradas ameaçadas de extinção no Estado. Os dados obtidos destacam a importância da extensão dos estudos para um conhecimento satisfatório das espécies de uma região. Além disso, vem confirmar a extrema necessidade de se manter áreas naturais preservadas, mesmo em áreas degradadas, para a conservação dos mamíferos. Visto o reduzido número de UC's no Triângulo Mineiro, as iniciativas de preservação cabem tanto ao setor público como privado.

[433] MONITORAMENTO DA FAUNA DE PEQUENOS MAMÍFEROS NÃO VOADORES EM 3 ÁREAS DE CERRADO DE MINAS GERAIS

OLIVEIRA, F. .[1]; LOPES, W.[2]; AIRTON-JÚNIOR, [3]; PAGLIA, A.[2]

[1] MASTOZOOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS; [2] UFMG; [3] CONSERVAÇÃO INTERNACIONAL

O presente trabalho mostra dados relativos a um monitoramento a longo prazo das espécies de pequenos mamíferos não voadores do Cerrado de Minas Gerais, estudo que vem sendo realizado em três propriedades da Vallourec & Mannesmann Florestal (fazendas Santa Cruz, Brejão e Corredor), nos municípios de Felixlândia, Brasilândia de Minas e Bocaiúva respectivamente, noroeste de Minas Gerais. O ambiente predominante nos três sítios de estudo é o Cerrado, bioma altamente ameaçado e com elevado grau de endemismo, sendo esta uma das áreas prioritárias para conservação da biodiversidade. Os pequenos mamíferos estão presentes nos diferentes níveis tróficos e são importantes dispersores e predadores de sementes. Os resultados aqui apresentados são relativos ao monitoramento realizado no período de maio de 2004 a maio de 2005 . Os métodos empregados consistem de um programa de captura-marcação-recaptura, com campanhas bimestrais onde em cada sítio de amostragem, Cerrado e Mata de Galerias, foram estabelecidos transectos , subdivididos em postos de captura com 2 armadilhas de captura viva instalados em cada posto, sendo uma gaiola de gancho e outra do tipo Shermann. Sendo a gaiola iscada com pedaços de abacaxi e algodão embebido em óleo de fígado de bacalhau (Emulsão Scott) e a Shermann com pedaços de abacaxi. As armadilhas foram reiscadas uma vez a cada 2 dias, sendo vistoriadas durante 5 dias pela manhã. Com um esforço global de 13620 armadilhas-noite para as três áreas como um todo, ocorreu 1337 capturas e recapturas com um sucesso de captura de 9,8%, com uma riqueza de 13 espécies de pequenos mamíferos. Os marsupiais estão representados por 6 espécies enquanto os roedores por 7. O sucesso de captura foi diferente entre as fazendas, sendo 2,6% para Santa Cruz, 12,5% para Corredor e 14,84% para Brejão. A riqueza de espécies também variou entre os sítios de estudo, sendo a fazenda Corredor a mais rica com 10 espécies, a fazenda Brejão com 8 espécies e a fazenda Santa Cruz com 6 espécies. Alguns espécimes foram coletados e taxidermizados, para servirem como referencia e depositados na Coleção de Mamíferos do Departamento de Zoologia da Universidade Federal de Minas Gerais. Este trabalho visa comparar a estrutura da comunidade de pequenos mamíferos entre as três localidades além de uma listagem atualizada das espécies.

[434] MONITORAMENTO DA MASTOFAUNA NÃO-VOADORA NA ÁREA DA LINHA DE TRANSMISSÃO 345KV OURO PRETO 2 – VITÓRIA

BOCCHIGLIERI, A.[1]; AMARAL, P.[2]

[1] CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, CONSULTOR DEA/MMA; [2] DEPARTAMENTO DE ECOLOGIA, UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Ações antrópicas na forma de cidades, rodovias, pólos industriais e hidrelétricas, por exemplo, tem provocado uma mudança na paisagem que tem resultado em um processo de destruição e fragmentação de habitat. Este processo reflete no declínio e até extinção local de determinadas populações, respondendo à eliminação de microhabitats, por exemplo. Este estudo tem por objetivo avaliar os impactos causados pela implantação da Linha de Transmissão 345 kV Ouro Preto 2 – Vitória através do monitoramento das espécies de pequenos mamíferos não-voadores em 4 sítios amostrais: Ouro Preto/MG, Abre Campo/MG, Manhuaçu/MG e Domingos Martins/ES em 4 campanhas em 2004. Utilizou-se, em média, 50 armadilhas do tipo Sherman e Tomahawk, dispostas em um grid de 75 x 75m, espaçadas 15m entre si, sendo uma no solo e outra entre 1,5m a 2,0m e cerca de 80 armadilhas de queda, compostas por baldes de 20 litros, distantes 5m. Foram capturadas 21 espécies, sendo 12 roedores e 9 marsupiais. Didelphis aurita e Oligoryzomys eliurus foram frequentes nos 4 sítios enquanto D. albiventris, Gracilinanus agilis e Oryzomys subflavus ocorreram em Ouro Preto e Oxymycterus sp., Oecomys concolor e Blarinomys breviceps ocorreram em Manhuaçu. Ouro Preto e Manhuaçu apresentaram maior riqueza (S=13) que Abre Campo e Domingos Martins (S=7). Os sítios amostrados apresentam, em geral, um alto grau de antropização em decorrência do avanço das áreas de pastagens (Abre Campo), de lavoura (Manhuaçu) e desmatamento. Em Manhuaçu, a ocorrência de Blarinomys breviceps evidencia a necessidade de que os fragmentos de mata não sejam reduzidos para a manutenção de suas populações. A baixa abundância das espécies, em geral, revela a necessidade de amostragens mais freqüentes e com um período maior de duração, e o registro de espécies que se encontram em risco de extinção revela a importância da preservação desses ambientes, visando à preservação e a manutenção da integridade espacial dos fragmentos de mata remanescentes na região. Entretanto, não fica claro como estas espécies estão respondendo as fases de implantação do empreendimento, que ainda não foi concluído em diversos pontos, sendo necessário ainda um acompanhamento destas populações após sua conclusão.

[435] MONITORAMENTO DE MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE ATRAVÉS DO USO DE ARMADILHAS FOTOGRÁFICAS.

MARTINS, S. S.[1]; SANDERSON, J. G.[2]; SILVA-JR., J. S.[3]

[1] SETOR MASTOZOOLOGIA, MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI; [2] CONSERVATION INTERNATIONAL; [3] MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

O uso de armadilhas fotográficas para o monitoramento de mamíferos terrestres de médio e grande porte vem sendo intensificado nos últimos anos. Esta técnica tem se mostrado eficaz, visto que algumas espécies são de difícil observação através de métodos convencionais. É possível estimar tamanho e densidade populacional, abundância, biomassa e variação espaço-temporal. É possível também fazer a identificação individual dos animais fotografados. O presente estudo foi desenvolvido na Estação Científica Ferreira Penna – ECFPn (1o42'30"S, 51o31'45"W), localizada na Floresta Nacional de Caxiuanã, município de Melgaço, Pará. Foram utilizadas 24 câmeras, modelo CamTrakker, distribuídas aos pares durante o período de novembro de 2002 a janeiro de 2004. As câmeras permaneciam ligadas por 24 horas, durante todos os dias do mês, e a manutenção era feita mensalmente. Foram obtidas 216 fotografias em 81.504 horas de exposição, apresentando um índice de captura de 0,06 indivíduos/dia. Os registros indicaram uma espécie de Didelphimorphia, três de Xenarthra, cinco de Carnivora, duas de Artiodactyla, uma de Perissodactyla e duas de Rodentia. Dentre as espécies identificadas, Myrmecophaga tridactyla, Priodontes maximus, Leopardus pardalis, Puma concolor e Panthera onca figuram em listas de espécies ameaçadas. É oportuno o desenvolvimento de estratégias de conservação destas espécies na área da ECFPn e adjacências, especialmente junto às comunidades locais, que ainda desenvolvem atividades de caça na região. Apoio: Projeto TEAM – Ecologia, Avaliação e Monitoramento das Florestas Tropicais, Conservação Internacional do Brasil, Fundação Moore e Museu Paraense Emílio Goeldi.

[436] PEQUENOS MAMÍFEROS DO MÉDIO VALE DO JEQUITINHONHA

GEISE, L.[1]; PEREIRA, L. G.[2]; MORAES, D. A.[3]; AIRES, C. C.[4]

[1] ZOOLOGIA, UERJ; [2] DEPARTAMENTO DE GENÉTICA, CCS, UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO; [3] LABORATÓRIO DE MASTOZOOLOGIA, DEPTO ZOOLOGIA, UERJ; [4] LAB BIOL EVOL CONSER VERTEBRADOS, LABEC, IBUSP, MZUSP

Em março de 2005 foram coletados 110 indivíduos de 22 espécies de pequenos mamíferos em três localidades nas duas margens do médio Rio Jequitinhonha, MG (Itinga: 16°34'49,1"S 41°47'29,4"W e 16°36'47,7"S; 41°49'29,5"W e Joaíma: 16°43'14,8"S; 41°14'51,8"W). Das espécies de mamíferos terrestres foi feito o cariótipo de no mínimo um exemplar por espécie. Foram capturadas quatro espécies de Didelphidae: Didelphis albiventris, Marmosops incanus (2n=14, NF=24), Gracilinanus agilis (2n=14, NF=20) e Monodelphis doméstica (2n=18, NF=22), e dez espécies de roedores de duas famílias. Dentre os Sigmodontinae: Akodon cursor (2n=14, NF=18-21), Oryzomys russatus (2n=80, NF=84), O. subflavus (2n=54, NF=62), O. gr. subflavus, Nectomys squamipes, Calomys expulsus (2n=66, NF=68) e Wiedomys sp. (2n=62, NF=98) e três espécies de Echimyidae: Thrichomys apereoides (2n=28, NF=50) e duas espécies de Trinomys (sp. 1: 2n=60, NF=108; sp. 2: 2n=56, NF=106). Um indivíduo de O. gr. subflavus apresentou mosaicismo de linhagens celulares, com 2n variando entre 48 e 50. Três indivíduos de N. squamipes apresentaram um cromossomo B (2n=57, NF=58/60) e um espécime com 2n=56, NF=60. Entre os mamíferos terrestres, uma espécie apresenta cariótipo novo. Com esforço de 3600hm2 de rede aberta (mist-net) foram registradas sete espécies de morcegos pertencentes a família Phyllostomidae: Platyrrhinus recifinus, P. lineatus, Carollia perspicillata, Artibeus jamaicensis, A. lituratus, Sturnira lilium e um vespertilionídeo, Myotis nigricans. A espécie mais abundante, C. perspicillata, com 42% do total de capturas possui afinidade com ambientes em estágios secundários de regeneração e ampla distribuição em diversos biomas. Nas fezes de C. perspicillata foram coletadas sementes de Piper spp. e Solanum sp., ambas espécies pioneiras. Vale ressaltar a ocorrência de P. recifinus, espécie indicada como ameaçada de extinção e que tem sua distribuição restrita ao bioma Mata Atlântica (lato sensu). Ainda foi registrada a presença de Sylvilagus brasiliensis, tapiti, encontrado atropelado na estrada de acesso a Joaíma (16°45'24,6"S; 41°26'47,5"W). As coletas dos mamíferos terrestres inclui o reconhecimento de novos táxons e a ampliação da distribuição geográfica de outros. Espécies tradicionalmente coletadas em Mata Atlântica apresentam aqui registros em outras formações vegetais, como a Caatinga.

[437] PEQUENOS MAMÍFEROS DO PARQUE NACIONAL DE SETE CIDADES, PIAUÍ: DADOS PRELIMINARES.

SILVA, B. L. A. A.[1]; MIRANDA, C. L.[1]; CARVALHO, L. S.[2]; SANTOS, M. P. D.[1]

[1] UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ; [2] BIOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ

O conhecimento sobre a mastofauna do Estado do Piauí é incipiente, sendo as lacunas no conhecimento sobre as espécies de pequenos mamíferos ainda maiores em relação às demais, apesar de constituírem um grupo ecologicamente importante. O Parque Nacional de Sete Cidades situa-se na região nordeste do Estado do Piauí, sendo reconhecido como área prioritária para a conservação da biodiversidade dos biomas Cerrado e Caatinga. O objetivo do presente trabalho foi inventariar a fauna de pequenos mamíferos (Rodentia e Didelphimorphia) do Parque, além de verificar dados sobre alimentação e distribuição desses animais entre os principais biomas brasileiros. Os trabalhos de campo foram realizados durante o período de setembro de 2003 a agosto de 2004. Os dados foram obtidos a partir de armadilhas de interceptação e queda "pitfall-traps" instaladas em 4 linhas de 100 m, com 10 baldes de 60 l cada. Estas foram utilizadas num total de 32 dias, com um esforço amostral de 23.280 h/baldes. Foram registradas 9 espécies: Didelphis albiventris, Gracilinanus sp, Monodelphis domestica, Oryzomys megacephalus, Oligoryzomys sp, Galea spixii, Thrichomys apereoides, além de duas espécies não identificadas pertencentes à família Muridae. As espécies Thrichomys apereoides (20%), Gracilinanus sp (33%) e Monodelphis domestica (13%) foram as espécies mais abundantes, com 66% do total de capturas. Em relação ao hábito alimentar, a maioria apresentou dieta composta principalmente por frutos e sementes (frugívoros/granívoros). Verificando a ocorrência das espécies registradas no Parque nos principais biomas brasileiros (Amazônia, Mata atlântica, Cerrado e Caatinga) notou-se que a maioria é comum aos biomas Cerrado e Caatinga, o que demonstra o caráter de transicionalidade biótica existente no Parque. *Financiamento: MCT/CNPq/PELD.

[438] REGISTRO DA MASTOFAUNA NA ILHA DO CAJU, LITORAL DO MARANHÃO - REGIÃO NORDESTE DO BRASIL

TOSI, C. H.[1]; GARRI, R. G.[2]; MAGALHÃES, F. A.[2]

[1] ECOLOGIA, PROJETO CETÁCEOS DO MARANHÃO; [2] INSITUTO ILHA DO CAJU ECODESENVOLVIMENTO E PESQUISA

A Ilha do Caju decretada Área de Proteção Ambiental (APA) e Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN), possui extensão de 100 km² estando situada no município de Araioses (MA), no Delta do rio Parnaíba. A zona se caracteriza por apresentar um mosaico de vegetação típica de áreas com influência marinha, encontrando-se dunas e restingas (12%), manguezais (35%), campos (20%), matas (23%) e salgados (10%). O conhecimento sobre a composição da fauna de mamíferos na Ilha do Caju é escasso, não possuindo estudos de forma sistemática. O presente trabalho procura reunir dados e informações sobre o registro da mastofauna no local, além de incentivar o desenvolvimento de novas linhas de pesquisa na Ilha do Caju. Entre outubro e novembro de 2004 e janeiro de 2005 foram realizadas saídas de campo totalizando 24 dias para diagnosticar as possíveis espécies de mamíferos presentes. O inventário foi efetuado através de estudos preliminares, observações visuais direta e indireta, identificação de vestígios (ex.: ossos, fezes, peles, rastros, pegadas), fotografias e coleta de carcaças. Informações também foram obtidas através de entrevistas aos moradores locais. Foram registradas 17 espécies de mamíferos terrestres pertencentes a 13 famílias e 6 ordens, a saber: XENARTHRA - Tamandua tetradactyla (tamanduá-mambira), Cyclopes didactylus (tamanduá), Euphractus sexcinctus (tatu-peba); Chiroptera - Noctilio leporinus (morcego-pescador), Artibeus jamaicensis (morcego-de-fruta), Artibeus cinereus (morcego-de-fruta), Desmodus rotundus (morcego-vampiro); Primata - Callithrix penicillata (sauim), Cebus apella (macaco-prego); CARNIVORA - Cerdocyon thous (raposa), Procyon cancrivorus (guaxinim), Nasua nasua (quati), *Leopardus pardalis (gato-maracajá, espécie ameaçada de extinção), ARTIODACTYLA - Mazama gouazoubira (veado-cantingueiro); RODENTIA - Galea spixii (preá), Dasyprocta prymnolopha (cutia), Proechimys sp (rato-do mangue). A maioria das espécies são de hábitos generalistas, ocorrendo tanto em zonas de dunas e restingas quanto nas matas. Por se tratar de uma ilha e baseando-se em possíveis processos de especiação, pesquisas contínuas devem ser realizadas para responder sobre a ecologia e microhabitat dos mamíferos.

Morfologia

[439] RIQUEZA E PREFERÊNCIA DE HABITAT DA MASTOFAUNA DE MÉDIO E GRANDE PORTE DO PARQUE NACIONAL GRANDE SERTÃO VEREDAS - MG/BA

FERREIRA, G.[1]; FREITAS, R.[2]; CHIARELLO, A.[3]; MORAES-JR, E.[4]; SILVA, J.[4]

[1] PROGRAMA DE MESTRADO EM ZOOLOGIA DOS VERTEBRADOS, PUC-MG; [2] PUC-MG E BIOTRÓPICOS - INSTITUTO DE PESQUISA EM VIDA SILVESTRE ; [3] PUC-MG; [4] BIOTRÓPICOS - INSTITUTO DE PESQUISA EM VIDA SILVESTRE

O Parque Nacional Grande Sertão Veredas (PNGSV), localizado no extremo noroeste de Minas Gerais e sudoeste da Bahia, é uma das principais unidades de conservação do Cerrado, com mais de 230 mil ha de área e vegetação pouco perturbada. O objetivo deste estudo foi comparar a comunidade de mamíferos de médio e grande porte nas quatro principais fitofisionomias do PNGSV (cerrado, carrasco, veredas e matas de galeria) através do registro de vestígios (rastros). Os dados foram coletados mensalmente entre março de 2004 a janeiro de 2005 em 12 transecções de 200 m de comprimento cada, sendo três réplicas por fitofisionomia. Considerou-se apenas um registro (observação de rastros) por espécie e por transecção em cada campanha. Foram registradas 25 espécies silvestres de mamíferos (sendo duas no nível de gênero) num total de 331 registros, incluindo espécies ameaçadas de extinção, como Priodontes maximus, Myrmecophaga tridactyla, Puma concolor e Blastocerus dichotomus. As espécies mais registradas foram Puma concolor (n=34), Ozotoceros bezoarticus (n= 32) e Tapirus terrestris e Chrysocyon brachyurus (n= 31 em ambos os casos). O habitat com o maior número de registros foi a vereda (n=106), e a mata de galeria o menor (n=39). Das oito espécies com 20 registros ou mais, sete foram registradas nos quatro habitats avaliados e uma (Myrmecophaga tridactyla) foi registrada em três hábitats, indicando a importância da heterogeneidade de hábitats para os mamíferos de médio e grande porte do Cerrado. Cinco espécies (20%) foram registradas em apenas um habitat. Análise de agrupamento (cluster) indicou a presença de três grupos faunísticos, sendo um formado por cerrado e carrasco, outro formado por mata de galeria, mais próximo do grupo anterior, e o terceiro formado pela vereda, o habitat mais diferente dos quatro analisados. Os resultados demonstram a eficiência do método utilizado uma vez que mais de 50% das espécies de médio e grande porte descritas para o bioma Cerrado foram confirmadas, e a importância da conservação, em conjunto, das diferentes fitofisionomias presentes no Cerrado para a preservação da mastofauna desta bioma.

[440] CARACTERIZAÇÃO MACROSCÓPICA DE PÊLOS-GUARDA DE MAMÍFEROS SILVESTRES DAS CUESTAS BASÁLTICAS DO ESTADO DE SÃO PAULO

LIMA, J. F. S.[1]; FONSECA, R. C. B.[2]; LIMA, J. F. S.[1]

[1] DEPARTAMENTO DE RECURSOS NATURAIS, UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA; [2] DEPARTAMENTO DE RECURSO NATURAIS DA FCA/UNESP, BOTUCATU-SP

O DRN, na Área de Manejo e Conservação, preocupa-se com o estudo da biodiversidade. Trabalhos de conservação da fauna têm sido desenvolvidos com mamíferos silvestres das Cuestas Basálticas (região rica em fragmentos florestais). Em Tricologia tem sido realizados estudos com a finalidade utilizar pêlos-guarda como ferramenta de identificação, principalmente, à nível macroscópico. Os estudos tricológicos de mamíferos silvestres brasileiros mostram que padrões microscópicos apresentam diferenças insignificantes entre pêlos de diferentes partes do corpo. As caracterizações macroscópicas (forma e padrão de cor) e microscópicas (cuticulares e corticais) dos pêlos-guarda (os que se sobressaem) são utilizadas como ferramentas importantes na identificação taxonômica de mamíferos. A nível macroscópico os pêlos são utilizados como parâmetro na identificação de mamíferos, tanto de predadores ou presas. Recentemente, os pêlos vêm sendo apresentados na literatura como figuras em forma de "esquemas" (representando dimensões e padrão de coloração), denominado bandeamento. O objetivo deste estudo é a caracterização macroscópica de pêlos-guarda de mamíferos, através da aplicação de uma metodologia adaptada e desenvolvida, principalmente, pelo primeiro autor. As amostras de pêlos-guardas foram obtidos de animais encontrados mortos, em geral, por atropelamento. Foram retirados pêlos-guarda da região mediana dorsal, na altura da cintura escapular dos animais, utilizando-se os dedos. Exceto nos tatus, nos quais os pêlos foram obtidos da região ventral. As amostras foram analisadas ao microscópio estereoscópio, lupa (em fundo claro). Cada amostra analisada teve seus pêlos-guarda desenhados detalhadamente (de acordo com o tipo: a, b ou c, tamanho, forma e padrão de coloração). Posteriormente, foi feita uma descrição minuciosa em forma de chave de identificação. Até o momento, analisou-se amostra de pêlos-guardas de cito indivíduos, distribuídos em sete gêneros. Foram Leopardus pardalis (jaguatirica), Herpailurus yaguaroundi (gato-mourisco), Cerdocyon thous (raposa, filhote), Mazama americana (veado-mateiro, filhote), Calomys lanatus (cuica); dois Dasypus septemcinctus (tatu-galinha) e Euphractus sexcinctus (tatu-peludo). Os animais foram taxidermizado, tiveram pele, crânio e amostras de pêlos depositados na Coleção Taxonômica do Departamento. Os desenhos obtidos e utilizados, conjuntamente, com a "descrição em forma de chave de identificação", apresentaram-se mais representativos e permitem uma identificação diagnostica mais precisa que o "método esquemático". Palavras-chave: mamíferos, identificação, pêlos-guarda, cuestas basálticas. Apoio: FCA

Parasitologia

[441] AMBLYOPININI (COLEOPTERA: STAPHYLINIDAE) ASSOCIADOS A PEQUENOS MAMÍFEROS DE TRÊS ÁREAS SERRANAS DO SUDESTE BRASILEIRO.

BOSSI, D. E. P.[1]; LINHARES, A. X.[2]

[1] COORDENAÇÃO DE PROTEÇÃO DE ESPÉCIES DA FAUNA, IBAMA; [2] UNICAMP

Um estudo sobre ectoparasitismo em pequenos mamíferos, que teve a duração de dois anos, foi desenvolvido em três diferentes serras do sudeste brasileiro: Parque Nacional da Serra da Bocaina - SP, Parque Nacional do Itatiaia - RJ e Serra da Fartura - SP. Em cada área pesquisada foi montada uma grade de captura no primeiro ano e um transecto no segundo ano. Foram utilizadas 100 armadilhas do tipo Sherman. Os artrópodos associados aos pequenos mamíferos foram coletados após a escovação da pelagem dos hospedeiros. A tribo Amblyopinini (Coleoptera: Staphylinidae) é associada a roedores e marsupiais. Existem seis gêneros nesta tribo, e dois deles ocorrem no Brasil: Amblyopinus e Amblyopinodes. Besouros destes dois gêneros foram encontrados associados a dez espécies de roedores (Delomys dorsalis, Delomys sublineatus, Oligoryzomys flavescens, Oryzomys ratticeps, Nectomys squamipes, Akodon serrensis, Akodon montensis, Akodon cursor, Oxymycterus sp. e Trinomys gratiosus) e a quatro de marsupiais (Philander frenatus, Marmosops paulensis, Marmosops incanus e Thylamys velutinus). A ocorrência destes coleópteros está possivelmente relacionada à sazonalidade climática. A abundância dos besouros apresentou diferença estatística nas três áreas pesquisadas. Os Amblyopinini não mostraram preferência pelo sexo dos hospedeiros.

Sistemática

[442] CHAVE TAXONÔMICA COMENTADA PARA IDENTIFICAÇÃO DE PEQUENOS MAMÍFEROS NÃO VOADORES COM OCORRÊNCIA EM ÁREAS DE CABRUCA DO SUL DA BAHIA

ALVAREZ, M. R.

CS. BIOLÓGICAS, UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

A partir do início da década de 1990, a região sul da Bahia vem recebendo mais atenção no contexto da conservação, pela aceleração dos desmatamentos provocados pela crise na lavoura cacaueira. A região é a maior produtora de cacau no Brasil, através de um sistema agroflorestal designado localmente por "cabruca". Apesar de apresentar uma perturbação significativa, estes ambientes possuem uma grande variedade de plantas e animais nativos e contribuem para conexão de áreas protegidas e remanescentes florestais da região. Porem, são poucos os estudos publicados sobre os pequenos mamíferos não voadores presente nestes ambientes. O objetivo deste trabalho é apresentar uma chave de identificação das espécies presentes em áreas de cabruca do sul da Bahia, incluindo comentários taxonômicos e bibliográficos. Foi realizada uma lista das espécies capturadas por diversos pesquisadores em cabrucas do sul da Bahia. Baseado nas descrições das espécies se apresenta esta chave dicotômica, utilizando características internas e externas, mas principalmente está baseada em caracteres úteis para distinguir mamíferos no campo. Se segue a nomenclatura proposta por McKenna & Bell (1998) para famílias y por Wilson & Reeder (1993) para gêneros e espécies, incluindo comentários taxonômicos e revisões bibliográficas. Foram incluidas na chave 7 espécies de Didelphidae, 2 de Erethizontidae, 1 de Echimyidae e 8 de Muridae. Destas espécies sete são arborícolas e o resto terrestres, a maioria apresenta hábitos noturnos. Espera-se com este trabalho fornecer uma ferramenta básica para o desenvolvimento de maiores pesquisas nas áreas de cabruca do sul da Bahia.

Outros

[443] ASPECTOS ETNOZOOLÓGICOS DA MASTOFAUNA DO MUNICÍPIO DE FÊNIX, PARANÁ, BRASIL

ROCHA-MENDES, F.[1]; MIKICH, S. B.[2]; BIANCONI, G. V.[3]; PEDRO, W. A.[4]

[1] MASTOZOOLOGIA, PÓS-GRADUAÇÃO EM BIOLOGIA ANIMAL / UNESP S.J. RIO PRETO - SACCA; [2] LABORATÓRIO DE ECOLOGIA, EMBRAPA FLORESTAS. ; [3] PÓS-GRADUAÇÃO EM ZOOLOGIA / UNESP RIO CLARO; [4] LABORATÓRIO DE CHIROPTERA. UNESP ARAÇATUBA.

Com base na abordagem etnozoológica foram resgatadas informações históricas e atuais sobre a mastofauna do município de Fênix, mesorregião centro-ocidental do estado do Paraná, sul do Brasil. Em fevereiro de 2004, foram realizadas entrevistas com 19 moradores locais por meio de uma conversa informal que tive por objetivo o preenchimento de um questionário básico e a apresentação de fotografias da fauna potencial da região. Assim, foram registradas 39 espécies de mamíferos, sendo que pelo menos seis destas são novos registros para a área. Em relação à caça, 84% dos entrevistados declararam já ter feito o consumo de animais silvestres, enquanto somente 26% admitiram realização da caça para alimentação ou por esporte. Atualmente, Hydrochaeris hydrochaeris é a espécie mais procurada, dada à facilidade de encontrá-la em diversas áreas naturais ou parcialmente alteradas do município. Quanto à predação causada por animais silvestres sobre animais domésticos, quase 80% dos entrevistados relataram ter sofrido perdas em suas criações, principalmente galinhas. Os carnívoros tidos como responsáveis pelos eventos de predação, foram: Leopardus spp. Herpailurus yaguarondi, Cerdocyon thous, Nasua nasua, Procyon cancrivorus, Eira barbara, Galictis cuja e Panthera onca. Cerca de 74% dos entrevistados acreditam que antigamente havia uma maior quantidade de mamíferos na região, podendo seu decréscimo estar relacionado à caça, ao desmatamento, à predação por cachorros domésticos e a uma severa tempestade que atingiu a região no ano de 1995. Por outro lado, 21% acreditam que hoje existem mais animais devido à diminuição da caça, ao aumento da fiscalização e ao desmatamento, que resultou na concentração de grande parte da mastofauna silvestre nos poucos fragmentos florestais existentes na região. Em complemento, foram obtidas informações a respeito da extinção local de alguns mamíferos de grande porte (Panthera onca, Tapirus terrestris e Tayassu pecari) e o aumento populacional de Cebus nigritus e Nasua nasua, supostamente relacionado ao consumo de plantações como o milho. Os dados coligidos foram substanciais à obtenção de informações históricas e atuais sobre a mastofauna, incluindo aspectos bio-ecológicos de caráter inédito, revelando-se como uma importante fonte de embasamento e direcionamento para futuras ações conservacionistas e projetos de pesquisa a serem desenvolvidos na região.

[444] AVALIAÇÃO DA EFICIÊNCIA DE ARMADILHAS DE QUEDA E SHERMAN PARA AMOSTRAGEM DA COMUNIDADE DE PEQUENOS MAMÍFEROS EM FLORESTAS NEOTROPICAIS

UMETSU, F.[1]; NAXARA, L.[1]; SOUZA, S. M.[2]; BRAGA-NETO, R.[3]; PARDINI, R.[3]

[1] IBUSP; [2] INPA; [3] DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA, INSTITUTO DE BIOCIÊNCIAS - USP

Nas regiões tropicais, o uso de armadilhas de queda é recente e restrito a poucos estudos. Utilizando os resultados de amostragens padronizadas de pequenos mamíferos em 26 sítios de Mata Atlântica com armadilhas Sherman e armadilhas de queda, comparamos a eficiência (testes-t pareados da riqueza e abundância nos 26 sítios), a congruência (testes de correlação da riqueza e abundância entre os 26 sítios), e o peso corporal das espécies e dos indivíduos capturados (teste t e teste de Mann-Whitney, respectivamente) entre os dois métodos de captura. Por último, a partir de amostragens mensais em um sítio, investigamos o efeito de variações climáticas sobre a eficiência de captura em armadilhas de queda. Armadilhas de queda foram mais eficientes, capturando 16 espécies exclusivas e 29 espécies no total. Em média por sítio de estudo, as armadilhas de queda capturaram cerca de três vezes o número de espécies, mais que o dobro do número de indivíduos da comunidade, além de um maior número de indivíduos de sete espécies, em comparação com armadilhas Sherman. Já estas capturaram apenas uma espécie exclusiva, 14 espécies no total e nenhuma espécie foi significativamente mais capturada com este método. Apesar de haver diferenças de eficiência entre os dois métodos, as correlações positivas e significativas para diversas variáveis da comunidade demonstram a existência de congruência nos resultados das capturas obtidas com os dois métodos. Não houve diferença no peso das espécies capturadas entre os dois métodos, entretanto armadilhas Sherman tendem a selecionar indivíduos adultos, enquanto armadilhas de queda geralmente capturam indivíduos em um intervalo maior de peso, ou tendem a capturar indivíduos jovens. Armadilhas de queda mostraram-se mais eficientes em dias com maior precipitação e temperaturas mínimas mais altas, sugerindo que a melhor época para levantamentos com essas armadilhas nos trópicos é a estação chuvosa. Os resultados sugerem que a inclusão do método de armadilhas de queda seja fundamental para (1) o levantamento da composição e riqueza das comunidades de pequenos mamíferos tropicais, permitindo a representação de muitas espécies pouco abundantes e espécies semi-fossoriais; e (2) estudos demográficos, permitindo a inclusão das faixas etárias mais jovens nestes trabalhos.

[445] COLEÇÃO DE MAMÍFEROS NÃO-VOADORES DO LABORATÓRIO DE ZOOLOGIA DA UFPI

LIMA, M. G. M.[1]; CARVALHO, L. S.[2]; MIRANDA, C. L.[2]; SANTOS, M. P. D.[2]; SILVA-JÚNIOR, J. S.[3]

[1] MASTOZOOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ; [2] UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ; [3] MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

As coleções zoológicas constituem um modo de representar a fauna de um determinado espaço geográfico. Estas têm por função principal a conservação de material zoológico de maneira apropriada, o qual deve servir como referência e fonte de dados para estudos sobre a biodiversidade. A coleção de mamíferos não voadores do Laboratório de Zoologia Prof. Antônio J. Dumbra, da Universidade Federal do Piauí, teve início em 1979. Atualmente, o acervo conta com 179 espécimes, inteiros ou parciais, conservados por via seca (peles taxidermizadas, crânios e ossatura pós-craniana) e meio líquido ou úmido (material preservado em álcool). Nele existem 146 carcaças, 2 carapaças de tatus, 82 crânios e mandíbulas, 1 esqueleto completo e 156 peles taxidermizadas. Os exemplares da coleção são provenientes de coletas para trabalhos científicos, doações de órgãos públicos (como o IBAMA) e de museus (como o IPBHN), encontros ocasionais (animais atropelados) e doações esporádicas. A coleção engloba seis ordens de mamíferos terrestres, sendo as mais representativas Rodentia (51%) e Didelphimorphia (38%). Existem peças de animais pertencentes a 13 famílias, sendo elas: Didelphidae (9 espécies), Mymercophagidae (1 espécie), Dasypodidae (2 espécies), Callitrichidae (1 espécie), Canidae (1 espécie), Mustelidae (1 espécie), Felidae (2 espécies), Tayassuidae (2 espécies), Cervidae (1 espécie), Muridae (10 espécies identificadas e outras a identificar), Cavidae (1 espécie), Agoutidae (1 espécie) e Echimyidae (2 espécies). A referida coleção possui exemplares provenientes de 16 localidades, incluindo uma fora do Piauí, constituindo-se, principalmente, de espécies típicas do bioma Cerrado e Caatinga. Esta é uma coleção em expansão, que visa se tornar referência da biodiversidade da mastofauna do Estado do Piauí, encontrando-se à disposição da comunidade científica.

[446] COMO SE RELACIONAM OS MORADORES DO ENTORNO DO PARQUE ESTADUAL DE ITAPEVA/RS E A MASTOFAUNA LOCAL?

GONÇALVES, C. S.[1]; ZANK, S.[2]; KINDEL, A.[2]

[1] PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECOLOGIA, UFRGS; [2] UFRGS

Poucos trabalhos têm sido realizados sobre a mastofauna do Parque Estadual de Itapeva (PEVA), localizado no município de Torres, no extremo norte da planície costeira do Rio Grande do Sul. Estudos sobre as relações destes animais com as populações locais são raros, porém interessantes, visto que somente através destes estudos torna-se possível reconhecer e valorizar o conhecimento e as atitudes das populações locais frente a estes animais, os quais influenciam diretamente na sua conservação. Este trabalho se utiliza de alguns aspectos da abordagem etnobiológica com o objetivo de avaliar o conhecimento da comunidade do entorno do PEVA sobre a mastofauna local, a fim de traçarmos um perfil das impressões desta frente aos mamíferos e evidenciarmos coincidências ou divergências entre os dados coletados nesta comunidade e o conhecimento científico. Assim sendo, foram realizadas, entre os meses de junho a dezembro de 2004, 37 entrevistas baseadas em roteiros com perguntas abertas, com os moradores do entorno do PEVA resgatando principalmente os conhecimentos sobre a fauna da região e sua relação com a mesma. Os resultados revelaram que a comunidade analisada sabe reconhecer as espécies que compunham e/ou ainda compõem a mastofauna local, bem como possui alguns conhecimentos a respeito da biologia geral destes mamíferos. Entretanto, as entrevistas demonstraram a existência de desavenças entre a comunidade e algumas espécies, levando a caça e maus tratos das mesmas. Estes conflitos estão relacionados principalmente: (1) a busca de alimentos nas moradias de entorno do PEVA pelas espécies silvestres, como o gambá, gato-do-mato, tuco-tuco e macaco-prego, que ao se alimentarem de criações (especialmente galinhas e seus ovos) e plantações acabam gerando conflitos com a comunidade local; (2) aos mitos e lendas relacionados ao comportamento de algumas espécies, como o caso do tamanduá-mirim, que é considerado um animal perigoso, devido ao seu comportamento de defesa (o abraço do tamanduá). As informações obtidas neste trabalho estão sendo utilizadas para ações de educação ambiental com a comunidade local, e futuramente poderão servir de subsídio para trabalhos de conservação e manejo dessas espécies no Parque Estadual de Itapeva.

[447] COMPARAÇÃO DE MÉTODOS DE CAPTURA PARA PEQUENOS MAMÍFEROS NA REGIÃO DO MÉDIO RIO MADEIRA, AMAZÔNIA CENTRAL.

ARTEAGA, M. C. .[1]; ELER, E. S.[2]

[1] ECOLOGIA, INPA; [2] INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA

As mudanças na composição da comunidade de mamíferos ao longo da Amazônia envolvem, entre outras taxas, os marsupiais e roedores. Inventários destes grupos são fundamentais para determinar padrões ecológicos e históricos e para fundamentar a criação de unidades de conservação que ajudem à sua preservação. Métodos eficientes e rápidos são necessários para gerar informação da composição desta comunidade. Este estudo compara a eficiência de armadilhas Tomahawk, Sherman e Pitfall na captura de pequenos mamíferos, na região do Médio rio Madeira, Amazônia central, Brasil. Foram amostrados três locais de floresta primária de terra firme, em cada local foi estabelecido um transecto de 2 km seguindo trilhas já existentes. A cada 20 m foram instaladas armadilhas Tomahawk (14x14x40 cm) e Sherman (8x8x23 cm) alternadamente, e a cada 40 m foi trocada a posição da armadilha no solo e no sub-bosque, a uma altura aproximada de 1,5 m. Perpendicularmente a cada transecto, foram instalados 10 pitfalls de 60 lt em intervalos de 10 m. Barreiras de lona preta de 1 m de altura foram colocadas ao longo da linha de pitfalls. Para cada indivíduo capturado foram anotados a posição e tipo de armadilha. O esforço amostral não foi homogêneo entre os métodos, sendo de 1050 Tomahawks/noites, 1050 Shermans/noites e 480 Pitfalls/noites. O sucesso de captura nas Tomahawks foi de 2,8%, com 29 indivíduos pertencentes a uma espécie de roedor e duas de marsupial. Nas Shermans o sucesso de captura foi de 1,2%, sendo quatro roedores de uma mesma espécie e nove marsupiais de duas espécies. No entanto, foi obtido maior sucesso nos Pitfalls (4,3%), com 21 indivíduos capturados, pertencentes a nove espécies diferentes (seis espécies de roedores e três de marsupiais). Pitfalls foi o método que mais contribuiu no aumento da riqueza e da abundância, considerando o menor número de armadilhas, enquanto Tomahawks aumentaram a abundância de apenas duas espécies. Assim, registramos a importância de se utilizar métodos de captura que se complementem para uma determinação mais adequada da riqueza e da composição da comunidade de pequenos mamíferos.

[448] COMPARAÇÃO ENTRE O NÚMERO DE ESPÉCIMES DE PEQUENOS MAMÍFEROS NÃO-VOADORES CAPTURADOS EM TRÊS DIFERENTES TIPOS DE ARMADILHAS EM TOMBOS, MINAS GERAIS

FARIA, M.[1]; FERRAZ, D. S.[2]; SOUZA, S. M.[2]; MELO, F. R.[2]

[1] BIOLOGIA, UEMG-CARANGOLA; [2] FAFILE/UEMG CARANGOLA

Estudos realizados em Florestas tropicais têm demonstrado que o uso de diferentes metodologias é essencial para um levantamento mais abrangente da mastofauna de determinada localidade. Daí a necessidade de diferentes tipos de armadilhas de captura para aumentar o número de espécies coletadas. O presente levantamento ocorreu em duas diferentes áreas: a "RPPN Marcos Vidigal Vasconcelos" (20º 53'44"S e 42º 04'19"O) e "Mata do Banco" (20º53'36"S e 42º00'46"O), ambas situadas no município de Tombos (MG). O estudo foi feito através de metodologias diferentes e complementares, onde utilizamos três tipos de armadilhas de capturas: sherman e gancho com um esforço amostral em cada área de 2.400 armadilhas-noite e pitfall trap com 660 armadilhas-noite, dispostas em transectos. Para uma análise da eficiência relativa de cada metodologia utilizada foi feita uma comparação entre elas, calculando o número de captura de cada tipo de armadilha em relação ao número total de horas gastas. Capturamos 160 espécimes de 14 espécies e 02 famílias, sendo 06 espécies de marsupiais em 92 capturas e 08 espécies de roedores em 68 capturas. Obtivemos um esforço de captura total de 6.120 armadilhas-noite e um sucesso de captura total foi de 2,61%. Na Mata do Banco, totalizamos um sucesso de captura de 3,66%. Esse valor é considerado alto se comparado com a RPPN que obteve um número de 09 espécies em 48 capturas, sendo seu sucesso de captura de 1,56%. Considerando as duas áreas, as armadilhas do tipo pitfall trap foram as mais eficientes, com um sucesso total de 2,87% contra apenas 1,97% obtido com as armadilhas do gancho e 0,6% obtido com as armadilhas do tipo sherman. Os estudos que obtiveram valores mais próximos foram os realizados por Stallings (1989), no Parque Estadual do Rio Doce com um sucesso de 2,3% e Fonseca & Kierulff (1999), de 2,4%, em três localidades de Minas Gerais. Apesar de menos salativa, podemos dizer, preliminarmente, que as armadilhas do tipo queda são importantes no levantamento de pequenos mamíferos em áreas de Mata Atlântica, especialmente por permitir a captura de espécies de hábitos semi-fossoriais.

[449] CONHECIMENTO E PERCEPÇÃO LOCAL SOBRE A MASTOFAUNA DA REGIÃO DO CÂNION GUARTELÁ, TIBAGI, PARANÁ, BRASIL.

KUCZACH , A. M.[1]; ROCHA-MENDES, F.[2]

[1] ZOOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ; [2] SOUTH AMERICAN CATS CONSERVATION ALLIANCE - SACCA

A região do Cânion Guartelá, localizada nos Campos Gerais paranaenses, é caracterizada por uma paisagem singular, composta pela vegetação típica dos campos e o sexto maior cânion do mundo. Tendo em vista a carência de informações sobre a mastofauna regional e o objetivo de contribuir com o conhecimento desse grupo, o presente estudo buscou informações junto à comunidade local. Para tanto, foram entrevistados, em setembro de 2003, moradores das adjacências do Parque Estadual do Guartelá (n=12), dando-se preferência àqueles nascidos na região, os Guartelianos. Os resultados obtidos possibilitaram a elaboração de uma listagem de 37 espécies de mamíferos, sendo cinco novos registros (Conepatus chinga, Panthera onca, Leopardus pardalis, Leopardus wiedii e Myocastor coypus). Informações sobre a caça indicaram que esta apresenta caráter de subsistência, sendo os animais mencionados como mais caçados: Agouti paca, Dasypus sp., Nasua nasua, Mazama sp., Dasyprocta azarae e Hydrochaeris hydrochaeris. Relatos sobre predação apontaram Leopardus pardalis, Leopardus tigrinus, Chrysocyon brachyurus, Cerdocyon thous, Pseudalopex gymnocercus, Didelphis sp. e Myrmecophaga tridactila como predadores de animais domésticos de pequeno porte, como galinhas e cães, enquanto o Puma concolor é tido como responsável pela predação de ovelhas, sendo comum a atribuição de qualquer desaparecimento de ovinos à esse felino. Em relação às alterações na composição mastofaunística, 70% dos moradores acreditam no declínio da riqueza e abundância dos mamíferos, o que estaria relacionado com o aumento da poluição e diminuição de disponibilidade de alimentos, enquanto 20% acreditam no aumento da fauna, fato atribuído à diminuição da caça e aumento de atenção dada à presença dos animais. Entre os aspectos culturais relatados, os moradores acreditam que Alouatta guariba apresenta capacidade de fala humana, e Dasypus sp. possui hábito necrófago sobre humanos além do uso "medicinal" da carne do Myrmecophaga tridactila, para cura de reumatismo e utilização da cauda de Procyon cancrivorus para "um parto tranqüilo". Os resultados aqui obtidos demonstraram que o método utilizado é eficiente para obtenção de informações sobre mamíferos de médio e grande porte. Além disso, representa uma importante ferramenta no direcionamento de futuros estudos e embasamento de estratégias conservacionistas a serem desenvolvidas nos Campos Gerais paranaenses

[450] EFICIÊNCIA DE DOIS TIPOS DE ESTAÇÕES DE RASTRO PARA LEVANTAMENTOS DE MASTOFAUNA DE MÉDIO A GRANDE PORTE

LORETTO, D.[1]; OLIFIERS, N.[2]

[1] DEPARTAMENTO DE ECOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO; [2] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

Os médios e grandes mamíferos brasileiros estão entre os mais ameaçados pelo homem. Uma maneira rápida e prática de estudar sua ecologia é através das pegadas. Para comparar a eficiência de dois tipos de armadilhas de pegadas – uma de areia (AA) e outra de fuligem (AF) – montamos oito estações de registro com os dois tipos de armadilhas em duas áreas do Pantanal da Nhecolândia – MS. As diferentes armadilhas foram dispostas lado a lado nas estações por 4-5 noites. Usamos carnes, frutas e tubérculos como isca para atrair os animais, porém cada par de armadilhas sempre recebeu o mesmo tipo. Registramos seis espécies de mamíferos de médio porte: Cerdocyon thous, Tayassu pecari, Eira barbara, Dasypus sp., Dasyprocta azarae e Felis sp. O sucesso total de registros na AA foi 65,8 % e apenas 44,7 % na AF. O número de pegadas totais obtidas foi maior na AA (Teste Pareado de Wilcoxon, N=40; T=61; Z=3,075; p=0,002). Entretanto, o número total de pegadas identificáveis foi semelhante (Teste Pareado de Wilcoxon, N=41; T=107; Z=1,739; p=0,081). Em 11 ocasiões apenas a AA foi visitada enquanto que o mesmo só ocorreu três vezes para a AF, porém esta diferença não foi significativa (Teste de McNemar, χ^2=3,5; p=0,061). Fatores como a chuva, temperatura do ar e vento foram determinantes para o sucesso de registros dos dois métodos. Apesar da aparente aversão dos animais e conseqüente menor eficiência da AF, apenas Felis sp. não foi registrada por este método. Contudo, a curva de acréscimo de espécies para AF é menos acentuada, o que pode estar relacionada ao material usado na armadilha, de forte odor. O maior número de espécies, total de pegadas registradas e praticidade de montagem em campo mostrou que a AA é mais eficiente e recomendada para levantamentos de mamíferos de médio a grande porte em ambientes de solo arenoso, como o Pantanal Matogrossense. Este panorama se inverte em ambientes onde não há areia para confeccionar as AA, mas deve-se considerar, neste caso, a menor velocidade de registro de mamíferos das AF, o que pode levar a um maior período de amostragem.

[451] EFICIÊNCIA DE QUATRO TIPOS DE ARMADILHAS EM AMOSTRAGENS DE PEQUENOS MAMÍFEROS NO MATO GROSSO.

SANTOS-FILHO, M.[1,2]; DIAS, D.J.[1,2]; SANAIOTTI, T.M.[1]

[1]INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISA DA AMAZÔNIA/INPA, [2]UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO/UNEMAT

Diferentes metodologias de amostragens com diferentes tipos de armadilhas devem ser utilizados nos trabalhos com mamíferos neotropicais, devido sua alta diversidade morfológica e comportamental. O objetivo deste estudo foi avaliar a eficiência de quatro tipos de armadilhas: Snap trap, Tomahawk (145mmX145mmX410mm), Sherman (80mmX90mmX230mm) e Pitfall. O estudo foi realizado entre novembro/2002 e agosto/2004, em 31 fragmentos de floresta estacional semidecidual no Mato Grosso. Em cada área foram instaladas 27 armadilhas de cada tipo, dispostas no chão e a aproximadamente, dois metros no alto, em 6 trilhas paralelas, com espaçamento de 10m entre pontos. Pitfalls foram dispostos em 6 linhas paralelas com 5 baldes de 22 litros, em cada uma, distanciados 10m, usando cerca guia. O sucesso total de captura de pequenos mamíferos, considerando todos os tipos de armadilhas foi de 3%. Pitfall contribuiu com 1,3% do total, sendo a maioria jovens, Tomahawk 2,7%, snap trap 2,9% e Sherman 4,7%. Somente Tomahawk e Pitfall não tiveram valores significativos em número de indivíduos capturados entre as áreas amostradas (Wilcoxon Signed Ranks, P = 0.531), todos os outros pares da matriz de Wilcoxon foram altamente significativos. Dentre todos os tipos, Tomahawk foi a que teve maior riqueza total e a que capturou mais espécies exclusivas como (Didelphis marsupialis, Didelphis albiventris, Glironia venusta, Dasyprocta azarae, Philander opossum, Metachirus nudicaudatus e Caluromys philander. Monodelphis adusta (n=15), só foi capturado em Pitfall. Todas as espécies exclusivas de Sherman ou Snap trap, neste estudo, são potencialmente capazes de serem capturadas em qualquer um dos dois tipos, apesar da primeira ter tido maior abundância total. Somente Pitfall foi mais eficiente durante o período chuvoso e tão ineficiente durante a seca, que o uso não é aconselhável pelo esforço da instalação. Antes da definição dos tipos de armadilhas a serem utilizadas em trabalhos ecológicos ou mesmo levantamentos faunísticos, devemos definir os modelos e os tamanhos, pois todas são seletivas para alguns grupos. Para estudos com pequenos mamíferos é aconselhável o uso de diferentes tipos e metodologias para que possa contemplar um número maior de espécies e conseguirmos amostrar a comunidade o mais próximo do real possível.

[452] ESTADO DA ARTE DO CONHECIMENTO DA MASTOFAUNA DO ESTADO DO PIAUÍ.

LIMA, M. G. M.[1]; CARVALHO, L. S.[2]; MIRANDA, C. L.[2]; SANTOS, M. P. D.[2]; SILVA-JÚNIOR, J. S.[3]

[1] MASTOZOOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ; [2] UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ ; [3] MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

A região Nordeste mostra-se muito defasada quanto ao conhecimento geral de sua biodiversidade. Dos inventários faunísticos brasileiros publicados, por exemplo, 60% concentram-se nas regiões Sudeste e Sul, onde também está a maioria dos pesquisadores e das instituições. O Piauí localiza-se em uma área de tensão ecológica, com vegetação de transição ou de ecótonos, tornando-o uma importante área sob o aspecto biogeográfico. O objetivo do presente estudo é compilar os trabalhos realizados com mamíferos no Piauí, apontando o estado da arte do conhecimento do referido grupo. Os dados foram obtidos a partir de levantamento bibliográfico (resumos, artigos, dissertações, monografias e relatórios), o que resultou na identificação de 53 trabalhos realizados com mamíferos no Estado do Piauí. Nesses trabalhos as ordens mais representativas foram, respectivamente, Carnivora, Rodentia e Chiroptera. Em relação às regiões, Teresina e arredores concentram 28% dos estudos sobre mamíferos no Estado; provavelmente, devido à concentração dos centros de pesquisa. Na região norte do Piauí foram realizados 26% dos trabalhos compilados; e, na região sul, 42%. A maior quantidade de trabalhos na região sul deve-se, principalmente, ao Parque Nacional da Serra da Capivara. As Unidades de Conservação federais de proteção integral do Estado podem ser consideradas como bem estudadas, tendo em vista que todas contam com inventários de mamíferos. Dentre essas, os Parques Nacionais da Serra da Capivara e Sete Cidades foram os que detiveram a maior quantidade de trabalhos. É importante ressaltar que o Parque Nacional das Nascentes do Parnaíba é reconhecido como área prioritária para a conservação no bioma Cerrado; e, extremamente, carente de estudos. De um modo geral os estudos com mamíferos no Estado são pouco e mal distribuídos, estando concentrados na região da capital do Estado e nas Unidades de Conservação. A maior parte do Estado do Piauí ainda é, completamente, desconhecida do ponto de vista da mastofauna. Sugere-se que novos esforços de inventários sejam direcionados para as regiões leste, na divisa com o Ceará; porções no centro-sul, na área de transição entre caatinga e cerrado; e na região norte do Estado, tanto nas áreas dominadas pelas matas semidecíduas, quanto no litoral.

[453] IMPORTÂNCIA DA AMOSTRAGEM DE PEQUENOS MAMÍFEROS NÃO-VOADORES NAS DIFERENTES FISIONOMIAS VEGETACIONAIS DO BIOMA CERRADO

SENRA, M.[1]; SANTIAGO, F. L.[2]; CÂMARA, E. M. V. C.[2]

[1] LABORATÓRIO DE MASTOZOOLOGIA, MUSEU DE CIÊNCIAS NATURAIS - PUC MINAS; [2] MUSEU DE CIÊNCIAS NATURAIS - PUC MINAS

O Cerrado é a segunda maior formação vegetal do Brasil, superado apenas pela Floresta Amazônica. São dois milhões de km2 espalhados por dez estados, ocupando 23,1% do território brasileiro. Este bioma apresenta diferentes tipologias vegetais, que vão desde o cerradão, passando pelo cerrado mais comum no Brasil central, até o campo cerrado, campo sujo e campo limpo. Ao longo dos rios há fisionomias florestais como florestas de galeria ou matas ciliares. Além de campos rupestres em regiões de alta altitude. O Parque Nacional da Serra do Cipó está inserido no Bioma Cerrado, localizando-se a 90 km de Belo Horizonte, Minas Gerais, na porção sul da Cadeia do Espinhaço (19º 12' a 19º 34' S; 43º 27' a 43º 38' W). Possui uma área de 33.800 ha e perímetro de 154 km, com altitudes entre 800 e 1600 m. Durante três anos foi realizado, neste parque, um estudo da comunidade de pequenos mamíferos não-voadores. A amostragem foi feita em cinco áreas, sendo duas de mata ciliar, duas de cerrado sensu stricto e uma de campo rupestre, através da metodologia de captura-marcação-recaptura. Uma comparação entre espécies e número de indivíduos foi realizada para as três paisagens. Cavia aperea apresentou registro apenas na área de campo rupestre, assim como, Marmosops incanus, Nectomys squamipes e Rhipidomys mastacalis nas áreas de mata ciliar. As espécies Thrichomys apereoides, Monodelphis domestica e Gracilinanus agilis apresentaram diferenças significativas em número de indivíduos entre os habitats, sendo mais abundantes nas áreas de cerrado sensu stricto. Em contrapartida, as espécies, Oryzomys subflavus e Didelphis albiventris se mostraram mais abundantes em áreas de mata ciliar. Estes resultados comprovam a importância da amostragem em diferentes fisionomias vegetacionais no bioma Cerrado para uma eficiente caracterização da sua mastofauna, assim como a importância da conservação destes ambientes já que existem espécies associadas ou com preferências por apenas um tipo de habitat. Poucas são as unidades de conservação, com áreas bem significativas, onde o Cerrado é o bioma dominante e quando adequadamente manejadas, elas são de enorme importância para a preservação da biodiversidade.

[454] LIMITS OF BIOMES AND THE DISTRIBUTION OF SMALL MAMMALS IN CENTRAL SOUTH AMERICA

CACERES, N.[1]; CARMIGNOTTO, A. P.[2]

[1] DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA; [2] MUSEU DE ZOOLOGIA, UNIVERSIDADE DE SAO PAULO

The South America in its central portion has a complex biome distribution where at least four domains interact, having the Pantanal as the central axis. These biomes are the Amazon forest at northwest, Cerrado mainly at east, Atlantic forest at southeast, and Chaco at southwest. The complexity is in part given by the Paraguay river, that cross this region from north to south, draining the pantanal. To elucidate the question of how animal species are distributed in this complex region, a study of small mammal distribution were carried out based on field and museum collections and literature data. Captures of small mammals (pitfalls and live traps) were performed in several localities, but mainly in the Urucum, Bodoquena, and Maracaju plateaus. Results revealed that limits of biomes are the main responsible for small mammal species distribution, and that the larger water course, the Paraguay river, is probably not a barrier for dispersal. This is emphasized by the presence of common, more habitat generalist species in both sides of the river, such as the rodents Bolomys lasiurus, Oligoryzomys nigripes, Oryzomys megacephalus, Oecomys bicolor, and Proechimys longicaudatus, and the marsupials Monodelphis domestica, Monodelphis kunsi, Micoureus constantiae, Philander opossum, and Didelphis albiventris. On the other hand, more habitat specialist species were found at one or two closely related biomes, such as Oryzomys nitidus, Oryzomys scotti, Marmosops ocellatus, Gracilinanus agilis chacoensis, Akodon toba, A. montensis and Thylamys macrurus. Overall, congeneric species have parapatric distribution, such as the cases of Oryzomys, Akodon, Thylamys, Gracilinanus and possibly Calomys, occurring in one or another river margin. At first view, the riverine hypothesis would be applicable in the region, but habitat generalist species do not confirm this, leading us to emphasize habitat (biome) limits as the main geographic barriers. Dispersal across the river by small mammals through natural rafts or fluvial islands is acceptable to explain occurrences of common habitat generalist species at both river sides. The mostly seasonal habitats at Pantanal and vicinities, besides its open, shrubland characteristic in space and time, must have limited forest species to occupy this region, driving the parapatric distribution of such species.

[455] MAMÍFEROS DIURNOS DE MÉDIO E GRANDE PORTE DA ESTAÇÃO ECOLÓGICA DE SAMUEL/RO: ÁREA FONTE PARA A MASTOFAUNA DA REGIÃO CENTRO-NORTE DO ESTADO?

BONAVIGO, P. H. .[1]; MESSIAS, M. R.[2]; FERRONATO, M. L.[2]

[1] BIOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA; [2] UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

O trabalho consiste em um levantamento e estimativa de abundância e densidade da mastofauna diurna de médio e grande porte ocorrentes na Estação Ecológica de Samuel, porção norte do estado de Rondônia. A área, com 72.000 ha, apresenta predominância de floresta ombrófila densa de relevo plano, com cinco variações de fitofisionomias, localizada às margens da BR 364, a 90 km de Porto Velho. O levantamento seguiu a metodologia de transecção linear em um transecto de 5,05 km de extensão, onde foram percorridos 317,6 km e registradas 22 espécies. A abundância relativa de todas as espécies é expressa na forma de taxa de avistamentos/10 km percorridos e a densidade absoluta das espécies com um mínimo de 25 avistamentos foi estimada através da série de Fourier, utilizando o programa Distance versão 4.1. A taxa geral foi de 7,44 avistamentos/10 km percorridos, considerada elevada para o estado. Esta área provavelmente está sofrendo um adensamento da mastofauna por funcionar como um refúgio de espécies, visto que seu entorno encontra-se com grande interferência antrópica. Cebus apella macaco-prego apresentou uma densidade de 11.1 ind./km2, Ateles chamek coatá, macaco-aranha 11.6 ind./km2, Saguinus fuscicollis soim-preto 19.8 ind./km2 e Dasyprocta fuliginosa cutia preta 10 ind./km2. Pela sua riqueza e abundância a área encontra-se bem preservada, sendo muito importante para as áreas fragmentadas adjacentes, servindo como área fonte conjuntamente com a FLONA do Jamari, formando um bloco florestal importante para a conservação da biodiversidade amazônica, particularmente da fauna da zona zoogeográfica ZZ5, que abrange a porção centro-norte de Rondônia, visto que abriga seis espécies que constam como vulneráveis à extinção na lista oficial do IBAMA (2003) – entre elas os felinos Panthera onca onça-pintada, Puma concolor suçuarana, Leopardus pardalis jaguatirica, L. wiedii gato-maracajá e os Xenarthra Priodontes maximus tatu-canastra e Myrmecophaga tridactyla tamanduá-bandeira, cinco no apêndice I e três no apêndice II da CITES (2005) que são os que necessitam de um maior controle sobre suas populações.

[456] PEQUENOS MAMÍFEROS NÃO-VOADORES EM FRAGMENTOS DE MATA ATLÂNTICA NO EXTREMO SUL DA BAHIA

LÓSS, S.[1]; REGO, R. P.[1]; PAVAN, S. E. O.[1]; CALDARA-JR., V.[1]; LEITE, Y. L. R.[2]

[1] UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO; [2] DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

Esse trabalho tem como objetivo apresentar uma lista dos pequenos mamíferos não-voadores encontrados em fragmentos de Mata Atlântica nos municípios de Caravelas e Nova Viçosa, extremo sul da Bahia. O estudo foi realizado em oito áreas entre as latitudes 17° 43' e 17°52' sul e as longitudes 39° 15' e 40° 01' oeste. As áreas amostradas caracterizam-se por um mosaico vegetacional composto por monoculturas de eucalipto, pastagens, manguezais, matas ciliares, macegas e capoeiras. As coletas de oito dias de duração foram realizadas mensalmente e tiveram início em outubro de 2004. Foram utilizadas armadilhas do tipo gaiola com acionamento de gancho (32 x 15 x 16 centímetros) e Sherman (30 x 8 x 9 centímetros). As armadilhas foram dispostas em transectos lineares, sendo que e em cada posto foram colocadas duas armadilhas, uma no sub-bosque (cerca de 1,5 – 2,0 metros de altura) e outra no solo. Cada transecto continha 20 postos, eqüidistantes cerca de 15 metros. As iscas utilizadas foram abacaxi, óleo de fígado de bacalhau, pasta de amendoim e aveia. Com um esforço de captura de 4.288 armadilhas-noite, foram registradas 13 espécies, perfazendo um sucesso de captura de 2,79%. Das espécies capturadas, cinco são marsupiais: Caluromys philander, Didelphis aurita, Marmosa murina, Micoureus demerarae e Metachirus nudicaudatus; e oito são roedores: Sciurus aestuans, Nectomys squamipes, Rattus rattus, Rhipidomys mastacalis, Oryzomys subflavus, Phyllomys pattoni, Phyllomys unicolor e Sphiggurus sp. A região de Mata Atlântica do extremo sul da Bahia encontra-se muito devastada, com poucos remanescentes de pequeno tamanho e nenhuma unidade de conservação. No entanto, ela ainda apresenta uma grande diversidade relativa de pequenos mamíferos não-voadores e serve como refúgio para espécies ameaçadas de extinção, como o rato-sauiá Phyllomys unicolor. O presente estudo mostra a relevância dos inventários faunísticos no conhecimento e preservação da fauna de mamíferos, principalmente em um bioma ameaçado como a Mata Atlântica.

[457] PERCEPÇÃO DO PÚBLICO COM RELAÇÃO AOS MAMÍFEROS SILVESTRES NO PARQUE DAS MANGABEIRAS, BELO HORIZONTE, MG

OLIVEIRA, M. .

DEPARTAMENTO DE PESQUISA, BIOTROPICOS - INSTITUTO DE PESQUISA EM VIDA SILVESTRE

O Parque das Mangabeiras é um parque urbano de 337 ha, localizado na região sul de Belo Horizonte. Estudos anteriores no parque sobre percepção e dieta com uma população de quatis residentes demonstraram que estes animais estão sujeitos a diversos impactos. Com o objetivo de obter maiores dados sobre a percepção do público com relação aos quatis e demais componentes da fauna do parque, especialmente mamíferos, foram realizadas entrevistas entre setembro de 2004 e fevereiro de 2005. Cem pessoas, destas 50 funcionários do parque e 50 visitantes, responderam a um questionário padrão, com a presença de uma prancha de identificação com fotos de animais. Observou-se que os funcionários avistam mamíferos como: quati (100% de respostas positivas), mico-estrela (76%), esquilo (72%), tatu (46%) e ouriço (44%). Foram relatados alguns mamíferos que não constam na lista de espécies do parque, como a irara (6%), paca (5%), jaguatirica (4%), tamanduá-mirim (4%) e veado (2%). Os mamíferos avistados pelos visitantes foram: quati (80%), mico (44%) e esquilo (32%). Quanto à relação 92% dos funcionários não oferecem alimentos aos animais, mas 86% já viram visitantes oferecendo alimentos aos mesmos, sendo citados os seguintes mamíferos alimentados: quatis (81%), micos (44,1%) e esquilos (18,6%). Quanto aos visitantes 74% disseram que não alimentam os animais, mas 54% já viram algum outro visitante oferecendo alimento para: quatis (40,5%), micos (19%) e esquilos (4,8%). Sobre os quatis 80% dos funcionários afirmaram que desconhecem aspectos da biologia dos animais e 12 % acham que eles chegam a ser um problema para o parque. Já 76% dos visitantes afirmaram que não conhecem aspectos da biologia dos quatis e 2% afirmaram que são um problema. Funcionários e visitantes demonstraram grande carisma com relação a fauna, mas 31% dos entrevistados já viram visitantes agredirem animais, sendo 40,6% destes quatis. Como o parque está próximo a uma área urbana é crescente o contato entre as pessoas e a fauna silvestre, podendo gerar grande impacto aos animais, que sofrem danos diretos e indiretos. Portanto são necessárias determinadas medidas mitigadoras objetivando assegurar a conservação de sua fauna.

[458] REGISTRO DE MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE ATROPELADOS EM RODOVIAS DO ESTADO DE SANTA CATARINA, SUL DO BRASIL.

CHEREM, J.[1]; KAMMERS, M.[2]; GHIZONI, I. R.[3]; MARTINS, A.[4]

[1] DEPARTAMENTO DE ECOLOGIA E ZOOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA; [2] IBAMA/SC; [3] UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA; [4] ETS - ENERGIA TRANSPORTE E SANEAMENTO LTDA.

O atropelamento de animais em estradas é um fator de grande impacto sobre a fauna, podendo ser uma das principais causas de mortalidade de animais silvestres. Para Santa Catarina, desconhecem-se estudos que tenham avaliado esse fator. Neste sentido, desenvolveu-se um levantamento de mamíferos atropelados nas rodovias do centro e oeste do estado, entre agosto/2000 e maio/2005. Os dados foram divididos em registros principais e adicionais. Os registros principais foram obtidos durante 34 viagens para monitoramento da fauna da UHE Quebra Queixo, entre o entroncamento BR470xBR116, em São Cristóvão do Sul, e São Domingos (307km de extensão). A vegetação original incluía Floresta Ombrófila Mista e Campos Naturais. Atualmente as florestas encontram-se grandemente fragmentadas, separadas por áreas de cultivo agrícola (soja, milho e feijão), pastagens e plantações de Pinus. Os registros adicionais incluem os mamíferos atropelados em rodovias catarinenses não incluídos no grupo anterior. No total foram obtidos 101 registros principais e 112 adicionais. As espécies encontradas foram: Cabassous tatouay (3 registros principais/1 adicional), Dasypus novemcinctus (7/7), Dasypus sp. (1/2), Euphractus sexcinctus (4/2), Tamandua tetradactyla (5/5), Alouatta guariba (3/0), Cerdocyon thous (51/31), Lycalopex gymnocercus (0/2), Herpailurus yagouaroundi (2/1), Leopardus tigrinus (2/3), Leopardus sp. (1/1), Conepatus chinga (2/16), Eira barbara (0/2), Galictis cuja (2/5), Procyon cancrivorus (12/11), Mazama gouazoubira (1/0), Sphiggurus villosus (4/12), Hydrochoerus hydrochaeris (0/3) e Myocastor coypus (3/1). Nos registros principais, foram encontrados em média um atropelamento/3km e 3 mamíferos/viagem; 57,4% foram obtidos num trecho de aproximadamente 100km, de Campos Novos–Curitibanos; nenhum foi obtido num trecho de aproximadamente 40km, incluindo Joaçaba–Catanduvas; não houve diferença significativa entre as estações do ano (χ^2=0,0941). Os resultados provavelmente são subestimados em relação ao número real de mamíferos atropelados, pois muitos animais não devem ter sido visualizados devido a condições climáticas desfavoráveis em alguns casos (chuvas intensas, neblina) ou por terem morrido num ponto não visível na beira da estrada, entre outros fatores. Isto aponta para um número relativamente alto de mamíferos mortos por atropelamento em Santa Catarina, chamando-se atenção para a necessidade de mais estudos sobre o tema e da implantação de estruturas para travessia de animais (túneis e pontes).

[459] RESULTADOS PRELIMINARES DO ESTUDO DA EFICIÊNCIA DE ARMADILHAS DE QUEDA (PITFALL) NA AMOSTRAGEM DE PEQUENOS MAMÍFEROS NA APA DO PICO DA IBITURUNA, MG.

MORAIS, B. S.[1]; SOARES, I. M.[2]

[1] LABORATÓRIO DE ZOOLOGIA, UNIVERSIDADE VALE DO RIO DOCE - UNIVALE; [2] UNIVERSIDADE VALE DO RIO DOCE - UNIVALE

Armadilhas de queda (pitfall) têm sido utilizadas na realização de estudos com pequenos mamíferos, porém poucos estudos são realizados a fim de testar a eficiência deste tipo de armadilha quando da presença e ausência de cerca-guia. O objetivo deste trabalho foi verificar o nível de influência exercida pela cerca-guia na eficiência de armadilhas pitfall na amostragem da fauna local de pequenos mamíferos. O trabalho foi realizado na APA do Pico da Ibituruna, Governador Valadares (18°51'12"S e 41°56'14"W), MG. A região de estudo se insere nos domínios da Mata Atlântica, sendo formada por fragmentos florestais e por extensas áreas de pastagem. Foram utilizadas 30 armadilhas de 60 litros, sendo 15 colocadas em cada ambiente (floresta e pastagem), espaçadas de 10 em 10 metros lineares. As coletas ocorreram de maio a outubro de 2004, totalizando 3.135 armadilhas/dia. Em cada ambiente, durante a primeira metade do tempo total de coleta, as armadilhas permaneceram sem a cerca-guia. Posteriormente, foi colocada a cerca-guia, com aproximadamente 1m de altura, interligando todos os recipientes. Foram capturados 54 indivíduos distribuídos em 11 espécies, sendo uma espécie de roedor em fase de identificação, incluídas em 2 famílias: Didelphidae (Marmosops incanus, Gracilinanus microtarsus, Monodelphis americana, Didelphis aurita); Muridae (Calomys laucha, Oligoryzomys nigripes, Akodon cursor, Rhipidomys mastacalis, Oryzomys subflavus, Bolomys lasiurus). Na floresta foram capturados 19 indivíduos de 7 espécies, sendo que, deste total, 79% dos indivíduos e 6 espécies foram capturados utilizando a cerca-guia. Na pastagem foram capturados 35 indivíduos de 7 espécies, sendo que com a utilização da cerca-guia foram obtidos 69% dos indivíduos e 5 espécies. Foram capturadas 3 espécies na floresta e 5 na pastagem na ausência de cerca-guia. Monodelphis americana, Didelphis aurita, Rhipidomys mastacalis, Oryzomys subflavus, Bolomys lasiurus foram capturados nesse estudo somente com a utilização da cerca-guia. Os primeiros resultados sugerem que a utilização da cerca-guia aumenta a eficiência devido ao aumento da área de abrangência da armadilha de queda na amostragem de pequenos mamíferos na Ibituruna. Deve-se fazer ajustes metodológicos para que se possa avaliar as possíveis variações sazonais dos padrões de atividade que podem influenciar nas taxas de captura do grupo estudado.

[460] USO DE ARMADILHAS FOTOGRÁFICAS NA DETECÇÃO DE MAMÍFEROS DE HÁBITO ESCANSORIAL, ARBORÍCOLA OU VOADOR.

SANTOS, L. G. R. O.[1]; TORTATO, M. A.[2]

[1] DEPARTAMENTO ECOLOGIA E ZOOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA; [2] CAIPORA COOPERATIVA PARA CONSERVAÇÃO DA NATUREZA

Foi testado o uso de armadilhas fotográficas instaladas no sub-bosque de matas com o propósito de detectar mamíferos de hábito escansorial, arborícola ou voador e avaliar a potencialidade do método para estudos com período de atividade. Esses animais são esquivos e na maioria das vezes difíceis de serem registrados. Armadilhas fotográficas foram fixadas com extensor de borracha em troncos de árvores a três metros do chão, direcionadas para plataformas de madeira (10 x 20 cm), fixadas em outras árvores a uma distância de um metro. Sobre a plataforma foram colocados diferentes tipos de iscas (banana, mamão e maçã) para atrair os mamíferos. Somente um tipo de isca era utilizado a cada semana. O armadilhamento foi realizado de fevereiro a junho de 2005, em duas formações vegetais distintas de Mata Atlântica no Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, Santa Catarina. A primeira amostragem foi em uma restinga (30 armadilhas-dia) e a segunda em uma floresta de encosta (60 armadilhas-dia), a 400 metros de altitude. As armadilhas estavam programadas para funcionar 24 horas e as máquinas fotográficas para registrar data e hora de cada disparo. Na restinga foram registrados dois marsupiais, cuíca (Micoureus paraguayanus) e gambá-de-orelha-branca (Didelphis albiventris), e um roedor, rato-do-mato (Oligoryzomis sp.). Enquanto na área de floresta de encosta foram registradas duas espécies de marsupiais, cuíca (Micoureus paraguayanus) e a cuíca-quatro-olhos (Philander frenata), uma de roedor (Juliomys sp.), uma de mustelídeo, a irara (Eira barbara) e um quiróptero (Sturnira sp.). Os marsupiais foram atraídos por banana ou mamão, enquanto o mustelídeo, o quiróptero e os roedores foram registrados quando se iscou com banana. Nenhum mamífero foi atraído por maçã. Armadilhas instaladas no sub-bosque parecem ser eficientes na detecção de mamíferos de hábito arborícola (Juliomys sp.), voadora (Sturnira sp.) ou escansorial (demais) e assim tal método se torna adequado para estudos de período de atividade. Entretanto, sugerem-se novos estudos verificando a preferência por diferentes iscas e se a altura pode influenciar na detectabilidade.

[461] VARIAÇÃO ESPACIAL DA RIQUEZA DE MAMÍFEROS NA AMAZÔNIA

GRELLE, C. E. V.[1]; SILVA, H. S.[2]

[1] ECOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO; [2] UFRJ

Recursos financeiros limitados, e a dificuldade em se fazer bons levantamentos para determinados grupos de organismos, tornam necessário à utilização de metodologias que contornem tais problemas. Uma proposta é a utilização da riqueza de determinados táxons, como indicadores, na estimativa da riqueza de outros grupos de organismos ou mesmo na riqueza total de espécies em uma determinada área. Objetivando a busca de tais táxons entre os mamíferos foi feito o levantamento faunístico (através de bibliografia) para sete ordens de mamíferos (Didelphimorphia, Xenarthra, Chiroptera, Primates, Carnivora, Artiodactyla e Rodentia) em sete localidades distribuídas pela Amazônia. Foram realizadas três séries de correlações lineares (Pearson) separadamente, cada uma com seu valor de significância corrigido pelo índice de Bonferroni. Na primeira, foi analisada a correlação entre a riqueza de cada ordem com relação à riqueza das sete ordens somadas, com o intuito de analisar se alguma ordem poderia ser considerada representativa da riqueza total de espécies nesta região. Somente Didelphimorphia mostrou resultado significativo. Na análise seguinte, cruzaram-se todas as ordens, par a par, para ver se através da riqueza de uma delas poderíamos predizer a riqueza de outras. Neste caso foi encontada correlação positiva entre Didelphimorphia e Primates. Na terceira análise, buscou-se verificar se o agrupamento de duas ordens poderia ser mais representativo para a determinação da riqueza total de espécies. Como resultado, Chiroptera mostrou-se significativo quando em associação com qualquer uma das demais ordens analisadas. A utilização de Didelphimorphia como indicadora da riqueza total, supre as necessidades especificadas acima, visto que é uma ordem mais facilmente amostrada em comparação com algumas outras. Além do mais, poderia ser utilizada de forma complementar ao ser associado ao levantamento de Chiroptera, que também pode ser amostrado de forma fácil e barata, comparativamente a outras ordens. O único resultado significativo com relação a estimar a riquezas de ordens a partir de outras, par a par, mostra que tal metodologia é pouco frutífera, dado a quantidade de possíveis relações (21 possíveis cruzamentos).

[462] VOCE É AQUILO QUE COME? INTERELAÇÃO ENTRE DIETA E ENERGÉTICA EM MAMÍFEROS

CRUZ-NETO, A.

ZOOLOGIA, UNESP

A maneira como os mamíferos adquirem e alocam energia é relacionada com sua aptidão darwiniana. Dentro de certas limitações impostas pelas leis da termodinâmica, a otimização entre a aquisição e alocação de energia é tida como responsável pela evolução da diversidade de padrões ecológicos, fisiológicos e comportamentais observada entre mamíferos. Tamanho e temperatura corpórea explicam grande parte da variabilidade, e a dieta é considerada como sendo o principal fator a explicar a variabilidade residual nos padrões energéticos de mamíferos. A hipótese do hábito alimentar postula que os efeitos da dieta sobre os padrões energéticos de mamíferos são causativos, no sentido de que certas propriedades da dieta afetam a maneira pela qual a seleção natural moldou os padrões de aquisição e uso de energia. Portanto, de um ponto de vista energético, mamíferos são aquilo que comem, e a dieta pode ser considerada como um potente agente seletivo e a complexa interelação entre dieta, morfologia, fisiologia e ecologia moldou a evolução de diferentes estratégias de história de vida observadas dentro dos mamíferos. Todavia, a nível ecológico, mamíferos podem apresentar plasticidade fenotípica em suas respostas energéticas frente a variações na qualidade da dieta. Respostas de processamento integrado (RPI) que envolvem ajustes comportamentais (freqüência alimentar), fisiológicos (digestibilidade, atividade enzimática) e morfológicos (condição corpórea, tamanho dos órgãos) podem ser acionadas para compensar os efeitos de uma redução na qualidade da dieta. As consequências destes ajustes para os padrões energéticos não são facilmente preditas a partir de considerações evolutivas, e o resultado final depende da integração fenotípica observada entre os componentes da RPI. Na presente conferência, a hipótese do hábito alimentar é testada a nível interespecífico, através de métodos filogenéticos, usando morcegos como organismos modelos. Posteriormente, informações sobre RPI são apresentadas, dentro de diversos contextos energéticos, em estudos experimentais de laboratório e de campo, usando morcegos e marsupiais como modelos de estudo. O principal objetivo é fornecer uma visão integrativa entre a relação entre dieta e energética em mamíferos e verificar ate que pontos os fatores históricos responsáveis por esta relação operam a nível ecológico. Suporte Financeiro: FAPESP (00/09958-6).

Outros

Conservação

[463] REGISTROS DE PEIXE-BOI DA AMAZÔNIA (TRICHECHUS INUNGUIS) NO LAGO DA UHE DE CURUÁ-UNA (PA), 23 ANOS DEPOIS DA INTRODUÇÃO DA ESPÉCIE NO RESERVATÓRIO

BAREZANI, C. P.[1]; SILVA, V. M. F.[2]; REBÊLO, G. H.[2]

[1] CPEC, INPA; [2] INPA

O peixe-boi da Amazônia (Trichechus inunguis) é um mamífero herbívoro, único sirênio de água doce e endêmico da bacia do rio Amazonas. Está classificado como vulnerável pela IUCN e listado no Apêndice I da CITES. Nos anos 80, como parte de um projeto do convênio entre INPA/ELETROBRÁS foram introduzidos 42 peixes-bois no lago da Usina Hidroelétrica (UHE) de Curuá-Una, situada a 80km da cidade de Santarém (PA), com o intuito de controlar a proliferação de macrófitas aquáticas que se desenvolveram na represa, bem como para estudar a biologia e ecologia da espécie e seus movimentos em ambiente semi-natural. A presença atual do peixe-boi na UHE de Curuá-Una, foi verificada durante uma expedição ao lago daquela hidroelétrica com o objetivo de obter informações acerca da sobrevivência e adaptação da espécie aos lagos artificiais represados e com grandes influências antrópicas. A presença de peixe-boi foi confirmada por meio de entrevistas com moradores de cinco comunidades do entorno do lago da hidroelétrica, pré-selecionados por terem em ocasiões anteriores avistado peixe-boi na área. As entrevistas foram realizadas seguindo um questionário semi-estruturado com perguntas abertas, que permitiram registrar o conhecimento dos informantes acerca do animal, essenciais para a confirmação da existência de peixes-bois no lago. De acordo com os resultados, os entrevistados alegaram ter visto o peixe-boi no reservatório nos últimos anos. O grau de detalhamento e clareza dos entrevistados quanto à descrição do peixe-boi sugere fortemente que os resultados das entrevistas são confiáveis e merecedores de crédito. Atualmente, os pescadores de Curuá-Una praticam a pesca subaquática do tucunaré, utilizando "armas" adaptadas com borracha de câmara de pneus para arpoar os peixes. Esta prática faz que o pescador realize uma seqüência de mergulhos ao longo do dia, momentos estes em que foi registrada a maioria das avistagens do peixe-boi no reservatório. Os resultados revelaram não haver caça de peixes-bois no lago de Curuá-Una e sugerem que a espécie adaptou-se bem ao novo ambiente mantendo a sua sustentabilidade em um sistema antropizado, importante fator para a conservação da espécie. Isso mostra que o peixe-boi sobreviveu à introdução no lago.

[465] ANÁLISE COMPARATIVA DA DIETA DE DASYPUS NOVEMCINCTUS (TATU-GALINHA) E EUPHRACTUS SEXCINCTUS (TATU-PELUDO), MORTOS POR ATROPELAMENTO.

GURSKI, F. A. G.[1]; MARTINS, G. F. M.[2]; CÂNDIDO-JR., J. F. C.[2]

[1] LABORATÓRIO DE ZOOLOGIA, UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ; [2] UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE

As estradas têm sido cenário para morte de muitos animais, principalmente quando esses contornam Unidades de Conservação, como é o caso da BR-277, entre as cidades de Foz do Iguaçu e Cascavel (120 km). Espécies de tatus são mortas freqüentemente por atropelamentos nessa rodovia, principalmente Dasypus novemcinctus e Euphractus sexcinctus. Sendo a primeira mais afetada, ocorrendo em média 22 mortes por ano. A segunda espécie é atropelada numa média de três animais por ano. As carcaças desses mamíferos têm sido coletadas, e geralmente encontram-se em bons estados para estudos, inclusive muitas possuem conteúdos estomacais intactos, permitindo a realização do estudo da dieta das espécies. Foram analisados 32 conteúdos estomacais, de Dasypus novemcinctus e três de Euphractus sexcinctus. Após a identificação e triagem, dos itens alimentares, estes são secos a 60ºC, e pesados. Os resultados são expressos em porcentagem de ocorrência. A espécie Dasypus novemcinctus apresentou uma dieta relativamente variada, contendo vegetais (13%), artrópodes (45%), invertebrados (4%), terra (37%) e vertebrados (1,5%), enquanto a dieta de Euphractus sexcinctus, apresentou uma dieta restrita de vegetais (19,5%), artrópodes (2,5%) e vertebrados (78%). Considerando os itens alimentares comuns para dieta de ambas as espécies, há apenas uma semelhança significativa na ingestão de vegetais. Em oposição, os demais itens consumidos apresentam diferenças quantitativas e qualitativas. No item "vertebrados", por exemplo, foram encontrados apenas partes de répteis no estômago de Dasypus novemcinctus, e havia restos de aves, mamíferos e répteis em conteúdos estomacais de Euphractus sexcinctus. A porcentagem predominante desses itens indica uma dieta basicamente carnívora para a segunda espécie. Há ainda uma considerável diferença na porcentagem de artrópodes entre as dietas analisadas, indicando uma preferência insetívora para Dasypus novemcinctus, o que pode estar ligado à grande quantidade de terra presente em sua alimentação, para possivelmente aliviar a acidez gerada pelos ácidos liberados pelos artrópodes, ou então sua ingestão no momento da captura.

Ecologia

[464] A THEORETICAL FRAMEWORK FOR DECIPHERING THE EFFECTS OF CLIMATE ON SOAY SHEEP DYNAMICS

LIMA, M.[1]; BERRYMAN, A. A.[2]; COULSON, T.[3]

[1] ECOLOGÍA, CASEB, PONTIFICIA UNIVERSIDAD CATÓLICA DE CHILE; [2] DEPARTMENT OF ENTOMOLOGY, WASHINGTON STATE UNIVERSITY; [3] DIVISION OF BIOLOGY AND CENTRE FOR POPULATION BIOLOGY

Soay sheep on the island of Hirta exhibit periodic population collapses that seem to be associated with overpopulation and winter weather. Previous studies have explained these dynamics as the result of non-linear interactions between weather, population density and age structure. However, no specific biological mechanisms have been proposed to explain the details of the interactions or the causes of non-linearity. In this paper we derive a simple energetic model for a population interacting with its food supply in the presence of variable weather, a model that not only explains the strong non-linearity in the Soay sheep population regulation function (R-function), but also provides a conceptual framework for evaluating climatic perturbations. We use this theoretical framework, along with Royama[1992]'s classification of exogenous perturbation effects, to reanalyze the Soay sheep data from 1985 to the present. In contrast to previous studies, we found that climatic perturbations mainly affect the sheep[1992]'s carrying capacity (= lateral perturbation), via effects on summer forage production and winter mortality. Within this framework, we evaluated a number of weather variables and indexes for their association to Soay sheep carrying capacity, and constructed models incorporating some of these variables. Of all the variables tested, late summer temperatures (August-September) was most strongly related to carrying capacity, while this variable in conjunction with the North Atlantic Oscillation winter index and March rainfall (as proxies for winter severity) provided the best predictions of independent data. We conclude that simple, non-structured population models can be useful tools for understanding the causes of population fluctuations and predicting population changes, provided they are based on a careful consideration of the underlying biological/ecological processes.

[466] DISTRIBUIÇÃO E CONSERVAÇÃO DE PEQUENOS MAMÍFEROS AO LONGO DAS BACIAS DO RIO PARANÁ E RIO ARAGUAIA NO CENTRO-OESTE DO BRASIL

PRATES, L. Z.[1]; GOULART, C. S.[1]; VARGAS, C. F.[1]; TOMBINI, A. A. M.[1]; CASELLA, J.[1]; CÁCERES, N. C.[2]; LOPES, W. H.[3]

[1] UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL; [2] UNIVERSIDADE DE SANTA MARIA; [3] BIOCIÊNCIAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL

Muitas regiões do interior do Brasil permanecem desconhecidas da Ciência. Uma delas é a região da Serra dos Caiapós, que divide as águas das bacias dos Rios Paraná e Araguaia, compreendendo os estados do MS, MT e GO. Quatorze pontos de coleta da foram amostrados, subdivididos em oito na bacia do Rio Paraná e seis na bacia do Rio Araguaia. Maior enfoque foi dado a florestas de galeria, porém fragmentos de cerrado também foram amostrados. Como resultados, foram catalogadas 20 espécies de pequenos mamíferos na região (8 marsupiais e 12 roedores), sendo 16 delas por meio de armadilhas de metal (5253 armadilhas-noite) e nove delas por meio de armadilhas de queda (224 baldes-noite). Ao total, foram feitas 161 capturas, tendo sido coletados 80 espécimes. A bacia do Rio Paraná apresentou maior riqueza de espécies (N=17; armadilhas-noite: 3115; baldes-noite: 104) que a bacia do Araguaia (N=11; armadilhas-noite: 2138; baldes-noite: 120). Das 20 espécies registradas, oito (40%) ocorreram em ambas as bacias, tais como Oryzomys megacephalus e Cerradomys bicolor. Por outro lado, espécies como Philander opossum e Proechimys sp. foram mais registrados na bacia do Araguaia. Já Oryzomys maracajuensis foi capturado apenas na bacia do Paraná. Apesar da elevada riqueza de espécies amostradas, destacou-se a elevada abundância do marsupial generalista Didelphis albiventris (em 100% das localidades) indicando o mal estado de conservação da região estudada. Outras espécies foram amostradas ao nível de 20 a 40% das localidades (O. megacephalus, Nectomys spp., O. bicolor, Proechimys spp., P. opossum, e Marmosa murina). Espécies mais raras nas amostragens mostraram-se de hábito de vida arborícola, tais como Caluromys philander, Gracilinanus spp., O. bicolor e Rhipidomys macrurus, ou mesmo eram características de áreas naturais abertas, tais como Akodon sp., Bolomys lasiurus, Oligoryzomys fornesi, Calomys tener e Lutreolina crassicaudata, as quais foram menos amostradas. Análises mais detalhadas de Nectomys e Gracilinanus estão sendo feitas para determinar as espécies amostradas, já que podem ocorrer parapatricamente na região, conforme os estudos atuais apontam. Este estudo contribui com dados novos de distribuição de pequenos mamíferos em uma região muito conhecida, apresentando também informações sobre conservação e biogeografia das espécies.

[467] ECOLOGIA DE UMA COMUNIDADE DE PEQUENOS MAMÍFEROS NÃO-VOADORES EM UM FRAGMENTO URBANO DE MATA ATLÂNTICA

OLIVEIRA, F.[1]; NESSIM, R.[2]; COSTA, L. P.[3]; LEITE, Y.L.R.[3]

[1] ZOOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS; [2] UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERIAS; [3] UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

Realizou-se um trabalho de captura-marcação-recaptura de pequenos mamíferos em um fragmento de floresta estacional semi-decidual secundária, localizado no perímetro urbano de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, no período entre março de 2003 e fevereiro de 2004. Parâmetros populacionais como abundância relativa, recrutamento, sobrevivência, tempo de permanência e época reprodutiva das espécies estudadas foram comparados com valores de pluviosidade obtidos a cada mês. Além disso, investigou-se o padrão de movimentação dos indivíduos no interior do fragmento, com o objetivo de verificar capacidade dos mesmos em transpor a via pavimentada que divide a área de estudo. As capturas ocorreram mensalmente, durante cinco noites consecutivas, em quatro transectos lineares posicionados em ambas as porções do fragmento. O esforço total de captura foi de 7115 armadilhas/noite e o sucesso de captura foi de 5,51%. Em 392 capturas, foram obtidos 163 indivíduos pertencentes a quatro espécies de marsupiais (Didelphimorphia: Didelphidae: Didelphis albiventris, Gracilinanus agilis, Marmosops incanus e Philander frenatus) e quatro de roedores (Sciuridae: Sciurus aestuans; Muridae – Sigmodontinae: Akodon montensis e Rhipidomys mastacalis; Murinae: Mus musculus). Marmosops incanus correspondeu a mais de 50% das capturas, seguido por Sciurus aestuans. Não foi encontrada correlação significativa entre os parâmetros ecológicos estudados e os valores de pluviosidade, com exceção do início do período reprodutivo para as espécies de marsupiais (possivelmente relacionado com uma maior disponibilidade alimentar na área, proporcionado pelo início do período de chuvas), bem como valores de abundância para Didelphis albiventris. As demais espécies apresentaram padrões variados de abundância populacional, com picos durante a estação seca ou durante a estação úmida. O potencial para transpor a via que divide a área de estudo variou entre as espécies, sendo que indivíduos de D. albiventris, M. incanus, R. mastacalis e S. aestuans apresentaram movimentação entre ambas porções do fragmento. Para as demais espécies, essa via pode representar um obstáculo para a movimentação e, consequentemente, fluxo gênico. Marsupiais e roedores responderam de maneira diferenciada aos fatores ambientais na área de estudo, moldando suas histórias de vida de maneiras distintas ao longo do tempo e apresentando, portanto, diferentes padrões para os parâmetros populacionais estudados.

Levantamento

[469] MASTOFAUNA DE MÉDIO E GRANDE PORTE DO ECO RESORT NAZARETH, MUNICÍPIO DE JOSÉ DE FREITAS-PIAUÍ

CAVALCANTI, G.

BIOLOGIA, UFPI

O Eco Resort Nazareth, localizado no município de José de Freitas-Piauí, possui uma área de 1.200ha, apresentando florestas semideciduais com manchas de caatinga, cerrado e babaçuais. Com a finalidade de melhor conhecer a distribuição de mamíferos de médio e grande porte do Piauí bem como estudos sobre a inter-relação existente entre esse grupo e os principais tipos de habitats do local foram feitas pesquisas no campo, de 13 de maio de 2003 a 17 de junho de 2004. Para coleta dos dados foram utilizados cinco ambientes: pastagem, cerrado, mata semidecídua primária, mata semidecídua secundária e barragem. O método constituiu de entrevista com moradores e funcionários locais; procura visual, isto permitiu a coleta, observação direta e evidências indiretas (fezes, crânios, carcaças e rastros). As espécies encontradas foram analisadas quanto ao tipo de hábito e guildas tróficas. Foram registradas 19 espécies, distribuídas em 12 famílias: Myrmecophagidae: Tamandua tetradactyla; Dasypodidae: Dasypus novencinctus e Euphractus sexcinctus; Callitrichidae: Callithrix jacchus; Cebidae: Cebus apella; Canidae: Cerdocyon thous, Lycalopex vetulus; Procyonidae: Nasua nasua e Procyon cancrivorus; Mustelidae: Conepatus semistriatus, Eira barbara; Felidae: Herpailurus yaguarondi, Leopardus sp, Puma concolor; Tayassuidae: Pecari tajacu; Cervidae: Mazama sp; Erethizontidae: Coendou prehensilis; Dasyproctidae: Dasyprocta leporina e Dasyprocta prymnolopha. Dessas espécies duas estão ameaçadas de extinção: Leopardus sp e Puma concolor. A espécie Eira barbara foi registrada apenas por entrevista. Pôde-se observar que a comunidade de mamíferos de médio e grande porte é preferencialmente terrestre (52,6%), seguido por escansorial (26,3%), arborícola (15,8%) e semi-fossorial (5,3%). Observou-se que 79% desses mamíferos estão concentrados em ambientes de floresta (mata semidecídua primária e mata semidecídua secundária), isto pode estar relacionado com a boa conservação desses locais. A partir desse trabalho podemos concluir que o número de espécies encontradas foi significativo, visto que boa parte da região está livre de distúrbios antrópicos, como desmatamento e queimadas. Mesmo sabendo que a caça ainda existe no local, as espécies estão parcialmente conservadas, mas que planos de conservação devem ser implementados nessa área, principalmente pela presença de espécies ameaçadas de extinção.

Fisiologia

[468] FREQÜÊNCIA RESPIRATÓRIA DO PEIXE-BOI (TRICHECUS INUNGUIS) EM CATIVEIRO.

RODRIGUES, L. F.[1]; MARQUES-COSTA, A. P.[2]; PEREIRA, E. S.[3]; MARTINIANO, T. M.[3]; PERON, C. A.[4]

[1] COORDENAÇÃO DE PESQUISAS EM ECOLOGIA, INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA; [2] UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ; [3] INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA; [4] AVINA-MANAUS

Os peixes-boi são mamíferos aquáticos, herbívoros, da ordem Sirenia, família Trichechidae, que habitam rios, lagos e mares das regiões intertropicais. No Brasil, existem duas espécies: o marinho (Trichechus manatus) e o da Amazônia (T. inunguis). O peixe-boi da Amazônia possui distribuição restrita à Região Amazônica, sendo encontrado na Colômbia, Peru, Equador e no Brasil, desde a ilha de Marajó até as nascentes do Rio Amazonas. Desde 1967, a espécie encontra-se protegida por lei e está classificada como espécie brasileira ameaçada de extinção pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, como "vulnerável" pela União Internacional para Conservação da Natureza e incluída no Apêndice I da Convenção sobre o Comércio Internacional de Espécies da Flora e da Fauna Selvagens em Perigo de Extinção. Um aspecto interessante sobre o peixe-boi, é a fisiologia do seu mergulho devido ao seu baixo metabolismo. Este estudo relaciona o comportamento do peixe-boi em cativeiro, com a sua freqüência respiratória. O estudo foi realizado no Centro de Pesquisas de Biologia Aquática do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, em tanques experimentais onde alguns indivíduos desta espécie encontram-se alojados. Foram observados, através do método local, seis indivíduos, de sexo e faixa etária diferentes, por cerca de doze horas semanais, nos meses de maio até julho de 2000. Durante as observações foram coletados dados referentes à freqüência respiratória (momento de abertura e fechamento das narinas na superfície) e de comportamento. Foram realizadas 60 observações (10 para cada indivíduo) sendo 30 no período matutino e 30 no vespertino. Indivíduos adultos apresentaram uma freqüência respiratória maior que os indivíduos semi-adultos e jovens. A maior freqüência respiratória dos animais foi no período vespertino, período de maior temperatura da água e de maior metabolismo dos animais. As fêmeas apresentaram freqüências respiratórias menores que as dos machos. Observou-se que a freqüência respiratória dos peixes-bois era maior quando estavam comendo, do que quando estavam realizando outra atividade, provavelmente por gastarem mais energia durante a alimentação. Assim, registramos a importância do entendimento dos padrões ecológicos e fisiológicos de T. inunguis, a fim de contribuir com planos de manejo e de conservação desta espécie.

[470] MASTOFAUNA DE PEQUENO PORTE DO ECO RESORT NAZARETH, MUNICÍPIO DE JOSÉ DE FREITAS-PIAUÍ

CAVALCANTI, G.

BIOLOGIA, UFPI

O Eco Resort Nazareth (04° 45'S – 41°45'W) localiza-se no município de José de Freitas a 40Km da capital, Teresina. Está inserido numa região que corresponde às florestas semi-decíduas com manchas de cerrado, caatinga e babaçuais. Este trabalho constitui uma contribuição para o conhecimento da diversidade e inter-relação existente entre os mamíferos de pequeno porte e os habitats do local. A amostragem foi realizada de 13 de maio de 2003 a 17 de junho de 2004, através de armadilhas "pitfall", dispostas em três pontos específicos de acordo com a fisionomia do ambiente (Mata semidecídua primária 1, Mata semidecídua primária 2, Mata semidecídua secundária). Foram analisados a preferência desses mamíferos por habitats, os tipos de hábitos e feita a divisão dos animais por guildas tróficas. O esforço total de captura foi de 95.760h/balde onde foram registradas 21 espécies, distribuídas em 4 famílias: Didelphidae: Didelphis albiventris, Didelphis marsupialis, Gracilinanus agilis, Marmosops sp, Metachirus nudicaudatus, Micoureus demerarae e Monodelphis domestica; Muridae: Bolomys lasiurus, Calomys expulsos, Nectomys rattus, Oecomys sp, Oligoryzomys stramineus, Oryzomys subflavus, Oryzomys megacephalus, Wiedomys pyrrhorhinos; Cavidae: Galea spixii; Echimidae: Proechimys roberti. As espécies Metachirus nudicaudatus e Micoureus demerarae foram registradas pela primeira vez para o Estado do Piauí, ampliando desta forma suas distribuições geográficas. Das espécies registradas 11 (52,4%) apresenta hábito terrestre, seguido de escansorial 5 espécies (24%), arborícola 4 espécies (19%) e apenas uma espécie semi-aquática. A base alimentar consistiu principalmente de frutas/sementes (47,6%), seguido de inseto/alimentação variada e frutas/alimentação variada, ambos com 24 % de espécies e apenas uma espécie que se alimenta de frutas/vegetais. A mata semidecídua primária apresentou maior riqueza desses animais, isto pode estar relacionado com a maior complexidade estrutural e estabilidade ambiental desse habitat além dessa área ser a melhor conservada dentro do local de estudo. Esta pesquisa fornece informações que complementam trabalhos já realizados no Piauí e torna-se uma ferramenta importante para estabelecer medidas que ajudem na conservação desses animais.

[471] PEQUENOS MAMÍFEROS NÃO- VOADORES DE UM FRAGMENTO COM ÁREAS EM DIFERENTES ESTÁGIOS DE CONSERVAÇÃO DE MATA ATLÂNTICA, EM IBIRAÇU, ESPÍRITO SANTO

SEGATTO, E. B.[1]; FERREIRA, C. M. P.[2]; PASSAMANI, M.[3]

[1] TÉCNICA, IDERMA - INSTITUTO DE DEFESA E ESTUDOS DOS REMANESCENTES DA MATA ATLÂN; [2] IDERMA - INSTITUTO DE DEFESA E ESTUDO DOS REMANESCENTES DA MATA ATLÂNT; [3] UVV - CENTRO UNIVERSITÁRIO VILA VELHA, ES

O estudo de pequenos mamíferos foi realizado entre fevereiro a outubro de 2004 em um ambiente fragmentado de Mata Atlântica, localizado no Morro da Varjem, Município de Ibiraçu, Espírito Santo (19º 53'S, 40º 22'W). A metodologia adotada foi de captura-marcação-recaptura. As coletas foram realizadas em 6 ambientes diferentes (vegetação secundária em estágio inicial (SI), médio (SM) e avançado (SA) de regeneração, vegetação rupestre (VR), área alagada (VA) e vegetação exótica (VE)), usando-se armadilhas do tipo sherman e arame, eqüidistante aproximadamente 20 metros umas das outras, ao longo de transecções, foram amostrados os estratos inferiores e médios. Com 3.769 armadilhas/noite e obtido um sucesso de captura de 4,8%, foram 83 indivíduos recapturados 181 vezes, pertencentes a 11 espécies sendo 4 de marsupiais (Marmosops incanus, Gracilinanus microtarsus, Marmosa murina, Metachirus nudicaudatus) e 7 de roedores (Sciurus aestuans, Rhipidomys mastacalis, Akodon gr. Cursor, Holochilus brasiliensis, Nectomys squamipes, Trinomys iheringi, Rattus Rattus). De um modo geral, os marsupiais representaram 67% das capturas, sendo M. incanus a espécie mais abundante com 18 indivíduos (21,7%) capturados, seguidas de G. microtarsus e M. murina com 16,9% das capturas, S. aestuans com 14,5% e R. mastacalis com 9,6%. As outras 6 espécies juntas correspondem menos que 22% do total dos indivíduos capturados. O ambiente SM foi o que apresentou a maior riqueza de espécies (8) seguida do SA (6), VA (4), VE (3), SI (1) e nenhuma espécie foi capturada na VR. Com relação às espécies e habitats, M. murina foi a mais generalista sendo capturada em todos os ambientes, com exceção da vegetação rupestre. De forma semelhante, S. aestuans só não foi visualizado no rupestre e vegetação alagada, apesar de não terem sido capturado. G. microtarsus, N. squamipes e H. brasiliensis foram as espécies mais seletivas, ocorrendo a primeira apenas em SM, e as demais em áreas associadas com corpos d'água. A espécie exótica (R. rattus) foi capturada somente em vegetação exótica, devido ao fato de se localizar em proximidades de residências. Certamente um maior tempo amostral combinado com outras metodologias, (armadilhas de queda – pitfall e amostragem no estrato superior), aumentaria o número de espécies.

[473] ESTIMATIVA DE MASSA E PADRÕES LOCOMOTORES DO MAIS ANTIGO MAMÍFERO DE GRANDE PORTE DA AMÉRICA DO SUL

AVILLA, L.[1]; BERGQVIST, L. P.[2]

[1] GEOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO; [2] 1. LABORATÓRIO DE MACROFÓSSEIS, DEPARTAMENTO DE GEOLOGIA, IGEO/UFRJ

Desde os primeiros registros de mamíferos fósseis do Mesozóico, e as paleofaunas do início do Cenozóico, esse é representado por animais de porte diminuto. Este panorama modifica-se a partir dos registros da Bacia de São José de Itaboraí, Rio de Janeiro (Paleoceno Superior, ± 57 milhões de anos), com o achado do mais antigo mamífero de grande porte da América do Sul, Carodnia vieirai Paula-Couto, 1952. O táxon em questão representa um grupo endêmico de ungulados sul-americanos, os Xenungulata. Carodnia vieirai foi proposto com base em um esqueleto quase completo, e destaca-se dos demais mamíferos da Bacia de Itaboraí por seu gigantismo. Objetivamos aqui estimar a massa corpórea de Carodnia vieirai, e reconhecer aspectos de sua locomoção. Assim, aplicaram-se análises morfométricas e índices biomecânicos. Os resultados foram confrontados a distintos grupos de mamíferos (fósseis e viventes), especialmente ungulados. A estimativa da massa foi realizada utilizando-se seis diferentes equações pré-estabelecidas na literatura, formuladas a partir de estudos com ungulados viventes. A caracterização do modelo locomotor de C. vieirai foi baseada nos seguintes índices biométricos: shoulder moment (SMI), vantagem mecânica do músculo deltóide posterior atuando através do ombro; braquial (BI), padrão (rapidez versus força) nos membros anteriores; habilidade fossorial (IFA), vantagem mecânica do tríceps na extensão do cotovelo; hip moment (HMI), vantagem mecânica do glúteus maximus na extensão da pélvis; robusticidade da perna (LRI), resistência da perna, e amplitude disponível para a origem dos músculos que atuam no calcanhar; crural (CI), padrão dos membros posteriores; e, intermembral (IMI), dominância entre membros anterior ou posterior. A massa estimada de C. vieirai é de 450kg. A interpretação dos resultados indica que C. vieirai seria cursorial lento. Seus membros anteriores desenvolveriam velocidades médias, e teriam força concentrada nos ombros. Dominância dos membros posteriores, adaptados a baixas velocidades, e com maior investimento em força, principalmente na musculatura da pélvis e calcanhar. Os SMI e HMI sugerem que os primeiros ungulados de grande porte realizavam grande força nas regiões mais proximais dos membros. Provavelmente no suporte da massa. Diferentemente dos ungulados atuais, que apesar de grandes massas corpóreas, apresentam uma melhor distribuição da sustentação da massa.

Morfologia

[472] DIMORFISMO SEXUAL EM CRÂNIO DE PEIXE-BOI DA AMAZÔNIA TRICHECHUS INUNGUIS NATTERER, 1883 (MAMMALIA, SIRENIA).

ARAÚJO, S. B.[1]; SILVA, V. M. F.[2]

[1] LABORATÓRIO DE MAMÍFEROS AQUÁTICOS - LMA, INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISA DA AMAZÔNIA - INPA; [2] INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA - INPA

O dimorfismo sexual exerce um papel fundamental nas estratégias reprodutivas e de competição dos machos pelas fêmeas no ato do acasalamento em muitos mamíferos aquáticos. Várias pesquisas vêm ocorrendo para tentar explicar essa rica variação interna intrínseca de certas espécies. O número de características da população animal pode ser deduzido pela execução cuidadosa do estudo da variação morfológica. Neste estudo verificamos se existem diferenças entre machos e fêmeas com base na morfometria craniana. Usamos 33 crânios de Trichechus inunguis de animais sub-adultos e adultos, com mais de 5 anos de idade e cujo comprimento total do crânio fosse maior de 25 cm. Foram obtidos 32 caracteres métricos. Devido a ausência ou quebra de alguns ossos da região craniana, houve variação no número amostral de cada variável. As variáveis em menor número foram as relacionadas à mandíbula, pois muito exemplares estavam incompletos com apenas do calvário. O comprimento total dos crânios foi medido com auxílio de um ictiômetro de 60 cm e as outras medidas com um paquímetro de metal do tipo Vernier. Os crânios utilizados estão depositados na Coleção de Mamíferos Aquáticos do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônica (INPA). Neste estudo, de acordo com os testes estatísticos utilizados, foi observado dimorfismo sexual na região frontal do crânio em 5 das 32 variáveis analisadas. Todas as outras variáveis mostraram que as fêmeas têm crânios mais largos e mais robustos do que os machos apesar do número de crânios de adultos e animais fisicamente maduros na coleção ser reduzido. Ressalta-se, portanto, a importância de se conhecer as variáveis dimórficas relacionadas ao sexo dos indivíduos já que por meio delas é possível assinalar o gênero a partir de crânios de animais cujo sexo não é conhecido. Palavras-chave: Dimorfismo Sexual, Craniometria., Peixe-boi da Amazônia, Trichechus inunguis.

Outros

[474] EDUCAÇÃO AMBIENTAL E INTEGRAÇÃO COM AS COMUNIDADES COMO FERRAMENTA PARA RECUPERAÇÃO DE MATERIAIS BIOLÓGICOS DE MAMÍFEROS AQUÁTICOS NA RDS AMANÃ, AM

LOCH, C. S.[1]; MARMONTEL, M.[2]

[1] LAB. MAMIFEROS AQUÁTICOS, UFSC/LAMAQ E IDSM/PROJ. PEIXE-BOI AMAZÔNICO; [2] INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL MAMIRAUÁ

O Projeto Peixe-boi Amazônico do Instituto Mamirauá (IDSM) tem um histórico de mais de 12 anos de trabalho na região do médio Solimões, enfocando principalmente os estudos de telemetria de peixes-boi e a relação das comunidades ribeirinhas com a espécie. Nesse sentido, o monitoramento dos registros de caça e os trabalhos de educação ambiental e conscientização exigem uma maior aproximação e interação com as comunidades, desenvolvendo de forma integrada a pesquisa e a extensão. Como parte dos trabalhos de pesquisa, a coleta de material biológico de mamíferos aquáticos, principalmente de peixes-boi, é fundamental para os estudos de aspectos biológicos básicos da espécie, ainda muito incipientes no meio científico. Todavia, o acesso a esse material nem sempre é possível – ou as ocasiões de eventos de caça e os trabalhos de campo não são coincidentes ou os caçadores tem receio de fornecer material por conta da fiscalização. Para contornar esse fato, procuramos estabelecer uma política de esclarecimento da importância da coleta desse tipo de material para os estudos de biologia de peixes-boi, fundamentais para fornecer subsídios aos planos de manejo e conservação da espécie na Reserva Amanã. Esta política está centrada, principalmente, no envolvimento direto dos comunitários nos trabalhos, na identidade deles como atores do processo e na valorização do conhecimento tradicional. O uso de analogias entre exames de saúde rotineiros e os estudos bioquímicos, fisiológicos e parasitológicos realizados nas amostras biológicas, e o esclarecimento da independência dos trabalhos de pesquisa e de fiscalização, parecem estar contribuindo de forma significativa para facilitar nosso acesso aos materiais. Nos últimos meses, amostras de fezes, músculo e ossos nos foram fornecidas por diversos comunitários, alguns deles tradicionais caçadores de peixes-boi da região que apresentavam enorme resistência aos nossos trabalhos. Este fato é muito promissor para o prosseguimento das pesquisas na região e para o fortalecimento das relações IDSM/comunitários. Pretende-se intensificar as campanhas de esclarecimento e de educação ambiental voltadas à conservação nos próximos meses, além de divulgação dos resultados de nossas pesquisas aos moradores da RDSA.

[475] MAMÍFEROS VÍTIMAS DE ATROPELAMENTOS AO LONGO DE UM TRECHO DA RODOVIA DO SOL, ESPÍRITO SANTO

FERREIRA, C.M.M.; MENDES, S.L.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

Toda paisagem que recebe estradas está associada à ocorrência de impactos negativos sobre a integridade biótica, tanto de ecossistemas terrestres como aquáticos. As rodovias com tráfego de veículos constante podem se transformar em barreiras ecológicas para algumas espécies, alterando desta forma, a dinâmica biológica das comunidades locais. Grande parte dos trabalhos enfocando atropelamento de fauna tem sido realizada no exterior, principalmente em países temperados. No Brasil, a preocupação com este tema é mais recente e, quase sempre, associada às áreas de interesse de preservação. O objetivo principal do presente estudo foi identificar o perfil dos mamíferos vítimas do tráfego, e os elementos, como volume de veículos, época do ano e tipo de paisagem presente ao longo da rodovia, que podem estar interferindo nos casos de atropelamentos. O estudo foi realizado ao longo de um trecho da Rodovia do Sol, localizado entre os municípios de Vila Velha e Guarapari - ES. Os dados utilizados no presente estudo foram coletados entre maio/2001 e março/2005. O número total de animais atropelados foi de 194 exemplares, abrangendo um total de 21 espécies, com uma média de 4,15 atropelamentos por mês. Didelphis aurita e Cerdocyon thous foram as espécies mais afetadas. Apenas alguns exemplares de Didelphis aurita, Cerdocyon thous e Procyon cancrivorus foram sexados. Em todos os casos, a proporção de machos atropelados foi maior do que o de fêmeas. Não foi possível encontrar diferença significativa na freqüência de atropelamentos entre as diferentes classes de paisagens. Não houve correlação significativa entre o volume de veículos e o número de atropelamentos. Os mamíferos, em geral, sofreram maior mortalidade durante a estação chuvosa. Exemplares de Cerdocyon thous e Procyon cancrivorus foram encontrados atropelados principalmente à noite, enquanto que espécimes de Didelphis aurita foram mais encontrados durante o dia. Palavras-chave: estradas, atropelamento de animais selvagens, padrão espacial dos atropelamentos, áreas fragmentadas, barreiras ecológicas.

ÍNDICE DE AUTORES

ABATI, K. 347
ABRANTES, É. A. L. 61, 64
ABREU, M. S. L. 306, 74, 75
ACIOLI, E. C. S. 404
ADES, C. 281, 286
ADRIANO, C. 291
ADRIANO, L. R. 124, 80
AFFONSO, R. O. 399
AFFONSO, R.O. 351
AGUIAR, G. F. S. 157, 164, 431
AGUIAR, G. 424, 423
AGUIAR, L. M. S. 182
AGUIAR, L. M. 201, 225, 235, 238, 415
AGUIAR, R. M. F. 375
AIRES, C. C. 436, 152
AIRTON-JÚNIOR, 433
ALBANO, C. 208
ALBUQUERQUE, H. G. 170, 140, 416
ALENCAR, L. R. V. 206
ALENCASTRO, P. 252
ALMEIDA, A. E. A. 102, 90
ALMEIDA, A. F. 395, 149
ALMEIDA, A. 252
ALMEIDA, J. A. 195, 169
ALMEIDA, P. J. 14, 7
ALMEIDA, R. B. 224
ALMEIDA, R. 251
ALMEIDA-JÚNIOR, J. S. 351
ALMEIDA-SILVA, B. 198
ALONSO, A. 210
ALTHOFF, S. L. 119, 154, 156, 295, 297, 308, 309, 311, 327, 391, 396, 408, 419
ALUISIO, G. G. 310
ALVARENGA, C. A. 285, 284
ALVARENGA, L. 189
ALVAREZ, M. R. 442
ALVAREZ, M. 54, 328
ALVEREZ, C. 27
ALVES, A. C. A. 3
ALVES, A. G. 27
ALVES, D. G. 294
ALVES, S. L. 221, 237
ALVES, V. 244
AMADO, M. V. 228
AMADO, M. 232
AMARAL, J. V. 184
AMARAL, P. 434
AMENDOEIRA, C. R. 313
AMORIM, F. O. 192
AMOS, W. 69
ANACLETO, T. C. S. 94
ANACLETO, T. 57
ANANIAS, S. M. A. 264
ANDERSON, R. 162
ANDRADE, C. C. F. 229
ANDRADE, P. T. 87
ANDRADES-MIRANDA, J. 316
ANDREAZZI, C. 372
ANTUNES, P. C. 335, 296
ANTUNES, V. Z. 19, 428
ANTUNES, Z. 199
ARAGÃO, D. G. 12
ARAÚJO, G. C. 274
ARAÚJO, S. B. 236, 472
ARRUDA, J. L. S. 131
ARTEAGA, M. C. . 447
ASHER, M. 304
ASSIS, J. B. 31
ASSIS, M. A. C. 106, 107
ATIQUE, M. S. 297, 311
ATIQUE, M. 308
AUGUSTINHO, D. P. 202
AVEIRO-LINS, G. 60
AVELAR, A. A. 424, 423, 150, 431, 157, 164
AVILLA, L. D. S. 61
AVILLA, L. S. 64
AVILLA, L. 473
AZAMBUJA, B. O. 131
AZEVEDO, A. F. 257
AZEVÊDO, C. A. S. 12, 394
BADKE, R. W. 246, 243
BANDEIRA-SILVA, R. A. 60, 61
BANTEL, C. 400, 18, 50, 329
BARATA, R. 291
BARBOSA, D. G. F. B. 132
BAREZANI, C. P. 463
BARRETO, A. 249
BARRETO, R. M. F. 54, 384
BARROS, E. H. 287
BARROS, E. 363
BARROS, K. S. 288
BARROS, K. 280
BARROS, L.T. 249
BARROS, M. A. 147
BARROS, M. C. 12, 394
BARROS, M. 202
BASTAZINI, V. A. G. 78, 104
BASTOS, D. S. 399
BATAGIOLI, M. C. 4
BATISTA, P. R. 145
BAVIA, L. 155
BAYLAC, M. 336
BAZZALO, M. 259
BELENTANI, S. C. S. 432
BELENTANI, S.C.S. 425
BENFICA, C. 279
BERGALLO, H. G. 141, 129, 169, 135, 421, 170, 140, 416, 318, 144, 93, 27
BERGQVIST, L. P. 473
BERNARD, E. 160
BERNARDI, I. P. 227
BERRYMAN, A. A. 464
BERTOLA, P. B. 344, 44, 4
BERTOLA, P. 414
BIANCHI, R. C. 87
BIANCONI, G. V. 443, 130, 185, 183, 360, 138
BIDAU, C.J. 293, 301
BITTENCOURT, S. 6
BOCCHIGLIERI, A. 59, 382, 434, 56, 66
BONATTO, S. L. 251
BONAVIGO, P. H. 356, 377,455, 405
BONECKER, S. 369
BONVICINO, C. R. 250, 293, 310, 303
BORDIGNON, M. O. 134, 171, 175, 178
BORGES, A. B. T. 420
BORGES, B. 150
BORGES, G. A. 136, 133
BORNHOLDT, R. 176
BOSSI, D. E. P. 441
BOUBLI, J. P. 196, 232
BRAGA, F. G. 429
BRAGANÇA, J. 381
BRAGA-NETO, R. 444
BRANDT, C. S. 396, 156
BRIANI, D. C. 28, 29
BRIANI, D. 21
BRITO, D. 1, 2, 273
BRUM, J. G. W. 43
BUSS, G. 210
CÁCERES, N. C. 131, 188, 346, 373, 417, 40, 9, 466, 321, 454
CALDARA-JR., V. 379, 407, 456
CALDAS, A. C. S. 303
CALIL-FILHO, N. A. 124, 80
CALVIMONTES, J. 71
CÂMARA, E. M. V. C. 453, 413
CÂMARA, E. 393, 345, 392
CAMARGO, G. 188
CAMARGO, W. 182
CAMILLOTTI, V. L. 131, 188, 346, 417
CAMPAGNER, M. 86

CAMPELO, R. P. M. 161, 189, 143, 128
CAMPOS, A. 208
CAMPOS, J. B. 409, 56
CAMPOS, M. A. 298
CÂNDIDO, C. E. R. 56
CANDIDO, J. F. 111, 114, 116
CÂNDIDO-JÚNIOR, J. F. 18, 65, 100, 465
CANTANHEDE, A. 248, 125
CAPUSSO, G. L. . 184
CARDOSO, A. V. 74, 75
CARDOSO, E. 35, 368
CARDOSO, J.S. 52
CARMIGNOTTO, A. P. 373, 454, 337
CARNEIRO, A. M. 136, 133
CARNEIRO, A. 252
CARNEIRO, D. 185
CARNEIRO, M. 260
CARNEIRO, P. H. N. F. 190
CARTELLE, C. 62
CARVALHO, A. 317
CARVALHO, L. S. 437, 445, 452
CARVALHO, M. R. S. 31
CARVALHO, T. M. 170, 140, 416
CARVALHO-JUNIOR, O. 76
CASELLA, J. 40, 9, 466
CASSANO, C. R. 54, 384
CASSANO, C. 55
CASSARO, K. 230
CASSIMIRO, R. 193, 187
CASTELBLANCO-MARTINEZ, D. N. 248, 125
CAVALCANTE, M. N. 356
CAVALCANTI, G. 470, 469
CEPILE, A. 262
CERQUEIRA, R. 42, 41, 358, 23, 362, 11, 17
CERVEIRA, J. 364
CHAVES, P. B. 233, 231
CHEIDA, C. 102, 90
CHELLAPPA, S. 261, 264
CHEREM, J. 458
CHEREM, J.J. 347
CHERNICHARO, P. S. L. 23
CHIARELLO, A. G. 63, 58, 439
CHIQUITO, E. 397
CHRISTOFF, A. U. 337, 315
CIBELE, B.
COELHO, A. R. 348, 367, 123
COELHO, D. 34
COELHO, J. R. 246
COLAS-ROSAS, P. F. 21
CONDRATI, L. H. 6
CORDEIRO, L. 146
CORDEIRO-ESTRELA, P. 336
CORREA, C. I. C. 81
CORREA, I. C. 204
CORRÊA, P. B. 224
CORRÊA, T. 250
CORTES, A. C. D. 404
COSTA, B.M.A. 339
COSTA, C. 345
COSTA, F. N. 8
COSTA, G 362
COSTA, G. 362, 11, 17
COSTA, J. F. 394
COSTA, L. C. M. 57
COSTA, L. M. 195, 169
COSTA, L. P. 426, 46, 289
COSTA, L. 129, 339, 467
COSTA, O. 236
COSTA, T. C. 404
COSTA-NETO, S. F. 369
COULSON, T. 464
COUTINHO, B. R. 215, 3
COUTINHO, J. F. V. 261
COUTINHO, R.Z. 151, 172
CRAWSHAW, P. G. 115
CREQUEIRA, L. D. S. 399
CRUZ, A. P. 136, 133
CRUZ, M. A. M. 194
CRUZ-NETO, A. P. 21, 29, 28, 159
CRUZ-NETO, A. 462, 188, 188
CULLEN, L. 115
CUNHA, A. 302
CUNHA, H. A. 257
CUNHA, H. M. 359
CUNHA, H. 31, 39, 25
CURI, N. H. A. 106, 107
D'ANDREA, P. S. 372
D'ELÍA, G. 340
DACIER, A. K. 203, 202
DAL'MASO, A. 86
D'ALENCAR, A. S. 398
DALLACORTE, F. 396, 408, 156
DALMASCHIO, J. 363
DALZÍLIO, H. F. G. 198, 213
DAMASCENO, D. 174
D'AMICO, A. R. 65, 5
D'ANDREA, P. S. 278, 374, 314, 310, 303
DANIELSKI, M. 260
DASILVA, M. N. F. 400, 16, 50
DAURA-JORGE, F. G. 240
DELCIELLOS, A. C. 19, 10, 428
D'ELIA, G. . 338
DENYS, C. 336
DENZIN, C. 353
DEODATO, C. O. 351
DI DARIO, B.P.S. 47
DIAS, C. J. 206
DIAS, I. M. G. 31
DIAS, L. B. 409, 56
DIAS, M. 88
DIAS, P. A. 390
DICTHFIELD, A. D. 172
DINIZ, R. F. 359
DINIZ, R. 53
DINIZ-FILHO, J. A. F. 57, 94
DITCHFIELD, A. D. 153, 161, 158, 143, 128, 151, 165
DOMIT, C. 239
DOTTA, G. 371
DREHMER, C. J. 117
DUARTE, A. P. 48, 393, 392
DUARTE, J. M. B. 376
DUARTE, L. C. 29
DUARTE, M. A. 313
DUCATTI, C. 28
DUNCAN, W. L. P. 236
EIZIRIK, E. 115, 112, 111, 114, 116, 113
ELER, E. S. 447
ELISEIRE, D. 252
ELLER, E. 400
ELLYAN, P. M. N. 189
ENGEL, M. H. 251
ENRICI, M. C. 129, 169, 170
ERBER, C.S.C 252
ERIKSSON, A. 142
ERTHAL, P. M. 331, 332, 324
ESBÉRARD, C. E. L. 141, 129, 195, 169, 135, 170, 140, 416, 318, 144, 421
ESPARTOSA, K. D. 389
FABIÁN, M. E. 147
FÁBIAN, M. E. 366
FABIÁN, M. 176
FAGUNDES, V. 323, 337, 233, 317, 325, 322, 315, 231
FAIAD, P. J. 307, 296
FALCHETO, J. N. 33
FANTIN, C. 30
FARIA, D. 343, 328, 283, 288, 280
FARIA, M. 448, 402
FARIA-CORREA, M. 111
FARIAS, I. P. 232, 228
FAVORITO, S. E. 414
FEDULLO, J. D. L. 230

FELDENS, M. J. 82, 79, 99
FELLET, M. R. 279
FELLINI, A. 185
FERNANDES, F. 333, 342, 319
FERNANDES, G. 142, 142, 146
FERNANDES, H. 66
FERNANDES, T. 252
FERNANDEZ, F. 299, 304
FERNANDEZ, G. 320
FERNANDEZ-STOLZ, G. P. 300, 294
FERRARI, S. F. 219
FERRAZ, D. S. 209, 126, 211, 448, 402, 367
FERRAZ, D. 77
FERREIRA, C. M. P. 471
FERREIRA, C. 475
FERREIRA, E. C. 204
FERREIRA, E. T. B. 36
FERREIRA, F. 44
FERREIRA, G. B. 412
FERREIRA, G. 279, 439
FERREIRA, J. R. 124, 80
FERREIRA, L. C. 195, 169
FERREIRA, P. M. 44, 4
FERREIRA, R.L.Z. 199
FERREIRA, S. R. 162
FERREIRA, V. L. 373
FERRO, C. L. 310
FERRONATO, M. L. 356, 455, 405
FERRONATO, M.L. 377
FETTUCCIA, D. C. 255
FIALHO, F. . 409
FICK, I. A. 110, 110, 110
FIGNA, V. 252
FIGUEIREDO, M. G. 269
FIGUEIRÓ, S. 120
FILADELFO, V. 283
FILHO, H. O. 162
FILIPAKI, S. A. 102, 90
FINOTTI, R. 17
FLORES, P. A.C 242
FLORES, P. 259
FONSECA, C. 31
FONSECA, G. A. B. 1, 2, 305
FONSECA, M. T. 426
FONSECA, R. C. B. 440
FONTOURA, T. 54
FORERO-MEDINA, G. A. 7
FORNEL, R. 333, 334, 330
FRAGOSO, A. B. L. 257
FRANÇA, A. O. 175, 178
FREITAS, R. A. 158
FREITAS, R. L. A. 412, 89
FREITAS, R. 439
FREITAS, S. R. 23
FREITAS, T. O. 364
FREITAS, T. R. O. 112, 300, 320, 294, 292, 111, 114, 116, 113, 118
FREITAS, T. 333, 342, 334, 330, 319, 277
FREYGANG, C.C. 154
FRIES, B. G. 230
FURNARI, N. 281
FUSCO, R. 108
GALATA, R. F. 149
GALETTI, M. 353
GALVÃO, R. 290, 312
GARCIA, H. O. L. 404
GARRI, R. G. 256, 438, 241, 253
GARRI, R. 258
GATTI, A. 273
GEISE, L. 135, 386, 436, 331, 332, 324, 318, 301
GENTILE, R. 389, 361
GERALDI, V. C. 44
GERHARDT, M. 374
GEURGAS, S. R. 152
GHELER-COSTA, C. 370
GHIZONI, I. R. 458
GIACOMONI, E. . 277
GIFALLI-IUGHETTI, C. 230
GINÊ, G. 280, 288, 328, 343
GINÊ, G. A. F. 268
GINÊ, G.F. 283
GIOVANNINI, R. R. 205
GIRÃO, W. 208
GIÚDICE, G. M. L. D. 411
GOBBI, N. 47
GOGLIATH-SILVA, M. 266
GOHL, R. 322
GOLIN, V. 375, 375
GOMES, I. B. S. R. 356, 222, 200
GOMES, J. A. S. 315
GOMES, L. 296, 307
GÓMEZ-VILLAFAÑE, I. 26
GONÇALVES, C. S. 214, 446, 68
GONÇALVES, F. 142
GONCALVES, G. 319
GONDIM, M. A. 261, 264
GONGALVES, G. 342
GORDO, M. 236, 228
GOULART, C. S. 466
GOULART, F. V. B. 422
GRACIOLLI, G. 183, 136
GRAIPEL, M. E. 422, 347, 298
GRANDO, A. 252
GRATIVOL, A. D. 229
GREGORIN, R. 397
GRELLE, C. E. V. 61, 461, 426, 23
GRUENER, C. G. 396, 408, 156
GUASTI, A. P. B. 243
GUERRA, A. 187
GUERRA, P. A. 185
GURGEL, H. C. B. 241, 247
GURSKI, F. A. G. 100, 465
GURSKI, F. A. 18
HAAG, T. 115
HADDAD, R. L. 159
HARADA, L. M. 424
HARADA, M. L. 164, 150
HARADA, M. 423
HARTZ, S. 364
HASS, I. 326
HASSEL, L. 244
HATANO, F. M. 93
HENRIQUE-GARCIA, J. 249
HENRIQUES, A. C. C. 363, 287
HENRIQUES, R. 381
HILST, C. L. S. 225, 235, 238, 415
HIRANO, Z. M. B. 196, 197, 204
HIRSCH, A. 205, 205, 205, 206
HOFFMAN, J. 69
HOFMANN, G. 364
HOLMES, R. M. 56
HORTA, M. C. 44, 4
IANI, F. 279
IOB, G. 306
J.-JÚNIOR, A. J. M. 359
JAMBER, É. 162
JANSEN, A. M. 372, 314, 310, 303
JAYAT, P. 338
JESUS, A. H. 261, 264
JOPPERT, A. M. 44
JORDÃO, T. 169
JORDÃO-NOGUEIRA, T. 170, 140, 416, 93, 27
JOSÉ, H. 13, 33, 36
JOSE, V. F. 308
JOSEF, C. 124, 80
JR, D. B. J. B. 207
JR., E. A. M. 412
JUCÁ, N. 170
KAJIN, M. 362, 11, 17
KAMMERS, M. 458
KASPER, C. B. 85, 98, 366, 82, 79, 99, 96, 109

KEESEN, F. 212, 216
KIERULFF, M. C. 55
KINDEL, A. 214, 446, 68
KOEHLER, E. 204
KOIFFMANN, C. P. 230
KORTE, A. 197
KRAEMER, B. 62
KUCZACH , A. M. 449
KUHNEN, V. V. . 335
KUNZ, T. 188
L.-FILHO, J. 415
LAILSON-BRITO, J. J. 257
LANGE, R. 72
LANGGUTH, A. 177, 181
LANGONE, P. Q. 43
LAPS, R. R. 396, 408, 391, 295, 156, 308, 297, 311
LARA-RUIZ, P. 63, 58
LE_PENDU, Y. 328, 283, 288
LEINER, N. O. 22, 15
LEITE, G. R. 3
LEITE, R. 400
LEITE, Y. L. R. 45, 46, 289, 312, 357, 341, 379, 407, 456, 339, 426, 467
LEMOS, E. R. S. 310, 303
LESSA, G. 410, 180, 173
LESSA, G. 73
LESSA, L.G. 8, 350
LIMA, A. M. X. 6
LIMA, D. I. F. 303
LIMA, D. O. 131, 168
LIMA, D. S. 103, 71, 71
LIMA, D. 346, 417
LIMA, E. M. 431, 430, 157
LIMA, I. P. 155
LIMA, J. A. 145
LIMA, J. F. S. 406
LIMA, J. F. S. 440, 440
LIMA, M. G. M. 445, 452, 49, 272
LIMA, M. 464
LIMA-ROSA, C. A. 251
LINDOSO, D. P. 296, 307
LINHARES, A. X. 441
LINS, V. M. 136, 133
LOBO, C. E. C. 56
LOCH, C. S. 117, 474
LOGUERCIO, M. F. C. 60, 282
LOPES, A. L. 101
LOPES, F. S. 148
LOPES, S. R. L. 153
LOPES, S. R. 172
LOPES, W. H. 9, 466
LOPES, W. 433
LORETTO, D. 20, 450
LÓSS, S. 407, 357, 456, 46, 289
LUCA, A.S. 207
LUDWIG, G. 201, 225, 235, 238, 415
LUNA, H. S. 321
LUZ, J. L. 169, 140, 416, 93, 27
LUZ, J. 170
M., T. A. A. 275
MACEDO, C. S. 261, 264
MACEDO, J. 11, 17
MACEDO, J. 362
MACHADO, R. T. R. 394
MAFFEI, F. 122, 348, 387, 123
MAGALHÃES, F. A. 256, 438
MAGALHÃES, F. 258
MAGNAGO, L. F. S. 217, 226
MAIA, B. H. 130
MAIA, J. L. S. 122, 348, 387, 123
MAIA, R. 202
MAISATTO, R. 142
MAJLUF, P. 69
MALABARBA, L. R. 265
MALANSKI, L. S. 225, 235, 238, 415
MANDUCA, E. G. 410, 180
MANGOLIN, R. 170, 27
MANSUR, S. T. 361, 23
MANTOVANI, J. E. 101, 91, 86
MANZAN, M. 260
MARANHO, G. B. 162
MARCILI, A. 414
MARINHO-FILHO, J. S. 307
MARINHO-FILHO, J. 296, 137
MARMONTEL, M. 474, 103, 71
MARQUES, E. J. 148
MARQUES, F. A. 130
MARQUES, M. A. 162
MARQUES, M. P. 56
MARQUES, R. V. 85, 96
MARQUES, R. 84
MARQUES, R.V. 83
MARQUES-AGUIAR, S. A. 431, 424, 423
MARQUES-AGUIAR, S. 157, 164, 150
MARQUES-COSTA, A. P. 468
MARTIN, P. 260
MARTINEZ, R. A. 328
MARTINIANO, T. M. 468
MARTINS, A. C. M. . 160
MARTINS, A. 458
MARTINS, F. M. 172, 152
MARTINS, F. 6
MARTINS, G. F. M. 100, 465
MARTINS, G. 18
MARTINS, J. M. E. 269
MARTINS, R. L. 143, 128
MARTINS, S. S. 435, 430
MARTINS, W. P. 212, 216
MARTINS-HATANO, F. 27
MARTINZ, R. C. 56
MATTEVI, M. S. 316, 154
MATTOS, F. S. 375
MATTOS, G. E. 71
MATTOS, P. R. 91
MAZIM, F. D. 104, 85, 98, 366, 82, 79, 99, 109
MAZZOLLI, M. 352, 313, 271
MEDEIROS, P. I. A. P. 261, 264
MELLO, E. B. 220
MELLO, M. B. M. 207
MELO, F. R. 209, 77, 448, 402, 367
MELO, F. 126, 211
MELO, G. G. 170
MELO, L. C. O. 388
MELO, M. A. R. 27
MENDES, A. A. 51, 60, 61
MENDES, F. D. C. 404
MENDES, P. 165
MENDES, S. L. 224, 290, 215, 198, 354, 273, 341, 231, 213
MENDES-PONTES, A. R. 223
MENDONÇA, A.F. 361
MENDONÇA, D. 397
MENDONCA, L. 387, 123
MENEZES, M. 263
MERISSI, T. L. 254
MESQUITA, A. S. 75
MESQUITA, A. 74
MESSIAS, M. . 356
MESSIAS, M. R. 222, 200, 455, 405, 377
MEYER, D. 69
MICHELS, G. H. 43
MICHENER, R. 188
MIKICH, S. B. 95, 443, 130, 88
MIRANDA, C. L. 437, 445, 452
MIRANDA, C. L. 49, 272
MIRANDA, D. B. 6
MIRANDA, G. B. 316
MIRANDA, J. J. 227
MIRANDA, J. M. D. 201
MIRANDA, J. 201, 218
MIYAKI, C. Y. 59

MOLETTA, E. M. S. 145
MOLINA-SCHILLER, D. M. M. 118
MONTEIRO DA CRUZ, M. A. O. 396
MONTEIRO-FILHO, E. L. A. 105, 245, 163, 239, 240, 108, 81
MONTEIRO-FILHO, E. L. 6
MONTENEGRO, M. M. V. 398
MONTICELLI, P. F. 281
MORAES, D. A. 38, 37, 436
MORAES, K. C. M. 167
MORAES, L. M. B. 124
MORAES, M. P. 347
MORAES, S. 199
MORAES-BARROS, N. 59
MORAES-JR, E. 439
MORAES-JUNIOR, E. A. 89
MORAIS, B. S. 380, 459
MORAS, L. 397
MORATELLI, R. 166
MORATO, R. G. 115
MOREIRA, D. O. 215, 354
MOREIRA, R. P. G. 190
MOREIRA, S. 252
MOREIRA, T. T. 335
MOREIRA, T. 347
MOREIRA, Z. M. 136, 133
MOREIRA-FILHO, L. G. 145
MORENO, I. B. 265
MORGANTE, J. S. 69, 59, 152
MORO, D. D. 275, 275, 321
MORO-RIOS, R. F. 201, 227
MOTTA, A. G. 416
MOTTA, A. 195, 199
MOTTA, T. 268
MOURA, A. 53
MOURA, C. E. B. 253
MOURA, R. T. . 426, 305
MOURA, R. T. 426, 305, 315
MOURA-JÚNIOR, A. J. 25
MÜLLER, G. 43
MÜLLER, S. 326
MUNIZ, I. C. M. 234, 164, 150
MUNIZ, I. C. 424, 423
NAKANO-OLIVEIRA, E. 108
NAPOLI, R. P. D. 40, 9
NASCIMENTO, C. S. 351
NASCIMENTO, F. F. 250
NASCIMENTO, L. F. 261, 264
NASCIMENTO-FILHO, V. F. 124
NAVARRO, I. T. 225, 235, 238, 415
NAXARA, L. 444
NERY, M. S. 209, 126, 211
NERY, M. 367
NESSIM, R. 467
NETTO, R. F. 246, 243
NETTO, V. F. B. 197
NEVES, C. L. 23
NEVES, D.R.M. 134, 171
NICOLAEVSKY, B. 224
NIENOW, S. D. S. 356
NISHIMURA, S. M. M. 162
NOGUEIRA, C. D. A. 325
NOGUEIRA, J. C. N. 39
NOGUEIRA, P. 169
NOGUEIRA, S. S. C. 52, 288
NOGUEIRA, S. 267, 266, 280
NOGUEIRA-FILHO, S. L. G. 268
NOGUEIRA-FILHO, S. L. 267
NOGUEIRA-FILHO, S. 280
NOVISKI, T. 320
NUNES, A. A. G. 189
NUNES, A. L. V. 230
NUNES, A. V. 274
NUNES, A. 34, 97
OLIFIERS, N. 374, 450
OLIVEIRA, A. 192
OLIVEIRA, C. 313
OLIVEIRA, D. A. G. 196, 197, 294
OLIVEIRA, E. N. C. 105
OLIVEIRA, F. C. G. 310
OLIVEIRA, F. 359, 433, 467
OLIVEIRA, L. F. B. 316, 257
OLIVEIRA, L. R. 176, 251
OLIVEIRA, L. 245, 69
OLIVEIRA, M. . 457, 412
OLIVEIRA, M. A. 356, 222, 200, 388
OLIVEIRA, M. B. D. 331, 332, 324
OLIVEIRA, P. C. P. 5, 65
OLIVEIRA, P. 291
OLIVEIRA, R. C. 310, 303
OLIVEIRA, T. G. 104, 390, 127, 111, 114, 116, 85, 98, 366, 82, 79, 99, 96, 109, 113
OLIVEIRA, T. 83, 84
OLIVEIRA, V. C. 56
OLIVEIRA, V. L. 52
OPREA, M. 190, 172, 165
ORTÊNCIO-FILHO, H. 162
OTT, P. H. 251
PACHECO, M. B. 358
PACHECO, S. M. 186, 120
PAGGI, L. C. 207
PAGLIA, A. P. 39, 25, 359, 53
PAGLIA, A. 422, 31, 433
PAGOTTO, C. P. 414
PAIVA, A. L. B. 31
PANSARD, K. C. A. 261
PANSARD, K. C. 241
PANSARD, K. 247
PARDIÑAS, U. 340, 338
PARDINI, R. 323, 444
PARESQUE, R. 337, 322
PARO, A. 240
PASSAMANI, M. 32, 471, 287, 217, 226
PASSOS, F. C. 227, 201, 218, 225, 235, 238, 415, 145
PAULA, R. C. 390
PAULA, W. S. 56
PAULETE, M. 313
PAVAN, A. C. D. 151
PAVAN, A. C. 172
PAVAN, S. E. D. P. 379
PAVAN, S. E. O. 456
PAVAN, S. 407
PEDÓ, E. 364
PEDRO, W. A. 184, 139, 95, 443
PEIXOTO, C. S. L. 213
PENNA, M. A. H. 47
PERACCHI, A. L. 136, 133, 166
PERCEQUILHO, A. 414
PEREIRA, A. 154
PEREIRA, B. C. 421
PEREIRA, E. L. 204
PEREIRA, E. S. 468
PEREIRA, L. G. 386, 436
PEREIRA, M. J. B. 375
PERES, C. A. P. 207
PEREZ-CARUSI, L. 26
PERINI, F. A. P. 167
PERON, C. A. 468
PESENTI, T. C. 43
PESSOA, F. S. 140
PESSUTTI, C. 230
PIMENTA, É. C. 412
PIMENTA, V. T. 165
PINA, P. 142
PINHA, P. S. 203
PINHEIRO, J. 121
PINHEIRO, P. S. 400
PINTO, C. G. C. 180, 173
PINTO, C. J. C. 335
PINTO, D. 162
PINTO, T. . 208
PIRES, J. S. R. 389, 86, 91

PISKE, A. D. 191
POLETTO, F. 252
PORPINO, K. O. 64
PORTELLA, A. 182
PORTUGAL, L. G. 369
POSSAMAI, C. B. 231
POVH, L. 70
PRADO, M. R. 73
PRADO, M. 411, 410
PRATES, L. Z. 466
PULCHÉRIO-LEITE, A. 148, 145
QUADROS, J. Q. 70
QUADROS, J. 95, 102, 90, 360, 138
QUADROS, S. 106, 107
QUERALT, E. A. S. 376
QUIXABA-VIEIRA, O. 127, 390
RABELLO, H. 403
RABELLO, L. M. 229
RADEMAKER, V. 372
RAÍCES, D. S. L. 170, 140, 416
RAÍCES, D. 93, 27
RAJAO, H. 302
RAMALHO, C. 223
RAMOS, R. J. 190
RAMOS, R. 252
REBELATO, G. S. 292
REBÊLO, G. H. 463
REGO, R. P. R. 379
REGO, R. P. 407, 456, 289
REIS, C. 393, 392
REIS, F. S. 394
REIS, L. M. 382
REIS, L. 397
REIS, M. L. 409, 59, 56
REIS, N. R. D. 162, 102, 90
REIS, N. R. 155
REIS, P. C. 404
REZENDE, S. 182
RIBEIRO, C. A. 313
RIBEIRO, D. 363
RIBEIRO, R. 296, 307
RIBEIRO, T. T. L. 27
RICARDO, L. 13
RINALDI, A. 5
ROCHA, C. F. 318
ROCHA, C. R. 296, 307
ROCHA, C. 307
ROCHA, E. C. 411
ROCHA, M. F. 217
ROCHA, M. 226
ROCHA, V. J. 238, 383, 102, 90
ROCHA-BARBOSA, O. 282, 51, 60, 61, 278
ROCHA-MENDES, F. 95, 95, 443, 449, 130, 88, 360, 138
RODES, É. R. 126, 211, 367, 209
RODRIGUES, J. 314
RODRIGUES, L. F. 468, 418
RODRIGUES, R. G. 6
RODRIGUES, S.S. 270
ROHE, F. 400
RÖHE, F. 418
ROLLO, M. M. J. 254
ROMAN, C. 168, 417
ROMANOWSKI, H. 210
ROPER, J. J. 365
ROQUE, A. L. R. 314
RORIGUES, F. P. 376
ROSA, E. 72
ROSAS, F. C. W. 71, 248, 125
ROSSI, F. W. 44
ROSSONI, D. M. 50
ROSSONI, D. 400, 329
ROVIDA, J. C. 189, 143, 128
RUFATO, B. P. 406
RUI, A. M. 179, 147
RUIZ, D. 249
RUIZ-MIRANDA, C. R. 229
RYLANDS, A. B. 212, 216
SÁ, W. 403
SACHSER, N. 304
SALAZAR, J. 338
SALDANHA, L. N. 431, 157, 164
SALES, A. 187
SALVADOR, C. 299, 304
SALZANO, F. M. 115
SANA, D. A. 115
SANA, D. 111, 114, 116
SANDERSON, J. G. 435
SANFELICE, D. . 118
SANQUETA, C. R. 6
SANTANA, L. M. 213
SANTANA, S. 270
SANTIAGO, F. L. 453
SANTIAGO, F. 48, 393, 345, 392
SANTIAGO, F.L. 48, 393
SANTIAGO, M. E. B. 122
SANTORI, R. T. 278
SANTOS, A. B. 407, 357
SANTOS, A. V. L. 81
SANTOS, C. S. 280
SANTOS, E. M. D. 388, 192
SANTOS, E. V. A. 108
SANTOS, F. R. 58
SANTOS, G. S. 12
SANTOS, H. F. D. 376
SANTOS, J. E. D. 91
SANTOS, J. P. D. 390
SANTOS, K. 177, 181
SANTOS, L. G. R. O. . 335, 276, 460
SANTOS, M. P. D. 437, 445, 452, 49, 272
SANTOS, R. R. S. 207
SANTOS, R. R. 213
SANTOS, W. G. 228
SANTOS-FILHO, M. 451, 451, 385, 385
SANTOS-JÚNIOR, Ê. D. 264
SANTOS-JUNIOR, E. 261
SAVIATO, M. J. 396, 408, 156
SBALQUEIRO, I. J. 326
SCABELLO, M. 158, 172
SCHEIBLER, D. R. 378, 349
SCHEPOP, J. A. V. 106, 107
SCHNEIDER, A. 82, 96, 109
SCHNEIDER, H. 228
SCHUMAKER, T. T. S. 44, 4
SCMIDT,A. 76
SCOSS, L. 34, 97, 274
SCULTORI, C. 163
SECORUN, A. B. 225
SEGATTO, E. B. 32, 471
SENRA, A. 174
SENRA, M. 453, 413
SETZ, E. Z. F. 22
SHIOZAWA, M. M. 225, 235, 238, 415
SICILIANO, S. 250, 244, 246
SILVA, A. M. J. 230
SILVA, B. L. A. A. 437
SILVA, B. O. S. 167
SILVA, C. R. 368
SILVA, C. 260
SILVA, C.R. 401
SILVA, D. D. 6
SILVA, D. J. 451, 385
SILVA, D. 375
SILVA, E. D. F. 196
SILVA, H. S. 42, 41, 461
SILVA, J. A. 92, 412, 89, 375
SILVA, J. 439
SILVA, L. A. M. 194, 388, 192, 137
SILVA, L. M. M. 12
SILVA, L. S. 430
SILVA, L. 132
SILVA, M. D. F. 197

SILVA, M. N. F. 30
SILVA, R. E. 105
SILVA, R. M. C. 124
SILVA, R. 167, 427
SILVA, S. A. M. 406
SILVA, S. 133
SILVA, S.S.P. 136
SILVA, V. L. 223
SILVA, V. M. F. 255, 248, 125, 463, 472
SILVA, W. R. 22, 15
SILVA-JR., J. S. 435
SILVA-JÚNIOR, A. P. 223
SILVA-JÚNIOR, J. S. 431, 430, 234, 157, 164, 424, 423, 150, 445, 452, 49, 272
SILVA-NETO, E. 177, 181
SIMÕES-LOPES, P. C. 117, 255, 240
SLUYS, M. V. 318
SOARES, I. M. 380, 459
SOARES, J. B. G. 85, 98, 366, 82, 79, 99, 109
SOARES, T. S. 341
SOLEDADE, J. 267
SOTO, J. 260
SOUSA, K. S. 78, 104
SOUZA, A. L. C. 251
SOUZA, C. M. S. 167
SOUZA, F. S. 297, 311
SOUZA, L. L. G. 247
SOUZA, P. F. 404
SOUZA, S. L. F. 209, 126, 211, 367
SOUZA, S. M. 448, 402, 367, 444
SOUZA, S. R. 166
SOUZA-JUNIOR, J. C. 197
Steiner, F. S. 309, 327
STEINER, F. 308
STOLZ, J. F. B. 320
STOLZ, J. 300, 294
STRIER, K. B. 231
STUMPP, R. G. A. V. 173
SUMMA, M. E. L. 230, 44
SVOBODA, W. K. 225, 235, 238, 415
T.-NETO, L. 168
TABACOW, F. P. 213
TADDEI, V. A. 148
TAHARA, A. S. 161, 169, 172, 143, 128
TAKAMATSU, A. 286
TAKEICHI, C. L. E. 73
TALAMONI, S. A. T. 285, 284
TALAMONI, S. A. 106, 107
TALAMONI, S. 279
TATO, G. K. 136, 133
TAVARES, M. C. H. 203
TAVOLONI, P. 395, 149
TCHAICKA, L. 111, 114, 116
TEIXEIRA, A. 397
TEIXEIRA, B. R. 374
TEIXEIRA, F. R. 166
TEIXEIRA, G. M. 225, 235, 238, 415
TEIXEIRA, R. H. F. 230
TEIXEIRA, S. D. 130
TELLES-NETO, L. 417
TESTA, D. A. 162
TESTONI, A. F. 391, 295, 327, 308, 297, 311
TESTONI, C. 396, 396, 408, 391, 295, 327, 309, 156
TETA, P. 340
THOMAZINI, N. B. 323
TIEPOLO, L. M. 360
TOKUMARU, R. 286
TOMBINI, A. A. M. 466, 321
TÔRRES, N. M. 94
TORRES, O. 382
TORTATO, F. R. 204
TORTATO, F. 119, 419
TORTATO, M. A. 420, 85, 96, 276, 460
TORTATO, M. 24, 422
TOSATTI, M. 76
TOSI, C. H. 256, 438
TOSI, C. 258
TRIGO, T. C. 112, 113
TRINCA, C. S. 112
UCHÔA, F. 182
UCHÔA, T. 365
UMETSU, F. 444
URIBE, M. C. A. 400
VALDEZ, F. P. 111, 114, 116
VALENTE, R. N. P. 430
VALLE, Y. B. M. 398, 194, 192
VALLE, Y. 388
VALLINOTO, M. 228
VALSECCHI, J. 355, 424, 150
VALSECCHI, J.A. 423
VALSECCHI, P. 355
VAREJÃO, J. B. M. 3
VARGAS, C. F. 466
VASKE, T. 247, 261
VASQUINHO, T. 278
VEDUATTO, P. M. M. 139, 383
VEGINI, G. A. M. 396, 156
VEGINI, G. 408
VELOSO, C. 8
VENANCIO, F. J. 297, 311
VENÂNCIO, F. J. 391, 295
VERDADE, L. M. 370, 371, 159
VERÍSSIMO, K. C. S. 223
VIDOLIN, G. P. 429
VIECELLI, P. F. 313
VIEIRA, E. M. V. 110
VIEIRA, E. M. 21, 306, 384, 74, 75
VIEIRA, L. G. 363, 45, 53
VIEIRA, M. V. 19, 10, 14, 7, 20, 362, 11, 17
VIEIRA, T. B. 165
VIEIRA, T.M. 219
VILAGRAN, L. R. 191
VILLAR, D. 404
VITAL, M. 57
WAGA, I. C. 203
WALDEMARIN, H. F. 112
WALTRICK, C. C. 271
WEBER, M. M. 131, 168, 346, 417
WEDEKIN, L. L. 240
WELLS, R. S. 259
WINTER, A. P. 67
WOLFF, C. T. 313
XAVIER, C. 199
XAVIER, M. 5
XAVIER, S. C. C. 303
XAVIER, S. C. 310
YAMAMOTO, M. E. 241, 253, 247, 261, 264
YONENAGA-YASSUDA, Y. 323
YOUNG, J. R. 106, 107
YOUNG, R. 279, 62
ZAGO, L. 259
ZANCAN, D. M. 179
ZANK, S. 446, 68
ZAPPES, C. 34
ZAÚ, A. S. 221, 237
ZIMMER, E. 309, 308, 297, 311
ZORZIN, R. 92, 412, 89, 89

Realização

Sociedade Brasileira
de Mastozoologia

Colaboração

Patrocínio

Companhia
Vale do Rio Doce

Apoio

Organização

(27) 3200-8776

Produção Gráfica
Marcius Cardoso - (27) 9949-7916